

Práxis

Dossiê especial: Atelier Internacional Virtual de Projeto - IVADS/PROJETAR 2023.
Intervenções na preexistência: concepções de espaços para a economia criativa
no centro histórico de João Pessoa



Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor: José Daniel Diniz Melo

Pró-Reitora de Pesquisa: Sibele Berenice Castellã Pergher

Pró-Reitor de Pós-graduação: Rubens Maribondo do Nascimento

Centro de Tecnologia - Diretora: Carla Wilza Souza de Paula Maitelli

Grupo de Pesquisa PROJETAR - Coordenadora: Maísa Veloso

Conselho Editorial e Científico

Maísa Veloso, *Editora-chefe* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Gleice Azambuja Elali, *Editora-adjunta* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Membros:

Angélica Benatti Alvim – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

Cristiane Rose de Siqueira Duarte – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Edson da Cunha Mahfuz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Fernando Lara – University of Texas at Austin (Austin, Estados Unidos)

Flávio Carsalade – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Hugo Farias - Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Jorge Cruz Pinto – Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Luiz do Eirado Amorim – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Lucas Peries – Universidade Nacional de Córdoba (Argentina)

Márcio Cotrim Cunha – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Naia Alban – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Nivaldo V Andrade Junior – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Paulo Afonso Rheingantz – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Ruth Verde Zein – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

Pareceristas *ad hoc* desta edição

Adilson Macedo – Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Alexandre Toledo – Universidade Federal de Alagoas (Maceió, Brasil)

Camila Resende - Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Ceça Guimarães – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Cristiane Rose S. Duarte – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Dirceu Piccinato Jr – Atitus Educação (Santa Maria, Brasil)

Edna Moura Pinto – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Eunadia Cavalcante – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Fabiana Antocheviz – Instituto Federal Farroupilha (Santa Rosa, Brasil)

Fernando Diniz - Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Gabriel L. Medeiros – Universidade Federal do Semiárido (Pau dos Ferros, Brasil)

Juliana V. Valverde – Centro Universitário FACEX (Natal, Brasil)

Karenina Matos Cardoso – Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil)

Laura B. Martins - Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Lourival Costa Filho - Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Rogério Passos - Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Marcela Portella Cunha - Universidade Federal de Patos (Patos, Brasil)

Mariana Bonates – Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, Brasil)

Matheus Barbosa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Paulo M. Barnabé – Universidade Estadual de Londrina (Londrina, Brasil)

Rafaela Balbi – Universidade Federal do Semiárido (Pau dos Ferros, Brasil)

Ricardo Moretti (ABC) – Universidade de Brasília (Brasília, Brasil)

Rodrigo Baeta – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Rogério Passos – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Rosaria Ono – Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Rosio Fernandez Salcedo – Universidade Estadual de São Paulo (Bauri, Brasil)

Sergio Tomasini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Tales Lobosco – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Thaís Sarmiento – Universidade Federal de Alagoas (Maceió, Brasil)

Wilza Lopes – Universidade Federal do Piauí (Teresina, Brasil)

Projeto gráfico, capa e contracapa dessa edição: Luan Costa de Macedo.

Imagem das capas: Composição feita a partir de fotos do projeto de estudantes vencedor do IVADS 2023, apresentado na Seção PRAXIS.

ISSN: 2448-296X Periodicidade: Quadrimestral Idioma: Português

* O conteúdo dos artigos e as imagens neles publicadas são de responsabilidade dos autores.

Endereços: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar>

Centro de Tecnologia, Campus Central da UFRN. CEP: 59072-970. Natal/RN. Brasil.

EDITORIAL

O número 25 da Revista *PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente* (v.9, n.1) é o primeiro do novo ano (2024) que se inicia. Desde seus primeiros momentos, 2024 tem colocado em evidência duas pautas inadiáveis para o futuro da humanidade: a questão climática e a violência/insegurança. A primeira, não apenas indica a necessidade de reconhecermos que a mudança climática hoje vivenciada, além de afetar o ambiente global (como se isso fosse pouco), têm mostrado as desigualdades entre as populações e a vulnerabilidade de alguns grupos, em geral mais fortemente atingidos e menos capazes de reagir à intempéries, enchentes, ondas de calor e frio extremos, entre outros. A segunda se faz presente em várias esferas, desde o conturbado dia-a-dia das cidades até as dificuldades de convivência entre povos e países, que promovem conflitos armados cujas ações atingem diretamente crianças, idosos e mulheres, geram problemas humanitários e destroem importantes legados culturais e civilizatórios. Como cidadãos, não podemos ficar indiferentes a esse contexto. Como arquitetos e urbanistas, é impossível não refletir sobre as contribuições da nossa área para a gestão, o planejamento e a concepção de projetos que possam reconstruir/revitalizar áreas arrasadas, minimizar os impactos da violência contra a natureza e melhorar a qualidade de vida das pessoas nas cidades e nos territórios habitados.

Reconhecendo a importância do “pensar globalmente e agir localmente”, entendemos ser essencial compreendermos a época em que vivemos para podermos investir em mudanças (mesmo em microescala), e continuamos a lutar para enfrentar esses problemas. Nossas armas são a educação, a ciência e a divulgação de conhecimentos. É sob essa perspectiva que lançamos mais essa edição do nosso periódico, renovando a esperança em um futuro melhor para o planeta e para o nosso país, notadamente no campo socioeconômico e ambiental. Ela é composta de 22 artigos distribuídos nas seções ENSAIO, ENSINO, PESQUISA e PRÁXIS.

O **ENSAIO** que abre a edição enfatiza a importância da relação do projeto com o ambiente em que está inserido. Foi escrito por Fabiano Sobreira e intitula-se ‘*Francis Kéré: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados*’. O texto propõe “uma leitura das obras do arquiteto burquinês a partir do roteiro proposto em 1976 pelo pernambucano Armando de Holanda para a elaboração de uma arquitetura adequada aos trópicos ensolarados. De acordo com o autor, a aproximação entre tais ideias se justifica pois, apesar de peculiaridades e variações bioclimáticas entre o Nordeste brasileiro e Burkina Faso, estas “regiões apresentam características que demandam estratégias comuns de projeto, construção e relação com a natureza”.

A seção **ENSINO** apresenta dois artigos. O primeiro, ‘*Projeto como Instrumento de Ensino-Aprendizagem para Integração de Saberes*’, é de autoria de Gisela Barcellos de Souza, Rejane Magiag Loura e Roberto dos Santos. Nele os autores discutem “a convergência de conteúdos no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em estratégias e instrumentos de integração não hierarquizada dos saberes e no desenho de ambiente de ensino e aprendizagem orientado para a interação não programada em contexto remoto”. O segundo artigo, ‘*Tectônica e tecnologias da construção em projetos pedagógicos de arquitetura*’, escrito por Carolina Miranda e Souza e Flávio Carsalade, revisa a legislação relativa ao tema e analisa os Projetos Pedagógicos de seis Cursos de Arquitetura e Urbanismo, dentre os quais quatro se vinculam a instituições públicas brasileiras e dois são de instituições portuguesas.

A seção **PESQUISA** é composta por sete textos, três deles ligados à temas de urbanização, dois enfocando o espaço patrimonial e os dois últimos dedicados a ambientes específicos (um escolar e outro comercial). Iniciando o primeiro bloco, o artigo ‘*Reurbanização da favela do Sapé: possibilidades e desafios*’, escrito por Maria Luiza Freitas, Amanda Guerra e Gabriela Cordeiro, analisa esse tipo de intervenção, tendo como principal foco programas de Habitação de Interesse Social brasileiros recentes. O texto seguinte, ‘*A interface do habitar com o espaço urbano em Santo Antônio, Recife, PE*’, de autoria de Francisco Allyson Silva, José (Zeca) Brandão e Thayná Moura, parte de uma noção ampliada de moradia para entender o Núcleo de Gestão do Porto Digital como vetor de transformação local. Com abordagem complementar, porém direcionada à terceira idade, Camila Bez Batti e Vanessa Casarin apresentam ‘*Atributos projetuais de espaços verdes em condomínios para idosos*’, no qual analisam aspectos relativos ao desenvolvimento e ao planejamento de empreendimentos para esse grupo etário, ressaltando que, só contribuem efetivamente para o envelhecimento saudável, ativo e autônomo, aquelas iniciativas cuja criação se fundamenta na adequação dos espaços às características e exigências dos usuários.

O segundo bloco contém por dois artigos. Em *'Fazendas de café da Zona da Mata Mineira: as dimensões materiais e imateriais da conservação da Fazenda Boa Esperança'*, Tamara Pereira, Augusto Luiz e Marco Antônio Rezende demonstram a importância de analisar as diversas dimensões que compõem o patrimônio cultural edificado e debatem os motivos para sua conservação na condição de testemunhos de saberes e fazeres locais, a fim de ampliar o entendimento de como, porque e para quem se destinam. Segue-se o texto *'Tectônica do habitar moderno: duas residências de Borsoi na Paraíba'*, no qual Diego Diniz e Germana Rocha exploram a poética construtiva expressa na obra daquele arquiteto, enfatizando seu papel como importante parte do patrimônio moderno ainda existente no Nordeste brasileiro.

Dois trabalhos concluem a sessão. No artigo *'A apropriação dos pátios escolares e a importância para seus usuários'*, Juliana Pacheco e Vanessa Dorneles discorrem sobre uma investigação realizada em três escolas particulares de ensino fundamental e médio de Santa Maria, RS, concluindo com a recomendação de melhorias para sua adequação aos estudantes e promoção de maior apropriação do espaço. Em seguida, Ítalo Dantas, Moally Soares, Maria Lindelene Bessa, Sthéfani Souza e Edna Melo, expõem o texto *'Caracterização afetiva dos ambientes de lojas de vestuário: um estudo orientado à gestão visual'*. Nele os autores relatam uma investigação que recorreu a óculos de realidade virtual como ferramenta complementar para entendimento dos diferentes afetos associados pelos usuários à lojas de varejo e, na conclusão, salientam que, para ter o sucesso, o planejamento destes ambientes deve estar especialmente atento à experiência do consumidor.

Por fim, na seção **PRÁXIS**, apresentamos o dossiê especial *'Atelier Internacional Virtual de Projeto de Arquitetura – o IVADS / PROJETAR 2023'*, organizado pelo Grupo PROJETAR/UFRN em parceria com professores e estudantes da UFPB, UFPE e da Universidade de Lisboa, além da própria UFRN. Essa segunda edição do atelier virtual foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2023. Teve como tema "Intervenções na Preexistência – Concepção de espaços para economia criativa em edificações de valor patrimonial no Bairro de Varadouro, Centro Histórico de João Pessoa", local onde aconteceu o 11º Seminário PROJETAR, ao qual está atrelada a oficina. A seção é composta por doze artigos: os dois primeiros apresentam/embasam a atividade; seguem-se quatro textos em que docentes envolvidos com as equipes de projeto comentam sua experiência; e, ao final, são apresentados os seis projetos de estudantes.

No primeiro texto, *'O Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS 2023: uma experiência de aprendizado colaborativo'*, a professora Maísa Veloso, coordenadora do IVADS, apresenta a oficina, destacando os seus objetivos didático-pedagógicos, a estrutura organizacional, a temática trabalhada e os principais produtos gerados pelo concurso de ideias entre equipes mistas compostas por estudantes de graduação e de pós-graduação das 4 escolas envolvidas. A autora também resume os principais pontos da aula por ela ministrada sobre as especificidades do projeto de intervenções no patrimônio edificado e as atitudes frente ao contexto preexistente, e conclui com considerações sobre o aprendizado coletivo e colaborativo proporcionado pela experiência. No segundo artigo, *'Da economia criativa à ambiência criativa: desafios para o projetar'*, a vice coordenadora da oficina, Gleice Azambuja Elali, resume conteúdos vinculados às propostas. Além de discutir os conceitos de economia e ambiências criativas e associá-los ao projeto de arquitetura, nas considerações finais a autora relaciona o tema "às propostas desenvolvidas no evento e ressalta a importância destes assuntos como desafios a serem enfrentados no âmbito da atual práxis projetual no campo da Arquitetura e do Urbanismo".

Nos quatro artigos seguintes, docentes comentam experiências de ensino/aprendizado durante a oficina. O primeiro, *'Construir conexões com o passado, pensar criativamente os espaços do futuro: experiência pedagógica de um estúdio virtual intercultural'*, foi escrito por Dalton Ruas e Ana Marta Feliciano, professores orientadores da proposta vencedora do concurso de ideias. Nele os autores fazem uma reflexão pedagógica sobre três aspectos relevantes na experiência no IVADS 2023: os limites e desafios interculturais; o intervir no construído; e "as constituições materiais, programáticas e espaciais, de modo transversal no projeto, a partir da extração, utilização e emprego da madeira no projeto arquitetônico". Na sequência, Luciana de Medeiros e Antônio Leite apresentam o texto intitulado *'Sobre um ensino em 'aberto': leituras de um atelier virtual de projeto para o Bairro do Varadouro, João Pessoa-PB'*, enfocando duas contextualizações sobre a atividade como docentes de uma das equipes de projeto: (i) questões metodológicas e à postura pedagógica adotada para "o alcance de um efetivo trabalho colaborativo", e (ii) defesa de um ensino em 'aberto' que estimula "tanto nos docentes como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender". O terceiro artigo, de autoria de Clara Ovídio Rodrigues, Heitor de Andrade Silva e Verner Monteiro, intitula-se *'Colaboração e Comunicação no Ateliê Virtual de Projeto'*. Com base em observações das atividades dos grupos e consultas aos integrantes de três equipes, o texto discute a colaboração e a comunicação em processos projetuais desenvolvidos em ateliês virtuais compostos por equipes interinstitucionais. Além da caracterização geral das equipes, os autores apresentam a percepção

dos participantes quanto a: pertinência e complexidade do tema; composição das equipes; tempo; recursos de comunicação e representação gráfica; e a colaboração no processo. Finalizando essa parte do dossiê, temos o artigo escrito por Renato de Medeiros e Luciana de Medeiros, intitulado *'Analisando a influência da relação entre pares no estúdio virtual de projeto'*, que focaliza a dimensão social da aprendizagem no IVADS 2023, "pontuando alguns dos seus elementos definidores, compreendido aqui pelas relações estabelecidas entre os seus participantes, a comunicação por eles desenvolvida e a possível associação com o trabalho realizado". A pesquisa se baseou nas observações dos docentes e na leitura de diálogos registrados em um aplicativo de mensagens instantâneas utilizado por dois grupos participantes da oficina como um dos seus principais meios de comunicação.

Finalmente, encerrando o dossiê IVADS 2023 (e essa edição) com "chave de ouro", trazemos os produtos do trabalho intensivo realizado ao longo de 10 dias do atelier, todos muito elogiados pelo júri e pelos professores participantes. Os textos foram elaborados por representantes das seis equipes que se dispuseram não só a apresentar seus projetos, mas também a tecer considerações críticas a respeito do processo, cumprido, assim, todos os objetivos pedagógicos da oficina. Listamos a seguir os artigos e seus respectivos autores, seguindo a ordem de classificação do concurso de ideias promovido pelo atelier virtual.

- *'Restaurar e apropriar: uma proposta projetual de intervenção no patrimônio do centro histórico de João Pessoa'*, escrito por Natália Vinagre Fonseca, Alinne Galvão, Amanna Rodrigues, Jarbas Ribeiro Silva e Maria Eduarda Melo, integrantes da equipe Enlace Nordeste, grupo cujo projeto obteve a primeira colocação no concurso.

- *'Equipe Cardume: a experiência com um ateliê virtual de projeto e os caminhos para chegar à proposta apresentada'*, de autoria de Victor Militão Silva, Nívea Queiroz Leite, Marcos Antônio Mota e Gabriela Souto Maior – equipe com menção honrosa.

- *'Com Certo Ar – Intervenções na Preexistência Projetando Espaços para Economia Criativa'*, texto de Lizia Villarim, João Gago, Pryscila Guimarães, Mariá de Queiroz – equipe com menção honrosa.

- *'Rede Amoré: proposta de intervenção em casario no Bairro do Varadouro, em João Pessoa/PB'*, de autoria de Ian Cavalcante, Luciana Ferreira, Paulo Trajano de Medeiros, Magnus Pellense e Alicia de Almeida Silva – equipe com menção honrosa.

- *'Ilumiaras: uma experiência de ateliê virtual de projeto em áreas de valor patrimonial'*, texto escrito por Gabirela Vargas Rodrigues, Ramon Fernandes Bezerra, Jonas Melo Teixeira, Isadora Nogueira, Ana Camille Colque.

- *'Viva Varadouro: explorando raízes por uma cultura participativa e protagonista'*, de autoria de Caio Henrique Aguiar, Islena Dias e Antônio Alexandre Neto.

Dedicamos essa edição, feita com muito carinho, aos nossos colaboradores, autores e leitores, a quem agradecemos por se fazerem presentes, nos auxiliando a manter vivos esse periódico e o ideal que ele representa como publicação de livre acesso com foco no Projeto e na Percepção do Ambiente. Esperamos que sua leitura inspire novas investigações, iniciativas pedagógicas e intervenções na área de Arquitetura e Urbanismo.

Natal, janeiro de 2024.

Maísa Veloso – Editora-chefe

Gleice Azambuja Elali – Editora-adjunta



ENSAIO

| | |
|--|-----------|
| FRANCIS KÉRÉ: ARQUITETURA COMO LUGAR AMENO NOS TRÓPICOS ENSOLARADOS | 10 |
| SOBREIRA, Fabiano | |

ENSINO

| | |
|--|-----------|
| O PROJETO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO PARA INTEGRAÇÃO DE SABERES | 30 |
| SOUZA, Gisela Barcellos; LOURA, Rejane Magiag; SANTOS, Roberto E. dos | |

| | |
|---|-----------|
| TECTÔNICA E TECNOLOGIAS DA CONSTRUÇÃO EM PROJETOS PEDAGÓGICOS DE ARQUITETURA | 45 |
| SOUZA, Carolina Miranda e; CARSALADE, Flávio de Lemos | |

PESQUISA

| | |
|--|-----------|
| REURBANIZAÇÃO DA FAVELA DO SAPÉ: POSSIBILIDADES E DESAFIOS | 64 |
| FREITAS, Maria Luiza de; GUERRA, Amanda; CORDEIRO, Gabriela | |

| | |
|---|-----------|
| A INTERFACE DO HABITAR COM O ESPAÇO URBANO EM SANTO ANTÔNIO, RECIFE - PE | 81 |
| SILVA, Francisco Allyson; BRANDÃO, José (Zeca); MOURA, Thayná Moraes | |

| | |
|--|-----------|
| ATRIBUTOS PROJETUAIS DE ESPAÇOS VERDES EM CONDOMÍNIOS PARA IDOSOS | 97 |
| BEZ BATTI, Camila; CASARIN, Vanessa | |

| | |
|--|------------|
| FAZENDAS DE CAFÉ DA ZONA DA MATA MINEIRA: AS DIMENSÕES MATERIAIS E IMATERIAIS DA CONSERVAÇÃO DA FAZENDA BOA ESPERANÇA | 111 |
| PEREIRA, Tamara Nunes; LUIZ, Augusto Montor de Freitas; REZENDE, Marco Antônio de | |

| | |
|--|------------|
| TECTÔNICA DO HABITAR MODERNO: DUAS RESIDÊNCIAS DE BORSOI NA PARAÍBA | 124 |
| DINIZ, Diego; ROCHA, Germana | |

| | |
|--|------------|
| A APROPRIAÇÃO DOS PÁTIOS ESCOLARES E A IMPORTÂNCIA PARA SEUS USUÁRIOS | 140 |
| PACHECO, Juliana Arrua; DORNELLES, Vanessa Goulart | |

| | |
|--|------------|
| CARACTERIZAÇÃO AFETIVA DOS AMBIENTES DE LOJAS DE VESTUÁRIO: UM ESTUDO ORIENTADO À GESTÃO VISUAL | 155 |
| DANTAS, Ítalo; SOARES, Moally; BESSA, Maria Lindelene; SOUZA, Sthéfani de; MELO, Edna de | |

PRÁXIS

| | |
|---|------------|
| O ATELIER VIRTUAL INTERNACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA – IVADS 2023: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO COLABORATIVO | 176 |
| VELOSO , Maísa | |
| DA ECONOMIA CRIATIVA À AMBIÊNCIA CRIATIVA: DESAFIOS PARA O PROJETAR | 186 |
| ELALI , Gleice Azambuja | |
| CONSTRUIR CONEXÕES COM O PASSADO, PENSAR CRIATIVAMENTE OS ESPAÇOS DO FUTURO: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE UM ESTÚDIO VIRTUAL INTERCULTURAL | 196 |
| RUAS , Dalton Bertini; FELICIANO , Ana Marta | |
| SOBRE UM ENSINO EM ‘ABERTO’: LEITURAS DE UM ATELIER VIRTUAL DE PROJETO PARA O BAIRRO DO VARADOURO, JOÃO PESSOA-PB. | 203 |
| MEDEIROS , Luciana de; LEITE , António Santos | |
| COLABORAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO | 210 |
| RODRIGUES , Clara Ovídio; SILVA , Heitor de Andrade; MONTEIRO , Verner | |
| ANALISANDO A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE PARES NO ESTÚDIO VIRTUAL DE PROJETO | 222 |
| MEDEIROS , Renato de; MEDEIROS , Luciana de | |
| RESTAURAR E APROPRIAR: UMA PROPOSTA PROJETUAL DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA | 229 |
| FONSECA , Natália Vinagre; GUERRA , Aline; RODRIGUES , Amannda; SILVA , Jarbas Ribeiro; MELO , Maria Eduarda | |
| EQUIPE CARDUME: A EXPERIÊNCIA COM UM ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO E OS CAMINHOS PARA CHEGAR À PROPOSTA APRESENTADA | 243 |
| SILVA , Victor Militão; LEITE , Nívea Maria; MOTA , Marcos Antônio; SOUTO MAIOR , Gabriela | |
| COM CERTO AR – INTERVENÇÕES NA PREEXISTÊNCIA PROJETANDO ESPAÇOS PARA ECONOMIA CRIATIVA | 255 |
| VILLARIM , Lízia; GAGO , João; GUIMARÃES , Pryscila; QUEIROZ , Mariá de | |
| REDE AMORÉ: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM CASARIO NO BAIRRO DO VARADOURO, EM JOÃO PESSOA/ PB. | 269 |
| CAVALCANTE , Ian; FERREIRA , Luciana; SANTOS NETO , Paulo; PELLENSE , Magnus Cunha; SILVA , Alcía de Almeida | |

**ILUMIARAS: UMA EXPERIÊNCIA DE ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO
EM ÁREAS DE VALOR PATRIMONIAL**

280

RODRIGUES, Gabriela Vargas; **FERNANDES**, Ramon Bezerra; **TEIXEIRA**, Jonas Melo
NOGUEIRA, Isabela Helena; **COLQUE**, Ana Camille

**VIVA VARADOURO: EXPLORANDO RAÍZES POR UMA CULTURA
PARTICIPATIVA E PROTAGONISTA**

291

AGUIAR, Caio Henrique de; **DIAS**, Islena de Carvalho; **ALEXANDRE NETO**, Antônio

ENSAIO



FRANCIS KÉRÉ: ARQUITETURA COMO LUGAR AMENO NOS TRÓPICOS ENSOLARADOS

FRANCIS KÉRÉ: LA ARQUITECTURA COMO LUGAR AGRADABLE EN LOS TRÓPICOS SOLEADOS

FRANCIS KÉRÉ: ARCHITECTURE AS A PLEASANT PLACE IN THE SUNNY TROPICS

SOBREIRA, FABIANO

Doutor, Arquiteto e Urbanista, E-mail: fabiano@contato.arq.br

RESUMO

Brasil e Burkina Faso: territórios ao mesmo tempo distantes e próximos em cultura, geografia e arquitetura. Este ensaio trata de aproximações e propõe uma leitura das obras do arquiteto burquinês Francis Kéré, a partir do roteiro proposto em 1976 pelo pernambucano Armando de Holanda, sobre a "arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados". Grande parte do território brasileiro, em especial a região Nordeste e parte das regiões Centro-Oeste e Norte, se inserem na mesma faixa climática do território de Burkina Faso, áreas que podem ser identificadas pelo que Holanda definiu como "trópicos ensolarados". Apesar de incluírem variações e peculiaridades - que vão do tropical ao semiárido e o equatorial úmido, no caso do Brasil, e das savanas, estepes e desertos no caso do país africano - apresentam características que demandam estratégias comuns de projeto, construção e relação com a natureza, como aquelas recomendadas por Holanda e praticadas por Kéré. Este ensaio propõe um percurso a partir dos nove passos do roteiro proposto por Armando de Holanda, como meio de aproximação sobre as obras de Francis Kéré: (1) criar uma sombra; (2) recuar as paredes; (3) vaziar os muros; (4) proteger as janelas; (5) abrir as portas; (6) continuar os espaços; (7) construir com pouco; (8) conviver com a natureza; (9) construir frondoso.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, Francis Kéré, Armando de Holanda.

RESUMEN

Brasil y Burkina Faso: territorios a la vez distantes y cercanos en cultura, geografía y arquitectura. Este ensayo trata de aproximaciones y propone una lectura de la obra del arquitecto de Burkina Faso Francis Kéré, a partir del guía de proyecto propuesto en 1976 por Armando de Holanda, de Pernambuco, sobre "la arquitectura como lugar templado en los trópicos soleados". Gran parte del territorio brasileño, especialmente la región Nordeste y parte de las regiones Centro Oeste y Norte, forman parte de la misma amplitud climática que el territorio de Burkina Faso, áreas que pueden ser identificadas por lo que Holanda definió como "trópicos soleados". A pesar de incluir variaciones y peculiaridades - que van desde la tropical hasta la semiárida y ecuatorial, en el caso de Brasil, y las sabanas, estepas y desiertos en el caso del país africano - presentan características que exigen estrategias comunes de diseño, construcción y relación con la naturaleza, como las recomendadas por Holanda y practicadas por Kéré. Este ensayo propone un recorrido a partir de los nueve pasos del guía propuesto por Armando de Holanda, como medio de aproximación a la obra de Francis Kéré: (1) crear una sombra; (2) recular las paredes; (3) perforar las paredes; (4) proteger las ventanas; (5) abrir las puertas; (6) continuar los espacios; (7) construir con poco; (8) coexistir con la naturaleza; (9) construir frondoso.

PALABRAS CLAVES: arquitectura, Francis Kéré, Armando de Holanda.

ABSTRACT

Brazil and Burkina Faso: territories at the same time distant and close in culture, geography and architecture. This essay is about approximations, and proposes an approach on the works of Burkina Faso architect Francis Kéré, based on the design guide written by Armando de Holanda, from Pernambuco, about "architecture as a pleasant place in the sunny tropics". A large portion of the Brazilian territory, especially in the Northeast region and parts of Midwest and North regions, are part of the same climatic range as the territory of Burkina Faso, areas that can be identified by what Holanda defined as "sunny tropics". Despite variations and particularities - from the tropics to semiarid and equatorial, in the case of Brazil, to the savannah, steppes and deserts in the case of the African country - present characteristics that demand similar design and construction strategies, always related to nature, as those proposed by Holanda and practiced by Kéré. This essay proposes an analytical approach based on the nine steps from Armando de Holanda design guide, as a means of understanding the Francis Kéré works: (1) creating shade; (2) setting back the walls; (3) perforating the walls; (4) protecting the windows; (5) opening the doors; (6) providing spatial continuity; (7) building with less; (8) living with nature; (9) constructing lush buildings.

KEYWORDS: architecture, Francis Kéré, Armando de Holanda.

Recebido em: 07/07/2023

Aceito em: 14/11/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

APROXIMAÇÕES SOBRE A OBRA DE KERÉ A PARTIR DE ARMANDO DE HOLANDA

Brasil e Burkina Faso: territórios ao mesmo tempo distantes e próximos em cultura, geografia e arquitetura. Este ensaio trata de aproximações e propõe uma leitura das obras do arquiteto burquinês Francis Kéré, a partir do roteiro proposto em 1976 pelo pernambucano Armando de Holanda, sobre a "arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados". Francis Kéré nasceu na vila de Gando, em Burkina Faso em 1965 e graduou-se em Arquitetura em 2004. Armando de Holanda nasceu em Canhotinho, Pernambuco, em 1940 e faleceu em 1979. Kéré graduou-se como arquiteto aos 39 anos, mesma idade em que faleceu Armando de Holanda. "Roteiro para construir no Nordeste, arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados" foi publicado pela primeira vez em 1976, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco. A segunda edição ocorreu em 2010, a partir da iniciativa conjunta do Instituto de Arquitetos do Brasil - Pernambuco (IAB-PE) e da UFPE, por ocasião do Congresso Brasileiro de Arquitetos. Em 2018 foi lançada a terceira edição, desta vez bilíngue, a partir da iniciativa da família do arquiteto, com o apoio da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e a colaboração de professores da UFPE (HOLANDA, 2018).

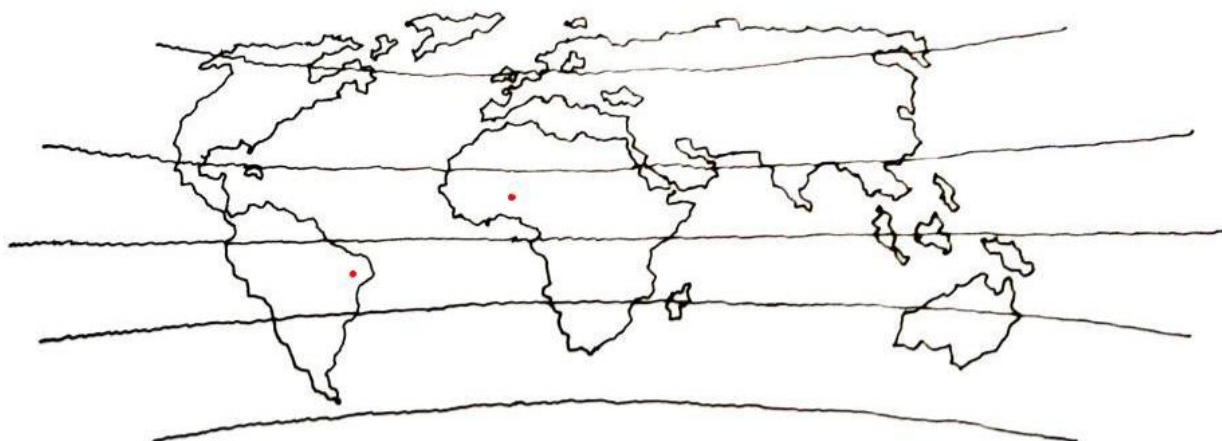
Além das informações disponibilizadas pelo escritório Kéré Architecture¹, as aproximações propostas neste ensaio são complementadas por mais algumas leituras. Em 2018, a revista espanhola AV, dedicou uma edição ao arquiteto burquinês (AV, 2018). Além de apresentar os principais projetos, destacam-se na publicação os textos de Luiz Fernández-Galiano, editor da revista. Em 2022, Kéré recebeu o Prêmio Pritzker e alguns meses depois a revista japonesa *a+u architecture and urbanism* (A+U, 2022) também dedicou edição especial ao arquiteto, que além do rico e ampliado repertório de obras, traz ensaios críticos, com destaque para os textos das arquitetas Nana Biamah-Ofosu (BIAMAH-OFOSU, 2022) e Ruth-Ann Richardson (RICHARDSON, 2022). Outras leituras que contribuíram para a escrita deste ensaio são os artigos de André Marques e Marieli Azoia, intitulado "Kéré e Lelé: aproximações e distanciamentos" (MARQUES e AZOIA, 2022) e "Construindo com pouco no Nordeste brasileiro. Conexões Armando Holanda–Aldo van Eyck.", de Juliana Silva Ramos e Guilah Naslavsky (RAMOS e NASLAVSKY, 2020).

Kéré e Holanda experimentaram migrações, que lhes permitiram aguçar o olhar sobre suas raízes. Ao mesmo tempo, são arquitetos que expressam em suas obras a acomodação da arquitetura moderna e sua relação com o modo de construir local, nos respectivos contextos, tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos ao contexto cultural e geográfico. Nos anos 1970, no Brasil e particularmente em Pernambuco, os registros revelam uma diversidade que expressa o hibridismo entre a cultura local e o moderno (FICHER e ACAYABA, 1982). Trata-se de "arquiteturas muito diversas, resultado da cultura local, do clima e da geografia, dos materiais empregados... Porém todas inescapavelmente modernas, todas fruto da difusão de tendências de renovação iniciada já na década de 1930" (ZEIN, 2010). No caso de Kéré, a tectônica moderna é enriquecida pela reflexão crítica contemporânea (e suas origens pós-modernas), guiadas pelo respeito e profundo conhecimento sobre a cultura local.

Após ter se graduado em 1964 em Recife, Armando de Holanda cursou mestrado na Universidade de Brasília, onde atuou como professor. Em 1967 deu continuidade aos estudos de pós-graduação em e em 1974 se tornou professor nos programas de graduação e pós-graduação da UFPE. Kéré, depois de ter estudado carpintaria em sua cidade (entre os 13 e 17 anos de idade), migrou para a Alemanha, graças a uma bolsa de estudos, a fim de dar continuidade aos estudos técnicos. Cursou a escola secundária na Alemanha, à noite, enquanto trabalhava durante o dia (trabalhava em mudanças, obras, entrega de jornais e venda de livros) (KÉRÉ, 2022), até que em 1995, aos trinta anos, iniciou os estudos de Arquitetura na Universidade Técnica de Berlim.

Grande parte do território brasileiro, em especial a região Nordeste e parte das regiões Centro-Oeste e Norte, se inserem na mesma faixa climática do território de Burkina Faso, áreas que podem ser identificadas pelo que Holanda definiu como "trópicos ensolarados". Apesar de incluírem variações e peculiaridades - que vão do tropical ao semiárido e o equatorial úmido, no caso do Brasil, e das savanas, estepes e desertos no caso do país africano - apresentam características que demandam estratégias comuns de projeto, construção e relação com a natureza, como aquelas recomendadas por Holanda e praticadas por Kéré. No caso de Burkina Faso, mesmo se tratando de obras em diferentes partes do país, todas têm em comum a possibilidade climática que favorece a integração com o meio (desde o contexto mais seco ao mais úmido).

Figura 1: "trópicos ensolarados", com a indicação aproximada de Burkina Faso e a região Nordeste do Brasil.



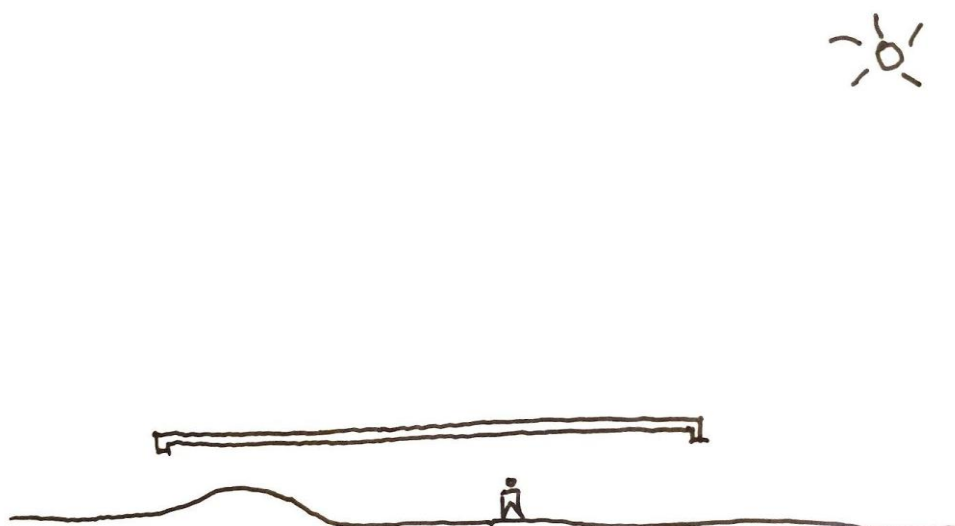
Fonte: autor.

Este ensaio propõe um percurso a partir dos nove passos do roteiro proposto por Armando de Holanda, como meio de aproximação sobre as obras de Francis Kéré: (1) criar uma sombra; (2) recuar as paredes; (3) vaziar os muros; (4) proteger as janelas; (5) abrir as portas; (6) continuar os espaços; (7) construir com pouco; (8) conviver com a natureza; (9) construir frondoso.

1. CRIAR UMA SOMBRA

Começemos por uma ampla sombra, por um abrigo protetor do sol e das chuvas tropicais; por uma sombra aberta, onde a brisa penetre e circule livremente, retirando o calor e a umidade; por uma sombra amena, lançando mão de uma cobertura ventilada, que reflita e isole a radiação do sol; por uma sombra alta, com desafoço de espaço e muito ar para se respirar." (Holanda, 2018, p.17)

Figura 2: "Criar uma sombra". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

"Na origem era a árvore". Assim começa um dos textos de Luís Fernández-Galiano na edição especial da AV sobre a obra de Francis Kéré (FERNANDEZ-GALIANO, 2018b). De fato, essa talvez seja a melhor maneira de sintetizar sua obra, tanto pelo aspecto técnico - o recurso da sombra e o espaço permeável, conectado à natureza - quanto pelo aspecto simbólico, de uma obra fincada ao chão, em suas às raízes, e ao mesmo tempo suspensa no ar, conforme define Fernández-Galiano, no texto "La belleza necesaria" (FERNANDEZ-GALIANO, 2018a).

A Escola Primária de Gando (1999-2001), sua primeira obra (trabalho de conclusão do curso de Arquitetura), que recebeu o Prêmio Aga Khan em 2004, é antes de tudo uma grande sombra, que protege e integra. A solução é ao mesmo tempo simples e tecnicamente refinada, que se destaca pelo alto desempenho térmico e pela qualidade espacial, com poucos recursos e a participação da comunidade. São três pavilhões construídos em tijolo, cobertos por uma ampla cobertura dupla (laje em tijolos e cobertura em aço).

A estratégia adotada por Kéré é fundamental para garantir o isolamento térmico, devido ao colchão de ar que se forma entre as duas camadas. A solução técnica para a estruturação das coberturas evidencia a capacidade de experimentação e inovação do arquiteto, a partir de poucos recursos: ao invés de vencer os grandes vãos com peças robustas ou componentes de grande seção, Kéré propõe treliças espaciais executadas com vergalhões de pequena seção, pela disponibilidade do material e simplicidade construtiva. O resultado se aproxima da leveza estrutural de uma árvore frondosa, com suas múltiplas camadas e ramificações dos galhos, que protegem do calor e ao mesmo tempo deixam o ar e a luz circularem.

Esse mesmo recurso, na dupla cobertura ventilada, é utilizado em diversas outras obras, em especial naquelas dedicadas a funções coletivas: a ampliação da escola primária (2003-2008); a escola secundária de Dano (2006-2007) e a biblioteca de Gando (2010-2018), entre outras.

Figura 3: Escola Primária de Gando



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Erik-Jan Ouwerkerk

Na ampliação da escola primária de Gando a cobertura metálica é ainda mais generosa e suspensa em relação à laje, que neste caso foi resolvida por meio de arcos autoportantes, com aberturas que contribuem para a saída do ar quente.

No caso do pavilhão da Serpentine Gallery, em Londres (2016-2017), a referência é ainda mais evidente: "O projeto é inspirado na árvore como lugar onde as pessoas se reúnem, onde as atividades cotidianas se desenvolvem sob a sombra de seus galhos" (AV, 2018, p.108)

Figura 4: Serpentine Pavilion, Londres, 2017.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Iwan Baan

Trata-se de uma grande cobertura translúcida, formada a partir de um conjunto de treliças espaciais que brota do chão. A luz é filtrada por ripas de madeira, situadas na parte inferior, que formam uma rica trama de luz e sombra.

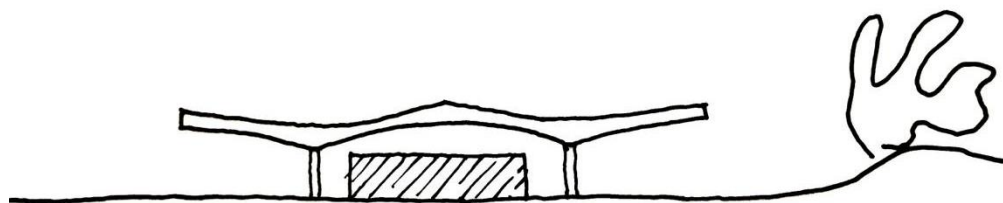
A parte central da cobertura é aberta e recebe a chuva, que é conduzida a uma caixa drenante que funciona como um pequeno recinto de convivência, no centro do pavilhão. A sombra da árvore é, de fato, a analogia que mais se aproxima da obra de Kéré, como lembra Fernández-Galiano:

A árvore é, portanto, a origem. (...) Burkina Faso, país Mossi (que abriga um complexo mosaico de povos e grupos etnolinguísticos), as árvores, como o baobá e a mangueira, criam sombras protetoras, que constituem a arquitetura primeira. (...) A força plástica do baobá e a frondosidade nutritiva da mangueira são referências evidentes na arquitetura de Kéré, que se levanta do chão, de maneira firme, para ser coroada por coberturas leves, que oferecem sombras e espaços abertos, além de proteção solar ventilada. (Fernández-Galiano, 2018b, p.7-8)

2. RECUAR AS PAREDES

Lancemos as paredes sob esta sombra, recuadas, protegidas do sol e do calor, das chuvas e da umidade, criando agradáveis áreas externas de viver: terraços, varandas, pérgolas, jardins sombreados; locais onde se possa estar em contato com a natureza... (Holanda, 2018, p.21)

Figura 5: "Recuar as paredes". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Outro aspecto fundamental da obra de Kéré é o artifício de recuar as paredes em relação à projeção da cobertura. Por meio desse recurso, evita-se a exposição dos elementos de vedação à incidência direta dos raios solares ou da chuva.

Figura 6: Escola Primária de Gando



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Simeon Duchoud

Além do conforto térmico resultante, a estratégia permite a criação de espaços de transição entre o interior e o exterior, como os alpendres e varandas, que funcionam ao mesmo tempo como extensões dos ambientes internos e como áreas protegidas dos espaços abertos.

Destacam-se, nesse aspecto, entre outras obras: a Escola Primária de Gando (ver figura 6) e a sua ampliação; a Escola Secundária Lycée Schorge (Koudougou - Burkina Faso - 2014-2016); a Clínica e Centro de Saúde (Léo - Burkina Faso, 2012-2017) e a Biblioteca de Gando (2010-2018).

Os três pavilhões que compõem a obra inicial da escola primária de Gando estão recuados cerca de dois metros em relação à projeção da cobertura. As crianças se reúnem na varanda, sentadas no embasamento. É o espaço de circulação que se converte em sala de aula e em lugar de encontros, conforme a necessidade e a conveniência do clima.

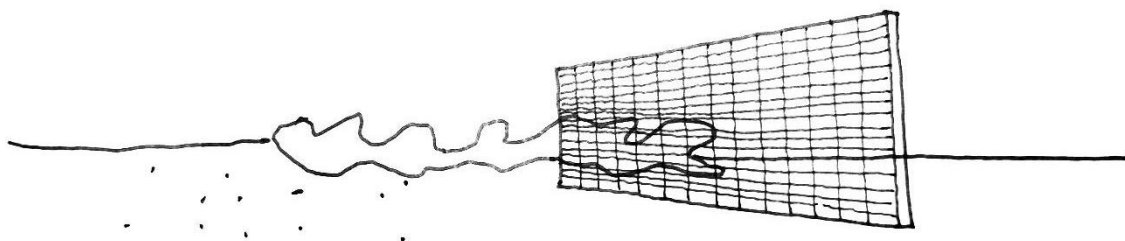
A mesma apropriação dos espaços externos para atividades que ocorreriam em recintos fechados também se observa na Escola Secundária de Koudougou, graças aos amplos espaços cobertos e abertos, propiciados pelo recuo das paredes.

No caso da Biblioteca de Gando, o recuo projetado é ainda mais generoso, o que permite a criação de espaços de convivência entre o espaço fechado e a área externa. No limite da projeção, assim como na escola secundária de Koudougou, elementos esbeltos em madeira ajudam a proteger o grande alpendre.

3. VAZAR OS MUROS

Combinemos as paredes compactas com os panos vazados, para que filtrem a luz e deixem a brisa penetrar. Tiremos partido das imensas possibilidades construtivas e plásticas do elemento vazado de parede - o combogó - que pode assumir uma ampla gama de configurações entre filigrana e marcado jogo de relevos. (Holanda, 2018, p.25)

Figura 7: "Vazar os muros". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Além da permeabilidade obtida pelas duplas coberturas, Kéré apresenta diversificado repertório no tratamento das paredes e dos componentes verticais de vedação. A utilização de elementos vazados como meio de filtrar a luz, proteger do calor e ao mesmo tempo permitir a passagem de ar é recorrente em seus projetos.

Nos equipamentos (recepção, restaurante e centro esportivo) do Parque Nacional de Mali (AV, 2018, p.34), o arquiteto se utiliza de cobogós em concreto em diversas partes das edificações em que a integração com o exterior e a permeabilidade são desejáveis.

No caso do Centro de Saúde e Promoção Social de Laongo (Burkina Faso) (AV, 2018, p.50), as paredes recebem diversas pequenas aberturas em formato quadrado e disposição irregular, algumas totalmente abertas, outras com possibilidade de fechamento. Além de emoldurar a paisagem para os que estão nos espaços internos, as aberturas criam ritmo na composição das fachadas e, principalmente, permitem a iluminação e a ventilação dos ambientes.

Em outros casos, a permeabilidade dos elementos de vedação é obtida por meio de "peles" perimetrais, com a utilização de peças esbeltas de madeira, que se estendem do piso ao teto, no limite da projeção da cobertura. Esse é o artifício utilizado na Biblioteca de Gando (AV, 2018, p.56) e na Escola Secundária de Koudougou (AV, 2018, p 80).

Figura 8: Escola Secundária de Koudougou, Burkina Faso.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Iwan Baan

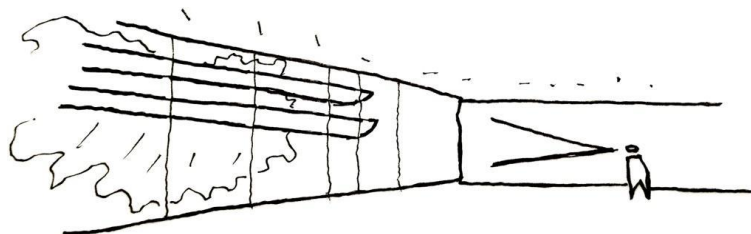
No Pavilhão da Serpentine Gallery (AV, 2018, p. 108), os painéis curvos são elementos vazados, executados em peças triangulares de madeira, pintadas de azul indigo (cor de celebração na cultura de Burkina Faso) (ver figura 4).

A permeabilidade discreta dos painéis, ao mesmo tempo que permite a passagem da luz, agrega textura e rugosidade aos ambientes, tornando-os mais acolhedores, em um delicado equilíbrio entre os sentidos de passagem e recinto; integração e acolhimento.

4. PROTEGER AS JANELAS

Retomemos a lição de Le Corbusier e protejamos as aberturas externas com projeções e quebra-sóis, para que, abrigadas e sombreadas, possam permanecer abertas. Estudemos cuidadosamente a insolação das fachadas, identificando os caminhos do sol sobre nossas cidades durante o ano, para desenharmos proteções eficientes; proteções que, além de sombrearem as fachadas, permitam a renovação de ar dos ambientes, mesmo durante chuvas pesadas. (Holanda, 2018, p.29)

Figura 9: "Proteger as janelas". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

O artifício de recuar as paredes em geral leva a esta outra premissa, de proteger as janelas, tanto da incidência do sol, quanto da chuva. Ao preservar as aberturas, estas podem ser mantidas quase sempre abertas e reforçam a fluidez dos espaços, característica marcante das obras de Kéré.

Pela sua importância para a qualidade dos espaços, tanto no que se refere ao conforto térmico e lumínico, quanto à composição estética, as janelas têm participação especial nas obras de Kéré. Raramente é utilizado o vidro, em especial nas obras com maior limitação de recursos e menos necessidade de isolamento em relação ao exterior. Em geral, são esquadrias de baixo custo, produzidas no local, com venezianas ajustáveis em aço, que permitem o controle de luz e ventilação. Em grande parte das obras de Kéré as janelas e portas também cumprem função estética, por meio da rica composição cromática e da cuidadosa modenatura.

Para além dos aspectos climáticos, ambientais e estéticos, as janelas protegidas incorporam outras funções e possibilidades de apropriação, como lugar de encontro e fruição e suporte para o convívio. Essa multiplicidade de funções do espaço da janela, do aspecto técnico ao estético, do espacial ao simbólico, pode ser observada na composição multicolorida de aberturas da Ampliação da Escola Primária de Gando (AV, 2018, p. 22).

O sistema de abertura proposto, ao liberar grande parte do vão, contribui para a integração entre o interior e o exterior. Placas de concreto instaladas na parte inferior das janelas permitem que o espaço seja utilizado como banco e apoio para convivência entre os estudantes.

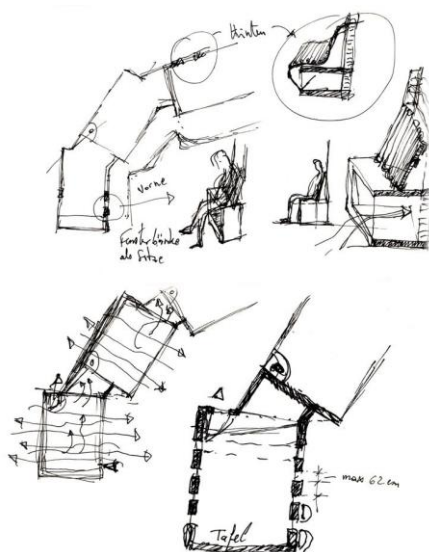
Na Escola Secundária de Koudougou (Burkina Faso) (AV, 2018, p.80), as janelas se estendem do piso ao teto e são integradas a bancos em concreto, aço e madeira, dispostos ao longo das varandas.

Figura 10: Escola Secundária de Koudougou, Burkina Faso.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Andrea Maretto

Figura 11: Croqui. Esquadrias. Escola Secundária de Koudougou, Burkina Faso.

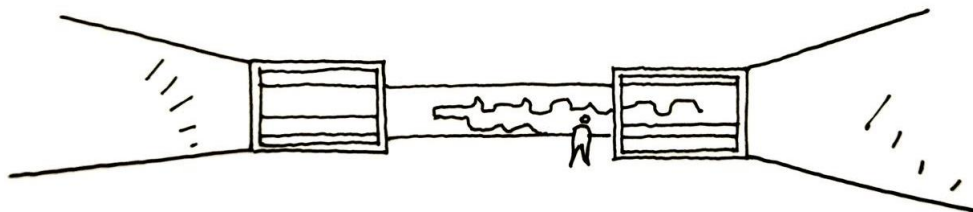


Fonte: Kéré Architecture

5. ABRIR AS PORTAS

Tentemos apreender a fluência entre a paisagem e a habitação, entre o exterior e o interior, para desenharmos portas que sejam um convite aos contatos entre os mundos coletivo e individual; portas protegidas e sombreadas que possam permanecer abertas... Desenhemos portas externas vazadas, capazes de garantir a necessária privacidade e de admitir ar e luz... (Holanda, 2018, p.33)

Figura 12: "Abrir as portas". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Uma das principais características da boa arquitetura nos "trópicos ensolarados" é a economia de fechamentos; vedar apenas onde e quando necessário. Nas obras de Kéré, como expressão natural do clima em que estão inseridas, as portas, quando necessárias, estão sempre abertas e são vazadas, com sistemas em veneziana.

Em conjunto com as janelas, compõem o repertório de soluções que têm como objetivo eliminar barreiras e gerar fluidez. Nos equipamentos comunitários construídos em Gando, por exemplo, muitas das atividades comunitárias ocorrem em espaços sem portas nem paredes: são pátios, varandas, alpendres.

Mesmo quando o programa exige, as portas são sutis: recuadas e muitas vezes se mesclam às janelas, como no caso do Centro de Arquitetura em Terra (Mopti, Mali, 2010) (AV, 2018, p.40), ou nas escolas de Gando.

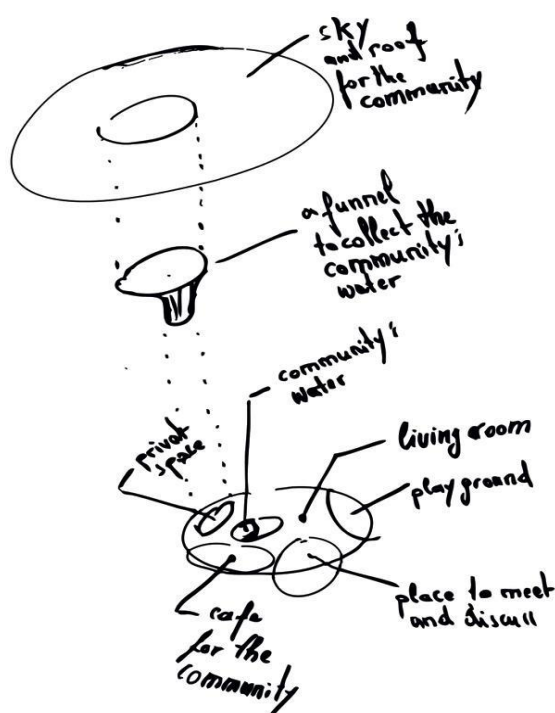
Quando é possível, a arquitetura prescinde dos fechamentos, de maneira que os recintos são definidos por vãos de passagem, como é o caso do Pavilhão da Serpentine Gallery (AV, 2018, p.108).

Figura 13: Serpentine Pavilion, Londres, 2017.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Iwan Baan

Figura 14: Croqui. Serpentine Pavilion, Londres, 2017.

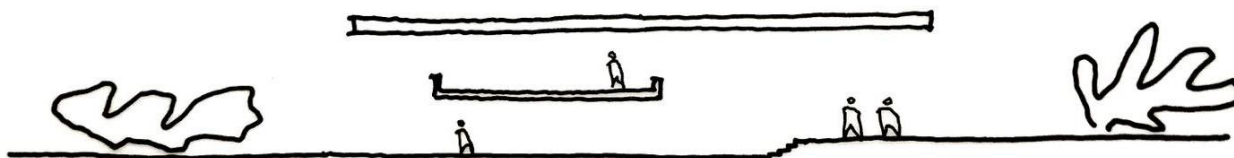


Fonte: Kéré Architecture

6. CONTINUAR OS ESPAÇOS

Deixemos o espaço fluir, fazendo-o livre, contínuo e desafogado. Separemos apenas os locais onde a privacidade, ou a atividade neles realizada, estritamente recomende. Identifiquemos os casos em que as paredes devam isolar completamente os ambientes, para não perdermos a oportunidade de lançá-las livres, soltas do teto. (Holanda, 2018, p.37)

Figura 15: "Continuar os espaços". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

A fluidez dos espaços, que decorre das estratégias de suspender as coberturas (criar sombras), vazar os muros e abrir as portas, é combinada a outro recurso importante: a continuidade dos espaços. Em geral, as paredes não tocam a cobertura nas principais obras de Kéré. Como resultado, além de melhorar a temperatura dos ambientes e propiciar iluminação e ventilação naturais, obtém-se fluidez nos espaços e leveza da composição volumétrica.

Figura 16: Escola Secundária de Koudougou, Burkina Faso, 2015.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Andrea Maretto

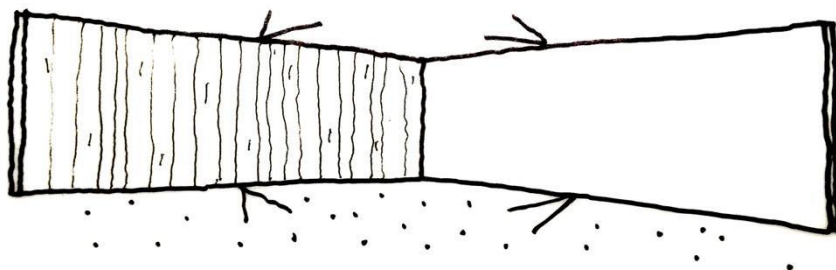
Mesmo o recurso da cobertura dupla (com laje e telha metálica sobre treliças) é utilizado apenas quando necessário. Nos espaços mais integrados com o exterior, prescinde-se da laje, como nos pátios e espaços de convivência. Tal estratégia, de continuidade dos espaços e de separação entre paredes e cobertura, é observada nas obras de Gando (escolas primária e secundária, biblioteca, ateliê), nas escolas secundárias de Dano e Koudougou, no Centro de Arquitetura em Terra (Mopti, Mali) e nos equipamentos do Parque Nacional de Mali, entre outras obras.

No Pavilhão da Serpentine Gallery, quatro painéis curvos e permeáveis, que não tocam a cobertura, definem os espaços de convivência, integrados com o espaço natural circundante. Não há fronteiras rígidas entre o espaço interno e o entorno, de maneira que o ar, a luz e as pessoas fluem, em todas as direções.

7. CONSTRUIR COM POUCO

Empreguemos materiais refrescantes ao tato e à vista nos locais mais próximos das pessoas, como paredes e pisos. Sejam sensatos e façamos uma redução no edifício; redução no sentido de evitarmos demasiada variedade de materiais que empregamos numa mesma edificação. Desenvolvamos componentes padronizados que possuam amplas possibilidades combinatórias; exploremos estas possibilidades para que, a partir de simples relações construtivas, venhamos a obter ricas relações espaciais. (Holanda, 2018, p.41)

Figura 17: "Construir com pouco". Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Obter qualidade espacial a partir da escassez dos recursos, da simplicidade dos materiais e dos sistemas construtivos é uma das características que marcam a obra de Francis Kéré, conforme declara o arquiteto:

Apesar de ter crescido em um contexto que muitos podem considerar de escassos recursos, sempre acreditei que seria possível projetar e construir melhor, mesmo diante de tais limitações. (...) A criatividade pode surgir a partir da escassez. (...) Sempre precisamos pensar em como reduzir o desperdício e utilizar o mínimo de recursos e materiais. Como utilizar o que há de disponível no local, e como tornar o espaço confortável, tanto para o corpo, quanto para a mente? (...) Sempre procurei criar qualidade espacial e espaços de qualidade. (...) Gosto de experimentar, não de ficar sentado e teorizar no papel ou na tela. A partir dos primeiros rabiscos, procuro colocar em prática as ideias. Para mim, o protótipo, na escala 1:1 se possível, é o melhor meio para compreender se uma ideia de projeto que foi teorizada pode ser implementada.” (KÉRE, 2022, p.5)

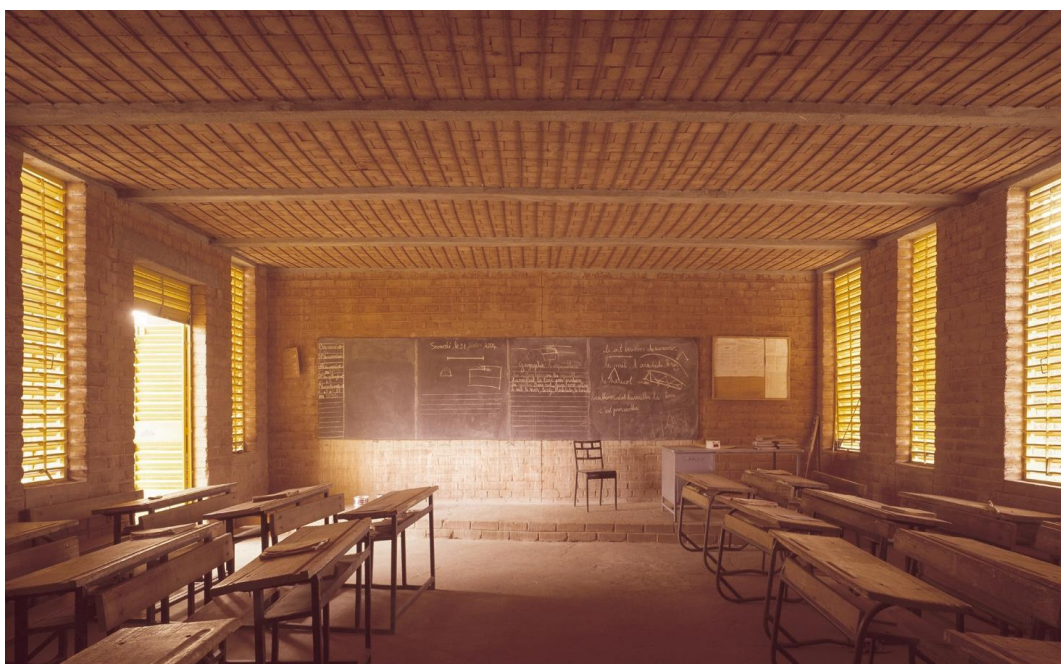
Essa busca pelo equilíbrio entre simplicidade e qualidade, presente na obra de Kéré, é também registrada no texto “La belleza necesaria”, de Fernández-Galiano (2018, p.3): “Essa beleza não é alheia à economia de meios, depura processos e linguagens até deixá-los reduzidos a sua condição mais original e primeira, (...) beleza portanto despojada, porém com raízes na terra e imaginação no ar.”

Fernández-Galiano destaca ainda que tal postura é também resultado do conhecimento obtido pelo arquiteto sobre os materiais e as técnicas, a partir da experiência inicial como carpinteiro, que orientou a sua formação de arquiteto, na Universidade Técnica de Berlim, tendo como resultado uma “destreza pragmática na manipulação de materiais, meios e processos” e complementa:

... o extremo realismo que exige o construir com recursos limitados se estende desde a adequada escolha das técnicas até o empenho em projetar uma arquitetura sustentável, que alcance mais com menos e consiga construir espaços habitáveis, baseados em energia renováveis. (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2018, p.4)

A Escola Primária de Gando é uma das obras em que o “construir com pouco” é evidenciado, ao combinar técnicas construtivas tradicionais e soluções inovadoras de engenharia e arquitetura. Nesta obra foram utilizados, para execução das paredes, tijolos compostos por uma mistura de agregados, de maneira a aproveitar a argila, matéria-prima disponível no local, combinada à durabilidade e robustez do cimento. As telhas metálicas, de baixo custo e acessíveis na região, apresentam o problema da grande transmitância térmica. No entanto, graças à estratégia projetual da dupla cobertura ventilada, os espaços se tornam confortáveis, por meio de soluções passivas.

Figura 18: Escola Primária de Gando, Burkina Faso, 2001



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Simeon Duchoud

De maneira geral, o que se observa nas obras de Kéré é a capacidade de transformar materiais simples e baratos, que isoladamente não apresentam bom desempenho, em composições e soluções de arquitetura e engenharia que se destacam pela alta qualidade, com poucos recursos. Essa mesma premissa é adotada em diversos projetos, com soluções que variam conforme o contexto e a disponibilidade de mão-de-obra e materiais em cada região.

No caso da ampliação da Escola Primária de Gando, técnicas similares são adotadas, porém com novos artifícios que permitem ampliar ainda mais o conforto das salas de aula. É o caso da laje de cobertura, também executada com tijolos, porém desta vez em forma de abóbada e com vazios. A solução, além de dar amplitude aos espaços, permite a passagem do ar quente entre as aberturas da abóbada e ajudam a reduzir a temperatura das salas.

Um dos melhores exemplos de criatividade e inovação, com a utilização de recursos disponíveis no local, é a Biblioteca de Gando, que também apresenta cobertura dupla e ventilada. A diferença, neste caso, é que as perfurações na laje são moldadas a partir de potes cerâmicos produzidos no local. Além do conforto térmico resultante, ao permitir a saída do ar quente, as perfurações permitem a entrada de luz, que atravessa trechos de telhas translúcidas dispostas ao longo da cobertura metálica. Vale também destacar o efeito estético da luz que se projeta no piso do espaço interno da biblioteca, em decorrência das aberturas circulares dos potes cerâmicos. No caso da escola secundária em Kougoudou (ver figura 19), a utilização de peças esbeltas de madeira bruta, disponível no local, combina conforto ambiental, jogo de luz e sombras e economia de materiais.

Outro exemplo do “construir com pouco” é a utilização das sobras da construção (como as barras de aço da cobertura) para a execução do mobiliário da escola, em uma demonstração de que os recursos são sempre utilizados até o limite, com o mínimo de desperdício e o máximo de qualidade, que se obtém da criatividade e da inovação.

Figura 19: Escola Secundária de Kougoudou, Burkina Faso, 2015.

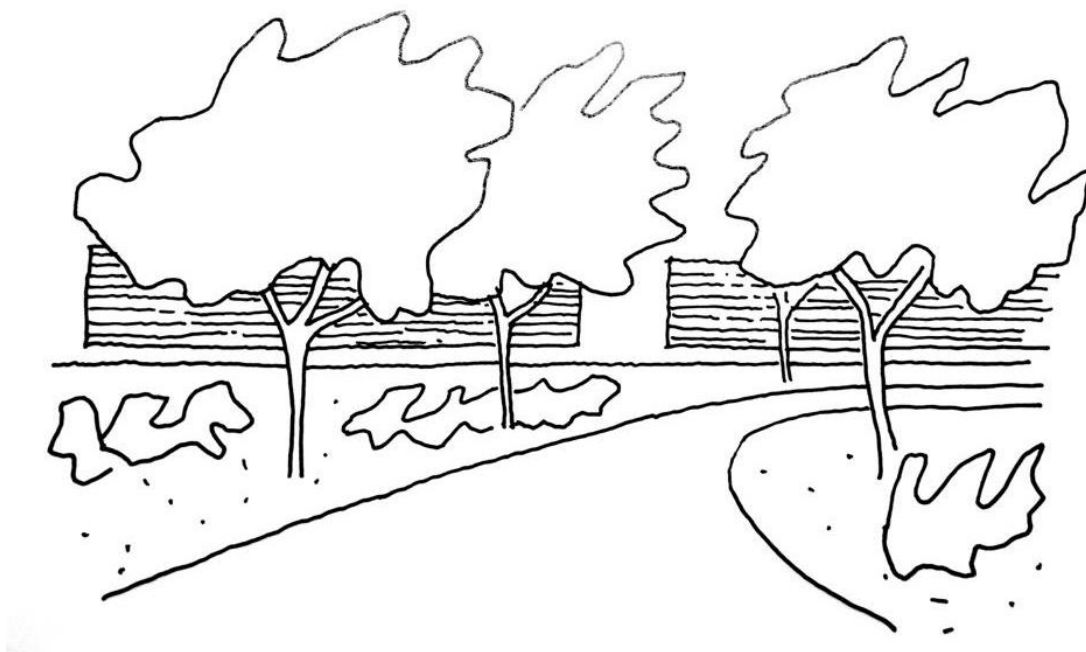


Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Iwan Baan

8. CONVIVER COM A NATUREZA

Estabelecamos com a natureza tropical um entendimento sensível de forma a podermos nela intervir com equilíbrio. Não permitamos que a paisagem natural - que já foi contínua e grandiosa - continue a ser amesquinhada e destruída. (Holanda, 2018, p.45)

Figura 20: “Conviver com a natureza”. Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Construir nos trópicos induz ao convívio com a natureza. Diferente das zonas temperadas, caracterizadas por situações de frio extremo, as regiões situadas nas zonas tropicais são caracterizadas por temperaturas que não demandam altos níveis de isolamento em relação ao exterior.

No entanto, saber conviver com a natureza, mesmo nos trópicos, exige uma leitura cuidadosa do contexto, das condições climáticas e dos recursos disponíveis em cada local. Essas são características que se evidenciam na obra de Kéré e que já eram apontadas por Holanda como um dos passos fundamentais do seu roteiro.

O convívio com a natureza, enquanto premissa, está presente no discurso e em diversas estratégias de projeto de Francis Kéré e começa com a abordagem participativa, de envolver as comunidades nos projetos e processos de execução. Afinal, a melhor maneira de se compreender a natureza em um local é se aproximar da comunidade que habita o lugar.

Acreditamos que para construir em uma localidade específica é necessário se envolver ativamente com todos os aspectos da prática construtiva daquele lugar. Talvez o recurso local mais significativo seja o patrimônio construído, que nos ensina sobre como se adaptar ao contexto. (...) A compreensão mais ampla dos recursos disponíveis em cada local é o que fundamenta cada um dos nossos projetos, para cada contexto específico. (KÉRÉ, 2023, sp)

Algumas decisões de projeto, que parecem naturais, resultam de investigações mais profundas dos contextos ambiental, social e econômico. É o caso, por exemplo, da utilização de peças de eucalipto na composição das “peles” que envolvem algumas obras de Kéré, como a Escola Secundária de Koudougou e a Biblioteca de Gando.

Kéré reconhece que as plantações de eucalipto, enquanto monocultura, devastam o meio natural, retiram a umidade do solo e causam a desertificação. Daí a proposta de utilizar essa madeira nas obras em Burkina Faso, de maneira a gradativamente substituir as plantações de eucalipto por espécies nativas.

Para Kéré, a relação com a natureza vai além de questões ecológicas e deve considerar as perspectivas econômica e social da sustentabilidade. A adoção de soluções passivas nos projetos como meio de construir o que Holanda definiu como “lugares amenos nos trópicos ensolarados” é uma das principais características de sua obra. A escolha de materiais disponíveis no local é outra maneira de promover o desejado convívio com a natureza.

Figura 21: Escola Secundária de Koudougou, Burkina Faso, 2015.

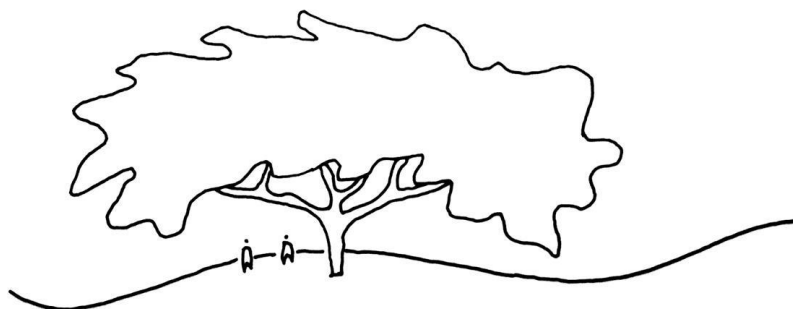


Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Iwan Baan

9. CONSTRUIR FRONDOSO

Livremo-nos dessa dependência cultural em relação aos países mais desenvolvidos, que já retardou em demasia a afirmação de uma arquitetura decididamente à vontade nos trópicos brasileiros. (...) Desenvolvamos uma tecnologia da construção tropical, que nos forneça os meios necessários para o atendimento da enorme demanda de edificações das nossas populações, não só em termos de quantidade, mas também de qualidade. (...) Trabalhem no sentido de uma arquitetura livre e espontânea, que seja uma clara expressão de nossa cultura e revele uma sensível apropriação de nosso espaço; trabalhem no sentido de uma arquitetura sombreada, aberta, contínua, vigorosa, acolhedora, envolvente, que, aos nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, nos incite a nele viver integralmente. (Holanda, 2018, p.49)

Figura 22: “Construir frondoso”. Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados.



Fonte: redesenho do autor, a partir do croqui original publicado em HOLANDA, 2018.

Construir frondoso é a síntese de todos os passos anteriores propostos no roteiro de Holanda. A analogia à árvore, que abre e encerra o percurso proposto pelo arquiteto pernambucano, se expressa nas obras de Kéré

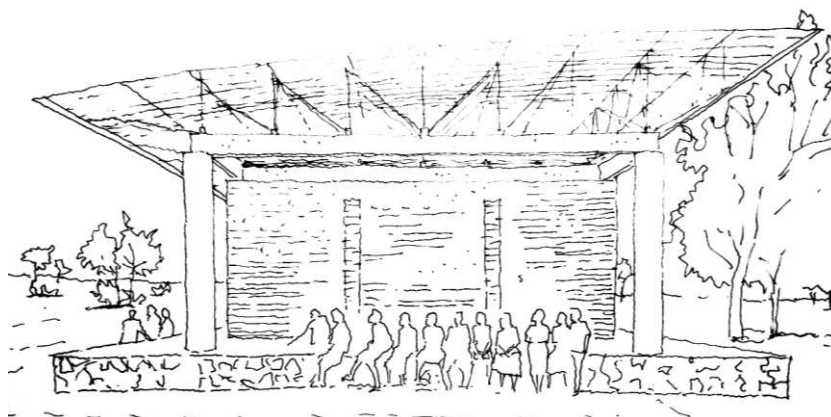
sob várias perspectivas: na tipologia (que combina a base firme e a cobertura suspensa no ar); na permeabilidade à luz e aos ventos; na estrutura da cobertura (a relação entre as treliças espaciais e a trama dos galhos da árvore) e, em especial, no aspecto simbólico e sagrado do lugar de encontro e de transmissão de conhecimentos, que a sombra da árvore representa na cultura de Burkina Faso e de grande parte da África. Conforme destaca Fernández-Galiano:

...a obra de Kéré - que sem dúvida também ensina a intervir em entornos precários, utilizando recursos escassos com inteligência estratégica e empoderando as comunidades através de sua participação nas decisões e na própria construção - oferece uma reflexão de caráter mais geral sobre a substância mesma da arquitetura que resulta pertinente em meios muito diversos do seu, pois afinal explora os fundamentos essenciais da disciplina. (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2018, p.3)

Pode-se também estender o conceito de “construir frondoso”, propiciado pelo acolhimento e pela generosidade da sombra, à postura agregadora e generosa de Francis Kéré, certamente a principal característica de seu trabalho e base para todas as qualidades mencionadas. A iniciativa de voltar às raízes e prover sua comunidade de equipamentos que lhes fizeram falta na infância, combinada à mobilização na captação de recursos, por meio da Fundação Kéré, para construir as obras, fazem parte desse “construir frondoso”. Como destaca Fernández-Galiano:

A vontade de servir sua comunidade se expressa tanto em seu ativismo, na arrecadação de fundos para construir equipamentos sociais, como na própria intervenção das pessoas na realização das obras, em uma coreografia coletiva que legitima o processo e empodera os habitantes.” (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2018, p.4)

Figura 23: Croqui. Escola Primária de Gando, Burkina Faso.



Fonte: autor, a partir da fotografia de Erik-Jan Ouwerker

Figura 24: Escola Primária de Gando, Burkina Faso, 2001.



Fonte: Kéré Architecture. Fotografia: Erik-Jan Ouwerkerk

FÁBULA DE UM ARQUITETO

Armando de Holanda abre o seu roteiro com a citação da primeira estrofe do poema de João Cabral de Melo Neto, "Fábula de um arquiteto":

"A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não comoilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tetos.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa."

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, citado por HOLANDA, 2018, p.13)

A continuação do poema, não transcrita por Holanda, traz como desfecho o oposto do que seria a fábula, como um lamento do poeta sobre que seria o descaminho da arquitetura, que se fecha ao invés de abrir; que expressa o medo, e não a liberdade, como se constata nos dias atuais:

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vão de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem; na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

(MELO NETO, 1994, p.345)

A obra de Francis Kéré revela que a "fábula do arquiteto", aquela desejada por Cabral e roteirizada por Holanda, que não renega "dar a viver no claro e aberto", é possível: "construir o aberto", sem muros, uma arquitetura destemida, repleta de ar, luz e razão.

O caminho para a materialização da fábula, no contexto brasileiro, está na combinação entre ancestralidade e inovação, no reconhecimento da inteligência e da capacidade de adaptação ao meio, presentes nas raízes das culturas africana e autóctone, no aprendizado das lições de convívio com a natureza, das comunidades tradicionais e dos povos originários. Ao analisar, lado a lado, as reflexões de Holanda e a produção de Kéré, fica evidente que a transposição de valores arquitetônicos para realidades ao mesmo tempo distintas em territorialidade, mas com relativas similaridades em geografia e cultura está fundamentada, acima de tudo, no condicionamento das decisões técnicas e estéticas aos valores éticos na produção da arquitetura.

REFERÊNCIAS

A+U. Architecture and Urbanism Magazine. Feature: Francis Kéré. Maio, Tóquio, 2022.

AV. Monografias. Francis Kéré. Practical Aesthetics. n.201. Arquitectura Viva, Madri, 2018.

BIAMAH-OFOSU, N. Architecture as Common Ground: A New Language in the Work of Francis Kéré. A+U. Architecture and Urbanism Magazine. Feature: Francis Kéré. Maio, Tóquio, 2022.

FERNÁNDEZ-GALIANO, L. La belleza necesaria. AV. Monografias. Francis Kéré. Practical Aesthetics. n.201, p.3, Arquitectura Viva, Madri, 2018.

FERNÁNDEZ-GALIANO, L. Semper em Gando: uma estética práctica. AV. Monografias. Francis Kéré. Practical Aesthetics. n.201, p.4, Arquitectura Viva, Madri, 2018.

FICHER, S. e ACAYABA, M. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.

HOLANDA, A. *Roteiro para construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. / Guidelines to build in northeast Brazil: architecture as a pleasant place in the sunny tropics.* (1a. edição, 1976, UFPE). 3a. edição. Organizadores: Roberto Montezuma e Isabel de Holanda. Brasília, 2018.

KÉRÉ, F. Statement. A+U. Architecture and Urbanism Magazine. Feature: Francis Kéré. Maio, Tóquio, 2022.

KÉRÉ, F. Approach. Kéré Architecture. Disponível em: <https://www.kerearchitecture.com/expertise>. Acesso em 06 de julho de 2023.

MELO NETO, J. *João Cabral de Melo Neto. Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

RICHARDSON, R. Umqambi Wesino. . A+U. Architecture and Urbanism Magazine. Feature: Francis Kéré. Maio, Tóquio, 2022.

MARQUES, A.; AZOIA, M. Kéré e Lelé. Aproximações e distanciamentos. *Arquitextos*, São Paulo, ano 23, n.265.02, Vitruvius, jun. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.264/8525>. Acesso em 05 de julho de 2023.

RAMOS, J. e NASLAVSKY, G. Construindo com pouco no Nordeste brasileiro. Conexões Armando Holanda–Aldo van Eyck. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 245.02, Vitruvius, out.2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.245/7919>

ZEIN, R. A quatro mãos: Arquitetura Moderna Brasileira, 1978-82. Panoramas da Arquitetura Brasileira Moderna e Contemporânea. Simpósio Temático. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2010.

NOTAS

¹ O autor agradece ao escritório Kéré Architecture (www.kerearchitecture.com) pela gentileza em disponibilizar informações sobre os projetos e a autorização para publicação dos registros fotográficos das obras.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

ENSINO



O PROJETO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO PARA INTEGRAÇÃO DE SABERES

EL DISEÑO COMO INSTRUMENTO DE ENSEÑANZA PARA LA INTEGRACIÓN DE CONOCIMIENTOS

DESIGN EXERCISE AS A TEACHING-LEARNING INSTRUMENT FOR KNOWLEDGE INTEGRATION

SOUZA, GISELA BARCELLOS DE

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP), Departamento de Urbanismo da UFMG, E-mail: giselabarcellos@ufmg.br

LOURA, REJANE MAGIAG

Doutora em Ciências e Técnicas Nucleares (UFMG), Departamento de Tecnologia do Design, da Arquitetura e do Urbanismo da UFMG, E-mail: rejaneml@gmail.com

SANTOS, ROBERTO E. DOS

Doutor em Educação (UFMG), Departamento de Projetos da UFMG, E-mail: ro1234ro@gmail.com

RESUMO

O artigo discute a convergência de conteúdos no ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em estratégias e instrumentos de integração não hierarquizada dos saberes e no desenho de ambiente de ensino e aprendizagem orientado para a interação não programada em contexto remoto. O texto está organizado em três partes. Primeiramente, discute-se o lugar do projeto no ensino de arquitetura e urbanismo. Na segunda parte, apresentam-se e avaliam-se as estratégias e instrumentos desenvolvidos para integração não hierarquizada entre os saberes. Por último, examina-se o desenho do ambiente de ensino-aprendizagem orientado para a interação não programada. Trata-se de uma análise da Oficina Virtual Integrada, experimento realizado no contexto do Ensino Remoto Emergencial para enfrentamento das restrições impostas pelo isolamento social como medida de contenção da pandemia de COVID-19, ministrada em três edições na Escola de Arquitetura da UFMG entre 2020 e 2021. O experimento promoveu a concepção e a avaliação de estratégias para articulação entre os saberes e o ambiente de ensino-aprendizagem voltado à valorização do projeto como processo de invenção e ao trabalho colaborativo e compartilhado de orientações. Sua realização reitera a identificação da contradição entre a lógica administrativa e as demandas da formação integral e aponta para o necessário aprofundamento das questões levantadas e para a atenção à especificidade dos arranjos locais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de projeto em ambiente virtual; Integração de saberes; Desenho de ambientes de ensino e aprendizagem.

RESUMEN

El artículo aborda el tema de la convergencia de los saberes en la enseñanza del diseño arquitectónico con énfasis en estrategias e instrumentos para la integración no jerárquica de conocimientos y en el diseño de un ambiente de enseñanza y aprendizaje orientado a la interacción no programada en un contexto de enseñanza remota. El texto está organizado en tres partes. Primeramente, se discute del lugar del diseño en la enseñanza de la arquitectura y el urbanismo. En seguida, se presentan e evalúan de las estrategias e instrumentos desarrollados para la integración no jerárquica entre saberes. Por último, se examina el diseño del entorno de enseñanza-aprendizaje orientado a la interacción no programada. Se trata de un análisis del Taller Virtual Integrado, un experimento realizado en el contexto de la Enseñanza Remota de Emergencia para enfrentar las restricciones que impone el aislamiento social como medida de contención de la pandemia del COVID-19, impartido en tres ediciones en la Escuela de Arquitectura de UFMG entre 2020 y 2021. El experimento promovió el diseño y evaluación de estrategias de articulación de saberes y de un ambiente de enseñanza-aprendizaje orientado a valorar el proyecto como proceso de invención y al trabajo colaborativo y de tutorías compartidas. Su realización reitera la identificación de la contradicción entre la lógica administrativa y las exigencias de la formación integral y apunta a la necesaria profundización de las cuestiones planteadas ya la atención a la especificidad de los arreglos locales.

PALABRAS CLAVES: Enseñanza del Diseño arquitectónico en un ambiente de trabajo virtual; Integración de conocimientos; Diseño de ambientes de enseñanza y aprendizaje.

ABSTRACT

This article discusses convergence of knowledge in the teaching of design, with an emphasis on strategies and instruments for the non-hierarchical integration of knowledge that converge to it, and on the design of a teaching-learning environment oriented towards a non-programmed interaction in a remote context. The text is organized into three parts. First, it discusses the place of the design in the teaching of architecture and urbanism. Second it presents and analyzes the strategies and instruments developed for non-hierarchical integration between knowledge. Finally, it examines the design of the teaching-learning environment oriented towards non-programmed interaction. This is a critical analysis of the Integrated Virtual Workshop, an experiment carried out in the context of Emergency Remote Education to face the restrictions imposed by social isolation as a measure to contain the COVID-19 pandemic, held in three editions in Architectural School of UFMG between 2020 and 2021. The experiment promoted the conception and evaluation of strategies for articulation of knowledge and of the teaching-learning environment aimed at valuing the project as a process of invention and collaborative work and shared tutorship. Its realization reiterates the identification of the contradiction between the administrative logic and the demands of integral education and it points to the necessary deepening of the issues raised and to the attention to the specificity of local arrangements.

KEYWORDS: Virtual design studio; Disciplinary integration; Virtual learning-teaching environment's design.

Recebido em: 01/06/2023

Aceito em: 27/10/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de Arquitetura privilegia o ensino de projeto. A maior parte das escolas, ainda que por diferentes meios e pedagogias, apoia-se em exercícios de projeção do espaço, e essa tem sido uma das principais tarefas dos cursos de graduação de Arquitetura e Urbanismo desde a escolarização do seu ensino entre os séculos XVI e XVII (RYKWERT, 1983; HAUSER, 1998; HAUTECOEUR, 1948). Não é incomum ouvir-se que o projeto é a espinha dorsal desses cursos, visto que para ele convergem os demais conteúdos de conhecimento dos currículos.

Ainda que tal afirmação seja corrente, a operacionalização da convergência de distintos aprendizados no desenvolvimento do projeto é uma tarefa usualmente deixada a cargo dos estudantes – os quais devem aprender, simultaneamente, o ato de projetar e o de sintetizar os conhecimentos neste mesmo exercício. Fruto de imposição do mundo do trabalho paulatinamente naturalizada nas grades curriculares, as repercussões da fragmentação do conhecimento talvez sejam mais evidentes no ensino de Arquitetura e Urbanismo do que em áreas análogas de conhecimento – sejam as ciências sociais aplicadas ou mesmo as engenharias. O ensino de Arquitetura e Urbanismo é, não obstante, refém desse processo. Por um lado, não se pode esquecer que a progressiva divisão e especialização dos saberes permitiu e apoiou a implementação da pesquisa e da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo nas últimas décadas. Por outro, esse processo entra em franca contradição com o ato de projetar, cuja característica principal é a convergência de diversos conteúdos de conhecimento, teóricos e práticos. Dois aspectos parecem decorrer deste descolamento entre as estruturas curriculares e o ato de projetar: um é o progressivo abandono do projeto em sua definição convencional, o outro é a dificuldade de imaginar e implementar alternativas dentro das estruturas curriculares vigentes.

Ratifica a afirmação da primeira tendência o fato de que, nos últimos anos, os concursos de trabalhos de conclusão de curso (TCC) – que, em certa medida, representam o coroamento da trajetória de aprendizagem – têm se mostrado mais flexíveis em relação ao trabalho a ser submetido ao júri. Se antes os TCCs em Arquitetura e Urbanismo eram sinônimo de projetos ou planos, hoje observa-se, mesmo em concursos tradicionais, a possibilidade de submeter trabalhos de pesquisa teórica ou tecnológica, ou mesmo trabalhos críticos. A abertura a novos tipos de trabalhos aponta para um deslocamento da importância do projeto no campo de Arquitetura e Urbanismo. Seja pela reverberação de uma crise na profissão ou pela crítica – e ampliação semântica – a partir das atividades de pesquisa e extensão, a indagação sobre as possíveis motivações para o afastamento ou possível negação ao projeto na sua definição tradicional ressoa nos ateliês, exigindo o posicionamento do docente.

O segundo aspecto decorrente desse descolamento é, como já afirmamos, a dificuldade de imaginar alternativas à fragmentação curricular dentro da organização do atual sistema educativo. As experiências internacionais que buscaram a integração de conteúdos disciplinares tenderam a concretizá-la em experimentos radicais que, por diversas vezes, não apenas romperam com a estrutura curricular vigente, como, também, com a estrutura administrativa universitária – como o caso do *Taller Total* (1970-1976) na Universidad Nacional de Córdoba (DOBRY-PRONSATO, 2012) – ou com a própria centralidade do projeto na formação, como o caso da *Unité Pédagogique 6*, em Paris, no contexto político pós maio de 1968 (VIOLEAU, 2005). Outras manifestaram-se em experiências de concepção de currículos inovadores que acabaram não perdurando no tempo, como a dos *Texas Rangers* entre 1951 e 1956, na *Austin Architectural School*, ou, ainda, na chamada "recusa ao desenho" da Escola do Porto em Portugal, entre final dos anos 1960 e início dos 1970.

Algumas experiências de integração no Brasil foram mapeadas por Teixeira (2005)¹ que observou formas concretas de integração de saberes em apenas 14% dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. A autora identificou experiências de integração² de distintos níveis, porém nenhum experimento de integração radical. Incluem nesse rol, a experiência de currículo integrado na Escola da Cidade, a presença de módulos de integração em disciplinas na FAUUSP, integração por ênfase temática nas UFRN³ e UFPR, estratégias mistas de integração na UNICAMP, PUC-RIO, UFRJ e UFMG⁴. Teixeira (2005) demonstra que em parte expressiva dos currículos vigentes naquela época no Brasil as disciplinas de projeto de arquitetura encontravam-se precariamente organizadas e não exerciam papel de aglutinadoras do conhecimento. As experiências de integração do Trabalho Integrado da UFRJ e do Estúdio Vertical da Escola da Cidade foram acompanhadas ao longo de um semestre e avaliadas por Mano (2012), revelando que as vicissitudes nos processos de integração não se restringem às instituições de ensino tradicionais. Veloso e Elali (2014) apontam a figura do workshop como alternativa às disciplinas tradicionais para viabilizar a incorporação da participação de usuários e de diferentes profissionais no ensino do projeto. O relato sobre projeto integrado da FAU-UFRJ (FONTES e FEFERMAN, 2018), que avalia experimento ao longo de 12 anos, expõe o esforço de alinhamento de diversas disciplinas isoladas em um projeto único. Reforça-se por este conjunto, a ideia

de que as saídas para integração só são possíveis a partir da prática efetiva e que seu sentido não é transponível a outro contexto de aplicação.

O quadro acima descrito – somado ao imperativo de adaptação das práticas dos ateliês de projetos de Arquitetura e Urbanismo devido à pandemia da COVID-19 – nos levou a indagar sobre como promover a integração entre distintas disciplinas dentro da estrutura curricular vigente. Como garantir, simultaneamente, a autonomia de conteúdos específicos a serem ministrados de três disciplinas e a sua confluência e interação em um exercício de projeto em situação de *Ensino Remoto Emergencial* (ERE)? Esse foi o questionamento inicial que nos motivou na concepção da Oficina Virtual Integrada (OVI) como um experimento de ensino-aprendizagem. O planejamento da OVI ocorreu no âmbito do *Núcleo Estruturante Docente* (NDE) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como parte dos trabalhos preparatórios à retomada das aulas que haviam sido interrompidas em março de 2020. Após o primeiro experimento em julho de 2020 – ainda em momento de suspensão das atividades acadêmicas –, resolvemos dar continuidade à oficina dentro do calendário letivo, tendo conduzido um total de três edições⁵.

Com base na avaliação dessa experiência, este artigo visa contribuir para compreensão tanto dos limites e das potencialidades do ensino de projeto por meio de plataformas digitais quanto da viabilidade de se operacionalizar abordagens transdisciplinares no processo de ensino-aprendizagem do projeto dentro de estruturas curriculares e administrativas premidas pela fragmentação dos saberes. Para tanto, iniciamos pela caracterização do lugar do projeto no ensino de Arquitetura e Urbanismo, buscando dados que permitam discutir o afastamento em relação a seu sentido tradicional na Escola de Arquitetura da UFMG e interpretá-los à luz de abordagem teórica ampla, que explicita a complexidade envolvida neste deslocamento. Na sequência, avaliamos a possibilidade de reinserir o projeto no curso não mais sob a perspectiva tradicional de cerne central, mas como estratégia de ensino-aprendizagem que permite a condução de investigações transdisciplinares integradas. Examina-se, neste sentido, as possibilidades de integração síncrona e desenvolvimento de saberes e habilidades específicas a cada uma das três disciplinas integradas de forma assíncrona. As estratégias e instrumentos de integração de saberes empregados na OVI e o desenho do ambiente de ensino-aprendizagem em plataforma digital são avaliadas ao longo deste texto não apenas a partir de nossa perspectiva como docentes, mas, também, com o respaldo na sua avaliação pelos bolsistas e discentes envolvidos no experimento. A avaliação das experiências da OVI ocorreu de forma qualitativa, por meio da discussão horizontais sobre as experiências ao final de cada etapa – todas gravadas em forma de vídeo – e quantitativa, mediante questionários de autoavaliação iniciais e finais e questionários finais de avaliação da oficina.

Antes de avançarmos no desenvolvimento da argumentação, devemos fazer a ressalva. Na concepção da experiência que apoia a análise aqui desenvolvida, tivemos por pressuposto a busca de brechas no sistema atual de modo a posicionar aí cunhas que nos dessem margem não somente à experimentação, como, também, ao exercício crítico, evidenciando os contornos das estruturas que coíbem as iniciativas que propõem alternativas à fragmentação. Não se trata, portanto, de apresentar um caso exemplar, mas sim um exercício dentro do possível que, em seu processo contínuo de avaliação e reelaboração, explicita os entraves acadêmicos e administrativos para a integração de saberes e alguns dos limites e das potencialidades que plataformas digitais podem oferecer a este tipo de experimento. Acreditamos que raras vezes experiências particulares possam servir de modelo a outras circunstâncias – na melhor das hipóteses, poderiam ser referência para experimentos que uma vez instituídos, seriam sempre únicos e intransferíveis. No entanto, embora não caiba desenvolvê-lo no âmbito deste texto, há um aspecto passível de generalização porque nos atinge a todos: a fragmentação e os empecilhos à integração do conhecimento advindos da prevalência da lógica administrativa sobre a didático-pedagógica na condução das atividades acadêmicas curriculares (SANTOS, 2002). Esse é decerto um problema comum à totalidade do ensino superior brasileiro de Arquitetura e Urbanismo e tende a piorar na medida em que avança a privatização do setor.

2 O LUGAR DO PROJETO NO ENSINO DE ARQUITETURA E DO URBANISMO

Os temas desenvolvidos nos trabalhos de graduação podem ser encarados como uma espécie de termômetro daquilo que se considera conhecimento relevante no âmbito da formação de arquitetos urbanistas ao longo do tempo. Ainda que as *Diretrizes Nacionais Curriculares para Arquitetura e Urbanismo* definam o Trabalho de Curso como uma investigação técnico-científica, realizada no último ano da graduação, "centrada em determinada área teórico-prática ou de formação profissional" (Resolução CNE/CES, 2010), em geral, os cursos de Arquitetura e Urbanismo estão organizados de modo a que o encerramento da trajetória de formação se dê com um trabalho propositivo. Os temas, obviamente, variam bastante de acordo com a conjuntura político-econômica e cultural, mas são indicadores da tendência de encaminhamento da formação oferecida pelo conjunto da escola, isto é, pelo somatório das ações de pesquisa, extensão e ensino em dado

momento. Nos últimos anos, tem-se observado um aumento no número de trabalhos de viés teórico ou híbrido – teórico-propositivos – na UFMG.

Criada em 1930 como uma instituição de ensino autônoma – incorporada a UFMG apenas em 1946 –, a Escola de Arquitetura da UFMG oferta, atualmente, projetos pedagógicos distintos para cada um de seus dois turnos⁶. Embora as duas versões definam os teores das disciplinas de projeto e o formato do TCC, dados referentes a este último revelam uma tendência comum, amplificada no contexto do ERE, de redução do número de TCCs que se autodeclaram como projetos e, em contrapartida, ampliação do número de monografias. Entre 2012 e 2016, as monografias e os trabalhos chamados pesquisa-projeto, em média representavam 10% do total e raramente ultrapassavam a faixa de 20% (NDE/EA/UFMG, 2017). Tais dados contrastam significativamente com os posteriores a 2018, em que se verificou uma porcentagem significativamente maior de monografia e pesquisas-projeto, cuja soma chegou a 80% em alguns semestres, enquanto a de projetos arquitetônicos como produto dos TCCs não ultrapassou os 20% (NDE/EA/UFMG, 2018; NDE/EA/UFMG, 2019; NDE/EA/UFMG, 2020).

Identifica-se a minoração da importância do projeto que, ao que parece, tende a não mais constituir a espinha dorsal do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFMG. Considerando o projeto como síntese dos saberes, ou lugar de convergência e aplicação do conhecimento em circulação nas escolas, importa indagar sobre o que estaria provocando sua negação. Esta tendência não pode ser considerada um mal em si, mas um indicador de insatisfação com a forma tradicional do projeto – ou mesmo, numa perspectiva otimista, de aumento da consciência de seu papel na cadeia produtiva do espaço construído. A redução do protagonismo do projeto nas escolas pode estar relacionada à sua compreensão como instrumento de diálogo entre o arquiteto e seu interlocutor-cliente em detrimento do projeto de caráter autoral. Neste contexto, estar-se-ia diante de uma alteração da postura profissional, em que haveria uma diminuição da atuação como arquiteto-estrela, como definiu Bonner (2013), e maior abertura à uma postura de assessor técnico na produção do espaço.

Deve-se, no entanto, salientar que, como aponta Pierre Bourdieu, as escolas tendem a ser conservadoras (BOURDIEU, 1989), e isso nos parece especialmente relevante naquelas de formação profissional. Em geral, elas reproduzem nos ambientes de ensino e aprendizagem os valores da prática profissional efetiva ao incorporar pressões do mundo do trabalho. Salvo em raros casos experimentais, alguns deles já citados, a escola tende mais a ser rabo que ponta. Se o projeto clássico ainda constitui a prática corrente da maior parcela da arquitetura (e aí se incluem os principais objetos da arquitetura formal: monumentos, residência burguesa, edifícios institucionais e edifícios destinados à especulação imobiliária); o indício de diminuição do interesse por esse tipo de produção testemunhado nos dados acima sintetizados deve ser examinado à luz de possíveis hipóteses explicativas.

Uma primeira hipótese seria considerar a recusa como indicador de nova percepção de demandas sociais e consequente crise na profissão, indiretamente incidente no ensino. Nesse caso, o desinteresse dos estudantes poderia estar associado a uma falta de perspectiva de atuação dentro dos moldes tradicionais. Essa constatação não é difícil de ser feita. Há muito que sabemos que, embora as escolas estejam orientadas (seja nos temas, seja nos métodos que praticam) para a produção extraordinária – isto é, para a produção de edifícios monumentais, com peso autoral da parcela dos arquitetos eminentes –, elas formam, em massa, arquitetos cuja atuação nunca ultrapassará o setor subordinado. Sabendo que a regra de acesso ao pequeno grupo dos arquitetos eminentes, à sala VIP da arquitetura, depende mais do capital social do que de sua formação acadêmica, não é possível encontrar motivos para tal orientação do ensino que não a de manter em evidência o setor eminente e o culto à produção extraordinária, sobretudo em contextos que se pretendam inclusivos.

Outra hipótese é de que essa negação poderia ser explicada a partir da crítica ao projeto que vem sendo formulada tanto no âmbito da pesquisa e pós-graduação, quanto no âmbito da extensão, o que tem definido uma nova percepção de demanda social e possibilidades de atuação profissional. Por um lado, as investigações sobre métodos de projeção têm buscado ultrapassar as práticas tradicionais, focadas na produção da arquitetura monumental e extraordinária – em que prevalecem valores como autoria, integridade formal, com pouca ou nenhuma participação efetiva dos futuros usuários. Por outro lado, a extensão voltada para o atendimento de demandas populares, parcela da produção em geral pouco ou nada contempladas pelo exercício profissional tradicional dos arquitetos – tanto eminentes quanto subordinados – tem deixado claros os limites do projeto tradicional. Os pressupostos e o método de projeção tradicional distorcem, em diversas ocasiões, a percepção das realidades específicas dos diversos grupos sociais e acabam por promover simulacros de participação e por impor soluções espaciais e técnico-construtivas nada adequadas a essas realidades. A recusa ao projeto poderia ser, nesse caso, uma recusa ao método tradicional de projeção e pode ser interpretada como um recado dos estudantes a um ensino que insiste em perpetuar práticas que, além de obsoletas, não conferem as atribuições para a prática profissional que eles de fato vão enfrentar.

A maior parte do espaço construído no Brasil hoje é autoproduzido, ou seja, não conta com nenhum tipo de assessoria técnica. As reflexões e teorias acerca da assessoria técnica ainda não foram suficientemente difundidas e debatidas e, portanto, não foram incorporadas amplamente pelas escolas. Não é de se admirar, por conseguinte, a defasagem entre currículo e realidade da prática profissional. Se considerado em seu conjunto, é inegável que o conhecimento, seja teórico, seja prático, seja empírico, em circulação na Escola de Arquitetura da UFMG ainda tende a privilegiar a parcela formal da produção do espaço. Já se manifesta, no entanto, em parte das disciplinas de projeto dessa instituição, uma reação que busca ultrapassar o modernista-funcionalista-autoral por meio do desenvolvimento de novos métodos e procedimentos projetuais.

Tais especulações apontam para a necessidade de analisar a profissão e suas implicações no ensino. Ainda que fundamentais para a orientação de ações no âmbito das escolas, a complexidade da rede de agentes e fatores envolvidos na questão está muito além das possibilidades da reflexão esboçada nesse artigo. A dificuldade está posta já de início: como encaminhar uma discussão dessa natureza a partir das escolas? Nossa percepção local do problema decerto é apenas a manifestação de uma crise muito maior. Na atual conjuntura, o conhecimento, a ação e a representação políticas, o sentido e orientação da produção, a própria legitimidade da educação pública estão em jogo. Ainda que as motivações da crise sejam profundas e apontem para uma revisão do modo de produção, que visivelmente está em rota de colisão com a capacidade de suporte do planeta, cabe-nos a construção de alternativas para superação da crise. Esse problema já vem sendo percebido, com maior ou menor clareza, pelo coletivo das escolas e tem desencadeado reações organizadas (MOASSAB, A.; NAME, L. 2020). De imediato, temos de enfrentar um primeiro obstáculo à construção de alternativas ao ensino de Arquitetura e Urbanismo: a fragmentação curricular imposta pela organização do atual sistema educativo.

3 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS DE INTEGRAÇÃO NÃO HIERARQUIZADA ENTRE SABERES

Se admitimos a existência de uma crise do projeto e de sua centralidade no ensino de Arquitetura e Urbanismo, como e por que concebê-lo como lugar de integração entre diferentes disciplinas? A projeção, como se sabe, requer reflexões que envolvem conhecimentos de história, do pensamento urbanístico e edificado, das tecnologias, da construção, da representação gráfica, dos métodos de projeto, etc. Optar por uma integração a partir do exercício do projeto não significa necessariamente reafirmar o projeto em sentido tradicional, com programas de ensino orientados à produção extraordinária. Pelo contrário, a proposta da Oficina Virtual Integrada (OVI) utiliza-se do projeto como dispositivo de ensino-aprendizagem que permite restaurar a articulação desses saberes em um único ambiente de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo experimentar outros métodos e procedimentos de projeto.

A fragmentação dos saberes não é, obviamente, problema específico da formação em Arquitetura e Urbanismo. O educador espanhol José Mariano Enguita (1989) afirma que a divisão do trabalho tem um homólogo na divisão interna escolar. Segundo ele, a contradição entre a universalidade do processo de produção capitalista e a unilateralidade do trabalhador individual, encontraria seu correspondente educacional na contraposição entre a universalidade do saber e a unilateralidade das unidades de ensino por meio das quais ele é transmitido. O trabalhador enfrenta a organização do processo produtivo como algo externo, visível apenas para quem o organiza para o capital, ou seja, como algo dado, predeterminado, legitimado e, portanto, de difícil contestação. De forma análoga, o estudante, igualmente, enfrenta uma suposta unidade das organizações curriculares. O saber transmitido torna-se inquestionável porque foi selecionado e organizado pela instituição, numa tarefa delegada e legitimada pela sociedade. A posição passiva do estudante diante dos saberes selecionados pelo currículo não é diferente da posição do trabalhador diante do processo de produção. Eis, portanto, o papel da escola na divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual (SANTOS, 2002).

O exercício do projeto integrado na formação de Arquitetura e Urbanismo nem sempre subverte tal lógica. Não por acaso, muitas das experiências de integração em cursos de Arquitetura e Urbanismo tenderam a reproduzir no ateliê a estrutura hierárquica de trabalho em um escritório, na qual o arquiteto assume o papel de chefe de equipe multidisciplinar e coordenador da execução de projetos complementares. Neste sentido, em muitos ateliês integrados tem-se a figura do professor de projeto arquitetônico análoga a do coordenador de uma equipe, composta por docentes de outros campos disciplinares, que assessora em escalas alteradas, o exercício de projeto dos estudantes. Nesses casos, professores de disciplinas que não as de projeto tornam-se meros consultores, isto é, não há integração de fato e permanece o sentido hierárquico, reproduzindo a prática de escritório, ainda que de modo cooperado.

Na estrutura proposta para a OVI, no entanto, buscamos distanciar-nos desta abordagem: o mote central em sua concepção esteve na construção de alternativas à fragmentação do conteúdo mais do que na tentativa de reproduzir um ambiente de trabalho acessível a uma parcela pequena dos futuros profissionais. Buscamos,

portanto, garantir a integração de conteúdos por meio do exercício de projeto sem adotar uma estrutura vertical. A oficina foi concebida a partir de três disciplinas – Projeto Arquitetônico, Desenho Urbano e Tecnologia da Construção – que desenvolveram seus conteúdos separadamente (aulas e atividades assíncronas), mas que convergiram suas orientações para um trabalho de projeto comum, por meio de encontros síncronos.

Em outras palavras, buscamos garantir a individualidade dos saberes a serem ministrados por cada um dos docentes participantes da oficina e construir – no espaço síncrono do ateliê virtual e no exercício do projeto – o local de sua convergência, colocando em prática o exercício da projeção como aglutinador dos saberes. Desta forma, as aulas assíncronas e leituras de textos de apoio da disciplina de Tecnologia buscaram desenvolver temas diversos tais como: análise de insolação e projeto de proteções solares; características dos sistemas construtivos e as suas implicações no microclima; seleção de materiais e impactos na ilha de calor urbana; geração fotovoltaica distribuída; abastecimento de água, aproveitamento de águas pluviais e reuso de águas cinzas, princípios básicos da pré-fabricação; soluções pré-fabricadas para sistema estrutural; e soluções pré-fabricadas para sistema de vedação. Os conteúdos desenvolvidos pela disciplina de Desenho Urbano envolveram questões pertinentes à densidade urbana (cidade compacta e tendência à dispersão); requisitos para mobilidade ativa; planos e propostas urbanas em debate para Belo Horizonte; leitura do lugar e desafios para sua realização de forma virtual; bem como aspectos de leitura urbana. Já a disciplina de Projeto Arquitetônico enfatizou em suas aulas e atividades assíncronas o comportamento da água em áreas urbanizadas; a flexibilidade e mutabilidade dos espaços amparada na *teoria do suporte e do recheio* (HABRAKEN, N. J. et al. 2000).

A abordagem do projeto como lócus de convergência de saberes sem hierarquia entre as supracitadas disciplinas potencializa a abordagem transescalar no ateliê; passa-se, constantemente, do detalhe construtivo ao espaço urbano e vice-versa, sem uma sequência pré-estabelecida, permitido ao estudante revisar criticamente as decisões tomadas ao longo de todo processo. Em outras palavras, “cada projeto se move em várias escalas”, sem uma relação hierárquica pré-definida entre estas, de forma a demonstrar sua condição urbana e comprovar sua coerência (BUSQUETS, 2006).

Salientamos que o projeto integrado, resultado final da oficina, é compreendido não apenas como um articulador de saberes, mas também como produtor de conhecimento. Tal qual destaca Viganò (2014), por meio do desenvolvimento do projeto investigam-se e examinam-se “as repercussões sobre o espaço de uma cadeia hipotética de eventos, de ações, de decisões, diversamente distribuídas no tempo” (VIGANÒ, 2014). Ou seja, espera-se que o estudante, ao ser provocado a integrar em seu objeto de investigação os diferentes saberes adquiridos ou reforçados pelas aulas e atividades assíncronas das três disciplinas, seja capaz de tencionar estes conhecimentos pela prática, assuma a autonomia e a responsabilidade por seu processo de aprendizagem, identifique as fissuras e os ruídos que demandam a reestruturação do material de apoio por parte dos docentes.

Para além do exercício do projeto, buscaram-se, ao longo das três edições da OVI, diferentes alternativas de promoção da integração. Na primeira, propôs-se aos estudantes a organização de algumas páginas *wiki* com temáticas de cada disciplina que serviriam de embasamento ao desenvolvimento do projeto. Talvez pelo fato de se tratar de estudantes habituados ao ensino presencial, essa ferramenta de interação assíncrona, teve baixa adesão e revelou resultados pouco expressivos e foram substituídas por outras estratégias de integração nas ofertas subsequentes.

Nesse sentido, nas segunda e terceira ofertas da OVI, introduzimos, para além do projeto integrado, um exercício inicial, nomeado *Temas Transversais*. Este exercício correspondeu a curtas investigações – correspondendo a aproximadamente um terço da carga-horária da disciplina – orientadas por cada um dos docentes integrantes da oficina e capazes de articular as três áreas de conhecimento. Buscamos, por meio deles, ampliar as interfaces entre as três disciplinas – e a interação entre os alunos – bem como orientar e direcionar a discussão sobre as aulas e atividades assíncronas de cada disciplina.

Na segunda edição da OVI, os *Temas Transversais* – Águas Urbanas; Densidades, Usos e Apropriações; Módulos Espaciais e Construtivos – foram articulados de modo a alimentar a compreensão do contexto urbano do terreno em que se ancoram as diferentes escalas do projeto integrado. Desta forma, cada um dos três grupos de investigação buscou, para além de compreender aspectos teóricos pertinentes às temáticas específicas às quais estavam vinculados, contribuir para o entendimento do lugar a partir dessas chaves. Dois instrumentos de colaboração em rede foram utilizados para tanto: um *Mapa Colaborativo* e uma *Linha do Tempo*. O grupo de *Módulos Espaciais e Construtivos* tratou de identificar no entorno urbano diferentes técnicas construtivas, alimentando a linha do tempo com informações sobre edifícios relevantes e o mapa colaborativo com links para estudos dos sistemas construtivos para alguns destes edifícios. O grupo de *Águas Urbanas* contribuiu para os instrumentos colaborativos com o entendimento do comportamento das águas no entorno, fazendo simulações de trajetos do escoamento das águas superficiais, identificando localização e

situação das infraestruturas urbanas e dos córregos canalizados. O grupo de *Densidade, Usos e Apropriação* buscou correlacionar as dinâmicas e apropriações urbanas com o entendimento das relações das densidades líquida e bruta, bem como com especulações sobre as possíveis alterações nessas se implementadas as densidades previstas pelo novo Plano Diretor de Belo Horizonte.

Aproveitando-se do fato de que as edições da OVI foram realizadas sempre no mesmo ambiente virtual de ensino e aprendizagem, a terceira edição da OVI deu continuidade aos instrumentos colaborativos iniciados no semestre anterior, complementando o exercício de compreensão do contexto no mapa colaborativo e na linha do tempo e contrastando-o, nesse momento, com um exercício comum de abstração. Nomeado *Especulações sobre o Cubo*, cada grupo transversal – nesta edição intitulados: *Tectônica do Cubo; Densidades, Usos e Apropriações; Módulos Espaciais e Construtivos* – buscou o entendimento de suas temáticas específicas por meio de sua aplicação em um exercício abstrato a partir desta forma geométrica básica. O exercício foi pensado em duas etapas, gerando na entrega intermediária um produto a ser intercambiado com um dos outros grupos. O grupo *Tectônica do Cubo* especulou com a articulação de diversas espacialidades possíveis em um cubo determinado, que logo foram contrapostas às condicionantes técnicas dos sistemas construtivos e espaciais e às configurações de variadas densidades. O grupo *Densidades, Usos e Apropriações* buscou o entendimento de diferentes conceitos e propostas de densidades simulando no contexto urbano de intervenção – por meio da repetição de um cubo abstratamente associado a quatro habitantes – algumas referências da história do urbanismo (as densidades propostas por Howard, Le Corbusier, Jacobs e Krier). O grupo de *Módulos Espaciais e Construtivos* utilizou-se do cubo para investigar a aplicação de diferentes sistemas construtivos e de coordenação modular em três situações de densidades distintas (baixa, média e alta). As especulações sobre os sistemas construtivos e coordenação modular deste grupo – produto intermediário – foram empregadas pelo grupo de *Tectônica* na segunda etapa. Já um dos cubos habitáveis desenvolvidos pelo grupo de *Tectônica do Cubo* serviram para que grupo de *Densidades, Usos e Apropriações* pudesse simular arranjos espaciais para uma densidade variável em um mesmo quarteirão – trazendo a escala da vida cotidiana e as dinâmicas urbanas potenciais para dentro da investigação. Um dos quarteirões simulados por este grupo, por sua vez, serviu para que o grupo de *Módulos Espaciais e Construtivos* inserisse sua investigação em um contexto urbano – ainda que abstrato – e pudesse compreender a coordenação dos sistemas construtivos com as condicionantes ambientais. Em suma, os produtos de cada grupo foram apropriados criativamente pelos demais grupos e dessa interação resultaram produtos analisados e criticados em todas as escalas.

Encerrada a investigação dos *Temas Transversais*, as equipes de projeto e o desenvolvimento de seus trabalhos passam a ser o lugar de integração e tensionamento dos saberes e aprendizados da etapa precedente. O experimento foi pautado por princípios pedagógicos que estimulassem (a) a ampliação da compreensão do espaço (em suas diversas escalas) e dos fenômenos urbanos; (b) o respeito o conhecimento prévio dos estudantes como condição para a incorporação do conhecimento formal selecionado para ser ministrado pela oficina; (c) a promoção a autonomia coletiva de todos os participantes do projeto. Para além de um terreno de implantação e ancoragem urbana, alguns condicionantes básicos foram dados ao exercício do projeto por cada uma das disciplinas: a investigação de projeto a partir da Teoria do Suporte e Recheio aplicados a uma edificação de uso misto com habitação de interesse social; a coordenação modular e construtiva; a coerência entre a solução tecnológica e a proposta arquitetônica; as interfaces entre o espaço urbano e o arquitetônico; o redesenho das articulações urbanas e sequências de espaços públicos no contexto de inserção urbana; a integração a redes de mobilidade ativa e o desenvolvimento de estratégias de microdrenagem.

No desenvolvimento do projeto, uma escala de horários para orientação com cada um dos professores foi disponibilizada para que os estudantes tivessem autonomia na definição dos assessoramentos desejados de acordo com as questões que fossem aparecendo ao longo do exercício. Uma premissa desta proposta foi a de estimular o ensino de projeto como um processo aberto e cíclico em que se alternam fases de produção (identificação de demandas, problematização e proposta de solução) com fases de apresentação e discussão de soluções (bancas de apresentação de trabalhos). Ou seja, ao contrário de um processo linear – em que o problema é claramente definido antes de qualquer tentativa de solução –, o problema investigado pela projeção vai se tornando mais claro à medida em que se tenta solucioná-lo repetidamente. A consideração dos objetos em concepção e escalas variadas – do urbano ao detalhe técnico-construtivo – é um dos principais agentes integradores dos saberes.

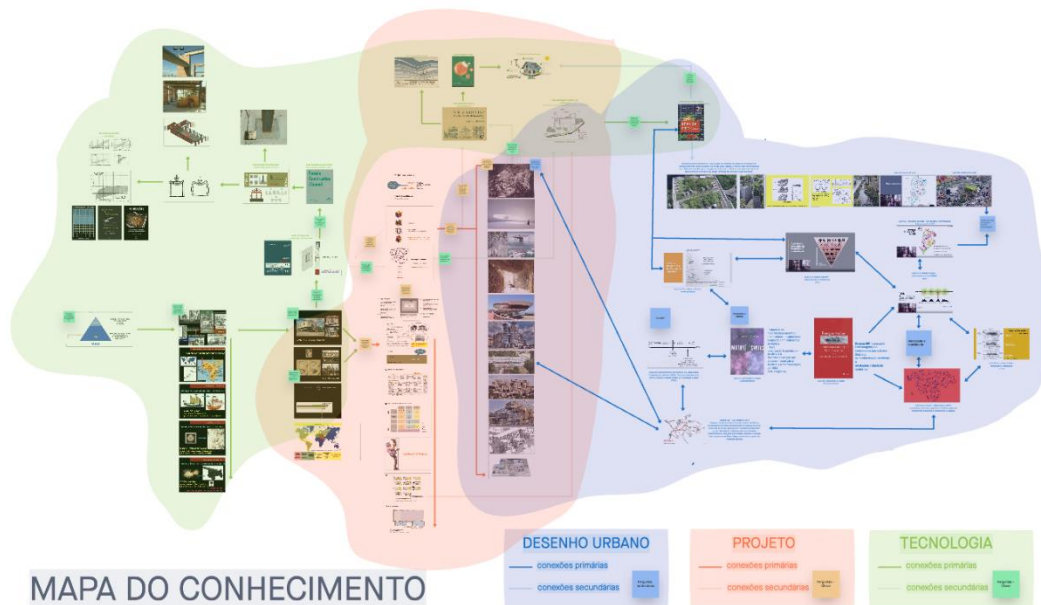
É importante destacar o exercício de avaliação da oficina feita pelos docentes e discentes envolvidos. Após a primeira realização, antes da retomada das aulas por meio do ERE, buscamos consolidar a análise crítica do experimento inicial, utilizando de um sistema de avaliação multipolar. Desse sistema constavam um questionário de autoavaliação prévia e final, para além da avaliação final da oficina, acompanhamento e monitoramento por pares – professores que não participaram diretamente da experiência de ensino-aprendizagem – e depoimentos livres dos alunos no seminário final. Tal conjunto de dados foi cotejado com

o material produzido pela oficina a fim de permitir uma avaliação crítica aprofundada da oficina e ao mesmo tempo identificar elementos que direcionaram o trabalho na segunda oferta, que ocorreu no segundo semestre letivo de 2020.

Precedeu a segunda oferta um redesenho do experimento de ensino-aprendizagem que investigou a fundo a possibilidade de construção de um processo que permitisse ampliar a participação dos estudantes na formulação do plano de ensino e dos objetos de estudo. Para tanto, revisamos o ambiente remoto de aprendizagem e ampliamos o material didático de provocação de interesse visando a formulação, por parte dos estudantes, de "perguntas genuínas" que, por sua vez, orientaram a construção do plano de ensino. Ao final da segunda oferta, repetimos o processo minucioso de avaliação, revisão e redesenho do processo, do material didático e do ambiente remoto de aprendizagem, o que levou a ajustes para a terceira oferta.

As conversas e diálogos constantes no processo de elaboração, condução e reelaboração OVI evidenciaram a necessidade de que nós construíssemos um instrumento de diálogo – e síntese dos debates – entre as três disciplinas. Logo, de forma processual, e não como um objeto pronto e acabado, materializou-se na terceira edição o diagrama nomeado de *Mapa do Conhecimento* (ver Figura 1) que busca sintetizar os saberes abordados na oficina. Neste instrumento de diálogo, se condensam e sobrepõem as discussões sobre os temas e matérias com aplicação direta no ensino ou de fundamentação teórica e metodológica que orientaram nossas premissas e posições; explicitam-se tanto a identidade de cada disciplina como as articulações existentes.

Figura 1: Mapa do Conhecimento. Diagrama elaborado para a oficina



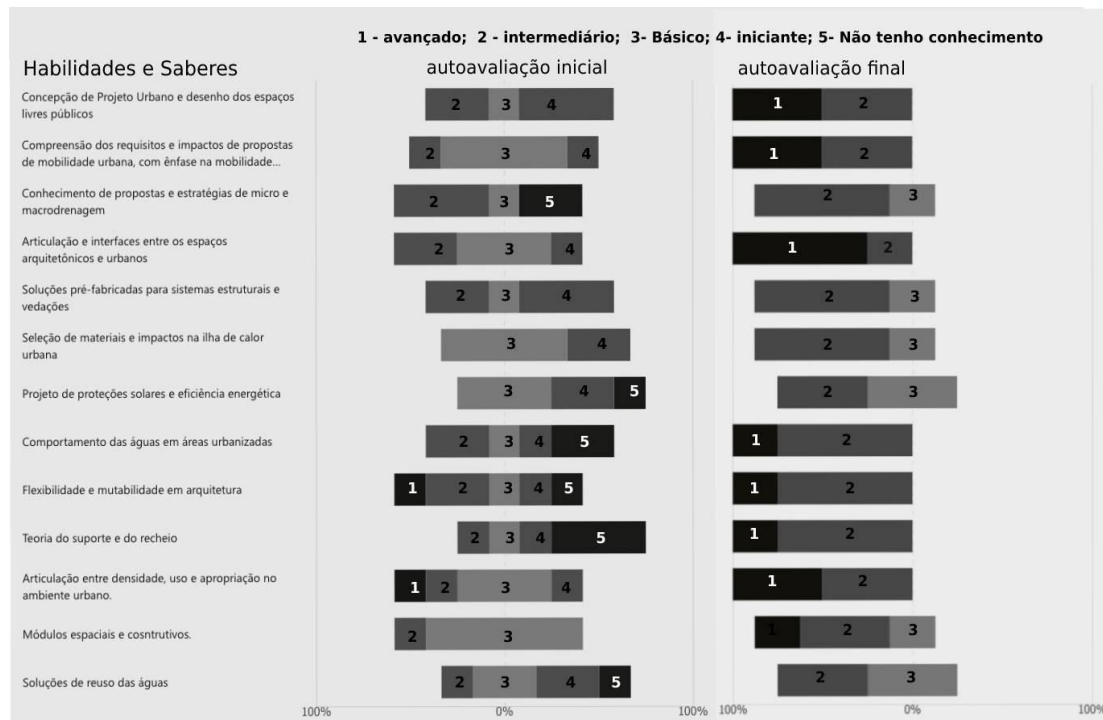
Fonte: Elaboração dos autores.

A despeito de ser uma experiência em contínua revisão e ajuste, a comparação entre as autoavaliações inicial e final (ver Figura 2), permite observar que após terem cursado a oficina, os estudantes sentiram-se mais seguros em termos de conhecimento e domínio de todas as habilidades e saberes abordados na OVI.

Não obstante os benefícios para o aprendizado de iniciativas de integração de saberes, não se pode ser ingênuo ao assumi-la como desafio. A estrutura organizativa da Universidade tem sido modelada pela lógica da fragmentação desde que o Estado assumiu o controle dos currículos nos anos 1930. E essa lógica, que hoje permeia todas nossas ações, foi incrementada pela Reforma Universitária de 1968, a partir da qual foi adotado o modelo norte-americano de organização por departamentos e fixado o então chamado currículo mínimo. Dentre os efeitos perniciosos da hegemonia da lógica de fragmentação estão o que poderíamos chamar de feudalização de conhecimentos pelos departamentos e o controle do tempo dos encargos didáticos dos professores, interditados de compartilhar um mesmo ambiente de ensino. Quando ocorrem, cabe aos professores assumirem o ônus do compartilhamento. A oferta da OVI, por exemplo, foi viabilizada pelo Departamento de Projetos, dentro da categoria dos *Pflex* (projetos flexíveis) com 60 horas-aulas, tendo

atendido a 30 estudantes nas três ofertas. Embora participem de todas as aulas, o tempo dos três professores é contabilizado em 20 horas, o que nos obriga a uma atitude pouco profissional que se aproxima da militância.

Figura 2: Gráfico comparativo entre respostas das autoavaliações iniciais e finais. Dados coletados e sistematizados a partir das respostas à questão "Como você avalia seu nível de conhecimento em relação aos aspectos abaixo?" integrante dos questionários de autoavaliação inicial e final enviados aos discentes.



Fonte: Elaboração dos autores, com base no questionário de autoavaliação discente.

4 DESENHO DO AMBIENTE DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Como imaginar um ambiente virtual de ensino-aprendizagem que seja capaz de se aproximar do ateliê de projeto, local onde se tem, tradicionalmente, grande interação não apenas entre professores e estudantes, mas também entre pares? Na primeira realização da OVI interessava principalmente avaliar limites e possibilidades do ensino de projeto com auxílio de mídias e plataformas digitais e, desta forma, contribuir para o escrutínio de uma das principais inquietações então identificada pelo NDE entre os docentes da Escola de Arquitetura da UFMG em relação ao ERE. A incerteza e resistência iniciais em perscrutar o ERE para as disciplinas práticas de Arquitetura e Urbanismo, longe de ser um aspecto específico a essa instituição, radica-se tanto na concepção tradicional do ambiente de ensino-aprendizagem do projeto como um ateliê como no posicionamento do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) que decidiu recusar, em março de 2019, por ocasião da 88ª Reunião Plenária do Conselho, o pedido de registro de profissionais formados em Ensino à Distância. Corroboram também neste sentido as instruções MEC/SESu/CEAU de 1997 que, ao estabelecer as diretrizes de qualidade para as graduações em Arquitetura e Urbanismo, definiam a ideia do Ateliê de Projetos como elemento central nestes cursos, como "um espaço de domínio do estudante, onde os temas em andamento possam ser objeto de exposição, de apresentação e de discussão de casos" (MEC/SESu/CEAU, 1997).

A situação do ERE motivou, portanto, a indagação inicial sobre como seria possível constituir tal espaço de "domínio do estudante" em plataformas digitais. O desenho do ambiente da OVI buscou, nesse sentido, verificar as potencialidades de combinações entre atividades assíncronas e síncronas no processo de ensino-aprendizagem do projeto, bem como investigar formas de fomentar a interação diversas entre os estudantes neste contexto.

Embora o experimento tenha ponto de chegada aberto, isto é, a despeito de que haja certo grau de imprevisibilidade, típico dos processos de projeto, para além da análise crítica periódica de seus produtos, a oficina prevê avaliações tanto do ponto de vista dos professores e do ponto de vista dos estudantes envolvidos, visando aprofundar nas questões relativas à construção do desenho do ambiente de ensino e

aprendizagem, aos métodos e materiais didáticos e às ferramentas de apoio. É com base nestas avaliações que tecemos as discussões apresentadas nesta seção.

A hospedagem da oficina foi sistematizada na Plataforma *Teams*, visto que esta era oficialmente disponibilizada pela UFMG para realização de atividades síncronas durante o ERE. Originalmente desenvolvida para realização de trabalho remoto em empresas, a plataforma *Teams* sofreu adaptações, feitas pelo próprio desenvolvedor, para se adequar às atividades de ensino. O desenho da oficina nesse ambiente virtual pautou-se tanto na possibilidade de testar os diferentes recursos que lhe podem ser integrados, como no princípio de evitar ao máximo as orientações ocorressem mediante o compartilhamento da tela do aluno, visto que já sabíamos de antemão que as diferentes velocidades de conexão poderiam comprometer a qualidade da imagem recebida e impedir a visualização dos trabalhos.

A concepção dos canais do *Teams* procurou aproximar o ambiente virtual de um ateliê de projeto. Para tanto, definiu-se o canal Geral como o local das referências coletivas da oficina e estabeleceu-se também um canal público para cada equipe de alunos. No canal Geral, ficam disponíveis todos os materiais coletivos da oficina organizados em abas. Há uma aba para as aulas assíncronas e síncronas gravadas (aba *Aulas* vinculada a canal no *Microsoft Stream*). Outra, para arquivos de textos para aprofundamento, materiais de referência, bases DWG e SKP da área de estudo, escala de orientações, plano de ensino e enunciado das atividades (arquivos nas pastas na aba Arquivos). A *Linha do Tempo*, o *Mapa Colaborativo* e o *Mapa do Conhecimento* contam cada um com uma aba específica. Por fim, temos uma aba denominada *OVI Apresentações* destinada à exposição e apresentação dos trabalhos desenvolvidos.

Os canais de equipe foram entendidos como *Mesas de Trabalho* nas quais os estudantes tinham total autonomia para inserir novos conteúdos, nos quais se deu a orientação síncrona dos trabalhos. Estes canais das equipes puderam ser visitados a qualquer instante pelos integrantes (professores, monitores e estudantes) da oficina. Tal como em um ateliê de projeto, o trabalho em desenvolvimento esteve exposto sobre a mesa e pode ser consultado e comentado por todos de modo assíncrono (por meio de comentários deixados nos arquivos na ferramenta de conversa lateral) e síncrono (por meio das reuniões de trabalho das equipes e das orientações síncronas, sendo essas todas públicas, em horários agendados). Além disso, cada canal de equipe contou uma aba vinculada ao aplicativo *Invision* – quadro branco infinito de desenho colaborativo – que assumiu o papel de um mural no qual se colocavam os materiais, imagens e representações a serem discutidos. Esse recurso permitiu que as reuniões de trabalho e as orientações com os professores acontecessem de forma bastante fluida, já que todos puderam acessar e desenhar sobre o material ali disponibilizado simultaneamente. Ao final da oficina, tinha-se todo o registro do processo de projeto de cada equipe pelo ponto de vista das três disciplinas envolvidas, o que permitiu avaliar tanto o produto final apresentado como o aspecto processual.

Entendemos que a criação de espaços de colaboração coletiva é essencial não apenas por possibilitar a construção da noção de turma entre os estudantes da oficina. Viabilizam-se, por meio daqueles, trocas e intercâmbios nos quais os saberes social e empiricamente construídos e conhecimentos prévios de cada um dos integrantes afloram de forma não-programada e contribuem, em seu conjunto, para o desenvolvimento de todos. Possibilitar oportunidades de aproximação da interação mediada àquela espontânea, característica dos ateliês de projeto, foi, portanto, a premissa que conduziu a seleção das ferramentas didático-pedagógicas e a organização do espaço de ensino-aprendizagem da oficina.

Na realização da primeira experiência da OVI buscou-se uma analogia entre o ateliê presencial e o virtual, utilizando-se para tanto os espaços de discussão ampliada: aula inaugural síncrona, bancas e seminário final. Para estes espaços de discussão ampliada a primeira OVI já previa estratégias no sentido de fomentar maior protagonismo discente dentro da oficina que, como obtiveram bons resultados, foram reproduzidas nas ofertas subsequentes. Para tanto, utilizamos dois instrumentos: as Avaliações Colaborativas e a participação dos alunos na crítica aos projetos na chamada Banca Invertida – em analogia ao conceito de sala de aula invertida⁷. Ambos se apoiam na entrega dos produtos intermediários e final acompanhada por um vídeo de apresentação. As *Avaliações Colaborativas* foram questionários com questões abertas e fechadas por meio das quais cada grupo avaliou, antes da realização da *Banca Invertida*, os trabalhos desenvolvidos pelos demais colegas. Nosso objetivo foi tanto fomentar o olhar crítico – sobre o trabalho do colega e sobre o que ele reversamente revela sobre o próprio trabalho do avaliador –, como também consolidar conceitos e identificar pontos que precisam ser melhor abordados, visto que os estudantes foram convidados a verificar como os aspectos trabalhados pelas três disciplinas comparecem no trabalho desenvolvido pelo colega.

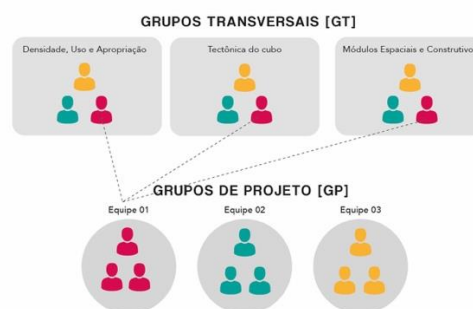
A *Banca Invertida* foi um encontro síncrono em que docentes e estudantes, após terem assistidos a todas as apresentações enviadas de forma assíncrona (vídeo de até 15 minutos com a síntese da proposta e caderno de desenhos ilustrando o processo de projeção e os desenhos técnicos que resultaram desse processo), reuniram-se para discutir horizontalmente a qualidade dos resultados. A condução dessa sessão síncrona foi feita seguindo moldes de debates, onde houve espaço para réplicas e esclarecimentos dos discentes após a

fala dos professores e dos colegas. A equipe de professores elaborou, previamente a este momento, um parecer sobre o trabalho de cada grupo observando sua área de conhecimento específica, ou seja, reforçando a ideia de um produto comum para três disciplinas distintas. Na primeira edição da OVI, as bancas ocorreram com o auxílio do aplicativo *Invision*, com o objetivo de constituir mural para a *Exposição Virtual dos Trabalhos* permitindo a todos (professores, monitoras e estudantes) interação em tempo real, seja realizando uma apresentação, seja fazendo sinalizações, desenhando, comentando ou complementando o conteúdo. Contudo, as diferentes velocidades de internet prejudicaram a dinâmica, dificultando a visualização dos trabalhos dos colegas. Nas demais edições da oficina, optou-se por um dos docentes compartilhar a tela com o arquivo da apresentação do projeto em debate de forma a ilustrar a discussão crítica dos trabalhos entre estudantes, monitores e docentes.

A avaliação final do primeiro experimento explicitou que o ambiente virtual havia permitido de modo satisfatório a interação entre professores e estudantes assim como entre estudantes de uma mesma equipe de projeto; mas havia sido incapaz de fomentar uma identidade de turma. Os canais das equipes de projeto – as "mesas de trabalho" – foram intensamente utilizados durante e fora do horário síncrono da oficina. Neste sentido, constituíram de fato um ambiente de trabalho de domínio dos estudantes: este foi não apenas das orientações, mas também de troca de informações e desenvolvimento dos trabalhos. Entretanto, observamos que a interação entre integrantes de distintas equipes de projeto – imaginada por meio da interação síncrona e assíncrona entre os canais das equipes e sem a mediação dos docentes – não foi satisfatória. O ateliê não havia criado oportunidades para interlocuções não programadas que usualmente ocorrem quando se compartilha um mesmo ambiente de trabalho.

Visando a superação dessa baixa interação, houve uma reestruturação da oficina em duas etapas, ambas com atividades realizadas em grupos com composições distintas. A primeira é a já descrita atividade dos *Temas Transversais* e a segunda a atividade de projeção. Para alcançar maior interação entre os grupos de projeto, propusemos que estes, uma vez constituídos, indicassem um representante para participar de cada equipe de investigação dos *Temas Transversais* (ver figura 3). O intercâmbio entre as composições das equipes nas duas etapas potencializou as interações nas segunda e terceira ofertas da oficina.

Figura 3: Composição dos grupos Transversais e de Projeto.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A atividade de *Temas Transversais*, em particular, ao constituir objetos de investigação comum nos quais se calcam os projetos desenvolvidos, oportunizou a colaboração entre os estudantes. Ademais de espaço para discussões estruturadas sobre as aulas assíncronas e leituras complementares, as atividades colaborativas – sejam elas concebidas como uma alternativa à visita ao local, como a Linha do Tempo e Mapa Colaborativo, ou como investigação abstrata que potencializa a compreensão dos conceitos, no caso das Especulações sobre o Cubo – criaram um ambiente de trabalho comum que não havia sido possível na primeira edição.

A *Linha do Tempo (LT)* e o *Mapa Colaborativo (MC)* da área – elaboradas em ferramenta colaborativa *Padlet* – corresponsabilizaram os estudantes na busca de constituir experiência análoga à possibilidade de visita ao lugar – inviável no contexto de isolamento social⁸. A combinação entre os instrumentos da LT e MC, alimentados com os resultados das investigações de *Temas Transversais*, constituiu um elemento de interação social que retirou os estudantes da posição de passividade em relação ao aprendizado e os colocou como produtores de conhecimento. A cada nova oferta da OVI novas camadas de informações sobre o local foram inseridas na LT e no MC, permitindo sua compreensão como ferramenta aberta – em construção permanente –, como local de colaboração entre turmas distintas e como memória do experimento de ensino-aprendizagem.

A construção de produtos intermediários intercambiáveis, experimentada na terceira oferta, bem como a definição de um horário comum a todos de discussão e avaliação da produção do ateliê – ao final de cada um dos encontros síncronos – revelaram-se muito satisfatórios para potencialização das interações entre estudantes e para a construção de uma identidade de turma. Ao receber um objeto abstrato e inconcluso de outra equipe, os grupos de investigação de *Temas Transversais* tiveram que ampliar o diálogo com os demais colegas, procurando entender em maior profundidade os trabalhos por eles desenvolvidos.

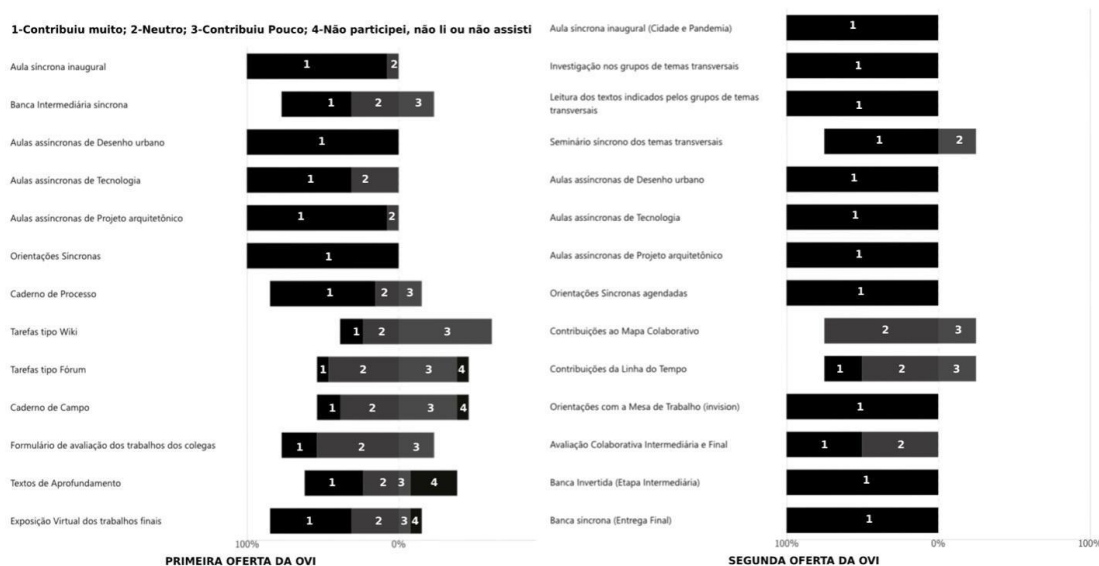
Para além das ferramentas já mencionadas, o mural de postagens da plataforma é outra possibilidade assíncrona de interação que contribuiu para uma vivência análoga à de turma, pois nele foram postados avisos, dúvidas ocorridas fora do horário de aula, comentários sobre trabalhos dos colegas, conversas entre equipes. Os professores e a equipe de monitoria fizeram uso desse recurso e incentivaram que os estudantes também se apropriassem dele para manter a comunicação da turma aberta. No entanto, deve-se ter clareza que o formato das postagens se assemelha a uma interface de rede social. O acúmulo de postagens dificulta consultas e leituras posteriores. Portanto, não é um recurso recomendado para armazenamento de documentos ou conteúdos de referência. Todavia é bastante útil para trocas rápidas de informação.

Pelo ponto de vista geral da ferramenta, tivemos uma experiência satisfatória em relação a gestão e organização do conteúdo, bem como a incorporação de uma ampla gama de recursos para a construção do ambiente de aprendizagem. Entendemos ser uma característica positiva as informações estarem disponíveis e estruturadas em um mesmo lugar, sem a necessidade de sair da plataforma para acessar conteúdo ou ferramentas fora desta – evita-se a dispersão entre vários programas abertos simultaneamente. Contudo, de início a estruturação da disciplina pareceu, inicialmente, mais trabalhosa do que nos cursos presenciais. A experiência de uso da plataforma reduziu essa impressão. Apesar das habilidades adquiridas no uso da plataforma, entendemos que sua estrutura arbórea e hierárquica é pouco favorável à orientação do usuário dentro do ambiente.

As avaliações dos alunos sobre as ferramentas utilizadas no ambiente de ensino-aprendizagem da OVI ratificaram muitas das impressões iniciais dos docentes e revelaram questões que deveriam ser aprofundadas e revistas. Afora problemas já relatados no uso do aplicativo *Invision* para a exposição virtual e para as bancas, houve, de modo geral, a percepção de que os instrumentos de mediação de interação assíncrona, bem como os conteúdos direcionados ao autoestudo – característicos do ensino a distância – contribuíram pouco no processo de aprendizagem.

As tarefas wiki, fóruns e o caderno de campo – quadro de desenho colaborativo utilizado para orientar a leitura do lugar na primeira realização da OVI – foram os instrumentos mais mal avaliados (ver Figura 4). Estes instrumentos foram abandonados nas edições subsequentes devido a percepção, também, de que contribuíram pouco para a interação entre os alunos. Na segunda edição da OVI, os instrumentos de colaboração assíncrona - LT, MC e *Formulário de Avaliação Colaborativa* – foram operacionalizados nas atividades desenvolvidas em encontros síncronos e ampliaram-se as estratégias para fomentar a interação não-programada. Essa revisão permitiu melhor avaliação destas ferramentas.

Figura 4: Gráfico dos resultados de avaliação dos recursos e estratégias de ensino-aprendizagem utilizados.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nas respostas ao questionário de avaliação da disciplina

De forma semelhante, observou-se certa dificuldade, confirmada pelos estudantes, no estabelecimento de um percurso pelas videoaulas das três disciplinas e pelo material didático de apoio. Os estudantes esperavam ser tutorados no percurso por esse material assíncrono, buscando também um ordenamento integrado das videoaulas. A estratégia de articulação e estruturação deste material a partir da investigação de Temas Transversais, implementada na segunda OVI, parece ter permitido contornar esta dificuldade, permitindo melhor avaliação das aulas assíncronas e textos de aprofundamento (comparar gráficos da Figura 3).

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

Considerando o caráter propositivo da profissão de arquiteto urbanista nos parece natural que se enfatize o exercício do projeto e do plano, embora muitas vezes tenham premissas e procedimentos criticáveis conforme a circunstância de aplicação. Tal dimensão propositiva leva a crer que todas as matérias do currículo deveriam convergir para as disciplinas de projeto arquitetônico e de desenho e planejamento urbano; mas não é isso que ocorre. Muito ao contrário, há um incômodo difuso provocado pela fragmentação, notoriamente contraditória com a ideia de proposição, isto é, projetos e planos, como lugar de síntese de conhecimentos. Mas, além disso, a fragmentação não se limita a compartimentar conteúdos de conhecimento, estendendo-se para a lógica de organização dos currículos e da administração do tempo escolar. Em outras palavras, toda a estrutura burocrática da Universidade está pautada pelo controle do tempo e pela territorialização dos saberes em departamentos. Muitos fatores se opõem às desejadas integração e transdisciplinaridade das retóricas em prol da educação integral. Dentre as principais transformações em nosso ambiente escolar hoje está o deslocamento da posição hegemônica do projeto.

Neste contexto, idealizamos a OVI como um local de discussão e experimentação. Suas três edições nos autorizam a fazer alguns apontamentos, uma espécie roteiro para aprofundamento das questões suscitadas ao longo de suas aplicações e avaliações. Os pontos abaixo listados são na verdade propostas de discussão que embora muitas vezes tenham características exageradamente locais tocam desafios vivenciados por inúmeros cursos de Arquitetura e Urbanismo podendo servir como referência para investigações em outras circunstâncias similares.

- Amadurecimento da articulação entre saberes: Experimentos que, de alguma forma, radicalizaram arranjos curriculares e métodos de ensino – embora, muitas vezes, tenham se tornado modelos mitificados – não raro tiveram curta duração e foram reprimidos. Essa posição muitas vezes pode ser paralisadora para os que almejam transformações significativas no ensino, posto que sua aura de sucesso nos impede de perceber que eles são inevitavelmente construções coletivas, sujeitas a marchas e contramarchas, que a rigor nunca se concluem e se tornam produtos acabados. Tais experiências, embora inspiradoras, são intransponíveis de um ambiente a outro. As propostas de integração necessitam tempo de amadurecimento e reflexão e, se forem de fato radicais, jamais perderão sua dimensão experimental e estarão sempre abertas a transformações. No caso da OVI, a integração de enunciados e conhecimentos específicos mobilizados para o ambiente de ensino e aprendizagem se aprofundou e se reorganizou a cada edição da disciplina. Temos convicção que embora tenha atingido um grau satisfatório de estabilidade, ainda há margem a novas proposições;
- Descompasso temporal da lógica administrativa como entrave à integração dos saberes: Vale a pena chamar atenção para o fato de que a burocracia que permeia as organizações curriculares é francamente contraditória ao combate à fragmentação já que está em sua própria origem. A compartimentação em disciplinas compromete o tempo do estudante ao ponto de impossibilitar o aprofundamento de temas de seu interesse genuíno. É paradoxal, mas os currículos ultra segmentados retiram do estudante o tempo para estudar. Por outro lado, a fragmentação também impede a construção de projetos comuns entre os professores que têm sempre sua carga horária de dedicação comprometida quando buscam experimentar qualquer arranjo extraordinário. Será preciso rever a regra e buscar outros formatos de disciplinas e atividades acadêmicas curriculares que deem margem à integração;
- Projeto como processo de invenção e descoberta: A fragmentação tende a impor linearidade ao raciocínio projetual: os diversos saberes que supostamente deveriam convergir para as instâncias propositivas do projeto e do plano são apresentados de modo estanque aos estudantes, a quem cabe aplicá-los nas situações cabíveis. A OVI buscou combater essa característica na medida em que mobilizou para um mesmo objeto de estudo as contribuições de três disciplinas tradicionais, buscando trazer à consciência dos estudantes as variações da importância de aspectos particulares desse objeto conforme a escala de consideração;
- Trabalho colaborativo: Os interesses dos estudantes não são homogêneos. Entendemos, a partir disso, que a tarefa da OVI era oferecer oportunidades de exercitar a projeção sem necessariamente reproduzir seus modelos convencionais. Para isso, invertemos valores tradicionalmente cultivados no âmbito do projeto arquitetônico, como é o caso da autoria. A alternância de participação dos estudantes nos grupos de projeto e nos grupos transversais ampliou o contato com os estudos dos colegas, ultrapassando a proposição individual para chegar a uma proposição aberta, conjunta e interativa;
- Compartilhamento de orientações: As orientações dos professores em relação ao objeto de projeto nem sempre são convergentes ou unívocas. Importa muito mais estimular no estudante a construção do nexos na argumentação que orienta suas decisões de projeto. A divergência explícita entre os professores tem a intenção de responsabilizar o estudante por seu processo de descoberta e invenção. Obviamente, observamos certa

insegurança da parte deles em manter uma discussão horizontalizada durante as orientações. A maioria deles jamais havia experimentado orientações compartilhadas.

O obstáculo à integração nos parece muito maior do que uma experiência como a que trazemos à discussão, e nos parece impossível ultrapassá-lo completamente somente com nossa ação como professores. Sabemos que se trata de uma crise profunda, embora seus efeitos se manifestem de modo sutil, ainda. Sentimos o efeito das pressões do capital sobre a Educação de modo geral por meio de um incômodo particular manifestado com a fragmentação crescente dos saberes que envolvem a produção do espaço. Em vista disso, apostamos numa ação local, mínima, como uma forma de lidar com dificuldades imediatas de interação disciplinar e administrativas por um lado, e por outro, em compreender e responder a algumas transformações que conseguimos perceber a partir dessa mirada desde o nível micro.

4 REFERÊNCIAS

- AMORIM, L. M. E. et al. Conceito, instrumento, integração: postulados pedagógicos do CAU/UFPE. XXXIII ENSEA Encontro Nacional sobre Ensino de Arquitetura e Urbanismo, p. 210-223, 2014.
- BONNER, Jennifer. Death of The Star Architect. In: KARA, Hanif; GEORGOULIAS, Andreas; SILVETTI, Jorge. HARVARD UNIVERSITY. *Interdisciplinary design: new lessons from architecture and engineering*. New York: Harvard University Graduate School of Design: Actar: ActarD, 2012. ISBN 9788415391081.
- BOURDIEU, Pierre. A Escola Conservadora. In: *Educação em Revista*, 1989, n.10, pp.5-15.
- BUSQUETS, Joan; CORREA, Felipe (org.). *Cities X Lines: New Lens for the Urbanistic Project*. Cambridge: Harvard University, 2006.
- CAVALCANTE, E. S. Repercussão da integração de conteúdos das disciplinas nos Trabalhos Finais de Graduação do CAU-UFRN (2003 a 2010). 2015. (Doutora). PPGAU - UFRN, UFRN, Natal.
- CARRAGONE, Alexander. *The Texas Rangers: notes from an architectural underground*. London, The MIT Press, 1995.
- DOBRY-PRONSATO, S. A. O taller total: uma experiência de ensino e arquitetura e urbanismo. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, [S. l.], v. 19, n. 31, p. 178-199, 2012. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v19i31p178-199. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/48198>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- ENGUITA, Mariano F. *A Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no Capitalismo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p.191-196.
- FONTES, A. Sansão; REGO, A. Queiroz; FEFERMAN, Carlos. *Reflexões sobre ensino integrado do projeto de arquitetura*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HABRAKEN, N. J. et all. *El Diseño de Soportes*. Barcelona, editorial Gustavo Gili, 2000 (1974).
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- HAUTECOEUR, Louis. *Histoire de l'Architecture Classique en France*. Paris, Picard, 1948.
- INEP; CONFEA. Trajetória e estado da arte da formação em engenharia, arquitetura e agronomia. Volume X: Arquitetura e Urbanismo. INEP, Brasília, 2010.
- LIMA, V. M. F. D.; VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. M.; NOBRE, P. J. L. Saindo das caixinhas: por um processo ensino-aprendizagem mais próximo da realidade. In: *Anais do XXXIV ENSEA/ XVIII CONABEA*. Natal: ABEA 2015.
- MANO, Rafael Simões. *Ensino de Projeto e Projeto de ensino: contribuições à integração na educação em Arquitetura*. Rio de Janeiro. FAU UFRJ, 2012 (tese de doutorado).
- MEC/SESu/CEAU. *Perfis da Área & Padrões de Qualidade. Expansão, Reconhecimento e Verificação periódica dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo*. MEC/SESu, Brasília, 1997.
- MEC. Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior – Cadastro E-Mec. Brasília. MEC, 2023. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/> Acessado em 12/08/2023.
- MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (Orgs.) *Por um Ensino Insurgente em Arquitetura e Urbanismo*. Foz do Iguaçu, Ed. UNILA, 2020.

MONTES, Fernando. *Depoimento*. [20 de dezembro de 2011]. Santiago do Chile: Arquivo digital da gravação (1hora e 28min.). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza.

RYKWERT, Joseph. *The First Moderns*. Cambridge/London: The MIT Press, 1983.

SANTOS, Roberto E. *Atrás das Grades Curriculares: da fragmentação do currículo de graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil*. Belo Horizonte: NPGAU-EAUFMG, 2002 (dissertação de mestrado).

STEVENS, Garry. The Historical Demography of Architects. *Journal of the Society of Architectural Historians*, 1996, v. 55, no 4, pp. 435-453.

TEIXEIRA, Kátia Azevedo. *Ensino de Projeto: integração de conteúdo*. São Paulo. FAUUSP, 2005 (tese de doutorado).

VIEIRA DE ARAÚJO, N. M.; OLIVEIRA, G. P.; CAVALCANTE, E. O “Projeto Integrado” no CAU-UFRN: o amadurecimento de uma prática pioneira de integração curricular. In: *Anais do XXXIV ENSEA/ XVIII CONABEA: Qualidade no ensino de Arquitetura e Urbanismo: inovação, competências e o papel do professor*. Natal: ABEA, 2015. p. 490-501.

VELOSO, Maísa; ELALI, Gleice. Projeto como construção coletiva: da participação à colaboração – os desafios do ensino. In: *Anais do III ENANPARQ - Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*. São Paulo/ Campinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie / Puc Campinas, 2014.

VIGANÒ, Paola. *Les Territoires de l'Urbanisme*. Paris: Metis Presses, 2014.

VIOLEAU, Jean-Louis. *Les architectes et Mai 68*. Paris: Éditions Recherche, 2005.

NOTAS

¹ Salientamos que o contexto brasileiro do ensino de Arquitetura e Urbanismo em 2005 se diferencia sobremaneira do atual. Naquele momento havia em atividade 185 cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, dos quais 41 em instituições públicas (INEP, 2010). Em 2023, o país conta com 831 cursos, 69 deles em instituições públicas (MEC, 2023). Contudo, não se dispõe de publicações posteriores a Teixeira (2005) dedicadas a oferecer um panorama nacional sobre a integração de saber na formação em Arquitetura e Urbanismo.

² Para além das experiências analisadas por Teixeira (2005), destacamos também a experiência de integração implementada pela UFPE desde 2006 – ver a respeito Amorim et al (2015).

³ Desde a década de 1990 a UFRN implementou a integração como um dos princípios de seu currículo (VIEIRA DE ARAÚJO et al, 2015; CAVALCANTE, 2015). Sobre experimentos de integração ensejados no curso de graduação desta instituição: Veloso e Elali (2014); Lima, Vieira de Araújo e Nobre (2015) e Cavalcante (2015).

⁴ As experiências de ateliê de projeto integrado da UFRJ e da UFMG, implementadas nos currículos de 2006 e 1997, respectivamente, tiveram suas disciplinas parcialmente excluídas nas últimas revisões curriculares – FAU/UFRJ (2021) CCGAU/UFMG (2023).

⁵ A continuidade do experimento contou com o apoio da Prograd da UFMG, por meio do Edital Programa para o Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDGE) de 2020. O projeto contou com três bolsistas de graduação e um de pós-graduação.

⁶ O novo projeto pedagógico, aprovado na Congregação em maio de 2023, será aplicado aos dois turnos quando implementado, acabando com a diferença de PPCs que vigora há mais de dez anos.

⁷ A sala de aula invertida é um método ativo de ensino-aprendizagem no qual o professor compartilha previamente o material de apoio, ou a aula em formato de vídeo, e o espaço da sala de aula é utilizado para discussão de assuntos já vistos em casa.

⁸ A *Linha do Tempo* e o *Mapa Colaborativo* foram alimentados previamente à realização da Oficina Virtual Integrada com conteúdo diverso organizado e elaborado pelas monitoras, tanto no tempo como no espaço: notícias de jornal, dados históricos, fotos, vídeos de percursos no lugar, enfim numerosos e diversos materiais.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

TECTÔNICA E TECNOLOGIAS DA CONSTRUÇÃO EM PROJETOS PEDAGÓGICOS DE ARQUITETURA

TECTÓNICA Y TECNOLOGIAS DE CONSTRUCCIÓN EN PROYECTOS PEDAGÓGICOS DE ARQUITECTURA

TECTONIC AND CONSTRUCTION'S TECHNOLOGIES IN ARCHITECTURE'S PEDAGOGIC PROJECTS

SOUZA, CAROLINA HELENA MIRANDA E

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, UFMG/ IFMG, E-mail: carolina.souza@ifmg.edu.br

CARSALADE, FLÁVIO DE LEMOS

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, UFMG, E-mail: flavio.carsalade@terra.com.br

RESUMO

A questão central da pesquisa de tese da qual deriva este artigo é verificar a relação entre o desenvolvimento de habilidades em projeto e os conhecimentos sobre tectônica e tecnologia da construção. O recorte desta pesquisa que trazemos aqui é uma revisão da legislação relativa ao tema e uma análise de alguns Projetos Pedagógicos de Cursos de Arquitetura e Urbanismo. A revisão da legislação abarcou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Arquitetura e Urbanismo de 2010. Foram analisados os Projetos Pedagógicos e documentos de seis cursos, dos quais quatro são de instituições públicas brasileiras e dois são de instituições portuguesas. A análise dos cursos buscou identificar: 1. estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos técnicos com o desenvolvimento de habilidades em projeto, como metodologias específicas; 2. menções específicas ao ensino de tecnologias da construção e tectônica; 3. divisão ou classificação das disciplinas em relação ao seu conteúdo (projeto, tectônica), com o objetivo de compreender se houve intenção explícita de equilibrar a carga horária reservada aos diferentes conteúdos do curso e se foram elaboradas estratégias para a interseção desses conteúdos; 4. relação com conteúdos de tecnologias da construção e tectônica nas ementas das disciplinas de projeto. Na conclusão apresentamos análises sobre dados quantitativos dos currículos e a avaliação de que, apesar de a legislação brasileira contar com indicações para que os cursos sejam elaborados considerando as especificidades locais, na prática os currículos ainda guardam muitas semelhanças.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura; tectônica; conteúdos tecnológicos; projeto pedagógico; ensino.

RESUMEN

El tema central de la investigación de tesis de la que deriva este artículo es verificar la relación entre el desarrollo de habilidades de diseño y el conocimiento sobre tectónica y tecnología de la construcción. El recorte de esta investigación que traemos aquí es una revisión de la legislación relacionada con el tema y un análisis de algunos Proyectos Pedagógicos de Cursos de Arquitectura y Urbanismo. La revisión de la legislación abarcó la Ley de Directrices y Bases de la Educación de 1996 y las Directrices Curriculares Nacionales de los cursos de Arquitectura y Urbanismo de 2010. Se analizaron los Proyectos Pedagógicos y documentos de seis cursos, de los cuales cuatro son de instituciones públicas brasileñas y dos de instituciones portuguesas. El análisis de los cursos buscó identificar: 1. estrategias didácticas de enseñanza-aprendizaje que relacionen el conocimiento técnico con el desarrollo de habilidades proyectuales, como metodologías específicas; 2. menciones específicas de enseñanza de tecnologías de la construcción y tectónica; 3. división o clasificación de disciplinas en relación con su contenido (proyecto, tectónica), con el objetivo de comprender si hubo una intención explícita de equilibrar el tiempo de clase para diferentes contenidos del curso y si se desarrollaron estrategias para la intersección de estos contenidos; 4. relación con contenidos de tecnologías de la construcción y tectónica en los programas de las disciplinas proyectuales. En conclusión, presentamos análisis de datos cuantitativos de currículos y la evaluación de que, aunque la legislación brasileña tiene indicaciones para que los cursos consideren las especificidades locales, en la práctica los currículos tienen muchas similitudes.

PALABRAS CLAVES: arquitectura; tectónica; tecnología arquitectónica; proyecto pedagógico; enseñanza.

ABSTRACT

The central issue of the thesis research from which this article derives is to verify the relation between the development of design skills and knowledge about tectonics and construction technology. This research' section is a legislation review and an analysis of some Pedagogical Projects of Architecture and Urbanism Courses. The revision of the legislation is about 1996 Education's Base Guidelines Law and the 2010 National Curriculum Guidelines for Architecture and Urbanism courses. The Pedagogical Projects and documents of six courses were analyzed, of which four are from Brazilian public institutions and two are from Portuguese institutions. The analysis of the courses sought to identify: 1. didactic teaching-learning strategies that relate technical knowledge with the development of project skills, such as specific methodologies; 2. specific mentions of teaching construction technologies and tectonics; 3. division or classification of disciplines in relation to their content (project, tectonics), with the aim of understanding whether there was an explicit intention to balance the workload reserved for the different contents of the course and whether strategies were developed for the intersection of these contents; 4. relations with contents of construction technologies and tectonics in the project courses. In conclusion, we present quantitative data analyses from the curricula and the assessment that, although the Brazilian legislation indicates that courses consider local specificities, in practice the curriculum still have many similarities.

KEYWORDS: architecture; tectonics; architectural technology; pedagogic project; teaching.

Recebido em: 02/05/2023

Aceito em: 14/11/2023

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DA LEGISLAÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como questão central analisar a relação entre o desenvolvimento de habilidades em projeto de arquitetura e os conhecimentos sobre tectônica e tecnologia da construção. Este recorte da pesquisa é referente à revisão da legislação relativa ao tema e da análise de Projetos Pedagógicos de Cursos selecionados conforme critérios explicados à frente.

As Tecnologias da Construção e a Tectônica não possuem definição exata. Como explicado à frente, Tecnologia da Construção é um dos conteúdos curriculares previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Arquitetura e Urbanismo. Não há maiores informações nas diretrizes sobre quais são essas tecnologias e como abordá-las. A Tectônica também é um tema amplo, sem definição exata mesmo nas principais referências sobre o assunto, como o livro *Studies in Tectonic Culture* de Kenneth Frampton (1995). A discussão sobre seu entendimento é ampla e ocupa um capítulo da tese em desenvolvimento, que os autores planejam publicar em breve. Para este artigo, consideramos as menções explícitas ao termo tectônica. Assim, consideramos que a discussão quanto à definição exata deste termo pode ser colocada em outra oportunidade, sem prejuízo da proposta deste artigo.

A legislação relacionada aos cursos de Arquitetura e Urbanismo, da sua criação ao seu funcionamento, foi revisada com a intenção de compreender as possibilidades e os limites dos cursos no campo legal. Os dois principais documentos consultados, com foco no último, foram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (BRASIL, 1996), conhecida pela abreviação LDB, e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Arquitetura e Urbanismo (Brasil, 2010).

A LDB, dentre outros conteúdos, apresenta os princípios e fins da educação nacional, define os responsáveis - União, Estado ou Município - pelos diferentes sistemas de ensino e define os níveis e modalidades de educação e ensino (Brasil, 1996, Art. 2º e 3º; Art. 8º ao 19; Art. 21 ao 60-B). Seus dispositivos estão mais relacionados a aspectos administrativos da educação do que a aspectos curriculares ou didáticos. Suas indicações nesse último sentido são em caráter de diretrizes, não prescritivo. Por exemplo, a LDB indica que uma das finalidades da educação superior é “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade” (ibidem, Art. 43, inciso VI). Essa é uma indicação de interesse específico para esta pesquisa, pois o tipo de conhecimento estimulado, no caso dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, está associado à capacidade de elaborar soluções de projeto coerentes com seu contexto geográfico, econômico e social, incluindo seus aspectos tectônicos. Porém a efetivação desse artigo depende de condições como previsão curricular e de iniciativa docente, pois não está associado a elementos prescritivos, como o modo de implementá-lo, e nem a penalidades em caso de descumprimento.

O segundo documento analisado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de Arquitetura e Urbanismo (Brasil, 2010), possuem caráter de maior especificação, dada a própria natureza do documento. As Diretrizes orientam quanto às competências e habilidades desejadas para o futuro profissional e, como a Carta para a Educação dos Arquitetos da Unesco (UNESCO, 2011), prescrevem uma formação de “profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, à organização e à construção do espaço interior e exterior” (BRASIL, 2010, art. 3º). O documento também indica que o egresso deve ter capacidade para “conceber projetos [...] e para realizar construções, considerando os fatores de custo, de durabilidade, de manutenção e de especificações”, “o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos” e ter “compreensão dos sistemas estruturais e o domínio da concepção e do projeto estrutural” (ibidem, art. 5º). Ou seja, são exigidos o domínio de uma variedade de conhecimentos sobre tecnologia das construções, além de conhecimento prático e capacidade de aplicá-los às necessidades sociais. Esse mesmo documento apresenta exigências de características dos cursos que podem colaborar para atingir tal formação, como as “formas de realização da interdisciplinaridade”, os “modos de integração entre teoria e prática” e as “formas de avaliação do ensino e da aprendizagem” (ibidem, art. 3º).

Os componentes curriculares definidos pelas diretrizes curriculares são “projeto pedagógico, descrição de competências, habilidades e perfil desejado para o futuro profissional, conteúdos curriculares, estágio curricular supervisionado, acompanhamento e avaliação, atividades complementares e trabalho de curso” (Brasil, 2010, art. 2º). Na sequência são definidas as características mínimas do projeto pedagógico, como objetivos do curso, contextualização e formas de oferta (ibidem, art. 3º). Esse artigo também indica que sejam apresentadas as formas para a prática da interdisciplinaridade, integração entre teoria e prática e entre níveis diferentes de ensino, formas de avaliação do ensino e da aprendizagem. Não há orientação quanto ao formato de inserção desses recursos, seja em formato de diretrizes, mais flexíveis, ou em formato de dispositivos, de implementação mais específica. No primeiro caso, em formato de diretrizes, há maior

liberdade docente na definição da disciplina, o que também implica a possibilidade de que esses recursos não sejam aplicados. O segundo caso deixa o currículo mais rígido, mas facilita a implementação dos recursos citados, por já estarem presentes na estrutura curricular. A forma de implantação dessas sugestões - interdisciplinaridade, integração entre teoria e prática e entre níveis de ensino, formas de avaliação - não é mencionada, e fica a critério daqueles envolvidos na elaboração ou revisão do Projeto Pedagógico de Curso nas instituições.

Os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) e seus respectivos currículos foram destacados como vieses desta pesquisa por serem as principais referências documentais de um curso. O PPC é o registro da distribuição dos conteúdos em disciplinas, das disciplinas nos períodos, da possível relação entre essas unidades, além de indicar direta ou indiretamente a vocação da formação proposta. Esse documento é um registro e o resumo de inúmeras reflexões decorrentes de sua construção e do histórico do curso, em caso de revisão. Ele é representativo da comunidade que o elaborou, pois conta com a participação de representantes de diversas categorias relacionadas ao curso, seja nos processos de elaboração ou tramitação para aprovação, em instância colegiada. Por ele também é possível acompanhar as evoluções de uma carreira, por conter o registro dos temas que compõem e dos que deixam de compor as matrizes e sua relevância, o tempo de dedicação a cada conteúdo e as formas de abordagem dos mesmos. O PPC é a base para o funcionamento de um curso, um espaço de sedimentação de experiências, e ao mesmo tempo é lugar do debate e da evolução da formação proposta. Sua discussão promove arejamento das ideias, abre espaços para debate sobre métodos, conteúdos, estratégias de ensino e aprendizagem. Todo esse movimento é representado pelo currículo, que representa o acordo possível entre os vários entendimentos de curso. A partir da verificação de falhas ou de anacronismos no currículo, novas rodadas de discussão devem ser abertas para sua atualização. Esses aspectos positivos do currículo são mencionados como potenciais, pois na prática ele pode ser apenas uma formalidade, com trechos copiados de outros currículos ou elaborado sem maiores reflexões.

Considerando os potenciais curriculares mencionados, a análise destes documentos foi adotada para buscar compreender algumas das suas características. Um primeiro critério para a seleção dos cursos analisados é que estes fossem preferencialmente públicos. A origem do financiamento de um curso tem impactos na sua elaboração geral, na definição dos conteúdos, na seleção dos docentes e no público que o acessa. A diferença nas formas e critérios de contratação docente implicam em possibilidades de composição curricular distintas daquelas de cursos de instituições privadas. Nas instituições públicas, os docentes são selecionados por concurso ou processo seletivo e dedicam 40 ou 20 horas de trabalho semanalmente. Devido à maioria dos professores ser de funcionários efetivos, é necessário considerar suas formações e habilitações nas definições curriculares e, de forma semelhante, considerar a projeção dos cursos ao longo do tempo para a definição do perfil profissional buscado nos concursos para seleção de docentes. Os objetivos da oferta do curso também são diferentes, visto que a educação pública tem o compromisso de retorno social para o povo que a financia e não há relação financeira com o estudante, que não é seu cliente, mas seu usuário. Um segundo critério para a seleção dos currículos analisados é a representatividade geográfica. Para atender esse critério foram analisados dois cursos na região sudeste do Brasil - o de atuação profissional da autora e o da escola onde este doutorado é cursado -, um curso na região nordeste e um na região sul, esse último com amplitude latino-americana, além de dois cursos em Portugal, para representatividade internacional.

Os cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil são regidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais específicas da formação, que instituem características gerais para a criação e aprovação dos cursos a serem ofertados em território nacional. As diretrizes especificam as competências e habilidades desejadas para o egresso, a serem promovidas por conteúdos curriculares. Esses conteúdos devem ser distribuídos em três grupos - Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, Núcleo de Conhecimentos Profissionais e Trabalho de Curso -, aos quais recomenda-se interpenetrabilidade. O Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação é integrado por Estética e História das Artes; Estudos Sociais e Econômicos; Estudos Ambientais; Desenho e Meios de Representação e Expressão. O Núcleo de Conhecimentos Profissionais é integrado por Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo; Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo; Planejamento Urbano e Regional; Tecnologia da Construção; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Técnicas Retrospectivas; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Topografia. A disposição dos conteúdos pode ser de forma prática e teórica, individual ou em equipe, por meio de conferências, palestras, ateliês, laboratórios, viagens de estudo, visitas a canteiros, pesquisas (BRASIL, 2010, art. 6º). Nesse trecho as DCN indicam possibilidades variadas para a disposição dos conteúdos, mas como em sua indicação sobre interdisciplinaridade e integração, essa indicação também está no formato de diretrizes, e sua implementação depende da transformação dessas diretrizes em dispositivos nos currículos ou da iniciativa docente.

Após a seleção dos cursos, seus Projetos Pedagógicos foram analisados buscando identificar estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos técnicos com o desenvolvimento de habilidades em projeto. Foram realizadas as seguintes buscas:

- Estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos técnicos com o desenvolvimento de habilidades em projeto, como metodologias específicas;
- Menções específicas ao ensino de tecnologias da construção e tectônica;
- Divisão ou classificação das disciplinas em relação ao seu conteúdo (projeto, tectônica), com o objetivo de compreender se houve uma intenção explícita de equilibrar a carga horária reservada aos diferentes conteúdos do curso e se foram elaboradas estratégias para a interseção desses conteúdos;
- Relação com conteúdos de tecnologias da construção e tectônica nas ementas das disciplinas de projeto.

A pesquisa por disciplinas de projeto que fizessem alguma relação com conteúdos de tecnologias e tectônica retornou os seguintes resultados, explicitados nos tópicos relativos a cada curso:

- Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG): Estúdio 04, Estúdio 05;
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), curso diurno: ementas não disponíveis;
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), curso noturno: não encontradas na lista de disciplinas do Departamento de Projetos;
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN): Projeto de Arquitetura I, Projeto de Arquitetura III e Projeto de Arquitetura IV;
- Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA): Arquitetura II, Arquitetura IV;
- Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura: Laboratório de Arquitetura III; Laboratório de Projeto II, Laboratório de Projeto III;
- Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura: Projecto I, Projecto II, Projecto III.

A análise quantitativa da distribuição das cargas horárias nas matrizes curriculares foi iniciada com a categorização das disciplinas dos currículos selecionados conforme os conteúdos curriculares das DCN-AU e cálculo da porcentagem da carga horária destinada a cada um destes. Cada disciplina foi relacionada a um conteúdo que mais a representasse e, para os casos em que não foram verificadas ligações evidentes de disciplinas com algum dos conteúdos curriculares, foi dada a classificação “não evidente”. A partir dessa classificação, foram gerados os seguintes dados: carga horária e porcentagem dedicadas ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação e ao Núcleo de Conhecimentos Profissionais, além de Trabalho de Curso e outros conteúdos; carga horária e porcentagem dedicada a cada conteúdo curricular que compõem os núcleos. O tema “tectônica” tem um amplo significado e se relaciona com vários dos conteúdos curriculares listados nas DCN. Para simplificar a pesquisa, foi considerada a carga horária destinada ao conteúdo “Tecnologia da Construção”. Como principais dificuldades/entraves na realização da classificação pretendida foram detectadas:

- a adoção, nos currículos analisados, de agrupamentos de disciplinas diferentes daqueles propostos nas DCN. A Tabela 1 contém um resumo da divisão indicada nas DCN e das apresentadas nos Projetos Pedagógicos dos cursos analisados, pois a falta de padrão na definição dessas classificações é um obstáculo para o desenvolvimento de levantamentos estatísticos como o intencionado nesta proposta.
- a incompatibilidade gerada pelo fato de as DCN enquadrarem os conteúdos de “Desenhos e Meios de Representação e Expressão” no Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação e os conteúdos de “Informática aplicada à Arquitetura e Urbanismo” no Núcleo de Conhecimentos Profissionais; uma vez que, na prática esses conhecimentos estão conectados e podem estar inseridos na mesma disciplina ou em disciplinas sequenciais.
- a classificação em apenas um Núcleo ou Conteúdo Curricular, tendo sido observado que várias disciplinas poderiam receber uma segunda ou terceira classificação, mas apenas aquela considerada como principal foi utilizada; nesse caso, a subdivisão de disciplinas entre Conteúdos curriculares distintos geraria uma grande carga de trabalho adicional para obter uma maior precisão, não necessária aos objetivos desta pesquisa.

Tabela 1 - Divisão apresentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais e divisões utilizadas nos currículos nacionais estudados.

| DCN (2010) Divisão: Núcleos | Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação | Núcleo de Conhecimentos Profissionais | Trabalho de Curso |
|---|--|--|--|
| IFMG (2019) Divisão: 4 ciclos | Ciclo Básico (1º e 2º períodos) Ciclo Profissionalizante 1 (3º, 4º e 5º períodos) | Ciclo Profissionalizante 1 (3º, 4º e 5º períodos) Ciclo Profissionalizante 2 (6º, 7º e 8º períodos) | Trabalho de Conclusão de Curso (9º e 10º períodos) |
| UFMG (2010, diurno) Divisão: 4 eixos, com suas subdivisões | Dentre outras, Área de tecnologia da arquitetura e urbanismo (4 linhas) Área de projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico (4 grupos) | | |

| | | | |
|--|--|---|---------------------------------|
| UFMG (2008, noturno) Divisão: Núcleos | Dentre outros, Núcleo I: Conteúdos de Projetos Integrados de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Núcleo III: Conteúdos de Tecnologia da Construção (NTC) Núcleo VIII: Conteúdos de Sistemas Estruturais (NSE) | | |
| UFRN (2006) Divisões: Núcleos e Áreas do Conhecimento | Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação (1º ao 4º períodos) | Núcleo de Conhecimentos Profissionais (4º ao 9º períodos) | Trabalho de Curso (10º período) |
| | Dentre outras Áreas do conhecimento, Área de Projeto Área de Tecnologia Disciplinas Inter-áreas, como Atelier Integrado | | |
| UNILA (2014) Divisão: Eixos de Instrumentação e Eixo de Ateliers Integrados | Estudos Latino-americanos Crítica Leituras e Representação Técnica | | Ateliers Integrados |

Fonte: elaborado pela autora.

2 ANÁLISE DOS CURSOS E SEUS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) Campus Santa Luzia

O curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Minas Gerais tem sede no campus de Santa Luzia, que se localiza na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O curso foi iniciado com a inauguração do campus, no ano de 2014, junto aos cursos de Bacharelado em Engenharia Civil, Tecnólogo em Design de Interiores, Técnico em Edificações e Técnico em Paisagismo. O Projeto Pedagógico do Curso vigente é de fevereiro de 2019¹.

Estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto são mencionadas em dois trechos do PPC, ao referenciar o Projeto Pedagógico Institucional (IFMG, 2019, p. 9) e o Plano de Desenvolvimento Institucional (ibidem, p. 16), documentos gerais do IFMG. Tais menções foram realizadas de forma generalizada, sem qualquer especificidade do curso. Na pesquisa pelo termo “metodologia” foram encontradas várias menções, além de um tópico inteiro de orientações metodológicas (tópico 8.1.4). Porém tais menções também foram realizadas de forma generalizada, no nível de diretrizes e sem dispositivos ou incentivos para aplicação direta. No subtópico “Processo de construção do conhecimento em sala de aula” o documento afirma que

As metodologias de ensino utilizadas no curso de Arquitetura e Urbanismo do campus Santa Luzia valorizarão: as capacidades e conhecimentos prévios dos discente [...]; os valores e concepções de mundo dos discentes [...]; o trabalho coletivo entre docentes e equipe pedagógica [...]; o uso de diferentes estratégias didático-metodológicas [...]; atividades que associam teoria e prática no processo de construção do conhecimento [...] (ibidem, p. 93).

Ou seja, uma série de intenções com potencial de impacto positivo nos processos de ensino e aprendizagem, mas que não necessariamente se refletem na prática. A pesquisa pelos termos “tecnologia” e “tectônica” não retornou nenhum resultado.

A pesquisa sobre a divisão das disciplinas mostrou um agrupamento além do proposto pelas DCN. Conforme o tópico “8.1 Organização Curricular”, o currículo foi estruturado em quatro ciclos: Básico no 1º e 2º períodos; Profissionalizante 01 no 3º, 4º e 5º períodos; Profissionalizante 02 no 6º, 7º e 8º períodos; e Trabalho de Conclusão do Curso no 9º e 10º períodos (ibidem, p. 25). O primeiro e parte do segundo ciclo abordam os conteúdos do Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação e parte do segundo e o terceiro ciclo abordam os conteúdos do Núcleo de Conhecimentos Profissionais, sendo esses núcleos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação em Arquitetura e Urbanismo. Essa proposta de ciclos, diferente da divisão em núcleos prevista nas DCN, não foi justificada no documento, dificulta a compreensão da estrutura curricular e a comparação com outros cursos.

Ainda no tópico “Organização Curricular”, é mencionado no documento que a horizontalidade, “entendida pela compatibilização de conteúdos de diferentes disciplinas em um mesmo período (ibidem, p. 25)”, poderá ser realizada destacadamente nas disciplinas de projeto ou também em outras disciplinas. O documento indica que as estratégias para a interdisciplinaridade em cada período deverão ser atualizadas semestralmente, “em um processo conduzido pela Coordenação do Curso com ampla participação do Corpo Docente” (ibidem, p. 25 - 26). Tal proposta, no entanto, não se encontra implementada da maneira descrita². No subtópico “Estratégias de realização da interdisciplinaridade e integração”, afirma-se que o curso promoverá a integração “através do planejamento conjunto de aulas, da realização de projetos que

integrem conhecimentos de diferentes disciplinas e da atribuição de notas de maneira compartilhada” (ibidem, p. 94), porém essas estratégias também não se encontram implementadas. Existem atividades interdisciplinares, porém estas dependem de iniciativa de algum docente e da concordância dos demais.

O PPC indica uma outra classificação da matriz curricular, em seis “eixos de formação”, que são disciplinas teóricas e teórico-práticas, de representação, de prática projetual, de tecnologias, extensivas e optativas (ibidem, p. 26 - 27). Porém não há indicação dos critérios utilizados para realizar essa classificação, a justificativa e aplicação dessa divisão e se há alguma relação dessa classificação com a carga horária destinada às disciplinas de cada eixo.

Na sequência foram buscadas, nas ementas das disciplinas de projeto, indicações de associação aos conteúdos tecnológicos ou sobre tectônica. O curso do IFMG Santa Luzia utiliza a nomenclatura Estúdio para as disciplinas de projeto e conta com oito disciplinas semestrais do tipo, do 1º ao 8º período. Do 3º ao 5º período essas disciplinas são bimestrais e são complementadas por três Estúdio X, uma em cada período, também bimestral e com tema definido pelo docente responsável. As ementas dos Estúdios 04 e 05, com destaque para o 04, possuem trechos que indicam para uma abordagem tectônica. A ementa de Estúdio 04 determina que os seguintes temas deverão ser abordados na disciplina:

Projeto de edificação de uso coletivo público e/ou institucional de médio porte. Comunidade, grupos, minorias: os usos e suas inter-relações: apropriações, conexões, circulações e fluxos. Concepção do espaço físico com ênfase na proposição e solução de tecnologias construtivas contextualizadas. Definição dos sistemas prediais e dos materiais: especificações, detalhes construtivos, memorial descritivo e caderno de especificações. Análise crítica do resultado. Resolução de problemas tendo em vista aspectos de diversidades socioculturais e ambientais (ibidem, p. 57, grifo nosso).

E a ementa de Estúdio 05 indica os seguintes temas:

Concepção do espaço físico envolvendo o trabalho interdisciplinar de compatibilização de projetos, sistemas estruturais, infraestrutura predial e detalhes construtivos. Adequação da proposta ao contexto urbano local. Inserção e impacto: condicionantes socioeconômicos, ambientais e de conforto, paisagísticos, conceituais, legais (ibidem, p. 63, grifo nosso).

A análise quantitativa da matriz curricular de 2019 do IFMG resultou nos dados organizados na Tabela 2 e na Tabela 3.

Tabela 2 - IFMG - Carga horária por Núcleo. NCF= Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação; NCP= Núcleo de Conhecimentos Profissionais; TC= Trabalho de Curso; * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Horas | % |
|----------|-------|------|
| NCF | 750 | 21% |
| NCP | 1410 | 39% |
| TC | 480 | 13% |
| Outros * | 960 | 27% |
| | 3600 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 3 – IFMG - Carga horária por conteúdo curricular. * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Carga horária por Conteúdo Curricular | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo |
|--------|--|-------|-------------|-----------|
| NCF | Estética e História das Artes | 30 | 1% | 21% |
| | Estudos Sociais e Econômicos | 30 | 1% | |
| | Estudos Ambientais | 45 | 1% | |
| | Desenho e Meios de Representação e Expressão | 105 | 3% | |
| | NE | 75 | 2% | |
| | ON | 465 | 13% | |
| NCP | Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo | 90 | 3% | 39% |
| | Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo | 570 | 16% | |
| | Planejamento Urbano e Regional | 90 | 3% | |

| | | |
|--|------|------|
| Tecnologia da Construção | 180 | 5% |
| Sistemas Estruturais | 120 | 3% |
| Conforto Ambiental | 90 | 3% |
| Técnicas Retrospectivas | 30 | 1% |
| Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo | 45 | 1% |
| Topografia | 30 | 1% |
| NE | 165 | 5% |
| ON | 0 | 0% |
| TC | 480 | 13% |
| Outros * | 960 | 27% |
| | 3600 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora.

O Projeto Pedagógico do Curso tem uma divisão própria para as disciplinas, além da divisão dos Núcleos e Conteúdos Curriculares das DCN. Nessa divisão todas as disciplinas do 1º e 2º períodos pertencem ao ciclo Básico e, por consequência, ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação. De forma semelhante, as disciplinas do 6º, 7º e 8º períodos pertencem ao ciclo Profissionalizante e, portanto, ao Núcleo de Conhecimentos Profissionais. Isso faz com que as disciplinas Estúdio 01 e Estúdio 02 não possam ser classificadas como conteúdo curricular "Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo", que a disciplina "Materiais" não possa ser classificada como conteúdo curricular "Tecnologia da Construção", e que "Introdução aos Sistemas Estruturais" não possa ser classificada como conteúdo curricular "Sistemas Estruturais". Essas e outras incompatibilidades foram classificadas como "Outro Núcleo (ON)", para não serem classificadas de forma contraditória ao texto do Projeto Pedagógico.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais tem sede em Belo Horizonte, foi criada em 1930 e é a primeira da América do Sul com origem desvinculada das Escolas Politécnicas e de Belas Artes e Filosofia. Esse é um marco na história da formação por anunciar sua autonomia em relação aos cursos que tradicionalmente o originavam e por possibilitar um currículo com conteúdos e estrutura mais próprios à formação do arquiteto urbanista. Atualmente³ a UFMG oferta o curso de Arquitetura e Urbanismo nos turnos diurno e noturno, com currículos distintos.

A análise dos Projetos Pedagógicos dos cursos foi realizada a partir das versões desses documentos enviadas pelo Colegiado após demandas, porém não foram disponibilizadas as versões definitivas. No site da Escola de Arquitetura estão disponibilizados os relatórios de versão curricular de 2014 do curso diurno e noturno, com um link indisponível para uma versão de 2020 do curso noturno. Há links para pastas com programas de disciplinas disponibilizadas por professores, mas não há um documento compilado com tais informações, em versão aprovada pelo colegiado. A primeira versão acessada do PPC do curso diurno continha a marcação "proposta" em todas as páginas, com a flexão verbal "propõe-se" no texto e com um relatório dessa proposta, o que indica seu caráter de documento processual. No último contato com o Colegiado, foi enviada uma versão sem a marcação "proposta", porém com conteúdo quase sem alterações em relação àquela com a marcação de proposta⁴ (UFMG, 2010).

O PPC do curso noturno foi disponibilizado em formato digitalizado a partir de uma versão originalmente impressa, com pareceres, ofícios e portaria de tramitação do documento anexados ao início, além de conter a palavra "proposta" em várias passagens (idem, 2008, p. 20, 34, 35). O arquivo contém diversas anotações realizadas de forma manual e não é possível saber se essas foram incorporadas a uma possível versão aprovada. Nas referências a esse documento foi utilizada a numeração do arquivo digital, visto que várias páginas não possuem numeração indicada.

Estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto não foram mencionadas nas versões diurna e noturna do curso. Na pesquisa pelo termo "metodologia" no PPC do curso diurno foram encontrados dois registros. O primeiro é a recomendação da "revisão de conteúdos e metodologias" em disciplinas da sub-área Sistemas estruturais (UFMG, 2010, p. 12). O segundo registro está em orientações quanto à elaboração de Programas de Curso, que devem abordar Métodos de ensino e Métodos de avaliação (ibidem, p. 16-17). No PPC do curso noturno a pesquisa por "metodologia" não retornou resultados. A

pesquisa por “tecnologia” e “tectônica” no currículo diurno resultou nas divisões “área de tecnologia” e “eixo tecnologia” (idem, 2010, p. 8 e 12) e no curso noturno a pesquisa não retornou resultados.

Quanto à divisão das disciplinas, o curso diurno é dividido em quatro eixos, dentre os quais estão a “Área de tecnologia da arquitetura e urbanismo, articulada às engenharias, ciências da terra e estudos ambientais” (UFMG, 2010, p. 8) e a “Área de projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico” (ibidem, p. 9). O PPC apresenta uma cuidadosa análise da proporção entre as cargas horárias distribuídas para cada área e uma reflexão sobre a importância de também se atentar para as estratégias pedagógicas. No tópico “Reestruturação dos eixos na Estrutura Curricular”, subtópico “Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo”, o documento indica que

Cada uma dessas linhas [Sistemas Estruturais, Instalações Prediais e Infraestrutura Urbana, Materiais e Técnicas Construtivas e o Conforto Ambiental] apresenta necessidades específicas de ensino e aprendizagem, o que dificulta uma visão global e integrada da área. A carga-horária dessas disciplinas preenche atualmente, 31%⁵ da carga horária obrigatória do curso (excluído o Trabalho Final de Graduação). Está, portanto, dentro da média brasileira. No entanto, considera-se necessário [sic] uma redistribuição de conteúdos e investimento em novas estratégias pedagógicas, principalmente na área de Sistemas Estruturais (ibidem, p. 12).

As disciplinas de projeto possuem uma subdivisão, em “grupos de conteúdos: 1º grupo – instrumentação e iniciação ao processo de projeto; 2º grupo – projetos de arquitetura de edificações e de interiores; 3º grupo: projetos integrados de arquitetura, urbanismo e paisagismo” (ibidem, p. 14). As disciplinas de Tecnologias oferecidas na Escola subdividem-se nas subáreas Sistemas Estruturais, Instalações Prediais e Infraestrutura Urbana, na Escola de Engenharia; Materiais e Técnicas Construtivas e Conforto Ambiental, no Departamento de Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo (ibidem, p. 12). Nesse documento indicam a “redistribuição de conteúdos e investimento em novas estratégias pedagógicas” (ibidem).

No curso noturno as disciplinas são divididas em núcleos, dentre os quais o Núcleo I, de Conteúdos de Projetos Integrados de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – NPI; o Núcleo III, de Conteúdos de Tecnologia da Construção – NTC; e o Núcleo VIII, de conteúdos de Sistemas Estruturais – NSE (idem, 2008, p. 22).

A análise das ementas de projeto dos cursos diurno e noturno da UFMG não foi possível porque as disciplinas de projeto, nos cursos diurno e noturno (idem, 2008, p. 70), não possuem ementa pré-definida. Como mencionado, não há um documento aprovado compilado com as ementas, mas uma pasta na qual é possível acessar os documentos disponibilizados por professores. Assim, abordagens com foco ou mesmo menção aos aspectos construtivos dependem da iniciativa dos ofertantes.

Apesar de não ser uma disciplina listada no Departamento de Projetos (ibidem), o curso noturno conta com a disciplina Oficina de Fundamentação e Instrumentação que, dentre outros conteúdos, aborda “noções de sistemas estruturais” (ibidem, p. 50).

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte se encontra em funcionamento desde 1974⁶. Apesar do Projeto Político-Pedagógico analisado se encontrar em processo de revisão⁷ e de, na época da investigação e do início de elaboração deste artigo, não haver previsão de implementação do novo documento devido à paralisação temporária das atividades presenciais em decorrência da pandemia da COVID-19⁸, este foi incluído por estar vigente há 15 anos e, por este motivo, ser a referência documental das turmas formadas e dos docentes atuantes no curso.

Estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto não foram mencionadas no documento analisado. A pesquisa pelo termo “metodologia” retornou um resultado mais específico, ou seja, não citado de forma generalizada, como ocorre em outros Projetos Pedagógicos analisados. Esse resultado é a menção da integração como “eixo central da metodologia adotada pelo PPP do CAU da UFRN” (UFRN, 2006a, p. 32). Esse recurso é adotado com o objetivo de conectar os conhecimentos das diferentes áreas e colaborar para a formação do profissional generalista. A pesquisa pelos termos “tecnologia” e “tectônica” retornou dois resultados para tecnologia e nenhum resultado para tectônica. As menções à tecnologia se encontram nos tópicos “competências e habilidades” e na existência de uma área específica sobre o tema, a “Área de Tecnologia” (ibidem, p. 16, 21).

As disciplinas do currículo analisado são divididas, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, entre o Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, o Núcleo de Conhecimentos Profissionais e o Trabalho de

Curso. Aquelas do primeiro núcleo estão previstas prioritariamente nos quatro primeiros períodos do curso, as do segundo núcleo estão previstas do quarto ao nono períodos e o Trabalho de Curso está previsto no décimo período (ibidem, p. 19). Há uma segunda classificação das disciplinas em cinco áreas de conhecimento. Dentre outras, há a Área de Projeto (disciplinas Espaço e Forma 1 e 2, Projeto Arquitetônico 1 a 6) e a Área de Tecnologia (Estrutura, Instalações, Conforto Ambiental, Topografia, Tecnologia da Construção 01 a 03), além das disciplinas inter-áreas, dentre as quais se encontra a disciplina Atelier Integrado (ibidem, p. 20 – 23). Essa última é uma disciplina proposta no nono período e que tem em sua ementa a previsão de projetos com abordagem arquitetônica e urbanística, mas não há indicação explícita para realização de interdisciplinaridade com outras disciplinas e conteúdos (idem, 2006b, p. 92). Também não há indicação se a distribuição da carga horária destinada às disciplinas tem relação com alguma proporção entre os seus respectivos eixos.

As ementas do curso não indicam a integração explicitamente, porém essa indicação é feita no tópico “avaliação pedagógica”. A integração é proposta a partir da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, sendo indicado que esta deve

aglutinar os professores das disciplinas de um mesmo período, no final de cada unidade – três, ao todo –, em torno de um trabalho chamado integrado, isto é, um trabalho cujo conteúdo e temática envolvesse, na medida do possível, todas as disciplinas do período, pressupondo um trabalho em conjunto [...] (idem, 2006a, p. 9 – 10).

Em sua linha de Projeto de Arquitetura o CAU UFRN possui 06 disciplinas, dentre as quais foram selecionadas as três que apresentaram maior inclinação para uma abordagem tectônica em suas ementas, expostas a seguir.

Projeto de Arquitetura 01:

Conceitos básicos de estrutura e sua relação com forma e função. Compatibilidade entre estrutura e arquitetura, considerando: lógica, estética e estabilidade. Princípios de flexibilidade, modulação e projeto padrão. Início do uso de metodologia projetual (ibidem, p. 24, grifo nosso).

Projeto de Arquitetura 03:

Consolidação do uso de metodologia projetual. Estudo de sistemas racionalizados aplicados à construção e a arquitetura. Busca de soluções que reflitam um processo projetual voltado para a economia, a modulação e a aplicação da tecnologia. Avaliação pós-ocupação (APO) como parte do processo de projeção (ibidem, p. 26, grifo nosso).

Projeto de Arquitetura 04:

Acrescentar ao conhecimento adquirido anteriormente nas disciplinas de projeto, as exigências inerentes à verticalização das edificações e suas especificidades, sobretudo no que se refere à estrutura, as circulações e às instalações prediais. A arquitetura vertical e sua inserção no contexto urbano (ibidem, p. 27, grifo nosso).

A análise quantitativa da matriz curricular de 2006 da UFRN (currículo conhecido como A5) resultou nos dados organizados na Tabela 4 e na Tabela 5. O Projeto Pedagógico deste curso apresenta as disciplinas divididas por “Áreas do conhecimento”, o que facilitou a relação com seus respectivos “Conteúdos Curriculares”. Apenas as disciplinas da área “Tecnologia” e “Inter-áreas” precisaram ser mais detalhadas, por ser o interesse principal da pesquisa e pela amplitude de temas, respectivamente.

Tabela 4 - UFRN - Carga horária por Núcleo. NCF= Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação; NCP= Núcleo de Conhecimentos Profissionais; TC= Trabalho de Curso; * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Horas | % |
|----------|-------|------|
| NCF | 840 | 19% |
| NCP | 2655 | 61% |
| TC | 360 | 8% |
| Outros * | 520 | 12% |
| | 4375 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 5 – UFRN - Carga horária por conteúdo curricular. * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Carga horária por Conteúdo Curricular | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo |
|----------|--|-------|-------------|-----------|
| NCF | Estética e História das Artes | 150 | 3% | 19% |
| | Estudos Sociais e Econômicos | 90 | 2% | |
| | Estudos Ambientais | 45 | 1% | |
| | Desenho e Meios de Representação e Expressão | 510 | 12% | |
| | NE | 45 | 1% | |
| | ON | 0 | 0% | |
| NCP | Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo | 270 | 6% | 61% |
| | Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo | 945 | 22% | |
| | Planejamento Urbano e Regional | 495 | 11% | |
| | Tecnologia da Construção | 285 | 7% | |
| | Sistemas Estruturais | 240 | 5% | |
| | Conforto Ambiental | 135 | 3% | |
| | Técnicas Retrospectivas | 45 | 1% | |
| | Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo | 120 | 3% | |
| | Topografia | 60 | 1% | |
| | NE | 60 | 1% | |
| | ON | 0 | 0% | |
| TC | 360 | 8% | | |
| Outros * | 520 | 12% | | |
| | | 4375 | 100% | |

Fonte: elaborada pela autora.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA está sediada em Foz do Iguaçu, no Paraná, e foi criada em 2010 com a intenção de contribuir para a integração dos países dessa região, na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. Assim, sua inclusão nesta pesquisa representa a região Sul do Brasil e também a América Latina.

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA teve sua primeira turma em 2012 e em 2014 passou por uma revisão que resultou no documento consultado (UNILA, 2014). Esse currículo se diferencia dos demais analisados por ter disciplinas e conteúdos menos padronizados, como explicitado a seguir. Um primeiro conteúdo que se diferencia é o tópico “breve digressão histórica”, inserido no capítulo “Justificativa do curso”. Esse tópico trata do direcionamento da área de Arquitetura e Urbanismo para as ciências exatas no século XX, com a produção industrial, destacando o surgimento do Bauhaus e a vinculação entre arquitetura, indústria e técnica, com a valorização do artesanal e do industrial (ibidem, p. 6). Na sequência apresenta a teoria de Kopp (1990 apud UNILA, 2014, p. 7) de que no segundo pós-guerra o moderno tornou-se um estilo, não mais uma causa com “engajamento e comprometimento político-social da produção arquitetônica”. Tal mudança implica em duas características “herdadas do modernismo”, que são uma “preocupação formal, acompanhada de uma centralização do projeto arquitetônico na prática profissional em detrimento da experimentação construtiva (o canteiro de obras) (Ronconi, 2002) e da reflexão crítica” (ibidem). As características apontadas se relacionam diretamente ao tema desta pesquisa, pois resultam na desvalorização dos conteúdos tecnológicos e de uma abordagem não tectônica de projeto, em que considera-se que este possa ser desenvolvido sem a devida consideração da sua materialidade e historicidade. O tópico seguinte, sobre o ensino de arquitetura, cita referências para o curso, como Paulo Freire, Enrique Dussel, Anibal Quijano, Milton Santos e os arquitetos Hassan Fathy, Lina Bo Bardi, Sérgio Ferro, Eladio Dieste e Solano Benitez (ibidem, p. 9). Orientar-se por esses nomes indica que o curso está ancorado em teorias contextualizadas e conectadas com discussões relevantes para a América Latina, como a educação popular, a importância do canteiro de obras e a decolonização do conhecimento. Essas referências também possuem estreita relação com esta pesquisa, na medida em que um aspecto relevante da tectônica é a adoção contextualizada dos materiais construtivos.

Na definição do “perfil do curso” há um reconhecimento necessário da “forte presença da autoconstrução na América Latina”, que demanda outros tipos de produtos arquitetônicos, distintos dos convencionais,

exemplificados como “concepção de espaços acabados, conjunto de desenhos técnicos ou construção industrializada”. Entende-se que “a demanda é muito mais por consultas específicas, fornecendo informações acerca de técnicas adequadas, orientando o planejamento e a articulação de ambientes, evitando desperdício na obra e aumentando a qualidade do espaço produzido” (ibidem, p. 16 – 17). O currículo prevê laboratórios que colaboram para o desenvolvimento de tais habilidades, como o Canteiro Experimental e o laboratório de prestação de serviços técnicos à comunidade (ibidem, p. 17), que proporcionam a experiência prática tanto da construção em si quanto das demandas existentes na comunidade atendida. No mesmo capítulo há também o entendimento do arquiteto urbanista como “facilitador de processos construtivos e de políticas públicas” e que, para isso, é necessário inserir no currículo

o desenvolvimento de habilidades não previstas anteriormente para exercício profissional que apresenta novas demandas: metodologias para projetos participativos, mediação de conflitos, abordagens pedagógicas adequadas ao amplo entendimento das propostas em arquitetura e urbanismo, e gestão em desenvolvimento de políticas públicas, para citar algumas (ibidem, p. 16).

O currículo da UNILA não apresenta estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto de forma específica, mas conta, por exemplo, com um capítulo exclusivo sobre avaliação do processo de ensino-aprendizagem (ibidem, p. 58 – 59) de forma geral. A pesquisa pelo termo “metodologia” retornou vários resultados, como a menção ao desenvolvimento de “técnicas e metodologias para a participação popular” e “metodologias para projetos participativos”; utilização de “metodologias próprias das práticas projetuais”, urbanismo e planejamento territorial, conforto ambiental térmico, lumínico e acústico; avaliação por diferentes metodologias (ibidem, p. 14, 16, 27, 27, 37, 58).

A pesquisa pelos termos “tecnologia” e “tectônica” também retornou vários resultados, especialmente para o primeiro termo. O currículo do CAU UNILA menciona em várias passagens a relevância do estudo da tectônica para a formação do arquiteto urbanista, bem como de outros temas. No capítulo “atividades do curso” indica-se que a estrutura curricular será voltada, dentre outros assuntos, para “experimentações tecnológicas – sobretudo voltadas para tecnologias de baixo custo e baixo impacto socioambiental”, que um dos princípios do curso é a “pesquisa tecnológica orientada por projeto social e por políticas que reflitam as relações entre populações, economia, espaços construídos e natureza” e apontam para a necessidade de “desconstruir as racionalidades hegemônicas, que se traduzem atualmente, por exemplo, na cultura do concreto-armado, marginalizando outras técnicas e tecnologias construtivas” (ibidem, p. 22, 23, 23). Essas passagens representam a atenção do currículo para aspectos relacionados à tectônica, com destaque para seus aspectos contextuais. No capítulo “perfil do egresso”, dentre as competências e habilidades que se deseja desenvolver está a capacidade de “nortear-se pelo uso da tecnologia em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades” (ibidem, p. 51). No capítulo “dados gerais do curso”, tópico “infraestrutura”, destaca-se a previsão do Canteiro Experimental e do Laboratório de Tecnologias, Conforto Térmico, Acústico e Iluminação (ibidem, p. 54). Por fim, os termos “tecnologia” e “tectônica” são mencionados nas ementas de várias disciplinas, como em “Crítica e História da Arquitetura e da Cidade IV”, “Canteiro Experimental III”, “Arquiteturas Indígenas”, “Arquiteturas Afrobrasileiras” e “Arquitetura IV” (ibidem, p. 81, 122, 140, 141, 96), sendo essa última uma disciplina de projeto.

O curso está estruturado em quatro eixos de instrumentação - estudos latino-americanos, crítica, leituras e representação, técnica – e um eixo de ateliers integrados (ibidem, p. 36). Esse último é descrito como o “cerne interdisciplinar do curso” (ibidem, p. 25), promovendo integração vertical e horizontal, sempre que possível conectado ao semestre anterior e com tema, avaliação e co-requisito comuns entre disciplinas do mesmo semestre (ibidem, p. 27). Algumas disciplinas do eixo técnico, em especial, possuem ementas e objetivos relacionados aos ateliers de cada semestre, facilitando interdisciplinaridade (ibidem, p. 26). Apesar do incentivo para a interdisciplinaridade através de temas comuns e possibilidades de avaliação conjunta, tais conexões são obrigatórias apenas para os Ateliers Integrados, o que garante a independência das disciplinas (ibidem, p. 28). Não há indicação se as cargas horárias destinadas às disciplinas foram definidas levando-se em conta alguma proporção entre os eixos. O diagrama da matriz curricular (ibidem, p. 57) ilustra graficamente a distribuição das disciplinas de cada eixo no decorrer do curso e auxilia a compreender a relação entre os conteúdos de diferentes áreas.

É relevante que as propostas descritas na parte discursiva do PPC estejam conectadas a indicações em sua parte aplicável, as ementas, além do necessário acompanhamento e intervenções da coordenação para efetivar a implementação dessas propostas. Caso isso não ocorra, o currículo se torna uma carta de intenções efetivada apenas quando há iniciativa docente. Cada disciplina e seus respectivos conteúdos precisam estar alinhados no semestre para que seja possível implementar atividades interdisciplinares.

As unidades curriculares que se caracterizam como disciplinas de projeto no CAU UNILA são aquelas do eixo Ateliers Integrados, nomeadas como Arquitetura I a VIII, Urbanismo I a V, dentre outras. Dentre os Ateliers de Arquitetura, aqueles com conteúdo de tectônica mais destacado são os de número II e IV, como indicam suas ementas.

Ementa de Arquitetura II:

Espaço arquitetônico e escala humana. Relações forma-espaço-estrutura. Natureza das estruturas arquitetônicas; tipologia das estruturas arquitetônicas; relações entre forma e tipo; noções de estabilidade; relações espaço interior/ espaço exterior: opacidade e transparência, vedações e aberturas. Mecânica dos Materiais: Conceitos básicos (massa; volume; densidade; pressão; força; torque; centro de massa; centro de gravidade). Propriedades mecânicas (elasticidade; plasticidade; dureza; ductibilidade; tenacidade; resiliência). Esforços mecânicos (tração; compressão; cisalhamento; flexão; torção; flexo-torção; flambagem) (ibidem, p. 92, grifo nosso).

Ementa de Arquitetura IV:

Desenvolvimento de projetos arquitetônicos de equipamentos urbanos de média complexidade tecnológica/funcional/programática. Aprofundamento da abordagem dos condicionantes da arquitetura anteriormente introduzidos, com ênfase nas interações entre utilidade, lugar e tectônica que regem as decisões projetuais em arquitetura. Metodologia de projetos de arquitetura (ibidem, p. 96, grifo nosso).

Ao verificar se as ementas e objetivos das disciplinas de projeto selecionadas estão relacionadas aos do eixo técnico, conforme informado em “Estrutura Curricular” (ibidem, p. 26), identificamos que no 2º período do curso, no qual está prevista a disciplina Arquitetura II, não há previsão de disciplinas do eixo técnico, e no 4ª período, no qual está prevista a disciplina Arquitetura IV, estão previstas as disciplinas Topografia, Laboratório de Topografia, Conforto Ambiental: Térmico e Sistemas Estruturais I (ibidem, p. 57). Essa verificação demonstra certo desequilíbrio das disciplinas do eixo técnico, o que pode acarretar falta de subsídios para projeto no 2º período e sobrecarga de conteúdos técnicos para os estudantes do 4º período. A disciplina Arquitetura II prevê conteúdos técnicos complexos para serem tratados em uma disciplina de projeto, especialmente sem o suporte de uma disciplina específica. A disciplina Arquitetura IV prevê a retomada de conteúdos já introduzidos e a “ênfase nas interações entre utilidade, lugar e tectônica”, que pode usufruir melhor de uma relação com uma disciplina do eixo crítica, visto que sua ementa não aborda diretamente conteúdos do eixo técnico.

A análise quantitativa da matriz curricular de 2014 da UNILA resultou nos dados organizados na Tabela 6 e na Tabela 7.

Tabela 6 - UNILA - Carga horária por Núcleo. NCF= Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação; NCP= Núcleo de Conhecimentos Profissionais; TC= Trabalho de Curso; * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Horas | % |
|----------|-------|------|
| NCF | 850 | 24% |
| NCP | 2720 | 76% |
| TC | 283 | 6% |
| Outros * | 510 | 12% |
| | 4363 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 7 – UNILA - Carga horária por conteúdo curricular. * Optativas, Atividades complementares, Estágio.

| Núcleo | Carga horária por Conteúdo Curricular | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo |
|--------|--|-------|-------------|-----------|
| NCF | Estética e História das Artes | 68 | 2% | 19% |
| | Estudos Sociais e Econômicos | 238 | 5% | |
| | Estudos Ambientais | 0 | 0% | |
| | Desenho e Meios de Representação e Expressão | 340 | 8% | |
| | NE | 204 | 5% | |
| | ON | 0 | 0% | |

| | | | | |
|----------|--|------|-----|-----|
| NCP | Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo | 323 | 7% | 62% |
| | Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo | 1360 | 31% | |
| | Planejamento Urbano e Regional | 51 | 1% | |
| | Tecnologia da Construção | 391 | 9% | |
| | Sistemas Estruturais | 136 | 3% | |
| | Conforto Ambiental | 153 | 4% | |
| | Técnicas Retrospectivas | 0 | 0% | |
| | Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo | 0 | 0% | |
| | Topografia | 0 | 0% | |
| | NE | 0 | 0% | |
| ON | 306 | 7% | | |
| TC | 283 | 6% | | |
| Outros * | 510 | 12% | | |
| | 4363 | 100% | | |

Fonte: elaborada pela autora.

O Projeto Pedagógico do Curso apresenta uma divisão por “Eixos de Instrumentação”, que por sua vez são classificados nos Núcleos de Conhecimentos das DCN (UNILA, 2014, p. 146). No mesmo documento é apresentada uma versão da matriz curricular em que as disciplinas estão destacadas em cor diferente, representando que pertencem ao “Eixo de Instrumentação em Leitura e Representação”. As disciplinas “Optativas CAU UNILA” e “Optativas Outros Cursos” também estão marcadas com cores diferentes, porém não pertencem aos eixos definidos. Há também um quadro síntese com a carga horária destinada a cada eixo (Ibidem, p. 43), o que guiou o esforço de classificar as disciplinas em eixos e, conseqüentemente, nos núcleos das DCN. No entanto, não foi possível definir uma classificação que somasse os créditos e carga horária compatíveis com o quadro apresentado.

Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Portugal

A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa teve sua última reestruturação em 2013 e sua origem data do século XVI⁹. Na página online que descreve a Faculdade afirma-se que “sua principal característica é a formação através do projeto, segundo a qual os conhecimentos adquiridos em todas as disciplinas são aplicados na concepção de objetos que podem ir desde a escala da mão à escala do território”¹⁰.

A estrutura da formação segue o sistema europeu de graus, definido em 1999 pela Declaração de Bolonha, e assinada por 29 países europeus. O documento divide os cursos superiores em Licenciatura (1º ciclo), Mestrado (2º ciclo), Mestrado Integrado (1º e 2º Ciclos) e Doutorado (3º ciclo)¹¹. Apesar do nome dado ao 2º ciclo e do título outorgado (Licenciatura e Mestrado ou Mestrado Integrado, respectivamente), o 1º e o 2º ciclos do sistema europeu equivalem à graduação (bacharelado) no Brasil, e não ao mestrado.

A formação em Arquitetura na UL consiste em cursar os três primeiros anos da Licenciatura e optar pela ‘especialização’ em Arquitetura ou em Urbanismo, cada uma delas com duração de 2 anos. Devido ao interesse desta pesquisa, foram consideradas para análise as disciplinas da especialização em Arquitetura.

Por não haver disponível no site do curso um documento similar aos Projetos Pedagógicos de Curso brasileiros, não foram desenvolvidas as pesquisas sobre menções a estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto; propostas de uso de metodologias específicas para o ensino e aprendizado em projeto; menções, além das ementas, à tecnologia das construções e à tectônica; divisão das disciplinas em eixos de acordo com seu conteúdo e distribuição de carga horária que considere esses eixos.

As unidades curriculares de projeto do Mestrado Integrado em Arquitetura da FAU-UL são os Laboratórios de Arquitetura I a III e os Laboratórios de Projeto I a III, do 1º ciclo, e os Laboratórios de Projeto IV – A a VI – A, esses últimos do 2º ciclo de especialização em Arquitetura (a especialização em Urbanismo prevê os Laboratórios de Projeto IV – U a VI – U). Dessas unidades foram selecionados como mais pertinentes ao interesse desta pesquisa as seguintes disciplinas, com seus respectivos conteúdos:

Laboratório de Arquitetura III:

Objetivos de aprendizagem (conhecimentos, aptidões e competências a desenvolver pelos estudantes): [...] Desenvolvimento das adequações tectônicas, estereotômicas em função dos materiais eleitos, dos sistemas técnicos construtivos em concordância com as intenções estético-formais.¹²

Laboratório de Projeto II:

Conteúdos Programáticos/ Programa: [...] O desenvolvimento do tema deverá abordar questões como: [...] estrutura e distribuição; [...] materialidade e linguagem; [...].¹³

Laboratório de Projeto III:

Objetivos de aprendizagem (conhecimentos, aptidões e competências a desenvolver pelos estudantes): [...] O processo de projecto contempla questões como: [...] desenvolvimento construtivo; [...]. Conteúdos Programáticos / Programa: [...] O desenvolvimento do tema deverá contemplar questões como: [...] estrutura e sistema de distribuição; [...] materialidade e linguagem; [...].¹⁴

As disciplinas de projeto da especialização em Arquitetura, Laboratório de Projeto IV – A a VI – A não têm indicações específicas que remetam à tectônica.

O curso ainda conta com disciplinas sobre Materiais nos dois primeiros semestres, que são totalmente teóricas, sem laboratório ou conexão com projeto. Ainda no 1º ciclo o curso conta com disciplinas chamadas Edificações I a III, no 3º, 4º e 5º semestres, bem como Física das Construções, Conforto Ambiental e Estruturas I, no 4º, 5º e 6º semestres. No 2º ciclo as disciplinas que mais se aproximam ao tema de interesse desta pesquisa são Inovação Tecnológica e Novos Materiais e Estruturas II no 7º semestre, Tecnologias da Reabilitação e Conservação no 8º semestre e Eficiência Energética e Ambiente, Sistemas Estruturais Construtivos e Edificações IV - Apoio ao Projeto no 9º semestre, além de disciplinas optativas.

Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura, Portugal

O curso de Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura do Porto iniciou em 2008 e é estruturado em dois ciclos, sendo o primeiro de Licenciatura com 3 anos e o segundo de Mestrado com 2 anos¹⁵. Como mencionado no tópico sobre o curso da Universidade de Lisboa, o grau de mestre concedido na Europa não é equivalente ao mestrado brasileiro, mas às graduações em cursos bacharelados. E também devido à falta de um documento similar aos Projetos Pedagógicos de Curso brasileiros, não foram desenvolvidas as pesquisas sobre menções a estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos sobre tecnologias da construção com o desenvolvimento de habilidades em projeto; propostas de uso de metodologias específicas para o ensino e aprendizado em projeto; menções, além das ementas, à tecnologia das construções e à tectônica; divisão das disciplinas em eixos de acordo com seu conteúdo e distribuição de carga horária que considere esses eixos.

A estrutura do curso, diferentemente dos demais analisados, é dividida por anos, não por semestres. As disciplinas de projeto são nomeadas Projecto I ao V, um em cada ano do curso. Dessas, os Projectos IV e V não mencionam temas relacionados à tectônica ou não possuem ementa detalhada no site, respectivamente¹⁶. Projecto I faz uma breve menção em um exercício, ao indicar a “introdução aos problemas da exequibilidade construtiva e estrutural”. Projecto II indica que, dentre outros aspectos, “a relação entre linguagem arquitectónica e sistemas construtivos serão objecto de reflexão durante as diversas fases de desenvolvimento do trabalho prático”. E Projecto III indica, dentre os objetivos e especificação de exercícios, “tratar intensamente os aspetos construtivos”.

Além das disciplinas de projetos há outras que se relacionam à tectônica, como Construção 1 a 3, do 2º ao 4º ano; Sistemas Estruturais no 4º ano; Geometria Construtiva 1 e 2 como optativas semestrais no 3º ano; Arquitetura, Energia e Clima; Fundamentos para o desenho da Casa Bem-temperada; Concepção e Experimentação Estrutural; Construção da Arquitetura em Madeira no 1º semestre do 4º e 5º anos; e Construir no Construído no 1º e 2º semestres do 4º e 5º anos.

3 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

As diretrizes curriculares são amplas e generalistas, o que permite liberdade na elaboração dos projetos pedagógicos e currículos. No entanto, essa variedade de possibilidades não transparece na construção dos currículos analisados que, de maneira geral, ainda contam com uma estrutura semelhante de disciplinas e semestres. É esperado que parte destacada dos cursos seja semelhante entre si, visto que a titulação pretendida ao final é a mesma, porém a análise realizada mostrou que, de maneira geral, pouco foi inserido de específico, seja na vocação do curso e seus conteúdos, seja em seu formato de organização, como na

distribuição e relação entre as disciplinas ou possibilidades de percursos formativos. Mesmo os projetos pedagógicos que citaram abordagens diferentes em seu texto geral não levaram isso às ementas, o que faz com que sua efetividade dependa de iniciativas dos docentes. Ainda que o currículo e as ementas generalistas permitam uma atuação mais autônoma aos professores, entendemos como positivo que algumas indicações sejam inseridas nesses documentos, a nível de recomendação e como alternativas, de forma a incentivar determinadas práticas de ensino e de organização curricular.

A análise dos Projetos Pedagógicos de Curso iniciou com a dificuldade de acesso a alguns desses documentos, indisponibilidade das versões atualizadas ou aprovadas. Nos parece uma condição básica e essencial que esses documentos sejam disponibilizados nos sites dos cursos, em formato e local padronizado, se considerada a relevância do conhecimento das informações destes documentos pela comunidade acadêmica e outros interessados.

A distribuição dos conteúdos em núcleos proposta pelas DCN já começa com dificuldades em sua própria definição inicial, como o caso mencionado de os conteúdos de representação se encontrarem em núcleos diferentes. A criação de outras divisões nos currículos analisados, sua falta de justificativa e novas incompatibilidades dificultou a análise dos mesmos, além de se caracterizar como um empecilho adicional ao acesso e apropriação desses documentos pela comunidade acadêmica. As DCN indicam que os conteúdos possam ser dispostos em diferentes atividades, práticas e teóricas, “em equipe, por meio de conferências, palestras, ateliês, laboratórios, viagens de estudo, visitas a canteiros, pesquisas” (BRASIL, 2010, art. 6º). No entanto, esses vários formatos, que permitiriam alcançar outros modos de aprendizagem e gerar disposições mais dinâmicas do conteúdo, não foram explorados nos PPCs estudados.

A pesquisa por estratégias didáticas de ensino-aprendizado que relacionem os conhecimentos técnicos com o desenvolvimento de habilidades em projeto, como metodologias específicas; menções ao ensino de tecnologias da construção e tectônica; divisão ou classificação das disciplinas em relação ao seu conteúdo (projeto, tectônica), com o objetivo de compreender se houve uma intenção explícita de equilibrar a carga horária reservada aos diferentes conteúdos do curso e também se foram elaboradas estratégias para a interseção desses conteúdos; e relação com conteúdos de tecnologias da construção e tectônica nas ementas das disciplinas de projeto, de maneira geral, retornou poucos resultados. Isso está relacionado ao que foi afirmado anteriormente, sobre os projetos pedagógicos de curso conterem poucas especificidades.

O levantamento de disciplinas de projeto que fizessem alguma relação com conteúdos de tecnologias e tectônica teve um retorno razoável – entre 2 e 3, em um conjunto de disciplinas que varia entre 6 e 8. Porém em algumas dessas ementas a abordagem tectônica não é tão evidente e os temas podem ser tratados de forma não contextualizada. Na disciplina Estúdio 04 do IFMG, por exemplo, é indicada a “concepção do espaço físico com ênfase na proposição e solução de tecnologias construtivas contextualizadas” (IFMG, p. 57). Há espaço para interpretações, mas a necessidade da consideração das tecnologias contextualizadas está explícita na ementa, complementada em outro trecho da ementa pela necessidade de “análise crítica”. A ementa da disciplina Estúdio 05, também do IFMG, indica um “trabalho interdisciplinar de compatibilização de projetos, sistemas estruturais, infraestrutura predial e detalhes construtivos”, seguido de “adequação da proposta ao contexto urbano local” (ibidem, p 63). É uma ementa que também encaminha para a consideração tectônica das propostas desenvolvidas nos exercícios. A disciplina Projeto de Arquitetura 01 da UFRN traz em sua ementa a consideração de “conceitos básicos de estrutura e sua relação com forma e função” e “compatibilidade entre estrutura e arquitetura” (UFRN, 2006a, p. 24) e a de Projeto 03 indica o “Estudo de sistemas racionalizados aplicados à construção e a arquitetura” (ibidem, p. 26). Nesses casos, a consideração contextualizada dependerá mais da iniciativa docente do que nos casos anteriores, pois não há menção explícita a essa abordagem. A ementa da disciplina Arquitetura II da UNILA traz as seguintes indicações: “noções de estabilidade; [...] Mecânica dos Materiais: Conceitos básicos (massa; volume; densidade; pressão; força; torque; centro de massa; centro de gravidade) [;] Propriedades mecânicas (elasticidade; plasticidade; dureza; ductibilidade; tenacidade; resiliência) [;] Esforços mecânicos (tração; compressão; cisalhamento; flexão; torção; flexo-torção; flambagem)” (UNILA, 2014, p. 92). A especificação de tantos conceitos técnicos pode levar a uma abordagem pouco coerente com a prática arquitetônica, visto que não há indicação sobre a profundidade e as maneiras de tratar estes temas. A disciplina Arquitetura IV da UNILA e a disciplina Laboratório de Arquitetura III da Universidade de Lisboa mencionam a abordagem tectônica em suas ementas, direcionando a abordagem a ser adotada. As disciplinas Laboratório de Projeto II e III da Universidade de Lisboa indicam temas como “estrutura e distribuição; [...] materialidade e linguagem” sem indicar a abordagem, que fica a critério do docente¹⁷.

Quanto à carga horária total dos cursos, o do IFMG atende ao mínimo da legislação nacional, enquanto os demais excedem em mais de 20%. A carga horária extra implica maior demanda aos corpos docente e discente, o que pode prejudicar estudos e pesquisas individuais, que poderiam ser espaço para formações específicas. Em ambos os currículos as disciplinas de projeto têm grande responsabilidade por essa carga

umentada, visto que na UFRN e na UNILA essas cargas são de 945 e 1360 horas, respectivamente, enquanto no IFMG essa carga horária é de 570 horas. O tempo em sala se justifica quando é empregado em aulas expositivas, orientações e outras atividades coletivas, visto que são atividades que dependem de espaço compartilhado. Porém as disciplinas de projeto geralmente são mais longas para que os estudantes desenvolvam seus trabalhos, o que não justifica a carga horária total em sala, que demanda os encargos didáticos dos professores, a estrutura física das instituições e o deslocamento dos estudantes. O espaço coletivo para o desenvolvimento de projeto tem grande importância, seja pelo compartilhamento de informações, seja pelas possibilidades criativas desenvolvidas enquanto não há aulas expositivas. Porém é necessária uma reflexão sobre o dimensionamento do tempo dedicado a isso, e um indicativo é a disparidade entre essas cargas horárias nos cursos analisados, como mencionado.

A porcentagem das cargas horárias dedicadas ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação está equilibrada nos três cursos (entre 19% e 21%), mas como se tratam de cursos com cargas horárias totais bastante distintas, as cargas horárias absolutas desses núcleos diferem muito entre si, sendo 756, 831 e 828 horas, quase 10% de diferença entre a menor e a maior carga. Já o Núcleo de Conhecimentos Profissionais conta com 39%, 61% e 62% nos três cursos, uma diferença destacada. Também há grande divergência nas porcentagens dedicadas às disciplinas relacionadas ao Trabalho de Curso, sendo encontrados 6%, 8% e 13%. Essa diferença é menos destacada se comparados os valores em horas, visto que o curso com maior porcentagem dedicada ao TC é o com menor carga horária total. Os valores mencionados foram obtidos pela compilação apresentada na Tabela 8.

Tabela 8 - Carga horária por Núcleo e por Conteúdo Curricular, com destaque para Tecnologia da Construção.

| Núcleo | Conteúdo Curricular | Carga horária por Conteúdo curricular | | | | | | | | | | | |
|--------|--|---------------------------------------|-------------|-----------|-------|-------------|-----------|-------|-------------|-----------|--|--|--|
| | | IFMG | | | UFRN | | | UNILA | | | | | |
| | | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo | Horas | %/ Conteúdo | %/ Núcleo | | | |
| NCF | Estética e História das Artes | 30 | 1% | | 150 | 3% | | 68 | 2% | | | | |
| | Estudos Sociais e Econômicos | 30 | 1% | | 90 | 2% | | 238 | 5% | | | | |
| | Estudos Ambientais | 45 | 1% | | 45 | 1% | | 0 | 0% | | | | |
| | Desenho e Meios de Representação e Expressão | 105 | 3% | 21% | 510 | 12% | 19% | 340 | 8% | 19% | | | |
| | NE | 75 | 2% | | 45 | 1% | | 204 | 5% | | | | |
| | ON | 465 | 13% | | 0 | 0% | | 0 | 0% | | | | |
| NCP | Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo | 90 | 3% | | 270 | 6% | | 323 | 7% | | | | |
| | Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo | 570 | 16% | | 945 | 22% | | 1360 | 31% | | | | |
| | Planejamento Urbano e Regional | 90 | 3% | | 495 | 11% | | 51 | 1% | | | | |
| | Tecnologia da Construção | 180 | 5% | | 285 | 7% | | 391 | 9% | | | | |
| | Sistemas Estruturais | 120 | 3% | | 240 | 5% | | 136 | 3% | | | | |
| | Conforto Ambiental | 90 | 3% | 39% | 135 | 3% | 61% | 153 | 4% | 62% | | | |
| | Técnicas Retrospectivas | 30 | 1% | | 45 | 1% | | 0 | 0% | | | | |
| | Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo | 45 | 1% | | 120 | 3% | | 0 | 0% | | | | |
| | Topografia | 30 | 1% | | 60 | 1% | | 0 | 0% | | | | |
| | NE | 165 | 5% | | 60 | 1% | | 0 | 0% | | | | |
| | ON | 0 | 0% | | 0 | 0% | | 306 | 7% | | | | |
| | TC | 480 | 13% | | 360 | 8% | | 283 | 6% | | | | |
| | Outros (Opativas, Atividades complementares, Estágio) | 960 | 27% | | 520 | 12% | | 510 | 12% | | | | |
| | | 3600 | 100% | | 4375 | 100% | | 4363 | 100% | | | | |

Fonte: elaborada pela autora.

O Conteúdo curricular “Tecnologia da Construção”, que foi considerado o mais diretamente associado ao tema “tectônica”, também tem grande divergência na porcentagem e na sua carga horária total, que vai de 5% a 9%, ou de 180 a 391 horas. As disciplinas de projeto contam com destacada carga horária, em porcentagem (16%, 22% e 31%) e em valores brutos. Porém nesse caso a destacada diferença de porcentagem corresponde a uma diferença efetiva maior ainda, visto que a porcentagem menor pertence ao curso com menor carga horária. Alguns temas contam com apenas 1 a 3% da carga horária dos cursos, mesmo em uma lista que não passa de quinze conteúdos curriculares. Por se tratar de uma amostra pequena, esta análise tem foco qualitativo/crítico e não estatístico, e mostra que, dentre os cursos selecionados, ainda não é possível identificar um padrão de recorrência.

Outra consideração a ser feita sobre a análise quantitativa é relacionada à abrangência do que pode ser entendido como tectônica. Para os fins da pesquisa, especialmente para essa comparação quantitativa, consideramos os conteúdos curriculares de Tecnologia da Construção como aqueles mais relacionados à tectônica. Porém se considerarmos a tectônica como a adoção contextualizada dos materiais, em relação ao lugar e à cultura, percebemos que a tectônica não se trata de um conjunto de conteúdos, mas da forma como todo assunto é abordado no curso.

Com a revisão da legislação relativa ao tema da pesquisa foi possível concluir que os currículos podem explorar mais as possibilidades elencadas nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Arquitetura e Urbanismo, ainda que colocando esses conteúdos como indicações ou sugestões, sem limitar a liberdade dos docentes na definição dos métodos e estratégias de ensino e aprendizagem. As DCN fazem uma série de sugestões, indica que o egresso deverá ter conhecimentos de tecnologia das construções e conhecimento prático para aplicá-los, indica a adoção da interdisciplinaridade, integração entre teoria e prática, atenção para as formas de avaliação do ensino e da aprendizagem, formas variadas de apresentação do conteúdo (conferências, palestras, ateliês, dentre outros), porém isso não foi transposto aos currículos analisados, ao menos não de forma explícita.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do Instituto Federal de Minas Gerais, onde a primeira autora atua como docente.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso: 24 fev. 2021.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006. 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192. Acesso em: 26 out. 2021.
- FRAMPTON, K. *Studies in tectonic culture*. Massachusetts: MIT Press, 1995.
- INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS (IFMG). Campus Santa Luzia. *Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo*. Santa Luzia: IFMG, 2019. 199 p. Disponível em: https://www2.ifmg.edu.br/santaluzia/ensino-1/cursos-1/arquivos/PPCARQUITETURAEURBANISMO_MAR2019.pdf. Acesso em: 01º abr. 2021.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION/ INTERNATIONAL UNION OF ARCHITECTS (UNESCO/ UIA). *Carta para a educação dos arquitetos*. 2011. Disponível em: <<http://www.abea-arq.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Carta-UNESCO-UIA-2011.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.
- UNIVERSIDADE DE LISBOA, Faculdade de Arquitetura. Mestrado integrado em Arquitetura. Plano de Estudos. Disponível em: <https://www.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/cursos/mestradointegrado/arquitetura/especializacao-em-arquitetura>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- UNIVERSIDADE DO PORTO, Faculdade de Arquitectura. Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: https://sigarra.up.pt/faup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2021&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=MI&pv_curs_o_id=45. Acesso em: 17 nov. 2021.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA). *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo Noturno*. Foz do Iguaçu: UNILA, 2014. 146 p. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/graduacao/arquiteturaeurbanismo/PPC_Arquitetura_Urbanismo_Apensao.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). *Alteração Curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo - Projeto Pedagógico do Curso (diurno)*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 32 p. Mensagem recebida por <arquitetaurbanistacarolina@gmail.com> em 21 dez. 2022.
- _____. *Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo Noturno*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 86 p. Disponível em: <https://ufmg.br/cursos/graduacao/2372/91400>. Acesso em: 01º out. 2021.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN). *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. Natal: UFRN, 2006a. 70 p. Disponível em: <http://darq.ufrn.br/wp-content/uploads/2016/10/PPP-A5.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- _____. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo – Caderno de Ementas, Estrutura Curricular (A-5)*. Natal: UFRN, 2006b. 102 p. Disponível em: <http://darq.ufrn.br/wp-content/uploads/2016/10/Ementas-A5.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

NOTAS

¹ Em setembro de 2022.

² Esta e a próxima afirmação são feitas a partir da atuação da autora no campus, de 2014 a agosto de 2021, quando esta passou a se dedicar exclusivamente ao doutorado. Essas informações foram confirmadas em entrevista com o atual coordenador do curso, realizada em abril de 2023, e que compõe outro capítulo da tese.

³ Em setembro de 2022.

⁴ Mensagem recebida por arquitetaurbanistacarolina@gmail.com em 21 dez. 2022.

⁵ Não identificamos como chegaram a esse valor. 31% dos 224 créditos que compõem as disciplinas obrigatórias e optativas resulta em 70 créditos. TAU conta com 32 créditos e EES, que pode ser relativa a estruturas, conta com 26, portanto ainda faltariam 12 para chegar na porcentagem indicada.

⁶ Disponível em: <http://darq.ufrn.br/historico/>. Acesso: 11 nov. 2021.

⁷ Disponível em: <http://darq.ufrn.br/graduacao/>. Acesso: 10 mar. 2021.

⁸ Informação disponibilizada em consulta ao Departamento de curso. Mensagem recebida por arquitetaurbanistacarolina@gmail.com em 10 mar. 2021; atualmente (outubro/2023) está previsto que a implantação acontecerá a partir de 2024.1.

⁹ Disponível em: <https://www.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/sobre/a-fa>. Acesso: 17 nov. 2021.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Disponível em: https://www.uc.pt/brasil/sistema_graus. Acesso: 17 nov. 2021.

¹² Disponível em: https://cifa.fa.ulisboa.pt/UnidadesCurriculares_2.0/fichas_UC/2020-21/201312000.pdf. Acesso: 17 nov. 2021.

¹³ Disponível em: https://cifa.fa.ulisboa.pt/UnidadesCurriculares_2.0/fichas_UC/2020-21/201313000.pdf, grifo nosso. Acesso: 17 nov. 2021.

¹⁴ Disponível em: https://cifa.fa.ulisboa.pt/UnidadesCurriculares_2.0/fichas_UC/2020-21/201313005.pdf, grifo nosso. Acesso: 17 nov. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://sigarra.up.pt/faup>. Acesso: 17 nov. 2021.

¹⁶ Disponível em:

https://sigarra.up.pt/faup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=586&pv_ano_lectivo=2020&pv_tipo_cur_sigla=MI&pv_ori gem=CUR. Acesso: 18 nov. 2021.

¹⁷ Ementas em: https://cifa.fa.ulisboa.pt/UnidadesCurriculares_2.0/fichas_UC/2020-21/201312000.pdf. Acesso: 17 nov. 2021.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

PESQUISA



REURBANIZAÇÃO DA FAVELA DO SAPÉ: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

REURBANIZACIÓN DE LA FAVELA DO SAPÉ: POSIBILIDADES Y DESAFÍOS

REURBANIZATION OF SAPÉ'S FAVELA: POSSIBILITIES AND CHALLENGES

FREITAS, MARIA LUIZA MACEDO XAVIER DE

Doutora, Professora Associada do Centro de Artes e Comunicações, Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano MDU, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: luiza.freitas2@ufpe.br.

GUERRA, AMANDA MARIA DE SANTANA

Mestranda em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE. E-mail: amanda.guerra@ufpe.br

CORDEIRO, GABRIELA DE SOUZA

Mestranda em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNICAP. E-mail: gabriela.scordeiro@ufpe.br

RESUMO

O artigo possui como objeto de estudo a obra de reurbanização da Favela do Sapé, localizada no bairro do Rio Pequeno na cidade de São Paulo. O projeto arquitetônico e urbano atendeu a um edital publicado em 2009 pela Secretaria de Habitação Municipal de São Paulo (SEHAB), o qual foi atendido pela associação dos escritórios de arquitetura Pessoa Arquitetos + Base Urbana. A partir da análise bibliográfica e documental, o artigo tem como objetivo analisar e compartilhar exemplos de intervenções na contemporaneidade acerca dos programas de Habitação de Interesse Social no Brasil. Ainda que a origem das Habitações de Interesse Social possa remontar à historiografia moderna, é imprescindível renovar o repertório arquitetônico e urbano frente às demandas do déficit habitacional na atualidade. Como forma de agregar a análise crítica, é feito um breve comparativo às experiências do Conjunto Habitacional do Jardim Edith, também em São Paulo. O interesse parte do aspecto do Sapé trabalhar de forma articulada, questões quanto ao uso dos materiais, da disposição volumétrica, enriquecida pela experiência participativa e dos aspectos ecológicos e urbanos. Tais análises podem servir como arcabouço teórico para a discussão e prática das urbanizações de favelas em diversas regiões do nosso país na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Habitação de Interesse Social. Reurbanização da Favela do Sapé. Desafios Contemporâneos.

RESUMEN

El artículo tiene como objeto de estudio la reurbanización de la favela Sapé, situada en el distrito de Rio Pequeno en la ciudad de São Paulo. El proyecto arquitectónico y urbanístico atendió a una convocatoria publicada en 2009 por la Secretaría Municipal de Vivienda de São Paulo (SEHAB), a la que concurrió la asociación de estudios de arquitectura Pessoa Arquitetos + Base Urbana. A partir de un análisis bibliográfico y documental, el artículo pretende analizar y compartir ejemplos de intervenciones contemporáneas en programas de Vivienda Social en Brasil. Aunque el origen de la Vivienda Social se remonte a la historiografía moderna, es imprescindible renovar el repertorio arquitectónico y urbano ante las actuales demandas del déficit habitacional. A modo de complemento del análisis crítico, se realiza una breve comparación con las experiencias del Conjunto Habitacional do Jardim Edith, también en São Paulo. El interés surge del hecho de Sapé trabajar de forma articulada, cuestiones relativas al uso de materiales, a la disposición volumétrica, enriquecidas por la experiencia participativa y por los aspectos ecológicos y urbanos. Tal análisis puede servir de marco teórico para la discusión y la práctica de la urbanización de favelas en diversas regiones de nuestro país, en la época contemporánea.

PALAVRAS-CHAVE: Viviendas de Interés Social. Reurbanización de la favela de Sapé. Desafíos contemporáneos.

ABSTRACT

The article has as object of study the work of reurbanization of Favela do Sapé, located in the neighborhood of Rio Pequeno in the city of São Paulo. The architectural and urban project complied with a public notice published in 2009 by the Municipal Housing Secretariat of São Paulo (SEHAB), which was complied with by the association of architecture offices Pessoa Arquitetos + Base Urbana. Based on bibliographical and documentary analysis, the article aims to analyze and share examples of interventions in contemporary times regarding Social Interest Housing programs in Brazil. Although the origin of Social Interest Housing can be traced back to modern historiography, it is essential to renew the architectural and urban repertoire in the face of the demands of the current housing deficit. As a way of adding to the critical analysis, a brief comparison is made with the experiences of the Jardim Edith Housing Complex, also in São Paulo. The interest comes from the aspect of Sapé working in an articulated way, questions regarding the use of materials, the volumetric layout, enriched by the participatory experience and the ecological and urban aspects. Such analyzes can serve as a theoretical framework for the discussion and practice of urbanization of slums in different regions of our country, in contemporary times.

KEYWORDS: Social Interest Housing in Brazil. Reurbanization of Favela do Sapé. Contemporary Challenges.

Recebido em: 21/06/2023

Aceito em: 15/12/2023

1 INTRODUÇÃO

O artigo possui como objeto de estudo a obra de reurbanização da Favela do Sapé, localizada na cidade de São Paulo, no bairro do Rio Pequeno. O projeto foi realizado sob a iniciativa da Secretaria de Habitação Municipal de São Paulo (SEHAB), em meados de 2010, e desenvolvido pelos associados dos escritórios de arquitetura Pessoa Arquitetos + Base Urbana, formados, respectivamente, pelos arquitetos Jorge Pessoa, Catherine Otondo e Marina Grinover. Por meio da análise bibliográfica e documental disponíveis em meios digitais sobre a intervenção em questão, o artigo tem como objetivo analisar criticamente a produção da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade acerca dos programas de habitação de interesse social no Brasil.

A investigação dessa obra se soma ao conjunto de análises de produções arquitetônicas brasileiras contemporâneas exploradas na disciplina compartilhada entre os Programas de Pós-Graduação das Universidades Federais de Pernambuco (UFPE), do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a Universidade de São Paulo (USP), a qual aconteceu no primeiro semestre de 2021 (Segawa *et al.*, 2021). A disciplina teve como resultado das diversas prospecções realizadas pelos 77 discentes, a análise crítica do que vem sendo produzido no Brasil, enquanto arquitetura de exceção, no seu sentido de extraordinário, fora do corriqueiro. O intercâmbio entre instituições foi possível pela transformação do ensino presencial em ensino remoto. A pandemia da COVID-19 impactou a humanidade, entretanto, a educação buscou sobreviver e atentar às possibilidades de construção científica no modo virtual. Nesse sentido, ainda que as autoras estivessem territorialmente distantes do objeto de pesquisa, situado em São Paulo, a realização do trabalho foi possível através do intercâmbio de informações entre os docentes e discentes da já referida disciplina. Bem como, do vasto material disponibilizado através da internet, como entrevistas, artigos, dissertações e relatórios sobre o projeto em questão e da sua pós-ocupação. Além de análises morfotípicas realizadas a partir de plataformas, como Google Earth e Google Street View, que fornecem imagens de satélites do território e vistas na escala do observador. Assim, foi possível transpor “barreiras” e fazer uma rica análise de um tema tão latente no Brasil: o da Habitação de Interesse Social (HIS).

Como direcionamento para a produção do trabalho, a roda de reflexões entre o tripé formado pelas três instituições encaminhou o exercício da crítica e suas maneiras de fazê-la. Assim sendo, colocou-se a ênfase histórica complementada e permeada pela reflexão crítica enquanto prática da arquitetura. Pergunta-se, assim, *quais os limites e os sucessos da participação popular no processo de projeto e onde conseguimos ler isso tanto no projeto das unidades habitacionais quanto no desenho urbano?* Para entender essa questão, foi realizado um estudo comparativo entre o projeto de reurbanização do Sapé com o da urbanização do Jardim Edith, projeto dos escritórios H+F Arquitetos e MMBB Arquitetos, com enfoque, sobretudo na tipologia dos edifícios arquitetônicos (Figura 1). Para tanto, se dividiu a análise em três momentos. Primeiro, realiza-se um breve percurso histórico pela produção de iniciativas em prol da habitação de interesse social no Brasil até o momento da formatação das políticas de urbanização de favelas, no período pós-redemocratização (1984-hoje). Segundo, é feita a análise do projeto do Sapé, pelo entendimento do local em que se encontra o empreendimento, do processo projetual e por fim, do resultado final construído. E em terceiro, é importante a análise comparativa com outro projeto também dito de urbanização de favela, o Jardim Edith, localizado na região sul de São Paulo, nas margens da Avenida Jornalista Roberto Marinho, antiga Águas Espraiadas, local que resguarda condições geográficas e ambientais semelhantes à região do Sapé. Conclui-se o trabalho pela indicação das limitações do projeto e por outras indagações.

Figura 1 - Habitacional do projeto de reurbanização do Sapé e o Conjunto Habitacional Jardim Edith, objetos de estudo comparativo apresentado no presente artigo



. Fonte: www.archdaily.com.br, editado pelas autoras.

Breve contextualização histórica das iniciativas pela Habitação de Interesse Social (HIS)

O tema da Habitação de Interesse Social (HIS) sempre lançou desafios para a sociedade, principalmente, para os arquitetos e urbanistas, bem como para as esferas governamentais e privadas. Embora haja uma temporalidade distinta acerca da origem da HIS em alguns países, como no Brasil (Bonduki, 1994), tal tema tange aspectos da urbanização das cidades, a qual muitas vezes não alcança resultados favoráveis para a produção de espaços urbanos e de moradia formal, principalmente no que diz respeito à população de baixa renda.

O tema da habitação popular tem laços estreitos com as utopias das vanguardas modernas, cujas propostas tanto podem ser relidas no formato de uma coleção de exemplos excepcionais realizados por arquitetos geniais, quanto podem ser revistas como uma busca porfiada e persistente, com altos e baixos, a favor da paulatina transformação da moradia em um caminho apropriado para a requalificação do tecido das cidades contemporâneas (Bastos; Zein, 2011, p. 303).

Embora a prática da arquitetura e do urbanismo tenha como um dos pilares a função social – com um forte cunho ideológico e simbólico para a promoção de uma vida mais digna para todas as pessoas – a sensação é a de que os problemas relativos à produção da HIS não serão resolvidos em sua totalidade. É admirável, porém, reconhecer os esforços envidados na atualidade, a fim de enfrentar as demandas e desafios do déficit habitacional em nosso país. A reurbanização da Favela do Sapé, objeto de análise deste trabalho, traz à tona o direito a uma habitação de qualidade, realizada de forma participativa, com o intuito de dialogar melhor com a malha urbana existente em conjunto com espaços públicos e urbanos que atendam às necessidades da população local.

No Brasil, desde o final do século XIX ao longo do século XX, a questão da HIS foi resolvida de dois modos pela iniciativa privada: as vilas operárias e as vilas rentistas. A primeira foi um modo de conciliar a Indústria a um conforto (ou controle) dos trabalhadores empregados. A segunda, uma forma de tratar a moradia como mercadoria. Já em relação às iniciativas públicas - realizadas pelos governos federal, estaduais e/ou municipais - só começaram a partir da década de 1910, quando as primeiras vilas, os conjuntos habitacionais e bairros - geralmente, voltados para os funcionários públicos de menor vencimento - foram construídos. Um exemplo disso é o bairro Marechal Hermes localizado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, na zona oeste (Freitas, 2005).

A HIS foi um solo bastante fértil para os arquitetos nacionais, sobretudo a partir do Estado Novo (1937-1945). Nesse momento, foram criados meios financeiros e políticas habitacionais públicas, que possibilitaram aos Institutos de Aposentadoria e Pensões - das diversas categorias - e à Fundação da Casa Popular, a produção de conjuntos habitacionais. Só que essa “política” se mostrou pouco eficaz para a solução do déficit habitacional do Brasil já na década de 1950. No início da década seguinte, ocorreram diversos debates sobre o tema, culminando na criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), com a finalidade de fomentar o Plano Nacional de Habitação para permitir o acesso à moradia da população mais carente, sendo extinto em meados de 1986.

Ainda que a origem das HIS possa remontar a historiografia moderna, é imprescindível renovar o repertório arquitetônico e urbano frente às demandas do déficit habitacional na atualidade. Como forma de agregar a análise crítica, é feito um breve comparativo às experiências do Conjunto Habitacional do Jardim Edith, também em São Paulo. O interesse parte do aspecto do Sapé ser uma intervenção relativamente nova, a qual atenta para questões do uso dos materiais, da disposição volumétrica, enriquecida pela experiência participativa da população e dos aspectos ambientais e urbanos. Tais análises podem servir como arcabouço teórico para a discussão e prática das urbanizações de favelas em diversas regiões do nosso país, na contemporaneidade.

Até a década de 1980, as ações sobre as favelas consistiram, geralmente, na sua remoção e realocação - e muitas vezes na expulsão - da população ali residente para locais distantes, a fim de dar lugar a grandes projetos voltados a um público de maior recurso monetário. Jacobs (2009) apontava problemáticas existentes nessa postura de intervenção e iluminava caminhos de um novo olhar sobre o problema da HIS :

Uma das ideias inconvenientes por trás dos projetos é a própria noção de que eles são conjuntos abstraídos da cidade comum e separados. Pensar em recuperar ou melhorar os projetos como projetos é persistir no mesmo erro. O objetivo deveria ser costurar novamente esse projeto, esse retalho da cidade, na trama urbana – e ao mesmo tempo – fortalecer toda trama ao redor (Jacobs, 2009, p. 437).

Dentro da discussão vigente na década de 1980, sobretudo com a Constituinte, na qual se instituiu um novo marco no quadro jurídico-institucional, surge a urbanização de favelas como um meio mais respeitoso com a população residente das ocupações. Está inserida no princípio da função social da propriedade,

reconhecida pela Carta Magna brasileira no artigo 182, que busca combater a especulação imobiliária e diminuir o que hoje se chama de “racismo ambiental”ⁱ. E tem como um dos seus instrumentos, regulamentados pelo Estatuto das Cidades (2001), o reconhecimento de áreas de assentamentos informais como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) pela municipalidade. Contudo, é preciso entender quais foram as condições socioeconômicas e políticas que propiciaram a formação das favelas.

As cidades cresceram, pois, com pouco ou nenhum planejamento, e com o investimento em infraestrutura seguindo (e não antecedendo) a ocupação efetiva do solo. Além dos problemas ambientais gerados pela ocupação de terras inadequadas e do custo elevado das soluções técnicas para urbanizar áreas já ocupadas, gerou-se uma enorme desigualdade de acessibilidade a recursos e serviços, o que agravou o processo de especulação com a terra. É importante ressaltar que, dado o baixo grau de consolidação do setor financeiro no país, até os anos 1970, as opções de investimento de capital eram restritas e parcela significativa das poupanças foi investida no setor imobiliário, o que resultou em fortes processos de especulação com a terra. Com isso gerou-se uma enorme disparidade entre os preços da terra nos mercados formais e as possibilidades de renda da maioria da população. É nesse quadro de escassez relativa de terra urbanizada a preços acessíveis, que se dá a formação das favelas (Cardoso, 2007, p.222).

Na cidade de São Paulo, a partir do governo da prefeita Luiza Erundina (1989-1992), começou a ser implantada uma política municipal de HIS. Neste período, aquela era caracterizada pela acentuada segregação demográfica que provocou a intensa periferação das camadas mais populares, bem como a ocupação de áreas mais vulneráveis, como fundos de vales, várzea dos reservatórios de água potável - Guarapiranga e Billings – e dos córregos e rios, caso da Favela do Sapé e do Jardim Edithⁱⁱ. A porção dessa urbanização espontânea, localizada em regiões geomorfologicamente frágeis, por exemplo, carecia de soluções mais seguras, a fim de evitar desabamentos, solapamento e inundações. O risco ambiental pulsante dessa “informalidade” fez-se presente nas discussões e precisava ser visto como prioridade nas futuras intervenções das HIS. Freitas (2005) já abordava acerca dessas discussões no território paulista, quando ainda no início do século XX, os engenheiros eram também responsáveis pelo ordenamento do processo de industrialização:

Esse tema não é um dos mais recorrentes entre os engenheiros e arquitetos participantes ativos do processo de construção da paisagem e da infraestrutura das cidades paulistas. No entanto, percebe-se em relatórios elaborados nas primeiras décadas do século XX, a presença de questionamentos das formas de habitação popular existentes e sua crítica, ao lado de proposições de modelos de habitações salubres, higiênicas e econômicas (Freitas, 2005, p. 11).

Nos anos 2000, não era suficiente atentar apenas às soluções de melhoria da infraestrutura das favelas. Assim, inicia-se o movimento de regularização desses espaços, através da inserção do instrumento das ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) no Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (2002-2014). Estratégias como as de regularização fundiária, de acesso aos serviços básicos de saneamento e de infraestrutura, assim como a criação de áreas verdes e parques públicos, estariam englobadas nas intervenções mais amplas para as ZEIS, juntamente aos programas sociais e a participação popular. Integrar esses espaços à malha urbana paulista existente foi um desafio marcante nesse período e, na contemporaneidade, continua sendo indispensável.

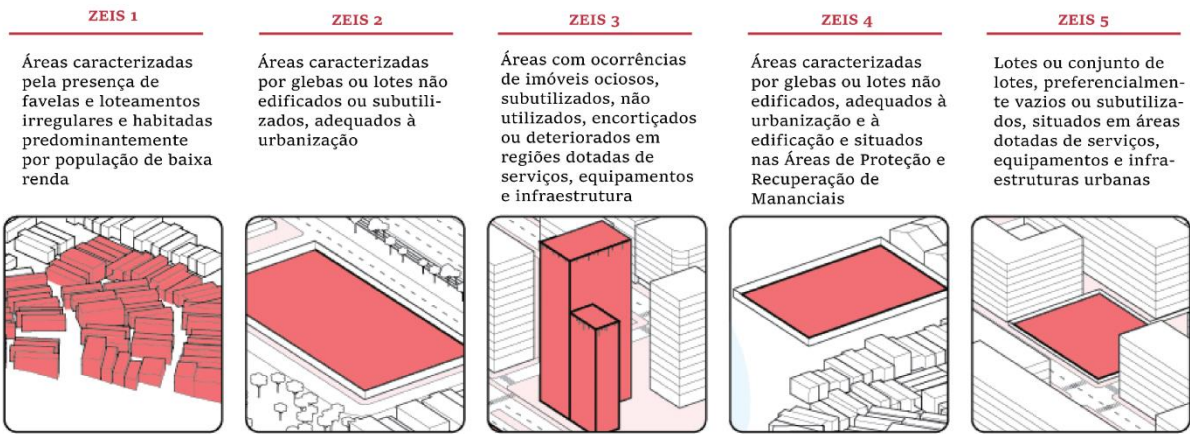
É a partir dos anos 2000 que a prática ganha mais destaque em um cenário nacional dados os avanços jurídicos e as novas diretrizes nacionais da política pública para o setor da habitação. Como referência, tem-se o marco da regulamentação dos artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988 (que versam sobre a função social da cidade e da propriedade), através do Estatuto da Cidade (Lei Federal 10.257/2001); a criação do Ministério das Cidades em 2003; e a criação do Sistema Nacional de Habitação (SNHIS) e do Fundo Nacional de Habitação (FNHIS) em 2005. Mas, sobretudo, a Urbanização de Favelas passa a ser incluída no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e ganha dimensão e importância antes nunca vista, tanto em volume de recursos quanto em quantidade de obras no país (Brandão; Leitão, 2016, p.6).

Nesse sentido, a comunidade do Sapé foi classificada pelo Plano Diretor de 2002 como ZEIS-1 (Figura 2) e o seu projeto de reurbanização se insere neste último momento, sendo viabilizado pelos recursos providos parte da Prefeitura da Cidade de São Paulo e parte do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) datando o Edital de Licitação de setembro de 2008, após eventos de grandes enchentes e sua inserção nos critérios técnicos prioritários.

Figura 2 - Esquema gráfico de caracterização das Zonas Especiais de Interesse Social da cidade de São Paulo.

ZONA ESPECIAL DE INTERESSE SOCIAL (ZEIS): TIPOS DE ZONAS

As áreas demarcadas como ZEIS são porções do território destinadas, predominantemente, à **promoção de moradia digna** para população de baixa renda. Foram definidos 5 tipos de ZEIS.



Fonte: Plano Diretor Estratégico de São Paulo, 2014. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/>.

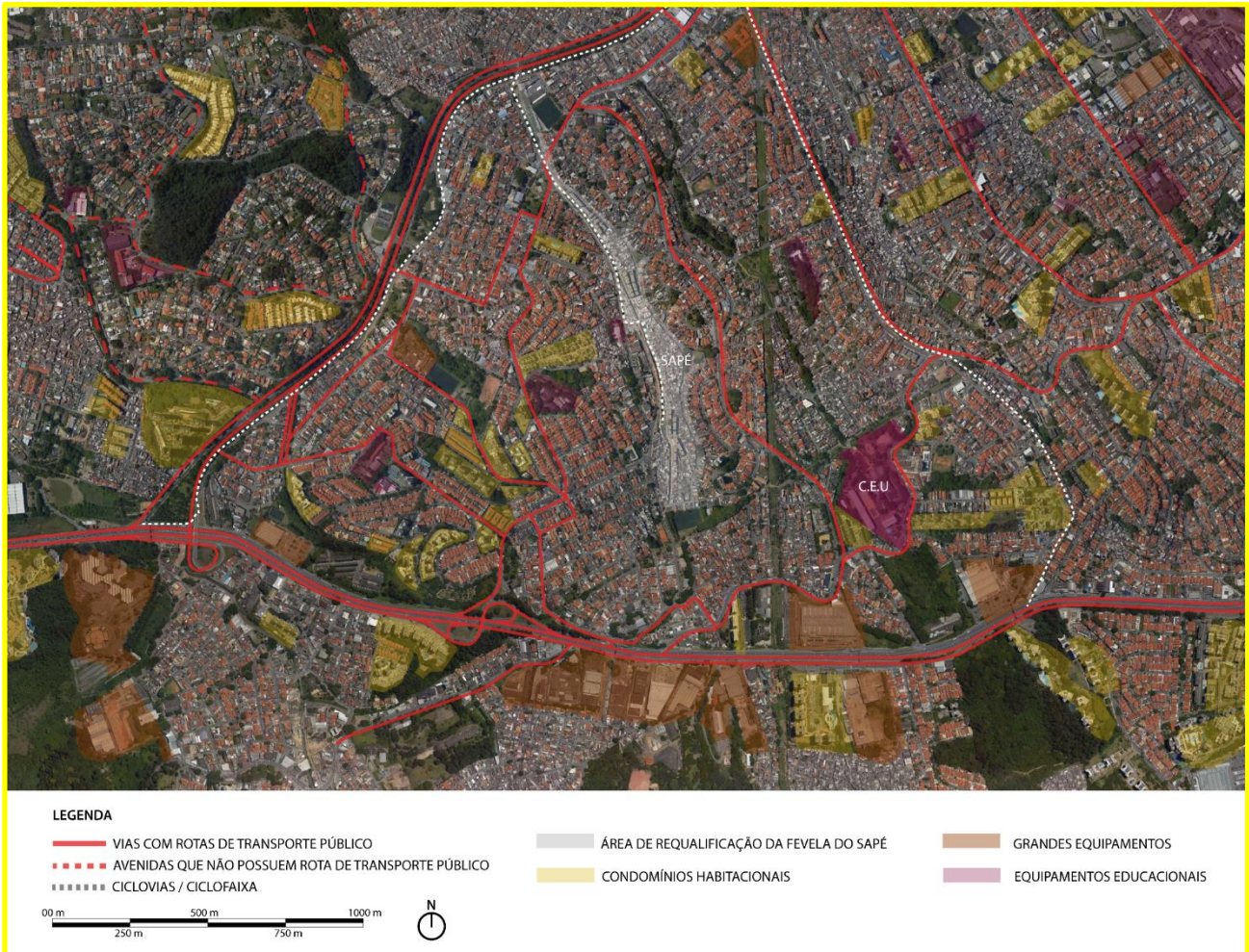
A segunda parte do presente artigo busca assim, apresentar os resultados dos esforços realizados na reurbanização da favela do Sapé, expondo a relação com seu entorno imediato, e a configuração de um novo traçado à malha urbana pré-existente. É nesse respeito às pré-existência urbana e social, que o presente caso se difere de um outro, o Conjunto Habitacional do Jardim Edith. Este serve de comparativo em que se apontam similaridades e dissonâncias em relação ao Sapé, e possibilita a compreensão das diversas formas de iniciativas existentes da HIS. É incômodo o fato de ainda existirem, em algumas cidades brasileiras, projetos de baixo valor arquitetônico e urbano voltados para as HIS. Por isso, torna-se crucial registrar exemplos que fertilizam o solo dos processos de reurbanização e urbanização de favelas em nosso país.

2 POR DENTRO DA INTERVENÇÃO DO SAPÉ E SEU CONTEXTO URBANO

A ocupação das margens do córrego do Sapé começou no início da década de 1960. Nesse momento, a cidade de São Paulo teve um aumento populacional, decorrente do fenômeno da migração de outros estados do sudeste, bem como de outras regiões do Brasil. O motivo foi a centralização da industrialização na Região Metropolitana de São Paulo, em conjunto com a falta de planejamento e de políticas habitacionais institucionalizadas, públicas e mais abrangentes, como visto anteriormente. Localizada na região oeste de São Paulo, mais especificamente na subprefeitura do Butantã e no distrito do Rio Pequeno, ficando próxima de outros distritos como Morumbi, Butantã e Vila Sônia, além da sua proximidade do Campus da Universidade de São Paulo (USP) e dos limites com a cidade de Osasco.

Em um raio de 2 km, vide Figura 3, percebemos algumas vias articuladoras como ao sul, a Rodovia Raposo Tavares (SP-270) e ao norte a Avenida Escola Politécnica (destacado por linhas duplas em vermelho), além de algumas barreiras, como uma linha de transmissão de energia a leste (elemento em verde que corta a Figura 3 na vertical). Os bairros localizados no seu entorno têm ruas em traçado sinuoso (destacadas por linhas simples em vermelho) que provavelmente acompanham o relevo, conforme os pressupostos do movimento das Cidades Jardins, as quais cercam pequenas praças, e são chamados de Jardim Esmeralda, Jardim Ester, Jardim Ester Yolanda, Jardim Tropical e Jardim Sarah. Estes são ocupados por casas unifamiliares de classe média (destacadas em cor amarela). Como equipamentos públicos, encontramos escolas públicas municipais, como o Centro de Educação Unificado (CEU) Butantã da Prefeitura de São Paulo, e escolas estaduais (destacados em cor rosa), bem como o Hospital e Maternidade municipal Prof. Mario Degni (destacados em cor laranja).

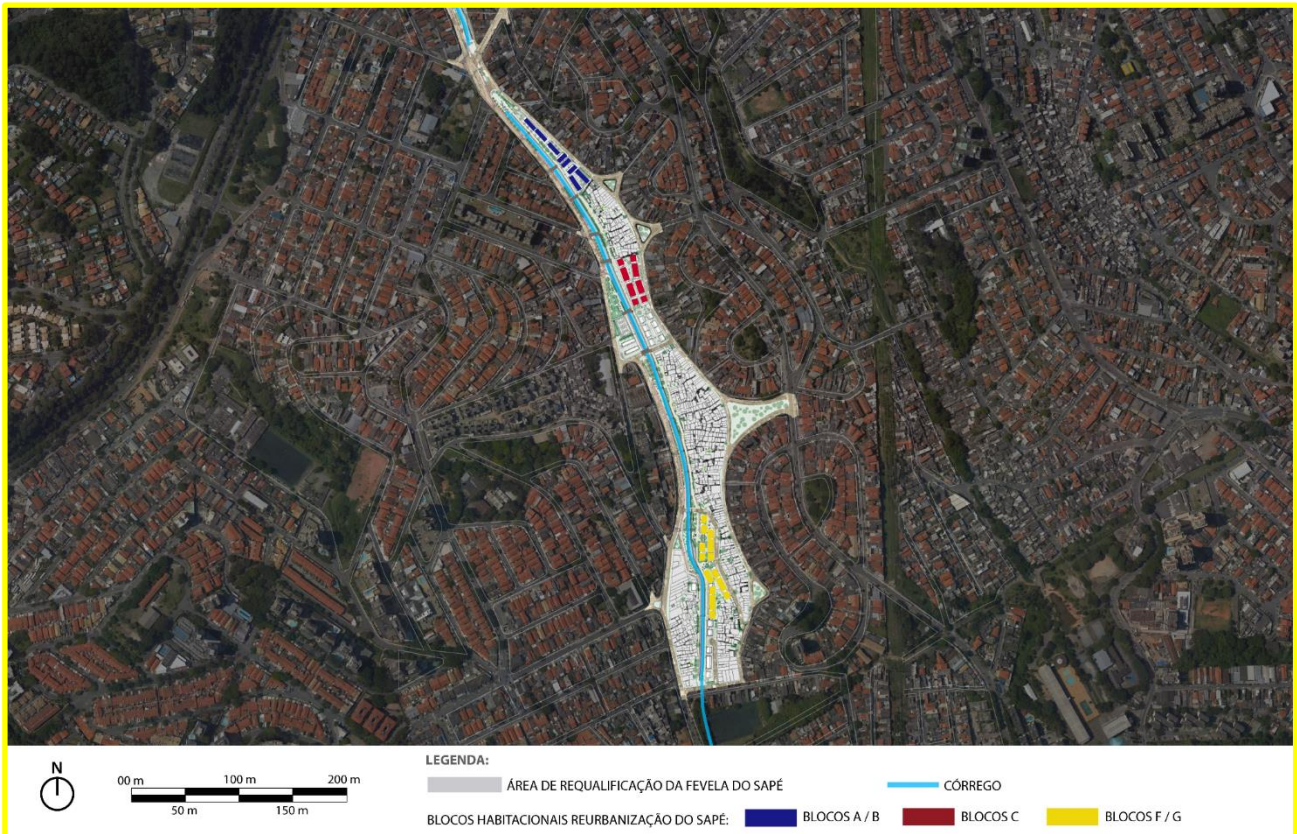
Figura 3 - Recorte territorial em um raio de 2km da Favela do Sapé e seu entorno, com a demarcação de elementos estruturadores da reurbanização.



Fonte: Imagem de satélite Google Earth, 2023. Editado pelas autoras.

O perímetro da intervenção do Sapé é compreendido nos limites da Av. Waldemar Roberto de um lado e da Rua General Syzeno Sarmento, do lado oposto. Através da Figura 4, percebe-se o entorno imediato ao projeto com traçado sinuoso com porções de área verde. A costura das duas margens é realizada por meio de pontes de pedestres e outras para circulação de veículos, as quais conectam a região do Sapé, criando percursos e interligando as vias existentes.

O projeto de reurbanização da Favela do Sapé, objeto de análise deste artigo, foi iniciado no final do ano 2010, sendo a execução o resultado da revisão das condições do Edital de Licitação lançado em setembro de 2009, no qual o Sapé foi dividido ao meio, em duas áreas: Sapé A e B (Figura 5). A área demarcada como Sapé A teve a licitação vencida pelo consórcio Englux / Galvão e a B, pelo Consórcio ETEMP / Croma. Esta decisão de divisão da área, tomada pelos técnicos da Secretaria de Habitação Municipal de São Paulo (SEHAB) veio a provocar, posteriormente, uma ruptura arquitetônica, com diferenças visíveis e marcantes entre o resultado das duas obras.

Figura 4 - Favela do Sapé e seu entorno, com demarcação da área de intervenção e dos blocos construídos.

Fonte: Imagem de satélite Google Earth, 2023. Editado pelas autoras.

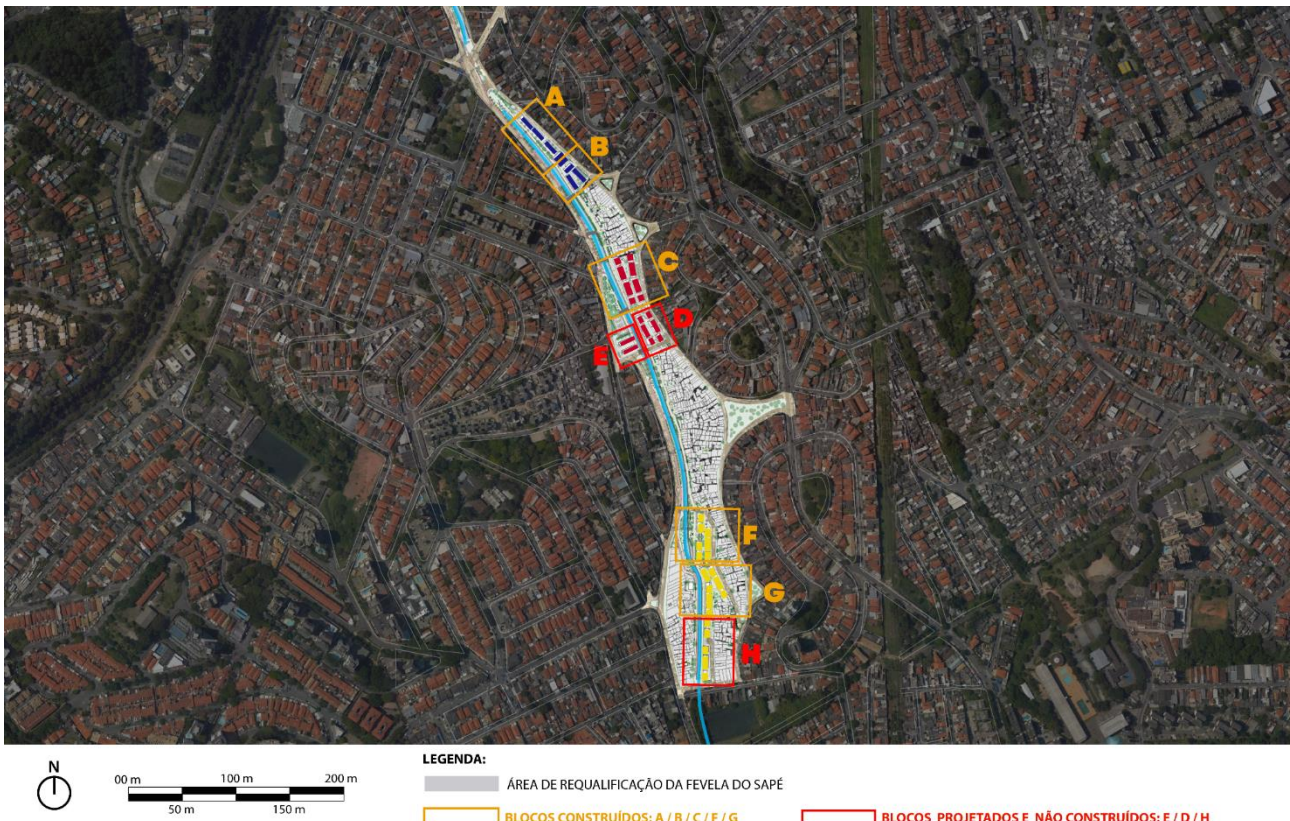
Segundo Ventura (2019), o então escritório Base 3ⁱⁱⁱ entrou, por intermédio da Superintendente de Habitação Social, Elisabete França, em contato com os dois consórcios, sendo contratado para realizar o projeto executivo. Em 2011, já com a obra em andamento, percebeu-se a desatualização dos dados estatísticos sobre a Favela do Sapé, uma vez que novos dados levantados à época mostravam que a população residente triplicou o seu quantitativo (Ventura, 2019). Contudo, no momento, não havia possibilidade de alteração das diretrizes e, sobretudo do montante investido no projeto. Antes da intervenção, existiam 7.598 mil habitantes, correspondendo a 2.362 residências. No projeto, 1.444 famílias foram removidas, contudo, apenas 496 foram atendidas com uma unidade habitacional. Do total de famílias removidas para as obras de intervenção, 965 não conseguiram ser realocadas em novas unidades habitacionais (Ventura, 2019).

As diretrizes do projeto pressupõem a realização da retificação e canalização do córrego; a remoção das famílias alojadas nas Áreas de Preservação Permanente (APP), seguindo as regras federais; a implantação de infraestrutura básica de saneamento; o fornecimento de energia elétrica; a regularização do sistema viário; a construção de áreas de lazer e de uma ciclovia. No projeto inicial dos conjuntos habitacionais, foram previstos oito condomínios, nomeados por letras A, B, C, D e E, implantados no Sapé A e os condomínios F, G e H, no B. Além da previsão de realização de dois conjuntos para famílias realocadas em áreas próximas ao Sapé, mas que devido a falta de recursos para a desapropriação dos terrenos privados, nunca se concretizou, assim como a construção dos blocos D, E e H (Figura 5).

Cinco condomínios foram, de fato, construídos^{iv} - A, B, C, F e G (em cor laranja na Figura 5) - e a intenção dos arquitetos era o de fazer dessa arquitetura uma mola propulsora para traduzir várias vozes da comunidade, identificadas ao longo do processo participativo do projeto, ainda que o mundo contemporâneo expusesse complexidades no âmbito econômico, político, ambiental e social.

O projeto de arquitetura para a favela do Sapé esteve amparado por duas premissas que também fizeram uma passagem escalonada de questões do espaço, sempre visando a qualificação ambiental urbana. Desenvolvemos um raciocínio projetual em duas direções: da unidade habitacional para o edifício e da cidade para o edifício (Grinover, 2017, p. 8)

Figura 5 - Desenho do projeto de reurbanização e demarcação dos blocos projetados (D, E e H, na cor vermelho) e construídos (A, B, C, F e G, na cor laranja)



Fonte: Base google Earth, desenho de projeto por Pessoa Arquitetura e edição das autoras.

Cada condomínio recebeu uma pintura inspirada nas três cores primárias: azul, vermelho e amarelo (vide Figuras 4 e 5). Os blocos de cor azul ou condomínios A e B são os que preservaram todas as diretrizes projetuais colocadas pelo escritório de arquitetura: circulação generosa que conformam praças elevadas e coletivas, e varandas, as quais funcionam como extensão da unidade habitacional. Além de alguns terem pequenos balcões colocados sobre a rua Syzeno Sarmento, sendo individualizados para cada apartamento. Já no bloco vermelho ou condomínio C e amarelos ou condomínio F e G, o projeto foi alterado para se ter economia devido ao término dos recursos inicialmente licitados. Logo a circulação é centralizada, que dá acesso a quatro apartamentos. Percebe-se a diferença entre projetos no entorno de cada conjunto. As propostas arquitetônicas e soluções projetuais para as unidades habitacionais dos condomínios do Sapé são resultantes de um projeto que partiu do número de membros por família, conferindo dinamicidade à relação entre blocos.

Essa dinâmica formal dialoga com o tecido informal adjacente e com o baixo gabarito do entorno residencial e comercial. Os edifícios encaixam-se na paisagem e na topografia criando cheios e vazios antes não sentidos à regularização fundiária (Figura 6). Esse arranjo extrapola as soluções de práticas comuns às HIS, pautadas, muitas vezes, em soluções padronizadas e uniformizadas, em um programa de necessidades sensível e com uma pluralidade nas configurações familiares. Ainda sobre a implantação do conjunto, o terreno/lote condiciona os blocos em planos distintos.

Estes elementos limites, embora não tão importantes como as vias, são para muitos, uma relevante característica organizadora, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade (Lynch, 1960, p.58).

Voltando a proposta da reurbanização, o córrego é visto como um potencial: ora para melhorar a drenagem urbana com a sua canalização e saneamento, ora como elemento a ser considerado na concepção projetual, partindo-se dele para organizar a nova morfologia urbana da região. Sendo assim, a retificação do córrego é um dos pontos nodais dessa intervenção. Nesse sentido, é percebido o alargamento das duas margens, promovendo zonas de transição entre as áreas de pedestres e as vias públicas. Em ambas as margens, no projeto, foram propostas uma maior arborização, a fim de acompanhar os percursos dos passeios, longitudinalmente. Com a criação de parques e praças, uma nova ciclovia foi elaborada, com a

intenção de conectar o Sapé à ciclovia existente na Av. Politécnica e ao CEU Butantã. A nova geometria proposta, através da canalização do córrego, permite um alcance visual ao nível da água durante o passeio e um acesso a espaços públicos em escalas diversas (Figura 6).

Figura 6 - Mosaico de imagens dos blocos A e B, da fachada frontal e posterior e sua inserção na cidade.



Fonte: Segawa (2019).

Vale ressaltar a importância, em nível de intenções projetuais, de despoluir o córrego, uma vez que ele é compreendido como elemento transformador das condições ambientais. A sua despoluição estimula a salubridade dos recintos imediatos e costura, visualmente, as novas paisagens criadas. Destaca-se, contudo, que o Córrego do Sapé já havia sido alvo de intervenções, em 2007, fruto do Programa Córrego Limpo, visava o saneamento de diversos córregos da cidade de São Paulo (PMSP, 2007) e sua área estava presente no Programa 100 parques, de 2008, o qual planejou implantar parques lineares ao longo do córrego do Sapé. O projeto de reurbanização de 2010 tornou-se, então, uma ação complementar à intervenção do programa 100 Córregos, concluída em 2009 na região.

Um grande diferencial do projeto desenvolvido para o Sapé foi a participação ativa da população, resultando em estratégias de desenho e projeto urbano que atendessem necessidades mais profundas, externalizadas pela população residente, o que permitiu encontrar soluções mais precisas para as problemáticas ali encontradas. O trabalho de desenvolvimento do desenho urbano e arquitetônico do Sapé buscou aproximar ainda mais as pessoas, em uma tentativa de colaborar na criação de um senso de pertencimento, visando repercutir diretamente para a manutenção e a melhoria da vida local. Em entrevista à pesquisa de Isabela Ventura, a arquiteta Marina Grinover fala um pouco sobre essa relação de elaboração do projeto junto a comunidade:

[...] Foi um trabalho de muitas idas e vindas, mas eu acho que a gente sempre manteve uma relação muito forte com a comunidade. Então toda vez que a gente tinha que tomar uma decisão, a gente procurava [se] lembrar das conversas, da maneira como as pessoas já viviam lá, para poder incluir isso nos novos espaços. Então, várias coisas que a gente pensou e que agora eu to vendo que tão (sic) sendo colocadas assim tem a ver com isso. Tem a ver com incluir a opinião de quem já mora lá e vai continuar morando (Ventura, 2019, p. 190).

[...] eu acho que é responsabilidade do arquiteto que está coordenando o processo do projeto, que ele saiba fazer o desenho do consenso, que não é o dele. É o desenho que todas essas vezes conseguem colocar. Esse é o desafio (Ventura, 2019, p. 192).

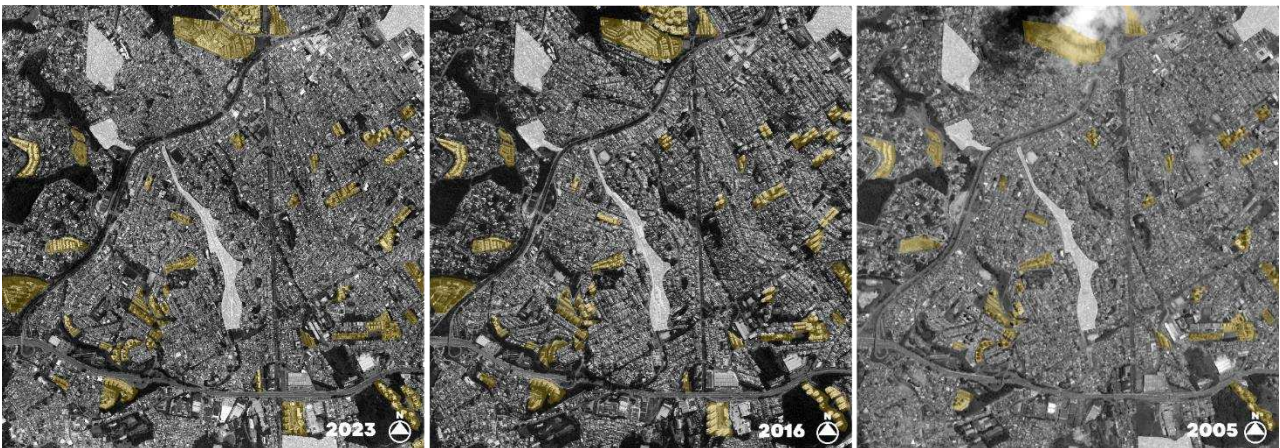
Dessa forma, entendemos que o resultado projetual inicialmente planejado, criava um conjunto articulando diferentes blocos habitacionais, novas áreas públicas como pequenas praças e áreas de esporte, reestruturando vias existentes e criando novos caminhos, que relacionavam espaços remanescentes da favela do Sapé à cidade formal. Contudo, a divisão inicial da área de intervenção em três diferentes etapas (Sapé A - Blocos habitacionais azuis / Sapé B - Blocos Habitacionais vermelhos e amarelos / Parque linear do Sapé), quebra a lógica integrativa do projeto original, acarretando em consequências preocupantes, quanto a novas ocupações e apropriações do espaço urbano, que repercutem diretamente na vida social dos habitantes da região.

Um projeto do porte e dimensão da reurbanização do Sapé não pode ser compreendido de maneira isolada. O caráter territorial da intervenção nos direciona a olhar mais atentamente para seu contexto urbano, para entender o seu nível de integração com a cidade, características de completude e conectividade, e tendências de crescimento contemporâneo.

Quando olhamos mais atentamente para uma fotografia aérea, conseguimos facilmente identificar grandes empreendimentos imobiliários de alto padrão, verticalizados, destacando-se na paisagem local e concentrando uma alta densidade habitacional. Tais empreendimentos começam a surgir com mais ênfase nos últimos 15 anos, ocupando grandes vazios urbanos na região (Figura 7). O notável interesse do mercado imobiliário na localidade nos faz questionar se esse não seria um fator importante para o impulsionamento de alguns programas de requalificação de zonas de interesse social, como ocorrido na Favela do Sapé, a qual foi alvo dos programas “Córrego Limpo”, em 2007, e “100 Parques”, de 2008, ambas iniciativas da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), como citados anteriormente.

Figura 7 - Mosaico de imagens de satélite da região de entorno da favela do Sapé, dos anos de 2023, 2016 e 2005.

As imagens mostram o crescimento de grandes empreendimentos imobiliários na área, demarcados em amarelo.



Fonte: Google Earth, 2023. Editado pelas autoras.

Um dos principais desafios enfrentados em assentamentos irregulares são os riscos ambientais e a insalubridade, a precariedade das moradias e a dificuldade de permeabilidade física (Cardoso, 2007). Para além da qualidade arquitetônica do conjunto habitacional A e B (bloco azul), ambos premiados em 2014 pela Associação Paulista de Críticos de Artes, na categoria Arquitetura/Urbanidade, o projeto de reurbanização do Sapé buscou trabalhar os princípios de conectividade da área, explorando o seu potencial integrador, procurando aproximar o assentamento de baixa renda com o entorno urbano, criando novos acessos, construindo novas conexões, tomando o córrego como eixo estruturante. Esse esforço visava proporcionar condições mais favoráveis à inserção social dos moradores da Favela do Sapé à cidade.

Contudo, ainda observamos alguns descompassos entre o que foi inicialmente planejado, com o executado, apresentando déficits na infraestrutura de suporte urbano, como a baixa cobertura de transporte público, com poucas rotas de ônibus; inexistência de conexão entre o núcleo da Favela do Sapé e um dos equipamentos públicos de maior relevância para a área, o CEU Butantã; entre outros, como citado pela Companhia Brasileira de Projetos e Empreendimentos (COBRAPE) no Relatório de Pós-ocupação da área:

Essa disparidade na avaliação por parte dos moradores, entre itens mais próximos ligados à implantação dos empreendimentos habitacionais, de um lado, e a avaliação “mais baixa” de itens ligados a aspectos mais globais que competem à esfera pública prover os serviços, mostra até certo ponto um desafio (e problema) encontrado em grande parte dos empreendimentos de habitação popular: a dificuldade de integração e planejamento dos diversos entes públicos em prover adequadamente (ao mesmo tempo) os bens e serviços numa determinada área geográfica que será modificada por ação do Estado (COBRAPE, 2019, p. 39).

3 REURBANIZAÇÃO DO SAPÉ E OS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

O projeto de reurbanização da favela do Sapé traz consigo diversos pontos positivos, com o reconhecimento de sua qualidade, sobretudo arquitetônica, por críticos e especialistas na área, sendo alvo de inúmeros estudos, como pontuado anteriormente. Da mesma forma, podemos observar uma série de problemáticas em torno da reurbanização do Sapé, decorrentes da forma como o poder público, enquanto agente de transformação espacial e social, lida com o contexto complexo da habitação de interesse social. Diversas questões tiveram suas raízes mesmo antes da idealização do projeto de urbanização da região, como a decisão de lançar dois Editais de Licitação, dividindo a área de intervenção e destinando consórcios empresariais distintos para cada uma das porções do território do Sapé. Essa ação, por exemplo, gerou uma clara desarticulação entre os projetos, sendo o resultado mais evidente, a diferença entre as propostas arquitetônicas dos conjuntos habitacionais da área do Sapé 1 e do Sapé 2.

Outro ponto importante a se destacar, são as transformações espaciais ocorridas atualmente no Sapé. Fotografias de 2017 da área de intervenção no Sapé, em matéria publicada pela revista digital Archdaily^v, mostram que após três anos da finalização das obras, o novo conjunto urbano manteve sua integridade preservada e apresentava um bom estado de conservação, tanto dos espaços privados (área dos condomínios habitacionais), quanto dos espaços públicos. Contudo, já em 2021 era possível observar mudanças substanciais nas relações espaciais, na área do projeto. A ciclofaixa projetada inicialmente não foi concluída, e partes dessa via, que acompanha o eixo linear do córrego, tem sido ocupada por estacionamento (Figura 8); além disso, construções irregulares voltam a ocupar os vazios urbanos gerados pela não construção de blocos habitacionais previstos em projeto; também há obstrução do passeio público por novas construções e abandono de materiais e objetos de grande porte, mobiliário público quebrado e sem manutenção; e ainda observa-se ocupação do córrego pela vegetação e pelo descarte incorreto de lixo (Figura 9).

Figura 8 - Desenho do projeto de reurbanização do Sapé e imagem da situação Pós Ocupação.

Percebe-se obstruções e a descontinuação da ciclofaixa em frente aos Blocos F e G.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/> e Google Street View, 2023, editado pelas autoras.

Nos relatos registrados na avaliação pós-ocupação da área, destacam-se diversas falas em que moradores compartilham tais problemas e seus sentimentos de frustração:

“(…) nós sentimos um abandono geral, porque assim, nós somos abandonados pela Prefeitura, teve várias invasão e ninguém fez nada, a gente tinha um parque, a gente tinha a ciclovia, [agora] a gente não tem nada, mal a gente consegue andar, e vai falar, mas isso não é obrigação minha, não é obrigação de ninguém aqui, isso é obrigação da Prefeitura, e a gente sentimos abandonada. Então pra mim, vou ser sincera com você, não melhorou nada, piorou, porque foi assim, um abandono, largou a gente”. “Eu sonho com a ciclovia sem casa invadida pra eu passear de bicicleta, aquela pracinha que tinha e agora não tem mais”. (Grupo Focal – Corpo Diretivo).

A permissividade, a “mistura” (a coexistência de barracos com os condomínios), as ocupações que voltaram a ocorrer algum tempo após a entrega dos empreendimentos, tudo isso, reforça a imagem de descaso que a população do Sapé sente hoje em relação ao poder público e o que traz uma certa sensação de desalento, melancolia, a sensação de um “Paraíso perdido” (a frustração mesmo para os moradores que acreditaram que a mudança viria e que ela seria permanente) (COBRAPE, 2019, p. 43).

Figura 9 - Mosaico de imagens que mostram problemáticas na área.



Fonte: Google Street View, 2022, editado pelas autoras.

As problemáticas existentes, dentro do contexto complexo que são os assentamentos de baixa renda, extrapolam as soluções arquitetônicas e urbanísticas. Desde muito cedo o projeto de reurbanização do Sapé sofreu com a necessidade de alteração de diversas soluções projetuais devido aos trâmites legais de licitação e adequações orçamentárias, que implicaram diretamente nas diretrizes urbanas/sociais propostas (Ventura, 2019). Soma-se a isso a insuficiência de políticas públicas que contribuam para a manutenção da qualidade de vida da comunidade, atendendo suas demandas contemporâneas, sendo explicitadas através de depoimentos contidos no Relatório da avaliação pós-ocupação (COBRAPE, 2019) da área e de transformações ocorridas no território. Sobre tal problemática, Cardoso (2007) cita que:

Historicamente, os programas de urbanização têm se limitado a atuar na melhoria das condições físico-urbanísticas, na regularização da situação fundiária e em melhorias habitacionais. Mais recentemente, vêm se ampliando as intervenções que associam esse padrão de intervenção com ações de política social, mais especificamente na capacitação profissional e na geração de trabalho e renda. [...] **A articulação entre ações de caráter social e de caráter urbanístico permitiria assim uma “territorialização das políticas sociais”, aumentando a sua efetividade e sua capacidade de focalização** (Cardoso, 2007, p. 233., grifo nosso).

4 REURBANIZAÇÃO DO SAPÉ E O CONJUNTO HABITACIONAL DO JARDIM EDITH: CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS

O processo de urbanização da favela situada no bairro Jardim Edith, no sul de São Paulo, imprime semelhanças e diferenças quanto à reurbanização da favela do Sapé. Um aspecto comum entre ambos reside na implantação e inserção urbana, os quais estão próximos a bairros nobres da cidade e ocupam as margens das águas. No caso do Conjunto Habitacional do Jardim Edith - projeto dos escritórios associados H+F Arquitetos (Pablo Hereñú e Eduardo Ferroni) + MMBB Arquitetos (Fernando de Mello Franco, Marta

Moreira e Milton Braga) – está circunscrito nas proximidades do Brooklin, das Avenida Engenheiro José Berrini, Jornalista Roberto Marinho e Marginal Pinheiros, bem como da Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira e do rio Águas Espraiadas. Em se tratando de dissonâncias entre os dois projetos destaca-se, no caso do Jardim Edith:

[...] todas as construções da favela são removidas para darem espaço aos novos edifícios. Esse tipo de intervenção é pouco frequente e, geralmente, aplicado no caso de áreas muito precárias, quando não existe a possibilidade de consolidar-se as moradias ou, ainda, em áreas nobres, de grande visibilidade, onde existe uma pressão para a eliminação da favela, como no caso do Jardim Edith, localizada na zona sul de São Paulo, no Brooklin (Ventura, 2019, p. 14).

Há também semelhanças na sua origem, o Jardim Edith já foi uma das maiores favelas de São Paulo, sendo paulatinamente atacada por ações movidas pelo Poder Público que expulsaram a população ali residente de modo violento durante a década de 1990. Essas perpetraram durante as gestões na Prefeitura de Paulo Maluf (1993-1996) e Celso Pitta (1997-2000), restando apenas a favela na “quadra” em que se implantou o Conjunto Habitacional de mesmo nome. No início do século XXI, o foco foi a abertura e alargamento da antiga Avenida Águas Espraiadas, sendo renomeada por Jornalista Roberto Marinho e da construção da Ponte Estaiada, dentro de um projeto de estruturação viária de abrangência metropolitana que pretendia conectar a Marginal Pinheiros - as regiões oeste e sudoeste - com a Estrada dos Imigrantes (segunda via de acesso ao litoral de São Paulo), passando nas proximidades do Aeroporto de Congonhas.

A malha urbana em que está implantado o projeto é marcada por um traçado linear, envolvido pelas avenidas, apresentando maiores nódulos de conexão e topografia mais “regularizada”. No caso do Sapé, a malha é mais orgânica, pois é uma área de transição, a qual conecta o tecido informal e o entorno preestabelecido (Figura 10).

Nos dois projetos, o conjunto edificado cria relações de cheios e vazios, com percursos de transição entre os usos públicos e privados, como também é no conjunto onde estão construídos equipamentos urbanos (Figura 11). No caso do Jardim Edith existem equipamentos públicos como um Restaurante Escola, uma Unidade Básica de Saúde e uma creche. Num desenho urbano consolidado, o novo conjunto habitacional do Jardim Edith mimetiza a plástica e formas do conjunto edilício adjacente, promovendo uma presença na paisagem mais homogênea e contínua.

Figura 10 - À esquerda, imagem do Jardim Edith. À direita, imagem do Sapé.



Fonte: www.mmbb.com.br e Google Earth- Editado pelas autoras

Figura 11 - Projetos analisados e sua relação com os espaços públicos, através dos cheios e vazios.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/>

As volumetrias demarcam o terreno com certa rigidez, ordenadas pelo traçado urbano ortogonal. O ritmo entre os volumes mais verticalizados é interrompido por um bloco mais baixo e longilíneo, criando proporções diversas ao Conjunto Habitacional do Jardim Edith. Neste projeto, a forma como foram projetadas as aberturas nas fachadas dos edifícios mais altos permite uma maior privacidade aos moradores em relação à cidade. No Sapé, os conjuntos ainda possuem volumes salientes, que criam varandas - muitas vezes resultantes da circulação externa - e balcões, trazendo à memória dos moradores o costume de acompanhar o movimento das pessoas e o cotidiano da cidade (Figura 12).

Figura 12 - Volumetrias e detalhes do Jardim Edith.

Fonte: www.mmbb.com.br

As duas intervenções receberam o Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos da Arte): o Sapé, em 2014, na categoria Arquitetura e Urbanidade e, o Conjunto Habitacional do Jardim Edith na categoria Urbanidade, em 2013. A paisagem urbana do Jardim Edith é emoldurada e vista através de combinações entre aberturas e fechamentos da trama envolvente da massa edificada desse conjunto. Já no Sapé, há a combinação de reentrâncias e saliências em alguns de seus condomínios, ora criando ambientes privativos, ora conectando visualmente a cidade e as pessoas. Ambos foram desenvolvidos em resposta a demanda da Secretaria Municipal da Habitação, iniciativa do setor de HIS (SEHAB/HABIS). É admirável indicar a possibilidade de um olhar mais crítico possível diante dos manejos e processos projetuais voltados para essas áreas, as quais são estruturalmente frágeis, sendo compostas por um grupo social sedento de seus direitos básicos e por melhores condições de habitabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que este trabalho foi realizado durante a pandemia em 2021, procuramos atualizá-lo com informações para este ano de 2023. O processo de reurbanização do Sapé ainda pulsa nos dias atuais, não

é em si um caminho que se encerra com a entrega de algumas unidades habitacionais ou da melhoria da infraestrutura, por exemplo. É interessante destacar que a ação fragmentada do poder público sobre a região do Sapé pode ter implicado a dificuldade de entender o mesmo como um conjunto integrado. O que provoca o abandono de algumas áreas. Por conseguinte, nesses locais abandonados, é sentido um processo agressivo de re-ocupação sobre o canal reurbanizado, sobre áreas destinadas aos espaços públicos e as destinadas aos novos blocos.

A pandemia da COVID-19 demandou um novo crescimento pela procura de habitação e a questão da urbanização de favelas deveria ser um ponto importante a refletir. Para Cardoso (2017, p. 229) “a experiência consolidada nos permite identificar, do ponto de vista físico, três modelos básicos de intervenção sobre assentamentos precários: urbanização, reurbanização e remoção”. Desse modo, perguntamo-nos se seria ideal remover todas as famílias do Sapé para construir blocos habitacionais como o ocorrido no Jardim Edith ou trabalhar em cima do que já existia?

A reurbanização da Favela do Sapé tangencia uma problemática sensível no contexto do nosso país. A questão da HIS, para ser “bem sucedida”, não depende, apenas, de bons projetos de arquitetura e urbanismo: ela envolve as esferas sociais, governamentais, econômicas e ambientais. As políticas públicas devem implementar programas que permitam a urbanização e a reurbanização de favelas e considerem a cidade como um território diversificado, que investe na integração e uso misto, onde os “cidadãos” devem ter seus direitos garantidos e afeiçoados a seus territórios (França, 2009, p.20).

O Conjunto do Jardim Edith mostra-se como mais uma possibilidade de análise, agregando valor no campo das renovações de áreas de favelas brasileiras. Enquanto o Sapé busca explorar os volumes, não como um objeto autônomo implantado de forma isolada do seu contexto, o Conjunto Habitacional do Jardim Edith busca explorar os materiais disponíveis para o projeto e sua plástica, conferindo opções para o manejo dos volumes, do seu envoltório e a sua linguagem morfológica inserida nos tecidos urbanos adjacentes.

A análise preliminar do conjunto edificado do Sapé e sua relação com o desenho urbano vêm trazendo à tona, nos dias atuais, a necessidade de trabalhar melhor os problemas que emergem desde a precariedade da concepção arquitetônica, do mau uso dos materiais, da falta de manutenção, da falta de conexão entre a malha urbana existente e seus equipamentos urbanos, quanto o ínfimo diálogo com os moradores dessas áreas fragilizadas. Por isso, torna-se necessária uma manifestação prática mais crítica em relação ao envoltório dos concursos e projetos de urbanização de favelas em nosso país.

Tendo em vista que o direito à habitação digna passou a ser considerada como “um potente instrumento de superação das condições urbanas problemáticas (sanitárias, viárias, de habitabilidade etc.)” (Bastos; Zein, 2011, p. 303), ficam os seguintes questionamentos: *como fazer da Arquitetura e do Urbanismo um exercício que, de fato, integra espaços e potencializa a qualidade de vida das pessoas? Até quando os projetos de HIS deixarão de olhar para a experiência e a história dos usuários e moradores como possíveis elementos de projeto favorecendo, predominantemente, as questões políticas e orçamentárias?*

Embora muitos projetos de urbanização e reurbanização sejam frutos de concursos, os profissionais precisam atentar para questões que envolvam as redes de apoio, relações interpessoais, oportunidades, espaços ambientais, imaterialidades e o usuário (morador) como o protagonista norteador das premissas básicas do projeto. O contexto da nossa atualidade é interpretado como um conjunto de sistemas complexos. Por isso, a necessidade de atualização do vocabulário arquitetônico e urbano é tão importante. Não apenas para conferir atributos às questões estéticas, mas fazer funcionar todo o conjunto proposto. Seja em sua infraestrutura, na qualidade e salubridade dos espaços, nas questões ambientais, sociais e econômicas, como componente importante da política habitacional nas cidades brasileiras.

A reurbanização do Sapé pode ser considerada um exemplo, na contemporaneidade, que busca transcender as práticas usuais sobre habitação social. Será um tema que tensionará muitas questões, com mudanças gradativas. Portanto, urge reverberar e espriar intervenções que podem ser referências e exemplos de estudo para os futuros projetos de HIS no nosso país. Nesse sentido, espera-se que o trabalho realizado colabore para a ampliação do conhecimento neste campo e para um melhor exercício frente às questões do déficit habitacional no Brasil, posto que, conforme ressaltam Bastos e Zein (2011, p.304), “o relativo crescimento numérico e a quase ausência de resultados qualitativamente apreciáveis pouco favorece uma reflexão renovada e, menos ainda, a abertura de novas formas de morar enquanto laboratório de transformação e ensino profissional”.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido por um trio, composto por duas alunas e uma professora, que se formou como resultante na disciplina “Arquitetura Moderna e Contemporânea no Brasil” dada remotamente em

tempos pandêmicos pelo tripé, formado por três programas de pós-graduação, PPGDU-UFPE, PROPARG-UFRRGS e PPGAU-FAUUSP. Agradecemos a todos os professores e colegas dessa disciplina e a CAPES pelas bolsas de mestrado que auxiliaram as mestrandas do MDU.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOLFE, S. A.; RUBIN, G. R. O desenvolvimento da habitação social no Brasil. *Revista Ciência e Natura*, v. 36, n.2, 201-213, 2014
- BONDUKI, N. *Origens da Habitação Social no Brasil (1930-1945). O caso de São Paulo* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BUENO, L. M. M. *Projeto e Favela: Metodologia para projetos de Urbanização* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BRANDÃO, A. J. D. N.; LEITÃO, K. O. O Programa de Urbanização de Favelas em São Paulo: as transformações físico-urbanísticas da Favela do Sapé. *VI ENANPARQ. Anais do Porto Alegre: ENANPARQ, 2016, p. 1- 18.*
- CARDOSO, A. L. Avanços e desafios na experiência brasileira de urbanização de favelas. *Revista Cadernos Metrópole*, n.17, 2007, pp. 219-240.
- COMPANHIA BRASILEIRA DE PROJETOS E EMPREENDIMENTOS (COBRAPE). *Pesquisa de Avaliação da Pós-Ocupação do Sapé - Condomínios A, B, C, F e G*. COBRAPE, 2019. Disponível em: http://www.habitasampa.inf.br/wp-content/uploads/2020/07/Relatorio_Pos_ocupacao_Sape. Acesso em: 14/fevereiro/2023.
- D'OTTAVIANO, C.; PASTERMARK, S. Paradox of the Intervention Policy in Favela in São Paulo: How the Practice Turned Out the Policy. Observatório das Cidades, São Paulo (tradução do artigo). *The Routledge handbook of institutions and planning in action*. New York: Routledge, 2018.
- FIX, M. Parceiros da exclusão: duas histórias de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. *Cadernos de Urbanismo*, n. 3, 1-15, 2001.
- FRANÇA, E. *Favelas em São Paulo (1980-2008): Das propostas de desfavelamento aos projetos de urbanização - A experiência do Programa Guarapiranga* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2009
- FREITAS, M. L. de *O lar conveniente: os engenheiros e arquitetos e as inovações espaciais e tecnológicas nas habitações populares em São Paulo (1916-1931)* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2005.
- GRINOVER, M. M. (). Desenho do espaço público em áreas precárias. In: PNUM - Rede Lusófona de Morfologia Urbana. *Anais do Vitória-ES: PNUM, 2017, pp. 1-12*
- JACOBS, J. *Morte e vida das Grandes Cidades*. (2ª ed.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- KEHL, L. *Breve história das favelas*. São Paulo: Claridade, 2010.
- LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. Lisboa, Portugal: Edições 70 (Coleção Arte e Comunicação), 1960.
- OLCZYK, M. *Problemática e Metodologia projetual de habitação de interesse social: análise do conjunto residencial Jardim Edith* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SEGAWA, H.; MARQUES, S. M.; MOREIRA, F. D.; CAMARGO, M. J.; GIROTO, I.; FREITAS, M. L. M. X. (2021). O amor nos tempos do cólera: um relato de experiências didáticas interinstitucionais em meio a pandemia. *Projetar: Revista Projeto e Percepção do ambiente*, v. 6, n. 3, 8-23. Disponível em: [http:// https://doi.org/10.21680/2448-296X.2021v6n3](http://https://doi.org/10.21680/2448-296X.2021v6n3). Acesso em: 14/ fevereiro/ 2023.
- VENTURA, I. *Urbanização de Favelas: estudo sobre os diferentes tipos de intervenção* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NOTAS.

ⁱ Racismo ambiental - Termo criado nos EUA, em 1981, pelo Dr. Benjamin Franklin Chavis, líder afro-americano de direitos civis.

ⁱⁱ O Jardim Edith foi uma grande ocupação da várzea do córrego Águas Espraiadas, divisor dos bairros do Brooklin com o Morumbi, até a gestão da Prefeitura de Paulo Maluf (1993-1996), quando este implantou a Operação Urbana com o mesmo nome do veio d'água. O processo foi violento, de expulsão da população para áreas mais periféricas ainda da região metropolitana de São Paulo. Para mais informações sobre o tema: Fix, Mariana. **Parceiros da exclusão**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

iii O Base 3 era formado pelos arquitetos Jorge Pessoa, Catherine Otondo e Marina Grinover, posteriormente se dividiram em dois escritórios, Pessoa Arquitetos e Base Urbana.

iv O condomínio A, foi entregue em outubro de 2014; o B, em abril de 2015; o C, em novembro de 2015; o F, em abril de 2017 e o G, em maio de 2017 (Ventura,2019, p. 52).

v Reurbanização do Sapé / Base Urbana + Pessoa Arquitetos" [Re-Urbanization of Sapé / Base Urbana + Pessoa Arquitetos] 01 Nov 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 24 Fev 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/796521/reurbanizacao-do-sape-base-urbana-plus-pessoa-arquitetos>> ISSN 0719-8906.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores

A INTERFACE DO HABITAR COM O ESPAÇO URBANO EM SANTO ANTÔNIO, RECIFE - PE

LA INTERFAZ DE LA VIVIENDA CON EL ESPACIO URBANO EN SANTO ANTÔNIO, RECIFE - PE

THE INTERFACE OF DWELLING WITH URBAN SPACE IN SANTO ANTÔNIO, RECIFE - PE

SILVA, FRANCISCO ALLYSON BARBOSA

Mestre, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano MDU, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: allyson.barbosa@ufpe.br

BRANDÃO, JOSÉ (ZECA)

Doutor, Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano MDU, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: jose.brandaont@ufpe.br

MOURA, THAYNÁ MORAES

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: thayna.moraes@ufpe.br

RESUMO

Este artigo apresenta a investigação realizada em conjunto com o Núcleo de Gestão do Porto Digital sobre as condições de habitabilidade do bairro de Santo Antônio, localizado na cidade do Recife - PE, por meio da interface da temática do habitar com o espaço urbano. Parte-se da compreensão de que o habitar vai muito além da relação com a moradia em si, englobando atividades cotidianas, relações sociais e dinâmicas urbanas, estando diretamente associada ao espaço urbano. Para o seu desenvolvimento, além do referencial teórico e da investigação de dados da área, foi desenvolvido um questionário online visando compreender as motivações e inquietações da população em relação a habitar a área central do Recife, destinado a um público-alvo pré-definido, que são os trabalhadores da área central do Recife - sejam eles associados à Prefeitura da Cidade do Recife/PCR, ao Porto Digital/PD e ao Câmara dos Dirigentes Lojistas/ CDL Recife -, permitindo desenvolver a pesquisa a partir de tais opiniões e respeitando as exigências éticas necessárias. Quatro categorias de análise foram escolhidas para constituir os levantamentos e, por meio da análise do questionário, foi possível compreender o ponto de vista de quem vivencia o bairro de Santo Antônio e suas prioridades, enxergando a relação entre habitar e o espaço urbano refletidos na área e o papel relevante dessa interface como vetor de transformação local.

PALAVRAS-CHAVE: habitabilidade; espaço urbano; áreas centrais; reabilitação urbana.

RESUMEN

Este artículo presenta la investigación realizada en conjunto con el Nucleo de Gestión del Porto Digital acerca de las condiciones de habitabilidad del Barrio de San Antonio, localizado en la ciudad de Recife - PE, a través de la interfaz del tema del habitar con el espacio urbano. Se parte de la comprensión de que el habitar va mucho más allá de la relación con la vivienda misma, abarcando actividades cotidianas, relaciones sociales y dinámicas urbanas, a lo que se asocia directamente al espacio urbano. Para su desarrollo, además del marco teórico y la investigación de datos en la area, se desarrolló una encuesta en línea con la idea de comprender las motivaciones y preocupaciones de la población en relación a habitar la zona central de Recife, destinado a un público específico predefinido, que son los trabajadores de la zona central de Recife - sean ellos asociados a Ayuntamiento de la Ciudad de Recife/PCR, a Porto Digital y a Cámara de Empresarios de Comercio/CDL Recife, permitiendo que se desarrollen investigaciones basadas en tales opiniones y respetando los requisitos éticos necesarios. Se eligieron cuatro categorías de análisis para constituir las encuestas y, a través del análisis del cuestionario, fue posible comprender el punto de vista de quienes viven el barrio de Santo Antônio y sus prioridades, siendo posible ver la relación entre habitar y el espacio urbano reflejadas en el área y el papel relevante de esta interfaz como vector de transformación local.

PALABRAS CLAVE: habitabilidad; espacio urbano; áreas centrales; rehabilitación urbana.

ABSTRACT

This article presents the research conducted in conjunction with the Porto Digital Management Center on the habitability conditions of the Santo Antônio neighborhood, located in the city of Recife - PE, through the interface of the dwelling theme with the urban space. It starts from the understanding that dwelling goes far beyond the relationship with housing itself, encompassing daily activities, social relations and urban dynamics, being directly associated with the urban space. For its development, in addition to the theoretical framework and data analysis of the area, an online questionnaire was developed to understand the motivations and concerns of the population regarding living in the central area of Recife, intended for a predefined target audience, which includes workers in the central area of Recife, whether associated with the City of Recife Government (PCR), Porto Digital (PD), or the Chamber of Shopkeepers of Recife (CDL Recife). This approach allowed the research to be conducted based on their opinions while respecting the necessary ethical requirements. Four categories of analysis were chosen to constitute the surveys, and through the analysis of the questionnaire, it was possible to understand the perspective of those who experience the Santo Antônio neighborhood and its priorities, envisioning the relationship between dwelling and the urban space reflected in the area and the relevant role of this interface as a vector of local transformation.

KEYWORDS: habitability; urban space; central areas; urban rehabilitation.

Recebido em: 13/06/2023

Aceito em: 13/12/2023

1 INTRODUÇÃO

As definições de cidade e centro urbano estão intimamente relacionadas e são indissociáveis. Com base nessa premissa, busca-se compreender as áreas centrais como o ponto de máxima complexidade da cidade. De acordo com Vargas e Castilho (2006), elas são o elemento mais importante da estrutura urbana, presentes em todas as cidades, em diferentes períodos e contextos. Além disso, o aumento do debate sobre a reabilitação das áreas centrais, impulsionado pela tendência de "voltar para a cidade construída", conforme indicado por Carrión (2001), torna necessário entender os mecanismos que tornam o processo de reabilitação urbana eficiente nessas áreas.

Na primeira metade do século XX, as áreas centrais de grandes centros urbanos brasileiros vivenciaram um aumento significativo populacional, resultado do processo de industrialização no país. Dentro desse contexto, a malha urbana passa a crescer de forma intensa, fazendo necessário, posteriormente, investimentos em políticas pautadas na expansão urbana, no intuito de modernizar e higienizar a cidade. Esse processo de modernização promoveu diversas transformações nas dinâmicas dos centros, tornando suas edificações com usos predominantemente comerciais e de serviços, enquanto o uso residencial foi destinado para periferias. Tal mudança teve como consequência a evasão populacional das regiões centrais, gerando baixos índices de manutenção e dinâmica urbana desses espaços.

Experiências nacionais e internacionais de Reabilitação Urbana em áreas centrais ocorreram no intuito de conter tal evasão e esquecimento desses espaços. Estas iniciativas buscaram reverter os processos de expansão da malha urbana e dinamizar as áreas centrais já consolidadas, contribuindo para diminuição da segregação socioespacial. No Brasil, no entanto, esse processo surge tardiamente, sendo atrelado diretamente às políticas de preservação do patrimônio, com pouca ênfase ao uso habitacional frente aos usos culturais e turísticos.

A presente pesquisa se desenvolve a partir da problemática do esvaziamento das áreas centrais, somado à ineficiência nos processos de Reabilitação Urbana devido à pouca ênfase pela função do habitar, e tem como objetivo compreender tal função em diferentes escalas, relacionando o habitar com a cidade. Por possuir interface com o espaço urbano, faz-se necessário analisar o habitar não somente vinculado ao imóvel, mas também à dinâmica da cidade, de modo a compreender as questões de habitabilidade de um território e como essas, quando em condições ideais, atuam como catalisadoras do processo de reabilitação urbana.

A escolha da área-objeto para tornar possível a realização do estudo é o bairro de Santo Antônio, localizado na cidade do Recife, Pernambuco. Por já ter sido uma das principais centralidades urbanas da cidade e, atualmente, se encontrar em eminente processo de deterioração, enfrentando uma série de problemas, como a ociosidade noturna, pouca diversidade de usos e carência de habitação, o bairro se torna ideal para compreender como condições adequadas de habitabilidade são capazes de reabilitar um espaço urbano. Além da sua relevância no contexto urbano da cidade, a área foi escolhida por ser também objeto de estudo do Porto Digital, através da Operação Urbana Consorciada do Santo Antônio, instrumento urbano que possibilita diversas transformações físicas e sociais no local e que apresenta objetivos voltados para a inserção do uso habitacional, sendo tratada como uma área de abrangência prioritária do Núcleo de Gestão do Porto Digital - NGPD.

Por conseguinte, a relevância do artigo se dá na complexidade da análise e inovação temática ao abordar aspecto pouco explorado na literatura e, por conta disso, ser um objeto com potencial a ser investigado pela comunidade científica. Somado a isso, é perceptível a amplitude da temática do "habitar", podendo ter diferentes significados e linhas de entendimento quando inserido no espaço urbano. Por este motivo, o artigo parte da interface entre as esferas, tendo o bairro de Santo Antônio como *lócus* do debate.

2 METODOLOGIA

O projeto adota uma abordagem de pesquisa exploratória, utilizando uma estratégia investigativa chamada "sequencial transformativa". Em cada etapa da pesquisa, é utilizada uma abordagem qualitativa, baseada em referências como Bardin (1977) e Bauer e Gaskell (2008), a fim de subsidiar as etapas subsequentes. A pesquisa tem um enfoque aplicado, buscando adquirir conhecimentos para solucionar os problemas identificados na interface entre o habitar e o espaço urbano na área central do Recife. Essas percepções serão importantes para contribuir com os processos envolvidos na Operação Urbana Consorciada do bairro de Santo Antônio (Porto Digital), proporcionando soluções práticas.

O projeto parte da premissa de que os aspectos do espaço urbano estão diretamente relacionados e são indissociáveis das condições de habitabilidade de um território, assumindo destaque frente aos aspectos físicos do imóvel. Para tornar possível sua realização, o presente trabalho se dividiu em 3 etapas, sendo elas: a fundamentação teórica, o levantamento de dados e a sistematização e análise dos dados levantados.

No primeiro momento foi realizada uma revisão bibliográfica de materiais que abordam a interface do habitar com o espaço urbano, como exemplo de Vargas e Castilho (2006), Guy Tapie (2014;2018), Pedro e Coelho (2013), entre tantos outros. Nesta etapa foi possível compreender os fatores associados ao habitar no que se refere a sua complexidade e subjetividade e a sua extensão e relação com o urbano, entendendo a interface entre as duas temáticas.

Na segunda etapa foi delimitada a área de estudo, o bairro de Santo Antônio, seguida da caracterização físico-espacial do território através de dados e levantamentos existentes. Para compreender as mudanças sofridas pelo bairro ao longo do tempo no que tange a temática do habitar, foram utilizados autores referenciais no assunto, como Reynaldo (2017), Lacerda (2007), Moreira (2004) e Naslavsky (2013). Somado a isso, foram coletados através de Meneses (2015), Nascimento (2004) e na base de dados do IBGE, dados do bairro visando comprovar tais mudanças. Essas informações permitiram a montagem de gráficos comparativos, evidenciando o processo de desocupação.

Ainda na segunda etapa, foi definido o público alvo da pesquisa, que são os trabalhadores do centro do Recife, já que ocupam o espaço diariamente. Os grupos definidos foram: trabalhadores formais ligados ao comércio, à Prefeitura do Recife e ao Porto Digital. Essa escolha se deu em comum acordo com o parceiro do projeto, o Núcleo de Gestão do Porto Digital - NGPD (Tabela 01). Optou-se por escolher tais grupos a partir das discussões teóricas e de conhecimento do problema em investigação, não por uma predefinição estatística sobre a quantidade de respostas dos indivíduos, seja geral ou por grupos.

Tabela 01: Quantitativo de trabalhadores da área central participantes do questionário.

| Público alvo | Subgrupos | recomendado | | realizado | |
|-------------------------------|---------------|-------------|-------|-----------|-------|
| | | subgrupo | total | subgrupo | total |
| Trabalhadores da área central | Porto Digital | 15 | | 67 | |
| | Prefeitura | 15 | 45 | 19 | 102 |
| | Comerciários | 15 | | 16 | |

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na terceira e última etapa foram criadas as categorias de análise das condições de habitabilidade do espaço urbano para a área central do Recife, que foram: segurança, mobilidade urbana, espaços públicos e usos complementares. Essa etapa se baseou no estudo do *Livability* (SILVER, 2010), que traz as vizinhanças mais habitáveis da cidade de Nova Iorque com base em categorias, e dos níveis residenciais abordados em pesquisas nacionais e internacionais. Para compreender como as categorias definidas se refletem no recorte de estudo a partir da perspectiva do público alvo e respeitando as exigências éticas necessárias, foi desenvolvido um formulário *online* na plataforma *Google Forms*, que contou com respostas abertas e de múltiplas escolhas, totalizando em 102 respostas. Nesse sentido e através da compreensão de Bauer e Gaskell (2008), torna-se difícil precisar a quantidade de entrevistas necessárias já que, para os autores, uma pesquisa qualitativa deve ser de no mínimo 15. Isso porque há um número limitado de versões da realidade que temas em comum são compartilhados entre os indivíduos, então, “permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada” (Bardin, 1977, p. 71).

Por fim, ao analisar as respostas coletadas, não foi observada discrepância entre os três subgrupos escolhidos para esta pesquisa. Devido a isso e somado a perspectiva de uma pesquisa qualitativa defendida por Bauer e Gaskell (2008), em que a partir de 15 respostas há uma tendência de similaridade, optou-se por agrupar as respostas dos subgrupos em um único grupo de análise: os trabalhadores da área central. Ainda no que tange às respostas coletadas, foi possível perceber como os resultados apontaram que as características morfológicas e de uso do espaço urbano afetam as condições de habitabilidade do bairro de Santo Antônio, a partir da abordagem do campo teórico do urbanismo e a sobreposição com aspectos da sociologia urbana, ratificado pelo público alvo que ocupa a área central do Recife diariamente.

3 DEBATE EM TORNO DO HABITAR E A INTERFACE COM O ESPAÇO URBANO

São diversas as definições atreladas ao habitar e mesmo imerso em uma diversidade de conceitos, é importante buscar percepções que auxiliem no seu entendimento, ainda que de forma mais ampla. É um consenso que o habitar foi e ainda se mostra um grande desafio na nossa sociedade, diante da sua importância coletiva para a cidade, mas também por conta das suas particularidades individuais atreladas à diversidade nos modos de vida dos habitantes.

Para Lima (2007), o habitar pode ser visto, inicialmente, de forma mais individual como 'abrigo'. No entanto, o autor aponta que abrigar-se também é dotado de complexidade e diversidade, uma vez que "pessoas se abrigam de formas diferentes, de variadas maneiras, na medida mesmo que se ocupam diferentemente enquanto ocupam o espaço" (Lima, 2007, *on-line*). Nesse sentido, habitar está associado não somente ao abrigar-se, mas também aos hábitos pessoais. O habitar, então, é entendido como a soma de interesses individuais e coletivos, e também atividades cotidianas, como ir ao trabalho e caminhar na rua, assumindo uma relação intrínseca com o espaço urbano e a vida em sociedade. Essa cadeia de relações e aspectos coletivos se mostra tão importante quanto o abrigo físico, sendo, inclusive, o fio condutor para a compreensão das condições de habitabilidade de um território neste trabalho.

Dentro desse contexto, a cidade assume o importante papel de interligação entre pessoas, extrapolando as compreensões da moradia e local de trabalho. Segundo Wirth (1962), quanto mais densa e heterogênea for a cidade, "mais acentuada serão as características associadas ao urbanismo". O sociólogo relaciona a densidade populacional ao fato de os interesses pessoais entrarem em choque dentro da urbe, compreendendo que para uma vida social, política e econômica ativa e positiva na cidade, deve-se prevalecer os aspectos coletivos, já que esse aumento da população promove maior complexidade social, resultando em diversos desafios para a sociedade.

Correlacionando os autores supracitados, é possível compreender que o ato de habitar um espaço, quando efetivo, é acompanhado da prevalência de aspectos coletivos frente a aspectos essencialmente individualistas, conforme dito por Lima (2007) de que o habitar não deve se restringir apenas ao indivíduo, como sugerem as definições de abrigo e dos hábitos, e sim à comunidade, algo que é comum a todos, ou seja, o conhecimento histórico e a memória coletiva da população também estão associados à habitabilidade, bem como o espaço urbano.

Porém, paradoxalmente, a sociedade contemporânea segue por um caminho cada vez mais individualista, de "abandono das formas de sociabilidade tradicionais fundadas na comunidade" (Guy Tapie, 2018, p. 11), tornando complexo o debate em torno do habitar. Somado a isso, o acentuado crescimento populacional reforça o processo de individualismo na sociedade, conforme compreendido por Wirth:

Max Weber, reconhecendo o significado social desse fato, salientou que, do ponto de vista sociológico, os grandes números de habitantes e a densidade do agrupamento significam que as relações de conhecimento pessoal mútuo entre os habitantes, inerentes a uma vizinhança, estão faltando, pois, envolve uma modificação no caráter das relações sociais (Wirth, 1962, p.99).

É nesse contexto que o espaço urbano age como conector dos indivíduos e, quando em condições adequadas de habitabilidade, potencializador do processo de coletividade. Nessa perspectiva, Guy Tapie (2014) discorre sobre a tentativa de ampliar o espaço doméstico para um espaço público, o que o autor compreende como a residencialização do habitat urbano. Tal processo visa transformar espaços da cidade a partir da inserção do uso habitacional. O maior desafio está em delimitar o espaço doméstico privado dos espaços públicos, induzindo a uma sensação de pertencimento por parte dos habitantes locais.

Uma das malhas estruturantes e transversais ao conjunto de modelos e linguagens de habitar encontra-se nas expressões territoriais das fronteiras entre o público e o privado através do uso e apropriação dos cenários domésticos, da sua relação simbólica de forças e das regras que orientam o seu funcionamento, qualquer que seja, ou venha a ser, o seu grau de abertura e permeabilidade. Esta relação assume as formas significantes mais variadas na construção de ideais, manifestação de preferências, ou exercícios de uso e apropriação dos cenários domésticos e vivência cotidiana que lhes são associados (Freitas, 2012, p. 4).

Com o avanço nas discussões em torno da temática, fica claro que tratar do habitar contemporâneo está diretamente relacionado com os espaços urbanos, uma vez que as práticas no espaço público, ainda segundo Guy Tapie (2018), se mostram tão conectadas e intensas quanto a inserção de moradias em um território. Destacar a conexão entre os locais de moradia, trabalho e comércio, prospecta uma vida densa, solidária e comunitária (Guy Tapie, 2018, p. 376). Mais uma vez as contribuições de Guy Tapie nos faz refletir sobre a relação e a importância do espaço urbano ao tratar do habitar, sendo possível perceber que a inserção de

habitação e as práticas nos espaços públicos se mostram fundamentais para a vitalidade urbana de um território.

É possível identificar, portanto, uma linha tênue entre o habitar e o espaço urbano diante das práticas de ocupação e das relações e trocas entre as pessoas para além do espaço físico da moradia, englobando experiências atreladas não só ao cotidiano, mas também ao universo do trabalho e do lazer. Essa extensão do habitar projetado no urbano, a partir das relações entre o homem e o espaço, tem uma importância significativa, e pode ser percebida como as condições de habitabilidade de um território.

Para Saldarriaga (1981), a habitabilidade é um conjunto de ações, sejam elas físicas ou não, que permitem a permanência e sobrevivência de indivíduos em um território de forma satisfatória. Já segundo o *Instituto de la Vivienda* (2004 p. 14), a habitabilidade é determinada "pela relação e adaptação entre o homem e seu ambiente". Esse pensamento sobre as condições de habitabilidade podem assumir desde aspectos físicos, voltados a questões atreladas aos imóveis e ao espaço urbano, como também aspectos não físicos, atrelados a questões culturais, simbólicas, econômicas e sociais de um território e de uma parcela da sociedade.

É a sobreposição de espaços físicos e não físicos que permitem garantir a habitabilidade do território. Somado a isso, Freitas e Pedro (2003) colocam que é importante também compreender os aspectos públicos e domésticos para um melhor entendimento sobre as condições de habitabilidade. Entender essas interfaces com o espaço urbano, sobretudo se tratando de áreas centrais históricas, de contextualização temática complexa, como aponta Carrión (2001), é inicialmente essencial para compreender de forma mais abrangente os aspectos relacionados à habitabilidade desses territórios.

Denota-se, portanto, a habitabilidade de um determinado território a partir do equilíbrio e a harmonia entre o habitar, para além do morar, e as experiências coletivas e individuais a partir das relações, sensações e almejos da população em um determinado lugar. Essas condições podem ser avaliadas em três escalas territoriais que garantem um sistema habitacional, sendo elas: a habitação, a unidade física no terreno; o entorno imediato, que se dá na transição entre o público e o privado, compreendendo ruas, praças, pátios adjacentes; e o conjunto habitacional, com casas e espaços públicos em um contexto mais abrangente da cidade. O sistema habitacional descrito acima é corroborado por Ferreira (2012) que também define três escalas, a da inserção, a da implantação e a unidade habitacional, essenciais em projetos habitacionais. Ambos os trabalhos trazem reflexões críticas sobre o planejamento urbano pautado na construção de moradias em áreas periféricas das cidades, elencando os desafios para um sistema habitacional.

Cada uma das três escalas definidas por Ferreira (2012) e o *Instituto de la Vivienda* (2004) possui indicadores e parâmetros de qualidade significativos referentes às condições de habitabilidade de empreendimentos habitacionais. Tratar dessa questão em consonância com o espaço urbano demanda pensar as três escalas de forma equilibrada, buscando perceber elementos que não se dissociam e são tão importantes quanto o habitar referente unicamente à escala da habitação/unidade habitacional. Na medida em que se aumenta a escala de análise, as questões referentes ao espaço urbano ficam mais próximas.

É importante ter em vista que as escalas se inter-relacionam. Assim, a garantia de moradia de qualidade não está apenas na boa inserção urbana, tampouco na boa implantação, como também não depende somente de correta solução tipológica ou tecnológica, isoladamente. A qualidade urbanística e arquitetônica está na boa relação entre as três escalas, em diálogo com o contexto socioespacial do qual o empreendimento faz parte (Ferreira, 2012, p. 63).

Os estudos realizados pelo *Instituto de la Vivienda* (2004) e Ferreira (2012) revelam as dimensões de habitabilidade e as relações com o espaço urbano em diferentes escalas e proporções. Ao avaliar essas dimensões ao nível da inserção urbana e da implantação, de proporções mais macro, segundo Ferreira (2012), aspectos relacionados à localização, infraestrutura, mobilidade, serviços e equipamentos, segurança, acessibilidade, densidade, privacidade, etc, são condicionantes essenciais e diretamente correlacionados ao habitar, e que se somam a escala da habitação/unidade habitacional. O diálogo entre as três escalas propostas pelos autores possibilitam o habitar mais qualificado.

Fica evidente que as condições de habitabilidade perpassam a própria edificação, e à medida que se aumenta a escala de análise, diversos elementos urbanos se somam a essa complexa análise, como já exposto anteriormente. Pedro e Coelho (2013) também trazem contribuições para essas investigações ao apresentar as tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais a partir de cinco escalas de análise, sendo elas: os Espaços e compartimentos, a Habitação, o Edifício, a Vizinhança Próxima e a Vizinhança Alargada.

Os estudos desenvolvidos pelos autores mostram elementos que caracterizam os territórios residenciais, destacando as qualidades gerais associadas a cada escala de análise no que se refere à habitabilidade. O que podemos perceber no estudo de Pedro e Coelho (2013) é a existência de uma escala que antecede a habitação, denominada de "espaços e compartimentos" e outra que antecede uma a vizinhança próxima, denominada "edifício". Nota-se que, embora apresente mais níveis físicos do que os apresentados por

Ferreira (2012) e o *Instituto de la Vivienda* (2004), há uma clara proximidade entre as escalas de análise, além dos autores destacarem a relação da habitabilidade com o espaço urbano.

Ao tratar da Vizinhança Alargada, Pedro e Coelho (2013) referem-se ao espaço urbano na escala do bairro, área inserida no cotidiano dos moradores, com oferta de transporte público, de fácil acesso e de relações de vizinhança mais intensas com os demais habitantes da área. Compreender o urbano na escala do bairro e sua relação com a habitabilidade da área é essencial para garantir a satisfação residencial por parte dos habitantes locais.

Já a Vizinhança Próxima, para Pedro e Coelho (2013), se caracteriza como uma área de transição entre espaços públicos e privados, a exemplo de pátios internos, quintais, etc. É nesse nível físico residencial que pode ser percebido, de forma mais clara, as fragilidades do espaço exterior, servindo como um complemento do espaço urbano mais público. Aqui os autores defendem que "o exterior também é habitação" e, por isso, deve ser levado em consideração nas análises de condições de habitabilidade em nossas cidades.

Vale a pena ter bem presente que excelentes condições exteriores "a porta de casa" compensam possíveis "faltas" no interior dos apartamentos. A situações concretas em que moradores consideram que tais condições compensam a falta de varandas e há mesmo casos em que moradores comentam que não se importam de um relativo apenamento das áreas domésticas, porque a vizinhança próxima tem quase tudo que uma zona urbana pode oferecer, "logo ali ao virar da esquina" (Pedro; Coelho, 2013, p. 87).

A escala dos Edifícios também é vista como um espaço de ligação entre o público e privado, embora seja pouco conhecida. Há uma distinção entre o espaço público, com as relações de vizinhança e o espaço privado, com as condições domésticas, mas que ainda carregam aspectos coletivos e públicos entre os vizinhos, a exemplo das relações de condomínio.

Em cada nível físico apresentado pelos autores, são relacionados problemas e soluções referentes ao habitar. Nota-se que, ao tratar da Vizinhança Alargada e da Vizinhança Próxima, a relação com o espaço urbano se dá de forma mais direta, com aspectos e elementos mais aprofundados sobre a temática de estudo. Fica evidente que as condições de habitabilidade são marcadas e influenciadas não somente pela habitação, mas também pela soma de relações que a mesma possui com o espaço urbano nas diferentes escalas.

Estes aspectos caracterizam uma qualidade urbana e residencial que resulta, com naturalidade, em satisfação e, conseqüentemente, num crescendo de intensidade de uso de cada vizinhança e de cada bairro, numa continuidade física, que atua como verdadeira extensão da habitação de cada um, em seqüências urbanas de proximidade marcadas por equipamentos que estimulem o convívio, como o café da esquina, a livraria, o bar, etc; equipamentos esses que simultaneamente com este papel convivial proporcionam mais segurança pública, seja devido a essa mesma vitalidade urbana induzida, seja pela vigilância natural que desenvolvem nos espaços públicos contíguos [...] (Coelho, 2012, p. 29).

Já os estudos realizados por Silver (2010)², também abordam a temática das condições de habitabilidade a partir dessa interface entre o habitar e o espaço urbano, sendo possível observar aspectos materiais e imateriais. Tal julgamento fica explícito nas categorias de análise, que aborda o urbano materialmente, mas também a partir do olhar do indivíduo e de sua vivência, em que a memória, a afetividade e suas percepções particulares permitem compreender a habitabilidade de determinado território. Para Henri Lefebvre (2008), é somente a partir da participação de grupos sociais que se é possível realizar e pensar soluções para os problemas urbanos das nossas cidades.

O estudo realizado por Silver (2010) pela *New York Real State Magazine* sobre as vizinhanças mais habitáveis na cidade de Nova Iorque, visava, a partir de levantamentos realizados na área, analisar as condições de habitabilidade da cidade de Nova Iorque. Silver (2010) reflete inicialmente sobre a riqueza de dados que a cidade possui, desde dados relacionados à violência até avaliações de bares de uma determinada área. Segundo o autor, o objetivo era sistematizar esses dados e utilizá-los de forma científica em prol da melhoria da qualidade de vida da população. Com os dados estáticos sistematizados na primeira etapa, foram definidas 12 categorias de análise das condições de habitabilidade. É importante perceber que as categorias envolvem aspectos relacionados ao habitar que vão além do espaço físico da habitação, se estendendo ao espaço urbano, a exemplo das categorias que refletem sobre a mobilidade urbana, a segurança, a diversidade de usos, aos espaços públicos, etc.

[...] custo da moradia (com base no preço por metro quadrado, tanto para locatários quanto para compradores), qualidade da moradia (distritos históricos, violações de código), trânsito e proximidade (tempos de deslocamento para Manhattan e Midtown, a densidade da cobertura do metrô), segurança (medida por taxas de crimes violentos e não violentos), escolas públicas (pontuações de testes e satisfação dos pais), compras e serviços (o número de opções do bairro, especialmente supermercados), alimentação e restaurantes (a julgar

pela densidade e qualidade das opções), bares e vida noturna (idem), capital criativo (espaços de artes, bem como o número de moradores engajados nas artes), diversidade (em termos de tanto raça quanto renda), espaço verde (acesso ao parque e beira-mar, árvores nas ruas) e saúde e meio ambiente (ruído, qualidade do ar, limpeza geral) (Silver, 2010, *on-line*).

Os resultados da pesquisa mostraram que cada perfil de público, responsável por avaliar as condições de habitabilidade do território, atribuiu pesos distintos entre as categorias, indicando que tais condições variam entre os diferentes arquétipos. Nota-se, portanto, que tratar a habitabilidade é tão subjetivo quanto conceituar o habitar, uma vez que depende das "necessidades e expectativas de cada indivíduo" (Bernardino, 2011, p. 56). Silver (2010) reflete:

É claro que nem todas essas categorias são igualmente importantes: a maioria das pessoas valoriza a segurança sobre o acesso a bares legais; escolas públicas podem ser muito importantes para alguns e nada para outros. [...] Por um lado, pensamos em quais fatores poderiam ser mais importantes para cinco tipos diferentes de nova-iorquinos e, em seguida, calculamos a média de suas respostas. Por outro lado, realizamos uma pesquisa online com mais de 3.000 pessoas em todo o país e 700 em Nova York, pedindo aos entrevistados que classificassem os fatores mais importantes para eles. De forma tranquilizadora, as duas abordagens produziram resultados muito semelhantes (Silver, 2010, *on-line*).

Embora seja um estudo realizado há mais de 10 anos e, conseqüentemente, expõe dados desatualizados, a pesquisa realizada na cidade de Nova Iorque apresenta uma leitura interessante sobre as condições de habitabilidade a partir de elementos associados ao espaço urbano, seja a partir de aspectos físicos ou não físicos.

É perceptível como as condições de habitabilidade englobam as várias escalas do habitar, e por isso, deve-se pensar de forma conjunta e conectada. É fato que essas condições ultrapassam as dimensões físicas da habitação, como já apresentado anteriormente, e se estendem ao espaço urbano, assim, se faz necessário pensar em soluções urbanas que visem maior viabilidade urbana, econômica e social.

A partir da compreensão da complexidade e da subjetividade no entorno da temática do habitar e sua interface com o espaço urbano, destacou-se a importância de se voltar o olhar para as áreas centrais históricas das nossas cidades, corroborando o pensamento de Carrión (2001) sobre a "volta para a cidade construída", ou seja, enquanto o planejamento urbano das cidades é pautado na expansão urbana, diversos autores apresentam as potencialidades e as necessidades de se intervir em áreas consolidadas, vislumbrando sua transformação. Mesmo com o aumento do debate relacionado à temática e a vasta diversidade de cenários que essas áreas apresentam, é válido reiterar não ser cabível a generalização de soluções para as diversas situações.

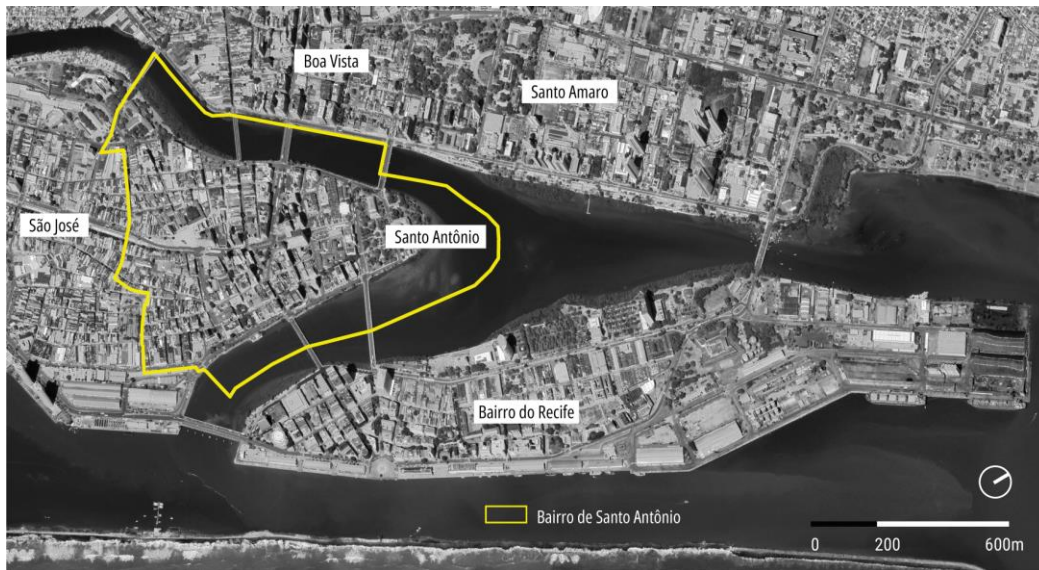
4 O BAIRRO DE SANTO ANTÔNIO COMO ESTUDO DE CASO

A formação da cidade do Recife se deu somente no século XVII, mesmo com mais de 130 anos de colonização portuguesa no Brasil. Segundo Reynaldo (2017), no ano de chegada dos holandeses à cidade do Recife, a Ilha de Antônio Vaz - área que atualmente se configuram os bairros de Santo Antônio e São José, entendidos como parte da área central recifense (Figura 1) - se resumia a uma grande porção de mangue, tendo sua ocupação ocorrido através dos holandeses. A escolha do local é explicada pela autora:

O reconhecimento do valor central da ilha de Antônio Vaz por parte de Nassau favorece, portanto, a decisão que marca o início de sua configuração, dos bairros de Santo Antônio e São José, como territórios político-administrativo e centro urbano da cidade do Recife (Reynaldo, 2017, p. 60).

Traçando a linha do tempo do bairro (Tabela 2), Reynaldo (2017) pontua que, posteriormente, na década de 20, o uso residencial do bairro de Santo Antônio começa a decair, enquanto o uso comercial e de serviços apresentam aumento. Por conta disso, no final da década de 20 e início da década de 30, surgem propostas de remodelação do bairro de Santo Antônio e São José, de modo a controlar o desordenado crescimento comercial do centro. Dentre inúmeros projetos do período, destaca-se o de Nestor Figueiredo, intitulado de "Plano de Remodelação e Extensão da Cidade do Recife" que, com o surgimento do Estado Novo no Brasil, é colocado em prática, destruindo muitas habitações e construindo, no lugar, prédios verticalizados e com caráter moderno, abarcando cinemas, escritórios, bancos e serviços. O projeto também contou com a criação da Avenida 10 de Novembro - atual Avenida Guararapes.

Figura 01: Localização do bairro de Santo Antônio no Recife.



Fonte: Google Earth, adaptado pelos autores (2022).

Tabela 02: Residentes no centro do Recife: segunda metade do séc. XX até séc. XXI.

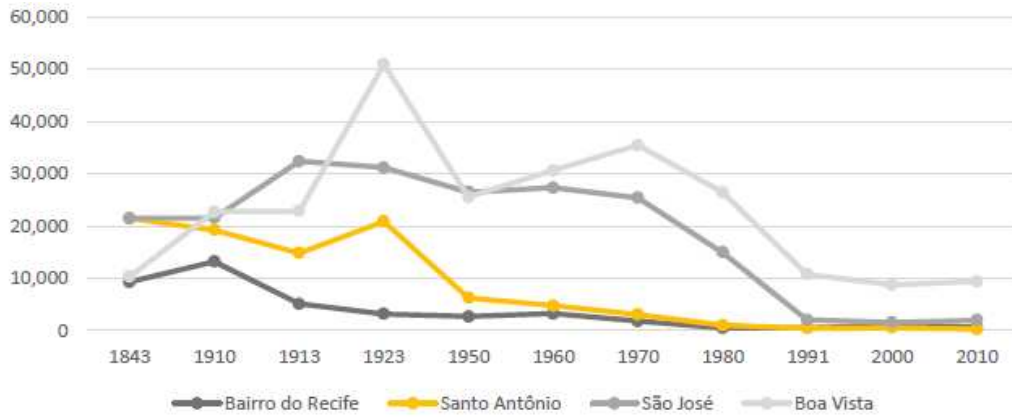
| | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|-------------------------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Bairro do Recife | 3.274 | 1.831 | 513 | 565 | 925 | 602 |
| Santo Antônio | 4.794 | 3.111 | 1.032 | 424 | 539 | 285 |
| São José | 27.298 | 25.387 | 14.944 | 2.058 | 1.567 | 1.987 |
| Boa Vista | 30.646 | 35.462 | 26.453 | 10.789 | 8.775 | 9.427 |
| Área central | 66.012 | 65.791 | 42.942 | 13.836 | 11.806 | 12.301 |
| Recife | 797.234 | 1.084.459 | 1.204.229 | 1.298.229 | 1.422.905 | 1.537.704 |

Fonte: Meneses (2015)¹, adaptado pelos autores.

Posteriormente, entre as décadas de 1940 e 1950, a necessidade da industrialização criou nova fase no bairro de Santo Antônio. Nesse período, a degradação das áreas centrais se acentua, apresentando dados de evasão populacional intensos. Isso se justifica pela descentralização de atividades ligadas ao terceiro setor, conforme cita Lacerda (2007), e pelo crescimento da malha urbana do Recife no entorno da orla marítima, criando uma zona de forte uso habitacional. Paradoxalmente, enquanto ocorria o decréscimo e deterioração da área central da cidade, o crescimento populacional era acentuado, explicitando o processo de abandono das centralidades (Gráficos 1 e 2).

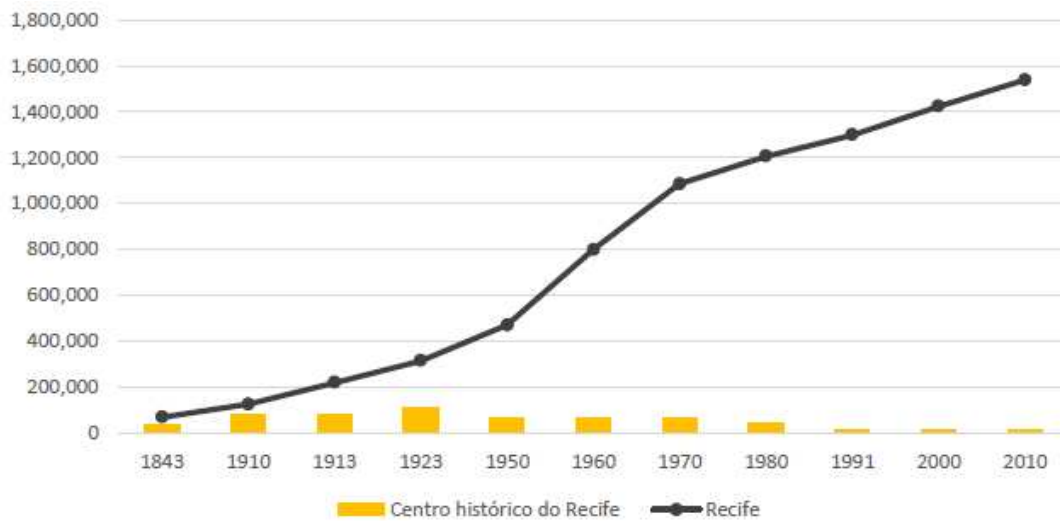
O centro urbano, segundo Villaça (2012), pode ser considerado o mais importante elemento da estrutura urbana, existindo em todas as cidades, de todos os tamanhos e diferentes períodos históricos. É partindo dessa compreensão e do contexto histórico supracitado que o bairro de Santo Antônio foi escolhido. O bairro se encontra, atualmente, na Região Político-Administrativa 01, na qual compreende todo o centro histórico da cidade do Recife e outros bairros adjacentes, totalizando 19 bairros. Somado a isso, o fato do bairro de Santo Antônio (Figuras 02 e 03) ter sido no passado a principal centralidade urbana do Recife e o processo de abandono que o bairro vem sofrendo, marcado por ociosidade noturna, pouca diversidade de usos e a carência por habitação, tornam a área adequada para o desenvolvimento de instrumentos de Reabilitação Urbana que visem melhorar as condições de habitabilidade do lugar e, posteriormente, potencializar o uso habitacional.

Gráfico 01: População residente na área central do Recife.



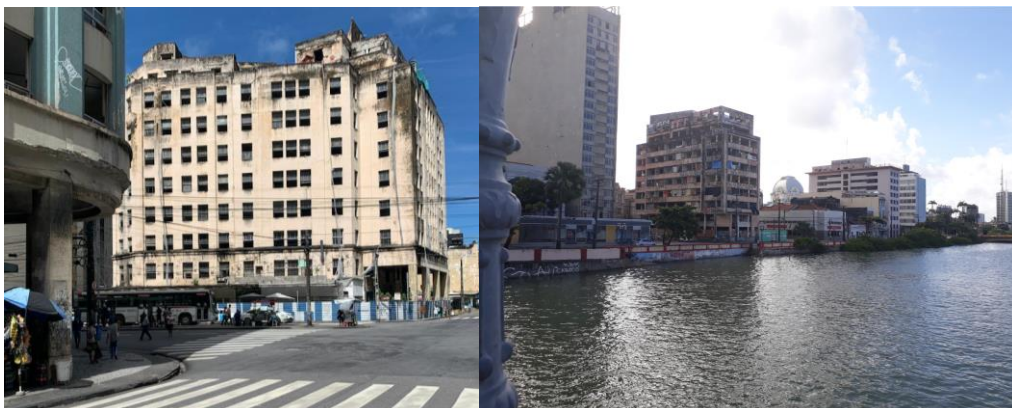
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Gráfico 02: Crescimento e decrescimento populacional da área central do Recife.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Figuras 02 e 03: Bairro de Santo Antônio no Recife.



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Cabe destacar, ainda, que o atual Plano Diretor do Recife (2021) divide a cidade em duas Macrozonas, a Macrozona do Ambiente Natural e Cultural – MANC e a Macrozona do Ambiente Construído – MAC, sendo Santo Antônio localizado na primeira. Ademais, o Plano Diretor do Recife (2021) também caracteriza a área

como uma zona de Projetos Especiais, que possui como objetivo a viabilidade de intervenções que visem a requalificação urbana e a dinamização econômica, segundo o Artigo 136. Justifica-se, portanto, a escolha do local dada a sua relevância histórico-cultural para a cidade do Recife, além da viabilização de projetos que melhorem o espaço urbano e promovam a dinamização econômica, bem como já relatado anteriormente, por ser a área de abrangência prioritária do NGPD.

5 RESULTADOS

Com base na compreensão da subjetividade e complexidade relacionadas ao tema do habitar e suas relações com o espaço urbano, busca-se entender as condições de habitabilidade do bairro de Santo Antônio. Embora a temática do habitar em áreas centrais seja de grande importância, ainda há poucos resultados práticos no Brasil. Ao resgatar as discussões já realizadas, percebe-se que as condições de habitabilidade de um território são analisadas considerando um conjunto de fatores físicos e não físicos que permitem a permanência humana, sobrevivência e certo grau de satisfação. Além disso, é crucial examinar a relação e adaptação do ser humano ao espaço em que está inserido.

Nesse contexto, torna-se evidente a importância de estudar o espaço urbano ao abordar a temática do habitar, indo além dos limites físicos da habitação e reconhecendo a relevância das práticas no ambiente urbano, que são tão importantes quanto a própria moradia. Portanto, a análise das condições do espaço urbano de Santo Antônio foi conduzida a partir da perspectiva daqueles que ocupam o espaço diariamente, neste caso, os trabalhadores da área central. Para aprimorar a análise e a sistematização dos dados coletados, foi necessário criar categorias específicas.

A análise das condições de habitabilidade do bairro de Santo Antônio sob a perspectiva dos trabalhadores da área central fica explícita no questionário realizado na plataforma *Google Forms*. Diante do que foi coletado, fica evidente motivações positivas e negativas na atitude de morar na área central, bem como para possíveis mudanças nessas percepções. Investigar o que influencia essas respostas é crucial ao tratar da temática da inserção do habitar em áreas centrais e quais ações devem ser priorizadas no caso do bairro de Santo Antônio.

O questionário foi estruturado da seguinte maneira: primeiramente, foram perguntados dados socioeconômicos, de forma a compreender possíveis ligações entre as respostas e o perfil dos indivíduos; após isso, foram questionadas percepções que afastam e/ou aproximam essas pessoas de Santo Antônio em caso hipotético de procura de um lugar para morar; em seguida e contando com respostas de forma aberta, foi questionado quais os motivos dessa aproximação e afastamento; por fim, foi solicitada a atribuição de pesos - 1 - muito prioritário, 2 - prioritário, 3 - pouco prioritário e 4 - não prioritário - de prioridade para cada uma das categorias³, no intuito de perceber quais elementos têm maior destaque. Ao todo, o questionário contou com 102 respostas.

Foi possível notar, ainda, que as respostas coletadas se dividiram em dois cenários: o primeiro parte do ponto de vista sobre morar no bairro na situação físico-espacial atual, já o segundo se refere a uma situação hipotética de transformações no território. Apesar dessa dualidade, é notável a importância dada aos aspectos associados ao espaço urbano, inclusive frente aos aspectos do imóvel.

Em relação ao questionamento sobre os principais motivos que afastam os entrevistados sobre morar em Santo Antônio diante da busca de um local para morar, os indivíduos puderam responder de forma aberta, com liberdade para discorrer sobre a temática, sendo possível mais de uma resposta por participante. Os resultados foram sistematizados a partir da interpretação dos pesquisadores, o que também gerou uma quantidade de respostas superior ao número de questionários respondidos. Para facilitar a análise, as respostas foram agrupadas em aspectos urbanos e aspectos do imóvel, conforme Gráfico 03:

Gráfico 03: Aspectos que afastam o habitar na área central do Recife.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Percebe-se que ao tratar do habitar em Santo Antônio, os aspectos relacionados ao espaço urbano foram mais citados frente aos aspectos do imóvel no que diz respeito ao afastamento do ato de morar no bairro situado na área central. Dentre as motivações citadas para essa atitude, questões que envolvem a insegurança do lugar foram as mais faladas, como exemplo da falta de policiamento a violência, a falta de iluminação, etc. Em seguida, foi relatado a falta de serviços e equipamentos, a exemplo de supermercados, farmácias, padarias etc. A conservação dos imóveis da área e a precariedade da infraestrutura urbana seguem a lista como pontos importantes a serem considerados.

Também foi questionado motivações positivas e relevantes para uma possível escolha do bairro de Santo Antônio, em sua situação atual, para se morar. As respostas coletadas se dividiram em dois pontos de vista: por um lado, os entrevistados sinalizaram potencialidades de viver hoje no bairro; por outro lado, a maior parte do público alvo relatou mudanças necessárias para o local tornar-se atrativo. Conforme a pergunta anterior, os resultados foram agrupados em aspectos urbanos e aspectos do imóvel (Gráfico 04).

Gráfico 04: Aspectos que aproximam o habitar na área central do Recife.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Analisando os resultados da pergunta, notou-se a relevância dada para a proximidade com a área de trabalho, o que se explica pelo fato do público alvo ser dos trabalhadores da região central. Em seguida, corroborando as situações que afastam o ato de morar na área central, a insegurança aparece como o segundo ponto mais relatado, ou seja, destaca-se a necessidade por melhoria na segurança para prospectar o habitar no território, seguido da possibilidade de diversidade de usos na área. Percebe-se, assim como os motivos que afastam a possibilidade de morar na área central por parte dos trabalhadores, relatos atrelados à qualidade do espaço urbano no que diz respeito à infraestrutura urbana e espaços públicos e de lazer, vida noturna, entre outros. Essas informações são importantes e destacam a relevância das categorias pré-estabelecidas (segurança, usos complementares, espaços públicos e mobilidade urbana), bem como das subcategorias⁴.

Os resultados mostram que o bairro de Santo Antônio, atualmente, é visto como lugar de passagem, em que a visão como um território residencial é praticamente inexistente. Para além disso, fica claro que ao pensar em habitar uma área, os entrevistados, em sua grande maioria, responderam citando aspectos urbanos, evidenciando novamente a relação direta do habitar com o espaço urbano, conforme dito anteriormente. Tratar de tal temática é compreender que as condições de habitabilidade, atreladas a condições físicas e não físicas de um espaço, possibilitam a permanência de um indivíduo – ou um grupo deles – em um determinado lugar, conforme apontado pelo sociólogo francês Guy Tapie (2018) de que as práticas do espaço público se mostram tão mais intensas quanto a inserção direta de moradias.

Para reforçar a compreensão da relação do espaço urbano com as condições de habitabilidade do bairro de Santo Antônio por parte dos trabalhadores da área central, foram analisados os pesos atribuídos para as categorias e subcategorias de análise pré-definidas. Ao tratar da relevância das categorias de análise, a maior parte das respostas foram positivas, mostrando que o público alvo as considera importantes (Gráfico 05). Optou-se por estruturar a questão de forma fechada, com três possibilidades de resposta, para facilitar a sistematização de dados. Em seguida, cada indivíduo pode atribuir pesos para cada uma das categorias de análise, sendo eles: 1 – muito prioritário; 2 – prioritário; 3 – pouco prioritário; 4 – não prioritário. No Gráfico 06 é possível enxergar que a segurança é o aspecto mais relevante, apesar de todas as categorias serem percebidas como prioritárias.

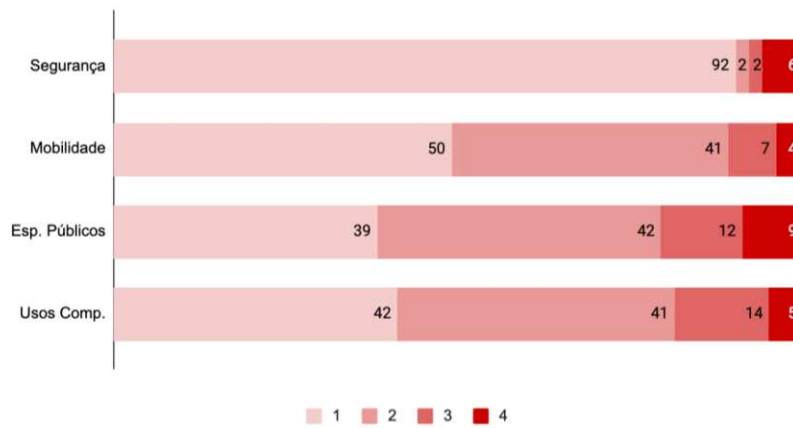
Mais uma vez conseguimos perceber que a segurança é o ponto mais prioritário ao tratar da temática do habitar em Santo Antônio, sendo atribuído peso 1 (muito prioritário) por 92 das 102 respostas coletadas (Gráfico 07). As outras três categorias apresentam dados semelhantes e equilibrados, embora sejam percebidos “apenas” como prioritários. Em relação à segurança, ainda, a categoria foi dividida em 3 subcategorias: dinâmicas urbanas, iluminação e policiamento. Dentre as subcategorias, a iluminação foi notada com maior urgência de melhora, ou seja, já existe a percepção de que a segurança se dá na melhoria da qualidade do espaço urbano.

Gráfico 05: Análise da relevância de cada categoria de análise do espaço urbano.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Gráfico 06: Prioridade de cada categoria de análise do espaço urbano.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Gráfico 07: Pesos atribuídos para as subcategorias de Segurança.



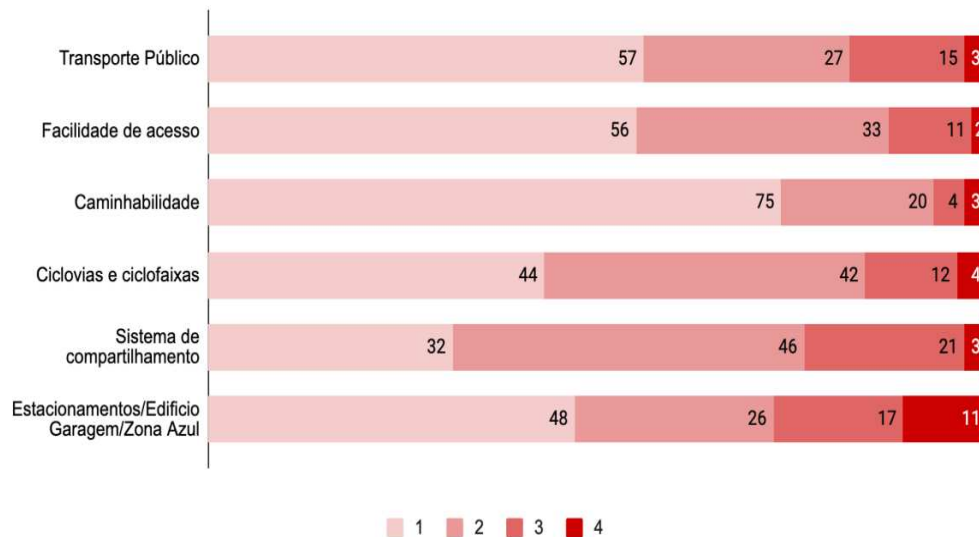
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Além disso, a iluminação também é um importante indicador de segurança na visão da população, pois desempenha um papel fundamental na percepção e sensação de segurança. Quando as áreas públicas, ruas, praças e espaços comuns são adequadamente iluminados, as pessoas se sentem mais seguras e confiantes em transitar nesses locais, principalmente durante a noite. Uma iluminação eficiente não apenas aumenta a visibilidade, permitindo que os indivíduos identifiquem melhor os arredores e se orientem, mas também dissuade atividades criminosas, pois a presença de luz inibe a ação de potenciais infratores. Além disso, a iluminação adequada cria um senso de comunidade e encoraja o uso desses espaços públicos, promovendo

a interação social e contribuindo para uma atmosfera mais acolhedora e segura. Portanto, investir em um sistema de iluminação pública eficiente e bem planejado é essencial para atender às necessidades e expectativas da população em relação ao habitar, proporcionando uma melhor qualidade de vida para todos.

No que tange a Mobilidade Urbana (Gráfico 08), a subcategoria de caminhabilidade se apresenta com maior prioridade de mudanças, mostrando a relevância do pedestre diante dos outros modais de locomoção. Vale destacar que apesar das diversas melhorias necessárias no bairro de Santo Antônio, o local é bem servido de transporte público, contando com corredores de BRTs (Ônibus de Transporte Rápido) e com boa conectividade em relação a outras partes da cidade.

Gráfico 08: Pesos atribuídos para as subcategorias de Mobilidade Urbana.

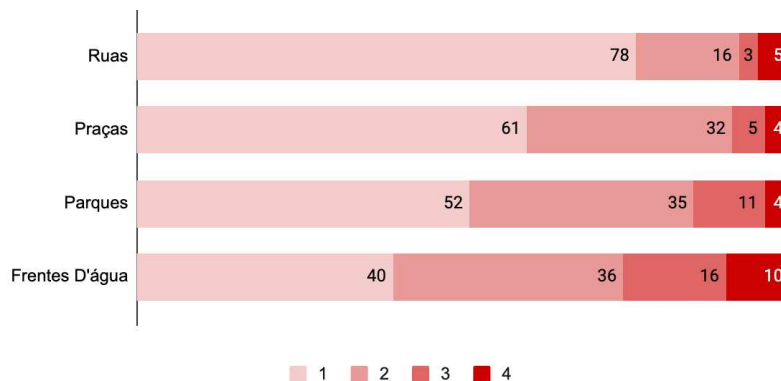


Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na categoria referente aos Espaços Públicos (Gráfico 09), a subcategoria que obteve maior destaque se refere à rua. Enxergando a rua como espaço público mais próximo de uma habitação, é possível compreender tal destaque, já que o questionário aborda melhorias para tornar o bairro mais propício para habitação.

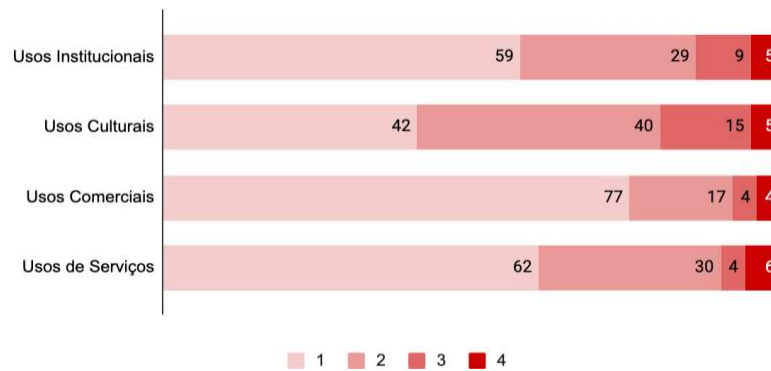
Por fim, a categoria de Usos Complementares (Gráfico 10), nos tópicos referentes a motivações e afastamentos, o uso comercial e de serviço foi citado diversas vezes, mostrando a urgência dessa oferta. O resultado se repete quando as subcategorias são analisadas, tendo o uso comercial e o uso de serviço os maiores pesos de prioridade. Destaca-se, também, que a baixa priorização do uso cultural pode ser justificado pelo fato da área central já oferecer largamente atividades culturais, em função de políticas públicas preservacionistas amplamente estimuladas nesses bairros centrais no Recife.

Gráfico 09: Pesos atribuídos para as subcategorias dos Espaços Públicos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Gráfico 10: Pesos atribuídos para as subcategorias dos Usos Complementares.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Portanto, fica explícito que as condições de habitabilidade do espaço urbano do bairro de Santo Antônio são precárias. A leitura do diagnóstico da área aponta para a potencialidade que o bairro possui frente às fragilidades encontradas nas quatro categorias de análise e, ao observar as motivações e frustrações sobre o morar no território nas condições atuais, é perceptível como os aspectos do espaço urbano são substanciais nas percepções e respostas dos indivíduos. Os pesos atribuídos na última etapa do questionário mostram, com mais detalhes, as prioridades elencadas pelos trabalhadores, evidenciando não só a relevância da temática, e das categorias e subcategorias analisadas, mas a urgência de se observar os aspectos apontados visando transformar o espaço urbano e, conseqüentemente, as condições de habitabilidade do território.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorar o tema das áreas centrais permite compreender as políticas urbanas que impulsionaram - e continuam impulsionando - o crescimento das cidades, além de ressaltar a importância de uma participação diversificada na reabilitação urbana, com o objetivo de criar cidades mais justas, democráticas e sustentáveis, reconhecendo e incentivando as áreas centrais. Essas regiões possuem um valor histórico significativo para a cidade e não apenas apresentam uma grande quantidade de propriedades abandonadas e deterioradas, que podem ser alvo de intervenções, mas também são espaços urbanos com qualidades que precisam ser preservadas.

Partiu-se do pressuposto de que o espaço urbano está em constante transformação e, embora seja evidente o abandono e o esvaziamento desses territórios, há um processo acelerado de consolidação em curso. Ou seja, apesar de observarmos um esvaziamento intenso, isso não significa que seja um processo irreversível. A análise exposta neste artigo revela uma dinâmica urbana considerável e com potencial de transformação dentro do bairro da área central recifense, mais especificamente no bairro de Santo Antônio, especialmente entre o público-alvo da pesquisa: os trabalhadores das áreas centrais. A inserção de uso habitacional nessas áreas se mostra como um caminho viável e necessário para a revitalização urbana, devido à sua importância na sustentação desses processos.

A temática abordada é de extrema complexidade e subjetividade no que tange a habitação, especialmente quando se trata da possibilidade de viver em áreas centrais. Apesar deste entendimento, observa-se que o uso habitacional oferece oportunidades cruciais para a sustentabilidade dos processos de revitalização urbana das áreas centrais. É evidente que as condições de moradia estão intrinsecamente ligadas aos aspectos do espaço urbano e, portanto, devem ser consideradas nos estudos sobre habitação.

A área central do Recife, como em muitas outras cidades, enfrenta o desafio de imóveis ociosos e abandonados, que representam um desperdício de recursos e potencialidades. É notório a predominância nas políticas públicas, que se concentram na conservação do patrimônio, com foco nos usos culturais, em detrimento do estímulo habitacional desses espaços. Conforme entendido previamente, o uso habitacional pode ser um importante vetor de transformação do território, atrelado a um tecido urbano mais coerente nos conceitos de densidade e cidade compacta, mas, para isso, não se pode pensar apenas em um público genérico, mas sim em estratégias que atendam às demandas específicas da população local. É fundamental um planejamento criterioso que leve em conta as necessidades habitacionais, as características socioeconômicas e os perfis dos potenciais moradores.

Este artigo não tem a pretensão de esgotar as discussões sobre o tema, mas sim ressaltar a importância de direcionar a atenção e promover discussões sobre o espaço urbano dessas áreas tão relevantes para nossas cidades, uma vez que essa temática frequentemente é negligenciada.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nosso sincero agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE), ao Núcleo de Gestão do Porto Digital e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-MAI/DAI). O fomento providenciado por essas instituições foi crucial para o progresso e a continuidade bem-sucedida desta pesquisa. O comprometimento e suporte dessas entidades desempenharam um papel fundamental no avanço significativo de nossa trajetória acadêmica e científica.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERNARDINO, I. L. *Para morar no centro histórico: condições de habitabilidade no Sítio Histórico da Boa Vista no Recife*. Dissertação, 2011.
- CARRIÓN, F. (Ed.). *Centros Históricos de América Latina y el Caribe*. Quito: UNESCO/BID/Ministerio de Cultura y Comunicación de Francia/FLACSO-Ecuador, 2001. p. 15-94.
- COELHO, A. B.; PEDRO, J. B. *Do bairro e da vizinhança à habitação: tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais*. Lisboa: LNEC, 2013.
- FERREIRA, J. S. W. (Coord.). *Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil Urbano. Parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos*. 1a. Ed. São Paulo: FUPAM, 2012.
- FREITAS, M. J. Modelos de Habitar: Duas linguagens faladas em seis idiomas. In PEDRO, J. B.; BOUERI, J. J. (Coord.) *Qualidade espacial e funcional da habitação. Cadernos Edifícios n.o 7*. Lisboa: LNEC, 2012. pp. 7-30 (24).
- FREITAS M. J.; PEDRO, J. B. *Regeneração urbana e qualidade residencial*. Maio de 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321485110_Regeneracao_urbana_e_qualidade_residencial>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Características gerais da população: resultados da amostra*. IBGE: 2000. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em mai.2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Resultados do universo: características da população e domicílios*. IBGE: 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em mai.2022.
- INSTITUTO DE LA VIVIENDA. *Bienestar habitacional: guía de diseño para un hábitat residencial sustentable*. Chile: Universidad de Chile / Instituto de la Vivienda, 2004.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.
- LACERDA, N. Intervenções no Bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade. in: *Sociedade e Estado*, v. 22, n. 3, p. 621-646. Brasília: set./dez. 2007.
- LIMA, A. C. B. R. Habitar e habitus – um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar. In: *Arquitextos*. 091.04, ano 08, dez. 2007.
- MENEZES, L. R. *Habitar no centro histórico: a habitação de interesse social como instrumento de reabilitação do Centro Histórico do Recife*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2015.
- MOREIRA, F. A transformação no bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). In: XIV SHCU. Cidade, Arquitetura e Urbanismo: visões e revisões do século XX. *Anais do SHCU*, 2016.
- NASCIMENTO, L. *Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife e o romance A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2004.
- NASLAVSKY, G. *Os céus como fronteira: a verticalização no Brasil*. 1ª Edição. São Paulo : Grifo, 250-277p, 2013.
- PASQUOTTO, G. B.; OLIVEIRA, M. R. S. As periodizações nas intervenções urbanas: uma análise das classificações de “Vargas & Castilho”, “Boyer” e “Simões Jr.”. In: *Labor & Engenho*, v.4, n.3, p.29-43, Campinas [Brasil], 2010.
- RECIFE. *Plano diretor do Recife*. Lei Complementar nº 2, de 23 de abril de 2021. Recife: PMR, 2021

RECIFE. Plano diretor do Recife. (ANEXOS I, II, III, IV e VII).

REYNALDO, A. *As catedrais continuam brancas*. Editora: CEPE. Recife: 2017.

SALDARRIAGA, A. *Habitabilidade*, Fondo Editorial Escala, Bogotá, 1981.

SILVA, H. M. B. *Programa Morar no Centro*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2004.

SILVER, N. *The Most Livable Neighborhoods in New York*. NYMag, Nova Iorque, 11 abr. 2020. Disponível em: <<https://nymag.com/realestate/neighborhoods/2010/65374/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2023.

TAPIE, G. *Sociologie de l'habitat contemporain*. Vivre l'architecture. Editora Parenthèses, 2014.

TAPIE, G. Sociologia do espaço: modelos de interpretação. *Sociologias*. ano 20, no 47, Porto Alegre, jan/abr 2018, p. 370-391.

VILLAÇA, F. *Reflexões sobre as cidades brasileiras*. São Paulo, SP: Studio Nobel, 2012.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida in: VELHO, O. G. (Org) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

8 NOTAS

¹ Os dados dos anos 1960 e 1970 foram coletados por Meneses (2015) da pesquisa realizada por Silva (1979). Os dados de 1980 foram coletados da pesquisa desenvolvida por Nascimento (2004). A partir de 1991, os dados foram de bases do IBGE.

² Disponível em: <https://nymag.com/realestate/neighborhoods/2010/65374>.

³ Foram criadas 4 categorias de análise, com base no referencial teórico da pesquisa, sendo elas: Mobilidade Urbana, Espaços Públicos, Usos Complementares e Segurança.

⁴ As subcategorias de cada categoria são: Segurança (Dinâmica Urbana, Iluminação e Policiamento); Mobilidade Urbana (Transporte Público, Facilidade de Acesso, Caminhabilidade, Ciclovias/ciclofaixas, Sistema de compartilhamento e Garagem/zona azul); Espaços Públicos (Praças, Parques, Ruas e Corpos D'água); Usos Complementares (Usos Institucionais, Usos culturais, Usos comerciais e Usos de Serviços).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

ATRIBUTOS PROJETUAIS DE ESPAÇOS VERDES EM CONDOMÍNIOS PARA IDOSOS

ATRIBUTOS DE DISEÑO DE LOS ESPACIOS VERDES EN CONDOMINIOS PARA PERSONAS DE LA TERCERA EDAD

DESIGN ATTRIBUTES OF GREEN SPACES IN CONDOMINIUMS FOR THE ELDERLY

BEZ BATTI, CAMILA ARCARO

Designer pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – POSARQ/UFSC. ORCID: 0000-0002-4391-609X. E-mail: camilabebatti@gmail.com

CASARIN, VANESSA

Doutora, Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – POSARQ/UFSC. ORCID: 0000-0002-4447-7869. E-mail: vanessa.casarin@ufsc.br

RESUMO

Embora espaços verdes no âmbito residencial seja um tema frequente de pesquisa, espaços verdes em condomínios para idosos ainda é um assunto pouco explorado. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar os atributos projetuais preferíveis e necessários ao desenvolvimento e planejamento de espaços verdes em condomínios para idosos. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa teve abordagem qualitativa e exploratória. Os procedimentos aplicados envolveram revisão sistemática de literatura, foto-questionário aplicado a 35 sujeitos e grupo focal. Os dados coletados provenientes de questões abertas foram tratados por análise de conteúdo, e os de questões fechadas, pela frequência absoluta e relativa. Os principais resultados revelaram a preferência dos idosos por residir em condomínios horizontais de casas com jardins frontais em relação à rua e jardins nos fundos da residência, com possibilidade de jardins privativos e jardins comuns, com os mais variados espaços para atividades físicas e de lazer, caso residissem em um. Os benefícios mais relevantes dos espaços verdes em condomínios para idosos são a produção de comida saudável, a reconexão dos idosos com o ambiente natural, o incentivo a interação social, o estímulo a atividades físicas diárias, entre outros. É importante que os ambientes se adequem aos usuários idosos, pois assim minimizam-se riscos de acidentes, e se oferecem conforto, autonomia e independência a esses indivíduos. Espaços verdes projetados para atender a população idosa contribuem para um processo de envelhecimento saudável, ativo e autônomo.

PALAVRAS-CHAVE: planejamento; condomínio; idosos; envelhecimento.

RESUMEN

Aunque los espacios verdes en el ámbito residencial son un tema frecuente de investigación, los espacios verdes en condominios para ancianos siguen siendo un tema poco explorado. Así, esta investigación tuvo como objetivo investigar los atributos de diseño preferibles y necesarios para el desarrollo y la planificación de espacios verdes en condominios para ancianos. Para alcanzar este objetivo, la investigación tuvo un enfoque cualitativo y exploratorio. Los procedimientos aplicados consistieron en una revisión sistemática de la literatura, un cuestionario fotográfico aplicado a 35 sujetos y un grupo de discusión. Los datos recogidos de las preguntas abiertas se trataron mediante análisis de contenido, y los de las preguntas cerradas, mediante frecuencias absolutas y relativas. Los principales resultados revelaron la preferencia de los ancianos por vivir en condominios horizontales con jardines frontales en relación a la calle y jardines en la parte posterior de la residencia, con posibilidad de jardines privados y jardines comunes, con los más variados espacios para actividades físicas y de ocio, si vivieran en uno. Los beneficios más relevantes de los espacios verdes en condominios para ancianos son la producción de alimentos saludables, la reconexión de los ancianos con el medio natural, el fomento de la interacción social, la estimulación de las actividades físicas diarias, entre otros. Es importante que los ambientes sean adecuados para los usuarios de la tercera edad, ya que así se minimiza el riesgo de accidentes y se ofrece comodidad, autonomía e independencia a estas personas. Los espacios verdes diseñados para atender a la población anciana contribuyen a un proceso de envejecimiento saludable, activo y autónomo.

PALABRAS CLAVES: planificación; condominio; ancianos; envejecimiento.

ABSTRACT

Although green spaces in the residential sphere is a frequent topic of research, green spaces in condominiums for the elderly is still a little explored subject. Thus, this research aimed to investigate the preferable and necessary design attributes for the development and planning of green spaces in condominiums for the elderly. To achieve this objective, the research had a qualitative and exploratory approach. The procedures applied involved systematic literature review, photo-questionnaire applied to 35 subjects and focus group. The data collected from open questions were treated by content analysis, and those from closed questions by absolute and relative frequency. The main results revealed the preference of the elderly for living in horizontal condominiums with front gardens in relation to the street and gardens at the back of the residence, with the possibility of private gardens and common gardens, with the most varied spaces for physical and leisure activities, if they lived in one. The most relevant benefits of green spaces in condominiums for the elderly are the production of healthy food, the reconnection of the elderly with the natural environment, the encouragement of social interaction, the stimulation of daily physical activities, among others. It is important that the environments are suitable for elderly users, as this minimizes the risk of accidents, and offers comfort, autonomy and independence to these individuals. Green spaces designed to serve the elderly population contribute to a healthy, active and autonomous aging process.

KEYWORDS: planning; condominium; elderly; aging.

Recebido em: 03/06/2023

Aceito em: 14/11/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

1 INTRODUÇÃO

A longevidade da população brasileira vem crescendo ao longo dos últimos anos. De acordo com os últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa projetada para o ano de 2019 foi de 76,6 anos para ambos os sexos da população brasileira. O que significa um aumento de 31,1 anos frente ao indicador observado em 1940. Para a população masculina, a expectativa de vida passou de 72,8 anos para 73,1 anos. Já para a população feminina elevou-se de 79,9 anos para 80,1 anos em 2019. O estado brasileiro com maior expectativa de vida ao nascer é Santa Catarina, com 76,7 anos para os homens e 83,2 anos para as mulheres (IBGE, 2020). No Brasil, há em vigor a lei de número 10.741 de 1º de outubro de 2003 que regulamenta que toda e qualquer pessoa é considerada idosa quando possui idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003).

Com o crescente aumento da população idosa e o próspero tempo acrescido de vida nessa faixa etária, surgem reflexões acerca do envelhecimento e a qualidade do ambiente. O envelhecimento populacional deve-se a melhoria na qualidade de vida, e também a avanços na área da saúde, destacando-se aspectos como progressos no saneamento ambiental, na alimentação, redução de índices de violência, controle da poluição, melhores níveis de educação, além de avanços tecnológicos, entre outros (Francisco, 2018).

Dentre os diversos cenários com os quais as pessoas se relacionam estão os ambientes residenciais, que abrangem tanto a residência em si quanto suas adjacências. A habitação é um direito assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Nações Unidas, 1948), a qual prevê no artigo 25º, que toda pessoa tem garantia a um padrão de vida capaz de proporcionar a si e à sua família, saúde, bem-estar, alimentação, vestuário, habitação e outros. A legislação brasileira ainda assegura o direito à moradia ao público idoso através do Estatuto do Idoso, lei nº 10.741. O artigo 37º aponta que o idoso tem “direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada” (Brasil, 2003, p.9).

Além disso, o ambiente residencial tanto interno quanto externo é de grande importância para os idosos, pois eles/elas tendem a passar a maior parte do seu tempo limitados à residência, onde suas ações são mais focadas (Phillips *et al.*, 2005). É fundamental considerar que pessoas idosas desejam continuar mantendo sua autonomia, por isso decidem morar em condomínios tradicionais (Prado; Besse; Lemos, 2010).

Podem-se observar mudanças na sociedade e na forma de compreender o processo de envelhecimento, o que reflete em novas formas de habitar. Dados esses aspectos, os condomínios para idosos se caracterizam pela independência e pela valorização da manutenção da qualidade de vida de seus habitantes. Os moradores dessa tipologia habitacional são independentes, pagam aluguel (às vezes, mesmo que simbólico), possuem autonomia para circular dentro e fora da habitação quando quiserem, além do fato de decidirem sobre a organização do condomínio de forma coletiva. Ao mesmo tempo que os idosos podem conservar sua individualidade, já que as moradias são individuais, eles também podem exercer seu direito ao convívio social, pois esses condomínios possuem espaços coletivos que permitem o desenvolvimento de atividades de lazer em grupo (Teston; Caldas; Marcon, 2015; Teston; Marcon, 2014). O nível de suporte do condomínio pode ser alterado de acordo com as necessidades dos moradores. Com isso, essa nova tipologia de moradia proporciona maior flexibilidade e poder de escolha nas opções de habitações existentes para idosos (Evans, 2009).

Diferentemente de condomínios tradicionais, os condomínios para idosos podem oferecer uma série de espaços, equipamentos e serviços voltados ao público idoso. Embora existam há muito tempo em países europeus, no Brasil os condomínios destinados para idosos são uma modalidade habitacional ainda pouco explorada (Teston; Marcon, 2014). Portanto, há escassez de estudos que explorem a relação dos espaços verdes na vivência dos idosos em condomínios específicos para essa faixa etária. Além disso, a maioria dos estudos publicados foca apenas na relação do idoso com a área interna das moradias.

Assim, o objetivo deste estudo consistiu em investigar os atributos projetuais preferíveis e necessários ao desenvolvimento e planejamento de espaços verdes em condomínios para idosos. O intuito é analisar sistematicamente a produção científica, especificamente artigos científicos, no campo do envelhecimento perante a influência do ambiente externo na vivência da pessoa idosa. Além disso, esse estudo também teve como foco investigar as preferências dos idosos em relação aos atributos ambientais infraestruturais desejáveis e necessários de espaços verdes em tipologias condominiais.

Acredita-se que novos estudos, ajustados ao contexto nacional, são importantes para agregar conhecimentos sobre o tema, dar suporte a atuação profissional de arquitetos, engenheiros e *designers* bem como amparar políticas públicas direcionadas a essa faixa etária, sensibilizando esses profissionais para uma arquitetura mais comprometida e engajada na qualidade de vida e bem-estar dos idosos.

2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, dividiu-se em duas etapas. A primeira etapa envolveu a coleta de dados secundários através da uma revisão sistematizada da literatura. A segunda etapa abrangeu a coleta de dados primários através da aplicação de um foto-questionário e da realização de um grupo focal.

A investigação foi conduzida em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina (SC). A amostragem se deu por conveniência. Os idosos participantes do estudo foram provenientes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), o qual é parte integrante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Devido à pandemia de COVID-19 todos os métodos e o contato com os participantes tiveram que ser exclusivamente de forma *online*. A duração da aplicação dos métodos foi de 3 meses. Foram incluídos no estudo, os participantes que completaram 60 anos ou mais, no momento da aplicação das ferramentas, o que categoriza como idoso perante a lei nº 10.741 (Brasil, 2003). Também foi estabelecido, como critério de inclusão, que os participantes residissem no município de Florianópolis/SC, já que esse configura o local de estudo.

O estudo (Bez Batti, 2022) foi submetido para análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) e teve seu projeto aprovado pelo parecer de número 4.347.092 (CAAE: 36211920.8.0000.0121).

Revisão sistemática da literatura

Este tipo de revisão de literatura tem por finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um delimitado tema ou questão (portanto, dados secundários), de maneira sistemática e ordenada, com o objetivo de contribuir para o conhecimento de uma área específica de estudo (Mendes; Silveira; Galvão, 2008; Roman; Friedlander, 1998). O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores. Além disto, se definem critérios de inclusão e exclusão dos dados de forma prévia, clara e objetiva (Ferenhof; Fernandes, 2016; Mendes; Silveira; Galvão, 2008). Assim, para a elaboração desta revisão de literatura foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados Scopus, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Web of Science e Science Direct com o intuito de sistematizar atributos projetuais de áreas verdes em condomínios para idosos. Desse modo, definiu-se como pergunta norteadora: quais são as características necessárias ao projeto de espaços verdes em condomínios destinados a idosos?

Como critérios de inclusão na pesquisa, os trabalhos deveriam conter: a temática abordando espaços verdes em condomínios para idosos, abranger como objeto do estudo a pessoa idosa e os estudos estarem disponibilizados na íntegra nas bases de dados selecionadas. Não houve limitação de tempo, idioma ou área de conhecimento, e nem exclusão quanto ao país de origem do estudo. Os critérios de exclusão foram: não abordar espaços verdes e não ter como objeto de estudo a pessoa idosa e a tipologia condominial.

Foto-questionário

Um questionário *online* foi enviado para os idosos do NETI/UFSC (via Google Forms) com o intuito de aprofundar a investigação sobre as necessidades, anseios e desejos dos usuários sobre o planejamento de espaços verdes em condomínios para esse público.

O questionário exibia inicialmente uma série de perguntas fechadas que permitia a caracterização do respondente pelo pesquisador. Na sequência apresentava questionamentos abertos sobre a possibilidade de residência em condomínio para idosos e os anseios em relação aos espaços ofertados em uma moradia dessa tipologia. Ao final do formulário era apresentado o foto-questionário com questões fechadas a fim de identificar atributos projetuais de espaços verdes em condomínios para idosos.

A aplicação de um questionário amparado pelo uso de imagens permite identificar desejos, predileções e aspirações através das preferências visuais. Os instrumentos que utilizam imagens evidenciam aos usuários a exemplificação visual das possibilidades, com isso, facilitam a comparação e escolha de suas predileções (Rheingantz *et al.*, 2007). A elaboração das imagens apresentadas no foto-questionário, que se referiam a representações esquemáticas de ambientes externos de condomínios, levou em consideração os achados na literatura científica em relação à tipologia de edificações condominiais para idosos (se horizontal ou vertical), as tipologias arquitetônicas e sua forma de inserção no lote (sua relação com a rua e a relação dos espaços verdes com a rua), a relação interior-exterior da edificação, e os equipamentos de suporte às atividades dos idosos nos espaços verdes da edificação.

A apresentação das imagens variou do macro (inserção urbana da edificação – forma de inserção no lote) ao micro (configuração dos espaços verdes e relação interior-exterior da edificação). Os participantes foram solicitados a decidir qual imagem preferiam e, posteriormente, a justificar sua escolha.

No final, foi possível quantificar a solução preferida pela maioria dos respondentes através de frequência absoluta e relativa, e por meio de Análise de Conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 2011), foi viável categorizar os motivos das escolhas dos idosos.

Grupo focal

O grupo focal se caracteriza por uma discussão cuidadosamente planejada em grupo destinada a explorar percepções, experiências, opiniões, preocupações e desejos dos participantes em uma temática de interesse. Consiste em sessões em grupo de uma área definida a ser debatida, o que implica, por sua vez, na interação explícita entre os indivíduos (Stanton *et al.*, 2005).

Nesta pesquisa, o grupo focal foi aplicado aos idosos que informaram no foto-questionário, enviado anteriormente ao grupo, o desejo de participar dessa etapa complementar, fornecendo seus dados de telefone e endereço de e-mail. O grupo focal foi aplicado de modo virtual, com auxílio da plataforma Google Meet. Apenas duas questões nortearam a discussão do grupo focal: Como você gostaria que fosse a área externa de um condomínio para idosos? O que você gostaria que tivesse nos espaços verdes desse condomínio?

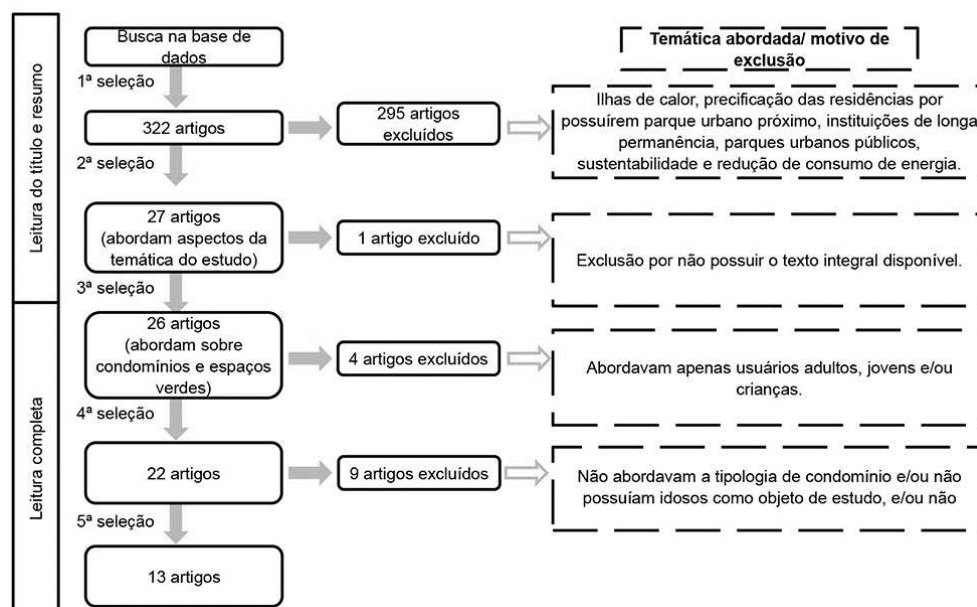
Os resultados obtidos com a aplicação do método foram eficazes em fornecer dados sobre como os idosos pensam, desejam e se sentem em relação a temática de condomínios para idosos. Sua aplicação permitiu coletar uma quantidade adequada de dados em curto período de tempo, e grande riqueza de informações, já que a flexibilidade na coleta, a espontaneidade e a interação entre os participantes geraram debates. O intuito foi agregar informações para poder instigar e enriquecer o debate sobre os espaços verdes em condomínios. Posteriormente, foi realizada uma transcrição das informações obtidas na entrevista em grupo. No final, foi possível identificar a solução preferida pelos respondentes, e por meio de Análise de Conteúdo, modalidade temática (Bardin, 2011), foi viável categorizar os motivos das escolhas dos idosos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Revisão da literatura

Na etapa da revisão de literatura 322 artigos foram encontrados nas bases de dados selecionadas. Após critérios de inclusão e exclusão aplicados, restaram apenas 13 artigos para a extração completa do conteúdo e análise dos dados - conforme Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma dos artigos que compõem a revisão de literatura.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Em sua maioria, os artigos encontrados abordam a temática da satisfação residencial dos idosos perante espaços verdes encontrados nos condomínios ou como a presença de áreas verdes nas residências contribuem para aumentar a precificação da edificação. Pluralmente, os estudos não abordaram em profundidade quais atributos/características são necessárias/desejáveis aos espaços verdes para que os idosos os utilizem em condomínios. Assim sendo, esse cenário justifica a relevância da realização de estudos envolvendo essa temática.

Em síntese, os resultados apontaram que quanto mais diversificados e abundantes são os espaços verdes, mais estimulante é o ambiente externo, o que resultará em um espaço verde capaz de promover interação social entre os idosos e estimular um envelhecimento ativo e saudável. O contato diário com a natureza tem potencial terapêutico, além disso, auxilia a pessoa idosa a manter sua capacidade física e proporciona fascínio suave. Por isso, é importante que as áreas externas dos condomínios tenham maior variedade possível de utilização de formas verdes para enriquecer o ambiente, tanto em forma quanto em atividades e utilização pela pessoa idosa (Lee *et al.*, 2012; Xue; Ma, 2013; Xiao; Li; Webster, 2016; Zhifeng; Yin, 2021).

Os critérios mais apontados nos estudos como essenciais pelos idosos para se ter em uma residência foi a presença de jardins, preferencialmente opções de jardins que possuam espaços semiprivados e semipúblicos. Dessa forma, permite que os residentes possam escolher o número de pessoas com as quais se sentem confortáveis em interagir. Áreas externas precisam estar adequadas as características dos idosos, para que promovam a utilização dos espaços sem barreiras e estimule a independência para todos (Katunský *et al.*, 2020; Zaff; Devlin, 1998). Especificamente para os espaços verdes, os autores recomendaram academia ao ar livre de acordo com as características fisiológicas dos idosos e com grande variedade de aparelhos para diversificação; trilhas de caminhada; bancos para descanso; coberturas verdes que proporcionem atividades para idosos nesses espaços (Xue; Ma, 2013).

Quando há espaços verdes disponibilizados para que os moradores possam praticar atividades, como por exemplo, o plantio de árvores, flores ou vegetais, o senso de comunidade e propriedade é elevado. Por outro lado, quando são impostas muitas regras e normas, pelo condomínio, sobre o uso desses espaços pelos moradores, isso acarretará, nos idosos, comportamento antissocial e esses sentidos não serão desenvolvidos (Hadi; Heath; Oldfield, 2018; Saari; Tanskanen, 2011; Saiedlue *et al.*, 2015; Zaff; Devlin, 1998).

Por sua vez, também é importante disponibilizar fácil acesso aos espaços verdes, tanto visualmente quanto fisicamente (Lee *et al.*, 2012; Zhifeng; Yin, 2021). O intuito é projetar espaços verdes que sejam acessíveis, seguros e confortáveis para que idosos independentes, semi-independentes e dependentes possam utilizá-los em sua capacidade máxima. É necessário desenvolver e oferecer serviços, principalmente por meio dos espaços verdes, que estimulem a interação, a realização de atividades e melhorem a acessibilidade, a conveniência e a comodidade de todos os moradores do condomínio, sejam eles idosos ou não (Katunský *et al.*, 2020; Yan; Gao; Lyon, 2014).

Segundo Phillips *et al.* (2005), as atividades dos idosos, em alguns casos, podem se restringir a moradia, e por isso, possuem uma hierarquia onde se move do espaço pessoal, que seria o ambiente interno, para o espaço de vizinhança, configurado como ambiente externo. Além disso, o ambiente externo para ter efeito restaurativo precisa estar, no máximo, a 500 metros de distância da habitação, pois, quando as pessoas envelhecem restringem suas atividades ao ambiente residencial. Quanto mais diversificados são os atributos externos, mais estímulos os idosos recebem, o que resulta em um espaço verde promotor de uma vida ativa e saudável entre as pessoas idosas (Zhifeng; Yin, 2021).

Foto-questionário e grupo focal

Os foto-questionários foram aplicados com os alunos do NETI e tiveram duração de 3 meses, durante o ano de 2021. Trinta e cinco (35) respostas foram obtidas. A maioria (88,6%), equivalente a 31 respondentes, declarou se identificar com o gênero feminino. A faixa etária abrangida por este estudo foi de 60 a 90 anos, a maior parcela concentrada na porção de 60 a 65 anos.

O grupo focal, que se caracterizou como uma etapa complementar, foi realizado logo após a aplicação dos questionários, com um grupo de voluntários que se disponibilizou a participar desta etapa. Dos 35 participantes da pesquisa, 11 se voluntariaram para a etapa de grupo focal, 6 confirmaram presença e apenas 3 compareceram à atividade, o que se considerou uma das limitações desta pesquisa. Julgou-se esta, uma etapa necessária, pois as pessoas têm maior disponibilidade para falar, do que para escrever, segundo Goldenberg (2000). Assim, informações mais completas poderiam emergir da aplicação deste método. Os resultados dessa etapa foram incorporados àqueles coletados via questionário, categorizados por Análise de Conteúdo, e apresentados ao longo do texto que segue.

Em relação a moradia, os participantes indicaram que moram com companheiro(a) e/ou com filho(s). Apenas 6 responderam que moram sozinhos(as). Os respondentes residem em Florianópolis/SC, nos bairros da Agrônômica, Centro, Coqueiros, Córrego Grande, Estreito, Itacorubi, Jurerê, Lagoa da Conceição e Trindade.

Neste estudo, 57,1% (20 participantes) dos idosos avaliaram sua saúde como boa, 34,3% (12 participantes) como sendo ótima, e 8,6% (3 participantes) como regular, não houve nenhuma autoavaliação indicada como ruim. De acordo com Teston, Caldas e Marcon (2015, p. 8), “a autoavaliação de saúde é considerada importante indicador da condição de saúde de indivíduos e populações, sendo forte preditor da mortalidade, especialmente em idosos”.

Mais da metade dos idosos participantes desta pesquisa, 65,7% (23 participantes), indicaram não possuir nenhum tipo de doença. Com isso, apenas 34,3% (12 participantes) assinalaram como positiva a existência de alguma enfermidade. As mais citadas foram hipertensão, artrose e problemas relacionados à coluna, o que corrobora os dados do Ministério da Saúde, já que as doenças citadas pelos participantes da pesquisa, estão entre as dez mais comuns de surgirem juntamente ao processo de envelhecimento. Por isso, o Ministério da Saúde recomenda ao idoso, a prática regular de atividades físicas adequadas juntamente a uma alimentação saudável e equilibrada (BRASIL, 2006a).

A caminhada foi a principal atividade física apontada pelos idosos respondentes da pesquisa, o que pode estar relacionado ao fato de que suas residências se localizam em bairros supridos por pistas de caminhadas, parques e/ou praia, o que por sua vez, gera um incentivo maior a prática de atividades físicas pelos idosos. Da literatura, sabe-se que a disponibilidade de espaços verdes proporciona maior incentivo a prática de atividades físicas. Dessa forma, é mais provável que as pessoas se exercitem em um ambiente mais verde. Caminhar, por exemplo, é a forma mais comum de prática de atividade física entre os adultos (GONG *et al.*, 2014). É comprovado que a prática regular de exercício físico contribui para a prevenção e tratamento de doenças crônicas não transmissíveis, também melhora a qualidade de vida e bem-estar, bem como auxilia a saúde mental (OMS, 2018). O Ministério da Saúde recomenda aos idosos a prática de caminhada com duração de 30 a 45 minutos, no mínimo, três a quatro vezes por semana, preferencialmente à luz do dia (BRASIL, 2006b).

Mais da metade dos participantes da pesquisa moram em apartamentos, 68,6% (ou 24 participantes), e apenas 31,4% residem em casas (11 idosos) - (Figura 2). Quanto ao desejo em residir em um condomínio para idosos, a maior parte deles (um pouco mais da metade) informou que, atualmente ou futuramente, gostaria de morar em um condomínio para idosos (Figura 3). Enfim, quando questionados se, caso habitassem um condomínio para idosos, prefeririam residir em casa ou apartamento, a preferência majoritária dos participantes indicou casas (Figura 4).

Figura 2 – Gráfico representando o local atual de residência dos entrevistados em porcentagem.



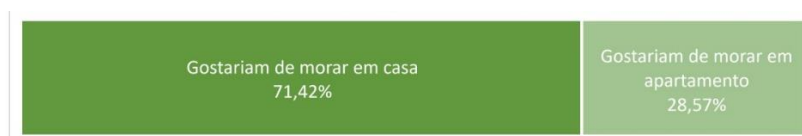
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Figura 3 – Gráfico representando o desejo dos entrevistados em residir em um condomínio para idosos em porcentagem.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Figura 4 – Gráfico representando a preferência pela tipologia de habitação condominial dos entrevistados em porcentagem.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Dos 31,4% que residem atualmente em casas, 88,8% gostariam de continuar mantendo a tipologia de casa como moradia, e 18,2% preferiria residir em um apartamento, caso fossem se mudar para um condomínio destinado a idosos. Em relação aos 68,6% que residem atualmente em apartamentos, 66,7% gostaria de se mudar para uma casa e 33,1% preferiria continuar morando em um apartamento no condomínio.

Os argumentos pelas escolhas referentes a tipologia habitacional de casa, estão relacionados, principalmente, ao contato com a natureza e espaço externo. Segundo Lee *et al.* (2012) a moradia ideal para idosos é aquela que incentiva a vivência no local e a idade do idoso, independentemente da cultura ou da nação, por isso, a tipologia desejável é um grupo de casas que permitisse as pessoas idosas envelhecerem em comunidade e desse modo, fornecer interação entre as pessoas. Já a principal justificativa dos participantes pela escolha do apartamento se deu pelo motivo de segurança.

A predileção dos idosos por casas pode ser justificada pois edificações altas (prédios), acabam por isolá-los em seus apartamentos. Além disso, as casas proporcionam contato direto com a natureza e os ambientes externos que as circundam. A proporção de espaços verdes no ambiente habitacional pode ser um componente crítico na melhoria da saúde física e mental dos idosos, e as características do ambiente externo auxiliam na promoção de uma vida ativa e saudável para essa faixa etária (Zhifeng; Yin, 2021).

Em relação ao questionamento aberto sobre o que o idoso gostaria que existisse em um condomínio direcionado para esse público, a resposta plural foi a presença de espaços verdes, caracterizado pelo jardim, presente em 80% das respostas (28 idosos). Na sequência, ao serem questionados em específico sobre o que gostariam que estivesse contido nos espaços verdes do condomínio, foram citados: área verde, árvores, espaço verde, jardim, horta ou pomar. Isso se deve ao fato de que a maior parte dos idosos reside, atualmente, em apartamentos e o contato com o ambiente externo não é imediato. As respostas a essas duas questões estão sistematizadas na tabela da Figura 5.

Figura 5 - Frequência das citações de preferências por tipologia de espaços dentro de um condomínio para idosos.

| Espaços desejados | Frequência de citações |
|--------------------------------------|------------------------|
| Jardim | 28 |
| Hortas | 17 |
| Espaço destinado a atividade física | 16 |
| Espaço coletivo | 12 |
| Ambulatório | 9 |
| Espaço para caminhada | 9 |
| Lazer | 9 |
| Árvores frutíferas | 8 |
| Piscina | 7 |
| Estabelecimentos comerciais | 5 |
| Atividades culturais | 4 |
| Bancos e mesas | 4 |
| Biblioteca | 4 |
| Espaço destinado a plantio de flores | 4 |
| Proximidade com o mar | 4 |
| Espaço culinário | 3 |
| Espaço religioso | 2 |
| Espaço para jogos de tabuleiro | 2 |
| Cinema | 1 |
| Espaço musical | 1 |
| Playground | 1 |
| Serviço de vigilância | 1 |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Sabe-se da literatura que espaços verdes podem influenciar positivamente a saúde mental das pessoas idosas, pois, fornecem locais para reuniões e interações sociais, além de locais para atividades físicas e relaxamento. A visualização da natureza por períodos mais longos melhora o estresse, auxilia na tranquilização dos moradores idosos e pode promover a melhoria da saúde mental. Também podem proporcionar experiências visuais agradáveis e melhorar a qualidade do ar, se ocupados por árvores, agem como barreiras acústicas e reduzem o ruído ambiental. Além disso, as árvores otimizam a utilização do solo, absorvem o dióxido de carbono e evitam ilhas de calor (Lee *et al.*, 2012; Yuen; Hien, 2005).

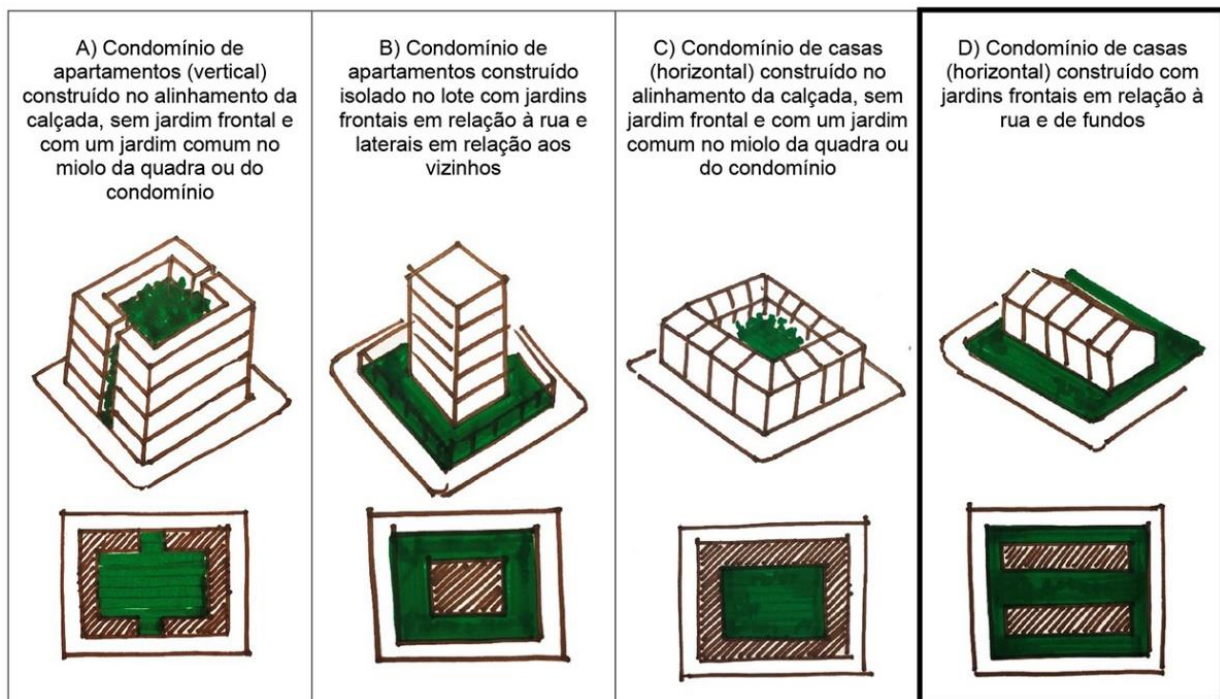
Os benefícios de se ter espaços verdes produtivos são evidentes: produção de comida saudável, reconexão dos idosos para com a natureza e com as outras pessoas idosas, incentivo a interação social, estímulo a atividades diárias, conseqüentemente, influenciando em um envelhecimento ativo e saudável, aumento da

biodiversidade, melhoria do clima, do ar, do solo e da qualidade das águas do local. Além disso, os espaços verdes evitam o efeito de ilhas de calor, reduzem o ruído ambiental e absorvem o dióxido de carbono (Albuquerque; Günther, 2019; Herzog, 2014; Kaplan; Kaplan, 2011; Keskinen *et al.*, 2018; Lee *et al.*, 2012; Lestan; Eržen; Golobič, 2014; Rodiek; Fried, 2005; Yuen; Hien, 2005).

No intuito de compreender de modo mais adequado os atributos projetuais de espaços verdes em condomínios para idosos em relação às diferentes tipologias arquitetônicas condominiais, os questionamentos subsequentes foram amparados por imagens esquemáticas que seguem apresentadas no corpo do texto. Cabe salientar, que além dos questionamentos que buscavam caracterizar os sujeitos da pesquisa, essas foram as únicas questões fechadas no questionário aplicado, que, no entanto, solicitavam a justificativa do entrevistado para a escolha.

Quanto à inserção deste condomínio no espaço urbano, a preferência foi pela configuração de condomínios horizontais de casas com jardins frontais em relação à rua e de fundos (alternativa D, conforme Figura 6), escolhida por 62,9% dos entrevistados (22 participantes), o que corrobora com a informação exposta em questão anterior, de que os idosos preferem residir em casas. Os participantes também foram questionados sobre a preferência em relação a jardins, tendo como opções: privativos; em parte comuns e em parte privativos; e comuns a todos os condôminos. A resposta mais citada por eles, com 51,7% (15 participantes), foi a opção que fornecia a possibilidade de se ter jardins privados e jardins comuns (em parte comuns e em parte privativos). Porém, a diferença porcentual nas respostas entre essa e a possibilidade de jardins comuns a todos os condôminos foi pequena. Como exemplo, a preferência por jardins comuns a todos os condôminos obteve 41,4% (12 participantes) das respostas, o que denota o desejo dos respondentes por contato e interação social entre os idosos.

Figura 6 – Alternativas apresentadas na questão sobre a inserção do condomínio no espaço urbano.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Assim, percebe-se que a preferência dos idosos em relação a tipologia condominial é referente a configuração de condomínios horizontais de casas com jardins frontais em relação à rua e de fundos, com possibilidade de jardins privativos e jardins comuns. Entre os motivos que atraem os idosos a preferência por casas, destaca-se a possibilidade de contato direto com a natureza, o que acarreta em maiores níveis de interação entre os idosos, a tranquilidade de ir e vir sem a necessidade de utilização de escadas e/ou elevadores, que por sua vez, gera maior conforto e autonomia as pessoas idosas. A liberdade que essa tipologia oferece, faz com que o idoso passe mais tempo ao ar livre.

Isso se relaciona com a tipologia arquitetônica acordada no Grupo Focal, a qual refere-se a unidades habitacionais térreas com contato próximo com a natureza. Apesar disso, a configuração de condomínio em

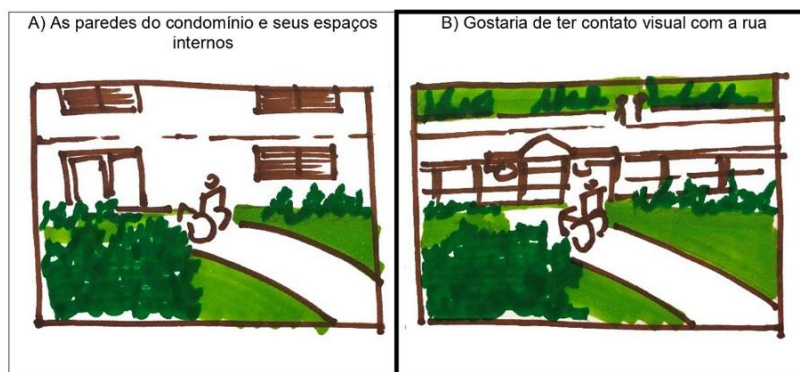
altura com grande percentual de espaço verde distribuído na área condominial também apresentou consenso no Grupo Focal, sendo apontada como uma boa opção em razão da questão de segurança. Condomínios com menor disponibilidade de áreas verdes no entorno das edificações foram rejeitados pelo grupo. Desse modo, os resultados encontrados na aplicação do Grupo Focal corroboraram os identificados via questionário.

A escolha pela tipologia de condomínios horizontais de casas com jardins frontais em relação à rua e de fundos, com possibilidade de jardins privativos e jardins comuns talvez possa ser justificada pelo cenário atual de residência dos respondentes, pois, a maioria reside em apartamentos e não possuem controle sobre os espaços verdes disponíveis em seus condomínios. A predileção por essa alternativa também permite envolver a preferência dos idosos em relação a jardins em parte comuns e em parte privativos, uma vez que o condomínio que possui essa configuração possibilitaria que o jardim coletivo fosse desenvolvido no miolo da quadra.

Quando questionados sobre o que os idosos gostariam de visualizar a partir do seu jardim, 74,3% (26 respondentes), optou por ter contato visual com a rua, opção B das alternativas apresentadas na Figura 7. Este questionamento foi especialmente importante para validar novamente a preferência dos entrevistados pela forma de inserção do condomínio no espaço urbano (Figura 6, alternativa D). Visto que as alternativas "A" e "C", representadas na Figura 6, não foram as preferências dos idosos, pois a sugestão apresentada era a construção da edificação no alinhamento da via, com isso, o jardim seria desenvolvido no miolo da quadra, onde seria apenas possível visualizar as paredes do condomínio e seus espaços internos a partir do jardim.

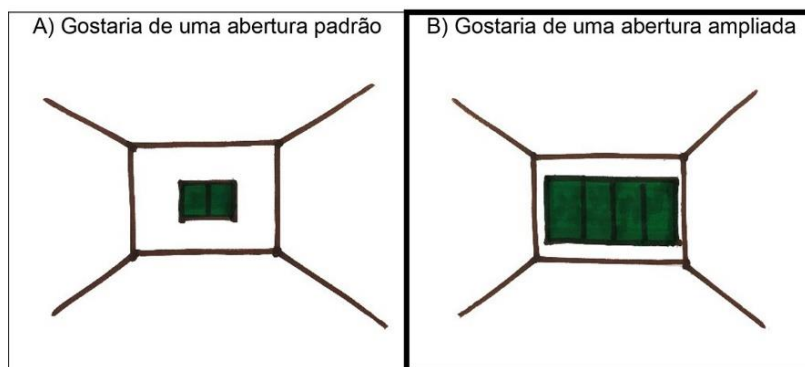
Sobre como prefeririam que fosse a relação do espaço interior da residência com o exterior/jardim, a maioria dos idosos (91,4%, isto é, 32 pessoas) optou por aberturas ampliadas, opção B, conforme Figura 8.

Figura 7 – Visualização externa.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Figura 8 – Relação interior exterior da residência com os espaços externos do condomínio/jardim.



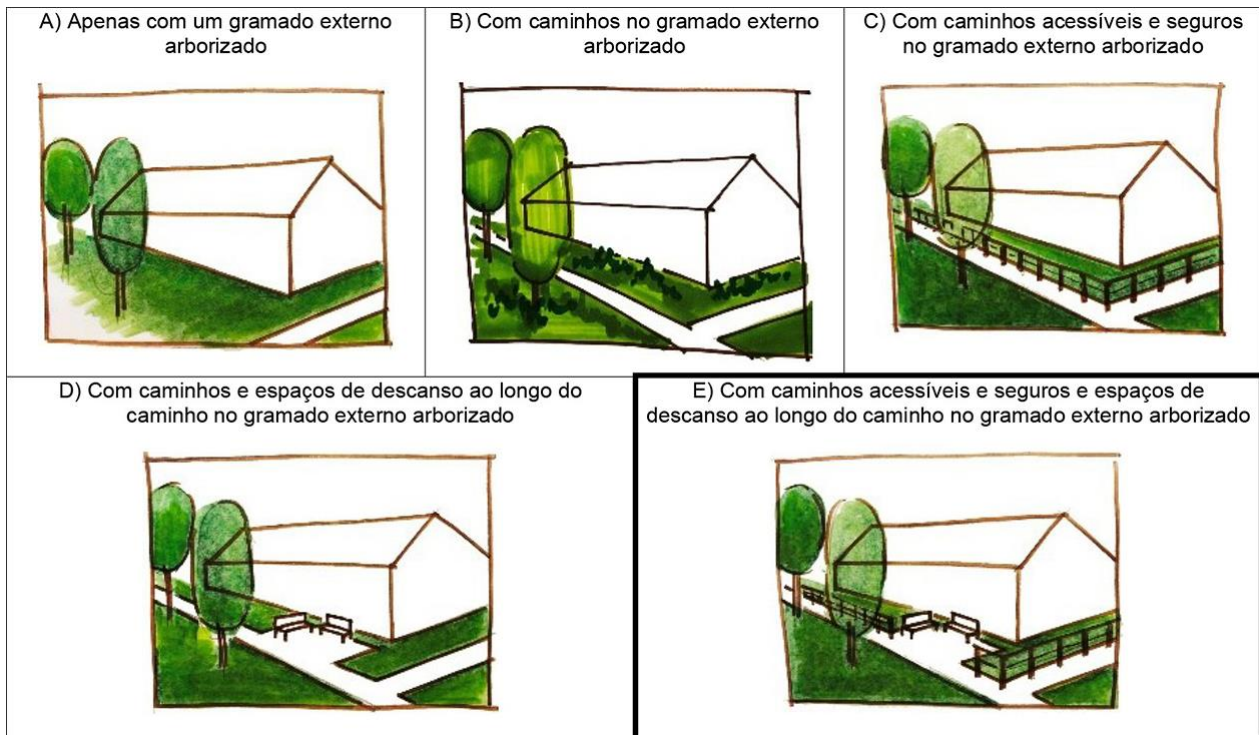
Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

As pessoas são mais propensas a utilizar os espaços externos se puderem visualizar os mesmos do ambiente interno, por isso, abrir visões mesmo que breves podem oferecer aos idosos uma via segura para se conectar com o mundo fora das quatro paredes da habitação. Mesmo que uma única árvore seja a vista da janela da residência do idoso, essa pode fazer diferença substancial na percepção física e psicológica das pessoas.

Esses desvios de atenção, que as janelas possibilitam, levam a breves interlúdios que proporcionam uma pausa nas tarefas diárias, possibilitando assim, uma microexperiência restauradora. Ter uma janela e visão satisfatórias propicia momentos de fascínio, o que por sua vez reduz os efeitos de fadiga mental e a ansiedade. Estabelecer mais áreas verdes próximas as habitações de idosos e transformá-las em espaços acessíveis e seguros, pode tornar os ambientes externos mais restauradores (Grahn; Stigsdotter, 2003; Kaplan, 2001; Kaplan; Kaplan, 2011; Ochodo *et al.*, 2014; Rodiek; Fried, 2005). Dito isso, a preferência pelas Figuras 7 e 8 provavelmente corresponde ao fato de os idosos conseguirem visualizar com mais frequência o ambiente externo a partir do seu ambiente interno, e à associação desta característica do ambiente com o seu desejo de fazer parte do todo.

Complementando esse quadro geral, ao serem questionados sobre como gostariam que fossem seus jardins, entre as opções apresentadas a preferência dos idosos recaiu majoritariamente na alternativa “E” (Figura 9).

Figura 9 – Preferência em relação à composição do jardim.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

A opção com caminhos acessíveis e seguros e espaços de descanso ao longo do caminho no gramado externo arborizado foi preferida por 82,9% (29 idosos) - como justificado por várias participantes:

Porque, podemos sentir a suavidade dos jardins e descansar para conversarmos uns com os outros (participante 26).

Ter bancos para sentar para descansar, ou para leituras e até mesmo para contemplar a natureza ou para conversar com alguém é importante. Já os parapeitos servem para apoio e segurança para os mais idosos e/ou pessoas com mais dificuldades de locomoção (participante 33).

Tal escolha pode ser relacionada à necessidade de alguns idosos precisarem parar para descansar enquanto caminham. Além disso, para garantir o acesso seguro, elas preferem utilizar superfícies pavimentadas, o que exige adequação do calçamento, que deve ser firme e antiderrapante, quer esteja seco ou molhado. Cabe salientar que o desenvolvimento de atividades ao ar livre foi valorizado e apontado em todos os métodos aplicados, sendo relacionado principalmente à interação e contato direto com a terra e/ou a natureza. Os principais fatores citados foram a importância de espaços acessíveis e seguros para a utilização pelos idosos, como jardins e hortas, áreas propícias a caminhada e locais destinados ao uso coletivo.

De fato, a literatura (Bertoldi, 2012; Oliveira *et al.*, 2014; Perracini, 2013; Prado; Besse; Lemos, 2010; Rodiek; Fried, 2005) aponta que entre os riscos ambientais que podem acarretar quedas de idosos no espaço externo,

estão as superfícies molhadas e/ou escorregadias e a pavimentação irregular e/ou desnivelada (com degraus, áreas buracos, pedregulhos soltos e uso de areia). Ou seja, ambientes externos com excessiva exposição ao sol e sem o fornecimento de sombras e bancos para descanso podem desencorajar os idosos a se movimentarem e utilizarem o ambiente externo para realizar atividades físicas, como a caminhada. Desta forma, com um maior conhecimento sobre os desejos, anseios, e características fisiológicas, comportamentais e psicológicas, e necessidades espaciais dos idosos, e um esforço consciente de arquitetos, engenheiros e *designers*, o planejamento de ambientes mais responsivos aos idosos pode se tornar uma realidade. Projetando-se espaços verdes que incorporem atributos ambientais a fim de proporcionar suporte físico, sensorial, social e psicológico, que também assegurem o atendimento às especificidades desse público, bem como a relação com o ambiente externo, se poderá contribuir para um processo de envelhecimento mais saudável, ativo, autônomo e digno.

4 CONCLUSÃO

Frente ao atual crescimento da população idosa e a prosperidade do tempo em relação a expectativa de vida, bem como a melhoria na qualidade de vida e nos avanços nos setores de saúde e tecnologia, é necessário refletir sobre os caminhos decorrentes do processo de envelhecimento e a qualidade dos ambientes. Assim, o presente estudo buscou investigar os atributos projetuais preferíveis e também necessários ao desenvolvimento e planejamento de espaços verdes em condomínios para idosos.

Em relação aos resultados obtidos, identificou-se a importância que o idoso atribui aos espaços verdes, aos conceitos referentes as interações sociais e as atividades físicas. O idoso compreende a importância da prática de exercícios físicos e os benefícios que o contato diário com a natureza acarreta, porém, muitas vezes esses espaços verdes não estão disponíveis no ambiente externo imediato da moradia, ou não são adequados para as necessidades das pessoas idosas, e por isso, o idoso não se sente estimulado a frequentá-los e/ou muito menos praticar qualquer tipo de atividade neles.

Os principais benefícios dos espaços verdes em condomínios para idosos que mais se destacaram, foram a produção de comida saudável, a reconexão dos idosos com o ambiente natural e com as outras pessoas idosas, o incentivo a interação social, o estímulo a atividades físicas diárias, o aumento da biodiversidade e usos dos espaços verdes, pois, quanto maior a possibilidade de promoção de atividades, maior será a satisfação residencial e sentimento de pertencimento, além de contribuir para que os idosos se sintam mais seguros no ambiente externo. Acrescenta-se também que as áreas verdes proporcionam aperfeiçoamento dos espaços da cidade, pois em locais com maiores concentrações de presença de vegetação, há melhoria do clima, do ar, do solo e da qualidade das águas.

Um dos meios para proporcionar qualidade e bem-estar no desenvolvimento de habitações destinadas a idosos, é compreender quais são as necessidades, desejos e características desse público específico. Além de compreender suas rotinas, atividades, percepções e ter consciência dos atributos espaciais necessários para projetar ambientes que sejam responsivos e seguros, e abarquem todos os usuários, independentemente da idade, classe ou gênero.

Acredita-se ser necessário, cada vez mais, elaborar novas pesquisas que voltem seu olhar para o processo de envelhecimento ativo e saudável e a relação da habitação com os espaços verdes, especialmente os condomínios habitacionais para idosos. Como sugestão para pesquisas futuras, sugere-se efetuar avaliações pós-ocupação de condomínios para idosos já existentes e implementados no Brasil ou no contexto internacional, a fim de verificar as opiniões, desejos e anseios de idosos que habitam essa tipologia, em diferentes regiões, e conhecer na prática os espaços verdes desses condomínios.

AGRADECIMENTOS

As autoras deste artigo agradecem ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU), pela concessão da bolsa de mestrado, e também ao Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da UFSC, pela contribuição com a pesquisa e auxílio na coleta de dados, e a todos os alunos do NETI pelo interesse e disponibilidade em participar da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D.; GÜNTHER, I. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. In: HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A.; PATO, C. (Org.). *Psicologia ambiental em contextos urbanos*. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

- ARNBERGER, A.; ALLEX, B.; EDER, R.; EBENBERGER, M.; WANKA, A.; KOLLAND, F.; WALLNER, P.; HUTTER, H. Elderly resident's uses of and preferences for urban green spaces during heat periods. *Urban Forestry & Urban Greening*, Amsterdã, v. 21, p. 102-115, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1618866716300358>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.
- BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. São Paulo: Almedina, 2011.
- BERTOLDI, R. *Efeitos da radiação solar na pele e a incorporação de benzofenona-3 em lipossomas*. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, 2012.
- BEZ BATTI, C. *Os espaços verdes em condomínios para idosos: compreender para projetar de acordo com a idade*. 2022. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- BRASIL. *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas e estratégicas. *Um guia para se viver mais e melhor*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.
- EVANS, S. 'That lot up there and us down here': social interaction and a sense of community in a mixed tenure UK retirement village. *Journal Ageing & Society*, Reino Unido, v. 29, n. 2, p. 199-216, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/abs/that-lot-up-there-and-us-down-here-social-interaction-and-a-sense-of-community-in-a-mixed-tenure-uk-retirement-village/864C7B646C15D6F45195DE6EBE38ECEf>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.
- FERENHOF, H.; FERNANDES, R. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO, W. Expectativa de vida. *Mundo Escola*, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/expectativa-vida.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2019.
- HADI, Y.; HEATH, T.; OLDFIELD, P. Gardens in the sky: Emotional experiences in the communal spaces at height in the Pinnacle@Duxton, Singapore. *Emotion, Space and Society*, Amsterdã, v. 28, p. 104-113, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1755458616300809?via%3Dihub>. Acesso em 24 de janeiro de 2021.
- HERZOG, C. As pessoas tomam conta da natureza em suas cidades com suas próprias mãos. *Vitruvius*, São Paulo, v. 14, n. 076.04, p. 01-06, 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.076/5018>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2000.
- GRAHN, P.; STIGSDOTTER, U. Landscape planning and stress. *Urban Forestry & Urban Greening*, Amsterdã, v. 2, n. 1, p. 01-18, 2003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1618866704700199>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.
- GONG, Y.; GALLACHER, J.; PALMER, S.; FONE, D. Neighbourhood green space, physical function and participation in physical activities among elderly men: the Caerphilly Prospective study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, Londres, v. 11, n. 40, p. 01-11, 2014. Disponível em: <https://ijbnpa.biomedcentral.com/articles/10.1186/1479-5868-11-40>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2019: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. Rio Janeiro: IBGE, 2020.
- KAPLAN, R. The Nature of the View from Home: Psychological Benefits. *Environment and Behavior*, Washington, v. 33, p. 507-542, 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00139160121973115>. Acesso em 05 de janeiro de 2021.
- KAPLAN, R.; KAPLAN, S. Well-being, Reasonableness, and the Natural Environment. *Applied psychology: health and well-being*, Singapura, v. 3, n. 3, p. 304-321, 2011. Disponível em: <https://iaap-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1758-0854.2011.01055.x>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.
- KATUNSKÝ, D.; CARSTEN BRAUSCH, C.; PAVOL PURCZ, P.; KATUNSKA, J. Requirements and opinions of three groups of people (aged under 35, between 35 and 50, and over 50 years) to create a living space suitable for different life situations. *Environmental Impact Assessment Review*, Amsterdã, v. 83, p. 01-13, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0195925519305645>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.
- KESKINEN, K.; RANTAKOKKO, M.; SUOMI, K.; RANTANEN, T.; PORTEGIJS, E. Nature as a facilitator for physical activity: Defining relationships between the objective and perceived environment and physical activity among community-

- dwelling older people. *Health & Place*, Edimburgo, v. 49, p. 111-119, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1353829217303684>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- LEE, Y.; YOON, H.; LIM, S.; AN, S.; HWANG, J. Housing alternatives to promote holistic health of the fragile aged. *Indoor and Built Environment*, Califórnia, v. 21, n. 1, p. 191–204, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1420326X11419349>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.
- LESTAN, K.; ERŽEN I.; GOLOBIČ, M. The Role of Open Space in Urban Neighbourhoods for Health-Related Lifestyle. *Internacional Journal Environmental Research and Public Health*, Suíça, v. 11, p. 6547-6570, 2014. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/11/6/6547>. Acesso em 13 de fevereiro de 2021.
- MENDES, K.; SILVEIRA, R.; GALVÃO, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto e contexto enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.
- NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Nações Unidas no Brasil, Paris, 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em 06 de dezembro de 2019.
- OCHODO, C.; NDETEI, D.; MOTURI, W.; OTIENO, J. External built residential environment characteristics that affect mental health of adults. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, v. 91, n. 5, p. 908-927, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11524-013-9852-5>. Acesso em 13 de março de 2021.
- OLIVEIRA, A.; TREVIZAN, P.; BESTETTI, M.; MELO, R. Fatores ambientais e risco de quedas em idosos: revisão sistemática. *Revista Brasileira em Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 637-645, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbqg/a/Y3SnRmkjKx8WvvnkTKqzbP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Plano de ação global para a atividade física 2018-2030: mais pessoas ativas para um mundo mais saudável*. Organização Mundial da Saúde, 2018.
- PAIVA, M. *Percepção de salas residenciais por idosos: uso das técnicas de seleção visual, realidade virtual e eletroencefalografia*. 2018. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- PERRACINI, M. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1836-1851, 2013.
- PRADO, A.; BESSE, M.; LEMOS, N. Moradia para o idoso: uma política ainda não garantida. *Caderno Temático Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.5, p. 05-17, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/view/6910>. Acesso em 03 de março de 2021.
- PHILLIPS, D.; SIU, O.; YEH, A.; CHENG, K. The impacts of dwelling conditions on older persons' psychological well-being in Hong Kong: the mediating role of residential satisfaction. *Social Science & Medicine*, Amsterdã, v. 12, n. 60, p. 2785-2797, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953604005519>. Acesso em 15 de março de 2021.
- RHEINGANTZ, P.; AZEVEDO, G.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.; QUEIROZ, M. *Notas de aula da disciplina: Avaliação de desempenho do ambiente construído*. 2007. (Apostila) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- RODIEK, S.; FRIED, J. Access to the outdoors: using photographic comparison to assess preferences of assisted living residents. *Landscape and Urban Planning*, Amsterdã, v. 73, p. 184–199, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169204604001732>. Acesso em 21 de março de 2021.
- ROMAN, A.; FRIEDLANDER, M. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 109-112, 1998. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44358/26850>. Acesso em 28 de janeiro de 2021.
- SAARI, A.; TANSKANEN, H. Quality level assessment model for senior housing. *Property Management*, United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 34-49, 2011. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/02637471111102923/full/html>. Acesso em 13 de janeiro de 2021.
- SAIEDLUE, S.; HOSSEINI, S.; YAZDANFAR, S.; MALEKI, S. Enhancing Quality of Life and Improving Living Standards through the Expansion of Open Space in Residential Complex. *Procedia: Social and Behavioral Sciences*, Amsterdã, v. 201, p. 308 – 316, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042815048272>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- STANTON, N.; HEDGE, A.; BROOKHUIS, K.; SALAS, E.; HENDRICK, H. *Handbook of human factors and ergonomics methods*. Boca Raton: CRC Press, 2005.
- TESTON, E.; CALDAS, C.; MARCON, S. Condomínio para idosos: condições de vida e saúde de residentes nesta nova modalidade habitacional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 18, n.3, p. 487-497, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbqg/a/6QSQ6hmbw54cpm85hr9gVFU>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

- TESTON, E.; MARCON, S. A constituição de domicílios unipessoais em condomínio específico para idosos. *Revista enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 610-614, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6565/12262>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.
- XIAO, Y.; LI, Z.; WEBSTER, C. Estimating the mediating effect of privately-supplied green space on the relationship between urban public green space and property value: Evidence from Shanghai, China. *Land and Use Policy*, Amsterdã, v. 54, p. 439-447, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837715301423?via%3Dihub>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.
- XUE, Y.; MA, B. The research of green design for apartments for the elderly. *Applied Mechanics and Materials*, Switzerland, v. 368-370, p. 566-571, 2013. Disponível em: <https://www.scientific.net/AMM.368-370.566>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.
- YAN, B.; GAO, X.; LYON, M. Modeling satisfaction amongst the elderly in different Chinese urban neighborhoods. *Social Science & Medicine*, Amsterdã, v. 118, p. 127-134, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953614005218?via%3Dihub>. Acesso em 19 de fevereiro de 2021.
- YUEN, B.; HIEN, W. Resident perceptions and expectations of rooftop gardens in Singapore. *Landscape and Urban Planning*, Amsterdã, v. 73, p. 263-276, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169204604000969>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.
- ZAFF, J.; DEVLIN, A. Sense of community in housing for the elderly. *Journal of Community Psychology*, New Jersey, v. 26, n. 4, p. 381-398, 1998. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1520-6629\(199807\)26:4%3C381::AID-JCOP6%3E3.0.CO;2-W](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1520-6629(199807)26:4%3C381::AID-JCOP6%3E3.0.CO;2-W). Acesso em 14 de março de 2021.
- ZHIFENG, W.; YIN, R. The influence of greenspace characteristics and building configuration on depression in the elderly. *Building and Environment*, Amsterdã, v. 188, p. 01-10, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0360132320308441>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

FAZENDAS DE CAFÉ DA ZONA DA MATA MINEIRA: AS DIMENSÕES MATERIAIS E IMATERIAIS DA CONSERVAÇÃO DA FAZENDA BOA ESPERANÇA

FINCAS DE CAFÉ EN LA ZONA DA MATA MINEIRA: LAS DIMENSIONES MATERIALES E INMATERIALES DE LA CONSERVACIÓN DE LA FINCA BOA ESPERANÇA

COFFEE FARMS IN ZONA DA MATA MINEIRA REGION: THE MATERIAL AND IMMATERIAL DIMENSIONS OF THE CONSERVATION OF BOA ESPERANÇA FARM

PEREIRA, TAMARA NUNES

Arquiteta e Urbanista, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; Email: tamara.nunes@arquitetura.ufjf.br

LUIZ, AUGUSTO MONTOR DE FREITAS

Engenheiro Civil, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Email: augustom@utfpr.edu.br

REZENDE, MARCO ANTÔNIO PENIDO DE

Arquiteto e Urbanista, Doutor em Engenharia de Construção Civil e Urbana pela Universidade de São Paulo. Professor titular da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; Email: marco.penido.rezende@hotmail.com

RESUMO

Nas fazendas de café da Zona da Mata Mineira, que sustentavam o setor produtivo brasileiro do século XIX, os sinais de tecnologia tradicional estavam presentes em diversos edifícios, dentre eles nas casas sede, importantes prédios dos conjuntos rurais cafeeiros, que demarcavam fortemente a paisagem. Neste artigo demonstra-se a importância da análise das dimensões materiais e imateriais na conservação do patrimônio cultural edificado a partir do estudo de caso de uma fazenda cafeeira na Zona da Mata Mineira, região onde se faz necessário registro de importantes patrimônios em risco. Desta forma, analisa-se o emprego das tecnologias tradicionais nestes complexos, a partir do estudo de caso da Fazenda Boa Esperança, propriedade situada em Belmiro Braga, Minas Gerais. Para tanto, buscou-se debater as motivações da conservação dos testemunhos de saberes e fazeres, entendendo como, porque e para quem a preservação deve (e se deve) existir. A partir das análises técnicas realizadas, verifica-se que alguns elementos do sistema construtivo se encontram em estado avançado de degradação, em especial aqueles em terra crua, alertando sobre a permanência desses testemunhos para a posteridade. Tal perpetuação, para além de questões técnicas, passa necessariamente por dimensões imateriais, de valores e identidades, atribuídos principalmente pelos usufruidores que, diretamente, se reconhecem nesses patrimônios.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura do café; tecnologia vernácula; patrimônio imaterial; conservação de saberes tradicionais; fazenda Boa Esperança.

RESUMEN

En las fincas cafetaleras de la Zona da Mata Mineira, que sostuvieron el sector productivo brasileño en el siglo XIX, signos de tecnología tradicional estaban presentes en varios edificios, incluidas las casas principales, edificios importantes en los complejos rurales cafetaleros, que demarcaban fuertemente el paisaje. Este artículo demuestra la importancia de analizar las dimensiones materiales e inmateriales en la conservación del patrimonio cultural construido a partir del estudio de caso de una finca cafetalera en la Zona da Mata Mineira, región donde es necesario registrar importantes patrimonios en riesgo. De esta manera, se analiza el uso de tecnologías tradicionales en estos complejos, a partir del estudio de caso de la finca Boa Esperança, una propiedad ubicada en Belmiro Braga, Minas Gerais. Para ello, buscamos discutir las motivaciones para la preservación de testimonios de saberes y prácticas, comprendiendo cómo, por qué y para quién debe (y debe) existir la preservación. De los análisis se desprende que algunos elementos del sistema constructivo se encuentran en un avanzado estado de degradación, especialmente los de tierra cruda, alertando sobre la permanencia de estos testimonios para la posteridad. Tal perpetuación, además de cuestiones técnicas, involucra necesariamente dimensiones, valores e identidades inmateriales, atribuidas principalmente por los usufructos que se reconocen directamente como estos bienes.

PALABRAS CLAVES: arquitectura de café; tecnología vernácula; patrimonio inmaterial; conservación de los conocimientos tradicionales; finca Boa Esperança

ABSTRACT

On the coffee farms in the Zona da Mata Mineira, which supported the Brazilian productive sector in the 19th century, signs of traditional technology were present in several buildings, including the main houses, important buildings in the coffee rural complexes, which strongly demarcated the landscape. This article demonstrates the importance of analyzing material and intangible dimensions in the conservation of cultural heritage built from the case study of a coffee farm in the Zona da Mata Mineira, a region where it is necessary to record important heritage at risk. In this way, the use of traditional technologies in these complexes is analyzed, based on the case study of Boa Esperança farm, a property located in Belmiro Braga, Minas Gerais. Therefore, we sought to discuss the motivations for the conservation of testimonials of knowledge and practices, understanding how, why and for whom preservation may (or not) exist. Based on the analyses, it appears that some elements of the construction system are in an advanced state of degradation, especially those in raw earth, warning about the permanence of this testimonials of knowledge for posterity. Such perpetuation, in addition to technical issues, necessarily involves immaterial dimensions, values and identities, attributed mainly by the usufructs that are directly recognized as these assets.



1 INTRODUÇÃO

O café, bebida largamente consumida no Brasil, tem seus primeiros registros no país ainda no século XVIII e, em especial, no Sudeste, na segunda metade do século (Telles, 2006). Sua disseminação foi facilitada pelo contexto social e econômico, aliado aos subsídios do governo, declínio do ouro e consumo mundial crescente (Martins, 2009). Conforme Benincasa (2014), no Vale do Paraíba cafeeiro as lavouras encontraram solo fértil e clima favorável, utilizando as margens do rio Paraíba do Sul e atingindo, dentre outros estados, Minas Gerais (Lemos, 2015). Naturalmente, como resultado deste processo, o café atingiu a porção da Zona da Mata Mineira, território que conta, ainda hoje, com remanescentes relevantes deste período, documentando ainda seus diversos setores e seus importantes edifícios (Pereira, 2019). Sendo a casa-sede o prédio de maior representatividade arquitetônica da porção de moradia das fazendas, ela internamente abrigava ornamentações rebuscadas, em contraponto aos materiais tradicionais empregados em sua construção.

Diante do cenário de transformação deste sertão em um território ocupado por complexos rurais cafeeiros, os sistemas construtivos correntes utilizavam amplamente a madeira, a pedra e a terra crua (Oliver, 1997), materiais associados às formas tradicionais de construção e a saberes igualmente tradicionais. Figurando como um exemplo que ainda resiste à ação do tempo e documenta a importância da economia cafeeira na Zona da Mata Mineira, o presente artigo recorre ao conjunto da Fazenda Boa Esperança, em especial de sua casa-sede, para discutir a sua preservação tanto do ponto de vista de sua materialidade como da importância da relação imaterial que os atuais proprietários mantêm com a fazenda. Para esta discussão, a perspectiva se concentra na conservação material destes testemunhos de saberes e fazeres, aliada à perpetuação imaterial da memória e da alma deste local que, antes de qualquer outro uso, é morada para as lembranças da família Monteiro de Barros Pinto e representação material da força de trabalho da mão de obra escravizada.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar o emprego das tecnologias tradicionais em fazendas de café do século XIX, exemplificadas pela Fazenda Boa Esperança, abrangendo seus materiais, técnicas e, principalmente, as ações de conservação conduzidas esporadicamente pela própria família. Para tanto, concentra-se na discussão das motivações da conservação e na dimensão social que permeia a casa, explorando o como, o porquê e para quem a preservação deve (ou não deve) existir.

Para tal, este estudo realiza uma pesquisa bibliográfica embasada em dois eixos principais: inicialmente, oferece um breve panorama acerca da história do café no Brasil, com ênfase no Vale do Paraíba, compreendendo sua notoriedade econômica e arquitetônica, que se destaca nos complexos rurais cafeeiros. Ademais, no núcleo central do artigo, a Fazenda Boa Esperança, localizada em Belmiro Braga, Zona da Mata Mineira, é utilizada como estudo de caso, explorando sua trajetória histórica, mão de obra empregada, descrição arquitetônica e de materiais, bem como questões relacionadas à conservação do patrimônio. Por fim, o artigo aborda a memória e perpetuação, recorrendo à técnica de entrevista semiestruturada que envolve a família e sua percepção diante do bem, em especial da casa-sede.

2 A HISTÓRIA DO CAFÉ NO BRASIL E O COMPLEXO DA FAZENDA BOA ESPERANÇA

A formação do que hoje conhecemos como Fazenda Boa Esperança tem seus primórdios diretamente ligados à ascensão cafeeira. No entanto, antes de atingir terras brasileiras, o café já era consumido pelos árabes, sendo a Etiópia (antiga Abissínia) o país de origem do grão, mais precisamente a região de Kaffa, de onde provavelmente derivou seu próprio nome (Ferrão, 2015). No Brasil, essa história começa a ser contada ainda no começo do século XVIII, em terras paraenses, por intermédio de Francisco de Melo Palheta, então sargento-mor, que viaja à Guiana Francesa e consegue, em Caiena (então capital), algumas sementes de café (Telles, 2006). Entretanto, apenas em 1760, as primeiras mudas foram plantadas no Rio de Janeiro, trazidas do Maranhão por intermédio do desembargador João Alberto de Castelo Branco (Ferrão, 2015). Em terras brasileiras, o café encontra clima e solo favoráveis, mão de obra barata e abundante, antigas instalações de engenhos que podiam ser adaptadas e capital para investimento, especialmente proveniente dos antigos mineradores (Benincasa, 2014). Os registros de plantações eram crescentes, atingindo, logo após o Rio de Janeiro (Pires *et al.*, 1986), o território de São Paulo, no começo do século XIX (Lemos, 2015) e Minas Gerais, expandindo-se pelo solo brasileiro e configurando o que, hoje, chamamos de Vale do Paraíba cafeeiro, situado às margens do Rio Paraíba do Sul.

Na Zona da Mata Mineira, ainda hoje é possível encontrar remanescentes significativos do período cafeeiro, alguns deles ainda em operação, enquanto outros estão constantemente em processo de decadência e

arruinamento. Embora essas fazendas compartilhem um partido arquitetônico bastante semelhante ao adotado pela maioria dos complexos cafeeiros, não só mineiros como também fluminenses e paulistas, há uma lacuna na literatura dedicada a compreender e catalogar o legado rural advindo do café na Mata de Minas Gerais, contrastando com a quantidade de estudos conduzidos nas porções cafeiras do Rio de Janeiro e São Paulo. Em suma, essas fazendas se caracterizavam por suas edificações dispostas em torno de um ou mais terreiros de secagem de café e, basicamente, seus prédios eram a casa-sede, construções de beneficiamento do café, tulhas para armazenagem dos grãos, tanques para lavagem, depósitos, senzalas e edificações complementares, como moinhos. Algumas fazendas também podiam contar com instalações adicionais, como casa do feitor, enfermarias e oficinas, cuja existência dependia da região e do poderio econômico da fazenda (Pereira, 2019).

A história de formação da Fazenda Boa Esperança, como a conhecemos hoje, remonta ao início do século XIX, com o sistema de concessão de sesmarias. Segundo Vilela (2013), uma sesmaria foi concedida ao guarda-mor João Francisco de Souza. Por volta de 1820 (Novaes, no prelo)¹, por intermédio do Coronel Manoel do Vale Amado, esta porção de terras passa a pertencer a Antônio Bernardino de Barros, que se fixa em parte da área, às margens do Rio Preto, implantando a Fazenda Três Ilhas, enquanto a outra parte da propriedade ficou sob a administração de seu irmão, Gabriel Bernardino de Barros. Antônio Bernardino faleceu em 1842 (Novaes, no prelo) e, em 1850, quando da abertura de seu inventário *post-mortem*, suas terras foram divididas entre os filhos. Quatro deles se estabelecem na parte da sesmaria situada no noroeste fluminense, e dois deles na porção situada em terras mineiras: José Bernardino de Barros (futuro Barão das Três Ilhas) e Gabriel Antônio de Barros (futuro Barão de São José del Rei). Gabriel construiu a Fazenda São Gabriel, enquanto seu irmão, José Bernardino, fundou a fazenda denominada Boa Esperança, objeto deste artigo. A fazenda Boa Esperança está localizada na zona rural do município de Belmiro Braga, na Zona da Mata de Minas Gerais.

Segundo o relato do atual proprietário da Fazenda Boa Esperança², uma das primeiras edificações erguidas no complexo foi a tulha, um edifício destinado ao armazenamento dos grãos de café. Simultaneamente, a moradia provisória do Barão e de sua família também foi construída. Desta forma, deu-se início ao desenvolvimento do complexo sob análise, iniciando com a construção do espaço de produção para acumular capital. Posteriormente, a construção das demais edificações foi levada adiante (Figura 1).

Figura 1: Vista aérea do conjunto em 2018.



Fonte: Adaptado de Viação Cipó³

Figurando como uma personalidade de destaque e hábitos refinados, o Barão dá início, por volta de 1874, período áureo da produção e comercialização do café, à construção da nova casa-sede para sua fazenda. Nessa nova casa, passou a viver com sua esposa, dona Maria da Conceição Monteiro da Silva, tendo utilizado os materiais mais luxuosos disponíveis na época para erguer o edifício. Após o falecimento do casal, a propriedade foi herdada pelo filho, Antônio Bernardino Monteiro de Barros, também conhecido como

“Baronete”, que faleceu em 1931. A fazenda foi então sorteada entre seus herdeiros, sendo a filha mais nova, Ana Helena Monteiro de Barros, a beneficiária.

A partir de meados dos anos 1940, com o declínio do café, a monocultura deu lugar à pecuária leiteira e, nas últimas décadas do século XX, a fazenda enfrentou desafios relacionados à decadência da pecuária. O casal Sebastião e Ana Helena decidiu, portanto, dividir a propriedade entre os quatro filhos. Maurício Antônio Monteiro de Barros Pinto adquiriu as partes dos irmãos e se tornou o único proprietário da fazenda, continuando a desempenhar este papel até os dias atuais (Novaes, no prelo). Conforme o relato de Ana Cristina, filha do atual proprietário, a casa-sede manteve-se ocupada até meados da década de 1990⁴.

Descrição arquitetônica e tecnologia tradicional da Fazenda Boa Esperança

Via como um encanto uma casa nascer da própria terra, do mesmo barro em que, se lançássemos sementes, veríamos brotar o alimento. Quantas vezes havia visto aquele ritual de construir e desmanchar casas, e ainda me maravilhava ao ver se levantar as paredes que seriam nosso abrigo (Vieira Junior, 2019, p. 142/143).

Até o século XIX, as técnicas construtivas que se desenvolveram no Brasil faziam uso de madeira, pedra e terra como materiais, constituindo o sistema construtivo predominante na época. Em determinadas regiões, algumas técnicas ganharam maior aceitação devido à fatores culturais, ambientais e à disponibilidade de recursos. Um exemplo disso é o uso de pedras em construções costeiras e a disseminação da técnica de taipa de pilão pelos bandeirantes portugueses no interior do país (Lemos, 1979).

Em um período caracterizado pela limitação no transporte de materiais, os construtores dependiam grandemente das características do terreno e dos recursos disponíveis nas proximidades. Mesmo ao seguir o sistema construtivo predominante, era crucial levar em consideração as particularidades locais para adaptar a técnica de construção. Nas fazendas cafeeiras mineiras, a técnica de vedação conhecida como taipa de mão, também chamada de pau a pique, era amplamente empregada. Assim como outras técnicas construtivas praticadas no Brasil durante este período, a taipa de mão é o resultado da interação entre culturas construtivas de diferentes povos que aplicavam o conhecimento da técnica, entretanto os saberes e fazeres eram distintos. Essa interação, motivada por diversas razões, principalmente entre portugueses e africanos, deu origem a uma expressão arquitetônica que diferia daquelas praticadas nos países de origem dos construtores no contexto da arquitetura de terra e das técnicas construtivas (Faria, 2011).

De fato, a arquitetura rural mineira que floresceu após a segunda metade do século XIX, apresenta influências das tradições herdadas das culturas portuguesa, africana e indígena, seja nos formatos das plantas, na disposição e no uso de ambientes (Oliver, 1997), e, muito provavelmente, no uso dos materiais e técnicas de construção disponíveis, incluindo a taipa de mão. A casa sede da Fazenda Boa Esperança serve como exemplo, sendo um casarão de dois pavimentos com uma volumetria em formato de “L” e cobertura em telhas cerâmicas francesas, cercada por jardins e pomares (Figura 2). No pavimento térreo, encontram-se áreas de uso comum e de lazer masculino, enquanto a porção de serviços está situada mais ao fundo (Figura 3). No pavimento superior, o retângulo maior abriga os ambientes de uso social e íntimo, com os serviços localizados na porção retangular menor (Figura 4).

Figura 2: Fachada principal da Fazenda Boa Esperança.



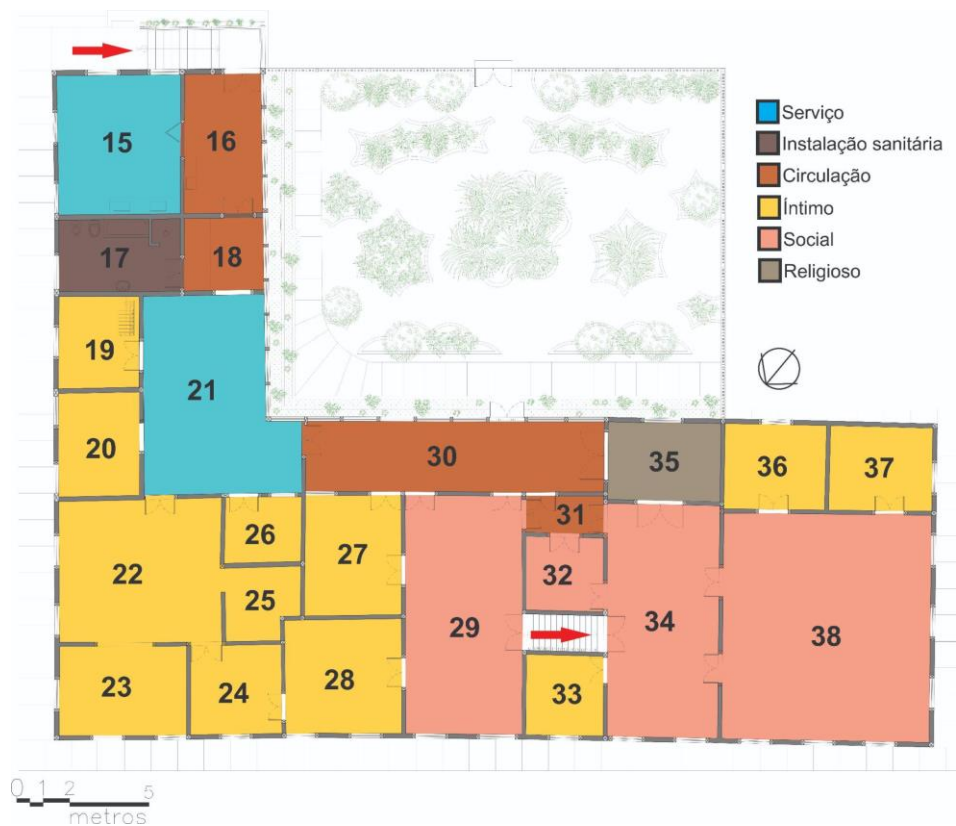
Fonte: Pereira (2019).

Figura 3: Setorização do pavimento térreo da casa-sede da Fazenda Boa Esperança.



Fonte: Pereira (2019).

Figura 4: Setorização do pavimento térreo da casa-sede da Fazenda Boa Esperança.



Fonte: Pereira (2019).

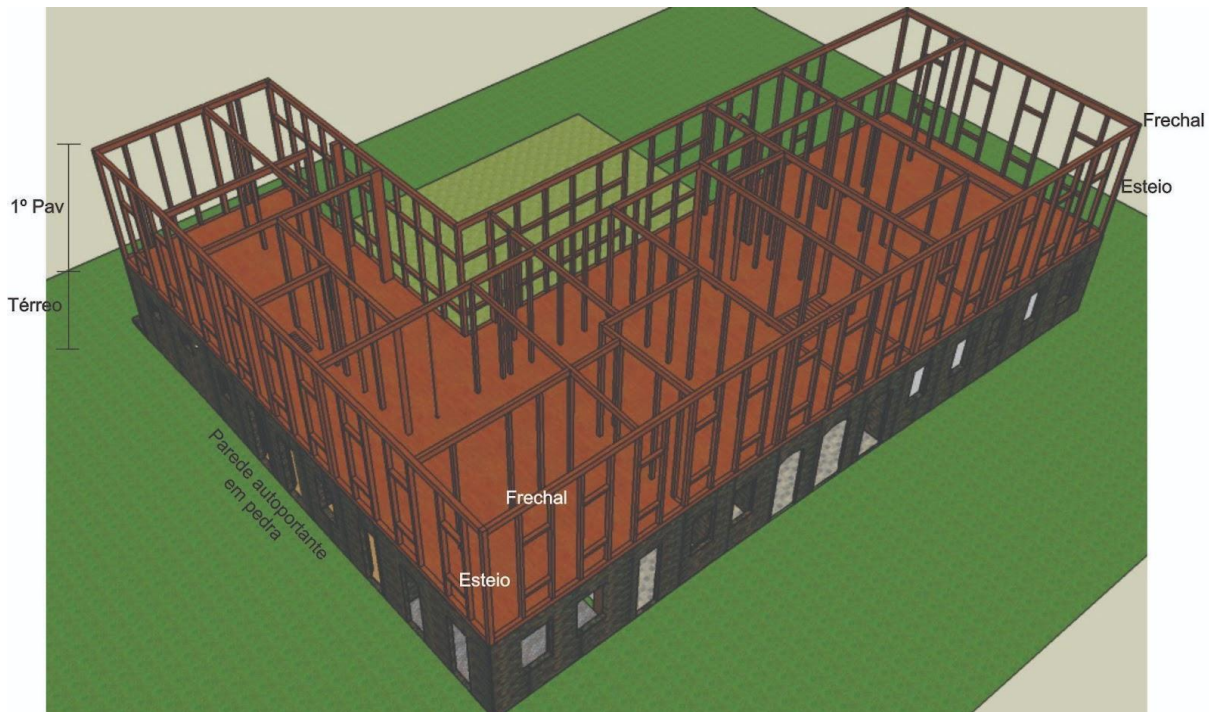
No que se refere à sua materialidade, conforme descrito por Oliver (1997), as casas-sede das fazendas mineiras compartilhavam algumas características comuns a exemplo da estrutura autônoma de madeira, com

esteios fixados no chão ou sobre paredes de pedra, e vedações externas de adobe, pedra seca ou “*stud and mud combined*” (Oliver, 1997, p. 1696). O último método explicado por Oliver envolvia a construção de uma estrutura em varas sobre a qual era aplicada uma mistura de terra e estrume, o que é o que conhecemos como paredes de taipa de mão. Vasconcellos (1979) reforça a utilização frequente destas técnicas, explicando que as estruturas autônomas eram frequentemente feitas de madeira devido à sua disponibilidade, e as vedações eram construídas com materiais leves, como a taipa de mão. Coincidentemente, a casa-sede da Fazenda Boa Esperança retrata de maneira fiel os materiais comumente empregados em Minas Gerais no século XIX, conforme descrito por Oliver (1997). A construção utilizava materiais locais e enfatizava a mão de obra artesanal, o “toque das mãos”, contrastando com as tecnologias de materiais mais industrializados e sistemas não locais que predominam nos dias de hoje (Glassie, 2000).

A pedra pode ser encontrada no térreo, conformando paredes autoportantes, não argamassadas, e em canjicado (Vasconcellos, 1979), onde pedras menores contornam as maiores, amarrando toda alvenaria. Acima delas, encontra-se o baldrame, a primeira peça horizontal da gaiola de madeira, que circunda o perímetro da edificação. Sobre ele, fixam-se os esteios intermediários, juntamente com os esteios de canto, maiores, alguns se estendendo até o solo e outros fixados nas paredes de pedra do térreo. Como uma espécie de fechamento superior desta estrutura autônoma de madeira, observa-se o frechal, que segue a volumetria da casa-sede e assegura a correta amarração do sistema em madeira. Com a edificação já estruturada, a vedação é realizada com o uso da terra, mais precisamente da taipa de mão. A trama de madeira, composta por ripas e paus a pique de seção retangular, é fixada no baldrame e no frechal. Sobre essa trama aplica-se o barro, preenchendo os espaços e dando forma às paredes superiores, tanto internas quanto externas. A Figura 5 apresenta o modelo tridimensional do sistema estrutural empregado na casa-sede da Fazenda Boa Esperança.

Em relação à origem dos materiais geralmente utilizados, a terra empregada no sistema de taipa de mão era obtida no próprio local de construção ou em áreas próximas. No que diz respeito à madeira, Cruz (2010) ressaltava que era proveniente de matas desmatadas para a formação da fazenda, enquanto as pedras soltas, comuns em Minas Gerais, eram retiradas dos campos para desobstruir o terreno e posteriormente utilizadas nas construções (Cruz, 2010). Portanto, a disponibilidade de recursos nas proximidades da fazenda influenciava a escolha das técnicas, suas adaptações e limitações.

Figura 5: Modelo tridimensional do sistema estrutural empregado.



Fonte: Pereira (2019).

De fato, a construção e plena operação dos complexos cafeeiros só eram possíveis com a utilização de uma força de trabalho maciça, sendo que, no caso da fazenda, essa mão de obra era escravizada. Os grandes

fazendeiros, conhecidos como “barões do café”, alcançaram tal reconhecimento devido à disponibilidade de mão de obra cativa em toda base da fazenda, desde o cultivo do café até os serviços domésticos, muitas vezes sujeitando-os a condições deploráveis e de tortura. Benincasa (2014) ressalta a utilização do trabalho escravo, desde a desflorestação para o plantio do cafezal até as atividades na casa-grande, onde desempenhavam funções como cozinheiros, cuidadores de hortas e jardins, arrumação da casa, lavagem de roupas e até amas de leite. Além destas tarefas, Ferrão (2015) ressalta a preocupação com a boa arquitetura e, conseqüentemente, a necessidade de capacitar esta força de trabalho escravizada para que se tornasse especializada. Segundo o autor, era necessário treinar alguns escravizados jovens para aprenderem funções como carpinteiros, pedreiros, ferreiros e até oleiros, visando garantir um corpo de operários cativos para a construção civil nas propriedades rurais. No entanto, ainda é necessário aprofundar o entendimento sobre a realidade desse trabalho escravizado.

Telles (2006) enfatiza que os escravizados eram o alicerce das fazendas de café, mas, ao mesmo tempo, questiona sua invisibilidade, apontando como exemplo a falta de preservação de muitas senzalas, resultado da vergonha associada à escravidão. Não se pode negar que, graças aos saberes desta mão de obra negra, temos hoje a casa-sede da fazenda em estudo e muitas outras construções históricas que são patrimônios fundamentais, embora ainda sejam insuficientemente reconhecidos em relação a quem os ergueu. Neste aspecto, verifica-se a inter-relação entre força de trabalho brasileira e, principalmente, africana.

Independentemente do nível de interação e assimilação ocorrido entre as culturas construtivas envolvidas, é imperativo que tenha ocorrido uma inter-relação arquitetônica e tecnológica entre Brasil e África, e estas implicaram na criação de uma tipologia seguida por uma motivação cultural. A principal contribuição africana é justamente a expressão dos valores e conceitos que perfazem sua filosofia arquitetônica (Faria, 2011, p. 151).

Além disso, é importante destacar que, no caso da casa-sede da Fazenda Boa Esperança, os materiais empregados, o sistema construtivo utilizado e a mão de obra escravizada eram comuns na época da construção e, portanto, não eram considerados vernáculos naquele período. No entanto, à medida que nos afastamos no tempo e considerando as atuais discussões sobre o assunto, podemos estabelecer uma conexão entre a tecnologia empregada nesta casa e aquela ainda hoje utilizada por comunidades tradicionais. Dessa forma, estabelece-se um vínculo entre a tecnologia empregada na fazenda e as técnicas vernáculas que perduram até hoje. Também é possível identificar vestígios da tradição vernácula que refletem influências portuguesas, africanas e possivelmente indígenas, seja nos formatos das plantas, na disposição e uso de ambientes (Oliver, 1997) e, provavelmente, no uso dos materiais e técnicas de construção disponíveis, incluindo a taipa de mão.

Conservação do patrimônio construído vernáculo na casa-sede da Fazenda Boa Esperança

Partindo-se do princípio de que a preservação tanto da arquitetura quanto da tecnologia vernácula desempenha um papel fundamental na perpetuação do patrimônio construído e que, por sua vez, a tecnologia vernácula “é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo” (ICOMOS, 1999, p. 1) e que “conservar e promover estas harmonias tradicionais que constituem uma referência da existência humana é dignificar a memória da Humanidade” (ICOMOS, 1999, p. 1), é relevante direcionar atenção ao estado atual de conservação da casa-sede da Fazenda Boa Esperança a fim de oferecer uma visão do presente e possíveis direções futuras.

A Fazenda Boa Esperança foi oficialmente tombada pelo município de Belmiro Braga em 2019. Além da casa-sede, estão acautelados o terreiro de pedras, utilizado para secagem do café, e a tulha, um edifício destinado ao armazenamento dos grãos. Enquanto paisagem cultural, a fazenda tem parte de sua área preservada pela importância histórica e de conformação de um território economicamente forte para a região, no ápice da produção cafeeira no Brasil. Enquanto casa-sede, além de guardar grande parte das características dos modos de morar e viver dos “Barões do Café”, apresenta também materialidades advindas de técnicas históricas significativas, sendo além de produtos, processos de produção que conectam, principalmente, recursos naturais e saberes tradicionais (Tofani; Brusadin, 2019).

No entanto, é importante ressaltar o alerta sobre as possíveis perdas, tanto materiais quanto simbólicas, que são em grande parte iminentes. Para Oliver (1997), um edifício normalmente se deteriora devido ao passar do tempo, ao uso e à exposição às condições climáticas. No norte da Europa, edifícios vernáculos estão em uso, pelo menos em parte, há mil anos. No entanto, sem cuidados contínuos ou extensos trabalhos de restauração, a expectativa de vida média de um edifício é reduzida para duzentos a trezentos anos.

Na casa-sede da fazenda em questão, observam-se diversas formas de degradação, desde os efeitos das condições climáticas até intervenções emergenciais realizadas sem o devido suporte técnico. As paredes de

pedra do térreo se encontram íntegras e estruturadas, com poucos pontos de exposição e deterioração. No entanto, a estrutura autônoma em madeira apresenta peças ressecadas, danificadas pela ação de organismos xilófagos e deterioradas em muitos pontos, comprometendo a eficácia de suas funções estruturais. Além disso, é evidente uma preocupação iminente, particularmente em relação à vedação de taipa de mão, que exemplifica um avançado estado de degradação e ajuda a sintetizar o estado de conservação da arquitetura de terra presente nessa edificação.

Como primeira manifestação patológica, é possível notar áreas onde a camada de terra se desprende, possivelmente devido à perda de aderência da gaiola de madeira, que, ao se movimentar, expeliu parte do material adjacente. Faria e Lima (2018) explicam que a eliminação das camadas superficiais da taipa ou mesmo da argamassa de revestimento é um processo natural causado pela perda de coesão desses materiais, que pode ocorrer devido a variações cíclicas de umidade e, conseqüentemente, distribuição de tensões. Devido a esse mecanismo, é importante realizar atividades de manutenção, como reaplicação de reboco, em intervalos regulares. Deve-se atentar não apenas à compatibilidade entre os materiais antigos e novos utilizados no reboco, mas também à proporção entre eles, ou seja, o traço.

No caso da Fazenda Boa Esperança, estudos da composição das argamassas da trama e do reboco mostraram a predominância de partículas com tamanho inferior a 1,18 mm (Pereira, 2019). Do ponto de vista técnico, as intervenções deveriam levar em consideração essa composição, priorizando o uso de argamassas dosadas principalmente com ligantes inativos, como a fração argilosa da terra. No entanto, constata-se que as áreas afetadas foram preenchidas de maneira emergencial com argamassa cimentícia - Figura 6.

De fato, é comum encontrar intervenções em revestimentos tradicionais feitas com materiais incompatíveis. Como nos ensina Kanan (2008), argamassas cimentícias endurecem rapidamente, o que nem sempre é vantajoso, especialmente quando aplicadas a estruturas antigas, como taipas, que se acomodam lentamente ao longo do tempo. Segundo a autora, os danos causados por argamassas de cimento podem decorrer de sua menor porosidade e maior parte do volume dos poros, incluindo microporos de maior força capilar e maior impermeabilidade, o que retém a umidade. Além disso, é importante destacar que argamassas cimentícias apresentam baixa aderência em alvenarias de terra (Kanan, 1999 apud Pachamama, 2020), e quando aplicadas, como no edifício em estudo, essas argamassas podem, na verdade, provocar efeitos adversos, levando ao surgimento de novas manifestações patológicas.

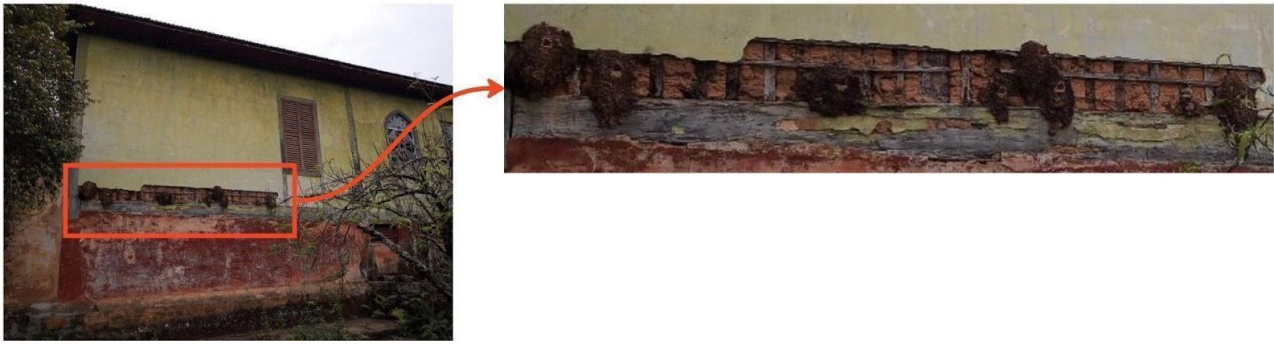
Em outros locais também ocorreu desprendimento da argamassa de revestimento, deixando à mostra o enchimento em barro das paredes de taipa de mão, bem como sua trama de sustentação interna (conforme ilustrado na Figura 7). Esse desprendimento, conforme explicado por Olender (2006), não só gera inconvenientes estéticos, mas pode também causar outras complicações, especialmente devido à exposição do barro aos elementos como a água e o vento. Além disso, ele facilita a ação danosa do ser humano e de animais, como a proliferação de colônia de insetos que é observada nas áreas de contato entre a madeira e a vedação, como evidenciado na Figura 7.

Figura 6: Detalhamento das intervenções com argamassa cimentícia sobre a taipa de mão na fachada Nordeste.



Fonte: Pereira (2019).

Figura 7: Exposição da trama de madeira da parede de taipa de mão na fachada Sudeste, com proliferação de insetos.

Fonte: Adaptado de Vieira⁵

Desta forma, considerando que vedações representam um dos elementos mais frágeis de uma edificação e que o sistema em taipa de mão tem relevância para a história da arquitetura brasileira, é fundamental focar em alguns dos tópicos descritos na Carta sobre o patrimônio construído vernáculo (ICOMOS, 1999). Entre os princípios de conservação, nos chama a atenção um ponto de discussão específico, indicando que a proteção do patrimônio vernáculo é mais eficaz quando se mantém e preservam conjuntos representativos.

Neste contexto, abordamos o caso específico de uma fazenda cafeeira, no entanto, cabem reflexões sobre tantos outros conjuntos rurais semelhantes que enfrentam o desafio do tempo e das condições climáticas. Como estão essas construções? Será que estão bem conservadas? Essas são perguntas que merecem nossa consideração.

No que diz respeito às diretrizes práticas, é fundamental fazer uma reflexão mais aprofundada. É inegável que uma das maneiras de garantir a perpetuação dos testemunhos de saberes vernáculos é atuar na dimensão material, onde as intervenções devem ser realizadas por profissionais qualificados e precedidas por uma análise abrangente do bem. No caso da Fazenda Boa Esperança, as complementações com argamassa de cimento sobre a terra crua e a madeira, embora questionáveis do ponto de vista técnico, refletem o zelo do proprietário, que, praticamente sozinho, tem mantido o conjunto de pé. Isso acontece independentemente do apoio do poder público, que, mesmo sendo a fazenda contemplada com a política do ICMS Cultural⁶, não proporciona condições significativas para a manutenção do complexo. Portanto, é importante destacar e valorizar a ação dos proprietários, que têm investido recursos e esforços na preservação da Fazenda, antes de tudo.

Por outro lado, em termos de seleção de materiais, outras recomendações seriam mais apropriadas nesta situação. Por exemplo, a formulação de argamassas de reconstituição que incluam areia, terra e cal, sendo que este último é um material amplamente conhecido e disponível no mercado da construção civil atual, representaria uma alternativa mais adequada. Neste momento, é importante questionar a escolha do cimento em vez de outros ligantes. Vários fatores podem ter influenciado nesta decisão, mas é plausível especular que a escolha inicial tenha sido feita com base no senso comum, no qual o cimento é muitas vezes visto como um material de melhor qualidade, fácil de manusear e adquirir. Para o proprietário responsável pelas intervenções, é provável que estes fatores tenham sido decisivos, enquanto outras considerações, como a compatibilidade entre materiais, foram ignoradas. De fato, percebe-se um certo desconhecimento por parte dos moradores sobre as técnicas mais apropriadas, o que torna necessárias ações no sentido de popularizar o conhecimento, abrangendo uma ampla gama de possibilidades, que vão desde a disponibilização de informações até a implementação de medidas mais complexas.

A preservação e perpetuação das técnicas tradicionais exigem que as comunidades depositárias possuam “sólidos conhecimentos sobre suas características e demandas; comprometimento com sua manutenção nesses espaços; processos decisórios que garantam seu efetivo protagonismo;” (Tofani; Brusadin, 2019, p. 15), permitindo capacitar essas comunidades para lidar com as inevitáveis transformações. Mesmo que a propriedade seja de uma única família, como no caso dos Monteiro de Barros Pinto, é essencial criar condições para a preservação das edificações, o que, infelizmente, não tem sido observado na Fazenda Boa Esperança.

Portanto, é imprescindível contar com o apoio de governos, autoridades competentes, associações e organizações, além do comprometimento da família proprietária, para garantir a preservação futura e viabilizar o uso sustentável (Tofani; Brusadin, 2019).

Memória e perpetuação: as visões da família acerca do bem

Além das reflexões de natureza técnica apresentadas anteriormente, é de extrema importância dar vez e voz para aqueles que são os principais representantes e usuários deste patrimônio cafeeiro: a família Monteiro de Barros Pinto, aqui representada pelo atual proprietário, Sr. Maurício, e sua filha, Ana Cristina. Efetivamente dar voz aos usuários de qualquer espaço não é uma tarefa simples. Foram realizadas várias visitas com o objetivo de estabelecer uma “confiança” e certa “intimidade” com os proprietários. Essa abordagem baseia-se em teorias de base etnográficas que buscam deixar transparecer os valores e visões das pessoas e povos visitados, em vez das do pesquisador (Laplantine, 1988). Em seguida, utilizou-se uma metodologia de questionários com perguntas semiestruturadas (Aaker *et al.*, 1995) para entender a visão de ambos sobre este patrimônio significativo. Como são de gerações diferentes, algumas respostas foram notavelmente divergentes, especialmente em relação ao futuro da casa-sede. No entanto, pai e filha concordam em um ponto crucial: a necessidade de preservação deste edifício, motivados por razões distintas.

Sr. Maurício, de seus mais de oitenta anos, passou a maior parte de sua vida na Fazenda Boa Esperança. Devido à sua idade avançada e a riqueza de memórias que acumulou ao longo dos anos, suas respostas, particularmente neste questionário, não conseguem expressar completamente o sentimento que ele demonstra em relação ao patrimônio de sua família. Os pesquisadores notaram várias vezes em outros momentos a profundidade de seu vínculo emocional com a fazenda. Em um determinado momento, Ana Cristina, responsável por conduzir a pesquisa junto ao pai, relatou que foi difícil para ele expressar em palavras a importância do patrimônio, e que, nas palavras dela, “meu pai tá aqui pensando há meia hora [...]”. No entanto, todas as ações realizadas por ele, especialmente a partir de 2015, quando houve uma maior aproximação dos pesquisadores com a fazenda, retratam seu cuidado, zelo e carinho, mesmo em situações adversas, como a falta de recursos financeiros e problemas de saúde. Tanto Sr. Maurício, quanto Ana Cristina, quando questionados sobre a necessidade de conservação da casa-sede, demonstraram forte apoio. Ele enfatizou a importância do edifício como patrimônio de grande valor cultural e reconheceu que a preservação não se destina apenas à sua família, mas também a turistas e à população em geral.

Por outro lado, Ana Cristina, além de ser favorável à conservação, enfatizou que o uso da casa-sede deveria ser exclusivo de sua família, uma vez que ela nunca pertenceu a nenhuma autoridade pública e sempre foi concebida como uma residência. Ela se incomoda com a ideia de que a casa-sede seja tratada como um museu, pois acredita que não há estrutura adequada para tal finalidade. Mais adiante, ela esclarece ainda mais sua visão:

[...] realmente me incomoda algumas pessoas não terem a sensibilidade de entender que a fazenda é, antes de qualquer coisa, o nosso lar, o lar dos nossos antepassados. Nossas melhores memórias de infância estão aqui. [...] A sede é linda, realmente incrível, tem objetos raríssimos sem dúvida, mas a magia transcende a casa.⁷

Quando questionado sobre as ações de manutenção realizadas na casa-sede, Sr. Maurício afirmou que nenhuma ação havia sido executada nos últimos tempos e que, até o momento, não havia obtido nenhum incentivo institucional para este fim. Como Ana Cristina destacou, a casa-sede não é mais plenamente habitada desde meados da década de 1990. No entanto, Sr. Maurício, ao receber visitas, mesmo que raramente, abre as janelas da casa-sede, especialmente as do pavimento superior, assegurando a ventilação natural e a observação mais atenta de possíveis danos.

No entanto, o proprietário também admitiu não conhecer mão de obra especializada capaz de realizar eventuais serviços de reparo na estrutura de madeira e pedra, bem como na taipa de mão. Quando questionado sobre o futuro que desejava para a edificação nos próximos 100 anos, sua resposta foi enfática: “será que ela dura até lá”? Em outras palavras, apesar de seu grande interesse pessoal na conservação do bem, sua fala reflete incertezas sobre os possíveis cenários futuros. Ana Cristina, ao responder às mesmas perguntas feitas ao pai, reforçou a ausência de ações recentes de conservação, recordando que, segundo sua avó, os últimos reparos ocorreram na década de 1960. Em relação ao valor da casa-sede, ela respondeu de maneira muito sensível e direta: “Para mim ela sempre foi e sempre será a casa da vovó Anita, o que representa um valor inestimável. Minha avó foi uma mulher notável, de grande coragem”. Quanto ao cenário futuro, assim como o pai, Ana não considera que seja fácil fazer projeções, mas reitera seu desejo de preservar o valor da casa com uma residência com “alma”. Durante as conversas para a realização deste questionário, Ana enfatizou ainda mais: “Sempre que eu escuto a música Pátria Minas, eu penso na fazenda, porque pra mim é isso”. Esta música, de Marcus Viana, já nos primeiros versos, retrata: “Pátria, pátria é o fundo do meu quintal. É Broa de milho, e o gosto de um bom café. Pátria, é cheiro e colo de mãe. É roseira branca, que a vó semeou no jardim” (Viana, 2014).

Portanto, após a análise das respostas, torna-se evidente que um dos caminhos para a preservação do bem envolve invariavelmente a preservação das memórias que estão ligadas à casa-sede e que somente os envolvidos conseguem lembrar. A importância da preservação é unanimidade entre pai e filha, o que é, de fato, indiscutível também do ponto de vista da técnica vernácula.

No entanto, surgem dois questionamentos: como garantir a realização de ações de restauro, executando-as de maneira técnica e sensível, em conformidade com os desejos dos proprietários e as necessidades de perpetuação? Até que ponto terceiros podem participar desse processo para assegurar que a preservação, defendida pelos usuários e autores, de fato aconteça?

3 CONCLUSÃO

O estudo da Fazenda Boa Esperança destaca a importância de ações voltadas para a preservação desse significativo patrimônio da era cafeeira em nossa história. Vale lembrar que existem outros exemplares semelhantes na mesma região. Do ponto de vista material, foi possível documentar mais um caso típico que utiliza técnicas atualmente consideradas vernáculas, como as paredes em pedra sem argamassa, as estruturas em madeira e as vedações em taipa de mão.

Ao explorar a tecnologia e os processos de execução empregados na construção de um importante edifício cafeeiro, endossamos a presença de elementos que remetem à tecnologia vernácula atual, mesmo que estas edificações sejam tipicamente representativas de um período econômico que contrasta com as atuais comunidades que desenvolvem arquiteturas vernáculas. Portanto, sob a ótica dos processos empregados e na perspectiva temporal atual, consideramos este como um típico caso em que a tecnologia vernácula pode ser importante fator para manutenção desse patrimônio.

Assim, esse edifício, de enorme importância na história da construção, guarda em suas paredes os saberes tradicionais e os materiais das imediações das fazendas, moldados pela mão de obra escravizada, frequentemente invisibilizada e ainda não devidamente reconhecida. A escassez de recursos, em especial de mão de obra capacitada que pratique a técnica construtiva e de apoio financeiro parte do poder público, tem resultado em perdas materiais e simbólicas significativas em relação a esses bens vernáculos. Atualmente, devido à falta de profissionais qualificados para atuar com a tecnologia vernácula, os remanescentes dessas edificações se tornam testemunhos de saberes e fazeres que não são mais amplamente praticados. No entanto, é fundamental retomar essas habilidades para garantir a perpetuação deste patrimônio e a compatibilidade de materiais e técnicas em futuros processos de restauração. É importante notar que, embora as ações mais recentes tenham mérito ao buscar preservar o patrimônio, elas foram realizadas utilizando técnicas inadequadas para construções em terra. Portanto, concluiu-se que várias ações são necessárias para evitar que situações semelhantes se repitam. Estas ações abrangem desde a ampla disseminação de informações em diversos meios até o envolvimento de comunidades e populações que possuam expertise nessas técnicas, agora consideradas vernáculos, para que possam ser aplicadas em situações como essa.

Enquanto sociedade, ao considerarmos que o período cafeeiro materializado também nas fazendas de café mineiras apresenta relevância na conformação da sociedade atual, a sua conservação, enquanto patrimônio e, por conseguinte, das tecnologias vernáculos a ele associadas, se faz necessária. Além de uma visão estritamente tecnicista, este artigo buscou apresentar as percepções daqueles que, cotidianamente, vivem o patrimônio. Para os autores, em um contexto em que o edifício é tombado a nível municipal por sua significância, a conservação é mais que pretendida, é fundamental. Contudo, para que haja sentido neste processo, é crucial que os anseios dos proprietários sejam ouvidos. É possível notar muitos exemplos de edifícios de interesse cultural preservados, no entanto, a conexão sensível com esses locais se perde, tornando-os espaços vazios. A pesquisa destacou que as dimensões materiais e imateriais da Fazenda estão intrinsecamente ligadas. Para compreender as soluções adotadas na preservação recente, é fundamental conhecer o contexto econômico, social e as relações dos proprietários com o bem. Felizmente, a Fazenda Boa Esperança ainda está sob os cuidados dos herdeiros daqueles que a ocuparam pela primeira vez no início do século XIX. Nesse caso, não é viável aplicar uma abordagem puramente técnica racional quando se trata de um local repleto de memórias de infância e testemunhos vivos de técnicas construtivas transmitidas e praticadas pela força de trabalho negra.

Iniciativas de terceiros, como o poder público, podem e devem ser consideradas para a injeção de recursos na preservação do patrimônio. No entanto, é essencial que tais iniciativas sejam coordenadas em harmonia com os desejos e necessidades da família ou dos proprietários, como destacado no caso de estudo. Não é um caminho trivial, mas é fundamental para garantir a preservação de patrimônios que ainda mantêm sua essência como espaços habitáveis, sensíveis e com potencial de uso sustentável.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Sr. Maurício e a sua filha Ana Cristina pela disponibilidade em conversar conosco e pela forma carinhosa com que sempre abriram as portas da Fazenda Boa Esperança para nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Marketing research*. 5th. ed. New York: John Wiley, 1995.
- BENINCASA, V. *Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830-1930*. São Carlos: EduFSCar, 2014.
- CRUZ, C. F. *Fazendas do sul de Minas Gerais. Arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília: IPHAN/ Programa Monumenta, 2010.
- GLASSIE, H. *Vernacular Architecture*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- FARIA, J. P. R. *Influência africana na arquitetura de terra de Minas Gerais*. (Dissertação de Mestrado). Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MMMD-8T7TBZ>. Acesso em 16 de junho de 2023.
- FARIA, P.; LIMA, J. *Rebocos de terra*. Lisboa: Argumentum, 2018.
- FERRÃO, A. M. A. *Arquitetura do café*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS). *Carta sobre o patrimônio construído vernáculo. Cidade do México*, 1999. Disponível em: <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/40%20Carta%20patrim%C3%B3nio%20vern%C3%A1culo%201999.pdf>. Acesso em 16/06/2023.
- KANAN, M. I. *Manual de conservação e intervenção em argamassas e revestimentos à base de cal*. Cadernos Técnicas, 8. Brasília, DF: Iphan/ Programa Monumenta, 2008.
- LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LEMO, C. A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMO, C. A. C. *Casa Paulista: História das moradias anteriores ao Eclétismo trazido pelo café*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- MARTINS, A. L. *Império do café: a grande lavoura do Brasil*. São Paulo: Atual, 2009.
- NOVAES, A. *Fazenda Boa Esperança*. (no prelo).
- OLENDER, M. C. H. L. *A técnica do pau-a-pique: subsídios para a sua preservação*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8822>. Acesso em 16 de junho de 2023.
- OLIVER, P. *Encyclopedia of vernacular architecture of the world*. Cambridge; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 1997. 2384 p.
- PACHAMAMA, R. A. V. C. N. *Argamassas de terra para reboco: Efeitos de adições estabilizantes e contribuições para a normalização brasileira*. (Dissertação de Mestrado). Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://sites.arq.ufmg.br/pos/ambienteconstruido/wp-content/uploads/2021/05/dissertacao-raphael-augusto-vasconcelos-carneiro-nascimento.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2023.
- PEREIRA, T. N. *As histórias traçadas pelo café na zona da mata mineira: proposta de intervenção na Fazenda Boa Esperança*. Dissertação (Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- PIRES, F. T. F.; CRUZ, P. O.; MARCADANTE, P.; MIRANDA, A. R.; CZAJKOWSKI, J. *Fazendas: Solares da região cafeeira do Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PROGRAMA ICMS Patrimônio Cultural. *Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA MG)*, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/icms-patrimonio-cultural>. Acesso em 16 de junho de 2023.
- TELLES, A. C. S. *O Vale do Paraíba e a arquitetura do café*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- TOFANI, F. P.; BRUSADIN, L. B. A arquitetura vernácula enquanto patrimônio cultural: contribuições para sua preservação e uso sustentável. II SEMINÁRIO DE ARQUITETURA VERNÁCULA. *Anais do Belo Horizonte*, 2019, s/p
- VASCONCELLOS, S. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.
- VIANA, M. *Pátria Minas*. Belo Horizonte: Sonhos e Sons Ltda: 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ahr5VhNLGBg&ab_channel=MarcusViana%26Transf%C3%B4nicaOrkestra-Topic (4 minutos e 18 segundos). Acesso em 16 de junho de 2023.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VILELA, L. A. Fazenda Boa Esperança: salva dos credores em nome da família. *Revista do Café*: Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, ano 92, n. 847, pp. 34-35, set. 2013.

NOTAS

¹ Adriano Novaes é um pesquisador das fazendas de café desta região, e elaborou um dossiê sobre a história da Fazenda Boa Esperança.

² Conversas realizadas em visitas feitas entre 2016 e 2017.

³ Conversas realizadas em visitas feitas entre 2016 e 2017", na verdade o correto é "Imagem extraída do vídeo pertencente ao Programa Viação Cipó, de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_7x89l6qgA. Acesso em 16 de junho de 2023.

⁴ Informação verbal fornecida por Ana Cristina Bergo Monteiro de Barros Pinto (2022).

⁵ Foto cedida por Elza Vieira em 16 de janeiro de 2023.

⁶ Segundo PROGRAMA (2016), "O ICMS Patrimônio Cultural é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado. Ele funciona por meio de repasse dos recursos aos municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais, através de políticas públicas relevantes".

⁷ Informação verbal fornecida por Ana Cristina Bergo Monteiro de Barros Pinto (2022).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

TECTÔNICA DO HABITAR MODERNO: DUAS RESIDÊNCIAS DE BORSOI NA PARAÍBA

TECTÓNICA DE LA VIVIENDA MODERNA: DOS RESIDENCIAS BORSOI EN PARAÍBA

TECTONICS OF MODERN DWELLING: TWO BORSOI RESIDENCES IN PARAÍBA

DINIZ, DIEGO

Mestre, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFPB, E-mail: diego.claudino@academico.ufpb.br

ROCHA, GERMANA

Doutora, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFPB, E-mail: grochaufpb@gmail.com

RESUMO

O estudo da dimensão tectônica tem como foco as interações entre a ordem estética e a ordem técnica da envoltória do espaço arquitetônico, a partir de uma abordagem relacional desde a escala do sítio às junções entre os elementos materiais da estrutura formal arquitetônica. O objetivo deste artigo é apresentar um olhar sobre a tectônica do habitar moderno (residencial unifamiliar) no estado da Paraíba, explorando a poética construtiva expressa nesse tipo edilício. São articuladas as análises de duas residências construídas em João Pessoa na década de 1950, projetadas pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, um dos mestres da modernidade arquitetônica, sendo elas: a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955-1958) e a Residência Joaquim Augusto (1956-1958). O procedimento metodológico parte da revisão bibliográfica, seguido da coleta de dados, seleção das obras e aplicação dos parâmetros analíticos da tectônica propostos por ROCHA (2012), que focaliza as relações do sítio, da estrutura resistente e dos elementos de vedação com a estrutura formal arquitetônica. Os resultados apresentados destacam a poética construtiva do concreto armado como suporte das cargas das casas analisadas e uma diversidade tectônica decorrente dos elementos de vedação, explorando as díades aberto e fechado, leve e pesado e, transparente e opaco, presentes na cultura arquitetônica moderna. Espera-se que este trabalho possa colaborar para a historiografia da arquitetura moderna, em particular a residencial unifamiliar, produzida no nordeste brasileiro, ampliando o conhecimento sobre as singularidades expressivas decorrentes, não apenas de uma linguagem adotada, mas, também do saber técnico-construtivo presentes no patrimônio moderno significativo e ainda existente.

PALAVRAS-CHAVE: análise tectônica; arquitetura moderna residencial; Paraíba (1950).

RESUMEN

El estudio de la dimensión tectónica se centra en las interacciones entre el orden estético y el orden técnico de la envolvente espacial arquitectónica, a partir de un enfoque relacional desde la escala del lugar hasta las uniones entre los elementos materiales de la estructura arquitectónica formal. El objetivo de este artículo es echar un vistazo a la tectónica de la vivienda moderna (residencial unifamiliar) en el estado de Paraíba, explorando la poética constructiva expresada en este tipo de edificios. Se analizan dos residencias construidas en João Pessoa en la década de 1950, proyectadas por el arquitecto Acácio Gil Borsoi, uno de los maestros de la modernidad arquitectónica: la Residencia Cassiano Ribeiro Coutinho (1955-1958) y la Residencia Joaquim Augusto (1956-1958). El procedimiento metodológico se inicia con una revisión bibliográfica, seguida de la recopilación de datos, la selección de las obras y la aplicación de los parámetros analíticos de tectónica propuestos por ROCHA (2012), que se centra en la relación entre el sitio, la estructura resistente y los elementos de sellado y la estructura arquitectónica formal. Los resultados presentados destacan la poética constructiva del hormigón armado como soporte de las cargas de las casas analizadas y una diversidad tectónica resultante de los elementos de sellado, explorando las díadas abierto y cerrado, ligero y pesado y transparente y opaco, presentes en la cultura arquitectónica moderna. Se espera que este trabajo pueda contribuir a la historiografía de la arquitectura moderna, en particular de la arquitectura residencial unifamiliar, producida en el nordeste de Brasil, ampliando el conocimiento sobre las singularidades expresivas derivadas no sólo del lenguaje adoptado, sino también de los conocimientos técnico-construtivos presentes en el significativo patrimonio moderno aún existente.

PALABRAS CLAVES: análisis tectónico; arquitectura residencial moderna; Paraíba (1950).

ABSTRACT

The study of the tectonic dimension focuses on the interactions between the aesthetic order and the technical order of the envelope of the architectural space, from a relational approach from the scale of the site to the junctions between the material elements of the formal architectural structure. The aim of this article is to take a look at the tectonics of modern living (single-family residential) in the state of Paraíba, exploring the constructive poetics expressed in this type of building. It analyzes two residences built in João Pessoa in the 1950s, designed by the architect Acácio Gil Borsoi, one of the masters of architectural modernity: the Cassiano Ribeiro Coutinho Residence (1955-1958) and the Joaquim Augusto Residence (1956-1958). The methodological procedure starts with a literature review, followed by data collection, selection of works and application of the analytical parameters of tectonics proposed by ROCHA (2012), which focuses on the relationship between the site, the resistant structure and the sealing elements and the formal architectural structure. The results presented highlight the constructive poetics of reinforced concrete as a support for the loads of the houses analyzed and a tectonic diversity resulting from the sealing elements, exploring the dyads open and closed, light and heavy and transparent and opaque, present in modern architectural culture. It is hoped that this work can contribute to the historiography of modern architecture, particularly single-family residential architecture, produced in northeastern Brazil, expanding knowledge about the expressive singularities arising not only from the language adopted, but also from the technical-constructive knowledge present in the significant modern heritage that still exists.

KEYWORDS: tectonic analysis; modern residential architecture; Paraíba (1950).

Recebido em: 28/04/2023

Aceito em: 14/11/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

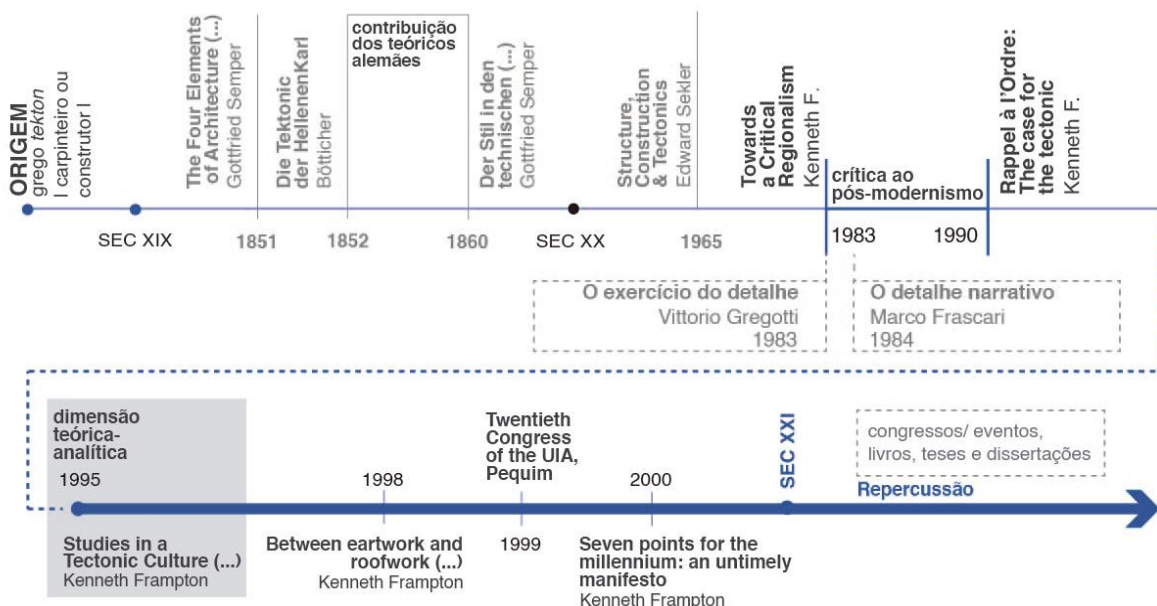
1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar resultados decorrentes de pesquisa de mestrado¹ que lança um olhar sobre a tectônica do habitar moderno (residencial unifamiliar) no estado da Paraíba, explorando a poética construtiva expressa nesse tipo edilício. São articuladas as análises de duas residências construídas em João Pessoa na década de 1950, projetadas pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, um dos mestres da modernidade arquitetônica brasileira, sendo elas: a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955-1958), e a Residência Joaquim Augusto (1956-1958).

Acácio Gil Borsoi nasceu no Rio de Janeiro e se formou na Faculdade Nacional de Arquitetura – FNA, sendo um dos responsáveis por levar a “mensagem moderna” ao nordeste brasileiro, a partir da realização de projetos de diferentes tipologias e do ensino de arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco (Segawa, 2018). Sua atuação na Paraíba teve maior abrangência na construção residencial unifamiliar, em várias cidades do estado, do litoral ao sertão, como aponta Melo (2013). Residências que contribuem com o caráter tectônico do habitar moderno na Paraíba, como apontam as análises apresentadas neste trabalho.

A tectônica tem origem etimológica do grego *tekton* – referente ao carpinteiro ou construtor, todavia, seu entendimento alcança a condição de “poética do construir”², revelando uma interação entre o aspecto estético e o material. Desse modo, após as contribuições de importantes estudiosos alemães³ do século XIX, a tectônica reaparece no século XX, principalmente através dos textos de Kenneth Frampton - primeiro como crítica a arquitetura pós-moderna⁴, e em seguida enquanto categoria analítica na sua obra referente aos estudos da cultura tectônica publicada em 1995⁵. É a partir desta publicação que a atenção à tectônica ganha repercussão na teoria contemporânea da arquitetura, sendo comprovada nos discursos do final do século XX para o início do século XXI, onde congressos, eventos, livros, teses e dissertações lançam um olhar sobre a arquitetura a partir dessa abordagem, como podemos ver nesta linha do tempo da trajetória da tectônica a partir dos estudos de Frampton (Figura 1)⁶.

Figura 1: Trajetória da tectônica a partir dos estudos de Frampton.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Frampton (1995) analisa obras arquitetônicas de seis mestres⁷ modernos do final do século XIX e século XX. Seu texto analítico não segue um roteiro pré-estabelecido, entretanto, é percebido o modo como ele relaciona as várias referências e conceitos da cultura tectônica, desde os autores alemães, abordando a relação intrínseca entre expressividade e a materialidade da arquitetura, compreendida por ele como arte da construção, assim como, estabelecendo diálogos entre as obras e seu contexto.

As obras variam em tamanho, localidade, função, no entanto, destacamos as análises de exemplares residenciais - em particular aqueles referentes aos arquitetos Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe e Jorn Utzon⁸, a partir dos quais percebemos o olhar de Frampton sobre a tectônica do habitar moderno. Esse autor

comenta sobre a possível influência dos estudos de Semper⁹ na obra de Frank Lloyd Wright, ao analisar sua produção de 1927, onde o arquiteto utiliza de blocos de concreto armado texturizados, fazendo alusão a uma espécie de trama (tecelagem). Essa concepção que remete à arte técnica do têxtil semperiana também é observada nas paredes de construção leve, resultante das tábuas em madeira dispostas horizontalmente e montadas em módulos que definem espaçamentos, aberturas de janelas, alturas de portas e móveis embutidos, e que irão caracterizar as últimas experiências de projetos residenciais de F. L. Wright.

Em seu olhar sobre a produção de casas de Mies van der Rohe no início dos anos 1920, Frampton ressalta as influências, desafios e esforços desse grande mestre da arquitetura, que consegue estabelecer um diálogo simultâneo entre o vanguardismo e a tradição, caracterizados, respectivamente, pela leveza dos fechamentos em vidro e aço, e a dureza e opacidade da alvenaria em tijolos. Frampton ressalta a sobriedade desses exemplares, que apesar de exprimirem certa tradição, não são historicistas. No final da década de 1920 é observada uma mudança no principal material utilizado na arquitetura de Mies, enfatizada pela transição do uso do tijolo para a demonstração do vidro e da transparência, que consoante as análises de Frampton, resultou em modificações tectônicas e estéticas, em decorrência da alteração da opacidade pesada para a translucidez leve.

Para Frampton, a obra de Jorn Utzon tem uma contribuição singular por revelar um cuidado com a expressividade da estrutura e da construção, tendo como base a vertente tectônica do movimento moderno. Influenciado por F. L. Wright, Utzon apresenta forte intenção transcultural com referências além da Europa, como a cultura japonesa, por exemplo. A influência da cultura oriental desenvolve uma percepção tátil de impacto corporal, podendo, também, ser vista a partir da oposição de Semper da terraplanagem em comparação à cobertura, onde o sentido de cobertura (*roofwork*), além do ato de cobrir, remete a todo, ao envoltório do material do espaço arquitetônico, e o (*earthwork*) tem como elementos determinantes a implantação e o embasamento.

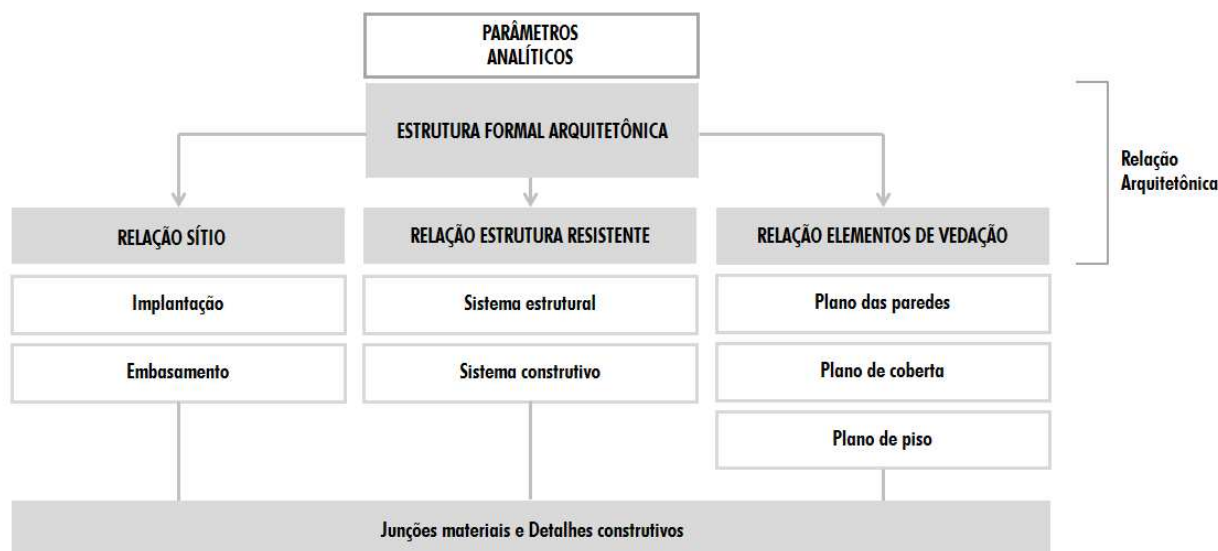
Esses estudos de Frampton revelam uma diversidade do caráter tectônico, evidenciado pelas propriedades das artes técnicas apresentadas por Semper (2004) que, para ele, estaria presente em todo o tempo e sociedades. Assim, essa diversidade tectônica percorre o habitar moderno podendo ser percebida pela referência a arte têxtil na obra Frank Lloyd Wright, que trabalhou com a montagem dos blocos de concreto texturizados, remetendo a tecelagem; o contraste entre a tradição e os preceitos da vanguarda experimentados por Mies Van der Rohe, que resultaram na exploração da tectônica através da desmaterialização da membrana e pelo estímulo da tecnologia; por fim, percebemos dois aspectos da tectônica residencial de Jorn Utzon evidenciada por Frampton: a primeira relacionada ao contraste estabelecido entre o *earthwork* e *roofwork*, ou seja, a solidez do trabalho da terra, com a leveza e desmaterialização da cobertura; e a segunda, referente à totalidade do *earthwork*¹⁰, em todos os planos da estrutura formal (pisos, paredes e coberta).

Desse modo, a teoria analítica fundamentada na tectônica por Frampton, ao apreciar as interações entre a manifestação artística da arquitetura e suas determinações construtivas, permite compreender os nexos que se estabelecem entre as partes materiais do todo arquitetônico, em uma abordagem relacional em diferentes escalas, que vai das relações estabelecidas entre a estrutura formal arquitetônica¹¹ e o sítio até a micro relações estabelecidas pelas junções ou detalhes construtivos que unem suas partes materiais, tendo em vista um resultado estético (ROCHA, 2012). Nesse sentido, são observadas as seguintes relações: a) sítio/ estrutura formal arquitetônica; b) sistema resistente/ estrutura formal arquitetônica e; c) elementos de vedação/ estrutura formal arquitetônica (Figura 2).

A primeira relação, entre o sítio e estrutura formal arquitetônica, busca perceber as implicações do sítio no caráter tectônico, observando: a) implantação: “posição do edifício com relação ao lote, à orientação favorável às características climáticas do lugar e as vias de acesso, e a relação com a paisagem natural e construída” (ROCHA, 2012, p. 79); b) o embasamento: “A maneira como o terreno é trabalhado, para a ancoragem do edifício, atende de certo modo às suas características naturais — tipo de solo, geometria, desníveis, por exemplo — e aos limites ou concessões que delas decorrem (...)” (Rocha, 2012, p. 79).

A relação estrutura resistente e estrutura formal arquitetônica é o segundo parâmetro de análise. Essa relação é importante, pois “A integridade física da forma arquitetônica necessita da estrutura resistente que se constitui de elementos arquitetônicos de suporte das cargas da construção desde a cobertura ao plano de solo.” (Rocha, 2012, p. 83). Além disso, Rocha (2012) destaca que o princípio estrutural influencia a geometria e as proporções, definindo o caminho das forças, e está associado às propriedades dos materiais e a estática, mas que nem sempre a estrutura resistente aparece de maneira explícita, podendo estar integrada ao todo arquitetônico. A relação estrutura/arquitetura que é buscada nessa relação tem como propósito, enfim, “(...) averiguar de que modo os princípios estruturais e sua materialização participam do resultado estético-formal do envoltório do espaço arquitetural moderno.” (Rocha, 2012, p. 90). Assim como em todas as relações de análise, nesta, também busca-se observar as junções enquanto fonte de significado e de potencial expressivo.

Figura 2: Parâmetros analíticos da análise tectônica (ROCHA, 2012).



Fonte: Diego Diniz, 2022.

A última relação de análise, que trata sobre o vínculo entre os elementos de vedação e a estrutura formal arquitetônica, refere-se além da “pele” do objeto arquitetônico, entendida correntemente como os fechamentos externos de uma edificação, nesse caso, tange o envoltório do espaço em sua completude, representado pelos elementos de vedação (teto, piso, paredes e esquadrias), expressos muitas das vezes como elementos independentes.

2 MATERIALIDADE E EXPRESSIVIDADE DO HABITAR: ANÁLISE DE DUAS CASAS DE BORSOI NA PARAÍBA

Analisar a arquitetura sob a ótica da tectônica significa direcionar o olhar sobre as interações entre a ordem estética e a ordem técnica da envoltória do espaço arquitetônico (Rocha, 2012). Desse modo, as análises comparativas aqui realizadas subsidiam um panorama acerca da poética construtiva decorrente dessa relação materialidade/ expressividade de obras residenciais unifamiliares construídas por Borsoi em João Pessoa na década de 1950: a Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955-1958) e a Residência Joaquim Augusto (1956-1958)¹².

As obras analisadas resultaram de critérios estabelecidos, como o recorte espacial e temporal, acesso a documentos de projeto (fotos, plantas, fachadas, cortes, etc.), e principalmente a possibilidade de visita para realização de registro fotográfico de exemplares modernos ainda existentes e pouco modificados, de modo a possibilitar a percepção sensorial das relações materiais da forma arquitetônica, fundamental à análise sob o olhar da tectônica.

Ressaltamos aqui a importância do redesenho dos projetos das casas, tanto em função limitação da documentação gráfica conseguida, como para melhor explicar e explorar os resultados das análises sob a ótica da tectônica, pois, conforme argumenta Rocha, Cordeiro e Tinem (2017) uma melhor compreensão dos nexos tectônicos é alcançada a partir do modelo digital tridimensional (3D), visto que “(...) *permite a obtenção de perspectivas desde pontos de vista impossíveis de se conseguir com fotografias, a obtenção de cortes perspectivados a partir de qualquer plano de seção, assim como, o desmembramento da edificação em suas partes constitutivas (...)*” (Rocha; Cordeiro; Tinem, 2017, p. 236), o que pode ser visto nas ilustrações das análises das casas a seguir.

O lugar do habitar: implicações do sítio na estrutura formal arquitetônica.

A relação do lugar com o resultado do objeto arquitetônico, sem dúvida, nos exemplares observados, são determinantes. O trabalho de movimentação de terra, referente ao ato de cavar ou aterrar, ou até mesmo de elevar um platô, são constantes, revelando um ato primordial da arte da construção, de conhecer o lugar e modificá-lo, como um primeiro ato de concepção arquitetural. Isso, evidentemente, atrelado ao funcionamento do programa e as solicitações bioclimáticas, revelando um cuidado de observar o sítio no processo de projeto arquitetônico.

A implantação da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho ocorre em um lote que se estende de um lado ao outro da quadra, estando voltada para a Avenida Presidente Epitácio Pessoa, um eixo de expansão da cidade, na época, que conecta o centro da cidade às praias de Cabo Branco e Tambaú, enquanto a outra margem do lote é voltada para a Av. Júlia Freire. Trata-se de um terreno com quase 7.500 m² com mais de 120 m de comprimento e aproximadamente 53 m de largura¹³. Poderíamos imaginar que a mesma estrutura formal posicionada em um lote menor, com recuos reduzidos, acarretaria uma percepção diferente, onde possivelmente sua expressividade seria mitigada. Desse modo, a implicação da implantação na estrutura formal arquitetônica é singular, a partir do impacto proveniente da dimensão do lote e o modo como o objeto construído se relaciona com ele (Figura 3).

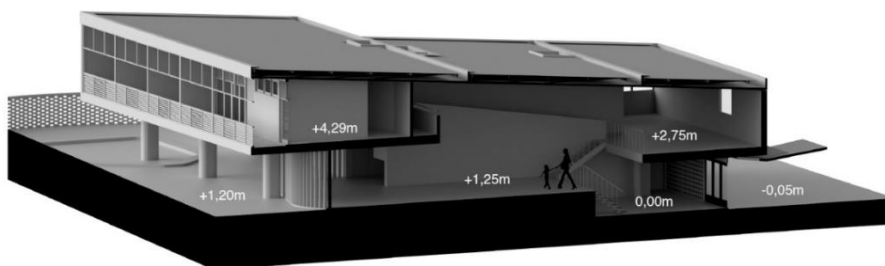
Figura 3: Residência Cassiano Ribeiro Coutinho (1955-1958).



Fonte: Diego Diniz, 2022.

O programa da residência foi resolvido em um volume principal dividido em quatro níveis, sendo dois níveis no pavimento térreo (cota 0,00 e +1,25 m) e dois níveis no pavimento superior (cota +2,75 m e +4,29 m), articulados por meio lance de escada/ rampa, e um volume posterior, térreo, de menor dimensão. O acesso ocorre pelo lado oeste do lote, tanto de veículos quanto o social, sendo distribuído a partir deste eixo onde ocorre o acesso ao nível mais baixo do pavimento térreo, assim como, acesso a uma rampa que leva ao patamar mais alto deste pavimento (Figura 4). Nesta relação entre o sítio e a estrutura formal arquitetônica, o embasamento realizado a partir da movimentação do solo também está diretamente relacionado à expressividade arquitetônica da residência Cassiano Ribeiro Coutinho. Isto decorre do estabelecimento de dois níveis no solo, onde no primeiro nível (-0,05 m), voltado ao oeste, ocorre o acesso de serviço e garagem, e no segundo nível (cota +1,20 m) é estabelecido um grande platô, acessado externamente por uma rampa, importante elemento arquitetônico, fortemente presente na arquitetura moderna brasileira.

Figura 4: Trabalho de movimento de terra e definição dos níveis (Corte no modelo geométrico tridimensional digital).



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Internamente, assim nos acessos externos, Borsoi vai utilizar da solução de rampa para conectar o terceiro nível (cota +2,75 m), de uso social e de serviço, com o quarto nível (cota +4,29 m), onde é setorizada a área íntima da residência. Essa solução decorrente do estabelecimento de dois níveis no terreno reflete internamente em qualidades arquitetônicas, expressiva no ambiente das salas (setor social), à medida que cria uma relação visual entre os ambientes separados por cotas diferentes, resultando no pé-direito de aproximadamente cinco metros. Além da permeabilidade visual gerada, a estratégia de criar esses diferentes níveis possibilitam a utilização de uma rampa conectando o setor social do setor íntimo, e desse modo, resolvendo um problema de circulação vertical, com criatividade, promovendo uma circulação de inclinação

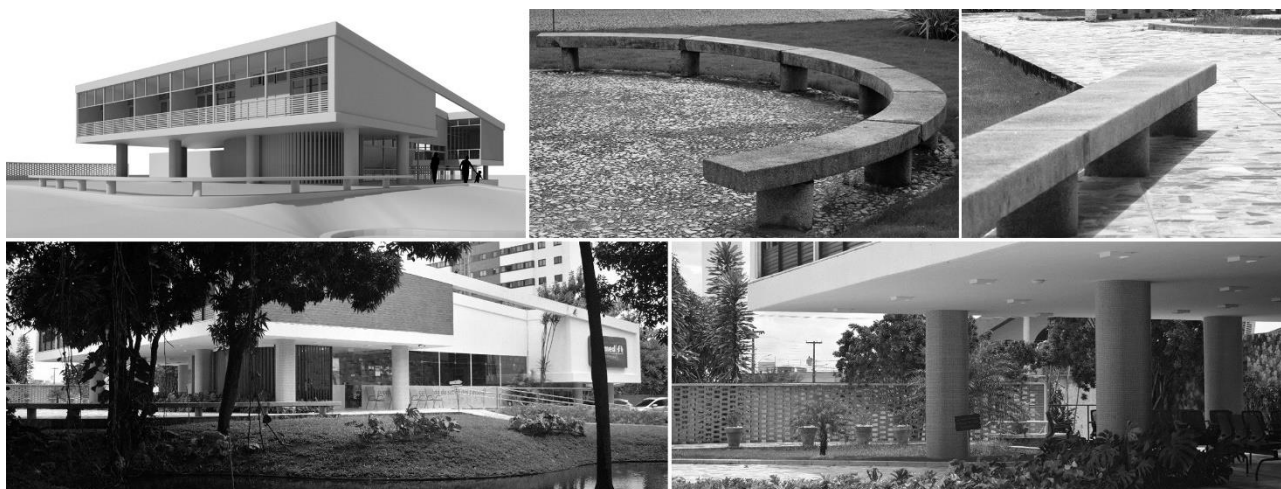
suave de onde é possível observar os ambientes sociais de diferentes posições, assim como, visualizar o exterior da residência, graças aos fechamentos em vidro.

O platô criado do nível mais alto do terreno (cota +1,20 m) define uma praça que permeia a edificação pelos espaços cobertos pelo pavimento superior do setor íntimo, delimitada por um banco em concreto e pelo jardim, que compreendia a área de lazer da residência, com piscina, onde inclusive, descia um dos pilares de sustentação. A expressividade leve do banco em concreto, que delimita o grande platô social e de lazer, também vai ser repetido numa praça circular no jardim frontal próximo ao lago artificial. Ambos são formados por módulos em concreto que se unem definindo um único elemento, sustentados por esbeltos apoios de seção retangular com arestas abauladas, explorando inclusive as formas curvas, revelando um cuidado construtivo de detalhe e forma.

Nesta solução de Borsoi, é perceptível a edificação sobre um podium (visto na relação *erthwork/ roofwork*), tanto devido à implantação da edificação no ponto mais alto do lote, quanto pelo trabalho dos taludes, que expressa uma transição suave entre os jardins e o embasamento, com variações de revestimento em pedra, e desse modo, os taludes se confundem com o próprio embasamento da edificação. Em determinado momento, este limite entre o jardim e platô é rompida, e o jardim percorre em direção ao interior, refletindo um desejo de unir arquitetura e paisagismo, envolvendo inclusive alguns dos pilares como se estivessem fincados diretamente no solo, sem embasamento, e em outro momento na água (na piscina) (Figura 5).

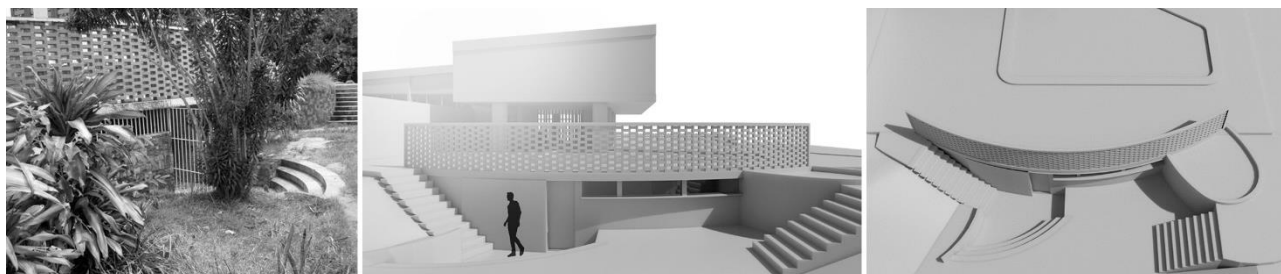
Borsoi aproveita o nível do platô elevado para posicionar a área técnica da piscina em um nível abaixo (cota -1,20 m, ou seja, 2,40 m abaixo do nível do platô), escondido pelo muro de tijolos vazados, que não foi pensado de modo gratuito, mas com uma função de esconder o pavimento técnico, além da estética propiciada pelo material. O acesso a esse pavimento ocorre por escadas que possuem formas orgânicas em harmonia com diferentes níveis delimitados por muros de arrimo revestidos em pedra (Figura 6).

Figura 5: Detalhe dos bancos em concreto e do encontro suave dos taludes como o embasamento.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Figura 6: Área técnica da piscina.

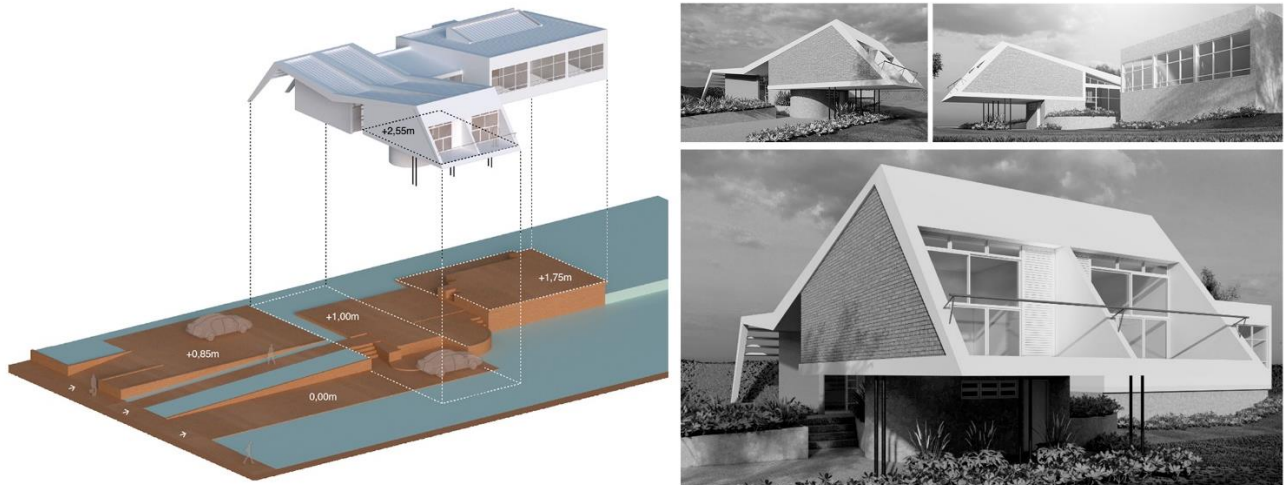


Fonte: Diego Diniz, 2022.

Já a residência Joaquim Augusto foi implantada em um lote de aproximadamente 30x60 m, com cerca de 300 m² de área construída, apresenta recuos generosos, principalmente o frontal. Isso ocorre principalmente em

função do partido de projeto comum na modernidade arquitetônica, que explora o recuo para integrar a residência aos jardins, e nesse caso, cria um percurso mediante rampa como uma solução importante, apesar que neste caso, a rampa não é explorada com uma forma expressiva. A residência possui três acessos: o primeiro de veículos/ serviço que chega no patamar mais alto do jardim; o segundo de uso social, por uma rampa suave até o acesso principal da residência (onde a coberta é projetada, promovendo abrigo), e o terceiro também de veículos, na cota menor do lote. No diálogo entre o sítio e a estrutura formal arquitetônica referente ao embasamento foi identificado um trabalho de movimento de terra com o propósito de conceber a edificação em níveis diferentes - um partido de projeto adotado por muitos arquitetos à época. Nesse caso, o trabalho de terraplanagem realizado não ocorre de modo a aproveitar a topografia natural do lote, e sim, transformá-lo para adequação do conceito proposto. Desse modo, Borsoi cria dois níveis no terreno, a partir dos quais, foi possível articular os ambientes/ setores (Figura 7).

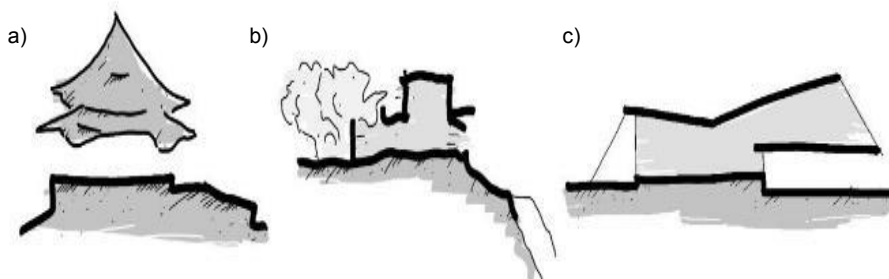
Figura 7: Implantação da residência Joaquim Augusto.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Esse trabalho de terraplanagem realizado por Borsoi lembra a união dos dois exemplos percebidos por Frampton (1995), a partir dos esboços de Jorn Utzon (Figura 8), tanto referente a transição da base pesada para a cobertura leve de exemplares da cultura arquitetônica chinesa - onde é realizado o trabalho de embasamento em patamar elevado e o elemento de cobertura é realçado (percebido no primeiro volume da residência), assim como, o exemplo da Residência Porto Preto, em que o embasamento une ao todo arquitetônico (exemplo mais próximo do volume posterior). O embasamento do volume posterior soma a cota de (+1,75 m) em relação ao nível zero (lado direito do lote), apresentando uma espécie de unificação do embasamento com o volume construído sobre ele, que revestidos com o mesmo material intensifica a ideia de um elemento único.

Figura 8: Relação embasamento/ estrutura formal arquitetônica a partir dos esboços de Jorn Utzon.



Fonte: (a) e (b) Frampton (1995) editadas por Diego Diniz; (c) Diego Diniz, 2022.

Isso demonstra uma diversidade de soluções tectônicas que resulta em qualidades estéticas/ formais expressas por essas soluções arquitetônicas. O detalhe de marcar a ruptura e descontinuidade do

“embasamento” (ambiente de escritório utilizado para criar essa percepção) também foi utilizada por Borsoi com objetivo de valorizar o *roofwork*, ou seja, criar uma percepção onde a forma arquitetônica é mais leve, e que sua massa construída estar pairando sobre o topo. Desse modo, poderíamos imaginar o volume posterior como estando mais próximo à tectônica do pesado (*heavy-weight*), à medida que se trata de um volume embasado no solo sem nenhum trabalho de suspensão ou destacamento do embasamento. Enquanto isso, o volume sul revela um contraste entre a tectônica da leveza (*light-weight*) e a tectônica do pesado, a partir da dinâmica estabelecida entre as soluções de embasamento, elementos estruturais e revestimentos que implicam na construção da forma arquitetônica da residência.

Potencialidade expressiva da estrutura: princípios da construção moderna.

As análises realizadas revelam uma tectônica residencial na Paraíba que se expressa predominantemente a partir do uso da tecnologia do concreto armado no sistema estrutural resistente, mesmo que estes elementos, recorrentemente, se apresentem de modo implícito, incorporado nos elementos de vedação. Na residência Joaquim Augusto (1956-1958), parte da estrutura resistente é definidora da forma arquitetônica.

Nesta relação de análise é nítido o papel dos elementos estruturais, que ultrapassa em dado momento os requisitos técnicos de sustentação, enaltecendo a poética da construção. Enquanto Borsoi tira partido da estrutura como definidora da forma arquitetônica, ele também utiliza da estratégia de ocultar algumas vigas e pilares, causando certa ocultação da lógica estrutural, correntemente integrando-os aos elementos de vedação. Nesta residência o arquiteto explora o princípio de estrutura independente, à medida que parte dos pilares desencontram dos fechamentos de alvenaria (no pavimento térreo), explorando desse modo, o contraste entre a transparência e fluidez do pavimento térreo, em comparação com a opacidade do pavimento superior.

Borsoi adota a tecnologia do concreto armado explorando o sistema estrutural *dom-ino*, o princípio da estrutura independente adotado permite recuar os pilares dos limites da edificação permitindo, por consequência, trabalhar a fachada livre, dois dos princípios da arquitetura moderna, anunciados pelo mestre Le Corbusier. Os pilares de sustentação do volume dos quartos possuem uma modulação estrutural com cerca de 6,50 m, com cerca de 3,00 m de balanço da estrutura, o que pode justificar a seção robusta de 0,45 m por 0,87 m, mas que devido às arestas abauladas e o revestimento em pequenas pastilhas azuis, contribuem esteticamente na forma da edificação. Além deste, Borsoi também utiliza de pilares de seção circular com 0,40 m de diâmetro, com modulação estrutural com cerca de 6,50 m por 3,00 m (Figura 09)

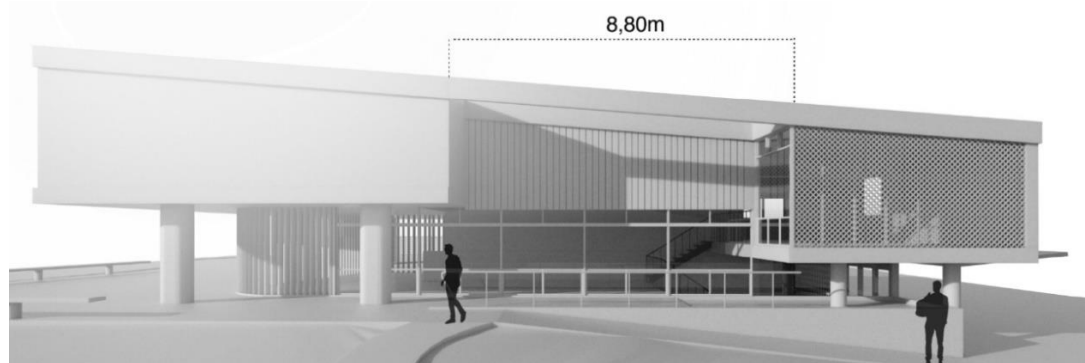
Figura 09: Estrutura da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

As partes que compõem o volume principal, possui, como elemento de ligação, vigas de bordas invertidas, tipo uma coroação da edificação, funcionando também como platibanda para ocultar a cobertura, que segue a própria declividade da telha utilizada. A percepção provocada na fachada norte é que se trata de uma única viga, sem apoio de pilares, e que, portanto, atingiria um vão de vinte e seis metros. No entanto, existem pontos de apoios ocultos nas vedações que sustentam este elemento, o que resulta em vigas que vencem vãos com cerca de nove metros, possibilitando explorar com expressividade as aberturas em vidro, fortalecendo a relação de transparência entre o interior e o exterior (Figura 10).

Figura 10: Viga de coroamento da edificação.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Ainda do ponto de vista da estrutura, chama atenção o detalhe da marquise em “v” que marca a entrada social da residência pelo lado oeste, além de criar um espaço de transição protegido das intempéries. Este elemento arquitetônico expressivo explora o balanço da laje inclinada em duas direções, sendo três metros para o lado oeste, engastada na viga superior por uma espécie de “mão francesa” de concreto armado. Nele é possível observar o cuidado construtivo no detalhe dos frisos (pingadeiras) contornando todas as lajes (Figura 11).

Figura 11: Detalhe da marquise em “v”.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Na residência Joaquim Augusto Borsoi é explorada intencionalmente a estrutura resistente no volume da fachada sul, que apresenta a característica da cobertura tipo “asa de borboleta”, graças às possibilidades do concreto armado juntamente com os princípios de concepção estrutural. Assim, tal solução concebida por Borsoi, presente na composição deste volume, é preeminente em expressividade na composição da estrutura formal arquitetônica da residência Joaquim Augusto da Silva (Figura 12).

Figura 12: Forma da estrutura do volume sul.

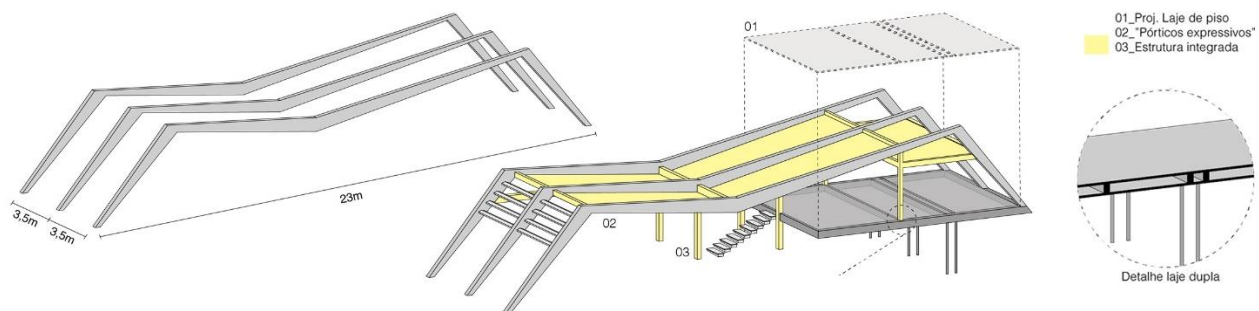


Fonte: Diego Diniz, 2022.

Esta forma de cobertura – tipo “borbolete”, foi utilizada por Le Corbusier na Casa Errazuriz (1930), assim como Oscar Niemeyer, uma década depois, em uma casa desenhada para Juscelino Kubistchek, tornando-se uma linguagem formal comum da arquitetura moderna residencial. Ao analisarmos a tectônica expressa por meio dos elementos de suporte das cargas, percebemos uma relação intrínseca decorrente do princípio estrutural, que se impõe como um partido definidor da forma. O sistema estrutural resistente do volume principal da casa Joaquim Augusto é constituído por três pórticos dispostos no sentido transversal da mesma, espaçados em equidistância de 3,5 m. Esses elementos estruturais são alçados em concreto armado em inclinações que possibilitam a definição dos planos de cobertura, somando uma medida linear com cerca de 23,0 m. Ao longo de tais “pórticos” existem vigas e pilares, suprimidos na fachada, que suportam a forma da composição da cobertura tipo “asa de borboleta” incorporados aos elementos de vedação, como se a sustentação ocorresse apenas pelos apoios nas laterais (Figura 13).

Desse modo, os “pórticos” são expressivos à medida que exploram as possibilidades dos materiais, definindo, assim, o objeto arquitetônico. Os componentes – vigas e pilares – unem-se como um único elemento evocando ao light-weight (tectônica leve). Tais elementos trabalham a partir de um jogo de forças e cargas que se apoia no solo, do lado oeste (além de apoio dos brises de proteção solar), e unem-se no volume sul, definindo a cobertura “asa de borboleta”. Dessa composição é revelada uma expressividade decorrente do trabalho com a tecnologia do concreto armado em conjunto com o desenho da forma estrutural. As forças são transmitidas para a fundação, em parte, por esbeltos pilares metálicos com diâmetro de cerca de 10 cm (Figura 14), transmitindo uma ideia de que estão fincados no jardim, como uma alusão a uma carga leve.

Figura 13: Detalhes da forma estrutural. Pórticos estruturais.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Figura 14: Detalhe dos pilares em aço que sustentam parte das cargas do pavimento superior.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

A utilização destes pilares metálicos evidencia mais uma experimentação tecnológica, já usada anteriormente por Lina Bo Bardi na Casa de Vidro (1951) e por Sérgio Bernardes na Casa Maria Carlota de Macedo Soares (1951), por exemplo. Possivelmente, seria a primeira vez que esta tecnologia construtiva estaria sendo utilizada na Paraíba, como um gesto da introdução de um saber tecnológico/ industrial que requer uma construção mais especializada. O volume posterior não possui expressividade equivalente à forma estrutural do volume sul, ou seja, não foi explorado o potencial estético possibilitado pelo concreto armado. Esses dois volumes são articulados por uma laje impermeabilizada mais baixa, fazendo a transição tanto entre o setor social e o privado, quanto em termos formais, que contribui na composição arquitetônica.

É pouco explorado o uso do metal nas residências, com destaque ao uso na residência Joaquim Augusto de Acácio Gil Borsoi, por pilares tubulares que suportam parte do pavimento elevado, de modo expressivo. Na residência Cassiano Ribeiro Coutinho também foi identificado o uso de apoios metálicos, integrados nos

fechamentos em madeira e vidro, causando uma impressão em que as vigas vencem vãos maiores. Em todos os casos foram utilizados sistemas estruturais de seção-ativa com pilares e vigas de alma cheia como elementos básicos, onde estas apoiam-se nas extremidades, combinadas por conexões rígidas. Existe também muita influência do sistema *Dom-ino* de Le Corbusier, no que se refere a independência estrutural, a possibilidade de fachada livre e flexibilidade da planta. Com isso, a exploração de planos de esquadrias (de piso a teto) e recuo das alvenarias da estrutura resistente, se torna possível.

Devido à adoção desse sistema estrutural em todas as residências, é possível observar a exploração de balanços, o que colabora na expressividade da estrutura formal arquitetônica, evocando a independência dos componentes construtivos. Nas residências Cassiano Ribeiro Coutinho e Joaquim Augusto as soluções estruturais foram mais exploradas. Na Residência Cassiano Ribeiro Coutinho o balanço do pavimento superior (setor íntimo) alcança três metros, colaborando no contraste na percepção da massa pesada sustentada por elementos leves. A estrutura resistente é explorada com expressividade por Acácio Gil Borsoi, que recorre à potencialidade das vigas à vista definindo a estrutura formal arquitetônica. Na Residência Joaquim Augusto, os “pórticos” são expressivos à medida que exploram as possibilidades dos materiais, através dos seus componentes – vigas e pilares inclinados – que se unem como um único elemento, evocando ao *light-weight* (tectônica leve) ao definir a cobertura “asa de borboleta”; tal estratégia coloca em evidência uma poética construtiva decorrente do trabalho com a tecnologia do concreto armado em conjunto com o desenho da formal estrutural.

Transparente x opaco / aberto x fechado: a tectonicidade dos delimitadores do espaço.

O tipo de estrutura resistente adotado nas residências, em concreto armado, direciona os elementos de vedação a partir da possibilidade de independência desta relação (estrutura resistente/ elementos de vedação). Com isso, a ideia de fachada livre pode ser explorada de modos diferentes, atendendo a diversidade de materiais, aberturas e formas.

A relação das vedações na estrutura formal arquitetônica da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho é caracterizada pela predominância de fechamentos opacos em alvenaria, alguns apresentando diversos revestimentos. Desse modo, o fechado e opaco, que remete a ideia de proteção e abrigo, se sobressai em relação à quantidade de aberturas transparentes e permeáveis. Isso ocorre também, devido às condições climáticas de João Pessoa, que por ter um clima quente e úmido, requer aberturas com sombreamento e ventilação cruzada (Figura 15).

Figura 15: Diagrama isométrico da relação elementos de vedação/ estrutura formal arquitetônica.

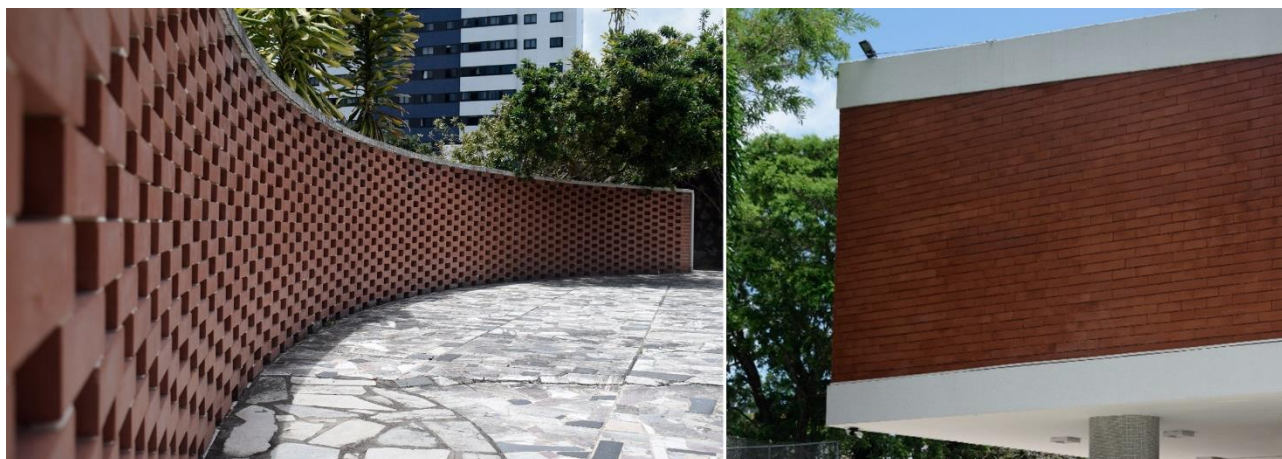


Fonte: Diego Diniz, 2022.

Dentre esses fechamentos, chama atenção o detalhe do painel de maneira em brises verticais que cria uma transição visual da sala do pavimento térreo para o exterior, enquanto permite, principalmente, a possibilidade de ventilação. Nesta residência, Borsoi explora o uso de madeira, do tijolo e de cobogós de tons terrosos, em contraste a predominância com os planos brancos das lajes e dos fechamentos em alvenaria. Borsoi também explora diferentes tectônicas do tijolo, ora como muros vazados, ora como revestimento opaco, revelando uma dicotomia a partir deste material, ambos montados por empilhamento, mas, um revela o potencial de leveza e transparência, e o outro, relacionado a compressão - revestimento opaco. Além disso, também utiliza de cobogós cerâmicos de forma quadrada, assentados rotacionados, que resulta em uma estética diferente

do tijolo vazado. Esta estratégia foi utilizada no muro que delimita a área de lazer da área técnica de manutenção da piscina e em parte do muro frontal, que divide o lote do passeio público (Figura 16). No primeiro caso, o muro foi construído em alvenaria curva, que potencializa sua expressividade, e contribui no equilíbrio estático do elemento. Neste muro é revelado um cuidado no detalhe construtivo de Borsoi a partir da delicadeza do quadro de amarração, ressaltando a composição dos elementos. Para separar o setor de serviço, Borsoi utiliza um expressivo fechamento de cobogós cerâmicos esmaltados na cor azul (cor também presente nos revestimentos dos pilares), recuados do eixo de pilares circulares (Figura 17).

Figura 16: Detalhe do muro em tijolo vazado, e aplicação em revestimento.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Figura 17: Parede de cobogós azuis isolando o setor de serviço.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Também percebe-se a recorrência do uso de elementos vazados na arquitetura de Borsoi nesta residência, tanto explorando o tijolo maciço desconstruído como utilizando elementos pré-fabricados - como os cobogós, que remetem à técnica têxtil de Semper, referente à montagem dos elementos, criando uma espécie de “malha” repetida. A solução do volume do setor íntimo, no pavimento superior, com varandas e fechamentos com venezianas para ventilação, faz parte de um repertório recorrente na obra de Borsoi, como vemos nas varandas dos quartos, feitos por um tipo de painel de madeira que ora é aberto, ora tem fechamento de venezianas, e ora tem fechamento com vidro, promovendo privacidade, transparência e ventilação.

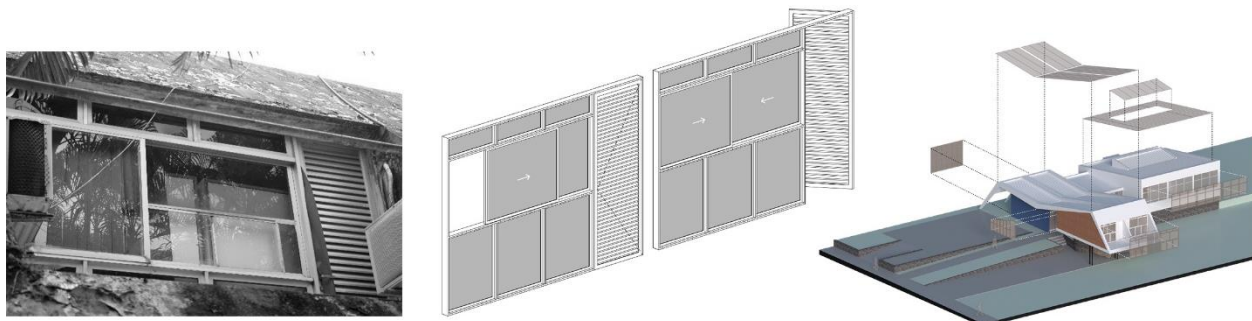
Borsoi exercitou o seu repertório a partir das influências cariocas, demonstrando habilidades de um arquiteto moderno que concebeu arquitetura tendo em vista sua construção e os materiais, sem desconsiderar as implicações do lugar e as resoluções estruturais. Isso também é evidente no cuidado de detalhar os elementos arquitetônicos. Ele explorou diferentes tectônicas da pedra, a partir da diversidade de formatos, cores e tamanho do material, assim como, o modo tratado para aplicação. Isso lembra o comentário de Frampton (1995) da pavimentação do Parque Philopapou Hill de Dimitris Pikionis da década de 1950, próximo à Acrópole de Atenas, sobre a percepção sensorial no corpo humano provocada pelo ambiente, e que ultrapassa o sentido da visão. É nesse sentido que se pode observar a intenção do arquiteto no uso de diferentes pedras para designar atividades diferentes, definindo espaços, caminhos e entradas - a exemplo dos acessos de veículos e caminhos nos jardins de formas orgânicas, nos quais foi utilizada a pedra

portuguesa branca, interrompida por uma pedra cortada em forma quadrada, que juntas formam uma espécie de “tapete” marcando a entrada social da residência.

Desse modo, a análise da Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, sob a ótica da tectônica, revela uma edificação expressa tanto por meio do trabalho realizado no sítio, pela implantação e o embasamento, como pela estrutura resistente e pela riqueza e diversidade dos materiais. Na residência Joaquim Augusto, as alvenarias de vedação revestidas com tijolos, assim como com pedras naturais e as esquadrias de madeira e vidro aparecem como os elementos de fechamento mais significativos no resultado qualitativo da obra: ora como uma alusão a leveza e a transparência (esquadrias), ora como lembrança ao telúrico e ao pesado (revestimentos opacos). Os revestimentos em pedras e tijolos do primeiro volume se comportam como uma oposição/ contraste ao sistema estrutural, que remete a tectônica da leveza, em detrimento dos planos revestidos com materiais compressivos, que remetem a opacidade e a textura do material “bruto”. O revestimento de pedra é utilizado no embasamento da edificação, próximo ao solo, reforçando o aspecto de sustentação do todo arquitetônico, onde a edificação repousa. As faces revestidas com este material transmitem uma ideia de suporte, onde a carga do volume estaria sobreposta, apoiada. A pedra também é aplicada na paginação dos muros de arrimo e pavimentação dos pisos externos, no entanto, sem apresentar nenhum detalhe construtivo expressivo que contribui na qualidade estética da edificação.

Em oposição ao caráter opaco destes revestimentos, Borsoi utilizou planos de esquadrias em vidro com caixilhos de madeira, que proporcionam transparência, leveza e integração com o exterior. As esquadrias seguem a mesma linguagem, mas apresentam desenhos diferentes em função de cada necessidade. Dentre elas, chama atenção a composição do painel de esquadria dos dois quartos superiores, apresentando diferentes fechamentos, valorizando as possibilidades de ventilação e insolação, importantes para o conforto térmico, e desse modo, contribuem na expressividade tectônica (Figura 18). Na Residência Joaquim Augusto, conclui-se que a expressividade decorrente dos materiais e das técnicas construtivas possui maior força devido ao sistema estrutural adotado em concreto armado em conjunto com a estrutura metálica presente nos pilares circulares com dez centímetros de diâmetros. Ainda em termos estruturais, a utilização de laje dupla do pavimento acima da garagem, como podemos observar nos cortes do projeto, possui uma relação expressiva intrínseca à estrutura formal arquitetônica, devido seu caráter planar liso, que em determinado momento é posto em balanço, explorando desse modo as possibilidades estruturais dos materiais.

Figura 18: Detalhe das esquadrias dos quartos (pavimento superior).



Fonte: Diego Diniz, 2022.

Por fim, o detalhe do guarda corpo do pavimento superior é construído com expressividade, contribuindo com o caráter tectônico devido à presença do metal na sua construção - mais evidente nos pilares circulares. Borsoi trabalha com um único perfil metálico de seção circular apoiado nas empenas inclinadas das varandas por outro perfil de seção circular menor, dobrado em forma de “v” – um contraste evidente com o guarda corpo da escada interna (Figura 19). A presença das soluções de implantação e os elementos de vedação também são importantes na concepção do conjunto, que estimulam de diversos modos a percepção e a proeminência do sistema estrutural. Isso ocorre à medida que os materiais atuam enfatizando os volumes e criando contrastes entre o opaco e o transparente, portanto, entre a tectônica da leveza estimulada pela estrutura e a tectônica do pesado, preeminentes nos elementos de vedação.

Em linhas gerais, o opaco/fechado predomina na estrutura formal arquitetônica em relação ao aberto, permeável e transparente. Os fechamentos opacos em alvenaria também contribuem na proteção e na definição de abrigo, próprio da ideia de habitação, principalmente diante das condicionantes climáticas do nordeste brasileiro. Por causa disso, os revestimentos ganham protagonismo nestes fechamentos, ressaltando diversidade tectônica da pedra, dos azulejos, pastilhas cerâmicas e tijolos, ressaltando a diáde

entre os materiais tradicionais e os modernos. Percebe-se o uso comum de materiais tradicionais nos revestimentos, desde a pedra bruta cortada, mármore, tijolos e madeira.

Figura 19: Detalhe guarda corpo metálico do pavimento superior.



Fonte: Diego Diniz, 2022.

A independência das vedações também propicia explorar a expressividade que surge na relação aberto/fechado e opaco/transparente a partir dos fechamentos móveis, ressaltado pelos painéis de esquadrias de madeira e vidro (predominantemente) em planos bem definidos de piso a teto, devido à solução estrutural de vigas invertidas, bastante utilizada pelos arquitetos modernos desse período. Na residência Cassiano Ribeiro Coutinho este princípio vai ser explorado com mais expressividade, tendo em vista principalmente as grandes aberturas translúcidas que integram os ambientes sociais com o exterior da casa. Nessa casa, as esquadrias dos quartos também ressaltam a independência das vedações, à medida que compreendem todo o vão leste dos quartos, favorecendo a ventilação e a iluminação, que é “filtrada” por uma espécie de “segunda pele” que faz o fechamento das varandas. O modo como o material é trabalhado implica em diferentes tectônicas, como a do tijolo, explorado na Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, uma como revestimento opaco e outra com tijolos vazados em alvenaria curva, propiciando transparência e leveza ao material - assim também como as diferentes tectônicas dos cobogós, vistas a partir da cerâmica comum que lembram os muxarabis islâmicos por sua leveza, e da cerâmica esmaltada na cor azul, apresentando maior robustez.

3 CONCLUSÃO

A análise comparativa realizada revela as implicações do sítio, da estrutura resistente e dos elementos de vedação na estrutura formal arquitetônica de exemplares da arquitetura residencial moderna na Paraíba, resultado da disseminação da modernidade arquitetônica e da tecnologia do concreto armado como técnica inovadora, a partir da exploração da estrutura resistente independente, sem deixar de lado a aplicação dos materiais tradicionais, em alguns casos, com técnicas novas.

As casas de Acácio Gil Borsoi apresentam na relação sítio/ estrutura formal arquitetônica um diálogo expressivo com os níveis do embasamento e suas articulações, assim como, a implantação em lotes generosos. A relação da estrutura resistente com a estrutura formal arquitetônica também indica uma poética da construção decorrente da tecnologia do concreto armado, imponente em suas possibilidades técnicas e formais, tanto quanto a exploração do metal com expressividade. A estrutura resistente está diretamente relacionada com a estrutura formal arquitetônica, mesmo que esta não esteja explícita – à vista. Nessas residências não foi identificado a utilização do concreto à vista e texturizado, que vai se tornar mais disseminado nas décadas seguintes. Ao contrário disso, a maioria dos elementos (pilares), quando não estão integrados nas vedações, possuem revestimentos (liso com pintura branca ou pastilhas cerâmicas). Apresentam uma diversidade tectônica rica executada nos elementos de vedação, compreendendo diferentes poéticas - remetendo às díades aberto e fechado, leve e pesado e, transparente e opaco, presentes na cultura arquitetônica moderna.

É certo que Borsoi ansiava pela inovação, pela exploração dos materiais, pela atenção aos detalhes, e aplicação dos princípios modernos na concepção arquitetônica, assim como outros arquitetos à época, no entanto, enfrentaram diversas dificuldades - econômicas, sociais, e de mão de obra especializada - em materializar o projeto através da construção em sua completude. Isso é mais evidente na Residência Joaquim

Augusto, onde aparece com mais nitidez a coabitação entre o moderno e o tradicional, externamente tanto quanto internamente.

A obra deste arquiteto é notória e relevante no cenário regional, refletindo um panorama nacional no que se refere a difusão e transferência de valores técnicos, tecnológicos e estéticos. Isso torna-se evidente a medida que as residências demonstram a capacidade técnica de Borsoi em articular as diferentes escalas arquitetônicas, incluindo os detalhes, conexões, junções, materiais. A residência Cassiano Ribeiro Coutinho comunica em todos os níveis de análise o potencial tectônico do moderno brasileiro. A estrutura não cumpre apenas sua função de sustentação, ao invés disso, é posta seguindo princípios de modulação e independência dos elementos. O aproveitamento das potencialidades do lugar e os materiais utilizados são amplamente explorados. A Residência Joaquim Augusto é um exemplar onde a estrutura resistente em concreto armado é explorada na definição da forma, em conjunto com o excepcional uso de pilares metálicos, anunciando uma elegância proporcionada pelo metal, que sustenta parte das cargas do pavimento superior. Infelizmente o uso do metal na arquitetura residencial moderna na Paraíba não foi tão recorrente, sendo explorado nas décadas seguintes em estruturas de grande porte, como o Espaço José Lins do Rego de Sérgio Bernardes (1980).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido ao autor durante o desenvolvimento do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (2021-2022), assim como, o apoio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba.

REFERÊNCIAS

- COMAS, C.; ADRIÁ, M. *La Casa Latinoamericana Moderna: 20 paradigmas de Medios del Siglo XX*. Barcelona: Gili, 2007.
- DINIZ, D. *Tectônica do habitar moderno: estudo em João Pessoa e Campina Grande, Paraíba (1950-1960)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- FRAMPTON, K. Rappel à L'Ordre: Argumentos em Favor da Tectônica. In: NESBITT, K. *Uma nova agenda para a Arquitetura*. São Paulo: Coleção Face Norte Cosac Naify, 1ª edição, 2006. p.556-569.
- FRAMPTON, K. Seven points for the millennium: an untimely manifesto. *The Journal of Architecture*, vol. 5, nº1, Pertemps, 2000, p. 21-33.
- FRAMPTON, K. *Studies in tectonic culture*. 2ed. Massachusetts: Mit Press, 1995. 421p.
- FRAMPTON, K. Between earthwork and roofwork. Reflections on the future of the Tectonic Form. *Lotus International*, n.99, pp. 24-31, 1998.
- FRASCARI, M. O Detalhe Narrativo. In: Nesbitt, K. *Uma nova agenda para a Arquitetura*. São Paulo: Coleção Face Norte Cosac Naify, 1ª edição, 2006. p. 538-555.
- GREGOTTI, V. O Exercício do Detalhe. In: Nesbitt, K. *Uma nova agenda para a Arquitetura*. São Paulo: Coleção Face Norte Cosac Naify, 1ª edição, 2006. p. 535-538.
- MELO, M. *Acácio Gil Borsoi: arquitetura residencial paraibana*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- REBELLO, Y. *A concepção estrutural e a arquitetura*. São Paulo: Zigurate, 2000.
- ROCHA, G. O caráter tectônico do moderno brasileiro: Bernardes e Campello na Paraíba (1970-1980). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- ROCHA, G; CORDEIRO, A.; TINEM, N. Hotel Tambaú - Modelo para Registro e Análise Tectônica. In: Modelos em Arquitetura: concepção e documentação. Org. Aristóteles Lobo de Magalhães e Germana Costa Rocha - João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.
- SEGAWA, H. *Arquitetura no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Editora da USP, 2018.
- SEKLER, E. Structure, construction, tectonics. In: Kepes, G. (Org.). *Structure in art and in science*. Nova York: George Braziller, 1965.
- SEMPER, G. Attributes of Formal Beauty. In: HERRMANN, W. *Gottfried Semper: In search of architecture*. Cambridge; Mass: MIT Press, 1984.

SEMPER, G. *Style in the Technical and Tectonic Arts* (or Practical Aesthetics: A Handbook for Technicians, Artist, and Friend of Arts). Getty Research Institute, Los Angeles, 2004.

NOTAS

¹ Título da dissertação: Tectônica do habitar moderno: estudo em João Pessoa e Campina Grande, Paraíba (1950-1960). Defendida no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba em 2022.

² Segundo Frampton, k. (1990).

³ Principalmente Karl Bötticher e Gottfried Semper. O primeiro desenvolve os seus estudos a partir da compreensão da arquitetura como ideia da forma artística e da forma construída, enquanto o segundo desenvolve sua teoria a partir dos estudos de culturas primitivas.

⁴ Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance (1983) e Rappel à l'Ordre: The Case for the Tectonic (1990).

⁵ *Studies in a Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*.

⁶ Nesta linha do tempo consta os principais textos referentes à tectônica de autoria de Frampton (1983, 1990, 1995), assim como alguns autores por ele referenciados, que foram estudados na revisão da literatura do mestrado. Assim, não tem como objetivo comportar todos os autores e publicações referentes ao tema

⁷ Frank Lloyd Wright, Auguste Perret, Mies Van Der Rohe, Louis Kahn, Jorn Utzon e Carlo Scarpa.

⁸ Capítulo 4- *Frank Lloyd Wright and the Text-Tile Tectonic*, Capítulo 6- *Mies van der Rohe: Avant-Garde and Continuity*, e Capítulo 8- *Jorn Utzon: Transcultural Form and the Tectonic Metaphor*.

⁹ Segundo Frampton (1995) Frank Lloyd Wright foi influenciado pelas ideias de Semper (1851), que estavam presentes na escola de Chicago. Estas ideias defendiam a produção têxtil como a origem de toda forma construída.

¹⁰ Um exemplo é o museu Silkeborg de 1963, onde o todo arquitetônico é encaixado no solo.

¹¹ Entende-se como estrutura formal arquitetônica "(...) o modo como os elementos materiais e espaciais são ordenados, considerando os condicionantes do lugar, a finalidade da edificação e a disciplina construtiva para alcançar o significado e simbolismo desejados" (ROCHA 2012, P. 77).

¹² Na dissertação de Diniz (2022), foram selecionadas dezenas de residências construídas nas décadas de 1950 e 1960, no entanto, apenas quatro foram analisadas em decorrência dos critérios estabelecidos

¹³ O espaço posterior da residência não foi preservado, assim também como não foi permitido o acesso. Desse modo, optou-se por desenvolver as análises considerando a metade do lote, na qual, está implantada a residência.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

A APROPRIAÇÃO DOS PÁTIOS ESCOLARES E A IMPORTÂNCIA PARA SEUS USUÁRIOS

LA APROPIACIÓN DE LOS PATIOS ESCOLARES Y LA IMPORTANCIA PARA SUS USUARIOS

THE APPROPRIATION OF SCHOOL YARDS AND THE IMPORTANCE FOR ITS USERS

PACHECO, JULIANA ARRUA

Mestre em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, PPGAUP da UFSM, E-mail: arquitetajulianapacheco@gmail.com

DORNELES, VANESSA GOULART

Doutora em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, PPGAUP da UFSM, E-mail: vanessa.g.dorneles@ufsm.br

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo o pátio escolar, um espaço para a socialização, trocas, convívio, explorações e experimentações, um subsistema de espaços livres de utilização cotidiana e coletiva. Consiste em uma análise da apropriação de pátios escolares por estudantes, considerando a importância para seus usuários. A pesquisa possui uma abordagem no estudo da relação pessoa-ambiente, considerando o aporte teórico da psicologia ambiental, e adota delineamento de métodos mistos, com a visão do pesquisador, através da visita exploratória, observação sistemática e mapa comportamental, e a visão do usuário com a entrevista estruturada e semiestruturada. A investigação ocorreu em três escolas particulares de ensino fundamental e médio do município de Santa Maria – RS. O resultado dos métodos e técnicas aplicados possibilitou compreender as necessidades dos usuários e entender o processo de apropriação e não-apropriação dos pátios escolares em diversas situações. Por meio desse conhecimento foram propostas recomendações para melhoria e maior apropriação do local, tais como, o replanejamento de implantação de brinquedos adequados para cada faixa etária, implantação de um maior número de mobiliários e projetos paisagísticos, entre outros essenciais para torná-lo mais adequado aos estudantes.

PALAVRAS-CHAVES: pátios escolares; psicologia ambiental; apropriação; Santa Maria.

RESUMEN

Este artículo tiene como objeto de estudio el patio escolar, espacio de socialización, intercambio, convivencia, exploración y experimentación, subsistema de espacios abiertos de uso cotidiano y colectivo. Consiste en un análisis de la apropiación de los patios escolares por parte de los estudiantes, considerando la importancia para sus usuarios. La investigación tiene un abordaje en el estudio de la relación persona-ambiente, considerando el aporte teórico de la psicología ambiental, y adopta un diseño de métodos mixtos, con la visión del investigador, a través de la visita exploratoria, observación sistemática y mapa conductual, y la visión del usuario con entrevistas estructuradas y semiestructuradas. La investigación tuvo lugar en tres escuelas primarias y secundarias privadas del municipio de Santa María - RS. El resultado de los métodos y técnicas aplicadas permitió comprender las necesidades de los usuarios y comprender el proceso de apropiación y no apropiación de los patios escolares en diferentes situaciones. A partir de este conocimiento se propusieron recomendaciones para lograr una mejora y mayor apropiación del lugar, tales como el replanteamiento de la implementación de juguetes adecuados para cada grupo de edad, la implementación de un mayor número de muebles y proyectos de paisajismo, entre otros esenciales para hacerlo más adecuado para los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: patios escolares; psicología ambiental; apropiación; Santa María.

ABSTRACT

This article has as object of study the school yard, a space for socialization, exchanges, conviviality, explorations and experiments, a subsystem of open spaces for daily and collective use. It consists of an analysis of the appropriation of schoolyards by students, considering the importance for its users. The research has an approach in the study of the person-environment relationship, considering the theoretical contribution of environmental psychology, and adopts a mixed methods design, with the researcher's vision, through the exploratory visit, systematic observation and behavioral map, and the user's vision with structured and semi-structured interviews. The investigation took place in three private primary and secondary schools in the municipality of Santa Maria - RS. The result of the applied methods and techniques made it possible to understand the users' needs and understand the process of appropriation and non-appropriation of school yards in different situations. Through this knowledge, recommendations were proposed in order to achieve an improvement and greater appropriation of the place, such as the re-planning of the implementation of toys suitable for each age group, the implementation of a greater number of furniture, and landscaping projects, among others essentials to make it more suitable for students.

KEYWORDS: school yards; environmental psychology; appropriation; Santa Maria.

Recebido em: 05/04/2023

Aceito em: 21/12/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

1 INTRODUÇÃO

O pátio escolar é um local de jogos, brincadeiras, aprendizado com os colegas e professores, permitindo uma ampla movimentação e apropriação do mundo físico, social, cultural, além de ser também um espaço livre no sistema urbano das cidades. Ele possui um papel fundamental a desempenhar ao se tornar um lugar emblemático para o entendimento das relações que os jovens estabelecem com a escola, educação e a cidade onde moram. De acordo com a Psicologia Ambiental, quando o espaço é apropriado, ele se torna agradável, envolvente e harmonioso, influenciando todos os que o utilizam, estimulando comportamentos e sentimentos, tanto de forma positiva quanto negativa. O modo como os usuários se comportam no local, a percepção que possuem do ambiente e se o espaço corresponde as suas necessidades e desejos, demanda de uso e de autoexpressão, influencia tal apropriação. Este é um processo perceptivo, cognitivo e experiencial produzido nas relações pessoa-ambiente – compreendido em suas dimensões física, simbólica e cultural. Após um longo período de isolamento social durante o ano de 2020 imposto pela pandemia da Covid-19, os pátios escolares sofreram impactos em seu uso e apropriação, e o debate sobre o retorno ao espaço escolar conduz sobre quais seriam as formas adequadas de retomar o convívio escolar, onde e como acolher os alunos de forma mais segura.

Com base nesse contexto, surgiu a inquietação que motivou esta pesquisa, que é: Compreender como ocorre o fenômeno da apropriação dos pátios escolares e a importância para seus usuários sob a perspectiva da relação pessoa-ambiente. Desta forma o objetivo da pesquisa consiste em elaborar diretrizes para a apropriação que potencialize o processo educativo. Para isto, tem-se como objetivos específicos: (a) analisar as relações de usos e funções; (b) identificar os principais aspectos qualitativos que se verificam nos pátios escolares; (c) identificar as características que contribuem para uma apropriação positiva do espaço físico ou não e (d) analisar o papel do pátio escolar para os alunos.

A pesquisa se desenvolveu a partir da observação e compreensão da relação existente entre a percepção e o uso por parte do usuário. No decorrer do artigo são apresentadas as etapas desenvolvidas de acordo com cada procedimento de pesquisa adotado: visita exploratória, observação sistemática, mapa comportamental, entrevista estruturada, entrevista semiestruturada. Por fim apresenta-se a análise e síntese dos resultados obtidos. Sua relevância científica se justifica devido a fatores como: os pátios são lugares de manifestações e relações sociais que potencializam o processo educativo; podem ser utilizados como extensão das salas de aulas e pelos “poucos estudos existentes no Brasil que discutem especificamente ambientes escolares como o pátio” (Lopes; Prado; Ornstein, 2010). Além disso, a relevância social destaca-se pela possibilidade de qualificar as condições ambientais dos locais livres de edificações, considerando a ótica dos usuários.

Vale lembrar, que em março de 2020 o mundo enfrentou um dos maiores desafios do século, a Covid-19 (Coronavirus Disease 2019), uma doença infecciosa respiratória provocada pelo Coronavírus, da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) (Schmidt et al., 2020). A doença foi identificada em dezembro de 2019 depois de um surto de pneumonia de causa desconhecida envolvendo pessoas que tinham em comum o uso do Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhan - China, sendo definida como epidemia (Sifuentes-Rodríguez; Palacios-Reyes, 2020). Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como uma pandemia (Schmidt et al., 2020), e nesse cenário, o status da doença se modificou devido à alta taxa de transmissão do vírus e sua propagação a nível mundial. Cabe acrescentar, que no período ocorreu fechamento total de escolas em vários países do mundo, inclusive o Brasil (figura 1).

Figura 1 – Linha do tempo da Covid-19.



Fonte: Secretaria de Educação RS – adaptado pela autora.

Com a reabertura das escolas o retorno ocorreu com readaptações dos espaços, buscando a segurança no ambiente escolar, pois a pandemia da Covid-19 impôs novos hábitos na relação entre as pessoas e os ambientes, desafiando a repensar o habitat humano para acomodar e dar suporte a tais mudanças. No início do retorno às aulas presenciais, as orientações dos governos e autoridades era para evitar o uso de áreas comuns como bibliotecas, parquinhos, pátios e quadras esportivas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Em sequência, os pátios foram sendo liberados primeiramente nas escolas particulares, onde os alunos passaram a frequentar com certas limitações, como demarcações feitas no chão para respeitar o distanciamento.

Para compreender melhor a pesquisa realizada, este artigo apresenta uma breve fundamentação teórica sobre o tema da Psicologia Ambiental e dos pátios escolares, bem como sobre a apropriação deles. Na sequência apresentam-se os procedimentos de pesquisa e os resultados da análise de três escolas na cidade de Santa Maria-RS. Ao final são indicadas recomendações para os estudos realizados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Psicologia ambiental

A Psicologia Ambiental é conceituada como o “estudo das transações entre o indivíduo e seus ambientes físicos”, ou seja, o homem não atua apenas como agente passivo do ambiente, mas como alguém que age diretamente influenciando o meio de forma cíclica, isto é, o homem modifica o meio que, por sua vez, modifica o homem, e este último volta a modificá-lo (Gifford, 1987). Desta forma, entende-se que o espaço físico exerce influência sob seus usuários por meio de uma linguagem não verbal, a linguagem do espaço, e esta é utilizada pelos usuários para indicar valores, estilo de vida, controlar a proximidade de outros ou promover aglomerações, demonstrar dominação ou submissão, bem como *status* social. Ou seja, o meio físico, atuando de modo não verbal, provoca impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos (Elali, 2003). Um desses comportamentos é a apropriação, que consiste numa manifestação em geral positiva dos usuários no espaço.

A apropriação do espaço, portanto, é um processo que se constrói em etapas, primeiramente ocorre os comportamentos de mudança, transformação e ajustamento do espaço, com o objetivo de dar um significado para o sujeito. Em seguida ocorre a identificação do sujeito e a busca de sua preservação, sentimento de pertença, personificação, cultivação e sentimento de defesa (Gonçalves, 2007; Ittelson; Proshanski; Rivlin; Winkel, 2005; Pol, 1993; Proshanski, 1978). Os mecanismos para a apropriação espacial determinam os lugares de vivência humana, possuir “o seu lugar” é uma necessidade inerente ao ser humano, quer esteja ligada à noção de abrigo e proteção, ou relacionada à sua posição dentro da sociedade. Possuir a imagem do “seu espaço habitado” serve para afirmar a identidade, dessa forma, as interações que se estabelecem entre sujeitos e lugares – entre o aluno e o pátio escolar - não são uma mera relação física, mas uma relação carregada de sentido e mediada pelos demais sujeitos que o ocupam. Segundo Jerônimo e Gonçalves (2013), são elementos que confirmam o processo de apropriação: a territorialidade, a personalização do ambiente, a privacidade, o processo perceptivo, o sentimento de pertencimento, a personificação, o apego ao lugar e a identidade de lugar (figura 2).

Figura 2 – Processo de apropriação



Fonte: Elaborado pela autora.

O pátio no contexto escolar

Ao longo da história a concepção de infância e juventude mudou muito, e com isso, mudaram as concepções de educação e o processo de ensino-aprendizagem, primeiramente o ensino era centrado no professor detentor do conhecimento, e na concepção moderna é centrada no aluno. O modelo escolar atual tem soluções projetuais baseada na sustentabilidade, proporcionando aos usuários a sensação de bem-estar, assim como um melhor desempenho na realização das atividades. Assim, um bom espaço físico escolar, expressado pelos aspectos perceptivos (conceituais, formais e estéticos, do ponto de vista da arquitetura), é aquele reconhecido pela representatividade. E, os parâmetros voltados às vivências e usos nos ambientes como funcionalidade, ergonomia, usabilidade, identidades com a pedagogia e com a cultura, conforto ambiental, equipamentos, mobiliário e a infraestrutura, consolidam a apropriação escolar (Kowaltowski, 2011).

O pátio escolar é um espaço essencial para o desenvolvimento humano, pois contribuem com o aspecto social de seus usuários, complementando o processo iniciado no ambiente familiar. Importa esclarecer que é um local onde todos interagem, onde os alunos passam o tempo livre escolar e onde liberam suas emoções.

Além disso, o espaço do pátio escolar deve oferecer diversas possibilidades de uso e apropriação, espaços de brincadeiras e esportes, e ambientes que complementem o aprendizado extraclasse, oferecendo a transição entre espaços ao ar livre e espaços fechados. Ademais, pode ser utilizado como extensão das salas de aula, mas na maioria dos projetos escolares seu uso se restringe apenas ao momento de intervalo entre uma aula e outra ou para as atividades de educação física. Desta forma, o pátio escolar não cumpre o papel de extensão da sala de aula, mas sim, o de supressão, de oposição. É importante entender que: “Um pátio escolar é muito mais do que um lugar para colocar as crianças durante o período em que elas não estão nas salas de aula” (Fedrizzi, 1998, p. 01).

A apropriação dos ambientes está diretamente relacionada com sua capacidade de responder às necessidades e desejos de seus usuários, a capacidade de atender suas demandas de uso e de autoexpressão, por meio do cuidado, controle, demarcação e personalização. Por ser um processo perceptivo e experiencial produzido nas relações pessoa-ambiente, as características morfológicas dos pátios potencializam uma maior ou menor apropriação. Aspectos espaciais no projeto de ambientes para as crianças, se bem projetados, aumentam a eficiência dos usuários na apropriação ambiental, deixando que façam uso das suas capacidades, juntamente com o estímulo de desenvolvimento de habilidades mais complexas (Trancik; Evans, 1995).

Nesse cenário, o planejamento também precisa contemplar responsabilidades com o ensino/aprendizagem, e uma arquitetura adequada proporcionando contato social, que permite o desenvolvimento de habilidades de comunicação, importantes para o crescimento, espaço para atividades lúdicas (jogos e brincadeiras), que estimulem o trabalho em equipe, práticas de atividades físicas, que melhorem a coordenação motora e a força (subir, escalar, pular, correr), funções pedagógicas, como complementação do conteúdo ensinado em aula; (Gonçalves; Flores, 2011). Além disso, o conforto ambiental, a ordenação espacial, o conforto dimensional (Cooper-Marcus; Sarkiassian, 1996) e as regras de apropriação do pátio escolar são essenciais para a sua qualidade (Yannas, 1995).

A qualidade espacial dos pátios também se relaciona com sua configuração espacial, ou seja, a relação da área aberta com a área edificada da escola. Reis-Alves (2005) esclarece que a configuração espacial dos pátios pode assumir diferentes formatos e maneiras (sejam eles circulares ou lineares ou, ainda, internos ou abertos - com acesso direto), representando funcionamentos distintos conforme a sua formação. As figuras 3, 4 e 5 demonstram que a configuração dos pátios pode ser associada ao tipo de circulação que neles acontece e altera a visualização do espaço a partir de diferentes pontos da escola. Portanto, a maneira como os pátios se organizam influenciam as atividades ofertadas e sua apropriação.

Figura 3: Tipos de configurações espaciais de pátios

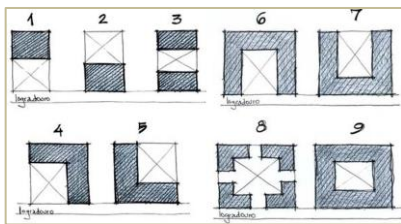


Figura 4: Sentidos circulares - pátios internos

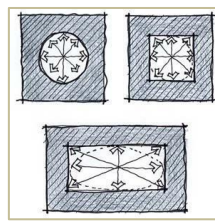
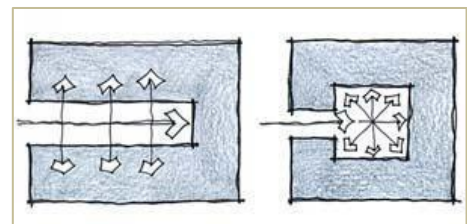


Figura 5: Sentidos linear e circular em pátios abertos



Fonte: sintetizado de Reis-Alves (2005).

Considerações sobre usos e apropriações dos pátios

Os pátios constituem lugares favoritos durante a infância e, por isso, são valorizados pela memória dos adultos (ELALI, 2003; FERNANDES, 2008), conseqüentemente é real a necessidade de melhorar os projetos, de forma que busquem a estimular o desenvolvimento infantil nesses espaços. Importa esclarecer, que é o principal lugar de socialização e de convívio com as diferenças sócio raciais, de reconhecimento de si, de seus pares e da aceitação de outras crianças. Nesse compartilhamento dos espaços a criança desenvolve atitudes como: tolerância, solidariedade e controle da agressividade, valores de cidadania essenciais para a vida futura em sociedade. Em escolas públicas, por exemplo, o pátio é considerado por algumas pessoas apenas como um local para os alunos ficarem quando não se encontram em sala de aula, como se não fizesse parte de toda a escola. No entanto, o local tem potencial pedagógico, permite o sentido de apropriação do espaço pelos estudantes, e proporciona o conforto ambiental com efeito terapêutico, além de reduzir os conflitos entre crianças. O valor do pátio não é apenas atribuído à sua função de lazer, mas especialmente às diferentes formas de uso (Fedrizzi, 1998).

Diante do exposto, para a realização de atividades distintas e múltiplos acontecimentos no pátio, é necessário que se combine aspectos qualificadores quanto ao tamanho, formas e materiais, e estes aspectos não devem se restringir aos grandes pátios, pois também é relevante a criação de pátios pequenos, que além de acomodarem diversas atividades e possibilidades de uso, também favoreçam a sensação de aconchego (Fedrizzi, 2002). Os principais aspectos qualificadores do pátio escolar são: permitir múltiplos usos; ter capacidade de acordo com as atividades propostas; possuir mobiliário fixo e flexível; contribuir para estimular brincadeiras alegres através de desenhos; possuir materiais e acabamentos de boa qualidade (para atividades de grande dinâmica e passivas); ter conexão com as áreas externas, playgrounds, e ambientes afins, e possuir boas condições de conforto ambiental (Nambu; Ornstein, 2011) - figura 6. Os pátios nunca estão prontos e acabados, necessitando ser constantemente modificados para atender rapidamente às necessidades dos alunos, quer por intervenção de adultos, quer por iniciativa dos próprios usuários (Sager et al., 2003).

Figura 6: Aspectos qualificadores segundo Nambu; Ornstein, 2011



Fonte: Pacheco, 2023.

Cabe acrescentar, que definir o lazer é subjetivo, varia de indivíduo para indivíduo, conforme suas características sociais, econômicas e culturais. No entanto, seu conceito está relacionado com atividade escolhida, seja de descanso, diversão e etc., com tempo disponível para a realização de tal atividade, e com o espaço onde possa se desenvolver (Dorneles, 2006). No caso dos ambientes escolares, os alunos conhecem suas atividades preferidas e os espaços adequados para realizá-las principalmente no horário do recreio no pátio escolar, lugar desenvolvido para esse tipo de atividades. Dentro da escola por exemplo, os espaços/tempos de lazer são aqueles destinados à dispersão, como o pátio da escola, pois crianças não correm dentro da sala de aula, não entram na sala da diretora e não fazem bagunça no banheiro, é no pátio que algumas atividades como correr, pular, fazer bagunça e conversar costumam ser incentivadas.

No pátio é possível observar ressignificações de lazer por parte das crianças, negociando sentidos dentro do contexto da brincadeira, práticas lúdicas que assumem significados diversos e dialogam nesse contexto particular, em um determinado tempo/espaço e, simultaneamente, adquirem um sentido (e não necessariamente o mesmo) para os sujeitos e para as instituições escolares (Marcellino, 2001) - figura 7.

Figura 7: Classificação das funções de lazer.



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando o lazer relacionado à questão do tempo livre de obrigações, logo se tem em mente os pátios escolares, que no intervalo das aulas, no período da recreação, permite aos alunos se dedicarem ao lazer.

Assim, a educação para o lazer ou a educação para o tempo livre, tem sido vista como um meio de transmissão de conhecimentos e habilidades que se desencadeiam através da participação em programas de recreação, em programas pós-escolares como prática de esportes e atividades artísticas, realizados nos pátios escolares. Tendo como meta formar o indivíduo para que viva o seu tempo disponível de modo mais criativo, ampliando o conhecimento de si próprio e das relações do lazer com a vida e com o contexto social (Marcellino, 1990).

A meta geral da educação para o lazer é ajudar estudantes em seus diversos níveis, a alcançarem uma qualidade de vida desejável por meio do lazer, e isto é obtido pelo desenvolvimento e promoção de valores, atitudes, conhecimento e aptidões de lazer que favoreçam o desenvolvimento pessoal, social, físico, emocional e intelectual (Requixa, 1999, p. 21). Dessa forma, o ato de refletir sobre o lazer é relevante, tanto pelo seu teor educativo proposto, quanto pelo seu aspecto político-social, propiciando efetiva interação em harmonia com a natureza e na intervenção no novo mundo social.

3 PROCEDIMENTO DE PESQUISA

Ao considerar a importância do pátio escolar para seus usuários, esta pesquisa analisou três diferentes pátios escolares na cidade de Santa Maria – RS, no período de retorno das atividades escolares pós pandemia por covid-19. A metodologia de pesquisa adotada corresponde a uma abordagem multimétodos definida de acordo com o objetivo geral do estudo que é gerar recomendações para a apropriação que potencialize o processo educativo. Para isto, utilizou-se os seguintes métodos: *visita exploratória*, *observação sistemática*, *mapa comportamental*, *entrevista semiestruturada* e *entrevista estruturada*.

A *visita exploratória* proporciona um primeiro contato com o local de estudo e com os usuários dos ambientes e consiste na análise da funcionalidade do ambiente, propiciando a verificação dos principais aspectos positivos e negativos do objeto de estudo, o que possibilita recomendações (Ornstein; Romero, 1992, p.23).

Em segundo lugar, o método de *observação*, nesta pesquisa, segue a literatura de John Zeisel (2006), a partir das “observações dos traços físicos”. A observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. O instrumento auxilia nas identificações e obtenções de dados, cujos indivíduos não têm consciência, mas que orientam suas ações e comportamentos espaciais (Lakatos; Marconi, 2003). A técnica fornece informações sobre o comportamento humano por meio da observação de seus vestígios deixados no ambiente de forma consciente ou inconsciente.

Em sequência, *mapa comportamental* auxilia a identificar usos, arranjos, fluxos, interações e movimentos ao longo do espaço e tempo, entre o sujeito e o ambiente. Outros fatores que interferem no estudo da no resultado do método são: condições climáticas, qualidade física do ambiente, segurança, tipo de público usuário e localização (Rheingantz *et al.*, 2009). Por isso, possibilita o entendimento do comportamento humano entre indivíduos e para com o espaço de usufruto, suas ações, localização e utilização temporal (anos, meses, dias da semana e turnos do dia), e para sua confiabilidade, ao construí-lo, é interessante sistematizá-lo (Rheingantz *et al.*, 2009).

Outrossim, a *entrevista semiestruturada* trata-se de um relato verbal ou conversação, com um determinado objetivo, e permite um excelente meio de explorar completamente os sentimentos e atitudes (Sommer; Sommer, 2002, pp.111-112). Ou seja, método apropriado para ser aplicado a todos os grupos de usuários (principalmente crianças, idosos e analfabetos), tendo como vantagem o fato de esclarecer distorções de interpretação, de observação ou resposta de questionários

Por fim, a *entrevista estruturada* é quando o entrevistador segue um roteiro previamente programado e impresso em um formulário. Esta modalidade se assemelha a um questionário, do qual se diferencia, basicamente, pelo procedimento de resposta, sendo mais indicada em pesquisas onde é necessário reunir um grupo numeroso de respondentes em um curto espaço de tempo. (Lüdke; André, 1986)

Dessa forma, a pesquisa parte do fundamento de que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (Chizzotti, 2009) E as abordagens em conjunto pressupõe que as limitações de uma técnica possam ser compensadas pelas vantagens de outra (H. Günther *et al.*, 2008).

Nesse viés, as etapas da pesquisa de campo foram divididas em duas partes, correspondendo a primeira à *análise do pesquisador*, na qual, através do método visita exploratória e observações sistemáticas, foi realizado o diagnóstico do ambiente, e o mapa comportamental onde é desenvolvido o estudo pessoa-ambiente. Na segunda etapa é efetivada a *análise do usuário*, por meio da aplicação do método: entrevistas estruturadas que foram feitas com os alunos, com questões abertas e fechadas, e semiestruturada que foram feitas com a equipe pedagógica, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Sistematização dos procedimentos de pesquisa

| PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E TÉCNICAS UTILIZADOS | | |
|---|----------|---|
| Métodos e Técnicas | Com Quem | Objetivo |
| Visita Exploratória | Ambiente | Levantamento físico do ambiente |
| Observação Sistemática | Ambiente | Avaliação física do pátio da escola, focada na apropriação Identificar o comportamento e ações dos usuários a partir dos vestígios físicos deixados no ambiente. |
| Mapa Comportamental | Ambiente | Como o espaço é utilizado pelos usuários Atividades realizadas pelos alunos |
| Entrevista Semiestruturada | Usuários | Dados sobre o pátio escolar |
| Entrevista Estruturada | Usuários | Conhecer a percepção, comportamento e apropriação do usuário; conhecer sugestões e críticas acerca do ambiente. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Característica amostral

A pesquisa ocorreu na cidade de Santa Maria, região centro do RS, em três estabelecimentos escolares particulares, que foram denominados Escola A, Escola B e Escola C, com ensino infantil, fundamental e médio, atendimento nos turnos matutinos e vespertinos. O foco principal do estudo foram as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio.

Em primeira análise, a Escola A possui educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, sendo o pátio com uma organização espacial central em relação às edificações, dois grandes ambientes construídos para as atividades escolares e ambos com acesso ao pátio. O espaço tem um nível só, o que facilita para os alunos, não possui quadras de esportes, além disso, o recreio do ensino fundamental e do ensino médio ocorrem juntos, o que dificulta a recreação e lazer dos estudantes, devido ao grande número de usuários e pela diferença de idade entre eles.

Em segundo lugar, a Escola B também tem educação infantil, ensino fundamental e médio, tendo o pátio uma organização espacial lateral em relação a edificação. O acesso é direto ao ambiente, o pátio possui três níveis, todos com tamanho reduzido em relação ao número de alunos. Além disso, existe uma quadra de futebol no segundo nível do pátio e com acesso direto para o mesmo. Ademais, o recreio dessa escola ocorre pela proximidade das séries, sendo feitos vários intervalos no período manhã/tarde, justamente para que não ocorra um número grande de alunos no mesmo espaço.

E por fim, a Escola C tem educação infantil e ensino fundamental, o pátio é lateral em relação à edificação, com acesso direto e somente um nível, além da grande quantidade de arborização. Nesse cenário, existe um grande espaço verde e com nichos para uso dos alunos, além da quadra de esportes que o acesso é direto no pátio. Quanto ao recreio é dividido pelas séries iniciais e séries finais.

Desenvolvimento da pesquisa

Primeiramente, a *visita exploratória* – foi previamente agendada com as equipes pedagógicas, onde foi feito o reconhecimento do pátio da escola, registros escritos através de textos e desenhos e registros fotográficos relativos à funcionalidade e uso. Nesta etapa foi desenvolvida a ficha de inventário ambiental do pátio de cada escola, com questões relacionadas a acessos, topografia, conforto ambiental e entorno.

Em segundo lugar a *observação sistemática* - foi a partir da observação dos traços físicos, da bibliografia de Zeisel e Sommer, e foram realizadas observações do ambiente a partir do levantamento físico-espacial e observações do comportamento dos usuários. O procedimento foi registrado na Ficha de análise dos traços físicos e por fotografias, e realizadas em uma única vez em cada escola.

O *mapa comportamental, terceiro momento da pesquisa* - foi adotado para compreender a atividade pedagógica, a movimentação dos usuários, a identificação dos principais percursos, a apropriação dos espaços e lugares dotados de afetividade ou repulsa. Foi adotado mapas centrados nos lugares e implicou em observações preliminares. As observações foram feitas no horário do recreio e fora desse período, em três dias diferentes.

Na sequência foi realizada a *entrevista semiestruturada*, para a qual foi preparado um roteiro com dez perguntas, com o objetivo de buscar informações da percepção da equipe pedagógica sobre a importância dos pátios nas escolas (tabela 2).

Tabela 2 – Perguntas da entrevista.

| PERGUNTAS PRÉ-ESTABELECIDAS |
|--|
| 1) Na sua percepção, ocorreram mudanças na relação dos alunos com o pátio após o retorno das atividades? |
| 2) Como o pátio dá suporte a pedagogia da escola? |
| 3) Quais atividades costumam ser realizadas? |
| 4) O uso é diferente para séries iniciais e finais? |
| 5) Ocorreu algum tipo de reforma no pátio para receberem os alunos nesse retorno das atividades? |
| 6) Como era feita a manutenção desse espaço? |
| 7) Pode citar pontos positivos e negativos do pátio na sua opinião? |

- | |
|---|
| 8) E o que acrescentaria para melhorar? |
| 9) O não uso de espaços ao ar livre durante a pandemia, pode ter acarretado problemas para os alunos? |
| 10) O que significa o pátio da escola para você? |

Fonte: Pacheco, 2023.

Por fim, a *entrevista estruturada* foi construída para ser aplicada de forma coletiva em sala de aula, foi respondida por alunos do 6º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, onde foi entregue primeiramente aos estudantes um QRCode, e solicitado que acessassem a entrevista através de seus celulares. O instrumento foi desenvolvido no Google Forms, contendo cabeçalho com a identificação do projeto de pesquisa, identificação da escola e um total de 23 perguntas (link: <https://docs.google.com/forms/d/1QFIJhs5BLaYbuUW35NHNEoMKGW8uDfpAu3CeZShyuUo/edit>). Quanto à aplicação ficou evidente o interesse por parte dos alunos participantes, que se mostraram solícitos em colaborar e desenvolver às atividades propostas.

Dessa forma, referente à aplicação da técnica, a atividade ocorreu em espaço disponibilizado pela instituição de ensino, durante o período das aulas. Destaca-se que houve uma boa interação entre a pesquisadora e professores das instituições, havendo uma colaboração destes quanto ao levantamento de campo e da aplicação dos instrumentos com os alunos.

Participantes

Participaram da pesquisa um total de 262 alunos das três escolas, cursando do 6º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, com idades entre 12 a 19 anos, sendo 109 participantes da Escola A, 113 da Escola B e 40 da Escola C. Para a definição dos participantes, ocorreu a seleção de uma turma por série, escolhidas pela equipe pedagógica das escolas, além disso, ressalta-se que a participação dos alunos quando da aplicação do instrumento, foi consentida previamente pelos pais dos mesmos a partir da assinatura do termo livre de consentimento.

4 RESULTADOS

Devido ao grande volume de informações, após a análise dos dados coletados, foi desenvolvido a matriz das descobertas, instrumento que permite uma fácil compreensão dos dados coletados, após, as três escolas foram comparadas e analisadas em conjunto, desdobrando semelhanças e diferenças entre elas. Os resultados encontrados dizem respeito à análise de cada variável com relação ao que foi coletado nos métodos utilizados. Outrossim, juntamente com as matrizes das descobertas foram elaboradas recomendações gerais para os pátios visitados.

Importa elucidar, que quanto à localização as três escolas possuem uma posição privilegiada em relação à facilidade de acessos, pois estão nas principais avenidas e rua da cidade de Santa Maria, tendo benefícios, e aspectos negativos, como por exemplo o ruído causado pelo trânsito. Além disso, o entorno das escolas é bastante diversificado em relação à tipologia das construções e suas atividades. Cumpre esclarecer, que as visitas exploratórias e as observações sistemáticas evidenciaram que os pátios não são projetados como elemento fundamental no conjunto escolar, não resulta de um projeto paisagístico e/ou pedagógico, sendo apenas uma forma de ocupar os espaços entre a edificação e os limites do lote escolar. Diante do exposto, foi possível verificar uma redução nos mobiliários e brinquedos, e a escassez de áreas verdes em duas escolas. Em sequência, o mapa comportamental evidenciou que existem poucos espaços de qualidade nas escolas que promovam conforto no seu uso, como visual e térmico.

Visita exploratória

Através da visita exploratória foi possível observar as configurações espaciais dos pátios escolares e suas características espaciais.

O pátio da Escola A tem formato quadrado, com uma área aproximada de 7.200 m², é cercado por edificações, está voltado para a face norte, e é quase totalmente descoberto, tendo somente uma parte coberta na lateral que é a parte da cantina. O pátio é em toda sua totalidade pavimentado, tem pouquíssima área verde, somente quatro árvores e um canteiro linear de tamanho reduzido que fica no final do espaço, e

está voltado para uma rua de fluxo intenso. Devido a posição solar e a falta de arborização, sofre com grande incidência solar no verão, além disso, o número de bancos é reduzido (figura 9).

Em segundo lugar, o pátio da Escola B tem formato quadrado, com uma área aproximada de 6.400 m², é cercado pela edificação somente em dos lados, tem implantação norte, e é quase totalmente descoberto, tendo somente uma parte coberta na parte de baixo que é a área do bar. É também todo pavimentado, conforme mostra a figura 10, tem pouca área verde, com uma árvore grande no início do pátio, com alguns bancos em volta para os alunos sentarem e árvores de pequeno e médio porte nas laterais do pátio. Ademais, possui alguns canteiros em volta da pracinha e pequenas árvores em vasos

Em sequência, o pátio da Escola C tem formato quadrado, com uma área aproximada de 11.300 m², e cercado por muita área verde que são subutilizadas, onde os alunos não tem acesso. Tem sua frente voltada para o lado norte, e é totalmente descoberto, tendo somente uma pequena cobertura de policarbonato que é para passagem do pátio até o prédio principal. O pátio é pavimentado, conforme a figura 11, em algumas partes o chão é pintado, e tem também espaços gramados, várias árvores de médio e grande porte, tanto onde os alunos ocupam como na parte que não é utilizada por eles. A posição solar tem grande incidência do sol no verão, mas devido à arborização existente, existe o conforto ambiental. No pátio existe uma capela, que é utilizada pelos alunos em dias de formatura, de comemorações especiais.

Figura 9 – Pátio da Escola A.



Figura 10 – Pátio da Escola B.



Figura 11 – Pátio da Escola C



Fonte: Arquivo pessoal

Observações sistemáticas

As observações sistemáticas tinham o foco de analisar os traços físicos dos espaços a fim de verificar a apropriação dos pátios sem necessariamente haver a presença de seus usuários.

Na Escola A, foram observadas principalmente a presença de desgaste, conexão, separação, participação em grupo, mensagens oficiais e mensagens informais. Na Escola B, foi encontrado principalmente a presença de desgaste, vestígios, traços ausentes, adereços, conexão, separação, personalização do espaço, identificação, participação em grupo, mensagens oficiais e mensagens informais. Na Escola C verificou-se a presença de desgastes, vestígios, adereços, conexão, separação, personalização do espaço, identificação, participação em grupo, mensagens oficiais e mensagens informais.

Em função dos pátios apresentarem principalmente a presença de desgaste, vestígios, participação em grupo, mensagens formais e informais, entende-se que há intenso uso por seus usuários, mas também uma manutenção deficitária desses ambientes.

Mapa comportamental

Os mapas comportamentais, por sua vez, visaram a verificação da apropriação durante o uso dos pátios por seus usuários.

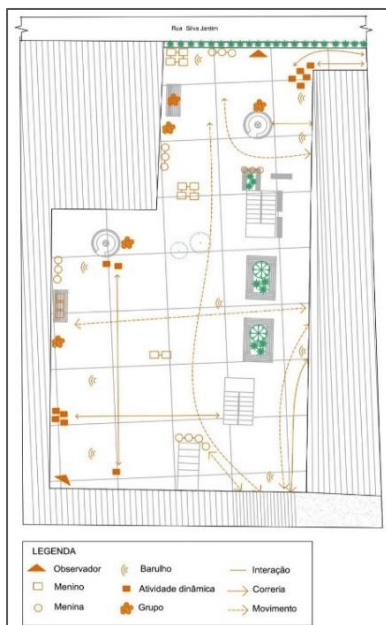
A Escola A teve a aplicação do instrumento no início do recreio, os alunos começaram a chegar no pátio vindos do prédio da frente, que são as séries finais do ensino fundamental, e do prédio lateral ao pátio, que são os alunos do ensino médio. As atividades que aconteciam no pátio eram livres, e vários alunos formaram pequenos grupos e sentaram nos brinquedos que tem no pátio e em alguns bancos de madeira que estavam no sol, devido ao frio que fazia. Poucos alunos ficaram nos lugares que tinham sombra, um grupo inclusive

mudaram os bancos de posições para colocarem no sol. E outro grupo acabou sentando no chão para ficarem no sol, porque não tinha mais bancos disponíveis para sentarem, no caso em tela, observou-se que no local não existem espaços de qualidade que promovam conforto no seu uso, os mobiliários existentes são poucos, falta um trabalho de paisagismo adequado com arborização, texturas, gerando conforto visual e térmico, tanto no verão como no inverno. A figura 12 representa uma síntese dos mapas comportamentais observados na escola A.

A aplicação da Escola B aconteceu em um dia que estava nublado e com temperatura em torno de 11° C, e teve início assim que tocou o sinal para o recreio, e os alunos começaram a chegar no pátio vindos do prédio lateral. As atividades que aconteciam eram livres, e vários estudantes formavam pequenos grupos e sentavam nos bancos que tem no pátio. Alguns ficaram de pé conversando, devido ao número de bancos ser pequeno, e outros estavam na área da quadra de futebol sintético, na maioria deles meninos, e estavam em pequenos grupos também. Diante do exposto, observou-se que no local falta espaços de qualidade que promovam conforto no seu uso, os mobiliários existentes são poucos, falta um trabalho de paisagismo adequado com arborização, gerando conforto visual e térmico. A figura 13 representa uma síntese dos mapas comportamentais observados na escola B.

Na Escola C a atividade foi desenvolvida em dias e horários diferentes, a primeira aplicação aconteceu em um dia que estava nublado e com temperatura em torno de 6° C. As atividades eram caminhar, conversar, correr e jogar, alguns estudantes formaram pequenos grupos e outros sentaram nos bancos que tem no pátio, muitos também ficaram de pé conversando. Outrossim, devido ao número de bancos ser reduzido, observou-se que no local falta espaços de qualidade que promovam conforto no seu uso, e os mobiliários existentes são em pequeno número, poucos locais com acessibilidade, espaços subutilizados, inexistência de visibilidade interior/externo e sem padronização de cores. A figura 14 representa uma síntese dos mapas comportamentais observados na escola C.

Figura 12: Resumo mapa comportamental Escola A.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 13: Resumo mapa comportamental Escola B.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14: Resumo mapa comportamental Escola C.



Fonte: Elaborado pela autora.

Entrevista semiestruturada

As entrevistas foram realizadas com pelo menos um representante pedagógico de cada escola e as informações mais relevantes para este artigo são as seguintes:

Para a vice-diretora da Escola A, o pátio é um ambiente muito importante para o desenvolvimento de todos os alunos, independente da faixa etária, porque ele proporciona que tu estejas em grupo, que tu estejas dialogando, use esse espaço em um momento de mais descontração, de mais interação, por isso considero um ambiente muito positivo para a formação da pessoa, independente do ensino, mas falando em educação no modo geral é um espaço importantíssimo. E tem a área coberta, e a área livre, então mesmo em dias de

chuva os alunos não ficam confinados em sala de aula, eles têm como sair e aproveitar esse ambiente, o pátio é fundamental.

A percepção do coordenador da Escola B indica que, “como aspectos positivos do pátio da Escola apontamos os ambientes como: as pracinhas, as quadras de futebol, o ginásio de esportes, o bar com a oferta de mesas e cadeiras para melhor atender os alunos durante o lanche, assim como espaços para o desenvolvimento dos alunos, pois eles permitem o contato das crianças com o ar livre. Porém, em relação aos aspectos negativos, salientamos a falta de área verde (sombra) e o tamanho (restrito) dessas áreas para o número de alunos atualmente”.

E por fim, o diretor da Escola C acredita que, “pontos positivos são muitos, é muito espaço, muito florido, um jardim riquíssimo, muitas árvores, muita sombra para as crianças brincarem, e estamos organizando cada vez mais para este novo fluxo de crianças, que realmente eles possam explorar cada vez mais, tudo da melhor forma possível, utilizar o que realmente é natural. Pontos negativos é em relação a manutenção e cuidado da calçada, o que acontece, quando se tem um concreto e nós temos muitas árvores, algumas dessas árvores crescem e com isso a raiz acaba danificando a própria calçada, criando algumas ondulações, algumas situações que colocam a criança em risco, a questão de estar correndo ou tropeçar e tudo mais, então este seria um ponto negativo apenas”.

Nesse contexto, à entrevista semiestruturada com a equipe pedagógica, foi possível entender que era preciso uma maior exploração em relação ao pátio, nas questões da construção do conhecimento, no desenvolvimento de habilidades e competências e no lazer.

Entrevista estruturada

Em primeira análise, a entrevista realizada no dia 11/11/2022 da Escola A com turmas do 6º ano a 2ª série do ensino médio obtiveram resultados satisfatórios, pois proporcionaram respostas e informações ricas que complementaram dados significativos da pesquisa. Inicialmente obtivemos as características dos alunos da escola, onde obteve-se 109 respondentes, a maioria do sexo feminino, grande parte está há mais de seis anos na escola, a média de idade é 14 anos e o maior número de respondentes é do ensino fundamental.

Dessa forma, a entrevista da Escola B foi realizada no dia 16/11/2022 com turmas do 6º ano a 3ª série do ensino médio, os resultados foram satisfatórios, pois proporcionaram respostas minuciosas e informações que complementaram dados significativos da pesquisa. Primeiramente foi obtido as características dos alunos da escola, onde obteve-se 113 respondentes, a grande maioria é do sexo feminino, e estão há mais de seis anos na escola, a média de idade é 15 anos e o maior número de respondentes é do ensino fundamental.

Diante do exposto, a entrevista da Escola C foi realizada no dia 16/11/2022 com turmas do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental, os resultados foram satisfatórios, pois proporcionaram respostas minuciosas e informações ricas que complementaram dados significativos na pesquisa. Inicialmente obtivemos as características dos alunos da escola, onde obteve-se 40 respondentes, a maioria é do sexo feminino, a grande maioria está há mais de seis anos na escola, a média de idade é 14 anos e os respondentes são do ensino fundamental.

Ademais, na entrevista estruturada desenvolvida com os alunos, em relação a questão: **qual lugar os alunos mais gostam de ficar**, as respostas foram diferentes de uma escola para a outra, evidenciando o que é mais agradável e o que é mais problemático em cada uma.

- Na *Escola A* – o lugar preferido é perto da cantina e no sol durante o inverno, os alunos mencionaram muito a falta de sol pela manhã, e que no inverno o local é muito desagradável pelo frio.
- Na *Escola B* – o lugar é nos bancos do pátio e quadra sintética de futebol.
- Na *Escola C* – é no ginásio e na árvore grande no meio do pátio.

Na questão: **o porquê de gostarem desses lugares**, verifica-se:

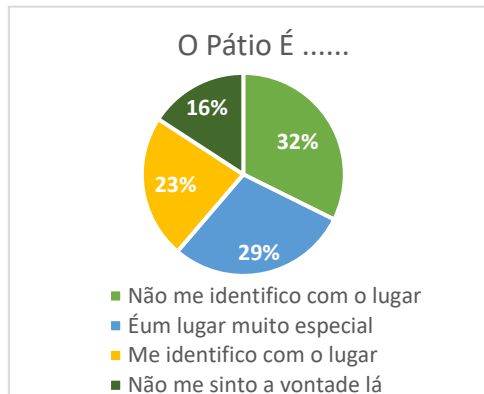
- *Escola A* - por ter lugar para sentar.
- *Escola B* – por poder conversar com os amigos.
- *Escola C* - por ser um lugar tranquilo.

Em sequência, quanto: **ao lugar que não gostam de ficar**, as respostas foram diferenciadas de uma escola para a outra.

- *Escola A* - cantina e o meio do pátio, por ter muitas pessoas e crianças correndo.
- *Escola B* - o bar e em volta da quadra sintética, pelas várias pessoas e muito barulho.
- *Escola C* - o campo de eucalipto, por não ter mais árvores.

Quanto à questão: **o que falta no pátio**, as três escolas tiveram como resposta *bancos para sentar*. Foi uma reclamação de todas, de não possuírem lugares suficientes para os alunos sentarem, muitos precisam ficar de pé ou sentam até mesmo no chão como ocorreu na Escola A. Essa falta de mobiliário foi vista pela pesquisadora durante as visitas e observações. Cabe acrescentar, que à questão: **o sentimento do aluno em relação ao pátio**, o gráfico 1 elucida como ficou o resultado das três escolas, e quanto à questão: **o lugar que mais cuidaria na escola** está descrito o resultado no gráfico 2.

Gráfico 1 – Sentimento em relação ao pátio.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2 – Lugar que mais cuidaria.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nas três escolas existe uma porcentagem de alunos que não se identificam com o pátio, e que não consideram o pátio como um lugar que merece cuidado. Este resultado indica a pouca relação deste espaço com o processo pedagógico nos dias de hoje, mas também pode ser reflexo do recente retorno às atividades nos pátios por causa da pandemia.

6 RECOMENDAÇÕES E REFLEXÕES

Após a coleta os três estudos foram analisados e comparados, e os resultados encontrados dizem respeito a análise de cada variável com o que foi observado e analisado, e em sequência, foram elaboradas recomendações gerais para os pátios pesquisados, que podem beneficiar outros pátios escolares e futuros projetos escolares.

A insatisfação que os alunos das três escolas expressaram, foi possível comprovada através da visita exploratória, observações sistemáticas e o mapa comportamental, que é a falta de mobiliário, principalmente de bancos para sentarem no recreio. Além disso, outra insatisfação evidenciada foi em relação à áreas verdes, como à falta de árvores de médio e grande porte, gramas, arbustos e espaços de lazer, como também dos recreios serem ao mesmo tempo, do ensino fundamental e do ensino médio. Cabe observar que essas questões foram muito comentadas pelos alunos durante o levantamento realizado, e ressalta-se a aspiração dos usuários por um pátio mais confortável, mais agradável, mais dinâmico, e com boa infraestrutura no lugar de pátios monótonos, desinteressantes e sem vida que eles vivenciam. Baseadas nas visitas realizadas e na análise dos dados gerados por todos os métodos utilizados, as recomendações são descritas como diretrizes para cada pátio escolar observado, a fim de torna-lo mais adequado ao uso. As tabelas 4, 5 e 6 sintetizam as principais melhorias derivadas da pesquisa, e são compostas pelas colunas: (i) **item/situação** que representa um problema e o impacto que representa para os usuários (ii) **recomendações** identificadas como viáveis para cada caso. Elas constituem, assim, os principais resultados da investigação realizada, e, por meio delas a pesquisa colabora com as instituições escolares, na busca da melhoria de seus ambientes. A fim de qualificar o pátio com base na apropriação do ambiente por parte da comunidade escolar, as diversas proposições foram indicadas de modo a poderem ser aplicadas às escolas de modo relativamente fácil, entendendo-se que a maior utilização do ambiente fará com que os estudantes se apropriarem dele de forma adequada e coerente, mantendo uma boa relação com o espaço.

Tabela 4 – Diretrizes para a Escola A.

| Item/Situação | Recomendações |
|--|--|
| Pouco mobiliário | Replanejar para que haja a implantação de um maior número de brinquedos, lixeiras e bebedouros Mesas e bancos – colocação de mais bancos, criando recantos diversificados |
| Local apropriado para jogos de tabuleiro | Criação de um espaço com mobiliário adequado para que os alunos possam jogar jogos de cartas e tabuleiros |
| Grande número de pessoas no recreio e barulho | Separar o recreio por anos e séries, separando ensino fundamental do ensino médio |
| Falta de cores | Adoção de cores e texturas, trabalhar propostas com a participação dos alunos, juntamente com o professor |
| Conforto térmico e acústico | Desenvolvimento de uma intervenção paisagística com plantio de árvores, grama e jardins, com áreas sombreadas e ao sol |
| Atividades extraclasse | Tornar seu uso como uma extensão das salas de aula, fazendo parte do currículo pedagógico |

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 5 – Diretrizes para a Escola B.

| Item/Situação | Recomendações |
|--|---|
| Pouco mobiliário | Replanejar para que haja a implantação de um maior número de brinquedos, lixeiras e bebedouros. Mesas e bancos – colocação de mais bancos, criando recantos diversificados |
| Pouco mobiliário para os alunos menores brincarem e troca do piso da pracinha | Replanejar para que haja a implantação de brinquedos adequados para a faixa etária dos alunos. Colocar o piso da pracinha de cimento por areia |
| Pouca arborização | Criação de jardins, projeto paisagístico e plantação de árvores (que ajudariam na diminuição do ruído externo e da temperatura no verão) |
| Conforto térmico e acústico | Desenvolvimento de uma intervenção paisagística com plantio de árvores, grama e jardins, com áreas sombreadas e ao sol |
| Atividades extraclasse | Pátio com múltiplas atividades, e tornar seu uso como uma extensão das salas de aula, fazendo parte do currículo pedagógico |

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 6 – Diretrizes para a Escola C.

| Item/Situação | Recomendações |
|--|---|
| Pouco mobiliário | Replanejar para que haja a implantação de um maior número de brinquedos, lixeiras e bebedouros. Mesas e bancos – colocação de mais bancos, criando recantos diversificados |
| Falta mobiliário para os alunos menores brincarem durante os recreios | Replanejar para que haja a implantação de brinquedos adequados para a faixa etária dos alunos, na parte de cima do pátio |
| Paisagismo | Apesar da existência de área verde na escola, a criação de jardins e um projeto paisagístico deixaria o ambiente mais agradável e com maior conforto ambiental |
| Falta de personalização | Criar atividades pedagógicas com as turmas para elaborar a identificação visual do pátio |
| Trechos do piso solto e deslocado; Calçadas 'levantadas' e quebradas por raízes | Substituir trechos danificados |
| Atividades | Tornar seu uso como uma extensão das salas de aula, fazendo parte do currículo pedagógico |

Fonte: Elaborado pela autora.

7 CONCLUSÃO

Este artigo foi desenvolvido com o fim de elaborar recomendações para os pátios escolares que contribuam com a apropriação e potencialize o processo educativos, além de analisar as relações de usos e funções, identificar aspectos qualitativos nos pátios escolares e a identificação das características que contribui com a apropriação positiva do espaço. A inclusão dos alunos para a execução desta pesquisa foi essencial, com o grande número de respondentes do questionário, foi possível a compreensão de aspectos positivos, negativos e da apropriação associados aos pátios das escolas. As diretrizes foram propostas também com base na percepção dos alunos, e de forma geral, os problemas constatados na pesquisa de campo com os alunos das três escolas, relacionam-se prioritariamente, com a falta de bancos para sentar, de mobiliário inadequado, escassez de áreas verdes nas Escolas A e Escola B, quadras de esportes e mesas para lanchar.

Ademais, os objetivos propostos foram alcançados de maneira satisfatória, e os resultados apresentados contribuíram para um entendimento maior sobre o tema, a importância de uma ação profissional que colabore para a proposição de espaços mais qualificados e passíveis de apropriação, para que ocorra a interação entre o homem e o ambiente em que vive e se relaciona.

Além disso, as análises das relações de uso e apropriação revelam que a qualidade do lugar se relaciona com variantes que podem qualificar o espaço, possibilitando seu uso e contribuindo com suas formas de apropriação e a análise dos estudos de casos demonstram que os costumes dos usuários, os aspectos ambientais influenciam as relações de uso e apropriação em cada pátio escolar observado.

A aplicação dos instrumentos contribuiu para a identificação em especial de problemas como a ausência de áreas verdes, poucos mobiliários que não suprem o número de alunos, ambientes desagradáveis para o período do recreio, falta de conforto ambiental e pouco uso do pátio. Por isso, que os alunos subsidiam mudanças como aumentar o número de bancos, brinquedos, lixeiras, fazer uso de um projeto paisagístico para que o ambiente se torne mais agradável e sustentável, além de rever aspectos funcionais e contribuir para a comparação entre pátios de diferentes escolas.

É importante salientar que o resultado do estudo realizado foi entregue para as escolas para auxílio em sua tomada de decisão para melhoria dos espaços e que, mesmo durante a pesquisa, as três escolas demonstraram interesse em examinar as sugestões de mudanças e colocar em prática algumas delas.

REFERÊNCIAS

- COOPER-MARCOS, C.; SARKISSIAN, W. *Housing as If people mattered*. Berkeley: University of California, 1986.
- DORNELES, V. G. *Estratégias de ensino de desenho universal para cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo*. 2014. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- ELALI, G. A. O ambiente da escola: discussão sobre a relação escola - natureza em educação infantil. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 8, p. 309–319, 2003.
- FEDRIZZI, B. Reações à modificação dos pátios escolares. VII ENTAC: Qualidade e Processo Construtivo, *Anais do Florianópolis: UFSC*, 1998, s/p.
- FEDRIZZI, B. A organização espacial em pátios escolares grandes e pequenos. In: DEL RIO, V.; DUARTE C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs.), *Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa/ PROARQ, 2002, pp. 221-229.
- FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças. *Paideia*, 18 (39) 41-52. Ribeirão Preto, 2008.
- GIFFORD, R. *Environmental psychology, principles and practice*. Boston: Allyn & Bacon, 1987.
- GONÇALVES, T. M. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007.
- GONÇALVEZ, F. M.; FLORES, L. R. Espaços livres em escolar – Questões para debate. In: AZEVEDO, G. A.N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (org.). *O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação*. Rio de Janeiro, UFRJ/FAU/PROARQ. 203 p. 2011 (Coleção PROARQ).
- JERÔNIMO, R. N. T.; GONÇALVES, T. M. O processo de apropriação do espaço pelos elementos constitutivos da produção da subjetividade, autoestima e sentimento de pertença. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB. Impresso), v. 24, p. 195-200, 2008
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K. *Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

- KOWALTOWSKI, D. K.; CARVALHO, D. M.; PETRECHE, J.; FABRÍCIO, M. M. (Ed.). *O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia*. Oficina de Textos, 2011.
- LOPES, M. E.; PRADO, A. R. A.; ORNSTEIN, S. W. Trajetória da acessibilidade no Brasil. In: LOPES, N. E.; PRADO, A. A.; ORNSTEIN, S. W. (Org.). *Desenho Universal - Caminhos da Acessibilidade no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2010, v. 1.
- MARCELLINO, N. C. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papyrus, 1990.
- MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer & esporte: políticas públicas* Campinas: Autores Associados, 2001.
- NAMBU, J. C.; ORNSTEIN, S. W. *O pátio nos ambientes para o aprendizado, avaliação de edifícios escolares na região metropolitana de São Paulo*. Coleção PROARQ.1ª Edição. Rio de Janeiro, 2011.
- PACHECO, J. A. *A apropriação dos pátios escolares e a importância no cotidiano de seus usuários*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, Universidade Federal do Santa Maria, Santa Maria, 2023.
- POL, E. *Environmental Psychology in Europe: From Architectural Psychology to Green Psychology*. Avebury, Aldershot, 1993.
- PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, 1978, pp. 147–169. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0013916578102002>. Acesso em: dez/2022.
- REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O que é o pátio interno? – parte 1. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 063.06, Vitruvius, set. 2005 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436>. Acesso em: dez/2022.
- REQUIXA, R. *As dimensões do lazer*. São Paulo: SESI, 1999.
- SAGER, F.; SPERB, T. M.; ROAZZI A.; MARTINS F. M. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da psicologia ambiental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.16, n. 1, 2003, pp. 203-215.
- SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. *Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.58>. Acesso em: dez/2022.
- SIFUENTES-RODRÍGUEZ, E.; PALACIOS-REYES, D. Covid-19: The outbreak caused by a new coronavirus. *Bol Med Hosp Infant Mex*, 77(2), 47–53. 2020. doi: <https://doi.org/10.24875/BMHIM.20000039>. Acesso em: dez/2022.
- TRANCIK, A. M.; EVANS, G. W. Spaces fit for children: Competency in the Design of Daycare Center Environments. In: *Children's Environments*. Colorado, v. 12, n. 03, p. 43-58, 1995. Disponível em: <http://www.colorado.edu/journals/cye>. Acesso em: dez/2022.
- YANNAS, S. Educational buildings in Europe. In: III Encontro Nacional: I Encontro Latino-Americano de conforto no ambiente construído. *Anais do Gramado, /RS/ p. 49-69*, 1995.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

CARACTERIZAÇÃO AFETIVA DOS AMBIENTES DE LOJAS DE VESTUÁRIO: UM ESTUDO ORIENTADO À GESTÃO VISUAL

CARACTERIZACIÓN AFECTIVA DE AMBIENTES DE TIENDAS DE ROPA: UN ESTUDIO ORIENTADO A LA GESTIÓN VISUAL

AFFECTIVE CHARACTERIZATION OF CLOTHING STORE ENVIRONMENTS: A STUDY ORIENTED TO VISUAL MANAGEMENT

DANTAS, ÍTALO JOSÉ DE MEDEIROS

Doutorando, Universidade de Otago. E-mail: italodantasdesign@hotmail.com.

SOARES, MOALLY JANNE DE BRITO

Mestre, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: moally.soares@ifrn.edu.br.

BESSA, MARIA LINDELENE DA SILVA

Graduada, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: lindelenebessa@hotmail.com.

SOUZA, STHÉFANI SANTOS DE

Graduada, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: sthefanicunha153@gmail.com.

MELO, EDNA MARIA DE

Graduada, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: ednameloac@gmail.com.

RESUMO

A área da experiência do consumidor cresce constantemente pois trata-se de uma das mais eficazes estratégias da atualidade para aumentar o engajamento e melhorar a lucratividade das marcas. Nesse contexto, na perspectiva da produção de vestuário, a experiência do consumidor não se limita a interação usuário-produto, mas se estende até o ambiente de comercialização, ou seja, as lojas de varejo. Isso requer um planejamento estético que atenda às expectativas dos consumidores, garantindo experiência positiva e promovendo conforto psicológico aos indivíduos, incentivando-os a comprar e retornar. Observando a necessidade de desenvolver estratégias de *marketing* sensorial, este artigo faz parte de uma pesquisa de iniciação científica, conduzida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, que visa investigar os afetos (positivos ou negativos) associados pelos potenciais consumidores de moda às lojas de vestuário de Caicó (Rio Grande do Norte). Metodologicamente, trata-se de pesquisa aplicada, de objetivos exploratório-descritivos e abordagem quantitativa. Para avaliar as relações afetivas dos potenciais consumidores aplicou-se a versão reduzida da escala "Positive and Negative Affect Schedule" (PANAS), empregando escala Likert de 5 pontos como técnica de classificação. Os dados foram analisados por estatística descritiva. Em relação ao estímulo visual, adotaram-se fotografias em 360° dos ambientes das lojas locais, com a imersão ocorrendo com o uso de óculos de realidade virtual, visando obter uma experiência mais assertiva. Os resultados obtidos demonstraram que os ambientes investigados evocam sentimentos predominantemente positivos, porém com algumas moderações, indicando problemas de organização dos produtos, tamanho dos espaços e iluminação.

PALAVRAS-CHAVE: *marketing* sensorial; ambiente de loja de vestuário; neuro design; moda; experiência do consumidor.

RESUMEN

La experiencia del consumidor es un área en constante crecimiento, considerando que es una de las estrategias más efectivas en la actualidad para generar un mayor encajamiento y posibilitar que las marcas obtengan más ganancias. En este contexto, desde la perspectiva de la producción de prendas de vestir, la experiencia del consumidor no se limita a la interacción usuario-producto, sino que continúa en el entorno de comercialización, las tiendas minoristas. Por ello, exigiendo una planificación estética que responda a las expectativas de los consumidores. Así, es relevante asegurar que haya una experiencia positiva, buscando asegurar el confort psicológico de los individuos, haciéndolos comprar y volver más seguido al lugar. Observando la necesidad de crear estrategias de *marketing* sensorial, este artículo forma parte de una investigación de iniciação científica, realizada en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Norte, y tiene como objetivo investigar cuáles son los efectos positivos y negativos que los potenciales consumidores de moda relacionan con las tiendas de ropa en la ciudad de Caicó (Rio Grande do Norte). Metodológicamente, es una investigación aplicada, con objetivos exploratorios-descriptivos y un enfoque cuantitativo. En cuanto a los procedimientos técnicos, para acceder a las relaciones afectivas de los potenciales consumidores se aplicó la versión reducida de la escala "Positive and Negative Affect Schedule" (PANAS), utilizando como técnica de clasificación una escala tipo Likert de 5 puntos. Los datos fueron analizados utilizando estadística descriptiva. Como estímulo visual se adoptaron fotografías en 360° de los ambientes de las tiendas locales, con la mediación de gafas de realidad virtual, con el fin de obtener una inmersión más asertiva. Los resultados encontrados demuestran que los ambientes de las tiendas investigadas evocan sentimientos positivos, pero moderados, con problemas relacionados con la organización de los productos, el tamaño de los espacios y la iluminación.



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

PALABRAS CLAVES: *marketing sensorial; ambiente de tienda de ropa; neuro diseño; moda; experiencia del consumidor.*

ABSTRACT

Consumer experience is an area that is constantly growing. It is one of the most effective strategies today to generate greater engagement and make it possible for brands to obtain more profits. In this context, from the perspective of clothing production, the consumer experience is not limited to user-product interaction. Still, it continues to the commercialization environment, the retail stores. Therefore, demanding aesthetic planning that meets the expectations of consumers. Thus, it is relevant to ensure a positive experience, seeking to ensure the psychological comfort of individuals, making them buy and return more often to the place. Based on the need to create sensorial marketing strategies, this paper is part of a scientific initiation investigation, carried out in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte, and it aims to investigate the positive and negative effects that potential fashion consumers relate to clothing stores in the city of Caicó (Rio Grande do Norte). Methodologically, it is applied research with exploratory-descriptive objectives and a quantitative approach. Regarding the technical procedures, to access the affective relationships of potential consumers, the reduced version of the "Positive and Negative Affect Schedule" (PANAS) scale was applied, using a 5-point Likert scale as a classification technique. Data were analyzed using descriptive statistics. As a visual stimulus, 360° photographs of the environments of local stores were adopted, with the mediation of virtual reality glasses, to obtain a more assertive immersion. The results demonstrated that the investigated store environments evoke positive feelings, but in moderation, with problems related to the organization of products, size of spaces, and lighting.

KEYWORDS: *sensory marketing; clothing store environment; neuro design; fashion; consumer experience.*

Recebido em: 12/02/2023

Aceito em: 14/11/2023

1 INTRODUÇÃO

O mercado da moda se configura como um dos mais competitivos do mundo, com inúmeros varejistas e marcas surgindo a cada dia, visando oferecer produtos semelhantes e acessíveis para um público cada vez mais diversificado (Jin; Shin, 2020). Algumas das características que definem os consumidores contemporâneos incluem valorização elevada da experiência e do significado das ações promovidas pelas marcas, que vão desde um atendimento adequado até a organização sensorial do ambiente. Estes fatores influenciam ativamente nas decisões de compra, aumentando os lucros a partir da agradabilidade e da lealdade à marca (Cuesta-Valiño; Rodríguez-Gutiérrez; Núñez-Barriopedro, 2022). Dessa maneira, observa-se que os consumidores buscam elementos que diferenciam e inovem no contexto do varejo das lojas de vestuário, sendo possível explorar a sensorialidade humana, a harmonia visual e agradabilidade ambiental, tornando o momento de compra mais atrativo (Grewal *et al.*, 2009; Chen *et al.*, 2022). Isso, por sua vez, exige de os lojistas pensarem em estratégias completas de *marketing* que englobem todas essas dimensões de forma satisfatória em um contexto de comercialização de produtos (Carù; Cova, 2003; Lemon; Verhoef, 2016).

Nesse contexto, a área da moda exige a constante busca por novas maneiras de atrair essa parcela de consumidores, visando diferenciar-se das demais marcas e fortalecer a relação afetiva do público-alvo com os produtos ofertados. Assim, pode-se mencionar o *marketing* sensorial como uma das abordagens possíveis de diferenciação (Muñoz; Pérez; Zapata, 2021; Jiménez-Marín; Alvarado; González-Oñate, 2022). Nesse conjunto de estratégias, a experiência completa do consumidor, que engloba os momentos anteriores, durante e após a venda, é considerada essencial para influenciar a decisão de compra (Tekin; Kanat, 2022).

Dando ênfase aos momentos durante o processo de compra, este projeto ressalta a relevância do planejamento visual e estratégico do ambiente da loja (Iberahim *et al.*, 2020). Observa-se que os consumidores possuem uma série de requisitos que devem ser atendidos para que tenham uma experiência satisfatória. Estes requisitos englobam desde a disposição adequada de um produto (Bist; Mehta, 2023), as cores da iluminação do ambiente (Mondol *et al.*, 2021), indo até os aromas emanados pela loja (Muñoz; Pérez; Zapata, 2021). Portanto, compreende-se que as necessidades sensoriais dos consumidores representam uma área que merece uma investigação mais aprofundada (Kim; Sullivan, 2019; Alexander; Nobbs, 2020). Sendo assim, parte-se da hipótese de que conduzir estudos voltados para a sensorialidade e imersão dos consumidores se apresenta como uma maneira de alcançar melhores resultados e alavancar as vendas de lojas de vestuário.

Portanto, a relevância desta pesquisa se encontra na necessidade de aprofundar as investigações relacionadas às ferramentas de *marketing* sensorial aplicadas aos ambientes de lojas de vestuário, com o foco em melhorar a experiência do consumidor e aumentar o lucro dos varejistas (Kim; Sullivan, 2019; Alexander; Nobbs, 2020). Através desse estudo, será possível compreender as associações afetivas que esses consumidores estabelecem e como se sentem no ambiente de varejo local. Os resultados desta pesquisa contribuirão para o desenvolvimento de diretrizes destinadas à organização do ambiente das lojas de vestuário, expandindo e tornando mais positiva a experiência dos consumidores.

A partir do processo de definição do tema, o objetivo geral deste artigo é entender quais são os afetos positivos e negativos relacionados aos ambientes de lojas locais de vestuário.

2 BASES DA INVESTIGAÇÃO

Este tópico explora as bases teóricas que guiam o desenvolvimento desta investigação. Inicialmente, explora-se as inter-relações entre a gestão visual, os aspectos da multissensorialidade, em especial nos ambientes de lojas e como estes se intersectam. Em seguida, discute-se a experiência do consumidor. E, por fim, é abordado sobre o planejamento estratégico dos ambientes de lojas.

Gestão visual e multissensorialidade

Dentro dos campos tratados pela área do *design*, destaca-se o desenvolvimento de soluções projetuais sob a forma de produtos, processos ou diretrizes que abordem problemas reais enfrentados por uma sociedade ou grupo específico de indivíduos (Bürdek, 2010; Cardoso, 2012). Bürdek (2010, p. 343) explica que o “*Design* é utilizado e reconhecido pelas empresas e organizações no mundo inteiro como fator muito importante”. Dessa maneira, o *design* configura-se como uma área transdisciplinar que tende a unir os conhecimentos provenientes de diversos contextos, em busca de formalizar projetos de produtos que sejam efetivamente subsidiados, propondo inovações sociotécnicas com base na interconexão de saberes (Muratovsky, 2016; Torres, 2018).

A partir disso, podemos definir esta abordagem como uma vertente que busca unir os conhecimentos provenientes da área do *design* com foco no desenvolvimento de produtos, processos e serviços, com as pesquisas relacionadas ao funcionamento do cérebro humano e seu potencial cognitivo. Esses conhecimentos são aplicados simultaneamente como complementares nos processos criativos e nos projetos de produtos ou organização ambiental (Auernhammer; Sonalkar; Sagggar, 2021). Portanto, considera-se as aplicações dos métodos da psicologia e da neurociência para investigar as respostas emocionais e cognitivas de grupos específicos sobre as variáveis que envolvam a configuração de um produto ou ambiente, visando identificar os potenciais de uso e suas influências (Auernhammer *et al.*, 2021). O processo de *design* explora os mecanismos cerebrais, transpondo-os para diretrizes projetuais, criando artefatos ou projetando ambientes de lojas que sejam centrados na mente das pessoas (Liu *et al.*, 2020).

Essa centralização nos desejos e experiências dos consumidores surge como uma resposta à necessidade de criar vantagens competitivas, considerando a ampla concorrência vivenciada diariamente pelas marcas e varejistas na indústria da moda (Kim; Sullivan, 2019; Koszembar-Wiklik, 2019). Portanto, observa-se que o espaço comercial, onde os produtos estarão expostos e interagirão com os consumidores, especialmente na indústria de vestuário, torna-se um dos elementos-chave para a criação dessas experiências positivas (Hashmi; Shu; Haider, 2020; Lombart *et al.*, 2020). Isso, por sua vez contribui para a definição de uma cultura de consumo satisfatória para o cliente (Iarocci, 2013) e, conseqüentemente, aumentando os lucros da empresa.

A experiência do consumidor pode ser influenciada por uma série de elementos complexos, voláteis e mutáveis, devido à constante mudança nas preferências dos consumidores. Nesse contexto, Rocha (2018, p. 73) explica que “Um foco cada vez maior na experiência tem se tornado realidade no varejo, o que sugere a necessidade de se criar experiências emocionalmente atrativas para o consumidor no ponto de venda”. Por vezes, o que se acredita ser estimulante positivamente para a cognição dos clientes ou para tornar o processo de compra mais simples pode, na realidade, complicá-lo e afastar os indivíduos do ambiente de varejo (Höpner *et al.*, 2015). Portanto, considerando esta ideia, é válido explorar as possibilidades de inovação na experiência do consumidor, levando em conta suas reações e respostas afetivas, ou seja, dados objetivos (Bridger, 2018).

Considerando o contexto apresentado, a caracterização afetiva dos ambientes é compreendida como uma abordagem teórico-metodológica que permite a compreensão os afetos e sensações que são evocados por ambientes específicos (Kaklauskas *et al.*, 2020; Dozio *et al.*, 2022). Além disso, essa abordagem visa integrar as proposições construídas anteriormente, promovendo o pensamento projetual focado nas necessidades dos potenciais consumidores (De Luca; Botelho, 2021). Isso, por sua vez, possibilita discutir, mensurar e ampliar a relação psicológica e sensorial do usuário com tais espaços (Galinha; Pereira; Esteves, 2014; Duarte, 2019; Oliveira; Pereira, 2022). Assim sendo, a resposta afetiva aos ambientes é uma variável que altera de acordo com cada indivíduo, considerando os estímulos que influenciam as experiências, emoções e características subjetivas (Mouratidis, 2021; Duarte, 2019; Oliveira; Pereira, 2022). De tal forma, entende-se que a variação das características dos ambientes, desde sua iluminação há toda sua organização e ambientação influenciam no conforto perceptivo de cada indivíduo, o que pode influenciar também em sua própria percepção do espaço (Hansen *et al.*, 2021; Agustí; Lladós, 2022; Diker; Demirkan, 2022).

O *marketing* sensorial surge nesse contexto como um conceito complementar, ou uma perspectiva adicional. No que diz respeito à configuração de produtos e ambientes. Ortégón-Cortázar e Gómez Rodríguez (2016, p. 69, tradução nossa) comentam que “O *marketing* sensorial é definido como o uso de estímulos e elementos que os consumidores percebem através dos sentidos, para gerar determinadas atmosferas”. Portanto, nessa projeção, consideram-se todas as possibilidades de organização sensorial de um ambiente, sejam elas visuais, sonoras ou táteis, com o intuito de proporcionar experiências positivas aos consumidores, aumentando as chances de venda de um produto.

Nesse sentido, destacam-se as discussões de Kotler (1973), um importante pesquisador da área do *marketing*, reconhecido por mencionar a importância de compreender o ambiente e a atmosfera da loja na construção de um setor de comercialização mais eficaz para os consumidores. Segundo o autor, esse processo é constituído de quatro fases, a saber: (i) o objeto de compra é posicionado em um ambiente dotado de características sensoriais específicas, as quais podem ser intrínsecas ao espaço ou terem sido intencionalmente projetadas pelo vendedor; (ii) cada consumidor percebe apenas algumas qualidades do ambiente. sua percepção é subjetiva à sua atenção seletiva, distorção e retenção; (iii) as qualidades percebidas na atmosfera podem influenciar as emoções e informações pessoais do consumidor; (iv) as modificações na informação e no estado afetivo do consumidor podem aumentar a probabilidade de compra (idem).

A área da gestão visual, tal como o *visual merchandising*, se insere nas propostas apresentadas por Kotler (1973) nos anos 70, englobando profissionais que trabalham com o pensamento estratégico desses aspectos.

Merchandising é definido como um conceito de negócio que é uma das formas de comunicação de uma marca, ou seja, a visual. Esta técnica possui como propósito expor todo e qualquer produto, atrair clientes e como resultado ascender às vendas (Ayres, Ferreira, Pagnossin, 2019, p. 26).

No contexto desta pesquisa, enfoca-se em compreender o último aspecto, ou seja, a atmosfera, e como os elementos tangíveis e intangíveis que a compõem podem ser otimizados para proporcionar uma experiência positiva aos consumidores.

Experiência do consumidor

As discussões no âmbito do universo do consumo estão vinculadas às necessidades básicas inerentes ao desenvolvimento humano, incluindo o acesso ao poder de compra e à capacidade de escolha. Contudo, devido à influência da sociedade capitalista, observa-se a conformação de costumes e cultura em diferentes grupos ou classes sociais (Prestes, 2019). Os novos consumidores não buscam somente adquirir um produto, entende-se que eles anseiam por uma experiência global. Essa experiência pode originar-se de diversos elementos, como o ambiente, o atendimento ou a atenção prestada, sendo crucial para concretizar o desejo de compra (Gancho, 2019; Oliveira, 2021).

A experiência estabelecida entre consumidor e a marca desempenha um papel de extrema importância, sendo esse relacionamento fundamental para o desenvolvimento do processo de fidelização e a disseminação da identidade da marca (Mostafa; Kasamani, 2020; Hwang *et al.*, 2021). Portanto, é notório o aumento constante dos estudos sobre o comportamento e as necessidades do usuário, com o objetivo de integrar significados e gerar pontos assertivos quando houver a interação entre o usuário, o produto e o ambiente (Arezoomand, 2021).

A experiência do cliente está relacionada a diferentes vivências, espaços, tempos e territórios de uma sociedade, tornando-se um dos fatores mais cruciais para o crescimento das marcas e engajamento dos consumidores (Limeira, 2016). Ela abrange todas as etapas que perpassam a jornada do consumidor, desde as interações realizadas nos pontos de contato com a marca até os diversos perfis de clientes, levando em consideração a satisfação ou insatisfação destes, resultando tanto em impactos positivos quanto negativos (Limeira, 2016). Nesse contexto, os consumidores estão se tornando cada vez mais exigentes, com acesso às informações e um conhecimento mais aprofundado sobre produtos. Portanto, estes consumidores esperam que as marcas estejam prontas para oferecer todo o suporte necessário antes, durante e após a compra, especialmente em decorrência da influência do meio digital, onde as pessoas estão acostumadas a processos de compra mais rápidos.

Existem várias maneiras de proporcionar uma lembrança ou sentimento em um ambiente de varejo, seja ela positiva ou negativa. Turley e Mirlam (2000) apresentam variáveis que denominam ‘elementos da atmosfera’, e categorizam em cinco grupos, com o principal objetivo de servir como estratégia para o varejo (Quadro 1). Segundo os autores, esses elementos conferem características únicas àquele momento,

exercendo influência na decisão de compra do consumidor (Turley; Mirlam, 2000). Um exemplo notável é a experiência adquirida por meio do olfato, tanto com um aroma sentido no ambiente de loja, quanto quando incorporado em uma peça ou produto, onde o mesmo cenário pode acontecer com as outras variáveis (Alexander; Nobbs, 2020; Jiménez-Marín; Alvarado; González-Oñate, 2022).

Quadro 1 – Elementos da atmosfera do ambiente de lojas de varejo

| Características |
|---|
| • Exterior: fachada, entrada, estacionamento e arquitetura; |
| • <i>Layout</i> : fluxo, alocação de espaços e agrupamento de produtos; |
| • Interior: perfume, música, odor, limpeza e iluminação; |
| • Sinalização: pôsteres, sinais e decorações de parede; |
| • Variável humana: características dos clientes e funcionários uniformes. |

FONTE: Adaptado de Turley e Mirlam (2000)

Ao abordar a importância da experiência do consumidor no poder de compra, é necessário considerar a influência exercida pelo *marketing* global na aquisição de clientes. Deve-se conceber o *marketing* como uma esfera do criar, impulsionar e desenvolver bens e serviços, com o intuito de compreender melhor os desejos dos clientes para assim satisfazer as necessidades e desejos dos potenciais consumidores (Ingaldi; Ulewicz, 2019). Nesse contexto, os profissionais de *marketing* buscam integrar de maneira efetiva bens, serviços, experiências, eventos, pessoas, lugares, propriedades, organizações, informações e ideias em suas ações estratégicas (*American Marketing Association*, 2017).

Conforme as definições acerca do *marketing*, Posner (2015) destaca em suas discussões sobre a importância de adotar uma perspectiva multifacetada em relação aos elementos fundamentais dessa esfera. Isso abrange a compreensão das demandas do cliente, com a percepção de criar algo, comunicar e proporcionar ao cliente algo de valor que transcende a dimensão física. Essa perspectiva se encaixa na estrutura social que permeiam as relações de troca existentes nos processos empresariais e gerenciais de uma marca. Para o autor, o *marketing* “(...) é tanto uma ciência como uma arte, sendo estratégico e criativo e exigindo uma abordagem de pesquisa e de análise sistemáticas, como também inovação, intuição e aptidão natural” (Posner, 2015, p.27).

É crucial compreender que o ambiente moldado pelos profissionais do *marketing* perpassa por contínuas transformações, impulsionadas por questões sociais e comportamentais. Dentro desse contexto, Gabriel e Kiso (2020) abordam que é impossível abordar a prática de compra sem considerar a esfera tecnológica e a sua influência perante as estratégias de sucesso que envolvem os consumidores. Assim, “se o comportamento do público-alvo muda, as estratégias de *marketing* também precisam mudar” (Gabriel; Kiso, 2020, p. 16). Por conseguinte, a internet assume um papel de catalisador de pessoas, atraindo um número crescente de usuários e transformando as interações humanas. Ela une esses dois campos, promovendo uma troca que comunica estratégias digitais enquanto analisa as situações, táticas e o poder do consumidor, contribuindo assim para potencializar as inovações digitais e dinamizar as relações de compra e venda (Liu; Zhang-Zhang; Ghauri, 2020).

Tais discussões evidenciam o quanto é fundamental que uma empresa desenvolva um planejamento pautado na perspectiva que envolva a relação entre as estratégias de *marketing* e o olhar do consumidor, garantindo, assim, o sucesso nesse planejamento (Bezerra; Covaleski, 2014). O objetivo é satisfazer as necessidades e desejos dos clientes, compreender seus anseios, utilizando o *marketing* como uma ferramenta essencial, concentrando todos os esforços para observar e aproveitar as melhores oportunidades no mercado (Bezerra; Covaleski, 2014).

Ambientes de loja de varejo de vestuário

Segundo Iyer *et al.* (2020), a experiência e o impulso de compra representam as respostas internas e subjetivas do consumidor a qualquer tipo de contato, direto ou indireto com uma loja, ambiente de comercialização ou serviço. Uma loja que apresenta seus próprios recursos expostos, como um ambiente cuidadosamente planejado, seja ele moderno ou clássico, com música e um aroma específico, torna-se atrativa aos consumidores (Botelho, 2019). Considerando que o ambiente das lojas pode ser um fator determinante na escolha de um produto, observa-se a necessidade de os proprietários de lojas de varejo de

vestuário buscarem maior atratividade e inovação, com o intuito de conhecer as preferências do público para se adequar às estratégias que sejam eficientes para a loja, para se conectar com os consumidores (Rocha, 2018).

O *Marketing* Sensorial busca analisar e estimular os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato), a fim de obter informações que possam ser utilizadas no planejamento de ambientes de lojas (Bandeira, 2013; Philippi; Zambon, 2016). Dessa forma, o comportamento do consumidor é influenciado por sensações e experiências únicas, fazendo com que ele desenvolva um vínculo emocional com a empresa. As empresas podem utilizar essa estratégia como um diferencial competitivo, pois criam ambientes conforme o perfil da marca (Bandeira, 2013; Philippi; Zambon, 2016).

Krishna (2010) apresenta a perspectiva sensorial como a abordagem do *marketing* que se utiliza dos diferentes sentidos humanos para influenciar a percepção, a avaliação e o comportamento do consumidor em relação às marcas. A estratégia de *marketing* sensorial compreende o uso de elementos e estímulos baseados nos sentidos humanos, com o propósito de causar impacto emocional no consumidor, proporcionando uma experiência envolvente e memorável ao cliente (Jung; Soo, 2012). Segundo Suárez e Gumiel (2012), o *marketing* sensorial representa a aplicação dos elementos que envolvem os cinco sentidos humanos com a intenção de criar ambientes com impacto emocional e, ao mesmo tempo, incentivar determinados comportamentos e atitudes dos consumidores em relação à marca.

As formas sensoriais e sua experiência ocorrem em diversos níveis de comunicação com a marca e podem ser desenroladas por meios de estímulos sonoros, visuais, gustativos, táteis e olfativos, podendo também ser prejudicadas pela ausência destes estímulos (Maciel et. Al., 2011). O consumidor pode ser influenciado por diversos fatores, como os culturais, sociais, pessoais e psicológicos, e tudo depende da maneira como o produto é capaz de atrair o cliente e de como é apresentado em um ambiente de loja (Poio; Trigueiro; Leite, 2018; Orso, 2020).

Diversos estudos demonstram a eficácia do *marketing* sensorial (Jiménez-Marín; Bellido-Pérez; López-Cortés, 2019; Marín-Dueñas; Gómez-Carmona, 2021). De acordo com Baker *et al.* (2002), o ambiente da loja é composto por três categorias de fatores: sensoriais (iluminação, aroma e música), de *design* (apresentação e variedade dos produtos oferecidos) e sociais (interação e eficácia dos vendedores e colaboradores). Sendo assim, entende-se que atributos como música, ambiente, aromas, *merchandising* de qualidade, serviço/atendimento diferenciados e preço percebido formam um conjunto de fatores capazes de provocar emoções positivas nos consumidores, causando efeitos diretos ou indiretos na satisfação e na lealdade em relação à loja (Walsh *et al.*, 2011; Hussain, 2019). Parente e Barki (2014) reforçam esta ideia, afirmando que a imagem da loja é formada na mente dos consumidores mediante o uso de recursos que influenciam a visão (cores, formas, decoração, produtos etc.) e outros sentidos dos consumidores.

Assim, um produto visualmente atrativo, unido a uma loja estrategicamente planejada, tende a conquistar mais facilmente o interesse do consumidor e a manter sua atenção por mais tempo (Ditoiu; Caruntu, 2013), e o mesmo princípio se aplica aos ambientes das lojas. É importante observar que o *layout*, a iluminação, e a sinalização fazem parte de um conjunto de estímulos ambientais que influenciam a percepção das pessoas, não podendo ser considerados de forma isolada, mas como um conjunto de atributos que auxiliam na conformação de uma experiência completa para os consumidores (Sampaio *et al.*, 2009).

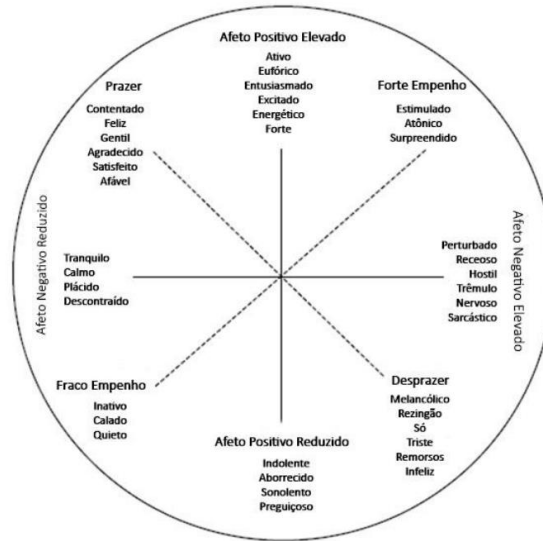
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste em uma *survey*, com um objetivo exploratório-descritivo, empregando abordagens quantitativas e qualitativas. Santos *et al.* (2018, p. 178) define este tipo de pesquisa como “um método [...] de pesquisa que busca traçar o perfil de uma população conhecida acerca de um número limitado de questões”, os autores ainda complementam explicando que “este método é aplicado quando se tem como propósito de obter o perfil de um grupo de pessoas acerca de suas características demográficas, atitudes, atividades ou opiniões”. Esta pesquisa adota a abordagem por *survey* ao questionar diretamente as percepções dos potenciais consumidores de moda acerca das relações afetivas em três ambientes de loja de varejo de vestuário da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte.

Em relação aos procedimentos técnicos, para a coleta dos dados foi elaborado um questionário semiestruturado, o qual foi aplicado presencialmente com os indivíduos que compõem o público-alvo das lojas objeto da pesquisa. Para esta finalidade, adotou-se a versão reduzida em língua portuguesa da escala “*Positive and Negative Affect Schedule*” (PANAS), com o intuito de mensurar a relação de afeto positivo e negativo dos potenciais usuários/consumidores em relação aos ambientes e produtos (Galinha; Pereira; Esteves, 2014; Nunes *et al.*, 2019). A escala PANAS foi desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen em

1988 como uma ferramenta para avaliar duas dimensões fundamentais do afeto: afeto positivo e afeto negativo (Brdar, 2022) - (Figura 1).

Figura 1: A estrutura de bidimensional dos afetos da escala PANAS



Fonte: Oliveira (2020).

Nesse sentido, a versão reduzida é composta por dez afetos, sendo cinco itens positivos (interessado, entusiasmado, inspirado, ativo e determinado) e cinco itens negativos (nervoso, amedrontado, assustado, culpado e atormentado) (Galinha; Pereira; Esteves, 2014; Nunes *et al.*, 2019). A classificação desses itens pelos respondentes ocorre por meio de uma escala Likert, normalmente utilizando uma escala de 5 pontos, em que se considera o efeito como: nada ou muito ligeiramente (1); um pouco (2); moderadamente (3); bastante (4); e extremamente (5) (Galinha; Pereira; Esteves, 2014; Nunes *et al.*, 2019). Na seção aberta do questionário, foi concedida a liberdade para os respondentes indicarem o que mais gostavam e o que menos gostavam no ambiente observado.

No que se refere ao corpus do projeto, ou seja, os ambientes que foram objetos de estudo, foram fotografados empregando um tipo de imagem 360 graus, que abrange todo o interior de três lojas de varejo de vestuário da cidade de Caicó, RN, proporcionando uma experiência interativa completa com o ambiente (Figura 2). A captura das imagens foi realizada com o auxílio da câmera de um *smartphone*, acoplado a um tripé, utilizando-se o aplicativo *Google Street View*, o qual possibilita a obtenção de fotografias do ambiente em um ângulo de 360 graus, criando uma representação tridimensional dos espaços das lojas de vestuário (Oliveira; Pereira, 2022) (Figura 2).

Figura 2: Captura das imagens 360° nas lojas



Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Para definir as lojas que seriam objeto de estudo, foram estabelecidos critérios de elegibilidade. Inicialmente, os pesquisadores realizaram uma visita prévia às lojas localizadas no centro da cidade, no qual foram registrados os interesses dos lojistas. No que diz respeito ao critério geográfico, a pesquisa concentrou-se nas lojas de vestuário da cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. Além disso, definiu-se que seguiria o princípio de representatividade da possível renda do público-alvo, ou seja, as três lojas que seriam estudadas deveriam representar uma variação de renda, que incluísse pessoas de renda mais alta, média e baixa, de modo a abarcar lojas com diferentes focos comerciais (Quadro 2).

Quadro 2 – Definição das lojas estudadas e a relação com os potenciais público-alvo

| Loja | Gênero predominante | Faixa-etária | Renda-média |
|--------|---------------------|--------------|-------------|
| Loja A | Feminino | 20 a 40 anos | Público B |
| Loja B | Feminino | 18 a 60 anos | Público A/B |
| Loja C | Feminino | 22 a 55 anos | Público C |

Fonte: Registrado pelas autoras (2022)

Em seguida, essas imagens foram convertidas em uma apresentação panorâmica através dos aplicativos *P360* e *Cardboard*, e foram apresentadas ao público voluntário usando óculos de realidade virtual, mais especificamente o modelo *Headset* de Realidade Virtual *Tecnet* da marca *VR Shinecon* (Figura 3). A escolha do instrumento foi baseada em pesquisas anteriores nas quais já havia sido empregado e validado (Oliveira; Pereira, 2022). Observou-se que a adoção dessa estratégia permitiu uma maior imersão dos potenciais consumidores no ambiente investigado, obtendo respostas mais satisfatórias e coerentes com o escopo do projeto, e evitando enviesamento dos resultados.

Os dados obtidos foram submetidos a uma análise descritiva básica. De acordo com Reis e Reis (2002, p. 5), "Utilizamos métodos de Estatística Descritiva para organizar, resumir e descrever os aspectos importantes de um conjunto de características observadas ou comparar tais características entre dois, ou mais conjuntos". Baseando nisso, foram identificadas as distribuições de frequência para cada afeto analisado, e os resultados foram representados por meio de gráficos de radar e tabelas. Portanto, observa-se que a análise de estatística descritiva se mostrou suficientemente satisfatória para a obtenção das inferências desta pesquisa. Todos os participantes da pesquisa empírica eram maiores de 18 anos e concordaram previamente com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Figura 3: Óculos de realidade virtual imersivo utilizado na pesquisa de campo



Fonte: [Amazon](#) (2022)¹.

4 ANÁLISE VISUAL E AFETIVA DE LOJAS DE VESTUÁRIO (DISCUSSÕES E RESULTADOS)

Após a apresentação dos processos metodológicos e a realização da coleta de dados da pesquisa empírica por meio de questionários, com participação do público-alvo das lojas descritas, os dados e resultados da entrevista serão explicitados. Ao total, foram obtidas 90 respostas válidas no questionário, nas quais as principais percepções em relação a cada loja serão discutidas.

Loja A

Na primeira loja, cujo público-alvo eram mulheres entre 20 e 40 anos com uma renda mensal média de R\$5.000,00, observou-se a adoção de um sistema de organização baseado em cores. A distribuição das peças foi realizada utilizando araras, onde as roupas de mesma cor, independentemente de seu modelo (sejam calças, blusas, vestidos ou saias), eram agrupadas em um mesmo ambiente (Figura 4 – A). Levy e Weitz (2000) explicam que a organização das peças no ambiente da loja deve obedecer a imagem da marca e pode ser feita por diferentes formas, tais como por estilo, cores e preços. Embora a organização por cores seja aplicada em diversas lojas (Silva; Teixeira; Soares, 2020), Ferrão, Barth e Libânio (2016) sugerem que essa escolha pode ser confusa e dificultar a visibilidade dos produtos pelos consumidores.

No estudo, foi observado que a mobília de madeira clara criou um contraste adequado com a iluminação branca e difusa, devido à semelhança entre os tons. Além disso, as luzes de cor amarelada posicionadas atrás das araras também proporcionaram um contraste no ambiente, tornando-o mais claro e brilhante. Essas luzes direcionadas exclusivamente para os produtos, se alinham com as recomendações encontradas nos resultados do estudo de França (2017) com consumidores. Silva, Teixeira e Soares (2020, p. 27) explicam que “Atualmente, os lojistas utilizam-se de luzes flexíveis, pois se tratam (*sic*) de uma combinação de cores, sendo umas fluorescentes, outras básicas e incandescentes. Tudo isso, visa ressaltar a mercadoria em exposição. Quando os varejistas utilizam diferentes luzes, eles objetivam causar efeito à mercadoria exposta”. Em contrapartida, a escolha por uma iluminação mais incandescente pode prejudicar a percepção da loja como um local de preço mais elevado, uma vez que lojas desse tipo costumam utilizar cores mais suaves em seus ambientes (Bitencourt; Tamashiro, 2017).

É importante destacar que a presença de balcões e mesas no meio da loja com itens decorativos que exibem joias e bijuterias podem dificultar a circulação dos consumidores no ambiente, especialmente em uma loja retangular, como a analisada neste estudo. Essa observação corrobora com França (2017), no qual recomenda que as lojas devem garantir uma movimentação adequada dos consumidores, sem obstruções no ambiente.



Figura 4: Organização visual da Loja A em 360°

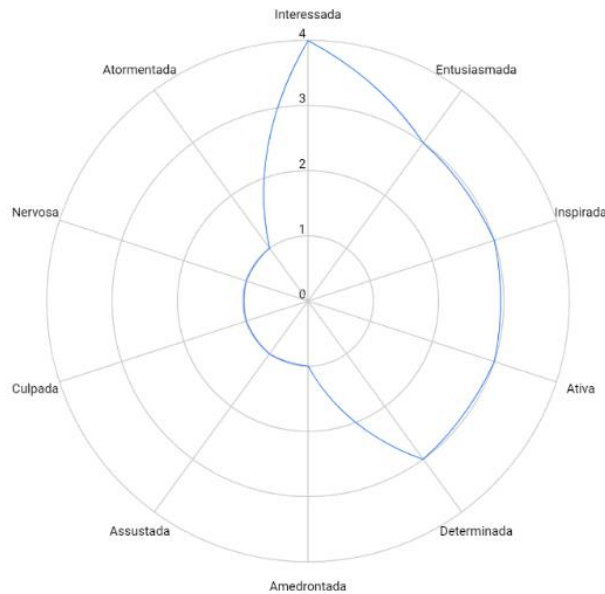
Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Na Figura 4 (B), é possível observar a loja A sob um ângulo diferente. Assim sendo, é evidente uma nova abordagem na organização das peças, na qual araras exibem blusas de modelos semelhantes, mas de cores diferentes e contrastantes, que foram dispostas em níveis distintos. Isso resulta em uma hierarquização entre os produtos, embora as causas dessa organização não possam ser totalmente inferidas, sendo possivelmente relacionadas ao preço ou material das peças. A organização por cores se estende por toda a loja, assim como a iluminação e o uso de móveis claros. No entanto, o balcão de vidro no centro, destinado como apoio para as vendedoras, limita a circulação dos clientes e na visualização geral do ambiente. Isso ocorre pois o cliente precisa avaliar a peça no espelho localizado no fundo da loja, sendo necessário um espaço amplo e desobstruído como é encontrado nos provadores localizados próximos a poltronas, que, por sua vez, servem como apoio para acompanhantes e clientes. O uso das madeiras como decoração, assim como os objetos de ornamentação aparentam estar adequadamente posicionados e harmonizados com o ambiente. Adicionalmente, a presença de manequins na loja contribui para uma melhor visualização das peças no corpo (Figura 5).

Em seguida, avançando para a pesquisa de campo, o questionário direcionado à loja “A” contou com a colaboração de um total de 30 voluntários que aceitaram participar do estudo. A pesquisa foi realizada ao

longo de 4 encontros. Quanto a análise dos resultados, é possível observar que o perfil dos participantes foi predominantemente composto por indivíduos do sexo feminino. Dentre os participantes, 70% tinham idade entre 30 e 49 anos, 76% possuíam níveis de formação que variavam entre especialização, mestrado e doutorado. Em relação à renda, 43% dos participantes ganhavam entre R\$ 5.000,00 e 10.000,00, e 23% relataram ganhar mais de R\$ 10.000,00. Quanto à área de atuação, 52% dos participantes atuavam na área da saúde, 16% eram formados em direito, e os demais possuíam formação em outras áreas de humanas.

Figura 5: Gráfico radar da Loja “A” sobre as emoções positivas e negativas



Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Ao analisar a loja “A”, localizada no centro da cidade, constatou-se que o ambiente da loja atendeu às expectativas predominantemente favoráveis dos afetos investigados. Em uma escala de 0 a 5, a mediana dos afetos positivos variou entre 3 e 4 em relação a todos os sentimentos gerados pela loja (Figura 4). Isso sugere que os participantes demonstraram interesse em comprar na loja, especialmente quando influenciados por afetos como entusiasmo, inspiração, sensação de estar ativo e determinado. Em contrapartida, os aspectos negativos atingiram uma mediana de 1 em uma escala de 0 a 5. Essa pontuação demonstra que a loja teve um impacto muito pequeno no que diz respeito a sentimentos negativos nos possíveis clientes, tais como deixá-los amedrontado, assustado, culpado, nervoso ou atormentado.

Foi constatado que a loja “A” alcançou os aspectos positivos associados aos sentimentos no ambiente de venda de peças de vestuário e em sua influência sobre as decisões de compra. Assim, fica evidente a importância de atribuir novos significados ao ambiente de uma loja de moda. Isso envolve contemplar diversos fatores que vão além da comercialização, abrangendo humanização, acolhimento do ambiente físico, estético, afetivo e das sensações. Segundo Carvalhal (2020, p.17), “Não é só vender um produto, mas sobretudo um modo de vida, um imaginário, valores capazes de criar identificação e desencadear uma relação afetiva (...)”.

Ao avaliar a percepção dos participantes em relação ao ambiente da loja, quando questionadas sobre “O que você mais gostou no ambiente da loja?” as respostas dos participantes incluíram:

- “A disposição das roupas, a claridade do ambiente, por ter 4 espaços, não ser apertada, gosto das cores, a tonalidade de cor que me deixa tranquila...”;
- “Bacana as roupas, a loja, ambiente organizado, iluminação, bonita ...”;
- “Organização dividida em cores, ambiente aconchegante, ambiente amplo.”;
- “Distribuição dos produtos, cores, espaço da loja e iluminação.”;
- “Ambiente bonito, agradável”.

Tais declarações, além de evidenciarem que os consumidores não perceberam o espaço da loja como sendo apertado, sintetizam o que a maioria dos participantes relataram que comprariam na loja A, por considerarem um ambiente agradável, bem-organizado, com uma boa distribuição das peças, influência

positiva das cores, beleza e com iluminação atrativa. Em contraponto, é importante destacar que entre os 30 participantes, 13 respondentes relataram pontos negativos ao serem questionados sobre “O que você menos gostou no ambiente da loja?” (repostas apresentadas no Quadro 3).

Quadro 3 – Atributos negativos identificados na Loja A

| Categoria | Problemática |
|-------------------------------------|---|
| Espaço | Os participantes apontaram que o tamanho do espaço não é grande o suficiente, por ter muitos objetos distribuídos, o que dificulta a visualização dos produtos. |
| Organização/Distribuição do produto | Os participantes apontaram que a disposição dos produtos não favorece tanto o consumo, tendo muita opção aparente, com muita variedade de cores, podendo atrapalhar na escolha. |
| Iluminação | Os respondentes apontaram que a loja aparenta ter muita iluminação, não sendo centralizada em pontos estratégicos, mas difusa e confusa. |

Fonte: Elaborado pelas autoras de acordo com os dados da pesquisa

Essas respostas corroboram com o alerta do autor Underhill (1999) sobre a importância de considerar os pontos negativos ao projetar o espaço físico, especialmente quando atrelado a ambientes pequenos, uma vez que podem gerar sensações desfavoráveis durante o processo de compra. Contudo, dentro dessa pesquisa os aspectos negativos foram inferiores aos aspectos positivos, o que contribui para um melhor entendimento da avaliação realizada.

Loja B

Inicialmente, foi observado que a loja B opta pela organização das peças em tons claros e variações de bege, dentro de ambiente com prateleiras em tons suaves de marrom. A iluminação, mantida em níveis médios e difusa, é estrategicamente posicionada a uma pequena distância dos produtos, o que aparenta destacá-los no espaço. Além disso, essa preferência por uma iluminação mais suave amplia a percepção de valor da loja, segundo o que aponta Bitencourt e Tamashiro (2017). Ao analisar a imagem da loja (Figura 6 – A), é possível observar que o estabelecimento optou por agrupar os produtos baseados em suas cores, tal como a mesma estratégia da loja anterior. Como discutido anteriormente, essa escolha pode dificultar que os consumidores encontrem um tipo específico de produto (Ferrão; Barth; Libânio, 2016). No entanto, os clientes que possuem uma preferência por determinada cor podem direcionar-se a uma seção específica da loja, o que facilita uma compra rápida e, possivelmente, os leva a considerar outros tipos de produtos.



Figura 6: Organização visual da Loja B em 360°

Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Além disso, foi observado que a variação de tamanhos foi uma estratégia também adotada pela loja. Isso se relaciona ao princípio de ordenação por hierarquia e escalas, onde o foco é voltado para que certos elementos de uma configuração sejam percebidos primeiro que outros (Silveira, 2022). Essa escolha pode ser usada para enfatizar e valorizar itens mais caros ou que estejam em tendência. Porém, é importante

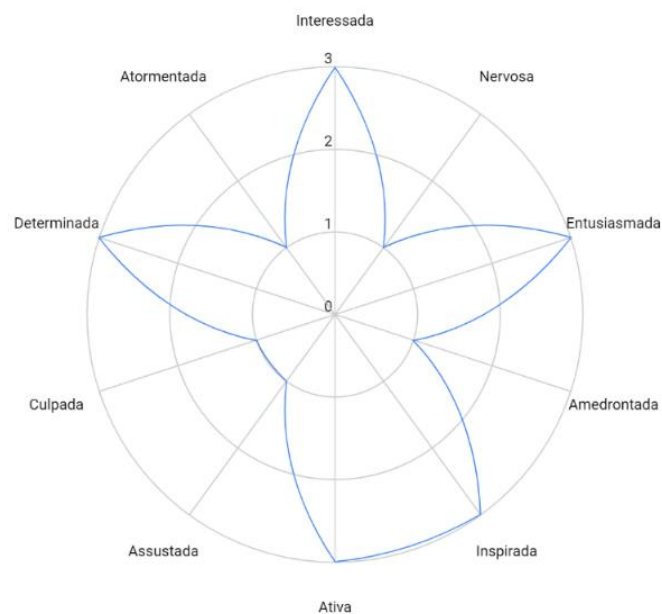
notar que o espaço limitado no qual os produtos são organizados pode dificultar a visualização adequada dos itens de maneira individual, uma vez que estão muito próximos uns dos outros. Ademais, é perceptível que os objetos de cores vibrantes são os primeiros a chamar atenção, principalmente devido à iluminação e às cores de fundo menos saturadas. Todavia, essa estratégia também proporciona um efeito de contraste simultâneo (Barros, 2011).

A bancada central é utilizada para expor carteiras e bolsas de cores e texturas variadas. Além disso, ela serve como apoio para o atendimento ao cliente. O caixa, localizado no fundo da loja, permite que funcionários tenham uma visão completa do ambiente, assim, conseguindo formular uma estratégia de vendas eficaz e, dessa forma, incentivar o cliente a finalizar a compra de maneira satisfatória. A organização das peças também influencia o afeto do cliente em relação à compra, devido à uma visão mais clara dos itens de peças de roupas nas prateleiras e contribui para a uniformidade das roupas em relação aos demais itens. Na segunda parte da loja (Figura 6 – B), é possível identificar um tipo diferente de organização, baseado em categorias de produtos, com uma disposição das peças que aparenta ser mais harmônica, criando um contraste de cores variadas. Com mais espaço para a circulação dos clientes e as peças relacionadas posicionadas próximas umas das outras, o ambiente parece tornar-se mais visualmente prático, atraente, confortável e delicado. A paleta de cores da loja segue a mesma tonalidade de bege e lilás em ambos os espaços, além de uma iluminação clara, difusa e suave. Combinado com a mobília de madeira clara, isso resulta em um ambiente bem iluminado, porém com cores pouco saturadas. As roupas dispostas nos móveis foram organizadas de forma convencional e harmoniosa, com uma peça dobrada sobre a outra e todas envoltas em plástico transparente para proteção da peça.

Assim como nas demais lojas, foram coletadas 30 respostas para a loja B, com a participação de voluntários, todos do sexo feminino. Dentre as participantes, observamos que 46,7% tinham idades entre 30 e 39 anos. Além disso, 46,7% possuem uma graduação concluída ou em andamento. Quanto à renda mensal, 26,7% recebem entre R\$2.000,00 e R\$3.000,00, 26,7% ganham entre R\$4.000,00 e R\$5.000,00, e 23,3% ganham entre R\$3.000,00 e R\$4.000,00 ².

A principal pergunta questionava os sentimentos das participantes ao visualizarem a loja como um todo e o seu posicionamento, em uma escala de 0 a 5, cuja mediana atingiu o máximo de 3 (Figura 7) para todos os afetos positivos. Esses afetos demonstraram sentimentos de uma pessoa determinada, interessada, ativa e inspirada, sendo observado que 73,3% delas demonstraram interesse em comprar na loja, afirmando que o que mais as atraiu foi a distribuição/setorização dos produtos e a iluminação. Quanto aos afetos negativos, na mesma escala (0 a 5) foi alcançada a mediana 1, o que é um aspecto assertivo, uma vez que estamos tratando de sentimentos desfavoráveis que poderiam surgir ao entrar no local.

Figura 7: Gráfico radar da Loja “B” sobre as emoções positivas e negativas



Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Além dos aspectos positivos, é importante destacar também alguns pontos negativos que surgiram quando questionamos “o que menos gostou no ambiente da loja?”. Esses foram os dois pontos que obtiveram consideráveis comentários, como demonstrado no quadro a seguir (Quadro 4):

Quadro 4 – Atributos negativos identificados na Loja B

| Categoria | Problemática |
|-------------------------------------|--|
| Espaço | As participantes apontaram que o tamanho do espaço não é grande o suficiente, pois tem muitos objetos distribuídos, o que dificulta a visualização dos produtos. |
| Organização/Distribuição do produto | As participantes apontaram que a disposição dos produtos não é tão favorável, pois não há setorização, resultando em uma mistura que pode atrapalhar na escolha. |

Fonte: Elaborado pelas autoras de acordo com os dados da pesquisa

Concluiu-se que, embora os pontos positivos tenham se sobressaído em relação aos aspectos negativos, não se pode ignorar os afetos negativos. Há uma necessidade de aumentar o espaço para melhor aproveitamento e setorizar as peças, mesmo que já haja uma organização por cores.

Loja C

Por fim, em relação à loja C, foi observado que esta não possui uma organização específica e padronizada, como é vista nas lojas A e B. Além disso, a distribuição de produtos e itens pela loja é caracterizada por aleatoriedade e falta de harmonia. O foco recai mais na exposição de muitos produtos, o que contrasta com a abordagem de Sá e Marcondes (2010, p. 518), em que “[...] costumam ser poucos os produtos expostos para dar a sensação de haver um espaço interno amplo e confortável”. A loja C apresenta uma mobília clara que, em sintonia com a iluminação branca e direta, proporciona um ambiente com uma luminosidade artificial. Além disso, são visualizadas araras e compartimentos quadrados que abrigam diversos tipos de produtos, como blusas, calças, camisas, moletons e sapatos, de maneira desproporcional.

Além disso, a loja oferece produtos destinados ao público tanto masculino quanto feminino. A estratégia utilizada para dividir os dois segmentos envolve colocar as peças femininas de um lado da loja e as masculinas de outro lado. Dois balcões são dispostos no centro da loja, um deles contém produtos diversos, como sandálias, shorts, perfumes e hidratantes, enquanto o outro balcão abriga bermudas, algumas opções de sandálias e chinelos, além de calçados masculinos, bermudas, bijuterias e um manequim exibindo uma blusa com estampa (Figura 8 – A).



Fonte: Registrado pelos autores (2022).

A loja é dividida em duas partes, sendo a primeira (Figura 8 – A) a sua área de entrada. Com isso, pode-se perceber que quando os clientes adentram o espaço tem o primeiro contato com a seção descrita anteriormente. Ao se deslocarem para o outro lado do estabelecimento, eles/elas encontrarão uma série adicional de produtos dispostos de forma aparentemente aleatória pelo ambiente: (i) nas paredes, estão expostos os produtos destinados ao corpo, como hidratantes, perfumes e cremes em geral; (ii) na parte

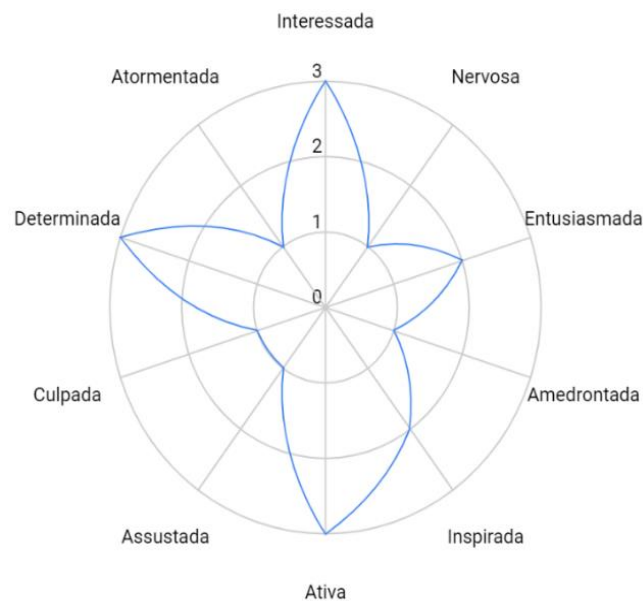
inferior e ao final da parede, há algumas calças dobradas e sobrepostas; (iii) na parede do fundo, bolsas são exibidas; (iv) na parte da frente, um balcão com divisórias na parte inferior abriga roupas dobradas e sobrepostas, também em quantidades desproporcionais; (v) no meio da loja é posicionado um outro balcão, que em sua parte inferior expõe shorts, bermudas e saias, o que dificulta a circulação dos clientes.

Na parte superior destes balcões foram dispostas mais algumas mercadorias dobradas. No entanto, devido ao excesso de produtos, a impressão dos clientes a respeito desse ambiente foi de desorganização. Note-se, ainda, que nas outras paredes o padrão de disposição é semelhante, uma delas exhibe produtos relacionados à praia, enquanto a outra apresenta roupas em geral, calças e hidratantes. Também há uma mesa de cabeceira colocada à frente do segundo balcão, que é decorada com flores e mais alguns produtos corporais (Figura 8 – B).

No contexto da pesquisa com potenciais consumidores e considerando a análise do questionário voltado para a loja “C”, obteve-se a participação de um total de 30 voluntários que concordaram em participar da pesquisa, realizada ao longo de 4 encontros. Quanto à análise dos resultados, pode-se observar que o perfil dos participantes eram todos do sexo feminino. Dentre as participantes, 43% tinham idade entre 19 e 29 anos, 66% delas possuíam formação no ensino médio, 53% delas tinham renda mensal entre R\$ 1.000,00 e R\$2.000,00, e 33% ganhavam menos de R\$ 1.000,00.

Ao analisar a loja “C”, constatou-se que esta atendeu predominantemente as expectativas favoráveis em relação aos afetos investigados entre os consumidores. Em uma escala de 0 a 5, a mediana geral foi em torno de 3 no que diz respeito a todos os sentimentos positivos que a loja despertou. As participantes demonstraram interesse em comprar na loja, sendo influenciadas principalmente por afetos como interesse, sentindo-se ativa e determinada. Por outro lado, os aspectos negativos, em uma escala de 0 a 5, atingiram uma mediana de 1, representando um percentual mínimo em relação aos sentimentos negativos que a loja poderia gerar nas possíveis clientes. Estes sentimentos incluíam ficar amedrontada, assustada, culpada, nervosa ou atormentada (Figura 9).

Figura 9: Gráfico radar da Loja “C” sobre as emoções positivas e negativas



Fonte: Registrado pelos autores (2022).

Em relação à percepção das participantes sobre o ambiente da loja, ao serem questionadas sobre “O que você mais gostou no ambiente da loja?”, as respostas obtidas se referiram a “bolsas, sandálias, roupas, perfumes”, “iluminação” e “A iluminação, variedades de produtos”. Essas frases sintetizam a maioria das avaliações recebidas, observando-se que a maioria das quais relatou ter comprado na loja C devido à sua ampla variedade de produtos.

Vale a pena enfatizar que, apesar da predominância de afetos positivos na loja, com uma mediana de 3, especialmente quando comparada às outras lojas estudadas, essa pontuação demonstra um nível moderado de afetividade. Portanto, em relação à pergunta “O que você menos gostou no ambiente da

loja?”, foram identificadas quatro categorias de questões problemáticas no ambiente da Loja C (identificadas no Quadro 5).

Quadro 5 – Atributos negativos identificados na Loja C

| Categoria | Problemática |
|------------------------|---|
| Espaço | As participantes apontaram que o tamanho do espaço não é grande o suficiente, por ter muitos objetos distribuídos, o qual resulta na dificuldade da visualização dos produtos. |
| Organização | As participantes apontaram que por se tratar de um espaço não tão amplo, os produtos poderiam ser mais bem organizados para não parecerem amontoados. |
| Cores | As participantes apontaram que poderia haver uma melhor distribuição de cores entre os produtos, de modo a parecer visualmente mais harmônico. |
| Utilização de espelhos | As participantes apontaram que seria interessante ter mais espelhos ao longo da loja, trazendo a possibilidade de se verem com alguns dos produtos sem precisar ir para o provador. |

Fonte: Elaborado pelas autoras de acordo com os dados da pesquisa

Dessa forma, podemos concluir que a loja evoca predominantemente afetos positivos, baseados principalmente na variedade de produtos que oferece, juntamente com uma boa iluminação, que foi mencionada tanto como um aspecto positivo quanto negativo. No entanto, as participantes destacaram a necessidade de uma organização mais eficaz dos produtos, considerando a possibilidade de classificá-los por cores como uma estratégia para torná-los mais harmoniosos.

Como afirma Bautista (2009, p.49), é necessário pensar o *branding* como “uma estratégia de negócio que se revitaliza dia após dia, através da construção constante de ligações emocionais profundas com os seus consumidores”. Portanto, dentro do contexto geral, torna-se evidente a importância de adotar uma abordagem de moda afetiva, que envolve os sentimentos e emoções, compreende a interpretação das linguagens, busca estabelecer conexões entre as pessoas e transitar na história, considerando os estímulos internos e externos, sociais, culturais, ideológicos, sensitivos e humanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo compreender de quais maneiras os potenciais consumidores de moda percebem afetivamente os ambientes das lojas locais de moda. Para alcançar esse objetivo, a presente investigação foi aplicada a um público de 90 potenciais consumidores, fazendo uso de óculos de realidade virtual (VR) imersiva. Essa técnica de visualização de informação é cada vez mais utilizada para melhorar o processo de busca e tomada de decisões em relação a um grande volume de informações.

Para criar os estímulos visuais, realizou-se a captura de imagens em 360° em vários ângulos de 3 lojas na cidade que demonstraram interesse prévio em participar do estudo. Essas lojas foram subsequentemente categorizadas como A, B e C. A loja A é considerada de padrão mais elevado, caracterizada por um ambiente estruturado, confortável, climatizado, com um *layout* bem definido de toda a loja e vitrine, música ambiente e produtos com preços mais elevados, direcionados a consumidores de maior poder aquisitivo. A loja B, de padrão intermediário, oferece um ambiente agradável, também climatizado, com música ambiente, mas com uma dimensão estrutural menor com *layout* menos elaborado os produtos têm preços inferiores aos da loja A, atraindo uma clientela de classe média. Por fim, a loja C é considerada como mais “popular”, com um ambiente desprovido de climatização em comparação às lojas anteriores. Oferece uma ampla variedade de mercadorias, que vão desde *looks* completos até produtos de perfumaria e com preços dos produtos mais acessíveis.

Para viabilizar a experiência com os óculos de RV, um celular e dois aplicativos foram utilizados: o aplicativo de câmera panorâmica 360, chamado passeios e o aplicativo *Google Cardboard*, que foi baixado em um celular *Android*. Esse dispositivo continha as imagens em 360° de cada uma das lojas, em várias dimensões. Os participantes usavam os óculos de RV e, faziam a interação com as imagens em 3D. Ao mesmo tempo em que ocorria a interação, eram feitas as perguntas do formulário desenvolvido para a pesquisa. O formulário abrangia duas sessões, uma com questões direcionadas a explorar as sensações e

sentimentos que as imagens das lojas despertavam nos participantes focando nos aspectos afetivos e refletindo sobre desejos e comportamentos. A segunda sessão incluía questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, visando compreender melhor a identidade da população-alvo e permitir o entendimento do perfil individual de cada participante em relação à população geral.

Nesse contexto, observou-se que as três lojas em grande parte evocam estímulos moderados de natureza positiva e baixos estímulos negativos. Foi percebido que as lojas trazem sentimentos de interesse, entusiasmo, inspiração, atividade e determinação, mas enfrentam desafios relacionados ao dimensionamento do espaço, à distribuição dos produtos e à iluminação. Esse mesmo cenário foi observado na Loja B, embora com iluminação considerada satisfatória. Por outro lado, a Loja C despertou estímulos de interesse, determinação e atividade, mas apresentou problemas de organização de produto, distribuição de cores, baixa iluminação e falta de espelhos.

Por meio desta pesquisa, é possível destacar a importância que uma loja de moda deve ter para conquistar a atenção dos consumidores, com o objetivo de manter seus clientes ativos e atrair novos. Nesse sentido, este estudo contribui para enfatizar que as empresas devem buscar uma integração entre seus valores, produtos, ambiente interno e externo, bem como a maneira como os comunicam, conforme indicado por Kotler (1973) ao se referir ao ambiente total de uma loja, onde toda a atmosfera influencia na decisão de compra do consumidor. Portanto, é essencial escutar o cliente, a fim de desenvolver uma nova abordagem no empreendimento de moda, criando um ambiente que encante, estabeleça laços emocionais positivos e agregue significado aos seus produtos no contexto da moda afetiva.

Para pesquisas futuras, sugere-se investigar mais profundamente o uso de tecnologias de realidade virtual para avaliar a percepção dos consumidores em relação aos ambientes de lojas de moda. Isso pode incluir estudos comparativos entre a experiência em realidade virtual e a experiência física real nas lojas. Além disso, é interessante explorar como a personalização do ambiente da loja, com base nas preferências individuais dos consumidores, pode influenciar a satisfação e as intenções de compra. Isso poderia envolver o uso de tecnologias de análise de dados para adaptar o ambiente da loja de acordo com as necessidades de cada cliente. Por fim, seria relevante compreender como a integração de elementos multissensoriais, como música, fragrâncias e texturas, afeta a experiência do cliente e suas decisões de compra em lojas de moda.

AGRADECIMENTOS

Os autores do artigo agradecem as bolsas de iniciação científica concedidas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus Caicó*, através do edital N° 04/2022 - PROPI/RE/IFRN, que permitiram o desenvolvimento deste estudo.

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍ, D. P.; GUILERA, T.; LLADÓS, M. Gender differences between the emotions experienced and those identified in an urban space, based on heart rate variability. *Cities*, v. 131, p. 104000, 2022.
- ALEXANDER, B.; NOBBS, K. Multi-sensory fashion retail experiences: The impact of sound, smell, sight and touch on consumer-based brand equity. In: *Global Branding: Breakthroughs in Research and Practice*. IGI Global, 2020. p. 39-62.
- AREZOOMAND, M. *Exploring Design Methods for Dynamic User Preferences*. Tese de doutorado, Universidade de Michigan. Michigan, 2021.
- AUERNHAMMER J.; LIU W.; OHASHI T.; LEIFER L.; BYLER E.; PAN W. NeuroDesign: Embracing Neuroscience Instruments to Investigate Human Collaboration in Design. In: AHRAM T.; TAIAR R.; LANGLOIS K.; CHOPLIN A. (Org.) *Human Interaction, Emerging Technologies and Future Applications III*. IHMET 2020. Advances in Intelligent Systems and Computing, v. 1253. Springer, Cham, 2021.
- AUERNHAMMER, J.; SONALKAR, N.; SAGGAR, M. NeuroDesign: From Neuroscience Research to Design Thinking Practice. In: Meinel C.; Leifer L. (Org.) *Design Thinking Research. Understanding Innovation*. Springer, Cham, 2021.
- AYRES, M. B.; FERREIRA, A.; PAGNOSSIN, L. Ambiente do *visual merchandising* em lojas de varejo de Santa Maria - RS. *Revista sobre Excelência em Gestão e Qualidade*, v. 1, n. 1, p. 25-34, 8 out. 2019.
- BARROS, L. R. M. *A Cor no Processo Criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe*. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- BARROS, L. B. L.; PETROLL, M. L. M.; DAMACENA, C.; KNOPPE, M. Store atmosphere and impulse: a cross-cultural study. *International Journal of Retail & Distribution Management*, v. 47, n. 8, p. 817-835, 2019.

- BEZERRA, B. B.; COVALESKI, R. L. Marketing experimental e criação artística: uma análise da atual demanda de consumo. *Revista FAMECOS*, v. 21, n. 1, p. 224-250, 2014.
- BIST, S. S.; MEHTA, N. Positioning through *visual merchandising*: Can multi-brand outlets do it? *Asia Pacific Management Review*, v. 28, n. 3, p. 267-275, 2023.
- BRDAR, I. Positive and Negative Affect Schedule (PANAS). In: MAGGINO, F. (Ed.). *Encyclopedia of Quality of Life and Well-Being Research*. Springer, Cham, 2022.
- BRIDGER, D. *Neuromarketing*: como a neurociência aliada ao design pode aumentar o engajamento e a influência sobre os consumidores. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. São Paulo: Autêntica Business, 2018.
- BÜRDEK, B. E. *Design: História, Teoria e Prática do Design de Produtos*. São Paulo: Editora Blucher, 2010.
- CARDOSO, R. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- Chen, L.; Halepoto, H.; Liu, C.; Yan, X.; Qiu, L. Research on Influencing Mechanism of Fashion Brand Image Value Creation Based on Consumer Value Co-Creation and Experiential Value Perception Theory. *Sustainability*, v. 14, n. 13, p. 7524, 2022.
- CUESTA-VALIÑO, P.; GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ, P.; NÚÑEZ-BARRIOPEDRO, E. The role of consumer happiness in brand loyalty: a model of the satisfaction and brand image in fashion. *Corporate Governance*, v. 22, n. 3, p. 458-473, 2022.
- DE LUCA, R.; BOTELHO, D. The unconscious perception of smells as a driver of consumer responses: a framework integrating the emotion-cognition approach to scent marketing. *AMS Rev*, v. 11, p. 145-161, 2021.
- DIKER, B.; DEMIRKAN, H. Evaluating Interior Architectural Elements That Influence Perception of Spaciousness in Isolated, Confined, and Extreme Environments. *International Journal of Digital Innovation in the Built Environment*, v. 11, n. 3, p. 1-15, 2022.
- DOZIO, N.; MARCOLIN, F.; SCURATI, G. W.; ULRICH, L.; NONIS, F.; VEZZETTI, E.; MARSOCCI, G.; ROSA, A. L.; FERRISE, F. A design methodology for affective Virtual Reality. *International Journal of Human-Computer Studies*, v. 162, p. 102791, 2022.
- DUARTE, I. A. M. *Percepção afetiva das cores: um estado de ambiente de hemodiálise em uso*. 2019. 157 f. (Dissertação de Mestrado em Design), Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2019.
- FERRÃO, K. N.; BARTH, A. P.; LIBÂNIO, C. *Estudo de melhorias do merchandising visual de uma loja de varejo de moda*. In: Blucher Design Proceedings, dezembro, 2016. *Anais...* Belo Horizonte, 2016. p. 4784-4795.
- GABRIEL, M.; KISO, R. *Marketing Na Era Digital: Conceitos, Plataformas e Estratégias*. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2020.
- GALINHA, I. C.; PEREIRA, C. R.; ESTEVES, F. Versão reduzida da escala portuguesa de afeto positivo e negativo – PANAS---VRP: Análise fatorial confirmatória e invariância temporal. *Revista Psicologia – Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, v. 28, n.1, p. 53-65, 2014.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GREWAL D.; LEVY M. E.; KUMAR V. Customer experience management in retailing: an organization framework. *Journal of retailing*, v. 85, n. 1, p. 1 – 14, 2009.
- GUERRA, I. C. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Portugal: Principia Editora, 2006.
- HANSEN, E. K.; BJØRNER, T.; XYLAKIS, E.; PAJUSTE, M. An experiment of double dynamic lighting in an office responding to sky and daylight: Perceived effects on comfort, atmosphere and work engagement. *Indoor and Built Environment*, v. 31, n. 2, p. 355-374, 2022.
- HASHMI, H. B. A.; SHU, C.; HAIDER, S. W. Moderating effect of hedonism on store environment-impulse buying nexus. *International Journal of Retail & Distribution Management*, v. 48, n. 5, p. 465-483, 2020.
- HÖPNER, A.; GANZER, P. P.; CHAIS, C.; MUNHOZ-OLEA, P. Experiência do consumidor no varejo: um estudo bibliométrico. *Revista Brasileira de Marketing*, v. 14, n. 4, p. 513-528, 2015.
- HUSSAIN, S. Sensory Marketing Strategies and Consumer Behavior: Sensible Selling Using All Five Senses. *IUP Journal of Business Strategy*, v. 16, n. 3, 2019.
- HWANG, J.; CHOE, J. Y.; KIM, H. M.; KIM, J. J. Human baristas and robot baristas: How does brand experience affect brand satisfaction, brand attitude, brand attachment, and brand loyalty? *International Journal of Hospitality Management*, v. 99, p. 103050, 2021.
- IAROCCHI, L. (Ed.). *Visual merchandising: The image of selling*. Ashgate Publishing, Ltd., 2013.
- INGALDI, M.; ULEWICZ, R. How to Make E-Commerce More Successful by Use of Kano's Model to Assess Customer Satisfaction in Terms of Sustainable Development. *Sustainability*, v. 11, n. 18, p. 4830, 2019.

- IYER, G. R.; BLUT, M.; XIAO, S. H.; GREWAL, D. Impulse buying: a meta-analytic review. *Journal of the Academy of Marketing Science*, v. 48, p. 384-404, 2020.
- IBEHARIM, H.; ZULKURNAIN, N. A. Z.; SHAH, R. N. S. R. A.; ROSLI, S. Q. *Visual merchandising* and Customers' Impulse Buying Behavior: A Case of a Fashion Specialty Store. *International Journal of Service Management and Sustainability*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 1-24, mar. 2020.
- JIMÉNEZ-MARÍN, G.; BELLIDO-PÉREZ, E.; LÓPEZ-Cortés, Á. Marketing sensorial: el concepto, sus técnicas y su aplicación en el punto de venta. *Vivat Academia*, n. 148, p. 121-147, 2019.
- JIMÉNEZ-MARÍN, G.; ALVARADO, M. M. R.; GONZÁLEZ-Oñate, C. Application of Sensory Marketing Techniques at Marengo, a Small Sustainable Men's Fashion Store in Spain: Based on the Hulten, Broweus and van Dijk Model. *Sustainability*, v. 14, n. 9, p. 12547, 2022.
- JIN, B. E.; SHIN, D. C. Changing the game to compete: Innovations in the fashion retail industry from the disruptive business model. *Business Horizons*, v. 63, n. 3, p. 301-311, 2020.
- KAKLAUSKAS, A.; ABRAHAM, A.; DZEMYDA, G.; RASLANAS, S.; SENIUT, M.; UBARTE, I.; KURASOVA, O.; BINKYTE-VELIENE, A.; CERKAUSKAS, J. Emotional, affective and biometrical states analytics of a built environment. *Engineering Applications of Artificial Intelligence*, V. 91, p. 103621, 2020.
- KIM, Y. K.; SULLIVAN, P. Emotional branding speaks to consumers' heart: the case of fashion brands. *Fashion Textiles*, v. 6, n. 2, 2019.
- KOTLER, P. Atmospherics as a Marketing Tool. *Journal of Retailing*, v. 49, p. 4-48, 1973.
- KOTLER, P. *Administração de Marketing*. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- Koszembar-Wiklik, M. Sensory marketing – sensory communication and its social perception. *Communication Today*, v. 10, n. 2, p. 146-156, 2019.
- LEMON, K. N.; VERHOEF, P. C. Understanding customer experience throughout the customer journey. *Journal of Marketing*, v. 80, n. 6, p. 69-96, 2016.
- LEVY, M., WEITZ, B. *Administração de Varejo*. São Paulo: Atlas, 2000.
- LIMEIRA, T. M. V. *Comportamento do consumidor brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- LIU, C. L.; ZHANG-ZHANG, Y.; GHAURI, P. N. The influence of internet marketing capabilities on international market performance. *International Marketing Review*, v. 37, n. 3, p. 447-469, 2020.
- LIU, W.; JIN, Y.; LI, B.; LYU, Z.; PAN, W.; WANG, N.; ZHAO, X. NeuroDesign: Making Decisions and Solving Problems Through Understanding of the Human Brain. In: MARCUS A., ROSENZWEIG E. (Org.) *Design, User Experience, and Usability*. *Interaction Design*. HCII 2020. Lecture Notes in Computer Science, v. 12200. Springer, Cham, 2020.
- LOMBART, C.; MILLAN, E.; NORMAND, J.; VERHULST, A.; LABBE-PINLON, B.; MOREAU, G. Effects of physical, non-immersive virtual, and immersive virtual store environments on consumers' perceptions and purchase behavior. *Computers in Human Behavior*, v. 110, p. 106374, 2020.
- MONDOL, E. P.; SALMAN, N. A.; RAHID, A. O.; KARIM, A. M. The Effects of *Visual merchandising* on Consumer's Willingness to Purchase in the Fashion Retail Stores. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, v. 11, n. 7, p. 386-401, 2021.
- MOURATIDIS, K. Urban planning and quality of life: A review of pathways linking the built environment to subjective well-being. *Cities*, V. 115, p. 103229, 2021.
- MURATOVSKY, G. *Research for Designers: a guide to methods and practice*. Londres: Sage Publications, 2016.
- MARÍN-DUEÑAS, P. P.; GÓMEZ-CARMONA, D. Aplicación de las técnicas de marketing sensorial en los establecimientos de moda: el caso de Zara y Stradivarius. *Vivat Academia: Revista De Comunicación*, v. 155, p. 17-32, 2021.
- MUÑOZ, C. F.; PÉREZ, F. A.; ZAPATA, C. M. Marketing sensorial en el sector de la moda femenina: El olor de las tiendas en Madrid. *RAN - Revista Academia & Negocios*, v. 7, n. 1, p. 31-40, 2020.
- NUNES, L. Y. O. et al. Análise psicométrica da PANAS no Brasil. *Ciencias Psicológicas*, v. 13, n. 1, p. 45-55, jun. 2019. .
- OLIVEIRA, B. B. *Análise da percepção do consumidor em relação aos canais de compra online*. Dissertação (Mestrado em Gestão de Pequenas e Médias Empresas) - Instituto Politécnico de Portalegre. Portalegre, 2021.
- OLIVEIRA, V. F. *A percepção da cor ambiental em salas de aula do ensino médio: um estudo em duas Escolas Cidadãs Integrais na Paraíba*. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2020.
- OLIVEIRA, V. F.; PEREIRA, C. P. A percepção da cor ambiental em salas de aula do ensino médio: um estudo em duas escolas cidadãs integrais na Paraíba. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, [S. l.], v. 29, n. 54, p. e173026, 2022.

- OSTAFA, R. B.; KASAMANI, T. Brand experience and brand loyalty: is it a matter of emotions? *Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics*, v. 33, n. 4, p. 1033-1051, 2021.
- POSNER, H. *Marketing de moda*. Editorial Gustavo Gili, 2015.
- REIS, E.A.; REIS I. A. *Análise Descritiva de Dados*. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG. Minas Gerais: UFMG, 2002. Disponível em: www.est.ufmg.br/portal/arquivos/rts/rte0202.pdf. Acesso em 09 set. 2022.
- ROCHA, A. B. B. B. *A experiência de compra do consumidor popular no varejo de moda*. Dissertação (Mestrado em Comportamento do Consumidor) - Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, 2018.
- SÁ, R. R. L. G. D.; MARCONDES, R. C. O ponto de vendas de produtos de luxo da moda de vestuário feminino no Brasil. *Cadernos Ebape*, v. 8, p. 514-534, 2010.
- SANTOS, A.; BUSCH, L. S.; PRADO, H. F.; TEIXEIRA, E. S. M. Survey. In: Santos, A. (Org.). *Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduandos em design e áreas afins*. Curitiba, PR: Insight, 2018. p. 177-197.
- SILVA, K. A.; TEIXEIRA, É.; SOARES, U. G. A influência do layout como fator de crescimento nas vendas no varejo: um estudo de caso na empresa Realce Moda e acessórios em João Pinheiro-MG. *Scientia Generalis*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 22-37, 2020.
- SILVEIRA, N. B. M. *Morfologia do objeto: fundamentos e análise visual dos artefatos tridimensionais*. Curitiba: Appris, 2022.
- TEKIN, S.; KANAT, S. The Effects of Sensory Marketing on Clothing-Buying Behavior. *AUTEX Research Journal*, v. 23, n. 3, p. 315-322, 2022.
- TORRES, P. M. A. An overview on strategic design for socio-technical innovation. *Strategic Design Research Journal*, v. 11, n. 3, p. 186-192, 2018.

NOTAS

¹ Disponível em

https://www.amazon.com.br/dp/B09VT76SD9/ref=redir_mobile_desktop?encoding=UTF8&psc=1&ref=ppx_pop_mob_b_asin_image, acesso em 12 de fevereiro de 2023.

² Como referência, o valor do salário mínimo brasileiro no período de realização da pesquisa (outubro/2022) correspondia a R\$ R\$ 1.212,00.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

PRÁXIS



O ATELIER VIRTUAL INTERNACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA – IVADS 2023: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO COLABORATIVO

EL TALLER VIRTUAL INTERNACIONAL DE PROYECTO ARQUITECTÓNICO – IVADS 2023: UNA EXPERIENCIA DE APRENDIZAJE COLABORATIVO

THE INTERNATIONAL VIRTUAL ARCHITECTURAL DESIGN STUDIO – IVADS 2023: A COLLABORATIVE LEARNING EXPERIENCE

VELOSO, MAISA

Arquiteta e Urbanista, Doutora, Professora Titular da UFRN, E-mail: maisaveloso@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta e discute uma experiência de atelier de projeto colaborativo, desenvolvida de maneira majoritariamente virtual entre setembro e outubro de 2023. O *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS 2023*, atividade associada à 11ª edição do Seminário PROJETAR, reuniu mais de 60 participantes, entre professores, estudantes de graduação e de pós-graduação de quatro instituições parceiras – UFRN, UFPB, UFPE e ULisboa. O IVADS 2023 teve como tema “Intervenções na Preexistência – Concepção de espaços para economia criativa em edificações de valor patrimonial no Bairro de Varadouro, Centro Histórico de João Pessoa, local de realização do 11º PROJETAR. Os principais objetivos desta experiência pedagógica foram fomentar a interação e a colaboração entre docentes e discentes de diferentes escolas separadas geograficamente, em torno de um tema e de uma área de intervenção projetual comuns, em atividades desenvolvidas sobretudo de maneira virtual, utilizando ferramentas e técnicas de auxílio à concepção e ao desenvolvimento do projeto. As atividades consistiram em aulas, palestras, reuniões coletivas e trabalhos de atelier. Apesar do curto tempo de duração - 10 dias - e da pouca familiaridade de parte dos alunos com o tema e a área de estudo, as propostas em nível de estudo preliminar revelaram o esforço de compreensão dos problemas de projeto, de aproximação com as comunidades envolvidas e de preservar ao máximo as estruturas preexistentes. Pedagogicamente, mais do que uma experiência de ensino, considera-se que o IVADS 2023 consistiu em uma rica experiência de aprendizagem colaborativa, tanto no que se refere a estudantes como professores.

PALAVRAS-CHAVE: atelier virtual; projeto; arquitetura; aprendizado; colaboração.

RESUMEN

Este artículo presenta y discute una experiencia de taller de proyecto colaborativo, desarrollada mayoritariamente de manera virtual entre septiembre y octubre de 2023. El *Taller Virtual Internacional de Proyecto Arquitectónico - IVADS 2023*, actividad asociada a la 11ª edición del Seminario PROJETAR, reunió a más de 60 participantes, entre profesores, estudiantes de grado y posgrado de cuatro instituciones asociadas: UFRN, UFPB, UFPE y ULisboa. El tema de IVADS 2023 fue “Intervenciones en la Preexistencia – Proyecto de espacios para la economía creativa en edificios de valor patrimonial en el barrio de Varadouro, Centro Histórico de João Pessoa, sede del 11º PROJETAR. Los principales objetivos de esta experiencia pedagógica fueron fomentar la interacción y colaboración entre profesores y estudiantes de diferentes escuelas geográficamente separadas, en torno a una temática y área común de intervención del proyecto, en actividades realizadas principalmente de manera virtual, utilizando herramientas y técnicas de asistencia con la diseño y desarrollo del proyecto. Las actividades consistieron en clases, conferencias, reuniones colectivas y trabajos de estudio. A pesar de la corta duración - 10 días - y la falta de familiaridad por parte de los estudiantes con el tema y área de estudio, las propuestas a nivel de estudio preliminar revelaron el esfuerzo por comprender la problemática del proyecto, por acercarse a las comunidades involucradas y preservar las estructuras preexistentes tanto como sea posible. Pedagógicamente, más que una experiencia docente, IVADS 2023 se considera una rica experiencia de aprendizaje colaborativo, tanto por parte de estudiantes como de profesores.

PALABRAS CLAVES: taller virtual; proyecto; arquitectura; aprendizaje; colaboración.

ABSTRACT

This article presents and discusses a collaborative design studio experience, developed mostly virtually between September and October 2023. The *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS 2023*, an activity associated with the 11th edition of the PROJETAR Seminar, brought together more than 60 participants, between professors, undergraduate and postgraduate students from four partner institutions – UFRN, UFPB, UFPE and ULisboa. The theme of IVADS 2023 was “Interventions in Preexistence – Design of spaces for creative economy in buildings of heritage value in the neighborhood of Varadouro, Historic Center of João Pessoa, location of the 11th PROJETAR. The main objectives of this pedagogical experience were to encourage interaction and collaboration between teachers and students from different geographically separated schools, around a common theme and area of project intervention, in activities carried out mainly virtually, using tools and techniques of assistance with the design and development of the project. The activities consisted of classes, lectures, collective meetings and studio work. Despite the short duration - 10 days - and the lack of familiarity on the part of the students with the theme and area of study, the proposals at the preliminary study level revealed the effort to understand the project problems, to get closer to the communities involved and to preserve pre-existing structures as much as possible. Pedagogically, more than a teaching experience, IVADS 2023 is considered to consist of a rich collaborative learning experience, both in terms of students and teachers.

KEYWORDS: virtual workshop; project; architecture; learning; collaboration.

Recebido em: 12/12/2023

Aceito em: 22/01/2024

1 INTRODUÇÃO: O QUE É UM ATELIER VIRTUAL DE PROJETO?

Dentre os principais dilemas do ensino/aprendizado do projeto na atualidade, encontra-se a questão do desenvolvimento de atividades remotas, à distância ou de maneira virtual, discussão incrementada a partir da pandemia do novo coronavírus quando foi imposto o distanciamento físico do ambiente de aprendizado cotidiano nas escolas. O atelier virtual de projeto (AVP) ou *Virtual Design Studio (VDS)* é uma das modalidades de ensino possíveis, existente desde os anos 1990 (Celani, 2021), sendo considerada de caráter complementar ao ensino presencial em atelier. Essas experiências de ateliers virtuais não devem ser, portanto, confundidas com o ensino regular de projeto (presencial), nem tampouco com o ensino remoto, surgido excepcionalmente durante a pandemia da COVID 19, adequando o modelo de aulas presenciais ao modo *on line* síncrono. Os AVPs distinguem-se, também, da formação oferecida na modalidade conhecida como EaD (Educação à Distância), não reconhecida pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo para fins de exercício da profissão, em que muitas das aulas ocorrem de maneira assíncrona, por meio de vídeos disponibilizados em plataformas criadas especificamente para este tipo de ensino.

De maneira sucinta, pode-se definir um AVP como uma atividade pedagógica que reúne professores e discentes de diferentes escolas de arquitetura e culturas para desenvolvimento de projetos colaborativos, em ambientes diversos, utilizando a *web* como meio de interação e os diferentes recursos informacionais de auxílio ao projeto, funcionando como verdadeiros intercâmbios culturais à distância. Em pesquisas por nós coordenadas e financiadas pelo CNPq (Veloso, 2021; Veloso *et al.*, 2019) foram feitos o levantamento e a análise de mais de 50 ateliers virtuais realizados no Brasil e no mundo. A caracterização dos diferentes tipos de ateliers levou em consideração os temas abordados, o formato e o programa do curso, as estratégias metodológicas e ferramentas didáticas utilizadas, as características do ambiente físico ou virtual onde ocorrem as atividades, as relações entre professores, estudantes e demais atores envolvidos, além dos tipos e a qualidade dos produtos gerados em cada uma dessas situações. Constatamos que a maioria dos AVPs ocorre de maneira híbrida, conjugando atividades virtuais com atividades presenciais nos ateliers de projeto das escolas envolvidas, em geral associados a disciplinas obrigatórias ou optativas ou a ações de extensão. A duração dos ateliês varia de 05 dias a 16 semanas, contando com a parceria de diferentes universidades de um mesmo país e/ou de continentes diferentes. Até 2020, não tinham sido encontrados no nosso levantamento AVPs 100% virtuais, o que foi impulsionado com as restrições impostas durante o já referido contexto pandêmico

Um dos primeiros ateliers totalmente virtuais foi o *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS 2021*, organizado pelo Grupo PROJETER da UFRN com a colaboração do CIAUD/Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (responsáveis pela 10ª edição do Seminário PROJETER Lisboa 2021) e de docentes e estudantes da UFPB, da UNICAMP e do IFSP. O tema foi Habitação mínima/Abrigo para contextos/situações de catástrofes específicas, em terreno de livre escolha das equipes. A oficina teve 9 dias de duração e contou com a participação de 24 alunos e 14 professores das 5 escolas envolvidas, distribuídos em 4 equipes de projeto. Os resultados dessa primeira experiência foram apresentados em um dossiê na seção PRAXIS do número 19, edição de janeiro de 2022, desta Revista (<https://periodicos.ufrn.br/revprojeter/issue/view/1184>).

A segunda edição do IVADS foi atrelada ao 11º Seminário PROJETER João Pessoa 2023, que teve como temática central PROJETER hoje: Para quem, para quê, como? (<https://www.event3.com.br/projetar2023/>). O atelier de projeto teve 10 dias de duração, sendo 9 deles com atividades virtuais e um dia com atividades híbridas, presenciais e *on line*, para finalização e apresentação das propostas em João Pessoa, local da intervenção em edificações de valor patrimonial previamente levantadas por estudantes da Universidade Federal da Paraíba. O tema, como veremos, enfocou a concepção de espaços para a economia criativa de forma a auxiliar na requalificação do centro histórico da cidade. As atividades envolveram mais de 60 participantes, entre professores, estudantes de graduação e de pós-graduação de quatro instituições parceiras – UFRN e UFPB (coorganizadoras da atividade), UFPE e ULisboa (colaboradoras). Vale ressaltar que, assim como na primeira edição, as atividades do IVADS 2023 não foram vinculadas a disciplinas específicas dos cursos envolvidos, configurando-se como uma oficina virtual de curta duração, associada a um evento científico internacional sobre ensino, pesquisa e extensão na área de projeto de arquitetura e urbanismo, embora com organização própria e independente.

Este artigo apresenta e discute essa segunda experiência do que chamamos de “aprendizado colaborativo de projeto”, em ambientes virtuais que rompem os muros e as barreiras físicas dos ateliers convencionais de projeto, mas que também permitem momentos de vivências presenciais (entre membros das equipes e professores de uma mesma escola) e entre aqueles de vários grupos e escolas puderam estar em João Pessoa no último dia da atividade de congregação geral. Falaremos, inicialmente, sobre a proposta pedagógica, o tema, a estrutura organizacional e o método de trabalho do atelier virtual. Em seguida, faremos breves considerações sobre as especificidades da intervenção projetual no patrimônio edificado, e, por fim,

faremos uma análise sintética dos resultados alcançados e produtos gerados, ressaltando que representantes de cada equipe de alunos apresentarão seus projetos no âmbito desse dossiê especial sobre o IVADS da seção PRAXIS. Os professores orientadores das equipes também trarão suas reflexões sobre a experiência do ponto de vista didático-pedagógico.

2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO IVADS 2023

O IVADS 2023 teve como tema “Intervenções na Preexistência – Concepção de espaços para economia criativa em edificações de valor patrimonial no Bairro de Varadouro, Centro Histórico de João Pessoa, local de realização do 11º Seminário PROJETER. Os principais objetivos desta experiência pedagógica foram fomentar a interação e a colaboração entre docentes e discentes de diferentes escolas separadas geograficamente, em torno de um tema e de uma área de intervenção projetual comuns, em atividades desenvolvidas sobretudo em ambientes virtuais, utilizando a *web* como meio principal de interação entre os participantes, com auxílio de diferentes tecnologias e ferramentas informacionais.

As atividades consistiram em aulas, palestras, reuniões coletivas com todos os participantes e trabalhos de atelier no âmbito dos grupos de projeto. As aulas/palestras internas abordaram os temas propostos para a intervenção projetual – “Economia e Ambiências Criativas” (Professora Gleice Elali – UFRN, ver artigo específico nessa edição), “O que é um Atelier Virtual” e “Estratégias projetuais em edifícios e atitudes frente ao contexto de valor patrimonial” (Professora Maísa Veloso – UFRN, como resumo nesse artigo nos itens 1 e 3). O Professor Ivan Cavalcanti da UFPB apresentou o Centro Histórico de João Pessoa e o Professor Pascal Machado da UFPE apresentou o “Projeto Vila Sanhauá”, intervenção realizada no bairro de Varadouro, em área próxima aos imóveis trabalhados no IVADS.

Além das aulas, ocorreram palestras de convidados nacionais e internacionais, transmitidas ao vivo a todos os interessados pelo canal do Youtube do Grupo Projeter UFRN. Os Professores Jorge Cruz Pinto e José Aguiar da Universidade de Lisboa correram sobre as questões que envolvem o “Projectar sobre o Patrimônio” e a Professora Ana Clara Giannecchini da UnB proferiu palestra intitulada “Abandono e subutilização em centros históricos: da leitura da cidade às intervenções em microescala” (ver na Figura 1 cartazes de divulgação das atividades).

Figura 1: Cartazes de divulgação do IVADS 2023



Fonte: Grupo Projeter / UFRN

Para as atividades de projeto, análise dos dados, mapas e levantamentos arquitetônicos previamente fornecidos, concepção e desenvolvimento das propostas, foram formadas 6 equipes mistas com 6 estudantes de graduação e 2 ou 3 monitores de pós-graduação cada, com a orientação de professores das escolas de arquitetura envolvidas. No total, foram 65 participantes, sendo 36 alunos de graduação, 14 monitores de pós-graduação e 15 professores envolvidos com as atividades, além dos 5 palestrantes convidados.

Como dissemos, o atelier teve 10 dias de duração sendo 9 dias de maneira virtual e o último dia com atividades presenciais em João Pessoa, para finalização e apresentação das propostas que foram avaliadas por um júri, no âmbito de um concurso de ideias, visando motivar ainda mais as equipes. A carga horária total foi de 30 horas, com atribuição de certificados a todos os participantes e aos projetos premiados e menções.

O programa geral do IVADS 2023 está abaixo sintetizado na figura 2. Como se pode perceber, a proposta metodológica inclui, além das já mencionadas aulas e palestras sobre os conteúdos trabalhados, leitura e análise dos edifícios e da área de valor histórico, entendimento da realidade socioeconômica e ambiental do bairro (por meio de vídeos e trabalhos acadêmicos já desenvolvidos na área), restrições impostas pela legislação local, atividades concentradas na primeira semana, foram estimuladas, na etapa seguinte, a busca por referências projetuais em intervenções correlatas, definição dos temas de reuso dos edifícios que integram o conjunto edificado focado no atelier (figura 3), conceito do projeto e partido de intervenção, o que foi apresentado pelos grupos em meados da segunda semana de trabalhos. Após essa apresentação parcial e comentários dos professores, foram desenvolvidas as propostas finais em nível de estudo preliminar, as quais foram apresentadas na tarde dia 09 de outubro, no Espaço Cultural de João Pessoa, local de realização do 11º Seminário PROJETER. As pranchas impressas dos projetos ficaram expostas no hall do evento e foram avaliadas por um júri composto por quatro professores convidados, não envolvidos com a oficina: os Professores Eunádia Cavalcante (UFRN), Natália Vieira-de-Araújo (UFPE), Francisco Costa (UFPB) e Hugo Farias (ULisboa).

Figura 2: Quadro-síntese do Programa do IVADS 2023

| |
|--|
| PROGRAMA: |
| Terça-feira, 26.09.2023, 12h00-14h00 BR/ 16h00-18h00 PT - Apresentação da Oficina Profa. Maísa Veloso O que é um AVP / VDS? Tema do IVADS 2023, objetivos, programação, imagens do local de intervenção (vídeo de curta duração). - Aula Profa. Gleice Elali: Economias e Ambiências Criativas. - Apresentação dos participantes e Formação as equipes. Encaminhamentos, |
| Quarta-feira, 27.09.2023, 12h00-14h00 BR/ 16h00-18h00 PT - Palestras 1 e 2: Profs. José Aguiar e Jorge Cruz Pinto (ULisboa). - Orientações para início de busca por referências projetuais + discussões nas equipes. |
| Quinta-feira, 28.09.2023, 12h00-14h00 BR/16h00-18h00 PT - Aula Profa. Maísa Veloso: Estratégias projetuais para intervenções no patrimônio edificado – exemplos de projetos - 13h00 - Palestra 3: Profa. Ana Clara Giannecchini (UnB): Abandono e subutilização em centros históricos: da leitura da cidade às intervenções em microescala. - Atividades nas equipes. |
| Sexta-feira, 29.09.2023, 12h00-14h00 BR/16h00-18h00 PT - Aula sobre o Patrimônio de João Pessoa e o centro histórico: Prof. Ivan Cavalcanti. - Prof. Pascal Machado (UFPE): Projeto Villa Sanhauá. Debates. Orientação aos estudos do local de intervenção e desenvolvimento do conceito e partido de intervenção – grupos |
| - Segunda-feira, 02.10 e Terça-feira 03.10 – Atividade dos grupos com orientação on line conforme cronograma de trabalho de cada equipe. |
| Quarta-feira, 04.10.2023. 12h00-14h00 BR/16h00-18h00 PT - <u>Apresentação das referências projetuais, tema de reuso dos casarões, conceito do projeto e partido de intervenção de cada equipe</u> + Comentários Professores |
| * De 05 a 06.10.2023 – Desenvolvimento das propostas com orientação on line conforme cronograma de trabalho de cada equipe |
| Segunda-feira, 09.10.2023. 9h00 BR/ 13h00 PT - 9h00 BR/ 13h00 PT. <u>Oficina presencial em João Pessoa</u> para finalização das propostas (<i>com representantes dos grupos / participação remota também possível</i>). - 14h00 BR/18h00 PT. <u>Apresentação final</u> dos conceitos, princípios elementares e concepção inicial das propostas projetuais em nível de estudo preliminar e entrega dos arquivos para impressão das pranchas. |
| * 10.10.2023 <u>Exposição dos Trabalhos no Espaço Cultural</u> + <u>Avaliação do júri</u> composto por membros do conselho científico do Seminário Projetar 2023 e escolas de AU convidadas para fins de premiação e concessão de menções honrosas às propostas. |
| * 11.10.2023 <u>Divulgação dos resultados e Premiação</u>: Primeiro colocado e menções honrosas. |

Fonte: Comissão Organizadora do IVADS 2023.

Figura 3: Imagens da área e dos edifícios de intervenção do IVADS 2023 / conjunto de imóveis em torno de uma pequena praça no Bairro de Varadouro, João Pessoa.



Fonte: Luna, 2022¹.

Por fim, caberia destacar que a proposta pedagógica do IVADS se baseia em alguns princípios fundamentais que são caros aos professores do Grupo PROJETER / UFRN, que conceberam o Atelier Virtual, com base em suas pesquisas (dentre outras, as de Veloso, 2021; Veloso *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2018) e em suas experiências de ensino em ateliers presenciais, remotos e virtuais de projeto. Em primeiro lugar, o entendimento de que o projetar é uma atividade complexa, mas passível de domínio por meio da aquisição de conhecimentos teóricos e práticos e de que o atelier de projeto é o local da síntese dos diversos conhecimentos adquiridos na formação em Arquitetura, devendo ser incentivada a integração dos diferentes conteúdos trabalhados e seu reatamento na proposta arquitetônica. O aprendizado baseado no projeto (*Project Based Learning*), por meio da reflexão na ação (Schön, 2000), em que é fundamental o diálogo entre professores e alunos, deve ser estimulado, mas este deve estar associado a um programa pedagógico bem definido, com componentes teóricas e práticas (e não apenas práticas), exercícios com enunciados, situações-problema e critérios de avaliação precisos, conjugando várias técnicas e meios de representação e comunicação (analógicos e digitais), o que Lebahar (1999) define como abordagem multimeios e multidomínios de competências. Além disso, devem ser valorizados os potenciais e respeitados os limites individuais de cada aluno, ao mesmo tempo em que é estimulado o trabalho em equipes, em alguns casos multidisciplinares, para que se conjuguem os talentos individuais em um processo de concepção colaborativa em torno de objetivos comuns preestabelecidos. No caso específico do atelier virtual IVADS, desenvolvido fora da estrutura curricular convencional, seja como atividade de extensão ou acadêmica complementar, promovem-se três outras estratégias de aprendizado: o atelier vertical, envolvendo alunos de semestres/anos de formação distintos, havendo troca de experiências entre alunos em estágios de aprendizado diversos (início, meio e fim de curso de graduação e também de mestrado e doutorado); o atelier transinstitucional ou transescolar, mesclando nas equipes de projeto professores e alunos de escolas e culturas projetuais diferentes, o que promove, no nosso entendimento, um verdadeiro sistema de aprendizado mútuo, desenvolvido de maneira colaborativa notadamente no âmbito das equipes de trabalho; e, por fim, e não paradoxalmente, utiliza-se o concurso de ideias com premiação simbólica dos melhores projetos como estratégia para motivar a competição salutar entre equipes.

3 SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO EDIFICADO

A temática do IVADS 2023 enfocou a concepção de espaços para a economia criativa em edificações de valor patrimonial fechadas ou subutilizadas no centro histórico de João Pessoa. A questão da economia e das ambiências criativas será tratada pela Profa. Gleice Elali em texto específico nessa mesma seção.

Já a intervenção em edifícios e áreas de valor patrimonial foi por nós abordada em aula ministrada no IVADS 2023, voltada sobretudo para alunos de graduação/projetistas das equipes, com base em nossa experiência de 25 anos de ensino de projeto nesse campo no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, além de

diversas pesquisas, leituras, discussões em mesas redondas em congressos e orientações de mestrado e doutorado.

Resumimos aqui os principais pontos destacados na aula sobre o assunto, remetendo, em alguns casos, às discussões propostas pelo 11º Seminário Projetar 2023:

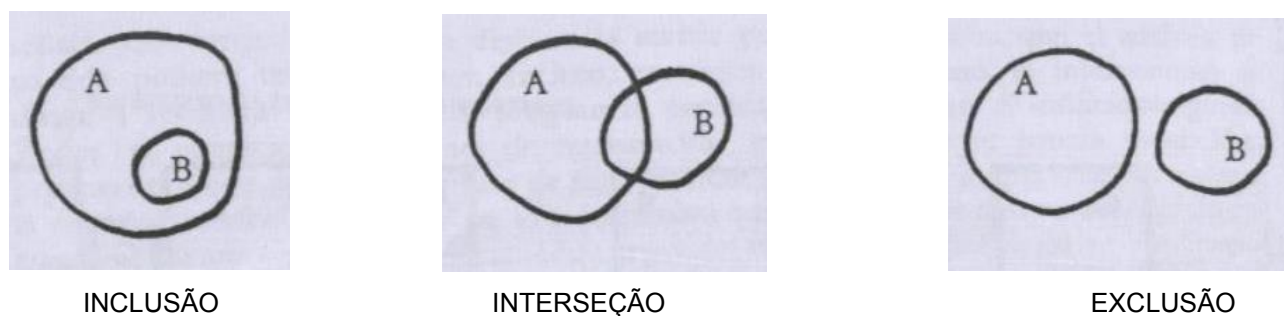
- A conservação preventiva da edificação e sua utilização adequada são as melhores formas de preservá-la.
- Mas, em sendo necessária a intervenção por meio de projeto, deve-se entender que intervir é necessariamente modificar; como intervir é o “x” questão, o que remete ao *COMO PROJETAR?*
- Intervir em edifícios preexistentes de valor patrimonial requer conhecimentos especializados de várias competências, sobretudo nos casos de restauração, e, de modo geral, cuidados especiais, considerando as especificidades de cada edifício e do contexto em que se insere.
- Ressalta-se a importância do reconhecimento dos valores dos objetos da intervenção, sejam eles históricos, artísticos, arquitetônicos, sociais, culturais ou simbólico-afetivos, além da consideração da questão ambiental:
- A reutilização de edifícios existentes é uma ação sustentável e necessária para economia de recursos, diante de escassez de espaços nos centros urbanos. É importante perguntar: *PROJETAR PARA QUE?*
- A relação com o lugar/contexto (físico e social) é outro ponto fundamental; sua consideração em maior ou menor grau ou mesmo sua desconsideração indicam diferentes tipos de atitudes de projeto. Uma das questões que se colocam é *PROJETAR PARA QUEM?* Quem serão os beneficiários dessas ações?
- Ruínas constituem casos específicos, que requerem tratamentos ainda mais cuidadosos e especializados.
- Estudos científicos, documentação histórica e bases teóricas para intervenção são sempre necessários.
- Procurar considerar as recomendações de especialistas expressas nas Cartas Patrimoniais e publicações especializadas, sobretudo no sentido de evitar o “falso histórico” ou o “falso artístico”.
- E, por fim, lembramos o que disse Cesare Brandi: “A restauração constitui o reconhecimento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúlice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro”. (Brandi, 2004, p. 30. *ed. original em italiano, 1963*).

Estratégias projetuais e atitudes frente ao contexto preexistente

Uma vez que intervir é modificar e mesmo nas práticas restaurativas conservadora quase sempre se faz necessária a inserção de elementos ou artefatos novos, que vão desde um elemento específico como uma estrutura de sustentação complementar, uma escada ou caixa d’água ou até um edifício novo (um anexo, por exemplo) inserido no contexto preexistente, De Gracia (1992) chama a atenção para algumas possibilidades de práticas compositivas em nível topológico:

Um artefato existente (A) reconhecível em seus limites e uma nova forma/elemento proposto (B), respondem a uma dessas três possibilidades:

Figura 3: Práticas compositivas segundo De Gracia (1992)



Fonte: De Gracia, 1992, editado pela autora.

As atitudes frente ao contexto em que se insere o projeto podem variar desde a concepção de uma nova arquitetura ou novos elementos arquitetônicos contextualizados, considerando aspectos materiais do próprio edifício histórico e/ou de seu entorno, passando por atitudes de base historicista, tipológica ou folclórica, até chegar, em caso mais extremos, à inserção de arquiteturas de contraste ou mesmo descontextualizadas (De Gracia, 1992).

De uma maneira mais simplificada, Tiesdell, Oc e Heath (1996, *apud* Vieira-de-Araújo, 2022) categorizam estas posturas intervencionistas em uma escala que vai desde a ‘uniformidade contextual’, passando pela ‘continuidade contextual’ até chegar ao extremo oposto da ‘justaposição contextual’. Outros autores como Semes (2009) preferem utilizar as expressões ‘replicação literal’, ‘referência abstrata’ e ‘oposição intencional’,

que são formas diferentes de se referir a posturas mais ou menos similares, em todo caso recorrentes nas práticas projetuais nesse campo.

Enfim, qualquer que seja a postura adotada, é preciso, como alertam Nery e Baeta (2015), a compreensão do significado da opção feita e seus impactos sobre a preexistência.

4 OS PRODUTOS ALCANÇADOS

Apesar do curto tempo de duração (10 dias) e da pouca familiaridade de parte dos alunos com o tema e a área de estudo, as propostas finais das 6 equipes participantes do IVADS 2023, apresentadas em nível de estudo preliminar, revelaram o esforço de compreensão dos problemas que envolviam o projeto (considerado de média a alta complexidade), de aproximação com as comunidades envolvidas residentes ou frequentadoras do Bairro de Varadouro e de preservar ao máximo as estruturas preexistentes (conjunto edificado e paisagem). A avaliação do júri, que atribuiu um primeiro lugar e três menções honrosas aos projetos, ressaltou a qualidade das propostas considerando a relação complexidade do tema/tempo de execução.

As equipes compostas de estudantes graduação e de pós-graduação (monitores) das diversas escolas foram convidadas a propor um nome artístico ou de fantasia para o grupo, o que gerou autodenominações como “Ilumiaras”, “Amoré”, “Cardume”, em sua maioria inspiradas em elementos da cultura ou da paisagem do local de intervenção.

Os estudantes irão eles próprios apresentar seus projetos no âmbito deste dossiê IVADS 2023 / seção PRAXIS da Revista Projetar. Iremos aqui apenas listar as seis equipes/propostas e fazer breves considerações gerais sobre as propostas.

Relação das equipes e propostas projetuais do IVADS 2023:

- 1- **ILUMIARAS.** Estudantes de graduação: Ana Heloísa Melo Wanderley (UFRN), Maria Clara Cirne de Oliveira (UFRN), Ana Camille Carvalho Colque (UFPB), Isadora Helena Nogueira (UFPB), Jonas Rafael Melo Teixeira (UFPE), Mariana Soares Guimarães Marques (ULisboa) e os estudantes de pós-graduação Ramon Bezerra Fernandes (UFRN) e Gabriela Vargas Rodrigues (UFPB). Orientadores: Professores Doutores Clara Ovídio Rodrigues (UFRN), Carolina Oukawa (UFPB) e Paulo Almeida (ULisboa). Proposta de espaços multifuncionais divididos em três eixos: audiovisual, gastronômico e artesanal. A equipe recebeu os cumprimentos da Comissão Organizadora.
- 2- **ENLACE NORDESTINO.** Estudantes de graduação: Amannda Almeida de Melo Rodrigues (UFRN), Aline Guerra Galvão (UFRN), Lucas Leite (UFPB), Jarbas Matheus Ribeiro da Silva (UFPB), Maria Eduarda Melo Silva (UFPE) e a estudante de pós-graduação Natália Daniele Vinagre Fonseca (ULisboa). Orientadores: Professores Doutores Ana Marta Feliciano (ULisboa) e Dalton Ruas (UFPB). Proposta de um centro cultural multifuncional denominado “Entre Nós”, com uma escola técnica especializada em madeira, centro de artesanato, um restaurante e um pátio abertos à comunidade. A equipe recebeu o **primeiro lugar** no concurso de ideias fomentado pelo IVADS 2023.
- 3- **AMORÉ.** Estudantes de graduação Magnus Cunha Pellense (UFRN), Ian Costa (UFRN), Alcília Kristhine Brito de Almeida Silva (UFPB), Luciana Beatriz de Oliveira Ferreira (UFPB), Paulo Trajano dos Santos Neto (UFPE), Raquel Barbosa (ULisboa) e os estudantes de pós-graduação: Mônica do Rosário Alves (UFRN) e Clemer Ronald da Silva (UFPB). Orientadores: Professores Doutores Renato de Medeiros (UFRN) e Juliana Dermatini (UFPB). Proposta de uma rede de serviços multidisciplinares voltados para a comunidade local com ateliers, incubadoras, bar, restaurante e um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). O projeto da equipe obteve **menção honrosa** do júri.
- 4- **CARDUME.** Estudantes de graduação: Victor Gabriel Militão da Silva (UFRN), Maria Teresa Sobral (UFRN), Marcos Antônio Furtado Mota (UFPB), Nívea Maria Queiroz Leite (UFPB), Gabriela Souto Maior dos Santos (UFPE), Ícaro Cavalcante Pessoa (UFPE) e os estudantes de pós-graduação: Natália da Silva Azevêdo (UFRN), Maria Jéssica Oliveira da Costa (UFPB) e Lidiane Maria Batista (ULisboa). Orientadores: Professores Doutores Heitor de Andrade Silva (UFRN) e Pascal Machado (UFPE). Proposta de um centro comunitário multifuncional girando em torno de três polos: moda, restauração e acolhimento infantil (creche). O projeto da equipe obteve **menção honrosa** do júri.
- 5- **VIVA VARADOURO.** Estudantes de graduação: Nathália Moana Leite França (UFRN), Lucas Barros (UFRN), Maria Eduarda Pereira Machado (UFPB), Taiza Rodrigues de Paiva (UFPB), Maria Cecília Rodrigues Costa (UFPE), Luís Miguel da Silva Batalha (ULisboa) e os estudantes de pós-graduação: Islena Melo de Carvalho Dias (UFPE), Caio Henrique Gomes (UFPB) e Antônio Alexandre Neto (UFRN). Orientadores: Professores Doutores Luciana de Medeiros (UFRN) e Antônio Leite (ULisboa). Proposta de uma rede cultural de economia criativa conjugando funções educacionais (de formação e capacitação da comunidade) e comerciais. A equipe recebeu os cumprimentos da Comissão Organizadora.
- 6- **COM CERTO AR.** Estudantes de graduação Rebeca Gameleira (UFRN), Lorenzo Medeiros (UFRN), Priscila Vitória de Souza Guimarães (UFPB), Mariá Queiroz de Queiroz (UFPB), Diogo Ramos da Ponte (ULisboa) e os

estudantes de pós-graduação: Lízia Agra Villarim (UFPE) e João Gago dos Santos (ULisboa). Orientadores: Professores Doutores Verner Monteiro (UFRN) e Pedro Gomes Januário (ULisboa). Proposta de espaços multifuncionais com oficinas, coworking, bar, restaurante, galeria para exposições, apresentações musicais e feria de artesanato. O projeto da equipe obteve **menção honrosa** do júri.

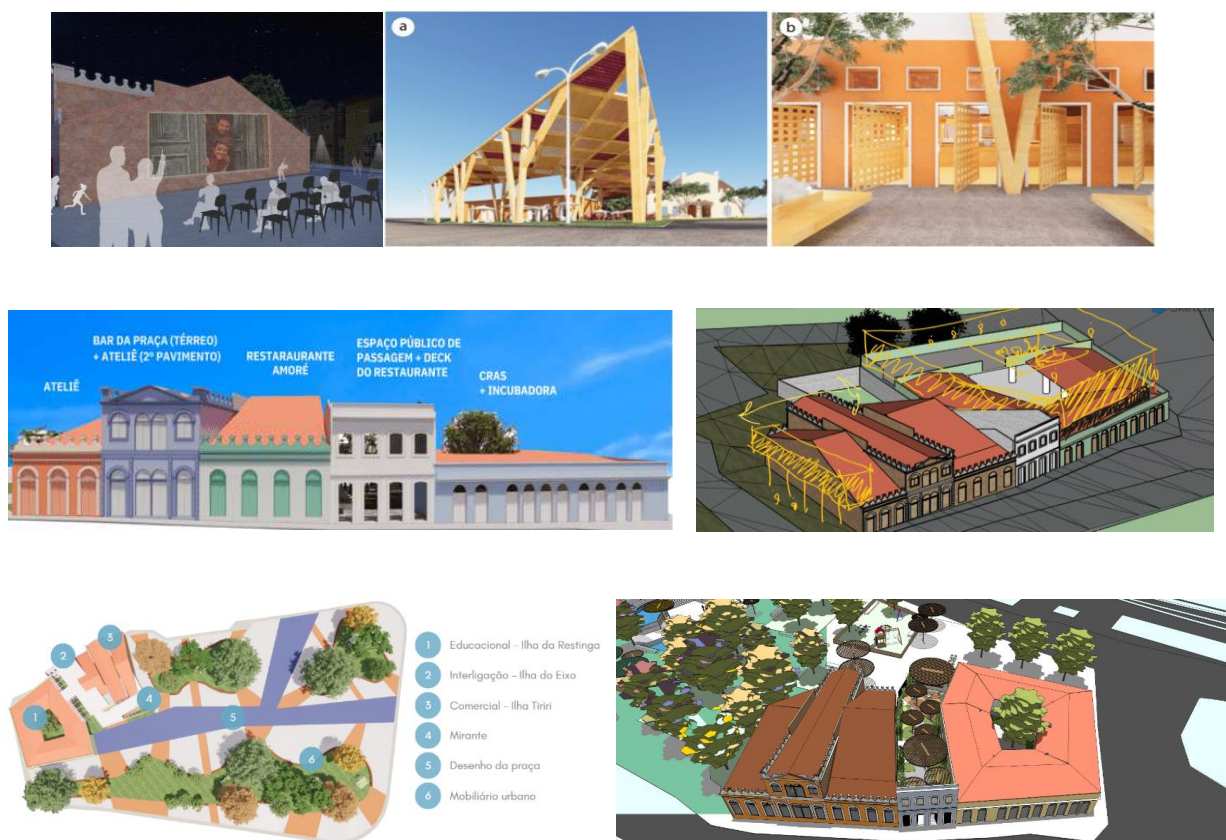
Coordenadora geral: Maísa Veloso (UFRN); Vice coordenadora: Gleice Azambuja Elali (UFRN).

Júri: Eunádia Cavalcante (UFRN), Natália Vieira-de-Araújo (UFPE), Francisco Costa (UFPB) e Hugo Farias (ULisboa).

As propostas convergiram em sua maioria para a concepção de espaços voltados para a geração de emprego, renda e prestação de serviços às comunidades adjacentes ao conjunto edificado e também para visitantes, focando na formação profissional e criação colaborativa, com ateliers de artes e de confecção de artefatos em madeira, coworking, espaços para feiras de produtos artesanais, para realização de eventos audiovisuais, em geral acompanhados de espaços gastronômicos (bares e restaurantes) e também espaços para acolhimento social (CRAS) e infantil (creche).

Quanto ao partido de intervenção nos edifícios históricos (Figura 4), houve também evidente preocupação dos grupos da relação dos edifícios com seu entorno/paisagem, notadamente a praça, a linha do trem, o rio e as comunidades adjacentes (Porto Capim e Vila Sanhauá, notadamente). Notável também foi a preocupação com preservação/restauração das fachadas das edificações com adições/inserções de estruturas novas de maneira contextualizada ou causando pouco impacto sobre a preexistência, o que evidencia uma boa compreensão dos conteúdos enfocados e discutidos nas aulas e palestras.

Figura 4: Imagens-síntese das propostas das equipes 1 a 6 do IVADS 2023, respectivamente.



Fontes: Projetos das equipes do IVADS 2023.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das atividades do atelier virtual houve dois processos avaliativos. O primeiro consistiu na avaliação dos produtos feita pelo júri que analisou apenas as pranchas de representação do projeto, sem identificação dos autores, e que atribuiu às propostas, como já exposto, um primeiro lugar e três menções honrosas. O outro foi a autoavaliação das atividades e do processo de projeto ao longo de todo atelier feita internamente por cada grupo. Os principais desafios destacados nas avaliações internas foram a complexidade do tema, nunca trabalhado anteriormente pela maioria dos estudantes e o curto espaço de tempo para análise, avaliação e síntese dos dados e problemas de projeto, por meio de uma proposta inicial que deveria incluir a definição de um programa mínimo, uma setorização das atividades, um conceito para o projeto e um partido de intervenção na preexistência. Outros fatores destacados como desafios à realização do projeto foram a diferença de fuso horário com os participantes que se encontravam em Lisboa e os horários das atividades síncronas do atelier (na hora de almoço e à noite), às vezes em meio a outras atividades acadêmicas desenvolvidas nos cursos a que estão vinculados estudantes e professores. Falou-se também na pouca experiência com uso de *softwares* de auxílio ao projeto (para os alunos de início de curso notadamente) e com as plataformas de compartilhamento das imagens como o Miro, sendo necessária a intervenção dos monitores e estudantes mais experientes. Houve quem relatasse dificuldades de entrosamento com os outros membros não conhecidos da equipe, o anseio de pedir auxílio aos pares, monitores e professores e o ritmo acelerado do processo de projeto.

Como pontos positivos foram destacados: a oportunidade de contato e aprendizado com professores e estudantes de outras escolas, o desafio de projetar um tema atual e para um lugar desconhecido para a grande maioria dos estudantes (sendo para tanto fundamental o trabalho de apoio dos estudantes e professores da Universidade Federal da Paraíba), o concurso de ideias que motivou as equipes a buscar a premiação e o encerramento das atividades de maneira presencial na cidade de João Pessoa, durante o 11º Seminário Projetar.

Enfim, apesar das dificuldades desde o planejamento, a organização e a preparação do atelier nos meses que o antecederam, passando pela realização das atividades com aulas e palestras com transmissão ao vivo pela internet, reuniões síncronas no ambiente Gmeet e atividades assíncronas no âmbito dos grupos, até chegar à apresentação e a exposição dos projetos no Espaço Cultural de João Pessoa onde foi realizado o evento, ficou evidente que, com o trabalho colaborativo de equipes, entre professores e entre alunos, é possível conceber ideias criativas e propostas de qualidade em curto espaço de tempo. Evidentemente que se tratam de ideias iniciais que requereriam aprofundamento e aperfeiçoamento caso sejam levadas adiante, mas, do ponto de vista de seu objetivo primordial, que é o ensino/aprendizado do projeto extra muros das salas de aula convencionais, acreditamos que o IVADS 2023 cumpriu sua missão, abrindo novas perspectivas e possibilidades de parcerias para os envolvidos. Além do aprendizado colaborativo (bem imaterial de valor inestimável) e dos certificados de participação (digitais), os participantes de todas as seis equipes receberam livros, frutos de doações de professores, como “prêmio material” pelo esforço coletivo empreendido, algo bastante simbólico em tempos de *e-books*, revistas eletrônicas e inteligências artificiais....

6 REFERÊNCIAS

- BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. Trad. Beatriz Kühl, Cotia/São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.
- CELANI, G. Colaboração remota no projeto de arquitetura e urbanismo em um contexto de isolamento social. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 163–167, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23866>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.
- DE GRACIA, F. *Construir en lo construido - la arquitectura como modificación*. Madrid: NEREA, 1992.
- LEBAHAR, J.C. *Approche didactique de l'enseignement du projet en Architecture*. ENSA-Marseille-Luminy, Marseille, 1999.
- LUNA, J.L.C. Ensaio projetual sobre um centro comunitário de cultura contemporânea no Centro Histórico de João Pessoa. *Trabalho de Conclusão de Curso*, CAU-UFPB, 2022. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26546>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.
- NERY, J.; BAETA, R. Do restauro à recriação: as diversas possibilidades de intervenção no patrimônio construído. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n.179.07, maio, 2015. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5534>. Acesso em 15 de dezembro de 2023.
- SCHÖN, D.A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- SILVA, H.A. *et al.* Métodos de análises e de desenvolvimento de projetos de arquitetura na contemporaneidade. Projeto de Pesquisa Propesq/UFRN, 2018. Código do Projeto: PVG15567-2018.

VELOSO, M. Potenciais e limites didático-pedagógicos dos ateliês virtuais de projeto de arquitetura. Projeto de Produtividade em Pesquisa. CNPq, 2021. Processo Nº 317054/2021-0.

VELOSO, M. *et. al.* Novas Pedagogias do Projeto de Arquitetura e Urbanismo: uma análise das potencialidades e limites dos ateliês virtuais. Projeto de Pesquisa Propesq/UFRN, 2019. Código do Projeto: PVG16489-2019.

VIEIRA-DE-ARAÚJO, N. *Materialidade e imaterialidade no patrimônio construído – Brasil e Itália em diálogo*. Recife, Editora da UFPE, 2022.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas e estudantes/bolsistas que colaboraram com as pesquisas relativas às novas pedagogias do projeto e aos ateliês virtuais, em especial a Filipe Tramontin e Victor Militão.

Ao CNPQ, pela Bolsa em Produtividade em Pesquisa. Processo Nº 317054/2021-0.

NOTAS

¹ Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, desenvolvido por João Carolino de Luna, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Nome, disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26546>, acesso em 15 de dezembro de 2023. O autor cedeu gentilmente as imagens e o levantamento arquitetônico dos edifícios trabalhados em seu TCC, que serviram de base para as propostas dos alunos que participaram do IVADS 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade da autora.

DA ECONOMIA CRIATIVA À AMBIÊNCIA CRIATIVA: DESAFIOS PARA O PROJETAR

FROM THE CREATIVE ECONOMY TO THE CREATIVE AMBIENCE: CHALLENGES TO PROJECT

DE LA ECONOMÍA CREATIVA A LA AMBIÊNCIA CREATIVA: DESAFÍOS PARA EL PROYECTAR

ELALI, GLEICE AZAMBUJA

Dra. em Arquitetura e Urbanismo, Professora titular UFRN, E-mail:gleiceae@gmail.com

RESUMO

Esse artigo é derivado de uma apresentação que aconteceu durante o IVADS2023. Ele proporciona ao leitor uma visão geral de temas selecionados pela Comissão Organizadora para serem trabalhados pelos grupos participantes do workshop em seus estudos preliminares de arquitetura para ocupação da área em estudo. O texto tem origem em investigações concluídas e em andamento no Grupo Projetar/ UFRN, e seu conteúdo abrange duas ideias ligadas à criatividade enquanto objeto de estudo: economia criativa e ambiências criativas. Após apresentar tais conceitos e associá-los ao projeto de arquitetura (genérico), as considerações finais fazem breve referência às propostas desenvolvidas no evento e ressaltam a importância destes assuntos como desafios a serem enfrentados no âmbito da atual práxis projetual no campo da Arquitetura e do Urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: economia criativa; ambiência criativa; projeto.

RESUMEN

Este artículo se deriva de una presentación que tuvo lugar durante IVADS2023. El proporciona una visión general de los temas seleccionados por el Comité Organizador para ser trabajados por los grupos que participaban en el taller en sus estudios preliminares de arquitectura para ocupar el área en estudio. El texto surge de investigaciones concluidas y en curso en el Grupo Projetar/UFRN, y su contenido abarca dos ideas vinculadas a la creatividad como objeto de estudio: economía creativa y ambiência creativa. Después de presentar estos conceptos y relacionarlas con el proyecto arquitectónico (genérico), las consideraciones finales hacen breve referencia a las propuestas desarrolladas en el evento y resaltan la importancia de estos temas como desafíos en el ámbito de la praxis actual del diseño en el campo de la Arquitectura y el Urbanismo.

PALABRAS-CLAVE: economía creativa; ambiência creativa; proyectar.

ABSTRACT

This article is derived from a presentation during IVADS2023. It provides an overview of themes selected by the Organizing Committee to be worked on by workshop's groups in their architectural preliminary studies to occupy the area under study. The text origin is related from completed and ongoing investigations at Grupo Projetar/UFRN, and its content covers two ideas linked to creativity as an object of study: creative economy and creative ambience. After presenting these concepts and associating them to the architectural project (generic), the final considerations refer to the proposals developed the final considerations refer to the proposals developed at the event and highlight the importance of these issues as challenges to be faced within the scope of current design praxis in the field of Architecture and Urbanism.

KEY WORDS: creative economy; creative ambience; project.

Recebido em: 12/12/2023

Aceito em: 22/01/2024

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma apresentação acontecida no contexto do IVADS2023, e cuja meta foi subsidiar os grupos participantes no desenvolvimento de espaços que, não apenas trabalhassem temas inseridos no campo da economia criativa, mas também propusessem/planejasse espaços com potencial para se tornarem futuras ambiências criativas, ou seja, que se mostrassem potencialmente capazes de incentivar os futuros usuários a agirem criativamente. O conteúdo nele trabalhado é derivado de investigações concluídas e em desenvolvimento no Grupo Projetar/ UFRN (Elali 2019; 2022) e, a partir de um entendimento amplo das atividades humanas, discorre sobre duas ideias que se complementam: economia criativa e ambiência criativa.

Conforme Vygotsky (2009 [1930]), reafirmado por estudos posteriores (Bohn, 2011; Kempenaar, 2021), as atividades humanas podem ser classificadas como reprodutoras e criadoras. As primeiras (reprodutoras) reforçam o conhecimento existente e estão ligadas à formulação de ideias convergentes, sendo associadas à repetição de situações/comportamentos habituais em busca de resultados já esperados. As segundas (criadoras) se ligam ao exercício da imaginação por meio da valorização do desenvolvimento de ideias divergentes e da busca por soluções inovadoras, tendendo a promover a (re)construção e a modificação da própria situação inicial, muitas vezes a partir do surgimento de produtos diferenciados ou de novas interpretações. Uma mesma realidade pode envolver um tipo de atividade ou outro, dependendo da meta a que se propõem os envolvidos e das oportunidades que a eles se oferecem. Assim, a título ilustrativo, ao fazer um prato atendendo com exatidão às exigências/indicações de uma receita recebida, um cozinheiro realiza uma atividade reprodutora; por sua vez, ao recriar aquela iguaria com outros recursos ou se envolver com a proposta de um novo petisco, o mesmo cozinheiro desenvolve uma atividade criadora.

Outra premissa a ponderar se relaciona ao tipo e direção da ação criativa que, conforme Simonton (1997), podem provocar mudanças significativas no contexto cultural e social (conhecida pela literatura como “*Big C creativity*”), sendo associada à indivíduos reconhecidos como “diferenciais” em sua época ou contexto e, no extremo oposto, pode se ligar a ajustes ou alterações em mínimas situações da vida cotidiana (nomeada como “*little c creativity*”). Posteriormente a esses pólos foram acrescentados estágios intermediários, como a “mini-c”, associada ao processo de aprendizagem, e a “Pro-c”, uma extensão da little-c relacionada à atuação profissional e a expertise em alguma área específica (Kaufman, Beghetto, 2009).

Além disso, é importante observar que grande parte do que hoje se entende como ações associáveis ao âmbito da “criatividade envolve a capacidade de sintetizar; (...) peneirar dados, percepções e materiais para criar algo novo e útil” (Florida, 2002, p. 5). Partindo da diversidade destes entendimentos, a literatura esclarece que o processo criativo em si é socialmente construído, multifacetado e complexo, variando em função de cada situação, e que seu entendimento/avaliação geralmente envolve aspectos bastante subjetivos. Desta multiplicidade de elementos advém a dificuldade para se avaliar a maior ou menor criatividade intrínseca a uma ação enquanto ela acontece (Rodari, 1989; Csikszentmihalyi, 1999; Alencar, Fleith, 2009; Kim, 2010), de modo que, em geral, essa qualificação só acontece *a posteriori*, em função da compreensão do produto obtido. A esse respeito, autores como Alencar (2009) e Bohn (2011) acrescentam que, para ser considerado criativo um produto precisa ser assim reconhecido socialmente e se mostrar útil ao contexto em que se encontra. Em síntese, na contemporaneidade a qualificação de um produto ou situação como criativo ultrapassa a intenção do autor/propositor ‘criar por criar’ ou ‘inovar por inovar’, passando a exigir sintonia entre o produto elaborado e a situação na qual a pessoa se propõe a intervir.

Considerando esse quadro geral, a fim de embasar as propostas a serem desenvolvidas pelos participantes do workshop em pauta, a apresentação foi subdividida em três itens visando dar pistas para o entendimento de três questões: ‘o que é economia criativa?’, ‘por que ambiências criativas?’ e ‘como o projeto se encaixa nisso?’ Este artigo reproduz o conteúdo trabalhado naquele momento, sendo concluído por breves considerações finais, que remetem aos estudos preliminares apresentados (constantes deste dossiê).

2 O QUE É ECONOMIA CRIATIVA?

O termo ‘economia criativa’ (Howkins, 2001) se difundiu a partir da ideia de ‘indústria criativa’, que surgiu na Austrália nos anos 1990, e se disseminou pelo Reino Unido (Blythe, 2001). Em 2005 a Inglaterra realizou o primeiro mapeamento deste tipo de atividades no país (DCMS, 2005), ao que se seguiu a constituição do Ministério das Indústrias Criativas e impulsionou o desenvolvimento do campo. O primeiro estudo internacional de porte sobre o tema aconteceu em 2008, por iniciativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD¹, 2008), tendo sido posteriormente retomado/replicado em diferentes países. O primeiro estudo brasileiro nessa área aconteceu em 2012, realizado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN).

De acordo com Gibson e Klocker (2005), a indústria criativa (IC) deve ser compreendida como um fenômeno econômico associado aos novos valores sociais e culturais inerentes ao final do século XX. Tal contexto, conhecido como 'virada cultural', está ligado à "combinação de dois fenômenos simultâneos: a emergência da sociedade do conhecimento e a transição de valores materialistas para valores pós-materialistas" (Bendassolli et al, 2009, p. 11).

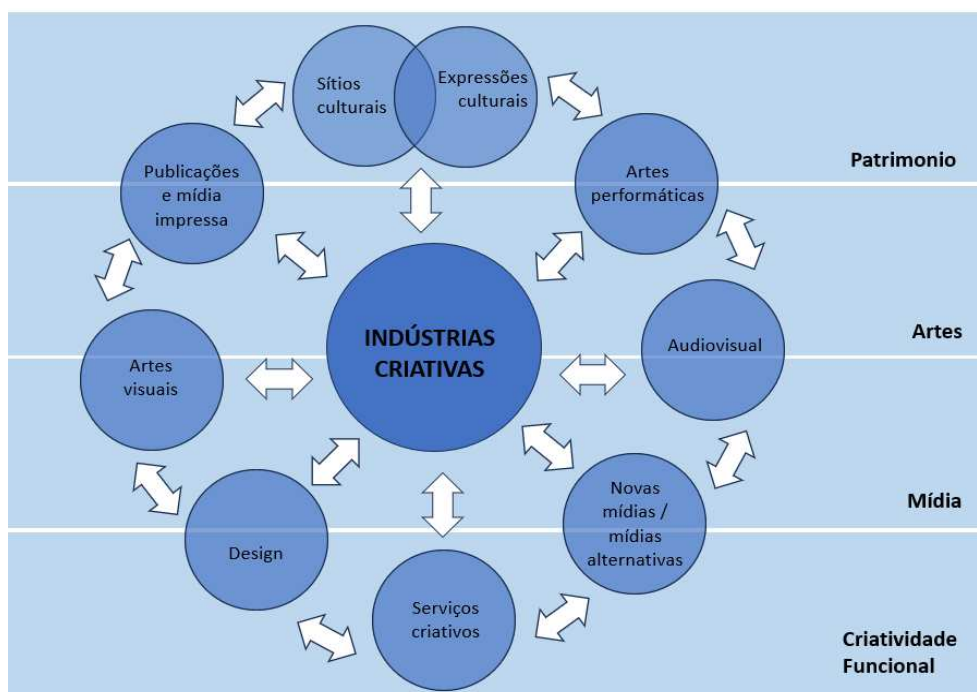
Emergindo a partir dessas ideias, a noção de economia criativa (EC) se apoia na "convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto das novas tecnologias e de uma nova economia do conhecimento" (Hartley, 2005, p. 5). Ela está vinculada a negócios nos quais "o trabalho intelectual é preponderante, e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual" (Howkins, 2001, p. 119). Genericamente, a EC se distingue de outros campos por abranger redes de pessoas (quer profissionais quer empresários) "capazes de promover crescimento econômico sustentável e reforçar ciclos de trabalho (...) [formando] uma cadeia produtiva baseada no conhecimento, capaz de produzir riqueza, gerar empregos e distribuir renda" (Matarazzo, 2015, s/p).

Gibson e Klocker (2005) comentam que as atividades neste campo envolvem três níveis de atuação: (a) o núcleo criativo (pessoa ou grupo que realiza a ação criativa em si); (b) atividades diretamente relacionadas a esse núcleo (fornecedores de bens e serviços entendidos como insumos diretos ao núcleo criativo); (c) atividades de apoio (fornecem insumos indiretos ao núcleo criativo). Ilustrando-se este processo por meio da atividade de um atelier de projeto de móveis, podemos elencar:

- como núcleo criativo: os profissionais de arquitetura e design envolvidos;
- como atividades diretamente relacionadas: especialistas em maquetes (físicas e eletrônicas) e prototipagem rápida, fotocopiadoras, profissionais preparados para a execução das propostas desenvolvidas (marceneiros, pintores, aplicadores de revestimentos, eletricitistas), entre outros;
- como atividades de apoio: fornecedores de papel, de materiais para prototipagem, maqueteria (resinas, madeira/mdf, laminados, gesso) e informática, técnicos para manutenção de máquinas, e assim por diante.

Mesmo simples, esse exemplo demonstra o enorme potencial econômico da EC, e a possibilidade dela movimentar uma crescente gama de serviços e profissionais. Focalizando o núcleo criativo, a UNCTAD (2010) delimitou que a EC se vincula a quatro setores de abrangência (patrimônio, artes, mídia e a criatividade funcional), a partir dos quais a instituição indicou nove âmbitos de atuação que se destacam mundialmente nesse campo (Figura 01).

Figura 01: Âmbitos de atuação da indústria criativa (modelo genérico)



Fonte: elaborado pela autora a partir de UNCTAD (2010).

Em relatório recente, a mesma instituição salienta que atualmente a EC é responsável por cerca de 3% do PIB mundial (UNCTAD, 2022), envolvendo extensas redes de participantes, o que amplia sua importância para a oferta de emprego/renda nas regiões onde se faz presente. Essa última afirmativa se justifica em

função do modo de atuação da EC, que, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2010) se mostra bastante atrativo para a população mais jovem e se caracteriza por, majoritariamente: (a) estar vinculado à área de serviços; (b) valorizar o uso de tecnologia em diversos estágios; (c) atuar em contato direto com o consumidor final; (d) envolver o investimento em ambientes colaborativos, o incentivo ao empreendedorismo e às ‘incubadoras’ de ideias. Em continuidade, o PNUD (2013) esclarece que as iniciativas bem-sucedidas no campo da EC se destacam por baixo custo inicial, procura ativa por parcerias (diversas modalidades) e atuação em sintonia com o contexto em que se encontram (o que inclui envolvimento com a modificação deste contexto e com o empoderamento das pessoas envolvidas).

Nesse campo, países como China, EUA, Alemanha, Coreia do Sul e Singapura assumem grande protagonismo, uma vez que neles a EC agrega valor a uma grande quantidade de produtos. Embora ainda não se destaque mundialmente nesse campo, o Brasil tem grande potencial para o desenvolvimento da EC, sobretudo em música, moda e *design* (no sentido amplo destes termos). Tal tendência mostrou-se mais evidente a partir da implementação da Secretaria da Economia Criativa – SEC, por iniciativa do governo federal. Em termos gerais, os objetivos da SEC envolveram a criação, implementação e monitoramento de “políticas públicas que têm a cultura como eixo estratégico, (...) priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micro e pequenos empreendimentos criativos brasileiros” (BRASIL/MinC, 2011). Na condição de ação governamental, a nova secretaria demandou uma profunda mudança na estrutura do próprio Ministério da Cultura e teve expressiva repercussão nos estados (De Marchi, 2014), mesmo diante das posteriores modificações naquela proposta inicialⁱⁱ.

Adaptando o modelo da UNCTAD (Figura 2) à realidade nacional, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego indica 4 setores prioritários na área da EC: consumo, cultura, mídias e tecnologia (Brasil/MinT, 2012). O documento também aponta treze áreas profissionais vinculadas àqueles setores, e que são entendidas como especialmente criativas. São elas (em ordem alfabética): Arquitetura, Artes cênicas, Artes plásticas, Biotecnologia, Cinema/filme/vídeo, Design, Expressões culturais (entre as quais artesanato e gastronomia), Mercado editorial, Moda, Música, Publicidade, Rádio/televisão e Software/computação/telecomunicações.

Também é preciso ressaltar que, a partir deste quadro inicial, nos últimos 20 anos os estudos no campo da EC e correlatos proporcionaram o aparecimento de setores de investigação específicos no campo científico, e a cunhagem várias novas expressões, como, entre outras, “classe criativa”, referência aos profissionais que atuam no setor (Florida, 2003), e “cidade criativa”, relacionada às características das localidades que favorecem esse tipo de atuação (Landry, 2012).

O panorama geral aqui traçado explicita a relação da EC com o modo de vida contemporâneo e sua importância no presente cenário socioeconômico. A partir deste entendimento é fundamental se questionar o que contribui para o surgimento de uma ideia (ou iniciativa) criativa. Algumas pistas para responder a esse tipo de indagação são fornecidas por Oppenheimer (2014) ao comentar ser imperativa a necessidade da América Latina engajar-se mais fortemente nesse campo. De acordo com o autor, apesar do enorme potencial da região para o desenvolvimento da EC, cinco chaves precisam ser ativadas para possibilitar que o setor ganhe força e se consolide de modo a modificar economicamente o papel dos países ali situados, quais sejam: estimular o surgimento de uma cultura que valorize a inovação; fomentar uma educação que promova inovação; derrubar (ou minimizar) as leis que matam a inovação; estimular os investimentos (públicos e privados) em inovação; globalizar os resultados obtidos, notadamente a originalidade de seus produtos.

Certamente estes são grandes desafios, que só poderão ser enfrentados por meio de sólidas políticas públicas que alicercem o desenvolvimento deste campo. Mesmo compreendendo a grande quantidade de fatores envolvidos não apenas para promover o surgimento dos empreendimentos ligados à EC, mas, sobretudo, para garantir a reprodução e consolidação de tais iniciativas, esse texto aponta a importância de fomentar ambiências criativas como um alicerce para o desenvolvimento desse campo.

3 POR QUE AMBIÊNCIAS CRIATIVAS?

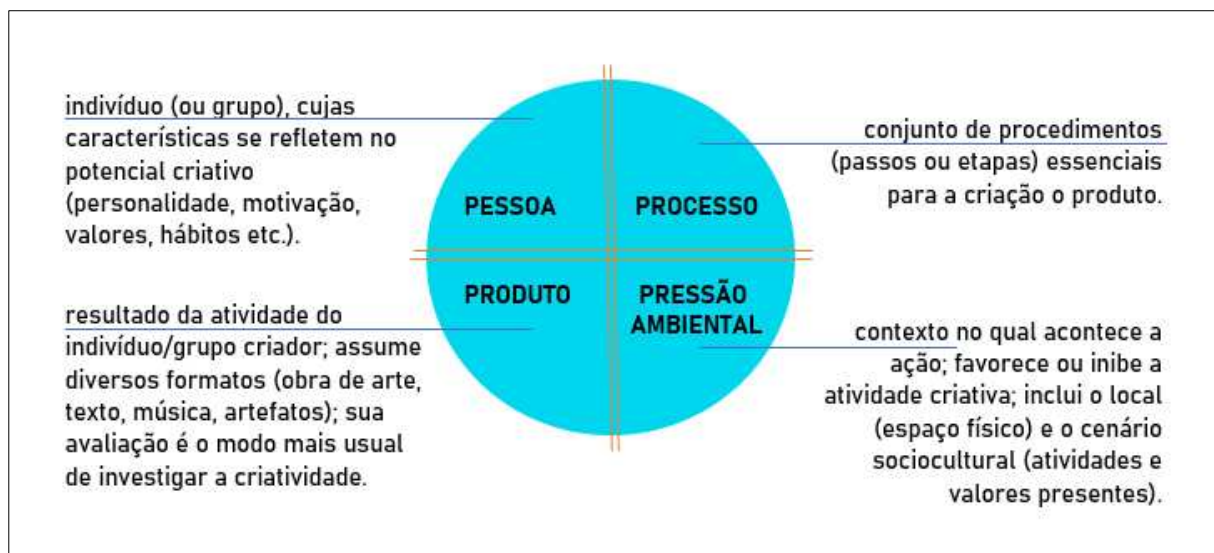
Para pensar ambiências criativas (tratando a criatividade na escala do ambiente imediato) em relação à ideia de economia criativa (a criatividade analisada em escala social e cultural) tomou-se como base o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1996; 2005), segundo o qual as pessoas são envolvidas por várias esferas/sistemas socioambientais – em ordem crescente, micro-, meso-, exo- e macrosistema, além de um sistema maior que se sobrepõe a eles, o cronossistema. Em analogia a essa ideia, infere-se haver diversos níveis de ambientes sociofísicos que poderiam ser atuantes como estímulo à

criatividade e com os quais as pessoas poderiam se envolver gradativamente. Sob esse ponto de vista, defende-se existir, potencialmente,

(...) a possibilidade de a pessoa transitar por diversos sistemas criativos que se sobrepõem, variando da micro à macro escala. Nesse sentido, as ambiências criativas seriam consideradas células que se somam para formar um complexo maior, podendo se expandir e se multiplicar a fim de configurarem uma cidade criativa e, numa esfera ainda mais ampla, uma sociedade criativa (Elali, 2022, p 80).

A compreensão do conceito de ambiência criativa retoma a classificação das atividades humanas proposta por Vygotsky (2009 [1930]), mencionada na introdução deste artigo. Ao estudar como tais atividades criadoras acontecem, Rhodes (1961) defendeu a existência de quatro fatores essenciais à análise do fenômeno criativo: pessoas, produto, processo e pressão ambiental (definidos na Figura 02)ⁱⁱⁱ. Este artigo enfoca especialmente este último fator (pressão ambiental), que tem sido trabalhado em investigações que indicam a importância da contínua interação entre pessoa e ambiente para as atividades criadoras, notadamente daquelas ligadas à solução de problemas cotidianos (Runco, 2014; Hennessey, 2015; Corazza, 2016). Assim, é essencial ressaltar a sua vinculação às características físicas (local) e sociais (cenário sociocultural) do contexto em que a atividade acontece.

Figura 02: Fatores essenciais à compreensão do fenômeno criativo.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Rhodes (1961)

Um exame mais detalhado evidencia que a compreensão de pressão ambiental (ou pressão do lugar) se aproxima da ideia de ambiência (Thibaud, 2004), entendida como a “soma das características materiais e imateriais de um lugar” (Duarte, 2013) e que considera, simultaneamente, os componentes humanos (pessoas), físicos (dimensões e materiais existentes, mobiliário e equipamentos), sensíveis (cores, sons, cheiros, texturas) e sociais (atividades realizadas, tipo de contato) que estão presentes numa situação em estudo e que, sobretudo, fazem diferença no que ali acontece. Nesse sentido,

(...) a ambiência pode ser caracterizada como a qualidade de uma situação apoiando-se sobre uma abordagem ecológica, como uma estimulação motora, apoiando-se sobre uma abordagem praxeológica e, como um pano de fundo sensível, apoiando-se sobre uma abordagem fenomenológica. (...) Se a ambiência nos envolve e nela interagimos, ela requer necessariamente uma “percepção do interior” que questiona a possibilidade de uma retirada do sujeito do meio no qual ele se inscreve (Thibaud, 2018, p. 13-14, grifos desta autora).

Ao qualificar a noção de ambiência para focalizar especificamente a expressão ‘Ambiência Criativa’, nossas pesquisas (Elali, 2020; 2022) indicam que, em geral, o entendimento deste tipo de situação assume duas concepções: (i) ser fruto de uma proposta diferenciada (ou seja, derivar de um projeto cuja concepção está pautada em ideias consideradas criativas/inovadoras), de modo que os usuários sentem estar em um lugar único e especial; (ii) funcionar como estímulo ao pensamento criativo (a ‘criatividade’) daqueles que usufruem da situação, ou seja, as pessoas que vivenciam a ambiência indicam se sentirem mais propensas a se envolverem com atividades criadoras (no sentido usado por Vygotsky).

Na primeira acepção (ambiências frutos de propostas criativas), os locais indicados têm localização específica na cidade, dentre os quais se destacam:

- Espaços Públicos que atuam como ambientes restauradores^{iv} (Kaplan et al, 1989) e outros locais de encontro, geralmente envolvendo áreas livres, como praças, parques e similares;
- Edificações Específicas, entre as quais, lugares de cultura (cinema, teatro, museus, livrarias, salas de exposição, galerias de arte...), templos (das mais diversas religiões), locais para trabalho ou estudo que adotam perspectiva diferenciada (a exemplo das comentadas sedes do Google e Facebook);
- Eventos, que geralmente acontecem em áreas livres, e exigem algum tipo de infraestrutura (como palco, banheiros, pistas com qualidades específicas), muitos dos quais envolvem competição (formal ou informal).

No tocante à segunda concepção (ambiências que estimulam o pensamento criativo), observa-se a menção de lugares mais diversos, os quais geralmente são associados a:

- clima social existente, que proporciona aos participantes flexibilidade (física e social), diversidade, aceitação, sensação de liberdade e de autonomia;
- oportunidades para novas experiências, quer em termos sensíveis (não apenas com valorização da visão, mas pelo uso de audição, olfato, tato, paladar e cinestesia) que no que diz respeito à integração/troca com várias áreas do conhecimento e ao reconhecimento de (contato com) valores e demandas sociais diversificadas;
- existência de condições técnica e ambientalmente adequadas para a realização das atividades pretendidas, o que abrange, entre outros fatores, mobiliário e equipamentos adequados à tarefa/atividade pretendida, conforto térmico, acústico e lumínico, presença de vegetação.

Nesta segunda concepção, embora a existência da ambiência criativa não dependa de um projeto específico (desenho), pois só surge a partir da experiência das pessoas naquela situação/local, as características do espaço também são importantes. Em outras palavras, apesar do desenho (por si) não ser responsável por criar aquela situação, o planejamento do espaço pode favorecer, dificultar ou mesmo impedir o surgimento/consolidação das ambiências, proporcionando condições para a realização das atividades pretendidas e para os encontros e trocas que geram o clima social adequado. É justamente no contexto deste entendimento que se vislumbra um papel fundamental a ser assumido pela Arquitetura e Urbanismo no campo da EC, especialmente pelo projeto.

4 COMO O PROJETO DE ENCAIXA NISSO?

Mais do que uma profissão (dita) criativa e, portanto, que se enquadra no campo da EC, entende-se que, ao fomentar o surgimento de ambiências criativas o projeto tem potencial para respaldar e ampliar o surgimento de iniciativas ligadas à EC, e, assim, fazer diferença. Isso pode acontecer tanto pela criação de espaços diferenciados (concepção 1, supracitada), quanto, e principalmente, por meio da proposta de espaços que ajudem a fomentar o pensamento divergente e múltiplo que propicia a atividade criadora (concepção 2).

Sob essa perspectiva, é essencial que a busca por ambiências criativas (e, em consequência, o fomento à EC) se faça presente nas múltiplas etapas da elaboração do projeto, dos primeiros passos de sua concepção (na delimitação da questão-problema e nos primeiros estudos) até a entrega da obra. De fato, é necessária muita criatividade para o enfrentamento dos diferentes desafios impostos ao profissional (e ao estudante, na condição de profissional em processo de formação) durante a elaboração do projeto (Schön, 2000; Lawson, 2011; Kowaltowski et al, 2011), uma vez que o projetar abrange, entre outros, a definição de:

- tipo de empreendimento (função, objetivos, empreendedores envolvidos, modo de gestão pretendido);
- modelo de atuação profissional (colaboração, associação etc.) e de participação dos potenciais usuários (observação, consultoria, cooperação etc.);
- escolha ou reconhecimento da área de intervenção quanto à localização (contexto geográfico e na cidade, condições climáticas e paisagísticas, e características sociais da área em questão) e à população a ser especificamente atendida;
- relação do empreendimento com seu entorno e modos de interação nele e com ele, o que inclui modo e horário de funcionamento e reconhecimento dos potenciais usuários/frequentadores;
- método/estratégia para elaboração projeto (ênfases relativas à seleção de referências, dilemas projetuais priorizados, tecnologias usadas, modo de lidar com legislação/normas, técnica de representação, parcerias etc.);
- programação arquitetônica (*programming*);
- definição de conceito e partido;
- zoneamento do empreendimento, incluindo condições de acesso e trocas com a vizinhança e relação entre as partes/setores do empreendimento e entre cômodos;
- definição de materiais e técnicas construtivas;
- detalhamento de soluções.

Obviamente, em uma situação de workshop alguns destes itens são previamente delimitados pela equipe organizadora. Sob essa ótica, o IVADS2023 pode ser definido como um exercício projetual na forma de concurso de ideias e com protagonismo estudantil, acontecido em tempo reduzido (10 dias) e em âmbito não-acadêmico, sem vínculo direto com o mercado profissional. Nele a proposta de intervenção foi desenvolvida por grupos de estudantes (diversos níveis no curso) e orientados por professores de Arquitetura, subsidiados por pós-graduandos. Os participantes eram vinculados a cinco instituições sediadas em dois países (uma Portugal e três no Brasil, em diferentes estados). O local da intervenção correspondeu a uma área histórica da cidade de João Pessoa e o tema envolveu, especificamente, o reuso de um conjunto edificado preexistente, sendo o trabalho desenvolvido como ‘estudo preliminar’.

Apesar dessas condições, é essencial salientar que o desenvolvimento da proposta exigiu que os grupos participantes debatessem e demonstrassem claramente suas preocupações e *insights* no tocante ao tipo de empreendimento, a sua vinculação com o contexto local e com as características da intervenção na área edificada. Em outras palavras, a ideia de ambiência criativa deveria permear todas as etapas da proposta, indicando a intenção do grupo estabelecer condições para (potencial) atendimento das premissas apontadas nos itens 2 e 3 deste artigo, logo, para promover condições que pudessem fomentar esse tipo de experiência (relembrando-se que a ambiência criativa em si só poderia surgir a partir das práticas e vivências que ali viessem a acontecer).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O IVADS2023 desafiou os grupos participantes a repensarem a situação em estudo a fim de indicar modos para interferir nela e favorecer o surgimento de ambiências criativas em suas duas concepções (desenho diferenciado e incentivo à criatividade dos usuários). Cotejando-se os estudos preliminares desenvolvidos com os argumentos tecidos neste artigo é possível dizer que as equipes fizeram trabalhos muito interessantes, que nos permitem pressupor um grande potencial para o aparecimento e consolidação de ambiências criativas – como é observável nos textos/desenhos apresentados nesse dossiê. Embora esse artigo não pretenda pontuar os principais elementos relacionáveis à ambiência criativa presentes em cada proposta (o que reduziria a ‘surpresa’ do material que segue e poderia induzir o leitor a reproduzir tal interpretação), é essencial ressaltar entre os elementos que se destacaram nesse campo:

- definição dos novos usos, em consonância com o que acontece na área ao redor, embora sem evitar novas ideias e, inclusive, buscando maneiras para incorporação de possibilidades ainda não previstas, porém que tenham potencial para contribuir efetivamente para a reabilitação (física e social) da área;
- preocupação com a comunidade local, não apenas como possível público consumidor, mas, sobretudo, como pessoas a serem incluídas no empreendimento, alimentando o ciclo econômico gerado;
- relação dos empreendimentos com o entorno, notadamente quanto à relação entre cheios e vazios da edificação, à definição/continuidade de ligações e ao fluxo de pedestres;
- valorização da história de da memória local e cuidado com a preservação dos elementos da edificação pré-existente;
- modo dos setores se interconectarem (internamente ao empreendimento), ampliando a funcionalidade e a usabilidade da área trabalhada;
- materialidade das propostas, no que diz respeito ao desenho, aos materiais escolhidos e aos sistemas construtivos a serem utilizados;
- detalhes voltados para ampliar as possibilidades de uso da área, e que valorizam o conjunto;
- representação gráfica.

É importante destacar que todos os grupos demonstraram envolvimento com os aspectos supracitados, embora explorando diferentemente cada um deles, em função das escolhas e do processo de tomada de decisão da equipe, em termos de quantidade, tipo e aprofundamento da atenção dados ao tópico e seu detalhamento. Como era de se esperar, tal variação teve reflexo direto nas propostas interventivas, justificando sua variedade (o que se mostrou extremamente salutar) e mesmo na qualidade de algumas das soluções apresentadas.

Finalizando, pontua-se que, em sua condição de exercício projetual, o IVADS2023 constituiu uma excelente oportunidade para testagem de ideias e modos de atuação das equipes participantes, mesmo diante das limitações de um exercício realizado em tempo reduzido e de outras indicações previamente mencionadas. Os resultados obtidos pelo *workshop* nos permitem reafirmar o potencial da atuação de arquitetos e urbanistas para a consolidação de ambiências criativas e para o fomento à economia criativa, bem como inferir a importância destes temas serem tratados como desafios a serem enfrentados no âmbito da academia e da práxis projetual contemporânea.

AGRADECIMENTOS

Aos muitos estudantes e bolsistas que tem participado das nossas pesquisas sobre ambiências criativas, contribuindo com seus insights e com muita criatividade, em especial Natalya Cristina Lima Souza, Cintia Alves da Silva e Emily Louise Accioly Medeiros.

Ao CNPQ, pela Bolsa em Produtividade em Pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. S. *Como desenvolver o potencial criador*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALENCAR, E. M.; FLEITH, D. M. S. *Criatividade: múltiplas perspectivas*. Brasília: EdUnB, 2009.
- BENDASSOLLI, P. F.; WOOD JR., T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, v. 49, n.1, pp. 10-18, 2009.
- BOHN, D. *Sobre a criatividade*. São Paulo: EdUNESP, 2011.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In BRONFENBRENNER U. (ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2005, p. 3- 15.
- BLYTHE, M. The work of art in the age of digital reproduction: the significance of the creative industries. *Journal of Japanese Association for Development Economics (JADE)*, v. 20, n. 2, pp. 144-150, 2001.
- BRASIL / MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MinT). *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)*. Brasília: MinT 2012.
- BRASIL / MINISTÉRIO DA CULTURA (MinC). *Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014*. Brasília: MinC, 2011.
- CORAZZA, G. E. Potential originality and effectiveness: the dynamic definition of creativity. *Creativity Research Journal*, v. 28 (3), pp. 258-267, 2016.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. A Systems Perspective on Creativity. In: STERNBERG, R. (Ed). **Handbook of Creativity**. New York, NY: Cambridge University Press, 1999, p. 313–35.
- DE MARCHI, L. Análise do Plano da Secretaria da Economia Criativa e as transformações na relação entre Estado e cultura no Brasil. *Intercom – RBCC*, v.37, n.1, pp. 193-215, São Paulo, jan./jun. 2014.
- DUARTE, C. R. *Ambiance: pour une approche sensible d l'espace*. In: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C. R. (Org.). *Ambiencas urbaines em partage*. Genève: Metis Presses, pp. 21-30, 2013.
- ELALI, G. A. (Coord.) *Ambiências criativas: Um estudo sobre o ambiente sócio físico de cursos de arquitetura e urbanismo em países lusófonos*. Projeto de pesquisa aprovado para Bolsa de Produtividade no CNPq. Brasília/Natal, 2022.
- ELALI, G. A. (Coord.) (re)Visitando ambiências criativas: apropriações e significados dos espaços públicos no período pós-pandemia. Projeto de pesquisa aprovado para Bolsa de Produtividade no CNPq. Brasília/Natal, 2019.
- ELALI, G. A. *Ambiências criativas na cidade*. In: DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E. (orgs). *Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Cenários de Pesquisa no Brasil e pelo Mundo*. Rio de Janeiro: Rio Books/ PROARQ-FAU-UFRJ, pp. 284-319, 2020.
- ELALI, G. A. Em busca da ambiência criativa: uma abordagem exploratória do conceito. In: VALENÇA, M. M. (Org.). *Arquitetura e criatividade*. Natal: EdUFRN, v. 1, p. 61-84, 2022.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). *Mapeamento da Indústria Criativa 2012*. RJ: FIRJAN, 2012. Disponível em: http://www.firjan.org.br/economicriativa/download/Analise_completa.pdf. Acesso em: julho/2023.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). *Mapeamento da Indústria Criativa 2022*. RJ: FIRJAN, 2022. Disponível em: <https://appext.firjan.com.br/economicriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa2022.pdf>. Acesso em: julho/2023.
- FLORIDA R. Cities and the Creative Class, *City & Community* v.2, n.1, pp. 3-19, March/2003.
- GIBSON, C; KLOCKER, N. The 'Cultural Turn' in Australian regional economic development discourse: neoliberalising creativity? *Geographical Research*, v. 43, n. 1, p. 93-102, 2005.
- HARTLEY, J. *Creative Industries*. London: Blackwell, 2005.

- HENNESSEY, B. Creative behavior, motivation, environment and culture: the building of a systems model. *The Journal of Creative Behavior*, v. 49, n. 3, p. 194-210, 2015.
- HOWKINS, J. *The Creative Economy: How People Make Money from Ideas*, London: Allen Lane, 2001.
- KAPLAN, R.; KAPLAN, S.; RYAN, T. *The experience of nature: a psychological perspective*. New York: Cambridge University, 1989.
- KAUFMAN, J. C.; BEGHETTO, R. A. Beyond Big and Little: The Four C Model of Creativity. *Review of General Psychology*, Vol. 13, No. 1, pp. 1–12, 2009.
- KEMPENAAR, A. Learning to Design with Stakeholders: Participatory, Collaborative, and Transdisciplinary Design in Postgraduate Landscape Architecture Education in Europe. *Land* (Basel), v.10. n.3, pp.2 43-248, 2011.
- KIM, K. H. Measurements, causes, and effects of creativity. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, n. 4, 2010, pp. 131-135.
- KOWALTOWSKI, D. C.C.K.; MOREIRA, D. C.; PETRECHE, J. R. D.; FABRÍCIO, M. M. (Org.). *O processo de projeto em arquitetura: da teoria a tecnologia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011, p. 21-56.
- LANDRY, C. *Cidades criativas*. Lisboa: inPrintout, 2012.
- LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- MATARAZZO, A. *Distritos Criativos*. Projeto de lei 65/2015. Camara Municipal de São Paulo.
- MAYER, R. Fifty years of creativity research. In: STERNBERG, R. J. (ed.). *Handbook of creativity*. New York, NY: Cambridge University Press, 1999. p. 449-460.
- MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL. *Economia Criativa*. Brasília: MEC, 2014.
- OLIVEIRA, J. M.; ARAÚJO, B. C.; SILVA, L. V. *Panorama da Economia Criativa no Brasil* (TD 1880). Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1880.pdf. Acesso em: julho/2023.
- OPPENHEIMER, A. *Crear o morir*. La esperanza de América Latina y las cinco claves de la innovación. Buenos Aires: Debate, 2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Relatório de Economia Criativa*. Genebra: ONU, 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140601185028/>. Acesso em: abril /2023.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento viável*. Genebra: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/economiacriativa/wp-content/uploads/2013/06/relatorioUNCTAD2010Port.pdf> Acesso em: julho/2023.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Relatório de Economia Criativa 2013 - Ampliando os caminhos do desenvolvimento local* (Edição Especial). Genebra: UNESCO, 2013. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/economiacriativa/wp-content/uploads/2013/06/relatorioUNCTAD2010Port.pdf>. Acesso em: julho/2023.
- RHODES, M. An analysis of creativity. *Phi Delta Kappan*, 42 (7), 1961, p. 305-310.
- RODARI, G. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1989.
- RUNCO, M. *Creativity: theories and themes: research, development and practice*. Burlington, Massachusetts: Elsevier, 2014.
- SCHÖN, D. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, L. F.; SCHÜTZ, N. T. Ambientes Restauradores: conceitos e definições. In: SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, M. L. (Orgs.). *Ambientes Restauradores – Conceitos e Pesquisas em Contextos de Saúde*. Florianópolis: EdUFSC, 2019, pp. 140-150.
- SIMONTON, D. K. Creative productivity: A predictive and explanatory model of career trajectories and landmarks. *Psychological Review*, 104, 1997, pp. 66–89.
- THIBAUD, J.-P. Ambiência. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 13-25.
- THIBAUD, J. P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Orgs.). *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Educ, 2004.
- TWEDT, E.; RAINEY, R. M.; PROFFITT, D. R. Beyond nature: the role of visual appeal and individual differences in perceived restorative potential. *Journal of Environmental Psychology*, v.65, pp.1-11, 2019.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). *Creative Economy Report: the challenge of assessing the creative economy*. Genebra: ONU, 2008. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em: julho/2023.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). *Creative Economy Report, 2022*. Genebra: ONU, 2022. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctsce2022d1_en.pdf. Acesso em: julho/2023.

VYGOTSKY, I. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009 (Original em russo, datado de 1930).

NOTAS

ⁱ UNCTAD - sigla derivada do inglês 'United Nations Conference on Trade and Development', e traduzida para português como 'Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento'

ⁱⁱ A Secretaria da Economia Criativa (SEC) foi criada em 2012 e vinculada ao Ministério da Cultura; em 2021 ela foi transformada em Secretaria Nacional da Economia Criativa e Diversidade Cultural (SECDC); e em 2023 passou a ser Secretaria de Economia Criativa e Fomento Cultural.

ⁱⁱⁱ Em inglês, "*the four P's*": *person, product, process, press of place* (Rhodes, 1961).

^{iv} Ambiente restaurador: lugar cujas características promovem a restauração psicofisiológica dos indivíduos, permitindo, dentre outros, o reestabelecimento da fadiga da atenção e a regulação do estresse, o que os torna capazes de fornecer maior saúde mental, bem-estar e qualidade de vida (Silveira; Felipe; Schütz, 2019; Twedt *et al.*, 2019).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade da autora.

CONSTRUIR CONEXÕES COM O PASSADO, PENSAR CRIATIVAMENTE OS ESPAÇOS DO FUTURO: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE UM ESTÚDIO VIRTUAL INTERCULTURAL

CONSTRUYENDO CONEXIONES CON EL PASADO, PENSANDO CREATIVAMENTE EN LOS ESPACIOS DEL FUTURO: EXPERIENCIA PEDAGÓGICA DE UN ESTUDIO VIRTUAL INTERCULTURAL

ESTABLISHING CONNECTIONS WITH THE PAST, CREATIVELY THINKING ABOUT SPACES OF THE FUTURE: PEDAGOGICAL EXPERIENCE FROM AN INTERCULTURAL VIRTUAL DESIGN STUDIO

RUAS, DALTON BERTINI

Professor Doutor, Universidade Federal da Paraíba, E-mail: dalton.ruas@academico.ufpb.br

FELICIANO, ANA MARTA

Doutora, Universidade de Lisboa, E-mail: amfeliciano@fa.ulisboa.pt

RESUMO

O artigo centra-se na reflexão pedagógica de três aspectos relevantes na experiência docente e discente no IVADS 2023. A escolha destes três pontos objetivou formular uma crítica teórica a partir da prática do estúdio virtual, identificando os limites e complementariedades desta prática condensada em relação aos ateliês de projeto. Nos limites e desafios interculturais, são descritos os procedimentos e dificuldades de implementação pedagógica de um estúdio de projeto virtual em um contexto multicultural; no intervir no construído, são refletidos os dilemas contemporâneos de construir no construído, com o desenvolvimento de estratégias para a sua reabilitação contextualizada; e, por último, são pautados as constituições materiais, programáticas e espaciais, de modo transversal no projeto, a partir da extração, utilização e emprego da madeira no projeto arquitetônico. Metodologicamente, construiu-se a reflexão destes três pontos a partir da experiência dos professores, os relatos dos alunos e a justaposição das imagens que acompanharam gradualmente o desenvolvimento do projeto. As considerações finais do artigo apontam um amadurecimento metodológico dos discentes a partir da revisão de práticas cristalizadas nos ateliês de projeto, uma desconstrução e reconstrução do programa arquitetônico, para mirar no futuro uma cidade que considera seu passado e a constrói a partir de valores contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: estúdio virtual de projeto; ensino de projeto; intervenção no patrimônio construído.

RESUMEN

El artículo se centra en la reflexión pedagógica de tres aspectos relevantes de la experiencia docente y estudiantil en el IVADS 2023. La elección de estos tres puntos tuvo como objetivo formular una crítica teórica basada en la práctica del estudio virtual, identificando los límites y complementariedades de esta práctica condensada en relación con los estudios de diseño. En Límites y Desafíos Interculturales, se describen los procedimientos y dificultades de la implementación pedagógica de un estudio de proyectos virtual en un contexto multicultural; al intervenir en lo construido se reflejan los dilemas contemporáneos de la construcción en lo construido, con el desarrollo de estrategias para su rehabilitación contextualizada; y, finalmente, se orientan las constituciones materiales, programáticas y espaciales, de manera transversal en el proyecto, a partir de la extracción, uso y aprovechamiento de la madera en el proyecto arquitectónico. Metodológicamente, la reflexión sobre estos tres puntos se construyó a partir de la experiencia de los docentes, los relatos de los estudiantes y la yuxtaposición de imágenes que paulatinamente acompañaron el desarrollo del proyecto. Las consideraciones finales del artículo apuntan a una madurez metodológica de los estudiantes a partir de la revisión de prácticas cristalizadas en los estudios de diseño, una desconstrucción y reconstrucción del programa arquitectónico, para mirar al futuro de una ciudad que considera su pasado y lo construye. basado en valores contemporáneos.

PALABRAS CLAVES: Estudio Virtual De Proyectos; Enseñanza Del Proyecto; Intervención En El Patrimonio Construido.

ABSTRACT

This article focuses in three relevant aspects of pedagogical basis in the practice of virtual design studio at IVADS 2023. The selection of these points aimed to formulate a theoretical critique based on the virtual studio practice, identifying the limits and complementarities of this condensed multicultural practice in comparison to design studios. Based on the intercultural limits and challenges of an virtual design studio, the procedures and difficulties of pedagogical implementation in a multicultural context are described; in intervening in the built, the contemporary dilemmas of building in the built are reflected, with the development of strategies for its contextualized rehabilitation; and, finally, the material, programmatic and spatial constitutions are guided, transversally in the design proposal, based on the extraction, architectural programming and application of wood in the design proposal. Methodologically, the reflection on these three points was constructed based on the teachers' experience, the students' reports and the juxtaposition of images that gradually accompanied the development of the design. The final considerations of the article reflects a methodological maturity of the students upon a induced revision of practices inherited in design studios, a deconstruction and reconstruction of the architectural program to formulate a vision of the city that considers its past and builds it based on contemporary values.

KEYWORDS: Virtual Design Studio; Design Education; Design In Built Heritage.

Recebido em: 25/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

Reflexões pedagógicas a partir do atelier virtual

A experiência de trabalho desenvolvida no Atelier Virtual Internacional IVADS 2023 que aqui apresentamos caracterizou-se por uma experiência pedagógica muito rica e desafiadora quer pelo formato de desenvolvimento do trabalho prático, quer pelas temáticas teórico/práticas decorrentes do lugar e situação projetual de partida, assim como pelo Programa Preliminar proposto. Deste modo, o artigo aqui elaborado centra-se na apresentação e desenvolvimento de uma reflexão sobre três aspetos que consideramos relevantes na presente experiência.

Em primeiro lugar, e sob a designação de ‘Limites e Desafios Interculturais’, parece-nos interessante deixar um testemunho e reflexão sobre o formato de desenvolvimento do Atelier, em ambiente virtual e com a orientação da equipa de docentes constituída pela professora Ana Marta Feliciano pela FAUL e pelo professor Dalton Bertini Ruas pela UFPB, equipe que orientou um grupo de alunos de três escolas distintas.

Em segundo lugar, o ponto ‘Intervir no Construído’ procura lançar as bases para uma contextualização da temática de base do Atelier, cujo objeto de estudo se constitui por um conjunto edificado com valor patrimonial na cidade de João Pessoa. Neste ponto procurou-se consciencializar e operar sobre a temática do construir sobre o construído, respeitando o valor patrimonial e experimentando estratégias para a sua reabilitação contextualizada. Para esta intervenção tornou-se determinante a definição de um Programa e uma reflexão sobre a temática da Economia Criativa.

Este será o ponto de partida para o ponto ‘A Madeira como elemento transversal no Projeto’, tema que surgiu de uma reflexão sobre o papel do Programa de base na criação da proposta arquitetônica, Programa que vai procurar encontrar nos elementos físicos e identitários do lugar, elegendo-se como tema de base do projeto na sua constituição material, programática e espacial.

2 DESENVOLVIMENTO

Limites e desafios interculturais

O estúdio virtual realizado em 2023 como atividade preparatória para o 11º Seminário Internacional Projetar viabilizou o intercâmbio de ideias de escolas de arquitetura com culturas de projeto distintas. As trocas iluminaram questões interculturais que uma prática interna no atelier do curso não faria, ocorrência análoga ao estudo comparativo entre tradições estéticas díspares (Hussain; Wilkinson, 2006, p.1).

A prática possibilitou a formulação de uma autocrítica referente à capacidade discente em lidar com temáticas e equipes alheias à formação de sua matriz escolar, contrapondo procedimentos reconhecidos com vivências em novos contextos pedagógicos. Este procedimento do estúdio virtual intercultural conscientiza a todos que nada em sua própria ou em outra filosofia de trabalho não possa ser revista (Hussain, Wilkinson, 2006, p.3).

Se é possível reconhecer que diferenças culturais extremas também possam impedir a realização e fluidez de um diálogo construtivo e inviabilizem uma linguagem final comum de projeto, a proximidade regional e linguística entre as escolas associadas garantiu uma plataforma comum nos debates, consideradas suas diferenças como potenciais gatilhos de aprendizado para alunos de períodos semelhantes, assim como verticais. Compartilharam a experiência as alunas Amannda Almeida de Melo Rodrigues (7º período) e Aline Guerra Galvão (8º período) da UFRN; Lucas Leite (2º período) e Jarbas Matheus Ribeiro da Silva (7º período) da UFPB; por último, Maria Eduarda Melo Silva (5º período) da UFPE. A monitora Natália Vinagre, que acompanhou o processo, é matriculada no programa de doutorado da Universidade de Lisboa.

As escolas, que participaram do concurso de ideias em edificações pré-existentes em Varadouro, João Pessoa, e voltadas à economia criativa estavam sediadas nas cidades de Natal (RN), Recife (PE), João Pessoa (PB) e em Lisboa, Portugal. Uma cultura de projeto destacada da UFRN é o desenvolvimento de propostas arquitetônicas vinculadas às reais necessidades da comunidade local, por meio de sua participação direta, como elaborado pelo professor Heitor de Andrade nas disciplinas Projeto de Edificações II e Metodologia de Projeto, esta com proposta pedagógica premiada pelo IAB-RN.

Em João Pessoa, a cadeia de projeto se desvincula de uma demanda participativa para se centrar nas condicionantes técnicas e climáticas do projeto, em uma abrangência mais recortada da cidade, com

temáticas de escalas crescentes de intervenção e centrada nas dimensões legais e dos limites de atuação profissional do arquiteto (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2012).

Em Recife, há uma abordagem multidisciplinar do curso a partir de sua estruturação temporal modular, com os alunos mais acostumados a associar condicionantes de distintas disciplinas em uma mesma proposta e outros formatos de integração interdisciplinar (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016).

Por fim, a Universidade de Lisboa está estruturada na sua linha de projeto a partir da experiência prática dos professores-arquitetos, que atuam no mercado profissional a partir de seu próprio escritório de arquitetura, com práticas exaustivas de modelos físicos e detalhamento construtivo nas disciplinas de projeto.

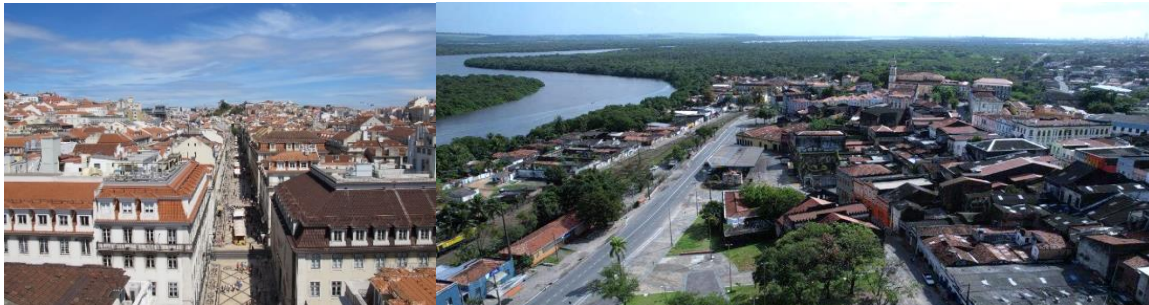
Um novo hábito para a cultura de projeto de todos alunos envolvidos foi o desenvolvimento rápido da proposta do IVADS em 10 dias. Interferir no construído sem presenciá-lo fisicamente, interagindo virtualmente com colegas de outras formações e com orientações de professores e monitores de distintas culturas no google meet e no canva complementou o desafio intercultural da equipe vencedora do concurso de ideias desta segunda edição do IVADS.

Intervir no construído

Continuar a História significa fazer o novo com absoluta contemporaneidade, mas aceitando que o material histórico da nossa memória se vai entrecruzar no processo. Não é possível desfazer o percorrido, nem isolar a arquitetura da sua própria biografia, muito menos prescindir do contexto feito lugar, como situação desvelada através da sua construção histórica. (De Gracia, 1992, p. 107).

A procura de consciencialização do momento atual da nossa contemporaneidade tem vindo a colocar à disciplina arquitetônica uma necessidade de reflexão teórica sobre as questões e prioridades fundamentais no modo de entender o nosso território e sobre uma intervenção mais consciente sobre o mesmo, situação que poderá conduzir a uma prática arquitetônica mais qualificada sobre as nossas cidades e edifícios relevantes.

Figuras 1 e 2: Imagem do Centro histórico de Lisboa; Imagem do centro histórico de João Pessoa.

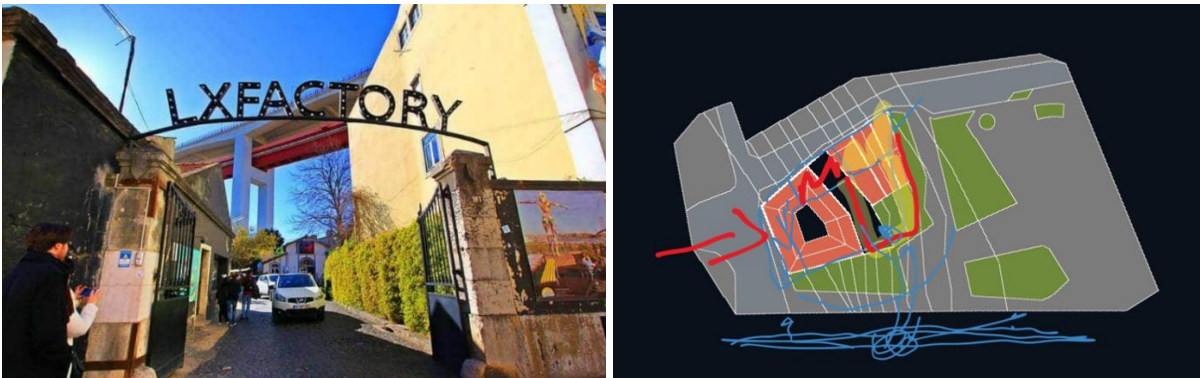


Fonte: Autores, 2023 e De Luna, 2022

Para além das questões decorrentes da economia e sustentabilidade associadas à possibilidade de intervenção sobre estruturas pré-existentes, usufruindo de todo um conjunto de infraestruturas já construídas e contribuindo para a renovação dos tecidos antigos, a possibilidade de intervenção concreta sobre o já construído, parece atualmente encontrar-se cada vez mais associada à redescoberta do valor cultural e de memória presente nas nossas matrizes urbanas consolidadas e conjuntos arquitetônicos pré-existentes.

No plano da nossa atualidade, numerosos estudos e autores têm debatido esta temática (Feliciano; Leite, 2016), desenvolvendo-se uma progressiva consciencialização do valor que poderá ter para o ser humano, a vivência e apropriação dos valores culturais presentes na cidade consolidada, contribuindo para a continuidade de uma memória coletiva e para um sentido de pertença e criação de uma identidade cultural. O atual momento que vivenciamos parece igualmente desafiar-nos a uma reflexão crítica sobre a nossa contemporaneidade e a uma compreensão daqueles que poderão ser os verdadeiros fatores determinantes para a caracterização da nossa sociedade, das suas necessidades, valores e aspirações, fatores determinantes para a emergência de novos programas e temáticas geradoras de novos espaços para o ser humano.

FIGURAS 3 e 4: Lx Factory Lisboa, novos espaços de economia criativa; Desenho processual da fase conceptual procurando captar os aspectos constituintes do lugar.



Fonte: Portugal, 2023 e Autores, 2023.

A tomada de consciência do anterior quadro teórico e a possibilidade de o colocar em prática no Atelier Virtual Internacional IVADS 2023, foi pois responsável, na experiência que agora apresentamos, pelo esboçar da questão fundamental presente no trabalho; ou seja, de que maneira poderíamos intervir na matriz urbana e arquitetônica pré-existente, assumindo o seu valor cultural e patrimonial, mas introduzindo igualmente as questões inerentes à nossa contemporaneidade e às suas necessidades e aspirações?

Estes foram os dados de partida para a realização de um trabalho, cujo formato de desenvolvimento, em ambiente virtual, com a participação de docentes e alunos de distintas faculdades e num curto mas bem programado período de tempo, conduziu a uma experiência de trabalho intensa e desafiadora do ponto de vista metodológico, com vista a uma estratégia clarificadora daqueles que seriam os vetores mais determinantes para a realização do projeto.

Deste modo e em síntese, tornou-se particularmente significativo para o desenvolvimento da proposta o reconhecimento dos aspetos constituintes do lugar, da sua forma urbana e arquitetônica, dos seus valores paisagísticos, dos seus problemas e das suas potencialidades. A par deste reconhecimento e progressiva compreensão do construído, procurou-se igualmente refletir sobre a identidade do lugar presente na memória das suas atividades, recursos e ambientes, transpondo a mesma para o plano da atualidade e das aspirações coletivas da sua comunidade humana de suporte.

Figuras 5 e 6: Pavilhão "Terra" do Brasil na Bienal de Veneza com curadoria de Gabriela de Matos e Paulo Tavares; Pavilhão Suíço, Hanover 2000, Peter Zumthor



Fonte: Archdaily, 2023

Neste domínio, e refletindo sobre a atual temática da economia criativa, introduzida nas conferências de suporte ao presente Atelier Virtual, o trabalho prático desenvolvido encontrou igualmente um fértil campo de

reflexão e debate ao nível daquilo que poderá ser hoje a ‘desconstrução’ e ‘reconstrução’ do Programa Arquitetônico, Programa este que no caso da presente proposta procura por um lado preservar os valores da memória e ativar as potencialidades do construído e por outro procura introduzir as necessidades atuais e um confronto com as questões do nosso tempo, abrindo-se deste modo à construção de novos espaços de suporte à vida humana. Neste domínio, e interpretando o lugar de intervenção, caminhando no sentido de identificar a sua identidade através dos seus elementos mais característicos, surgiu a construção de um Programa arquitetônico que vai encontrar na madeira uma temática para o desenvolvimento da proposta.

A madeira como elemento transversal no projeto

O potencial da madeira como material que pudesse integrar a proposta transversalmente foi abordado pelos docentes do grupo, que identificaram a versatilidade e diversidade de aplicações materiais para a implementação da proposta. A construção do programa poderia perpassar desde os processos produtivos da madeira associados à cadeia gerencial associada à economia criativa, e das próprias condicionantes produtivas e ambientais do entorno imediato do sítio de intervenção, com potencialidade de aplicação direta à proposta.

Assim, no início da cadeia produtiva, a seleção da madeira local, mesmo considerando as matas de preservação existentes no Rio Paraíba, foi aventada a possibilidade do manejo e extração ecológica de árvores realizada no Estado do Pará, na floresta Amazônica. A companhia Mil folhas (site) extrai para comercialização árvores já mortas que permanecem verticalmente na floresta, em que a retirada para uso do tronco selecionado seria benéfica para o crescimento de outras árvores no local. Tal lógica operativa, ainda que específica à Região Norte brasileira, poderia ser estendida para ser utilizada estrategicamente em regiões de preservação, já que não alteram a paisagem existente ao extrair precisamente árvores mortas cujos troncos barram o sol e crescimento de novas árvores na superfície mais baixa.

Figuras 7 e 8: Jogo lúdico infantil utilizado como referência das texturas e pesos da madeira brasileira; fruteira Balsa projetada e executada pelo Estúdio Paulo Alves (1999)



Fonte: Autores, 2023 e Estúdio Paulo Alves

Na definição e extração das espécies, foi destacada a diversidade da madeira brasileira a partir do jogo lúdico infantil (figura 7), produzido a partir de madeiras brasileiras. A diversidade de texturas, pesos e cores ampliou o recorte tonal e espacial utilizado pela equipe de estudantes, fazendo com que fosse refeita as escolhas projetuais e de definição da espacialidade resultante. O jogo infantil, neste caso usado com uma amostra de material, ilustrou a combinação livre das madeiras, reflexo da exuberância material das madeiras brasileiras, que alternam desde espécies para uso estrutural, pesadas e escuras (massaranduba) até as exuberantes e exóticas roxinhos, de cor roxa, usada para móveis e muitas vezes em marchetaria, uma vez que seu uso em grandes quantidades é ainda restritivo, mas que é explorado nos móveis premiados de designers brasileiros (figura 8). A apropriação pelos estudantes do material passou da quase opacidade integral de tonalidade verde (figura 10) para uma ludicidade material e tonal, além de uma maior variabilidade dos fluxos de ar e luz nos espaços internos do projeto.

FIGURAS 8 e 9: Arquitetura vernacular praieira nordestina; Moradas Infantis de Canuanã com a utilização de madeira engenheirada, Aleph 0 e Rosembaum (2017).



Fonte: Barros Lima, 2007 e Estúdio Gustavo Utrabe, 2023.

Por último, o potencial programático da madeira, apropriando-se da existente concentração de madeiras na região do varadouro, como Leo Madeiras, Boneca Madeiras e Monte Sinai, entre outras, e do aprofundamento do entendimento da fabricação construtiva— seja em processos industriais e mecanizados, avançado o patamar da tecnologia hoje disponível nesta madeira (figura 9), seja valorizando o artesanato local, com conhecimentos arraigados em gerações precedentes e da cultura da madeira caiçara, presente em todo o nordeste e descrito pelo pesquisador Barros Lima (2007) (figura 8). A articulação espacial e programática da madeira foi caracterizada pelos aspectos produtivos de extração material, apropriação tecnológica diversificada, desde processos tecnológicos avançados com fabricação digital até usos vernaculares locais, até sua apropriação metalinguística material na própria intervenção, em que a madeira desenha, usando os princípios de restauro de reversibilidade, aspectos estruturais e de filtro de luz presentes na proposta arquitetônica (figura 11).

FIGURAS 10 e 11: Proposta preliminar dos estudantes; proposta incluída nas pranchas finais, com diferenças tonais e de iluminação no uso da madeira.



Fonte: Autores, 2023.

3 CONCLUSÃO

Apontando para o futuro

O tempo reduzido de elaboração de uma ideia arquitetônica aventou uma reflexão pedagógica do ato de projetar, que incluiu aspectos interculturais, de intervenção no patrimônio existente e da construção programática e arquitetônica transversal a partir da materialidade da madeira. Abarcando as relações culturais para a intervenção no espaço construído, destacou-se no texto os aspectos pedagógicos para a formulação da proposta arquitetônica da equipe Enlace Nordestino do IVADS 2023.

As culturas de projeto com as idiosincrasias das quatro escolas de arquitetura, assim como a distância física e material do sítio de projeto foram dificuldades iniciais que estimularam uma revisão às metodologias de

projeto (re)conhecidas. Sua insuficiência em relação às condicionantes do Estúdio Virtual estimulou uma transformação operativa para contemplar novas estratégias projetuais de modo a atuar em um breve lapso temporal em uma chave multicultural.

A apropriação dos valores presentes na cidade consolidada objeto de intervenção foi um processo gradual para alunos oriundos de outras realidades urbanas, dotados de patrimônios construídos e morfologias urbanas alheias ao bairro de Varadouro no centro Histórico de João Pessoa. Assim, a descoberta do patrimônio cultural da cidade a partir da visita virtual aos espaços foi insuficiente para o reconhecimento das vivências e eventos urbanos, mas desafiadoras para investigar potenciais pistas de como intervir em um território com uma legislação preservacionista restritiva, sem perder de vista a construção de um futuro pautado em valores contemporâneos.

Para operar dentro destes mecanismos complexos, o uso da matéria local reconhecida na madeira emergiu como possibilidade de responder, em distintas camadas, os desafios programáticos, de leitura das condicionantes existentes do sítio, além de potencial estrutural e estruturante da proposta arquitetônica. A economia criativa, que estimula uma organização dinâmica das forças produtivas, impulsionou uma reflexão sobre as possibilidades e contradições em atuar na logística de extração material, nas interrelações existentes entre os distintos níveis tecnológicos de processamento dos componentes construtivos, com a mesclagem entre baixo e alto nível tecnológico, além de sua aplicação direta como material para destacar a nova intervenção em uma edificação existente.

A conscientização dos alunos neste processo foi gradual, desde uma apreensão e apropriação das ferramentas de representação para melhor compreender o território, além do reconhecimento de outras formas de intervir materialmente no patrimônio construído. A identificação do passado no processo de reconhecimento da cidade embasou a intervenção material mirada no futuro, buscando estabelecer conexões entre os elementos dispersos no território com de potenciais latentes. Uma visão que buscar conciliar os elementos da paisagem natural e construída a partir de sua dinamização contemporânea da economia criativa, encontrando na madeira a matéria para transversalmente conduzir a proposta.

4 REFERÊNCIAS

DE GRACIA, F. *Construir en lo Construido*; La arquitectura como modificación. Madri: ed. Nerea, S.A., pp. 107.

BARROS LIMA. *Arquitetura Vernacular Praieira*. Recife Barros Lima, 2007.

DE LUNA, J. C. *Ensaio projetual sobre um centro comunitário de cultura contemporânea*. Trabalho de Conclusão de Curso. João Pessoa: UFPB, 2022.

Estúdio Paulo Alves. Disponível em <https://pauloalves.com.br/>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

FELICIANO, A. M. ; LEITE, A. S. (orgs.). *Memória, Arquitectura e Projecto, Reflexão e Propostas para uma reabilitação sustentada do Patrimônio Urbano e Arquitectónico*. Lisboa : Ed. By the Book, 2016.

HUSSAIN, M.; WILKINSON, R. *The Pursuit of comparative aesthetics: an interface between East and West*. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 2006.

Portal Achdaily. Disponível em archdaily.com.br. Acesso em 10 de novembro de 2023.

PORTUGAL, A. C. Portal Turista Profissional. Disponível em: <https://turistaprofissional.com/lx-factory-o-lado-cool-de-lisboa/> Acesso em 08 de Novembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA. *Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. João Pessoa : UFPB, 2012. Disponível em : <https://ct.ufpb.br/ccau/contents/documentos/projeto-politico-pedagogico-ppc/ppc-2012-atualizado.pdf/view> Acesso em 05 de novembro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. *Projeto Pedagógico : Curso de Graduação do Curso em Arquitetura e Urbanismo da UFPE*. Recife : UFPE, 2016. Disponível em :

https://www.ufpe.br/documents/863552/863575/ppc_arquitetura_rev_2016.pdf/87dc0c8a-79f7-46b6-9dab-a65f31f09914 Acesso em 06 de novembro de 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

SOBRE UM ENSINO EM 'ABERTO': LEITURAS DE UM ATELIER VIRTUAL DE PROJETO PARA O BAIRRO DO VARADOURO, JOÃO PESSOA-PB.

SOBRE UNA ENSEÑANZA 'ABIERTA': LECTURAS DE UN TALLER DE DISEÑO VIRTUAL PARA EL BARRIO DE VARADOURO, JOÃO PESSOA-PB

ABOUT AN 'OPEN' TEACHING: READINGS FROM A VIRTUAL DESIGN ATELIER FOR THE VARADOURO NEIGHBORHOOD, JOÃO PESSOA-PB

MEDEIROS, LUCIANA DE

Doutora, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: luciana.medeiros.1@ufrn.br

LEITE, ANTÓNIO SANTOS

Doutor, Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e Investigador do CIAUD, E-mail: amleite354fa@gmail.com

RESUMO

As práticas didático-pedagógicas relacionadas ao ensino de projeto, atualmente aliadas às inovações tecnológicas e às novas formas de trabalho colaborativo, tem sido tema de constante debate. Os chamados ateliers virtuais de projeto, seus diferentes formatos e elementos constitutivos, ampliam oportunidades na prática arquitetônica. Assim, este artigo apresenta aspectos didático-pedagógicos de um workshop de projeto sob o olhar dos docentes participantes de uma das equipes de trabalho. Para tanto, o foco das reflexões engloba duas contextualizações sobre a atividade. A primeira discorre sobre as questões metodológicas e postura pedagógica adotada, com ênfase na sequencição e organização das atividades, delimitando os tempos, as ferramentas envolvidas, alterações no percurso e o alcance de um efetivo trabalho colaborativo. Na segunda contextualização, registra-se a defesa de um ensino em 'aberto', um ensino que, mais do que se ensinar o previamente conhecido, deve estimular, tanto nos docentes como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender. A partir deste enquadramento, evidencia-se uma proposição programática sobre a reabilitação de 'lugares históricos', 'lugares multitemporais' marcados pelas realidades culturais de quem as habitou, compreendendo-os como lugares de futuro. Como resultado, destaca-se a validade de um exercício realizado à distância, moldado por escolhas metodológicas mais amplas, que favoreceram a integração entre alunos e docentes de diferentes instituições.

PALAVRAS-CHAVE: Atelier Virtual de Projeto. Ensino de Projeto Arquitetônico. Colaboração. Reabilitação Arquitetônica.

RESUMEN

Las prácticas didáctico-pedagógicas relacionadas con la enseñanza por proyectos, actualmente combinadas con innovaciones tecnológicas y nuevas formas de trabajo colaborativo, han sido objeto de constante debate. Los llamados talleres virtuales de proyecto, sus diferentes formatos y elementos constitutivos, amplían las oportunidades en la práctica de la arquitectura. Así, este artículo presenta aspectos didáctico-pedagógicos de un proyecto taller desde la perspectiva de los docentes participantes de uno de los equipos de trabajo. Para ello, el foco de las reflexiones abarca dos contextualizaciones de la actividad. El primero discute las cuestiones metodológicas y la postura pedagógica adoptada, con énfasis en la secuenciación y organización de las actividades, delimitando los tiempos, las herramientas involucradas, los cambios en la ruta y los alcances del trabajo colaborativo efectivo. En la segunda contextualización, se encuentra la defensa de una enseñanza 'abierta', una enseñanza que, más que enseñar lo que ya se sabe, debe estimular, tanto en profesores como en estudiantes, un deseo genuino de descubrir y aprender. Desde este marco surge una propuesta programática sobre la rehabilitación de 'lugares históricos', 'lugares multitemporales' marcados por las realidades culturales de quienes los habitaron, entendiéndolos como lugares del futuro. Como resultado, se destaca la validez de un ejercicio realizado de forma remota, conformado por elecciones metodológicas más amplias, que favorecieron la integración entre estudiantes y docentes de diferentes instituciones.

PALABRAS CLAVES: Taller Virtual de Proyecto; Enseño de Proyecto Arquitectónico. Colaboración; Rehabilitación Arquitectónica.

ABSTRACT

Didactic-pedagogical practices related to project teaching, currently combined with technological innovations and new forms of collaborative work, have been the subject of constant debate. The called virtual design studios, their different formats and constituent elements, expand opportunities in architectural practice. Thus, this article presents didactic-pedagogical aspects of a project workshop from the perspective of teachers participating in one of the work teams. To this end, the focus of reflections encompasses two contextualizations of the activity. The first discusses the methodological issues and pedagogical stance adopted, with an emphasis on the sequencing and organization of activities, delimiting the times, the tools involved, changes in the route and the scope of effective collaborative work. In the second contextualization, there is the defense of 'open' teaching, a teaching that, more than teaching what is previously known, must stimulate, in both teachers and students, a genuine desire to discover and learn. From this framework, a programmatic proposition emerges about the rehabilitation of 'historical places', 'multitemporal places' marked by the cultural realities of those who inhabited them, understanding them as places of the future. As a result, the validity of an exercise carried out remotely stands out, shaped by broader methodological choices, which favored integration between students and teachers from different institutions.

KEYWORDS: Virtual Design Studio. Architectural Design Teaching. Collaboration. Architectural Rehabilitation

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

As discussões acerca dos ateliers virtuais de projeto e das questões envolvidas na sua prática tem recebido importante destaque nos últimos anos. A partir do incremento das novas tecnologias digitais que permitiram sua operacionalização, mas também em razão do conhecimento adquirido com os ateliers de projeto em formato remoto do período da pandemia da covid-19, uma série de experiências passaram a fazer parte do cenário acadêmico e dos cursos de arquitetura, abarcando diferentes formatos e níveis de abrangência. Ainda que as práticas pedagógicas derivadas do período de isolamento social tenham sido uma imposição e, portanto, tenham adquirido uma configuração específica para aquele momento conforme possibilidades de cada grupo ou instituição, pontuamos aqui o alargamento das perspectivas de trabalho com uso da internet e aplicativos digitais diversos.

Deste modo, numa aproximação com experimentações implementadas mais recentemente, vale destacar a discussão proposta por Celani (2021), sobre exemplos de projetos colaborativos do período da pandemia e *workshops* de projeto com participação de estudantes e docentes de instituições nacionais e internacionais, assim como a pesquisa que vem sendo desenvolvida por Veloso (2021), sobre novas formas de ensino/aprendizado do projeto e iniciativa de organização da primeira versão do IVADS - Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura.

Dito isto, este artigo traz à tona algumas reflexões didático-pedagógicas de um *workshop* realizado dentro dessa perspectiva. O Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura ou *International Virtual Architectural Design Studio – IVADS 2023* – envolveu a participação de docentes, estudantes, de pós-graduação e de graduação de cursos de arquitetura de diferentes instituições nacionais (UFRN, UFPB, UFPE) e internacionais (Universidade de Lisboa). Ocorreu entre os dias 26 de setembro e 09 de outubro de 2023, com o tema “Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa/PB”, estabelecendo uma relação com a cidade onde seria o 11º Seminário Internacional PROJETAR. Assim, funcionou como uma oficina que antecedeu o Evento e englobou 30 horas de atividades a algumas palestras de profissionais especialistas na área.

O texto que segue foi construído a partir dos olhares dos docentes que participaram de uma das equipes do atelier e está apresentado conforme duas seções principais. A primeira delas, mais analítica, situa o leitor em relação aos aspectos didático-pedagógicos adotados ao longo do *workshop*, assinalando detalhes de caráter estrutural, operativo e sua correlação com as respostas dos estudantes. A segunda seção, exemplificada por meio do conteúdo tratado em uma em uma das etapas do atelier e do relato de experiência de um dos autores do artigo, discute o chamado ensino ‘em aberto’ e reabilitação de ‘lugares históricos’, ‘multitemporais’. Ao final, os autores evidenciam algumas reflexões sobre a atividade.

2 ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS GERAIS

De um modo geral, o IVADS 2023 compreendeu três momentos distintos: 1) um momento inicial, com palestras sobre o tema, distribuição das equipes de trabalho, avisos sobre as principais regras do concurso e contato com o objeto de estudo; 2) um momento intermediário, composto pelo início dos trabalhos dos alunos e uma apresentação preliminar das ideias dos grupos para o problema de projeto; 3) um momento final, envolvendo a etapa propositiva propriamente dita, com apresentação das soluções para a área de intervenção escolhida.

Além disso, nos estágios iniciais da oficina, a comissão organizadora disponibilizou informações e material gráfico sobre o local a ser trabalhado, assim como o contato (*e-mail* e número de celular) dos participantes de cada grupo para que os mesmos pudessem se organizar. A distribuição das 6 equipes foi pensada de uma maneira que envolvesse pessoas de diferentes instituições, mas principalmente, alunos pós-graduação e alunos de graduação de diferentes níveis, para equilibrar cada grupo. Observa-se, assim, que existiam alguns critérios preestabelecidos para o funcionamento do *workshop*, o que facilitou o entendimento dos envolvidos e a previsão das atividades a serem realizadas.

Sobre a organização do trabalho e as fases do atelier

A partir do anúncio das equipes de trabalho no 1º dia do IVADS, optamos pela criação de um grupo de *whatsapp* visando uma comunicação mais ágil entre os membros da equipe. Como consequência, ficou combinada uma reunião, pelo *GMeet*, para o dia seguinte, com objetivo de nos apresentarmos uns aos outros e lançarmos sugestões para uma rotina de encontros/discussões, de acordo com os seguintes itens:

- Marcação de reuniões, via *GMeet* e discussão do horário mais conveniente para o grupo;

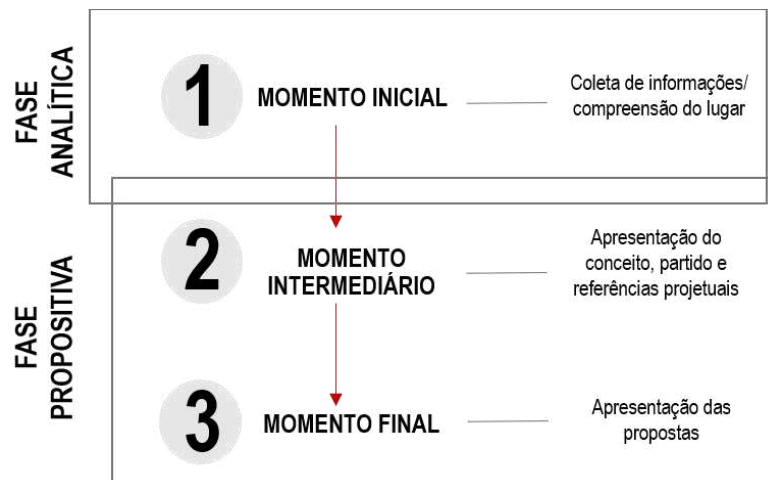
- Criação de um ambiente virtual colaborativo;
- Discussão sobre etapas de trabalho e produtos a serem entregues
- Discussão sobre divisão das tarefas, escolha de ferramentas de concepção de acordo com habilidades dos componentes do grupo.

O ambiente virtual colaborativo escolhido foi o Miro, já conhecido por todos os participantes em função do seu uso durante o período da pandemia. A opção pelo horário das reuniões do grupo (17h no Brasil e 21h em Lisboa) levou em consideração o final das aulas dos estudantes brasileiros e fuso-horário em relação a Portugal, já que havia um professor e um estudante da Universidade de Lisboa na equipe.

Quanto aos encontros síncronos/reuniões com a participação do grupo, foram marcadas 6 datas consecutivas até a apresentação preliminar da proposta. Partimos do princípio de que pelo menos 1 professor estaria presente nesses primeiros encontros, para observar e estimular a dinâmica dos alunos, já que grande parte das pessoas não se conhecia. Por este motivo, a intenção era que os estudantes de pós-graduação, que assumiriam o papel de monitores da equipe, estivessem sempre presentes nessas reuniões. Vale enfatizar, neste ponto, que um número maior de encontros nesse momento inicial seria primordial para a aproximação dos membros do grupo. Também funcionaria como facilitador para tomada de decisão, dia após dia, já que estávamos todos lidando com várias incertezas de projeto e uma nova atividade, centrada num objeto/problema de projeto sem qualquer reflexão anterior e realizada num curto período de tempo.

O exercício foi estruturado em duas etapas principais, em consonância com os momentos do IVADS: uma analítica, composta pela coleta de informações, discussão sobre as palestras e conteúdo pesquisado, busca por referências projetuais; e outra propositiva, composta primeiramente pela definição de conceito e partido arquitetônico e, em seguida, pelo desenvolvimento do restante da proposta (Figura 01). Ressalta-se, neste quesito, que o próprio processo de projeto, compreendido como um processo cíclico e repleto de incertezas (LAWSON, 2011), permitiu uma pequena sobreposição das etapas, o que ocasionou situações em que foi preciso reformular ideias ou retomar passos anteriores.

Figura 1: Diagrama esquemático com os principais momentos do IVADS e fases de concepção projetual



Fonte: Autores

O momento intermediário da oficina, marcado pela sistematização das ideias e definição de conceito e partido arquitetônico, gerou ricas discussões acerca das posturas de intervenção a serem trabalhadas pelo nosso grupo, como também a respeito dos usos propostos para área de estudo. Além disso, oportunizou a reflexão sobre a importância do lugar para os moradores do bairro, como será melhor detalhado na seção que trata do ensino em aberto e requalificação urbana e arquitetônica do local.

Entre a apresentação das ideias preliminares das equipes e o trabalho de desenvolvimento das propostas finais, o número de reuniões com a presença de todos os componentes do grupo diminuiu um pouco em relação ao primeiro momento do atelier. Uma rotina de tarefas já havia se estabelecido entre os membros da equipe e eles próprios passaram a sugerir encontros extras em horários alternativos. Ademais, a continuação da proposta, em termos práticos, exigiu a divisão dos desenhos e, conseqüentemente, o debate frequente do grupo.

Nesse cenário de atividades, considerando que a apresentação das propostas seria durante o Seminário Projetar e que alguns membros da equipe estariam no evento, ficou acertado que a finalização das pranchas de desenhos seria feita no espaço destinado para essa função. Acreditamos que essa seria uma excelente oportunidade para sentir, de perto, a vibração do grupo. Assim, os que estiveram no local puderam interagir presencialmente e apresentar o projeto desenvolvido intensivamente naqueles últimos 14 dias.

Figura 2: Imagem da apresentação final do workshop no 11º Projetar



Fonte: autores

Sobre a postura pedagógica adotada

Embora o exercício realizado no *workshop* possua um formato diferente de um atelier de projeto desenvolvido ao longo de uma disciplina, podemos trata-lo como um tipo de atividade que demanda reflexão-na-ação, por meio de um ensino prático reflexivo (Schön, 2000). A expressão conhecer-na-ação, responsável pela construção do conhecimento durante a realização de procedimentos ou sequências de operações – aqui os diferentes momentos do atelier de projeto – é a que mais se aproxima da situação vivenciada. Ao mesmo tempo, considerando as diferentes experiências dos docentes e a estrutura dinâmica do atelier, nos concentramos em torno de uma conduta que permitiu autonomia aos participantes (Rheingantz, 2003). Em síntese, partimos do princípio de que uma postura considerada aberta, baseada no diálogo sobre os diferentes momentos de reflexão e aprendizado mútuo, seria adotada durante o *workshop*.

Com base nesse tipo de premissa, observamos que os alunos de pós-graduação se sentiram mais confiantes desde as primeiras reuniões e puderam auxiliar melhor o restante do processo, ficando responsáveis pelo gerenciamento das informações reunidas pelo grupo, assim como pela organização de parte do material das apresentações. Em relação aos estudantes de graduação, representados por 2 estudantes do 1º ano, 2 do meio do curso e 2 do último ano, houve um cuidado especial: a forma de lidar com os que ainda não tinham experiência com exercícios de projeto e com *softwares* utilizados pelos demais. A conversa com o grupo foi iniciada com base na noção de acolhimento das diversidades e possibilidade de divisão de tarefas de acordo com as diferentes habilidades e conhecimentos prévios. Deste modo, os próprios alunos consideraram interessante listar como cada um poderia ajudar e como fariam isso nos momentos distintos do *workshop*. Apesar de interessante e bem avaliada no início, tal atitude foi esquecida e a lista “abandonada” na fase final da oficina, uma vez que o ritmo acelerado da busca por soluções e execução dos desenhos modificaram esse planejamento inicial. Em relação à representação gráfica das propostas, os desenhos à mão livre fizeram parte dos primeiros croquis, mas logo deram lugar às ferramentas digitais, consideradas mais rápidas por todos os participantes.

A última semana do atelier foi caracterizada como um divisor de águas dentro da atividade, já que os membros do grupo se tornaram mais próximos e conseguiram estabelecer uma forte relação de cooperação entre eles. Ao longo do processo, a figura do professor, que conduzia e estimulava, mas se baseava sobretudo numa postura pedagógica aberta, deixava espaço livre para um movimento próprio que nascia nos estudantes a partir de então. Além dos encontros marcados com toda a equipe, eles próprios marcavam reuniões em horários distintos, em conjunto, em dupla, em trio e com os monitores, quando se sentiam sozinhos na produção dos desenhos. A lista das habilidades e divisão de tarefas foi substituída pela necessidade resolver alguns contratempos – como a saída de um dos componentes grupo na fase final – e pela vontade de solucionar as questões impostas pelo tema trabalhado, o que encorajou o grupo a aprender a pensar coletivamente, a desenvolver ideias coletivamente e a ensinar uns aos outros, fortalecendo o senso de equipe.

3 ENSINO EM ABERTO, REQUALIFICAÇÃO URBANA E ARQUITETÔNICA¹

Preâmbulo:

“Ensinar é mais difícil do que aprender. (...) Ensinar é mais do que aprender porque ensinar exige o seguinte: permitir aprender” (HEIDEGGER, 1977, p. 356 apud PALLASMAA, 2018, p. 73).

Todos nós..., que, por diversas situações de vida, nos confrontámos com a experiência de ‘ter’ de Ensinar, confrontámo-nos também com a dúvida, ou melhor, com a ‘certa incerteza’, de como podemos realmente ensinar.

Efectivamente, se nos relembrarmos das nossas primeiras experiências de Ensino, mesmo sendo certo que elas não começaram virginalmente no dia em que nos tornámos docentes de Projecto de Arquitectura, confrontamo-nos desde logo com tácitas e naturais inseguranças. Inseguranças que, por uma natural inexperiência, procurámos superar quer por imediatos mimetismos com o que experimentámos, pois antes de sermos professores fomos alunos com maior adesão a alguns processos vivenciados, quer pela aparente segurança dada pela transmissão de certezas objectivas. Isto é, ainda que disso não tivéssemos uma verdadeira consciência, tendíamos a ensinar um limitado ‘mundo conhecido’, que, por o ser, tendia também a induzir as respostas directas ao que se procurava veicular.

No entanto, com o avançar da nossa prática lectiva de Projecto de Arquitectura e Urbanismo, e aqui esta prática implica a repetição de processos e síntese crítica de conclusões, este enquadramento foi evoluindo e modificando-se. Com efeito, a nossa primeira pedagogia foi-se revelando insuficiente; insuficiente porque, num enquadramento pedagógico que implica com toda a certeza uma matricial criatividade, a mera repetição de conhecimentos e o mimetismo de outros, foi-se revelando limitado face ao que, cada vez mais conscientemente, para nós se evidencia e que se acreditava que se deve procurar.

De facto, com uma maior experiência e experimentação de processos didácticos, começámos a acreditar na necessidade de um Ensino mais ambíguo e em ‘aberto’; ou seja, num Ensino que, metodologicamente, mais do que se ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, deve para nós, pelo menos em parte, permanecer incerta de modo a permitir estimular, tanto em nós como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender. No fundo, uma vontade que, sem alienar uma mais directa e informada transmissão de conhecimentos, deverá permitir aprender, afastando-nos assim de uma rígida e magistral postura de professor, condição que nos remete para uma pedagogia mais ampla e incerta, mas certamente, mais ‘aberta’ à participação e ao estímulo de uma criativa aprendizagem.

Concepção temática e metodológica

Sobre a concepção temática e metodológica da minha participação no *workshop*, participação essa apenas parcial, uma vez que participei apenas em parte das sessões de trabalho, devo referir que a mesma, obviamente, se desenvolveu no enquadramento enunciado no ‘Preâmbulo’; isto é, numa pedagogia que conscientemente se procurou ‘aberta’ à participação e ao estímulo de uma criativa aprendizagem. Portanto, mais do que se procurar transmitir e enunciar temas/conhecimentos objectivos, procurou-se neste Workshop introduzir perguntas e estímulos teórico-práticos sobre os âmbitos culturais e programáticos genéricos ao trabalho proposto.

Com efeito, a partir desta primeira conceptualização genérica, desenvolveu-se uma orientação pedagógica que, de um modo informado mas informal, procurou colocar dúvidas e levantar campos específicos de reflexão, nomeadamente, sobre uma ampla compreensão cultural do lugar de intervenção e sobre algumas das questões matriciais que contextualizam um dito lugar histórico e um qualquer processo de reabilitação.

Figuras 3-4: Vista sobre o ‘centro histórico’ de João Pessoa; vista aérea do lugar de intervenção



Fonte: Wikipédia, Google Maps – fotografias manipuladas pelos autores

Deste modo, é de referir que se procurou estimular nos alunos uma compreensão do lugar em sentido amplo, localizado no centro histórico de João Pessoa, realidade que implicou, de um modo intencional, tanto a compreensão do seu lugar físico e climático, como da relação intrínseca destas determinantes objectivas com o seu passado e lugar cultural. Esta intencionalidade, tendeu a levar assim os alunos a procurarem um conhecimento amplo do lugar, conhecimento que lhes permitiu, não só objectivar algumas das questões orográficas e bioclimáticas de um lugar a reabilitar, localizado no Bairro de Varadouro na Cidade de João Pessoa, como também interrogarem-se sobre o porquê do seu construído, tanto urbano como arquitectónico, necessariamente determinados por orgânicas e simbióticas realidades culturais.

Neste contexto, é de destacar que, mais do que uma análise e proposição estática temporalmente situada no presente, procurou-se uma pedagogia que levasse os alunos a compreenderem e interpretarem o lugar e o seu construído, não como uma mera expressão de uma realidade apenas situada na nossa contemporaneidade, mas sim como uma realidade cultural de condensação de tempos. Uma realidade verdadeiramente histórica que, pela organicidade inerente aos seus habitantes e à sua evolução construída, reflecte desejos e necessidades de diferentes tempos e vivências condensados num todo complexo, todo esse feito pelas múltiplas e sucessivas camadas que podem explicar o actual presente.

Assim, a concepção metodológica intrínseca a esta orientação, teve como fulcro uma compreensão, tanto quanto possível, aberta e culturalmente abrangente do lugar, compreensão essa que, mais do que se fixar com estrita objectividade no valor de um qualquer 'lugar temporal', seja este do passado ou do presente, procura compreendê-lo como uma realidade dinâmica e multitemporal. Ou melhor, programaticamente compreendemos este lugar como um lugar feito tanto de passado e presente como de futuro, até porque o presente, o nosso presente, é com toda a certeza apenas um momento fugaz de transição onde apenas interpretamos e projectamos, mesmo quando fazemos com a intensão de preservar e reabilitar um qualquer testemunho do passado, o que desejamos que no futuro possa vir a existir ou a acontecer.

Portanto, a concepção inerente a esta visão de reabilitação, seja esta urbana ou arquitectónica', afasta-se de uma visão restritiva do termo, alargando-a a uma visão muito ampla que a relaciona culturalmente com a inevitabilidade metamórfica de um futuro, que, com toda a certeza, implicará o novo e novas necessidades e que, apesar da importância identitária do seu lastro cultural, nunca irá repetir o passado. Ou seja, mesmo que romanticamente quiséssemos acreditar na preservação nostálgica e inalterada dos lugares, tal nunca acontecerá, pois, o que o futuro nos impõe é um mundo em transformação.

Deste modo, acreditamos que se queremos preservar operativamente um qualquer património cultural do passado, seja este material ou imaterial, a sua reabilitação implica sempre uma reinvenção factual do que se quer preservar, reintegrando-o e reinventando-o numa 'nova Arquitectura'. De facto, tal como já escrevemos, defendemos que num sentido restrito do termo *"não existe Reabilitação (...) apenas Arquitectura, pois, para nós, factualmente o que existe é um modo próprio de a realizar sobre um 'lugar', lugar que aqui deve ser entendido genericamente como uma contextualização patrimonial que, pela sua qualificação cultural, implica a ponderação e o equilíbrio entre a criação do que queremos fazer e o valor, por vezes frágil e insubstituível, de uma memória e/ou identidade preexistente"* (Leite, 2021, p.25).

Por esta conceptualização, a interpretação que fizemos do lugar e que procuramos transmitir aos alunos, foi contaminada por uma abertura que implicou o confronto de um lugar histórico, um lugar feito por 'muitos tempos', com a inevitabilidade de um futuro. Um confronto que, por ser um adiante, é também para nós um lugar ainda desconhecido, uma vez que necessariamente encerra indefinições que apenas projectual e com criatividade podemos antever. De facto, assim é, e essa realidade confronta-nos com a ideia em 'aberto' de Ensino que defendemos no Preâmbulo e donde partimos; ou seja, um *"Ensino que, metodologicamente, mais do que se ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, deve para nós (...) permanecer incerta de modo a permitir estimular, tanto em nós como nos alunos, uma genuína vontade de descobrir e apreender"*.

No entanto, para encerrar reflexão, deveremos ainda destacar uma última questão mais estritamente metodológica, questão essa que resulta da especificidade de o Workshop realizado ter assumido um processo operativo realizado à distância através de ferramentas e por uma mediatização digital, integrando alunos e docentes de diferentes Escolas de Arquitectura e de diferentes graus de formação.

Com efeito, esta configuração metodológica, invulgar no 'quotidiano' mais rígido da nossa experiência docente, implicou desafios que, pese embora as dificuldades inerentes à virtualização das relações humanas, permitiu também quanto a nós ganhos pedagógicos muito objectivos. Efectivamente, esta operativização virtual de um processo de Ensino, pese embora as suas inevitáveis dificuldades, permitiu realizar num tempo curto uma aproximação efectiva entre alunos, professores e temáticas, que muito dificilmente poderia ser conseguida por processos tradicionais.

De facto, deve-se reconhecer que, a metodologia virtual proposta para o presente workshop, integrado no *"Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitectura/International Virtual Architectural Design Studio –*

IVADS 2023”, permitiu factualmente um alargamento das pedagogias mais tradicionais, realidade que, tanto para os alunos como para nós próprios, nos confrontou com a necessidade de adaptação/compreensão de outras realidades menos experimentadas. No fundo, deslocou-nos do nosso ‘chão seguro’ para a incerteza, isto é para a abertura, de um Ensino que acreditamos e que deverá “*permitir aprender e aprender*”, pelo que se deve reconhecer que, experimental e pedagogicamente, foi operativo e ‘valeu a pena’.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visualizado através das reflexões aqui delineadas, a participação no IVADS 2023 permitiu uma variedade de encontros. Encontros entre pessoas, encontros entre experiências, encontros com novos lugares, encontros com as incertezas e, principalmente, com novos aprendizados. Assim, regista-se em primeiro lugar a defesa de um ensino ‘em aberto’, que possibilite mais do que ensinar uma matéria previa e totalmente conhecida, mas que possibilite o estímulo e a vontade de aprender em docentes e alunos.

Em seguida, evidencia-se a oportunidade de trabalhar com uma temática que possibilitou ao grupo a compreensão do lugar de intervenção como expressão de uma realidade que pode refletir diferentes tempos: sua origem no passado; seu uso no presente e novos usos no futuro. Assim, foi possível discutir acerca de uma intervenção e reabilitação de ‘lugares históricos’, ‘lugares multitemporais’, fortemente influenciados pelas realidades de quem as habitou, compreendendo-os como lugares de futuro. Sendo assim, implicam uma reabilitação que deve preservar valores patrimoniais do passado e permitir a reinvenção do que se quer preservar.

No tocante ao planeamento traçado para o período da oficina, vale mencionar a necessidade de ajustes relacionados ao conteúdo abordado nos encontros síncronos ou ao conteúdo previamente idealizado para as apresentações, especialmente em função da quantidade de variáveis envolvidas no exercício e do próprio dinamismo deste tipo de atelier. Por outro lado, o forte senso de equipe observado num curto período de tempo equilibrou as adversidades do percurso e surpreendeu a todos de modo positivo. Tal fato, no entanto, pode ter sido influenciado pela postura pedagógica adotada pelos docentes, mas partiu da predisposição do grupo em acolher, aprender e colaborar uns com os outros.

Finalmente, constata-se a validade da metodologia de um processo operativo realizado à distância, integrando alunos e docentes de diferentes Escolas de Arquitetura e de diferentes graus de formação, reconhecendo-se a sua validade como meio efetivo de alargamento das pedagogias tradicionais.

5 REFERÊNCIAS

- CELANI, G. Colaboração remota no projeto de arquitetura e urbanismo em um contexto de isolamento social. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 6, n. 1, p. 163–167, 2021. DOI: 10.21680/2448-296X.2021v6n1ID23866. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23866>.
- LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LEITE, A. S. *Reabilitação ou Reabilitações: reflexões sobre Reabilitação Urbana e Arquitectónica*. Caleidoscópio, Lisboa, 2021.
- PALLASMAA, J. Aprender e Desaprender: a perspectiva mental na Arquitectura e na Educação. In: PALLASMAA, J. (Org.). *Essências*, Gustavo Gili, São Paulo, 2018, p. 65-96.
- RHEINGANTZ, P. A. Arquitetura da autonomia: bases pedagógicas para a renovação do atelier de projeto de arquitetura. IN: LARA, F.; MARQUES, S. (Org.) *Projetar-Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.
- SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. ARTMED. Porto Alegre, 2000.
- VELOSO, M. Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS 2021. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 7, n. 1, p. 134–137, 2022. DOI: 10.21680/2448-296X.2022v7n1ID27893. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/27893>.

NOTAS

¹ Baseado no relato de experiência do Prof. Doutor António Santos Leite, sobre sua experiência nas sessões de trabalho no IVADS 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

COLABORAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO

COLABORACIÓN Y COMUNICACIÓN EN EL ESTUDIO VIRTUAL DE DISEÑO

COLLABORATION AND COMMUNICATION IN THE VIRTUAL DESIGN STUDIO

RODRIGUES, CLARA OVÍDIO DE MEDEIROS

Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, clara.ovidio.rodrigues@ufrn.br

SILVA, HEITOR DE ANDRADE

Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, andrade.silva@ufrn.br

MONTEIRO, VERNER

Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, verner.monteiro@ufrn.br

RESUMO

O International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) ocorreu em 2023, com o tema: "projetar virtualmente na preexistência" e propostas de usos para economia criativa. Esse artigo tem o objetivo de discutir a colaboração e a comunicação em processos projetuais desenvolvidos em ateliês virtuais com equipes interinstitucionais para a formação de estudantes. Para tanto, utilizou-se de observações das atividades e consultas aos participantes de três equipes como fonte de dados. As análises abordaram a caracterização geral das equipes e a percepção dos participantes, nos eixos: a) pertinência e complexidade do tema; b) composição das equipes; e c) tempo; recursos de comunicação e representação gráfica; e a colaboração no processo. Observou-se que o processo foi caracterizado pela complexidade do tema (intervenção em preexistência de valor patrimonial) e do contexto de intervenção (comunidades em situação de vulnerabilidade social), bem como pela heterogeneidade dos membros que constituíram as equipes. Os processos projetuais nas equipes analisadas foram predominantemente colaborativos com alguns momentos de cooperação. Os meios de representação e concepção do projeto foram diversos, bem como os canais de comunicação utilizados. Conclui-se que a experiência relatada confirma o potencial colaborativo dos ateliês virtuais, que pôde ser beneficiado pelos meios de comunicação ao proporcionar níveis de interação bem superiores aos desenvolvidos nos ateliês virtuais de uma ou duas décadas atrás.

PALAVRAS-CHAVE: ateliê virtual de projeto; processo colaborativo; intervenção na preexistência; comunicação na ação projetual; meios de representação e concepção.

RESUMEN

El International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) tuvo lugar en 2023, con el tema: "diseñar virtualmente en la preexistencia" y usos propuestos para la economía creativa. Este artículo tiene como objetivo discutir la colaboración y la comunicación en los procesos de diseño desarrollados en estudios virtuales con equipos interinstitucionales para la formación de estudiantes. Para ello, se utilizaron como fuentes de datos observaciones de actividades y consultas a participantes de tres equipos. Los análisis abarcaron la caracterización general de los equipos y la percepción de los participantes en cuanto a: a) la relevancia y complejidad del tema; b) la composición de los equipos; y c) el tiempo; los recursos de comunicación y representación gráfica; y la colaboración en el proceso. Se observó que el proceso se caracterizó por la complejidad del tema (intervención en un edificio preexistente de valor patrimonial) y del contexto de la intervención (comunidades en situación de vulnerabilidad social), así como por la heterogeneidad de los miembros que componían los equipos. Los procesos de diseño en los equipos analizados fueron predominantemente colaborativos, con algunos momentos de cooperación. Los medios de representación y concepción del proyecto fueron diversos, así como los canales de comunicación utilizados. La conclusión es que la experiencia relatada confirma el potencial colaborativo de los estudios virtuales, que podrían verse beneficiados por los medios de comunicación al proporcionar niveles de interacción muy superiores a los desarrollados en estudios virtuales unipersonales o bipersonales.

PALABRAS CLAVES: estudio virtual de diseño; proceso de colaboración; intervención en la preexistencia; comunicación en la acción de diseño; medios de representación y concepción.

ABSTRACT

The International Virtual Architectural Design Studio (IVADS) took place in 2023 with the theme: "Virtual Design in Pre-Existence" and proposed uses for the creative economy. This article aims to discuss collaboration and communication in design processes developed in virtual studios with inter-institutional teams to train students. For this purpose, observed activities and consultations with participants from three teams were used as data sources. The analyses covered the general characterization of the teams and the perceptions of the participants in terms of: a) the relevance and complexity of the theme; b) the composition of the teams; and c) time, communication and graphic representation resources, and collaboration in the process. It was observed that the process was characterized by the complexity of the theme (intervention in a pre-existing building of heritage value) and the context of the intervention (communities in a situation of social vulnerability), as well as the heterogeneity of the members who made up the teams. The design processes in the teams analyzed were predominantly collaborative, with some moments of cooperation. The means of representing and conceiving the project were diverse, as were the communication channels used. It can be concluded that the experience presented confirms the collaborative potential of virtual studios, which could benefit from the means of communication by providing a level of interaction that is far greater than those that have been developed in one or two decades.

KEYWORDS: virtual design studio; collaborative process; intervention in the preexistence; communication in design action; means of representation and conception.

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

O *International Virtual Architectural Design Studio* (IVADS), 2023, aconteceu em sua segunda edição, durante o 11º Seminário Internacional Projetar, realizado em João Pessoa, Paraíba. O ateliê teve duração de duas semanas, contando com palestras ministradas por convidados, discussões em grupos e apresentação de trabalhos produzidos pelos estudantes. Foram formadas seis equipes, compostas por estudantes de graduação, bem como discentes de pós-graduação e professores (facilitadores), provenientes das seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade de Lisboa (UL). O tema desse IVADS consistiu no “projetar virtualmente na preexistência” e o enfoque referiu-se às “economias criativas”, alinhando-se às discussões propostas pelo referido Seminário Projetar: “Projetar hoje: para quem, para quê e como?”. O artigo apresenta uma descrição reflexiva do desenvolvimento dos projetos em três equipes, com o objetivo de **discutir a colaboração e a comunicação em processos projetuais desenvolvidos em ateliês virtuais com equipes interinstitucionais para a formação de estudantes**. Os dados utilizados foram extraídos de observações, ao longo das atividades, sistematizadas pelos docentes integrantes das equipes (autores do artigo), bem como consultas aos estudantes (participantes das equipes). Esses processos foram analisados à luz da literatura, considerando a colaboração e a comunicação no processo de projeto, bem como a intervenção em preexistências com valor histórico. O texto está estruturado em duas partes. Na primeira são apresentadas breves considerações teórico-conceituais e na segunda é feita uma sistematização reflexiva dos processos projetuais de três equipes do IVADS 2023.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE COLABORAÇÃO, COMUNICAÇÃO E PREEXISTÊNCIAS

Antes de iniciarmos essa breve discussão, é válido apresentar, com base na experiência vivenciada, a nossa compreensão sobre os ateliês virtuais de arquitetura. Esse modo de desenvolvimento de trabalho surgiu na década de 1990 (Celani, 2021) e se caracteriza pela constituição de equipes, comumente, formadas por integrantes de diferentes instituições e culturas, que, normalmente, vivem distantes geograficamente e que visam o desenvolvimento de um projeto de maneira colaborativa, viabilizado pela internet e por recursos informacionais de auxílio ao projeto (Veloso, 2021). Muitas vezes, se caracterizam como ateliês verticais, aqui, compreendidos como espaços pedagógicos (virtuais) de integração, constituídos por estudantes de diferentes períodos do curso de graduação (início, meio e fim), que podem assumir diferentes papéis na equipe (organizados em estratégias colaborativas) e trabalham sob a supervisão de discentes de pós-graduação e docentes de distintas instituições vinculados às respectivas instituições de um ou mais países.

A colaboração é uma das características mais importantes dos ateliês virtuais de arquitetura. Ocorre quando se trabalha em conjunto a fim de resolver um problema de projeto, dividindo-se as metas a serem atingidas e satisfazendo-se todas as restrições, resultando numa criação coletiva e holística. A equipe deve compartilhar e/ou encontrar um entendimento comum do problema entre os membros e gerar ideias que supram a demanda do projeto (Kvan, 2000). Para tanto, é necessário desenvolver confiança entre os integrantes e uma dinâmica de grupo propícia à prática integrada adotada, combinando as várias habilidades da equipe de projeto (Lawson, 2011). A colaboração pode ocorrer em “múltiplas tarefas”, na qual cada membro da equipe se responsabiliza por uma parte do projeto, que demanda gerenciamento; em “tarefa única”, quando a visão dos participantes sobre o problema de projeto como um todo embasa a solução, que ocorre a partir da superposição das ideias dos integrantes do time; (Simoff; Maher, 2000); ou em *reflective communication*, quando os membros da equipe compartilham um objetivo e decidem sobre sua própria organização de colaboração, desenvolvendo um roteiro compartilhado de atividades conjuntas (Engeström, 1992). É comum que, durante um processo colaborativo, os membros das equipes aprendam a colaborar ao longo do desenvolvimento das atividades e do engajamento no processo (Kvan, 2000; Sanders, 2009; Goldschmidt, 2014).

Müller et al. (2018, p.83) apontam que podem aparecer “dois tipos de liderança durante o ciclo de vida do projeto - a vertical e a horizontal”, e isso vai depender das circunstâncias de cada processo. “Liderança vertical (LV) é o processo interpessoal por meio do qual o gerente de projeto influencia a equipe e outros atores na condução do projeto” (Müller et al., 2018, p.84). O líder interfere especialmente durante os momentos de negociação. A aparição de cada tipo de liderança é claramente definida pela personalidade do indivíduo (Müller et al., 2018, p.85). Para Pearce (2004, p.48) as lideranças horizontais (LH) surgem mais adequadamente quando há relações de interdependência, criatividade e complexidade, quando se requer uma interação intensa entre os projetistas.

Kvan (2000, p. 410) define que colaboração é como “trabalhar com outros compartilhando objetivos comuns a uma equipe que, através deles, tenta encontrar soluções satisfatórias para todos os envolvidos” e a

cooperação, é quando ocorre planejamento e divisão de atribuições, e a autoridade ainda fica a cargo de apenas um indivíduo. A partir do cruzamento das definições de Kvan (2000), Muller et al (2018) e Pearce (2004), consegue-se associar aos processos de colaboração a presença de lideranças horizontais, e aos processos de cooperação a liderança vertical. Kvan (2000) ainda menciona um terceiro termo, a colaboração efetiva, quando os processos de colaboração não eliminam etapas de cooperação. O trabalho em equipe possibilita chegar a um maior número e variedade de conceitos, para o qual o compartilhamento das representações do projeto é entendido como fundamental (Cross, 2011).

A representação gráfica costuma ser a base para que projetistas explorem conjuntamente os problemas e as soluções de projeto. Desenhar, esboçar e modelar permite que se engajem na exploração de ambos (Cross, 2011). Dessa maneira, enquanto materializam essas representações, concebem (Kowaltowski *et al.*, 2006). A investigação das possibilidades apresentadas por cada movimento, durante a definição do problema, demonstra o caráter reflexivo do processo projetual (SCHÖN, 2000, LAWSON, 2011).

Gramazio e Kohler (2008) acreditam que o uso das tecnologias digitais não contradiz o processo de projeto arquitetônico, ao contrário, podem potencializá-lo. Kalay (2004) reitera esse fenômeno, ao relatar que, ao longo dos últimos anos, a incorporação das tecnologias de telecomunicação aos escritórios de Arquitetura ampliou os de canais de comunicação, o processo de codificação e a decodificação de informações. O uso da tecnologia digital para a comunicação pode exercer dois papéis (Kalay, 2004). Quando ocorre a comunicação do projetista com ele mesmo (intraprocesso), ou quando há a comunicação entre membros de uma equipe de projeto (extraprocesso), estando o segundo caso ao alcance da observação que foi realizada nos processos de projeto das três equipes citadas neste estudo. No que se refere aos momentos da colaboração, Chiu (2002) sugere, em um modelo gráfico, que projetar em grupo envolve um ciclo de consultoria, negociação, tomada de decisão e reflexão.

Além das reflexões sobre o conceito de atelier virtual, bem como sobre colaboração, cooperação e comunicação no processo de projeto, é pertinente, algumas considerações referentes aos caminhos da teoria e prática das intervenções nas preexistências arquitetônicas nas últimas décadas, quando o restauro torna-se uma possibilidade de intervenção. O restauro caracteriza-se por privilegiar a recuperação integral da imagem, parcialmente fraturada, de um objeto amplamente reconhecido pela sua importância artística excepcional.

[...] os demais casos (excetuando-se as ações de conservação, de reconstrução literal, ou de destruição), com maior ou menor preocupação em privilegiar a imagem antiga, as intervenções são de recriação de preexistências. Se naquelas intervenções restaurativas as inserções da contemporaneidade são silenciosas e pouco perceptíveis, nas modernizadoras, essas ações são mais potentes e transformam por completo a preexistência – redefinindo o caráter figurativo da obra, produzindo outro objeto artístico, fundado na apreciação de uma imagem inédita baseada na junção entre o novo e o antigo, em benefício do contemporâneo frente ao preexistente. (Nery; Baeta, 2022, p.34).

Nesse sentido, KÜHL (2018) aponta, basicamente, três razões para se preservar nos dias de hoje: a) culturais, que considera aspectos formais, documentais, simbólicos e memoriais; b) científicas, que sistematiza os conhecimentos intrínsecos aos bens culturais; c) éticas, que assume o compromisso de garantir às gerações presentes e futuras acesso à memória próprios desses bens. A mesma autora aponta alguns princípios aplicáveis em intervenções no espaço construído, com uma postura crítica, didática e crítica: a) a distinguibilidade, que visa harmonizar-se e diferenciar-se do existente com soluções formais e técnicas contemporâneas; b) a reversibilidade, que busca facilitar intervenções futuras (Brandi, 2004, 48); c) a mínima intervenção, que pretende preservar o bem histórico; d) a compatibilidade de técnicas e materiais, que leva em conta a consistência física do objeto, adotando técnicas compatíveis, não nocivas e com eficácia comprovada.

3 SISTEMATIZAÇÃO REFLEXIVA DOS PROCESSOS PROJETUAIS DE TRÊS EQUIPES DO IVADS 2023

Os seguintes resultados visam caracterizar o processo projetual das equipes, com base nos dados extraídos de observações, ao longo das atividades, sistematizadas pelos docentes integrantes das equipes (autores do artigo), bem como por meio de consultas aos estudantes (participantes). Foram considerados, numa primeira abordagem (caracterizações das equipes e percepções gerais dos participantes), sistematizados em três enfoques: a) pertinência e complexidade do tema; b) composição das equipes; c) tempo (para desenvolvimento das propostas e para reuniões). A segunda abordagem refere-se aos recursos de comunicação e representação gráfica utilizados nas equipes analisadas e na terceira abordagem é discutida a colaboração e a cooperação durante o processo de projeto em cada equipe, em três fases - compreensão e formulação do problema, hipóteses e decisões, comunicação das ideias. Os dados foram analisados

qualitativamente, à luz de alguns parâmetros teóricos, tais como os conceitos de colaboração, cooperação e comunicação (representação gráfica), bem como princípios de intervenção projetual nas pré-existências.

3.1 Caracterizações das equipes e percepções gerais dos participantes

Pertinência e complexidade do tema

A complexidade do problema apresentado pela organização do IVADS pode ser observada nas edificações de intervenção, no entorno, na temática proposta e pelo fato dos integrantes não conhecerem previamente o local. As edificações propostas para intervenção possuíam valor patrimonial e caracterizavam um conjunto edificado que necessitava de uma leitura como um todo. As equipes analisadas escolheram intervir na totalidade do conjunto, incluindo a praça que estava na mesma quadra. Essa decisão demandou não só a leitura do valor patrimonial de todas as edificações, objetos de estudo, mas também aumentou a escala da intervenção e, conseqüentemente, a complexidade do trabalho.

O entorno abriga a comunidade Porto Capim, um assentamento com infraestrutura precária e ocupado por pessoas em situação de vulnerabilidade social, cuja principal fonte de renda é a extração de crustáceos e a pesca. A área é ocupada há pelo menos 70 anos pela comunidade que tem o histórico de luta e resistência para permanecer no local. Além disso, o conjunto edificado se localiza em um fragmento do tecido urbano do Centro de João Pessoa, que passa por um processo de esvaziamento, embora em sua proximidade existam grande fluxo de transeuntes advindos da estação ferroviária, da rodoviária e do terminal de integração, enfatizando o potencial de ocupação do local. A questão social do entorno foi lida pelos grupos como um ponto crucial para a proposição da intervenção.

O tema proposto, economia criativa, é amplo, pois envolve as cadeias produtivas e de suprimento (fornecimento e apoio) das diversas atividades que estão relacionadas à criação. Pode ser beneficiada pela ambiência criativa, conceito que compreende “situações/lugares capazes de estimular criativamente as pessoas ali presentes (ou seja, nos quais essas pessoas se sintam e ajam criativamente)” (Elali, 2022, p.61). Desse modo, os integrantes precisaram justificar os usos escolhidos dentre a ampla gama que o tema abarca e se aproximar do conceito de ambiência criativa, desconhecido por boa parte dos participantes. A diversidade de opções e o tempo necessário para explorar o novo conceito levou a constantes questionamentos sobre a adequação e pertinência da proposta por parte dos estudantes.

O fato das equipes não conhecerem a realidade na qual se estava intervindo, levou à necessidade dos integrantes que moravam no local da intervenção realizarem visitas *in loco* e compartilharem suas percepções com os colegas. Isso só pode ocorrer no final de semana, o que interferiu no cronograma de atividades e postergou a compreensão da área e da problemática, bem como a formulação da questão de projeto.

Ou seja, apesar das primeiras palestras do ateliê terem ocorrido para embasar o desenvolvimento do projeto e estimularem os participantes a pensar os usos que seriam pertinentes ao local, a complexidade do tema trabalhado demandou tempo para o nivelamento dos conhecimentos e apropriação do problema. Com isso, o início do projeto foi postergado. Embora a equipe B tenha desenvolvido o projeto de forma segura e bem fundamentada, a equipe A teve suas decisões impulsionadas pela apresentação parcial e com frequência questionou as decisões tomadas, sendo necessário que fossem repensadas. A equipe C, apesar de ter maturado o problema com bases conceituais e normativas/legais, viu-se também impulsionada a ter mais resolutividade em função do prazo da primeira apresentação.

Composição das equipes

A composição das equipes demonstra que a experiência se caracterizou como um ateliê virtual, com componentes de diversas instituições, que, em sua maioria, não se conheciam previamente. Cada equipe do IVADS foi formada por membros de, praticamente, todas as universidades envolvidas no ateliê, mesclando necessariamente integrantes de todas as instituições e de períodos distintos (Quadro 01).

Quadro 01: Ferramentas de comunicação extraprocesso utilizadas por equipe.

| Composição da equipe | Estratégias para lidar com a diversidade de membros da equipe |
|--|--|
| Equipe A Estudantes do 2º, 3º, 7º, 8º e 9º períodos, monitores da UFRN e UFPB e orientadores da UFRN, UFPB e ULisboa. | A primeira reunião teve o objetivo de conhecer os membros da equipe e suas potencialidades tentando agregar uma reflexão sobre como essas potencialidades e especificidades poderiam ser trabalhadas ao longo do processo. |
| Equipe B Estudantes do 2º, 3º, 5º, 8º e 10º períodos, monitores da UFRN, UFPB e ULisboa e orientadores da UFRN e UFPE. | Inicialmente, como na equipe A, os integrantes se apresentaram e foram identificando competências e habilidades que poderiam ser empregadas no exercício. |
| Equipe C Estudantes do 2º, 3º, 7º e 8º períodos, monitores da UFPE e da ULisboa e orientadores da UFRN e ULisboa. | A compreensão das potencialidades e especificidades da área, em um primeiro momento de discussão, ajudou a equalizar a visão dos participantes em relação ao projeto. Em seguida, a dificuldade de reunir todos fez com que surgissem frentes de trabalho distintas para acelerar o processo de projeto. |

Fonte: Autores.

Sobre a composição das equipes, é válido, antes de tudo, ressaltar que a promoção do encontro entre diferentes participantes proporcionada pelo IVADS, tendo em conta os vínculos institucionais e as condições (discente, pós-graduando e professor) propiciou um evidente aprendizado coletivo. Um exemplo dessa troca de saberes se deu entre os integrantes das equipes que tinham ou não experiência anterior com a intervenção em edifícios de valor patrimonial. Considerar as competências de cada um no momento de compor as equipes e na condução dos trabalhos revelou-se um procedimento relevante para que o trabalho fluísse com eficiência. A definição de papéis não significa uma dinâmica hierarquizada. Ao contrário, foi possível observar com as experiências analisadas, que a participação foi maior nas equipes que adotaram dinâmicas mais horizontalizadas.

Tempo (para desenvolvimento das propostas e para reuniões)

O ateliê virtual, integrado por participantes em formação ou formados, demonstrou-se desafiador para os estudantes e professores. No que se refere ao tempo para desenvolvimento dos projetos do IVADS, como dito, o evento foi concebido para ocorrer em duas semanas anteriores ao Seminário Projetar 2023, o que motivou participantes do grande evento a se envolverem com a iniciativa. Pode-se observar algumas questões que impactaram no processo. A formação e consolidação das equipes, bem como o autoconhecimento das competências e habilidades dos integrantes, que, em geral, não se conheciam, demandou algum tempo para se criar uma rotina de trabalho e comunicação. Ademais, em alguns casos, ocorreram mudanças de participantes em razão de substituições de membros que precisaram descontinuar o compromisso. A compatibilidade de agendas individuais e coletivas, foi um primeiro desafio, considerando as dificuldades dos participantes, em geral muito ocupados, absorverem uma grande demanda de trabalho estabelecida pelo IVADS para um curto espaço de tempo. As diferenças de fusos (na época, quatro horas), entre participantes residentes em Brasil e Portugal demandou um esforço suplementar para os momentos de atividades integradas e separadas. Por exemplo, segundo os depoimentos colhidos, entre os discentes, o tempo de deslocamento entre as atividades regulares dos estudantes (como da universidade e o estágio), esteve em recorrente conflito com os horários previstos para as atividades do ateliê. A insuficiência de tempo para o desenvolvimento dos projetos foi observada por alguns participantes, considerando a complexidade temática, a necessidade de conhecer o contexto e a escala de intervenção. O domínio das ferramentas de comunicação também foi um aspecto importante na gestão do tempo, considerando que se tratava de uma estrutura de atelier vertical, que contava com estudantes e profissionais com diferentes níveis de conhecimento, competências e habilidades. Por outro lado, o fornecimento de informações e dados aos participantes, bem como o formato das palestras nos primeiros dias do evento, ajudou na apreensão do problema, estabelecendo (implicitamente) um ponto de partida mais direto ao projeto. Um outro contributo que merece ressalva refere-se ao estabelecimento de metas claras e objetivas em determinados momentos do processo (como as apresentações 1 e 2), que definiram produtos específicos.

3.2 Recursos de comunicação e representação gráfica

Todas as equipes que participaram do IVADS 2023 tiveram acesso ao material preparado pela organização, que incluiu, em termos gráficos, os seguintes recursos: registros fotográficos, mapas, levantamentos arquitetônicos, modelos geométricos e modelos BIM. Os levantamentos arquitetônicos e os modelos, cedidos pelo arquiteto João Luiz Carolino, utilizaram as mesmas edificações para desenvolver o seu Trabalho Final de Graduação, apresentado em 2022. Isso fez com que houvesse uma otimização do trabalho de todas as equipes, uma vez que a etapa de levantamento, em projetos de cunho patrimonial, precisa ser meticuloso, e geralmente, consome muito tempo.

No que se refere aos canais de comunicação, o aplicativo de videoconferência Google Meet foi a plataforma adotada pela organização do IVADS 2023, nos momentos iniciais, para reunir todas as equipes e realizar as palestras restritas. A organização do evento sugeriu o uso de outras plataformas, mas deixou livre a escolha de qualquer outra possibilidade que pudesse ser mais efetiva para as trocas de ideias entre os participantes. Com base no material disponibilizado, cada equipe optou pelos recursos de representação que mais se encaixavam ao desenvolvimento de suas ideias e considerando os domínios prévios de cada integrante (Quadro 02).

Quadro 02: Ferramentas de comunicação extraproceto utilizadas por equipe

| Ferramentas de comunicação extraproceto | Equipe A | Equipe B | Equipe C |
|--|----------|----------|----------|
| Meios de representação das ideias | | | |
| Desenhos à mão livre | ✓ | | |
| Desenhos técnicos | ✓ | ✓ | ✓ |
| Modelagem Geométrica | ✓ | ✓ | ✓ |
| Modelagem BIM | | | ✓ |
| Renderizações | | | |
| Fotomontagem digital | ✓ | ✓ | |
| Canais de comunicação | | | |
| Whatsapp | ✓ | ✓ | ✓ |
| Google Meet | ✓ | ✓ | ✓ |
| Miro | ✓ | ✓ | ✓ |
| Google Drive | ✓ | ✓ | ✓ |
| Google Sheets | | | ✓ |
| Canva | ✓ | ✓ | |
| Pinterest | ✓ | | |
| Figma | | ✓ | |

Fonte: autores.

As equipes trabalharam intensamente com: a) o app de mensagens WhatsApp, principalmente para gerenciar o processo e para compartilhar informações; b) com a plataforma Miro para desenvolvimento do processo projetual e compartilhamento de informações, como referências, desenhos bidimensionais (desenvolvidos no programa *AutoCad*) e modelagem geométrica (gerados utilizando o programa *SketchUp*), e registros da visita *in loco*; c) com o Google Meet para realizar as reuniões de desenvolvimento do projeto. Essas reuniões tiveram o propósito de analisar preexistências, analisar condicionantes ambientais, definir estudos de referências, definir hipóteses projetuais e estudos preliminares, estudos funcionais e formais, bem como projetos. Além disso, as referências projetuais e imagéticas foram compartilhadas tanto em uma pasta do aplicativo Pinterest, quanto na plataforma do Miro.

As primeiras trocas de ideias, ainda na fase de análise das preexistências e entorno, aconteceram por meio de modelos geométricos (arquivos do *software SketchUp*), fornecidos pela organização do IVADS 2023.

No que diz respeito às plataformas de comunicação extraproceto, o Google Meet, como dito, foi adotado como meio principal de comunicação para as reuniões. A produção das representações foi realizada via

modelos geométricos (*SketchUp*) e desenhos bidimensionais (*Autocad*). A modelagem geométrica foi adotada em praticamente todas as ações, enquanto o desenho bidimensional aconteceu entre o desenvolvimento e a unificação das ideias das frentes de trabalho utilizando modelos geométricos.

A plataforma Miro foi o elo de conexão, em tempo real, entre os participantes. Essa dinâmica simulou, digitalmente, por meio do *dashboard*, a presença de um papel na mesa e dos lápis dos projetistas navegando pelos desenhos e expressando as suas opiniões. O Miro permitiu que cada participante pudesse, em tempo real, e através de croquis digitais sobrepostos às capturas de tela do modelo geométrico, expressar as suas opiniões. No caso da **equipe C**, a partir das ideias trazidas das frentes de trabalho, cada estudante poderia capturar a tela do seu modelo e levá-lo ao *dashboard* do Miro, mostrando uma boa conexão entre os meios de representação e os canais de comunicação. Esse formato proporcionou à equipe o compartilhamento das ideias de cada um, sobretudo na intervenção que aconteceu nas fachadas, na praça e nos espaços de interligação dos edifícios, deixando o ambiente de criatividade aberto a novas sugestões. O mesmo aconteceu com a distribuição do *layout* proposto para o interior das edificações, quando um dos membros ficou responsável pela organização interna do mobiliário, que foi posteriormente exposto no *dashboard* para sugestões do grupo.

Destaca-se que na **equipe A**, alguns integrantes demonstraram familiaridade com técnicas de desenho, aquarela e colagens, que poderiam ser recursos alternativos ao desenho auxiliado por computador para o desenvolvimento do processo de projeto. Todas essas técnicas também poderiam ter sido utilizadas em conjunto, evidenciando o potencial de hibridismo no ateliê vertical. No entanto, os participantes não acolheram os incentivos dos orientadores para seguir com essas experiências. No único caso de colagem, que foi computacional, a equipe conseguiu expressar a solução de um dilema projetual, como integrar a praça ao projeto, sem alterar a fachada maciçamente fechada de um dos edifícios de valor patrimonial. A ideia que surgiu durante os assessoramentos foi aproveitar o elemento opaco para projetar produções audiovisuais produzidas no espaço, de maneira a prover um novo uso para a praça, acolher a comunidade e difundir as atividades realizadas no espaço de intervenção. A fotocolagem possibilitou uma rápida apresentação da ideia.

Na **equipe B**, além dos recursos também usados pelas demais equipes (Quadro 01), foi adotado o editor gráfico de vetor e prototipagem de projetos de *design* Figma, baseado em navegador web. Juntamente com outros recursos de expressão gráfica, a ferramenta auxiliou na produção de imagens para apresentação final. Já nos primeiros momentos do processo, a produção permanente de croquis produzidos diretamente na área de trabalho do Miro (e ficando ali no histórico) foi fundamental para promover o diálogo. A possibilidade de trazer imagens para discutir soluções, estudos de referências etc. também colaborou bastante nas reuniões. A fotocolagem, também, foi adotada na equipe e pareceu muito eficaz, já que foi sendo alterada ao longo do processo. Com a diversidade de recursos é sempre comum que sejam introduzidas ferramentas pouco conhecidas para alguns. Por outro lado, em geral, a escolha de meios de uso intuitivo e fácil assimilação favoreceu bastante a comunicação. A recomendação em utilizar ferramentas mais livres (menos precisas) funcionou bem.

3.3 Colaboração durante o processo de projeto

Com base no conhecido modelo do processo cognitivo projetual em Arquitetura, sintetizado por Lawson (2011), que identifica três momentos não lineares entre o problema e a solução, denominados análise (investiga os condicionantes e as informações sobre o projeto, a fim de compreender o problema e traçar objetivos), síntese (procura resolver o problema, ou seja, gerar possíveis soluções) e avaliação (consiste em uma crítica sobre a solução lançada considerando os objetivos traçados na fase de análise), é possível identificar nesta experiência três fases correspondentes, que chamamos: compreensão e formulação do problema; hipóteses e decisões; comunicação das ideias. Pode-se facilmente correlacionar as duas primeiras fases com a análise e a síntese do modelo-síntese de Lawson, já a última tem uma natureza distinta, visto que recorre a recursos da linguagem, dos meios e domínios de comunicação. Antes de tratar desse assunto, é válido caracterizar melhor em que consistiram essas três fases, associando-as com as ações identificadas nas equipes analisadas.

Na primeira fase, denominado “compreensão e formulação do problema”, foram realizadas: a) análises do entorno - acessos, usos, impacto social, legislação; b) análises da área dos limites da intervenção; c) sínteses das condicionantes através da idealização do conceito e partido arquitetônico; d) discussões sobre as teorias e criações de preexistências de um edifício de valor patrimonial; e) escolhas dos reusos possíveis, considerando a demanda (economias criativas e público-alvo) e as condições existentes do edifício.

Na segunda fase, “hipóteses e decisões”, foram realizadas: a) reflexões críticas das primeiras ideias apresentadas; b) redefinições de usos propostos, considerando condicionantes, eventualmente, ainda, não

considerados (acessos, usos, impacto social, legislação); c) respostas aos condicionantes ambientais; d) soluções sobre o recorte geográfico da área de intervenção.

Na terceira fase do processo, chamado “comunicação das ideias”, que ocorreu ao longo de todo processo, foram realizadas: a) escolhas dos meios de comunicação (intragrupo) que seriam adotados para a realização do trabalho, considerando, sobretudo, a pertinência das ferramentas e o conhecimento prévio dos integrantes da equipe; b) definição dos padrões de representação gráfica de acordo com o objetivo de cada fase; c) estratégias colaborativas e cooperativas de produção; d) desenvolvimento da representação; e) apresentações, visando a mais eficiente comunicação das ideias intergrupo.

A seguir, serão apresentados, sucintamente, o que ocorreu em cada uma das três equipes analisadas, buscando uma correspondência com cada uma das três fases mencionadas, mas, principalmente, considerando o nível de colaboração - colaboração efetiva, tarefa única (SIMOFF; MAHER, 2000), liderança horizontal - e cooperação (KVAN, 2000) do processo mais adiante ilustrada na Figura 01 (Intensidade e ocorrência de colaboração e cooperação nas etapas do processo das equipes ao longo do tempo).

Equipe A

Considerações introdutórias: O processo de projeto da equipe A pode ser representado pela predominância e alongamento da etapa de compreensão e formulação do problema, intercalada por alguns momentos de síntese e um início tardio da comunicação da ideia. Esse processo caracterizou-se por colaboração efetiva com uma curta etapa de cooperação, aproximando-se da colaboração em “tarefa única” já que as decisões eram tomadas coletivamente, a partir da superposição das ideias dos integrantes do time. A liderança horizontal predominou na equipe A. Como aspecto positivo, os estudantes estavam sempre consultando uns aos outros para evoluir no processo; no entanto, quando foi necessário atitudes mais incisivas e organizativas para a montagem do produto da segunda apresentação, percebeu-se conflito de atividades e retrabalho ocasionado pela comunicação deficitária e pela dificuldade de gerir o tempo e as pessoas.

Compreensão e formulação do problema: A compreensão e formulação do problema começou por uma tentativa de conhecer o entorno e, em seguida, a pré-existência alvo da intervenção. A caracterização do problema de projeto teve como ponto de partida pensar com quem (usuários e atividades) a proposta dialoga. Dessa forma, foi necessário buscar informações sobre a comunidade de Porto Capim e realizar uma visita à pré-existência e às imediações. O pouco conhecimento da maior parte da equipe sobre as teorias de intervenção fez com que os estudantes buscassem refletir sobre o tema apenas por meio de análise de referências projetuais, sem se aprofundar na temática. Após a primeira apresentação, os integrantes voltaram a analisar o problema na tentativa de responder às críticas colocadas pelos professores, principalmente para compreensão do conceito de ambiência criativa.

Hipóteses e decisões: Logo no início do processo, um primeiro esforço de síntese, foi avaliado por um integrante do grupo como uma ação que levaria a perda das características patrimoniais do bem edificado. Essa consideração despertou uma certa insegurança pelo desconhecimento de como intervir na pré-existência de valor patrimonial, e possivelmente, levou a equipe a recuar em novas tentativas. Observou-se que as apresentações foram motivadoras para o desenvolvimento do processo. No entanto, em um momento já avançado no tempo, mesmo depois de discussões que convergiram para justificar os pontos fortes do projeto, a síntese só ocorreu por intermédio de um docente, que usou do recurso do desenho para sintetizar as discussões coletivas realizadas.

Comunicação das ideias: Após a síntese, que considerou as observações da primeira apresentação, os estudantes se dividiram em algumas frentes de trabalho para que o processo pudesse se desenvolver no tempo determinado. As principais ações foram: buscar informações para desenvolvimento do programa de um novo uso acrescentado no programa; pesquisa de referências para projetar uma área descoberta que articularia o conjunto; e representação das decisões já tomadas. Apesar de todas essas ações terem sido realizadas, o pouco tempo para a entrega do produto e o fato do grupo tomar as decisões coletivamente, fez com que as ações tenham sido redefinidas. Assim, focou-se no desenvolvimento da comunicação (extraproceto), que foi realizada de maneira compartimentada (cooperativa). As decisões realizadas a partir desse momento, foram tomadas coletivamente, mas nem sempre em um grande grupo. Com o pouco tempo, as interações se fragmentaram, ocorrendo, muitas vezes, por meio do aplicativo *WhatsApp* em conversas privadas entre os participantes.

Equipe B

Considerações introdutórias: O processo de projeto da equipe B iniciou com uma ampla discussão, com especial atenção às: particularidades teóricas do tema, considerando a sua complexidade (no que se refere a intervir nas preexistências); as especificidades socioculturais do contexto; e, as demandas programáticas definidas (economia criativa). As hipóteses e decisões permearam todo o processo, embora tenham ocorrido de forma mais evidente após a primeira apresentação, quando passaram a ser representadas graficamente. Nessa fase, também, emergiram, com mais ênfase, às questões voltadas para a comunicação das ideias, que em alguns momentos respondiam ao objetivo de proporcionar a comunicação interna do grupo (extraprocesso), em outros do grupo com os participantes do IVADS. Embora se observe uma predominância da colaboração efetiva e liderança horizontal, ocorreram, sobretudo na fase final, quando os integrantes da equipe precisavam focar no desenvolvimento dos produtos finais, verifica-se a cooperação (com frentes de trabalho).

Compreensão e formulação do problema: Como as equipes eram bastante heterogêneas, foi necessário socializar o debate vigente sobre a intervenção em preexistências, avaliando-se caminhos a serem adotados, logo se chegando a conclusão sobre o que se deveria preservar e poderia transformar. Outro condicionante bastante considerado pelos integrantes foi o caráter social do entorno, onde existe uma comunidade formada por pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, a questão programática foi desenvolvida, tendo em conta a inclusão desse público, embora não apenas. É válido, também, observar os estudos de referência utilizados para provocar reflexões.

Hipóteses e decisões: Assim, como ocorreu na equipe A, na equipe B os momentos de apresentação tiveram um papel importante no cronograma do grupo. Na primeira, em que os discentes precisaram apresentar ideias preliminares, o trabalho buscou uma primeira síntese contemplando decisões mais genéricas e conceituais. Uma curiosidade que surgiu nos diálogos do grupo foi a preocupação dos estudantes em não apresentarem com muitos detalhes as suas ideias, por se tratar de uma “competição” entre equipes. Os docentes buscaram mostrar que o estágio ainda era incipiente e o exercício de síntese seria muito proveitoso para o desenvolvimento da concepção. Depois da primeira apresentação, o exercício de formulação das decisões, abandonando algumas ideias e desenvolvendo outras foi intensa e na maior parte do tempo colaborativa.

Comunicação das ideias: Como dito, na equipe B, as decisões sobre os meios de comunicação das ideias permearam todo o processo, sendo determinante o conhecimento prévio e domínio das ferramentas por parte dos integrantes do grupo. Imprimir à comunicação o sentido concepção e meio de promoção do diálogo não foi tarefa fácil. Percebia-se uma tendência do grupo a adotar ferramentas pouco práticas em fases que se buscava ampliar as alternativas (hipóteses). Por isso, os professores estimularam a expressão gráfica com desenhos a mão livre na tela. O uso de um quadro (Miro) que preservou o histórico das discussões ao longo de todo processo foi muito importante. As referências foram permanentemente revisitadas e utilizadas para promoção de novas discussões. No momento final, quando a equipe precisou desenvolver as soluções definitivas, o trabalho se compartimentou mais, assumindo um caráter mais cooperativo, embora sem uma liderança clara.

Equipe C

Considerações introdutórias: O processo de projeto da equipe C iniciou-se com reflexões e discussões conduzidas pelos professores e pós-graduandos, com a participação dos estudantes. Contudo, os estudantes demonstraram insegurança em relação ao desenvolvimento de um projeto para edificações de valor patrimonial. Isso fez com que os professores e pós-graduandos liberassem os estudantes para reunirem-se sozinhos, para que processassem as informações expostas e tentassem sintetizar propostas de intervenção considerando as edificações e o seu entorno. Com o desenrolar das reuniões, foram definidas ideias preliminares, que após serem validadas pelos professores e pós-graduandos, começaram a ser refinadas. A proposta, em muitos momentos, foi desenvolvida em frentes de trabalho (cooperativamente). Todavia, aconteciam videoconferências para alinhamento das propostas desenvolvidas nas frentes de trabalho.

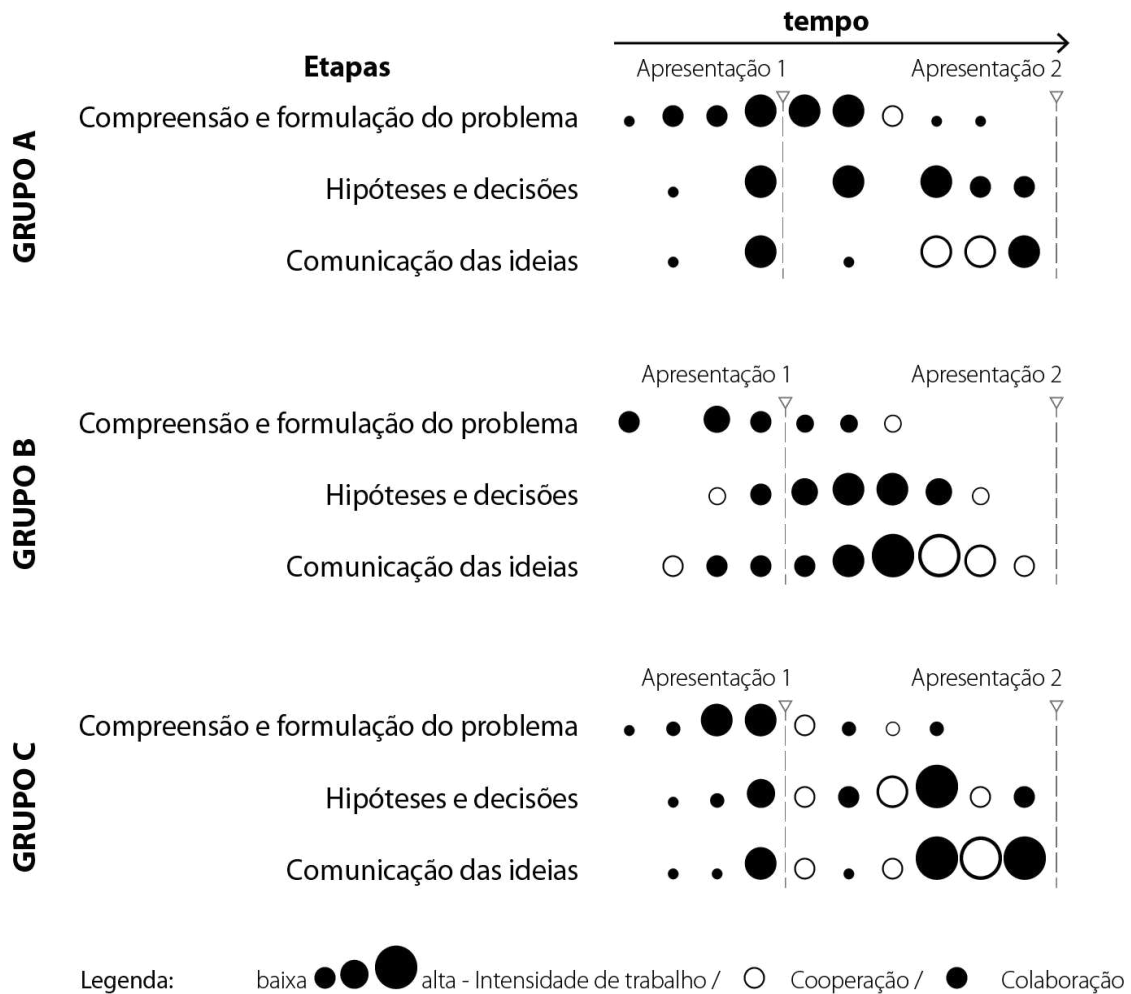
Compreensão e formulação do problema: Ao partir da análise das preexistências arquitetônicas dos casarões, da praça adjacente e das conexões urbanas com o Rio Paraíba, outros casarões do bairro e a comunidade Porto Capim, estabeleceu-se que a proposta consideraria estabelecer como conceito principal a sinergia, que poderia traduzir-se como esforço em conectar passado, presente e futuro.

A partir das restrições encontradas, e adicionando restrições normativas e legais, o grupo C concluiu que seria adequado combinar os seguintes usos: ateliê, coworking, bar, feira livre, áreas sombreadas de contemplação e circulação, playground e anfiteatro. Alguns deles destinados aos casarões antigos, outros ao espaço livre da praça.

Hipóteses e decisões: A sinergia apontada como conceito principal do projeto pôde ser traduzida pela proposta de conexão total entre as edificações e a praça, que apesar de ter sofrido intervenção urbana recente, foi alvo de reformulação. Com o objetivo de maximizar a permanência de várias pessoas por um longo período, os participantes propuseram tomar partido do sombreamento por árvores de grande porte e coberturas leves e de elementos arquitetônicos leves. A maneira encontrada para resolver os problemas encontrados pela equipe foi trabalhar conexões entre as edificações e a praça, criando uma ambiência criativa, ampliando o conceito de sinergia (temporal) para o uso da adição e da inclusão. As ações de projeto do Grupo C envolveram conexões cíclicas foram percebidas ao longo do processo. As frentes de trabalho possuíram um, ou no máximo dois participantes (estudantes), sob a supervisão dos professores e instrutores. O grupo dividiu-se em três frentes de trabalho: 1) layout interno do casarão de três coberturas; 2) conexão entre as áreas internas e externas, referente à edificação que está sem cobertura; 3) layout interno do casarão de planta em formato pentagonal, de esquina e 4) reformulação da praça.

Comunicação das ideias: Não foi possível saber previamente que competências em ferramentas analógicas e digitais eram preliminarmente conhecidas pelos participantes, que foram declaradas por eles apenas durante as primeiras discussões e divisão das frentes de trabalho. Na ocasião, foram escolhidos os meios de concepção e representação do projeto de comum conhecimento ao grupo - modelagem geométrica (*SketchUp*) e desenhos bidimensionais (*Autocad*). No que diz respeito às plataformas de comunicação, o uso do *dashboard* do aplicativo Miro aparece como principal canal de comunicação colaborativa, uma vez que permitiu simular a interatividade entre modelos geométricos, representações planas e diagramas. Essa dinâmica propiciou fluidez na troca de informações entre os participantes, aspecto que trouxe fluidez ao processo de projeto na etapa de levantamento de hipóteses e tomada de decisões. Quando não havia disponibilidade para reuniões para uso do *dashboard*, o aplicativo *Whatsapp* permitiu, mesmo que sem tanta fluidez, o encaminhamento de soluções.

Figura 01: Intensidade e ocorrência de colaboração e cooperação nas etapas do processo das equipes ao longo do tempo



Fonte: autores.

Síntese das convergências e divergências das três equipes

É possível observar que os processos projetuais nas três equipes analisadas foram predominantemente colaborativos, embora tenham sido identificados alguns momentos de cooperação, principalmente quando o trabalho se aproximou do final. Essa adaptação do modo de realização do projeto foi influenciada por vários fatores, dos quais se destacam os limites do tempo para realização do trabalho (incluindo descompassos de agendas e diferenças de fusos horários). O processo também foi caracterizado pela complexidade do tema (intervenção em preexistência de valor patrimonial) e do contexto de intervenção (comunidades em situação de vulnerabilidade social), bem como pela heterogeneidade dos membros que constituíram as equipes.

Foi possível identificar, sobretudo nos dois momentos que os resultados foram apresentados ao grande grupo, o aprendizado entre os participantes das equipes. Esses momentos permitiram que os estudantes visualizassem as similaridades de leituras do entorno e como em alguns momentos eles convergiam para a proposta das equipes e como eles também alimentaram uma diversidade de intervenções propostas, que respondiam a uma mesma realidade, portanto a problemas de projeto similares. Outro ponto a ressaltar foi o aprendizado por meio da diversidade de representações que cada grupo apresentou.

Compreende-se que o uso de desenho auxiliado por computador demanda uma grande inserção de dados que perpassam por decisões projetuais. Dessa maneira, o curto tempo disponível quando o estudo se limita a ferramentas digitais se demonstra ainda mais desafiador, e, nesse sentido, a participação de estudantes com mais expertise em ferramentas computacionais pode gerar mais fluidez nos processos de projeto.

4 CONCLUSÕES

O objetivo de discutir a colaboração e a comunicação em processos projetuais desenvolvidos em ateliês virtuais com equipes interinstitucionais para a formação de estudantes consiste em uma importante contribuição para o debate dos ateliês virtuais, que, em muitos contextos da formação de projetistas, ainda se trata de uma alternativa, mas tem grande probabilidade de se consolidar de forma mais frequente e efetiva. Naturalmente, para que funcione sem prejuízo para a adequada formação dos estudantes, é imprescindível que pesquisas e reflexões se ampliem, revelando as potencialidades dessa modalidade, desfazendo mitos (positivos e negativos) e, sobretudo, evitando problemas.

Pode-se constatar que habilidades com ferramentas digitais, no IVADS, corroboram para o adequado aproveitamento do processo. Essas habilidades não se referem àquelas necessárias para o desenvolvimento de visualizações tridimensionais fotorealísticas (*renders*). Essas linguagens são, inclusive, desaconselhadas para fases iniciais e intermediárias, e ainda, por vezes, desnecessárias, mesmo nas fases finais. O importante é a exploração de uma diversidade de meios de representação e concepção do projeto, inclusive, desenhos à mão livre e modelos físicos (meios analógicos de concepção e representação do projeto), que podem ser registrados (fotografados e compartilhados).

No que se refere à complexidade do tema, partindo-se do pressuposto de que toda intervenção no espaço causa impactos e considerando a fragilidade de áreas históricas, a problemática exige uma ampla e aprofundada compreensão do *genius loci*, bem como do problema de projeto, a fim de que a questão seja devidamente formulada, tendo em conta, sobretudo, os valores imateriais e materiais que devem ser preservados e podem ser transformados. Em geral, pôde-se perceber a importância de estratégias de ampliação do repertório projetual dos participantes com referências de intervenções similares. Os exemplos, podem servir de base para as decisões, como também podem provocar ideias não previstas pelo grupo. Naturalmente, esse exercício pode focar em usos, tipologias formais, técnicas e materiais possíveis ou pretendidos. Na fase em que as decisões começam a ser tomadas, é muitas vezes necessário um esforço de tentativas permanentes para se ajustar aspectos como a demanda e os condicionantes projetuais, bem como as condições da estrutura existente.

Apesar do tempo ter sido um desafio na edição do IVADS 2023, diferente do que aconteceu na edição anterior (2021), a experiência, aqui, relatada confirma o potencial colaborativo dos ateliês virtuais. É, de fato, um espaço muito rico de trocas de conhecimentos e visões, bem como de aprendizados. O ponto alto da colaboração entre os membros das três equipes analisadas deste ateliê virtual se desenrolou quando ocorreu o que chamamos, aqui, de “simulação do ateliê presencial”, quando os projetistas puderam discutir, refletir, negociar e tomar decisões a partir de um *dashboard* computacional interativo, que pôde simular uma mesa de reuniões ou prancheta. Essa dinâmica proporcionou um nível de interação bem superior ao que se desenvolvia nos ateliês virtuais de uma ou duas décadas atrás.

5 REFERÊNCIAS

- CELANI, G. Colaboração remota no projeto de arquitetura e urbanismo em um contexto de isolamento social. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 6, n. 1, p. 163–167, 2021.
- CROSS, N. *Design Thinking: Understanding how designers think and work*. London/ New York: Bloomsbury Academic, 2011.
- ELALI, G. A.. Em busca da ambiência criativa: uma abordagem exploratória do conceito. In: VALENÇA, M. M. (Org.). *Arquitetura e criatividade*. Natal: EdUFRN, 2022, v. 1, p. 61-84.
- ENGESTRÖM, Y. Interactive Expertise: Studies in distributed working intelligence. *Research Bulletin 83*. University of Helsinki. Helsinki. 1992
- GOLDSCHIMIDT, G. *Linkography: unfolding the design process*. Cambridge/ London: MIT Press, 2014.
- KALAY, Y. E. *Architecture's New Media: Principles, Theories, and Methods of Computer-Aided Design*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 2004.
- KVAN, T. Collaborative design: what it it? *Automation in Construction*, v. 9, n. 4, p. 6, 2000. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0926580599000254>. Acesso em: 31 jul 18.
- KOWALTOWSKI, D.; CELANI, M.; MOREIRA, D.; PINA, S.; RUSCHEL, R.; SILVIA, V.; LABAKI, L.; PETRECHE, J. Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico. *Ambiente Construído*, v. 6, n. 2, p. 12, abr/jun 2006.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação como ato de cultura*. AUH 412 – NOTAS DE AULA, 2018.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008, 328p.
- LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de textos, 2011.
- LEBAHAR, J. C. Analyse cognitive de la conception et de sa pédagogie. In: (Ed.). *Approche didactique de l'enseignement du projet en architecture*. Marseille: École d'Architecture de Marseille-Luminy, 1999.
- MÜLLER, R.; SANKARAN, S.; DROUIN, N.; et al. A theory framework for balancing vertical and horizontal leadership in projects. *International Journal of Project Management*, v. 36, n. 1, p. 83–94, 2018. Elsevier Ltd, APM and IPMA.
- NERY, Juliana Cardoso; BAETA, Rodrigo Espinha. *Entre o restauro e a recriação: reflexões sobre intervenções em preexistências arquitetônicas e urbanas*. Salvador: EdUFBA: PPG-AU UFBA, 2022. (E-book) 526 p. :il. PDF.
- SANDERS, E. Exploring co-creation on a large scale: designing for new healthcare environments. In: STAPPERS, P. J., Symposium designing for, with, and from user experience, 2009, Delft. *Proceedings*, Delft University of Technology, 2009. p.17.
- SIMOFF, S. J.; MAHER, M. L. Analysing participation in collaborative design environments. *Design Studies*, v. 21, p. 25, mar 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0142694X99000435>. Acesso em: 02/04/2017.
- VELOSO, Maísa. Atelier Virtual Internacional de Arquitetura - IVADS 2021. *Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 7, n.1, p.134-137, 2022.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

ANALISANDO A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE PARES NO ESTÚDIO VIRTUAL DE PROJETO

ANALISANDO LA INFLUENCIA DE LAS RELACIONES ENTRE PARES EN EL ATELIER VIRTUAL DE PROYECTO

ANALYSING THE INFLUENCE OF PEER EFFECTS IN VIRTUAL DESIGN STUDIO

MEDEIROS, RENATO DE

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: renato.medeiros.1@ufrn.br

MEDEIROS, LUCIANA DE

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: luciana.medeiros.1@ufrn.br

RESUMO

O debate em torno dos ateliês virtuais de projeto nos últimos anos tem enfatizado a importância do trabalho colaborativo com o uso das novas tecnologias digitais, sinalizando potencialidades, alcances e limitações desse tipo de prática. Nesse cenário, o objetivo deste artigo é refletir sobre a dimensão social da aprendizagem no Atelier Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura - IVADS 2023, pontuando alguns dos seus elementos definidores, compreendido aqui pelas relações estabelecidas entre os seus participantes, a comunicação por eles desenvolvida e a possível associação com o trabalho realizado. A pesquisa inclui informações provenientes de diálogos registrados em um aplicativo de mensagens instantâneas, utilizado como meio de comunicação por dois grupos participantes da oficina. Após a sistematização dos dados obtidos, houve o agrupamento dos principais assuntos e/ou atividades relacionadas a cada um dos grupos, em busca de possíveis elementos de conexão entre o comportamento dos indivíduos e/ou do grupo e o desenvolvimento das tarefas. As análises possibilitaram um entendimento qualitativo da influência dos pares no processo projetual; demonstrando similaridades e diferenças entre os encaminhamentos das equipes. As reflexões finais reafirmam o papel decisivo que as relações interpessoais desempenham nos processos dos grupos ou equipes colaborativas em ambientes virtuais de desenvolvimento de projeto.

PALAVRAS-CHAVE: atelier virtual de projeto; projeto arquitetônico; ensino de projeto; relações interpessoais

RESUMEN

El debate en torno a los estudios de diseño virtuales en los últimos años ha enfatizado la importancia del trabajo colaborativo utilizando las nuevas tecnologías digitales, destacando el potencial, alcance y limitaciones de este tipo de práctica. En este escenario, el objetivo de este artículo es reflexionar sobre la dimensión social del aprendizaje en el Atelier Virtual Internacional de Proyecto - IVADS 2023, destacando algunos de sus elementos definitorios, entendidos aquí por las relaciones que se establecen entre sus participantes, la comunicación que desarrollan y la posible asociación con el trabajo realizado. La investigación incluye información de diálogos grabados en una aplicación de mensajería instantánea, utilizada como medio de comunicación por dos grupos participantes del taller. Luego de sistematizar los datos obtenidos, se agruparon los principales temas y/o actividades relacionadas con cada uno de los grupos, en busca de posibles elementos de conexión entre el comportamiento de los individuos y/o del grupo y el desarrollo de las tareas. Los análisis permitieron una comprensión cualitativa de la influencia de los pares en el proceso de proyecto; demostrando similitudes y diferencias entre las referencias de los equipos. Las reflexiones finales reafirman el papel decisivo que juegan las relaciones interpersonales en los procesos de grupos o equipos colaborativos en entornos virtuales de desarrollo de proyectos.

PALABRAS CLAVES: atelier virtual de proyecto; proyecto de arquitectura; enseñanza de proyecto; relaciones interpersonales

ABSTRACT

The debate surrounding virtual design studios in recent years has emphasized the importance of collaborative work using new digital technologies, highlighting the potential, scope and limitations of this type of practice. In this scenario, the objective of this article is to reflect on the social dimension of learning in the International Virtual Architecture Design Studio - IVADS 2023, highlighting some of its defining elements, understood here by the relationships established between its participants, the communication they develop and the possible association with the work carried out. The research includes information from dialogues recorded in an instant messaging application, used as a way of communication by two groups participating in the workshop. After systematizing the data obtained, the main subjects and/or activities related to each of the groups were grouped, in search of possible elements of connection between the behavior of individuals and/or the group and the development of tasks. The analyzes enabled a qualitative understanding of the influence of peers in the design process; demonstrating similarities and differences between the teams. The final reflections reaffirm the decisive role that interpersonal relationships play in the processes of groups or collaborative teams in virtual design studios.

KEYWORDS: virtual design studio; architectural design; design teaching; interpersonal relationships

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, algumas experiências didáticas de atelier de projeto têm sido desenvolvidas em formato virtual. Daí em diante, o modo de projetar, as práticas de ensino, as possibilidades de aprendizagem por meio da colaboração entre pessoas à distância, além das ferramentas de comunicação vêm sendo analisadas em termos de potencialidades e de limites. No caso deste artigo em específico, optou-se por, através do relato e da análise das relações interpessoais entre componentes de dois grupos integrantes de um atelier virtual, compreender de modo qualitativo a influência dos pares no processo projetual.

Com o intuito de lançar um olhar mais próximo sobre essa dimensão, que poderia ficar oculta nas discussões e análises de processos e de produtos de projeto, realizamos uma pesquisa que utiliza como fonte de dados as mensagens trocadas entre os componentes dos dois grupos por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas. Após sistematizar os dados presentes nas conversas, foi possível agrupar os principais assuntos e/ou atividades relacionadas a cada um dos catorze dias do atelier virtual, a fim de procurar elementos que apontassem para indícios possivelmente ligados ao comportamento dos indivíduos e/ou do grupo que favoreceram o desenvolvimento das tarefas. O interesse por essa investigação surgiu logo após a realização do atelier, onde os autores deste artigo (que colaboraram como professores em grupos diferentes) puderam dialogar sobre as suas experiências e perceberam empiricamente, situações particulares, ações positivas e algumas fragilidades que podem ser melhor compreendidas e aperfeiçoadas em futuras práticas como essa.

Inicialmente, o artigo apresenta uma discussão amparada em autores que pesquisaram anteriormente sobre o atelier virtual e o caracterizaram como um ambiente social de aprendizagem. Em seguida, relata e analisa os dados coletados em cada grupo, para ao fim, tecer reflexões sobre semelhanças e diferenças em seus processos colaborativos.

2 ATELIER VIRTUAL DE PROJETO COMO AMBIENTE SOCIAL DE APRENDIZAGEM

Sabemos que no âmbito do ensino de projeto, o atelier é o modo mais conhecido e já foi fonte de diversas investigações. Segundo Thoring, Desmet e Badke-Schaub (2018), com o passar do tempo seu formato evoluiu para fornecer aos alunos maneiras de realizar atividades individuais e em grupo, de modo prático, sob a orientação de professores capazes de explorar conhecimentos, competências e valores. No caso dos ateliês virtuais de projetos (AVPs), esses são oriundos da revolução tecnológica propiciada pelo avanço das tecnologias de informação e de comunicação e nas últimas décadas têm sido explorados em atividades educacionais ou em eventos promovidos por diversas instituições, como relatado por Maher, Simoff e Cicognani (2000), Araújo (2007) e Veloso (2022).

Seja como experimento voltado para testar o uso tecnológico de meios informacionais, os seus limites e potencialidades no desenvolvimento do projeto; como experiência de ensino ou a fim de proporcionar concursos de ideias, os ateliês virtuais exploram aspectos inerentes ao seu formato, como a interculturalidade e a colaboração à distância e, em vários casos, são realizado em períodos curtos de tempo. Como na maioria das vezes, se constitui como uma prática de ensino, é naturalmente composto por ações explícitas e outras implícitas, o que gera, segundo Kvan (2001), uma espécie de pacto entre os seus atores. Porém, segundo o mesmo autor, o pacto essencial entre professor e aluno não muda quando o ensino é realizado remotamente, ainda que o professor assuma uma obrigação adicional, pois há uma maior exigência do seu papel de facilitador, o que faz com que não apenas precise orientar e encorajar os alunos, mas também ajudá-los a dominar um novo meio (Kvan, 2001).

Em pesquisa desenvolvida no campo do ensino sobre a influência dos pares na aprendizagem, Wilkinson *et al* (2002) reconheceram o papel dos processos sociais que devem atuar para a construção ativa do conhecimento e dizem que um dos objetivos que deve ser perseguido pelo professor é estimular a autonomia do aluno, o seu envolvimento e pensamento crítico, por meio de processos colaborativos aplicados em tarefas que recorram a múltiplas capacidades.

No entanto, por ser um caminho ou um tipo de prática mais recente, ainda são poucos os trabalhos que versam sobre as relações entre os pares no âmbito do atelier virtual. Como um bom indício de “ajuste de conduta”, vê-se o relato feito por Tramontano (2004) ao analisar a experiência de um AVP realizado no Brasil no início dos anos 2000, quando apontou para uma espécie de “relaxamento” no campo da relação professor (tutor) x aluno, indicando uma relação mais aberta e horizontalizada, seja entre os docentes, seja entre os professores e estudantes:

A combinação entre tais meios de comunicação e localizações geográficas distantes, estruturada por uma relação aberta entre professores e entre professores e alunos, permitiu a experimentação de uma nova noção de classe, territorialmente dispersa, hierarquicamente relativizada, em que os limites físicos do atelier e seu pertencimento a uma determinada escola pouco significavam (Tramontano, 2004, p.436).

Considerando que projetar é uma prática social, inserida em um determinado contexto, a mudança na configuração do ambiente do atelier, que foi do físico para o virtual, fez com que Kvan (2001) levantasse algumas questões a respeito dos aspectos pedagógicos relacionados aos AVPs. Com isso, o autor apontou para exigências que dizem respeito a necessidade do participante discente ter uma maior responsabilidade sobre o controle do seu trabalho e também quanto a comunicação entre os participantes ser melhor estruturada, pois não são enfrentadas apenas a compreensão das questões arquitetônicas, mas também situações relacionadas à comunicação.

Hattie (2017) lembra que embora boa parte da aprendizagem seja direcionada para a esfera do indivíduo, frequentemente aprendemos e vivemos uns com os outros. Portanto, de acordo com o autor, os efeitos dos colegas na aprendizagem são elevados e podem influenciar os processos de ensino-aprendizagem, por meio de ajudas, orientações aos estudos, pelos laços de amizade que tornam a turma um lugar que motiva os alunos a comparecer. Ainda que tenha se reportado ao ensino convencional, vemos que o seu discurso é corroborado por Kvan (2001) quando trata dos ateliês virtuais, pois observa a importância da relação entre os pares, indicando que grupos eficazes não podem ser formados se o anonimato estiver presente, o que exigirá que haja o desenvolvimento de confiança entre os participantes e o estabelecimento de um sentimento de grupo, o que irá influenciar e promover o desenvolvimento das atividades e da aprendizagem. Em AVPs, no entanto, o autor aponta para problemas que podem existir e que estão relacionados diretamente a dificuldades de relacionamento nas equipes, de falhas de interpretação e de má comunicação. Tais aspectos também foram indicados por Araújo (2007) a partir de relatos de problemas de relacionamento entre participantes, sejam alunos, tutores e/ou professores participantes de ateliês virtuais. De acordo com essa autora:

a falta de um período de convivência prévio ao início dos trabalhos aparenta ser a questão que dificulta o entrosamento necessário para o bom desenvolvimento do projeto; esse período é importante para que os participantes possam conhecer as habilidades de cada um, suas qualidades e limitações, suas formas de trabalhar e suas visões de mundo (ARAÚJO, 2007, p.137).

Para Araújo (2007), quando existe adaptação aos modos de trabalho dos colegas e há interação, dificuldades com ferramentas (que nem todos os participantes necessariamente dominam) podem ser superadas. Logo, *“quanto melhor a comunicação e a predisposição à colaboração, melhor será o fluxo de informações, a compatibilização dos projetos e, por conseguinte, o seu resultado”* (Araújo, 2007, p.142).

Com tudo isso, vemos que as experiências proporcionadas pelos ateliês virtuais de projeto, parecem exigir ou demandar relações, posturas profissionais e pessoais que não são tão diferentes daquelas minimamente esperadas em práticas presenciais do ensino-aprendizagem. Ainda que apresentem limitações ou fragilidades associadas a dificuldades operacionais, culturais ou até mesmo ligadas a diferenças de fusos horários, os AVPs apresentam grande potencial de gerar resultados positivos quando amparados, sobretudo, numa boa interação entre os seus participantes.

3 ANALISANDO DUAS EQUIPES PARTICIPANTES DO II IVADS 2023

International Virtual Design Studio

O II International Virtual Design Studio (IVADS 2023) foi realizado entre os dias 26 de setembro e 9 de outubro de 2023, com carga horária total de 30 horas e contou com a participação de professores e estudantes de graduação e de pós-graduação de quatro instituições (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Pernambuco e Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa). Com finalidade pedagógica, a atividade promoveu um concurso de ideias para propostas de intervenção em edificações de valor histórico no Bairro de Varadouro, João Pessoa/Paraíba, Brasil por meio da concepção de espaços para economia criativa, tema projetual desta edição. Os participantes foram divididos em cinco equipes, com dois professores orientadores, até seis estudantes (sendo no máximo dois de pós-graduação) de instituições diferentes. Em síntese, foi composto por palestras virtuais sobre o tema e sobre a área de intervenção, além de sessões comuns de apresentação de tarefas intermediárias e da proposta final. Como não é objetivo deste artigo tratar dos recursos didáticos, metodologias aplicadas ou dos produtos desenvolvidos, serão apresentados os relatos

quanto à interação de dois grupos participantes (grupos 3 e 5), a partir dos pontos de vista dos seus professores orientadores, que também podem ser caracterizados como participantes ativos da experiência.

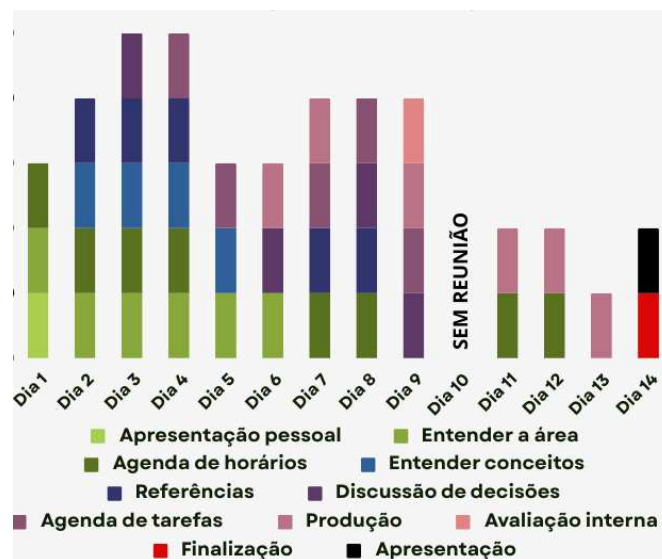
As conversas realizadas em grupos fechados de aplicativo de mensagens instantâneas (whatsapp) foram analisadas de modo qualitativo a fim de verificar as principais atividades e assuntos abordados pelas duas equipes e também de compreender como foram estabelecidas as comunicações e as interações entre os membros.

Grupo 3

A equipe foi composta por dois professores, dois estudantes de pós-graduação (sendo um deles com experiência docente) e mais cinco alunos de graduação advindos de três universidades distintas. Não havia no grupo nenhum participante estrangeiro. Dos cinco estudantes, dois estavam matriculados no primeiro ano do curso de Arquitetura e Urbanismo, um era aluno de meio de curso e os outros dois se encontravam em nível mais avançado (4º e 5º ano).

Desde o início do processo, a equipe manteve uma forte interação e demonstrou uma boa capacidade de adaptação, planejamento e de organização, dividindo tarefas de acordo com as habilidades individuais. Segundo a análise de conversas realizadas por meio de aplicativo de mensagens instantâneas, a primeira ação dos participantes foi a apresentação pessoal de cada um, indicando a qual instituição estavam vinculados, o período de matrícula no curso, quais os conhecimentos que detinham e aqueles que julgavam ser relevantes para a realização das atividades. Além disso, de imediato, buscaram encontrar horários compatíveis para reuniões e chats, de modo a viabilizar encontros síncronos. Diante da diversidade de agendas, foi observado de maneira implícita que o ideal seria agendar e planejar reuniões de acordo com as demandas e possibilidades de cada um. Isso fez com que esses arranjos fossem discutidos quase que diariamente, no decorrer dos 14 dias de atelier (figura 1).

Figura 1: Principais atividades identificadas nas comunicações do grupo 3.



Fonte: Elaboração própria.

Considerando os assuntos levantados no grupo de *whatsapp*, que se configurou como principal meio de comunicação dos participantes, percebe-se uma variação nas atividades e que se associa às etapas de realização do evento e às suas atividades. Nota-se, por exemplo, que as iniciativas de compreensão dos conceitos envolvidos com práticas de intervenção no construído e as pesquisas sobre a área de projeto estiveram presentes nos primeiros dias do IVADS, coincidindo com as palestras do evento. Foi essencial neste momento, o compartilhamento de informações dos estudantes paraibanos sobre a região, por meio de observações empíricas e a partir de referências bibliográficas e de outros projetos desenvolvidos para o centro histórico de João Pessoa (onde se localizava a área de estudo para a proposta). Essa também foi uma característica marcante presente no conteúdo dos diálogos entre os pares: a constante troca de informações e discussões sobre outras obras arquitetônicas que pudessem embasar as decisões do grupo.

De acordo com o mapeamento das ações/ assuntos principais, a busca por inspirações perdurou até o oitavo dia das atividades.

Ainda que as diversas conversas apontem para decisões tomadas em conjunto, como a construção de um conceito, nome e logomarca do grupo, ideias projetuais e de apresentação, as atividades de produção (das partes da proposta) foram estabelecidas de acordo com as competências de cada participante e também em comum acordo, o que denota uma boa convergência de opiniões. Assim, enquanto os alunos de início de curso não puderam colaborar com a execução de desenhos por meio de softwares de representação, puderam ser responsáveis pela produção de outras partes importantes como as apresentações (slides e pranchas), além do memorial. Durante o processo, os professores envolvidos colaboraram com indagações e orientações a fim de estimular a reflexão sobre as decisões, além de terem encorajado a equipe, conferiram total autonomia ao grupo, que se manteve atento às questões levantadas, refinando textos, imagens e pranchas até a entrega final.

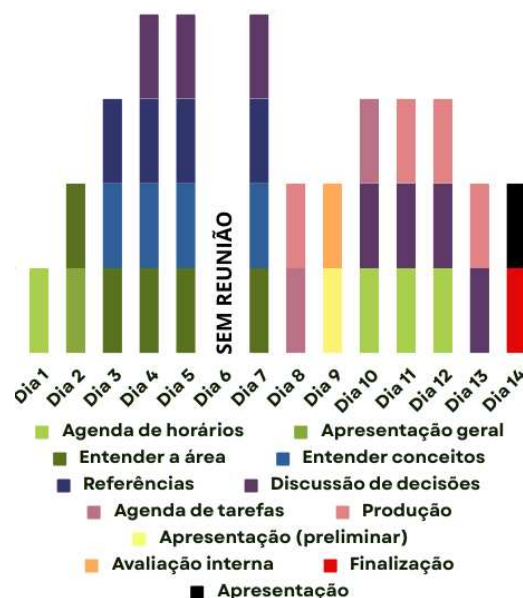
Grupo 5

Caracterizado pela presença de participantes do curso de arquitetura de instituições nacionais e internacionais, o grupo 5 englobou os seguintes integrantes: 2 professores, sendo um da UFRN e outro da FAUL (Lisboa); 3 estudantes de pós-graduação (UFRN, UFPB e UFPE); e 6 estudantes de graduação, representados por dois alunos do 1º ano (UFPB), um aluno do 4º ano (UFRN) e três alunos do 5º ano (UFRN, UFPE e FAUL). Tendo em vista as diferenças de fuso-horário entre o Brasil e Portugal, uma das primeiras providências foi a consulta ao grupo com a intenção de fixarmos horários de reuniões que permitissem a participação de todos os integrantes.

A 1ª reunião do grupo foi realizada no 2º dia do IVADS, com o objetivo de nos apresentarmos uns aos outros e tentarmos compreender como seriam os próximos dias de atividade, os prazos a serem cumpridos e ferramentas para comunicação, concepção e representação de projeto. Nem todos os integrantes puderam comparecer e nem todos os presentes abriram suas câmeras, fato que também ocorreu no dia seguinte. Mesmo sabendo que este tipo de situação poderia acontecer em virtude de uma série de aspectos, inclusive pela necessidade de cada pessoa ter que manter atividades individuais, ficou firmado o compromisso com um número maior de reuniões nesta etapa inicial do *workshop*, visando estreitar as relações e criar uma rotina de trabalho.

No que diz respeito ao conteúdo geral da comunicação estabelecida pelo *whatsapp*, percebemos que, nos primeiros dias do atelier, alguns participantes ainda estavam tentando organizar suas agendas de horários para o novo exercício. O debate no grupo se concentrava na busca de informações sobre o tema e referências projetuais diversas, mas também indicava atenção às possíveis formas de divisão das tarefas diante das diferentes habilidades e conhecimentos de cada aluno (figura 02).

Figura 2: Principais atividades identificadas nas comunicações do grupo 5.



Fonte: Elaboração própria.

Um quesito interessante, previamente pensado pela organização do IVADS, é que os integrantes do grupo de moradores de João Pessoa, poderiam auxiliar a equipe com suas experiências acerca da cidade e/ou da região estudada, o que de fato aconteceu. Nesse sentido, os participantes do 1º ano do curso de arquitetura se empenharam na coleta de novos dados sobre o local de intervenção, incluindo fotos, vídeos e conversas com pessoas do bairro. A partir do momento em que todos puderam contribuir de algum modo com a discussão acerca da temática e com a organização do material que se constituiria na proposta arquitetônica, houve maior integração do grupo.

O período compreendido entre a apresentação preliminar das ideias da equipe e a consequente organização do trabalho para a finalização da proposta, foi marcado por um novo ritmo. O grupo criou um movimento próprio, tornou-se coeso e bastante empenhado no desenvolvimento do projeto, tomando a iniciativa para encontrar horários alternativos para pequenas discussões entre si e para buscar respostas aos novos problemas projetuais. Ao mesmo tempo, a necessidade de mão de obra para a produção dos desenhos que estavam sendo planejados - com a desistência de um dos alunos - favoreceu momentos em que alguns componentes do grupo se dispuseram a ensinar/aprender noções básicas de um dos softwares utilizados como meio de concepção/representação. Havia claramente um senso de equipe e relação de confiança entre aqueles que tinham mais e aqueles que tinham menos experiência.

Quanto aos tópicos abordados no *whatsapp* nessa fase final do atelier (figura 02), observou-se que alguns assuntos ainda permaneciam presentes, como a relação da proposta com as posturas de intervenção adotadas, enquanto outros surgiam, como o formato do material final a ser apresentado e os detalhes associados à sua produção. A postura pedagógica assumida pelos docentes integrantes desta equipe, em parte também visualizada no grupo de conversa, permitiu autonomia ao grupo e caracterizou-se pela abertura ao diálogo e aprendizado mútuo, em torno de uma atividade com muitas respostas possíveis, construída inteiramente por meio da colaboração.

Discutindo similaridades e diferenças

A realização do atelier virtual e os desdobramentos de alguns dos seus aspectos constituintes, conforme exemplificado a partir dos dois relatos supracitados, permitem reflexões acerca das atividades desenvolvidas pelos grupos e das relações interpessoais estabelecidas internamente. As dimensões de tempo e espaço comumente observadas no atelier presencial de projeto deram lugar a um tempo curto, acrescido de fuso horário, para o cumprimento das etapas analíticas e propositivas do exercício, assim como a um outro tipo de espaço, completamente virtual, mediado por tecnologias digitais. Neste atelier, o único momento presencial ocorreu em virtude da relação entre o IVADS e o 11º Seminário Projetar, com a possibilidade de apresentação final durante o evento em questão.

Nesse sentido, tratou-se de um exercício em que os participantes atuaram em conjunto, mas, ao mesmo tempo, separados fisicamente, com pessoas desconhecidas e/ou com diferentes habilidades e níveis de conhecimento, aspecto pontuado anteriormente por meio das ideias de Araujo (2007). Nesse tipo de atelier, não há tempo hábil para um entrosamento anterior à execução das tarefas, uma vez que tudo acontece muito rapidamente. Em relação a este quesito, o grupo 3 conseguiu estabelecer uma boa relação de trabalho, divisão de tarefas e cooperação desde o início das atividades, enquanto o grupo 5, em razão das dificuldades de conciliar horários e talvez um pouco de receio em se expor ao grupo nos primeiros dias de atelier, só assumiu uma postura de fato colaborativa um pouco depois. Entretanto, ao registrar o senso de equipe firmado pelo grupo 5, registra-se também algo que não esperávamos: o empenho de membros da equipe em ensinar para os colegas algumas noções básicas de um dos *softwares* utilizados, para agilizar a execução da proposta após a saída de um dos participantes.

Quanto às atividades realizadas pelas equipes, constata-se que há uma aproximação entre as categorias destacadas nas conversas de *whatsapp* e as fases de desenvolvimento do atelier, sobretudo quando consideramos os momentos de apresentação das ideias preliminares ou das propostas finais de cada equipe. Assim, poucas diferenças podem ser destacadas quanto ao desempenho das tarefas de cada grupo, dentre as quais podem ser pontuadas: i) a organização inicial do trabalho; ii) agilidade no início das propostas; iii) necessidade ou não de retomada de algumas questões do processo projetual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que ambos os grupos foram exitosos na entrega das propostas, desenvolvidas em um período de tempo limitado e sob condições específicas próprias de um atelier virtual de projeto, gostaríamos ainda, ao fim deste artigo, de propor algumas considerações.

A partir do que foi observado nas experiências dos dois grupos, vê-se que a troca de conhecimentos e o encorajamento por meio da autonomia conferida aos estudantes, possibilitou o transpassar de barreiras que poderiam ter impedido a realização das atividades. Mesmo assim, ressaltamos que diferenças grandes entre os perfis dos componentes podem dificultar os processos e até mesmo gerar desestímulo entre integrantes dos grupos. Sabemos também que apesar da troca de mensagens via aplicativo de mensagem instantânea ser algo incorporado ao nosso cotidiano pessoal e profissional, não é possível extrair completamente, por meio das conversas realizadas, informações que também foram trocadas por meio de chamadas de vídeo, durante as reuniões entre os integrantes nas mais variadas horas do dia e até mesmo em fusos horários diferentes. Contudo, ao encerrarmos este artigo, reafirmamos o papel importante das relações interpessoais no desenvolvimento de grupos ou equipes colaborativas, seja no modo virtual (e também presencial) dos ateliês de projeto.

5 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. Projetos colaborativos. Experiências interculturais na formação do arquiteto. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ. *Tese de doutorado*, 2007.
- HATTIE, J. *Aprendizagem visível para professores: como maximizar o impacto da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2017.
- KVAN, T. The pedagogy of virtual design studios. *Automation in construction*. v.10, n.3 p. 345 – 353, 2001. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0926580500000510> Acesso em 01 nov. 2023.
- MAHER, M.; SIMOFF, S.; CICOGNANI, A. *Understanding virtual design studios*. London: Springer - Verlag London Lt., 2000.
- THORING, K.; DESMET, P.; BADKE-SCHAUB, P. Creative environments for design education and practice: A typology of creative spaces. *Design Studies*, v. 56, p. 54 – 83, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.destud.2018.02.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0142694X18300048> Acesso em 01 nov. 2023.
- TRAMONTANO, M. Habitar a cidade: exercício de projeto à distância. In: 8º SIGRADI. *Anais...* Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://papers.cumincad.org/data/works/att/sigradi2004_435.content.pdf Acesso em 01 nov. 2023.
- VELOSO, M. Atelier virtual internacional de projeto – IVADS 2021. *Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 134–137, 2022. DOI: 10.21680/2448-296X.2022v7n1ID27893. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/27893> Acesso em: 03 nov. 2023.
- WILKINSON, I.; PARR, I.; FUNG, I.; HATTIE, J.; TOWNSEND, M. Discussion: modeling and maximizing peer effects in school. *International Journal of Educational Research*, v. 37, n. 5, p. 521 – 535, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0883-0355\(03\)00018-1](https://doi.org/10.1016/S0883-0355(03)00018-1) Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883035503000181> Acesso em 01 nov. 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

RESTAURAR E APROPRIAR: UMA PROPOSTA PROJETUAL DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA

RESTAURAR Y APROPIAR: UNA PROPUESTA DE PROYECTO DE INTERVENCIÓN EN EL PATRIMONIO DEL CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA

RESTORE AND APPROPRIATE: A PROJECT PROPOSAL FOR INTERVENTION IN THE HERITAGE OF THE HISTORICAL CENTER OF JOÃO PESSOA

VINAGRE FONSECA, NATÁLIA

PhD Student em Arquitetura na Universidade de Lisboa (ULISBOA); E-mail: natvinagrefonseca@gmail.com

GALVÃO, ALINE

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); E-mail: aline.guerra@ufm.br

RODRIGUES, AMANNDÁ

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); E-mail: amannaldalmeida.melo@gmail.com

SILVA, JARBAS RIBEIRO

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); E-mail: mathmgmt@gmail.com

MELO, MARIA EDUARDA

Graduanda em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: eduarda.melos@ufpe.br

RESUMO

O artigo trata de uma proposta de projeto desenvolvida no âmbito do concurso de ideias do IVADS 2023 como forma de aprofundamento do estudo do projeto colaborativo em ateliê virtual, realizado entre instituições do Brasil e de Portugal. O local de intervenção selecionado para o concurso situa-se no centro histórico da cidade de João Pessoa, no bairro Varadouro. A concepção da proposta foi baseada na postura italiana crítica-conservativa e criativa, de Giovanni Carbonara, e foi desenvolvida em 3 etapas: (1) análise documental, fotográfica e entrevistas; (2) desenvolvimento conceitual; e, (3) proposta do projeto de intervenção. A análise indicou pontos importantes para o desenvolvimento do projeto na macro e microescala, onde se diagnosticou no traçado urbano os pontos potenciais do entorno e também os problemas da região. O diagnóstico permitiu inspirar o principal conceito da proposta, segundo o qual as madeiras representam importante elemento de origem das ideias para o espaço institucional multifuncional, que contemplou ambientes como a Escola da madeira, o centro de artesanato, as oficinas, os laboratórios e o restaurante. A experiência obtida por meio da participação do modelo de ateliê virtual permitiu trazer aos estudantes o desafio de pensar e desenvolver uma proposta de projeto arquitetônico de forma colaborativa, de maneira a promover a aproximação de pessoas, ideias e técnicas, assim como possibilita o uso de tecnologias que colaboram com essa comunicação, para além de pensar sobre as intervenções possíveis para o patrimônio histórico a fim de garantir a vitalidade desses espaços. PALAVRAS-CHAVE: IVADS; projeto colaborativo; ateliê virtual; intervenção no patrimônio histórico.

RESUMEN

El artículo aborda una propuesta de proyecto desarrollada en el ámbito del concurso de ideas IVADS 2023 como forma de profundizar el estudio del proyecto colaborativo en un estudio virtual, realizado entre instituciones de Brasil y Portugal. El sitio de intervención seleccionado para el concurso está ubicado en el centro histórico de la ciudad de João Pessoa, en el barrio de Varadouro. La concepción de la propuesta se basó en la postura crítica-conservadora y creativa italiana de Giovanni Carbonara, y se desarrolló en 3 etapas: (1) análisis documental, fotográfico y entrevistas; (2) desarrollo conceptual; y, (3) propuesta de proyecto de intervención. El análisis indicó puntos importantes para el desarrollo del proyecto a escala macro y micro, donde se diagnosticaron puntos potenciales en el entorno y también los problemas de la región en el trazado urbano. El diagnóstico permitió inspirar el concepto principal de la propuesta, según el cual los aserraderos representan un importante elemento de origen de las ideas para el espacio institucional multifuncional, que incluyó ambientes como la Escuela de la Madera, el centro de artesanías, los talleres, el laboratorio y el restaurante. La experiencia adquirida a través de la participación en el modelo de estudio virtual permitió a los estudiantes enfrentar el desafío de pensar y desarrollar una propuesta de proyecto arquitectónico de manera colaborativa, de manera que promueva el acercamiento de personas, ideas y técnicas, así como posibilitar el uso de tecnologías que colaboran con esta comunicación, además de pensar en posibles intervenciones en el patrimonio histórico para garantizar la vitalidad de estos espacios. PALABRAS CLAVE: IVADS; proyecto colaborativo; estudio virtual; Intervención en el patrimonio histórico.

ABSTRACT

The article deals with a project proposal developed within the scope of the IVADS 2023 ideas competition as a way of deepening the study of the collaborative project in a virtual studio, carried out between institutions in Brazil and Portugal. The intervention site selected for the competition is located in the historic center of the city of João Pessoa, in the Varadouro neighborhood. The conception of the proposal was based on the critical-conservative and creative Italian stance of Giovanni Carbonara and was developed in 3 stages: (1) documentary, photographic analysis and interviews; (2) conceptual development; and, (3) intervention project proposal.

The analysis indicated important points for the development of the project on the macro and micro scale, where potential points in the surrounding area and also the problems in the region were diagnosed in the urban layout. The diagnosis allowed to inspire the main concept of the proposal, according to which the lumber mills represent an important element of the origin of the ideas for the multifunctional institutional space, which included environments such as the Wood School, the crafts center, the workshops, the laboratories and the restaurant. The experience gained through participation in the virtual studio model allowed students to face the challenge of thinking and developing an architectural project proposal collaboratively, in a way that promotes the bringing together of people, ideas and techniques, as well as enabling the use of technologies that collaborate with this communication, in addition to thinking about possible interventions for historical heritage in order to guarantee the vitality of these spaces.

KEYWORDS: IVADS; collaborative project; virtual studio; intervention in historical heritage.

Recebido em: 25/11/2023

Aceito em: 17/01/2024

1 INTRODUÇÃO

A valorização do patrimônio construído nas cidades brasileiras é uma expressão significativa do reconhecimento da cultura e da história local. O concurso de ideias do *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS*, ciente da importância do resgate da memória arquitetônica, abordou o tema "Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa". O desenvolvimento de ideias e do projeto proposto pelo concurso iniciou com o estudo aprofundado do local de intervenção: o Centro Histórico de João Pessoa e o bairro de Varadouro.

A preservação do patrimônio histórico está intrinsecamente ligada à preservação da cultura, o que não deve prescindir da viabilidade econômica de uma intervenção, portanto foi realizada uma breve análise das atividades econômicas e da história da população local, para conceber funções apropriados ao reuso da área, que valorizassem a comunidade e que estimulam a vitalidade urbana na área de intervenção da proposta. Sob a perspectiva de que intervir no patrimônio tem o potencial de modificar a dinâmica social, é crucial explorar as possibilidades que despertem o interesse da população e que valorizem os potenciais já presentes no local.

A análise e diagnóstico da área de intervenção revelaram a vitalidade urbana deficiente, com diversas edificações sem uso e uma praça recém-reformada que não atrai visitantes. Apesar da estação de VLT situada à frente das edificações gerar fluxo de pessoas na região, elas não se apropriam dos espaços públicos existentes. Diante desse cenário, surge a indagação: a apropriação do patrimônio pode trazer vitalidade ao centro de João Pessoa?

Como objeto de estudo foram selecionadas três edificações, seguindo a postura italiana crítica-conservativa e criativa de Giovanni Carbonara. Essa abordagem reconhece a necessidade de adaptar a obra às demandas atuais e prevenir o congelamento histórico, de forma que retire a edificação do estado de arruamento. A escolha da proposta de projeto, motivada pela falta de vitalidade urbana diagnosticada, busca incorporar atividades institucionais e comerciais que dinamizam o espaço público, ao longo do dia, transformando-o em um polo de atividades urbanas dinâmicas. Além da reforma das edificações, a proposta inclui integração dessas com a praça e com o entorno, a fim de criar novos espaços de permanência para os usuários, com ênfase na arborização e no mobiliário urbano que proporcione conforto.

O tema central do ateliê foi a concepção de espaços para economia criativa. O estudo da área revelou o uso cultural da madeira na fabricação de artesanato local e um amplo comércio de madeiras da região, relacionadas à mata ciliar. Isso motivou a escolha dos usos das edificações, visando estimular a economia criativa e promover a sustentabilidade do comércio local.

A metodologia de desenvolvimento do projeto envolveu três etapas principais: (1) pesquisa documental sobre a área e relatório fotográfico, elaborado por membros do grupo, além de entrevistas com membros locais; (2) desenvolvimento conceitual; (3) elaboração da proposta de projeto. O projeto foi realizado virtualmente por alunos de universidades do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, com o suporte de professores e monitores de instituições da Paraíba e de Portugal.

O estudo da região teve início com uma análise na macroescala, com o intuito de identificar todas as problemáticas e as potencialidades da área. Após uma abrangente discussão sobre o entorno e o local de intervenção, decidiu-se conceber o projeto a partir da ideia de um pátio que conectasse todos os edifícios. Ao longo do processo, delimitou-se o uso e o programa de necessidades.

Para alcançar o êxito da proposta, foram necessárias diversas reuniões com o intuito de desenvolver a planta baixa e o layout para os novos usos. Nesse contexto, a proposta evoluiu e alcançou resultados que

satisfizeram o grupo. A partir disso, surgiu a criação do mercado cultural "EntreNós", do pátio e da escola de madeira "EntreNós". Em relação às fachadas dos edifícios, optou-se por manter a estética atual das edificações, de forma que foram realizadas modificações nas cores e revitalização das esquadrias em madeira. A única alteração ocorreu na demolição da parede em alvenaria no prédio central, com a intenção de criar uma área com conexão direta com a rua.

A revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, desencadeada pelo concurso IVADS, não apenas se destaca como um impulsionador para o meio urbano, mas também evidencia a ênfase na economia criativa e no patrimônio cultural. Este projeto, concebido por estudantes de Arquitetura e Urbanismo, não se limita a uma abordagem convencional, mas, sim, busca uma perspectiva inovadora e multidisciplinar que redefine as práticas colaborativas no processo de restaurações arquitetônicas. A metodologia abraçada, que incorpora pesquisa documental, análise de dados e criação de programas de necessidades, serviu como alicerce para as propostas que dão forma aos espaços urbanos e edificados. Os resultados destacam a vitalidade potencial da apropriação do patrimônio no Centro Histórico, evidenciando a criação de um espaço com áreas de lazer e caminhos, que conecta as edificações históricas com a população. Enquanto a proposta de projeto se alinha às demandas locais, contemplando usos diversos, desde mercados noturnos até escolas de ofícios tradicionais, as considerações finais reforçam a importância de ampliar a capacidade dos órgãos de preservação e de promover pesquisas junto aos residentes locais. Essas reflexões apontam diretamente para a necessidade de atualizações na legislação de proteção do patrimônio, garantindo a sustentabilidade e contemporaneidade das intervenções propostas.

2 METODOLOGIA

A proposta do projeto foi desenvolvida no contexto do *International Virtual Architectural Design Studio* (IVADS) - Projetar 2023. Como parte do evento foram ministradas diversas palestras com temas relacionados ao desenvolvimento do projeto, além da experiência de atelier virtual. O intuito foi auxiliar os participantes na compreensão do que deveria ser desenvolvido para o concurso que tinha como proposta uma intervenção no patrimônio histórico de João Pessoa, no bairro Varadouro, de forma que fosse estimulada a economia criativa.

A metodologia de desenvolvimento do projeto envolveu três etapas principais: (1) pesquisa documental sobre a área de intervenção, incluindo um relatório fotográfico, produzido por um dos membros do grupo, bem como a análise dos relatos dos membros do grupo que habitam na cidade; (2) desenvolvimento conceitual; (3) elaboração da proposta de projeto.

Na primeira etapa, foi realizado o levantamento documental referente aos dados históricos de João Pessoa, com ênfase no bairro, e de informações sobre a infraestrutura e a economia do bairro. Foi possível perceber a importância da região para os habitantes da área e do entorno imediato. Através desse levantamento, as potencialidades e as problemáticas que o recorte trazia puderam ser elencadas.

Com o levantamento fotográfico, observaram-se a situação atual das edificações, bem como do entorno imediato, e o tipo de uso que as pessoas davam para aqueles espaços. Pôde-se perceber também que a Praça Napoleão, ao lado, havia sido reformada, há pouco tempo, onde foi possível constatar a arborização insuficiente e a baixa frequência dos habitantes no espaço.

Após a pesquisa documental e fotográfica, foram recolhidos depoimentos de membros do grupo residentes em João Pessoa, com a finalidade de perceber sua experiência, ao visitar a área, e suas impressões sobre o local de intervenção. Essa percepção trouxe contributos importantes para o trabalho, de forma que foi possível entender a visão dos moradores da cidade para com o local de intervenção, assim como suas memórias e experiências compartilhadas, enriquecendo o entendimento do grupo.

A segunda etapa foi desenvolvida a partir das discussões anteriores da equipe e do reconhecimento da área, para elaborar o conceito do projeto. A partir do diagnóstico que envolveria uma análise criteriosa das potencialidades e limitações do entorno, procedeu-se à concepção formal das propostas para os espaços edificado e urbano. O centro histórico de João Pessoa, notadamente o bairro do Varadouro, é uma área rica em patrimônio cultural e arquitetônico, por isso o projeto buscou explorar a viabilidade de reutilizar uma edificação histórica, que se encontra desocupada, de maneira a promover a vitalidade e a valorização do patrimônio local (Ver figura 01).

Figura 01: Diagnóstico dos problemas e potencialidades da área de intervenção.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Para compreender o contexto da intervenção, foram realizados estudos a partir de mapas, além de análises virtuais por meio do Google Street View. Esses estudos revelaram os usos do solo existentes, destacando a presença expressiva de madeiras nas proximidades da edificação histórica. No Mapa, na figura 02, observa-se a quantidade de madeiras próximas das edificações, essa predominância do uso suscitou a possibilidade de integração desse recurso local à proposta de reuso da edificação.

Figura 02: Mapa das principais madeiras próximas à edificação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Após realizar o diagnóstico das potencialidades e problemas da área de intervenção, concluiu-se que o uso cultural da madeira para a produção de produtos que garantem a subsistência era bastante presente no local. Assim, a madeira foi utilizada como ponto de partida e de inspiração conceitual da proposta de projeto.

A madeira é um material orgânico, sólido e resistente, que está no planeta desde o período carbonífero, em constante formação e renovação, sendo assim, um material sustentável (Cunha, 2011), muito resistente e bastante utilizado no ambiente construído.

Embora seja suscetível à insetos e fungos, sua secagem, preservação e utilização junto a outros materiais torna-a durável (3) e é considerada uma das atividades a poder melhor conjugar expansão econômica e baixo impacto ambiental, através da racionalização da sua exploração (4) e a compatibilização das características de alta renovabilidade, energia acumulada, fixação de carbono e ciclo de vida. Pelo seu maior acesso, facilidade de

manuseio e seus desdobramentos através da história, a madeira é considerada material básico para desenvolvimento humano (CUNHA, 2011).

Os nós na composição da madeira, representativos da individualidade de cada tipo, serviram como fonte de inspiração para o conceito elaborado pelo grupo. Segundo o portal do IPHAN, a madeira, material resistente com propriedades físicas específicas devido à sua estrutura celulósica e fibrosa, possui uma ampla variedade de espécies, diferenciadas pelos desenhos de suas fibras que formam nós. Além disso, ao valorizar o ciclo da madeira, o espaço planejado tem a intenção não apenas de unir e educar as pessoas, mas também de contribuir para a comunidade, proporcionando oportunidades de renda e atividades recreativas. Assim, o conceito surgiu da interseção entre a singularidade dos nós na madeira e a visão inclusiva e educativa do projeto. (Ver figura 03).

Figura 03 - Conceito elaborado para o projeto.

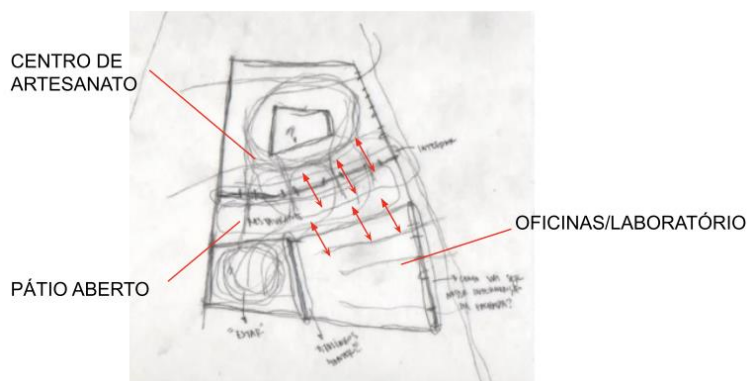


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na terceira etapa, a proposta de intervenção teve como objetivos trazer vitalidade ao centro histórico e aproveitar o potencial das madeireiras locais. Para isso, sugere-se que a edificação reutilizada contemple um espaço institucional multifuncional, com o intuito de promover a aprendizagem e a interação direta entre os artesãos e o público, de maneira que fomente a vida cotidiana dos moradores e estimule o turismo na área de intervenção. Na proposta foram incluídos um restaurante como ponto de encontro; um centro de artesanato, funcionando nos três turnos do dia, onde existiriam locais para a exibição de artes e difusão de informações sobre as madeiras brasileiras e locais; e também um espaço de comercialização dos produtos fabricados nas oficinas e laboratórios de madeira.

Dessa forma, para a proposta do projeto, buscou-se por referências de projetos de oficinas de madeiras e centros de artesanato focados no comércio e no ensino. Nesse sentido, depois da coleta de informações acerca desses usos pretendidos, foi elaborada a primeira proposta de partido arquitetônico, baseada no programa de necessidades discutidos em grupo, o qual contemplou uma área de mercado (banheiros, restaurante e espaço para exposição) e uma escola (laboratório de madeira, salas para oficinas, sala multiuso, banheiros, copa e administração), como fica evidente na figura 04.

Figura 04: Primeiro Zoneamento idealizado.

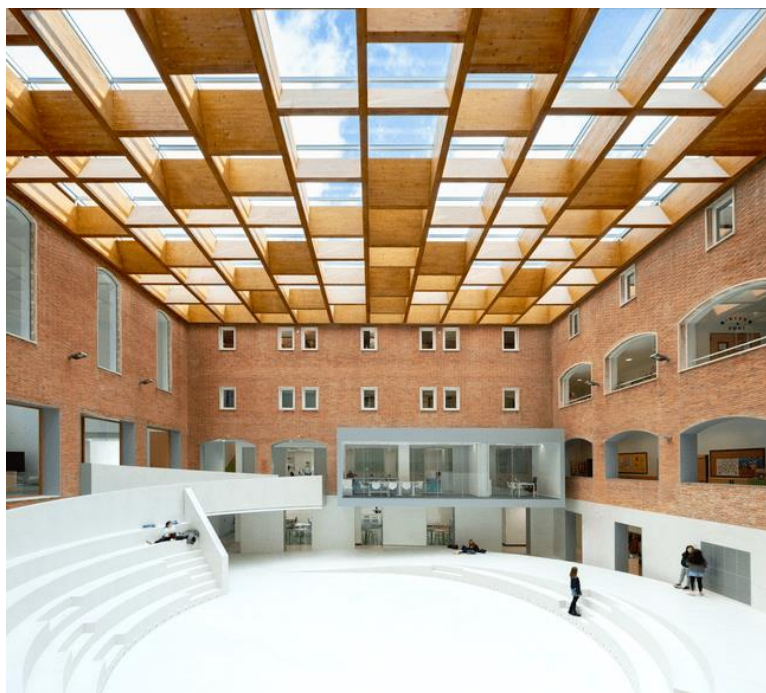


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Foi feita uma organização espacial do edifício próximo à Praça Napoleão, implementando divisórias em alvenaria para a segregação das salas, visando uma distribuição coerente e funcional dos espaços. Posteriormente, o foco deslocou-se para a criação de espaços vazios e para a integração do centro de artesanato/exposição com um restaurante que promovesse uma conexão fluida entre a calçada e o espaço interno. Aliado a isso, foi pensado também um pátio central, que unisse as três edificações. Esse espaço servirá como passagem, conectando as áreas adjacentes, e como área de permanência, proporcionando uma área de descanso aos transeuntes.

Notavelmente, o elemento diferenciador deste projeto reside na escolha de uma cobertura inteiramente produzida em madeira, incorporando elementos vazados, confeccionados a partir de diversas espécies brasileiras, tais como o pau roxo, o cedro rosa e a itaúba. Como referência, foi utilizado o edifício Valladolid, situado na Espanha, na cidade de Valladolid (Figura 05), para inspirar o desenho e a estética do partido arquitetônico. Essa decisão não apenas conferiu singularidade à estrutura, mas também assegurou que ele não ofuscasse o patrimônio arquitetônico unido a esse elemento.

Figura 05: Imagem de referência para cobertura de madeira no Valladolid Space Agora.



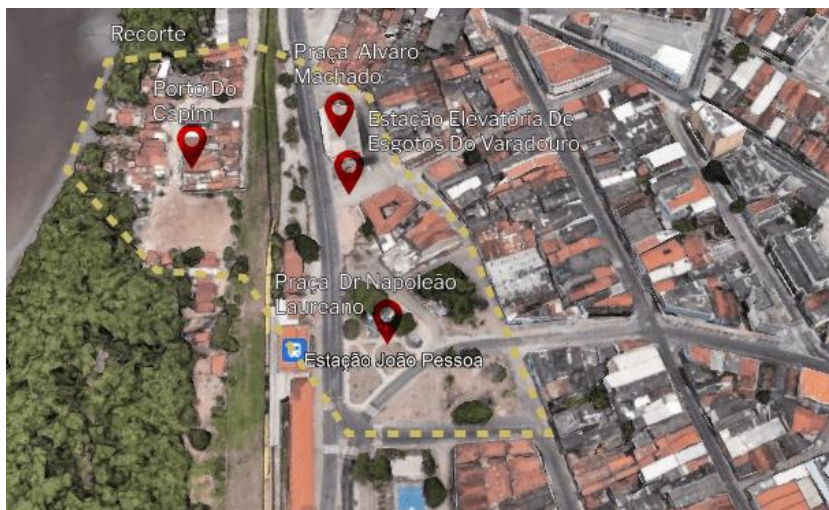
Fonte: Archdaily (2021)¹.

A proposta de requalificação urbana e reuso da edificação pertencente ao patrimônio do centro histórico de João Pessoa, no bairro do Varadouro, representa uma estratégia para revitalizar a área. A integração do potencial das madeiras locais com os espaços institucionais multifuncionais e a criação de uma área pública demonstram a preocupação em preservar o patrimônio histórico e, ao mesmo tempo, em proporcionar benefícios sociais e econômicos para a comunidade local. Esta intervenção não apenas resgata a essência do local, mas também cria um espaço dinâmico e inclusivo para todos.

3 RESULTADOS

A partir das intenções iniciais, apresentadas na metodologia acima, prosseguimos para o desenvolvimento detalhado do projeto, que, além dos lotes das três edificações, abrangeu as praças Napoleão Laureano e Álvaro Machado, além de um trecho da comunidade do Porto do Capim (Figura 06). Nesse sentido, optou-se por propostas de projeto que ultrapassam os lotes das edificações, para resolver as problemáticas mais pertinentes do sítio e de seu entorno: o arruinamento das edificações trabalhadas; o abandono de parte do Centro Histórico; a carência de elementos de vitalidade urbana no bairro do Varadouro. A partir disso, tomou-se como estratégia projetual trabalhar a área em duas escalas: a macroescala e a microescala. Ademais, embora as alterações físicas sejam elaboradas apenas nessa localidade, a intervenção no Centro Histórico tem como intuito trazer benefícios à toda a cidade.

Figura 06: Localização de pontos do entorno na situação atual.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Macroescala

Jan Gehl (2013) descreve a vitalidade urbana como a habilidade de um ambiente urbano atrair e sustentar a presença dinâmica de pessoas. O autor destaca diversas estratégias que os planejadores urbanos podem empregar para alcançar esse objetivo, sendo a mobilidade ativa uma delas. Essa abordagem envolve a promoção de modos de transporte que incentivam a atividade física, como a caminhada e o ciclismo, que podem contribuir para hábitos mais saudáveis e ampliar as oportunidades de interação social dos indivíduos.

Dessa forma, quanto à macroescala, a proposta para o traçado urbano, como pode ser observada na Figura 07, abaixo, contemplou diversos caminhos orgânicos, que conectam de forma livre e segura a praça Napoleão Laureano, o lote de intervenção, os serviços de transporte e a população do entorno. Além disso, uma problemática considerada pertinente ao projeto foi o enclausuramento da comunidade Porto do Capim, sobretudo pela rodovia e pela linha de VLT existentes. Nesse sentido, por meio da criação de passagens elevadas e da mobilidade ativa, a comunidade passaria a ter maior integração com o bairro Varadouro.

Figura 07: Localização de pontos do entorno no projeto proposto.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Figura 08: Propostas para a macroescala.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

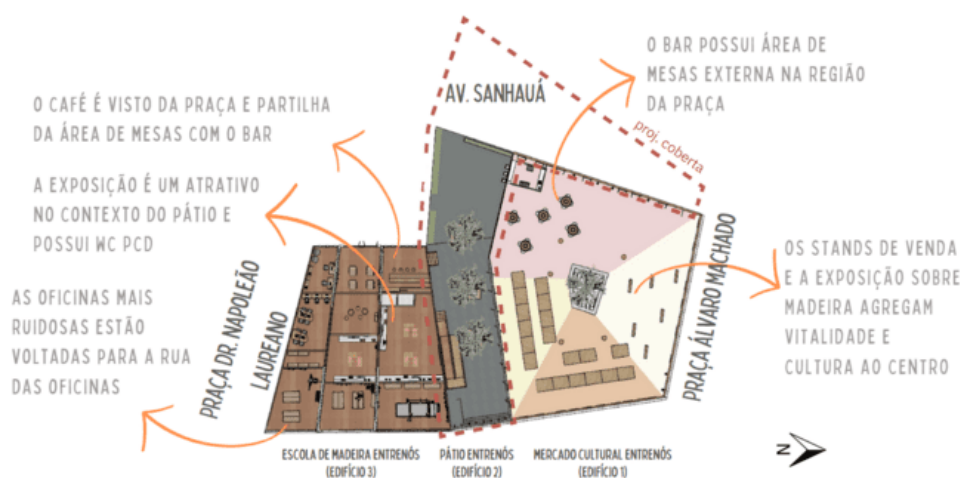
Conforme apresentado na Figura 08, acima, ao longo do percurso orgânico mencionado, também foi proposto espaços de uso múltiplo, nos quais foi planejado a implementação de múltiplas funções: 1. Multiúso, ampliando a arborização e/ou mobiliário da Praça Napoleão Laureano e utilizando uma área livre próxima ao Rio Parahyba, na comunidade Porto do Capim; 2. Esporte, com a criação de uma quadra poliesportiva no lote onde atualmente existe um posto de gasolina, próximo a Praça Álvaro Machado e a Estação Elevatória de Esgotos do Varadouro; 3. Contemplação, nas duas passagens elevadas que conectam o trecho do bairro do Varadouro ao VLT e à comunidade do Porto do Capim.

Desse modo, buscou-se promover a conexão entre a população do entorno, as praças e as ruas circundantes. Além disso, a alocação estratégica de espaços para usos variados teve como objetivo incentivar a ocupação da região em diversos horários do dia.

Microescala

Por sua vez, a microescala é composta por 3 edificações de usos diversos, constituindo o Complexo EntreNós: o Mercado Cultural EntreNós (edifício 1), o Pátio EntreNós (edifício 2) e a Escola de Madeira EntreNós (edifício 3), conforme apresentado na Figura 09, abaixo. O programa de cada um dos edifícios foi pensado de acordo com sua posição em relação ao entorno imediato. Ademais, a unidade do complexo formaliza-se por meio de uma cobertura em estrutura de madeira sobre a edificação central, de passagens laterais, que dinamizam a conexão entre as edificações e de paleta de cores claras nas fachadas dos três edifícios. Dessa forma, foi possível organizar a intervenção na microescala em 4 partes: 1. Programa de necessidades do Mercado Cultural EntreNós; 2. Programa de necessidades da Escola de Madeira EntreNós; 3. Definição do partido; 4. Tratamento de fachada.

Figura 09: Propostas para a microescala.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Mercado Cultural EntreNós

Verificada a ausência de comércio no período noturno e nos finais de semana, no bairro do Varadouro, após a realização do diagnóstico, foi considerada a necessidade do uso de estandes de venda, que contemplem desde itens de uso básico da população e demais usuários, até o comércio de artesanato, souvenirs e outros itens fabricados com a madeira.

Direcionando o foco das análises para as edificações preexistentes, verificou-se na edificação n.º 1, a possibilidade de espaços flexíveis, "open space", ideais para os usos de mercado cultural e bar. Nesse sentido, o prédio recebeu o nome de Mercado Cultural EntreNós e nele foram concentrados usos para estandes, aliado a áreas de exposição que trazem informações sobre os principais tipos de madeira da região e espaço para o funcionamento do bar (Figura 10).

Figura 10: Mercado Cultural EntreNós.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Quanto à disposição do edifício em relação ao entorno, foi considerada sua posição voltada para o Largo de São Frei Pedro Gonçalves, um importante ponto de visitação na cidade, que faz parte do roteiro de turistas e de moradores de João Pessoa, que buscam o bairro Centro como local de lazer e descontração aos finais de semana. Dessa forma, a posição do Mercado Cultural EntreNós e seu uso para bar e comércio de souvenirs favorecem uma recepção compatível com as necessidades desse público em potencial.

Escola da Madeira EntreNós

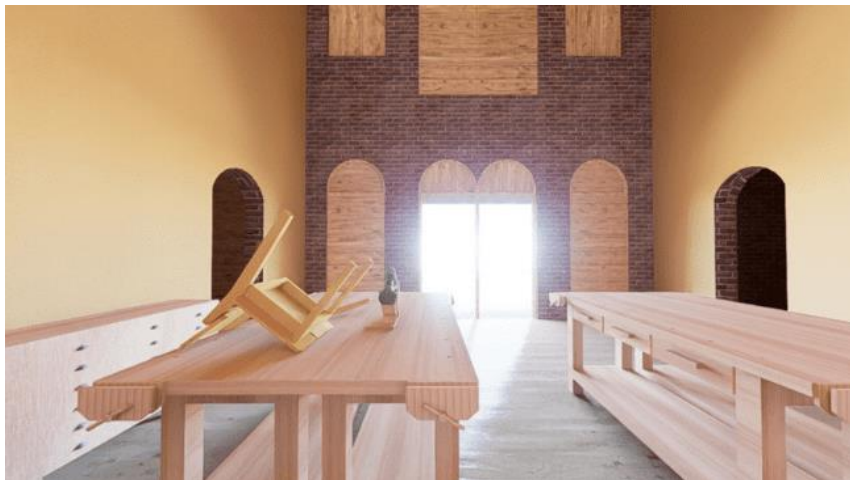
Ao pensar sobre a relação entre o conceito EntreNós e o tema "Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa", foi considerada a importância de incluir, no programa de necessidades, ambiências criativas para o aprendizado, a exposição e a produção de modalidades variadas de trabalho com a madeira, além de espaços para desconpressão e para o estudo/coworking.

Nesse sentido, foi proposta a reintegração dos espaços da edificação histórica, edifício n.º 3, que se encontrava dividido em três partes. Essa reintegração possibilitou a criação de uma grande escola composta pela diversidade de ambiências criativas imaginadas, além de representar a manutenção da unidade potencial da edificação histórica.

Para Cesare Brandi (2004), o conceito de "unidade potencial" destaca a importância em compreender uma obra de arte como uma entidade única, com uma identidade própria, e sugere que qualquer intervenção deve ser realizada com respeito a essa unidade. Desse modo, a questão da unidade potencial influenciou as

decisões de reintegrar as partes do edifício, dar tratamento padronizado às fachadas e valorizar o tijolo aparente em algumas superfícies das paredes internas (Figura 11).

Figura 11: Escola de Madeira EntreNós.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

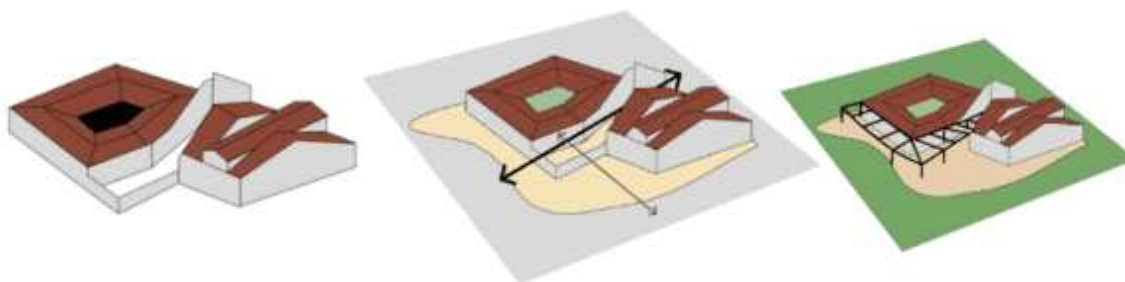
Dentre os três edifícios, a edificação número 3 abrangeu o programa de necessidades mais extenso, com os seguintes ambientes: (a) Ateliê com corte a laser; (b) Ateliê de marcenaria; (c) Ateliê com fresadora; (d) Acervo bibliográfico; (e) Administrativo; (f) Exposição de obras com madeira; (g) Área de descanso; (h) Dois lavabos PcD; (i) Café com venda de artesanato.

Além de trazer espaços para diferentes modalidades de trabalho com madeira, o programa de necessidades buscou englobar o ciclo de aprendizado, produção e exibição/venda: aprendizado teórico no coworking com acervo bibliográfico; aprendizado prático e produção nos ateliês de artesanato, marcenaria, com fresa ou com máquina de corte a laser; venda dos objetos produzidos no café com artesanato; exibição dos objetos produzidos nas salas de exposição.

Definição do partido arquitetônico

O partido arquitetônico surge a partir da conexão de três edifícios por meio do edifício central, que recebe uma grande cobertura em madeira. No centro do conjunto, com uma única fachada histórica ainda erguida, está o edifício nomeado pela equipe como Pátio EntreNós, edificação n.º 2. Essa edificação recebeu uma grande cobertura com pilares em madeira e fechamento horizontal com ripas em madeira, tendo a sua estrutura estendida até a fachada leste do Mercado Cultural EntreNós, atendendo a área de mesas do café e do bar. Junto às laterais dessa edificação central, estão posicionadas as outras duas edificações preexistentes, como visto na figura 12, abaixo, que receberam os programas do Mercado Cultural EntreNós e da Escola da Madeira EntreNós.

Figura 12: Definição do partido.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O Mercado Cultural, edificação n.º 1, abriga estandes de venda para economia criativa e um bar conectado à Praça Napoleão Laureano, promovendo a vitalidade urbana na área. A Escola da Madeira, edificação n.º 3, com valor histórico, é um local de aprendizagem para trabalho com madeira, oferecendo desde cursos com técnicas artesanais e marcenaria tradicional, até o uso de máquinas de fresa e corte a laser.

A cobertura projetada em madeira cumpre a função de destaque visual do complexo, com a intenção de atrair transeuntes, turistas e usuários de transporte público que circulam pela região (Figura 13, a). Além disso, buscou-se com essa estrutura reforçar o caráter versátil do pátio como um local de passagem ou permanência, utilizando bancos, área de mesas, vegetação e portas com muxarabi (Figura 13, b).

Figura 13: a) Coberta em madeira. b) Interior do Pátio EntreNós.



Fonte: a - b) Elaborado pelos autores, 2023.

Tratamento de fachada

A Proposta de restauração e conservação do edifício histórico fundamentou-se na postura italiana crítica-conservativa e criativa, baseado nas teorias brandianas, corroboradas por Giovanni Carbonara (2006). Tal conduta respalda-se no reconhecimento da obra, para possibilitar atender às necessidades da atualidade e prevenir o congelamento histórico, ocasionado pela falta de destinação de um uso a edificação, que se torna subutilizada por parte da comunidade, passando a ser relegada ao ócio e a processos de degradação. Diante disso, o projeto é concebido como uma proposta para retirar as edificações do estado de arruinamento sem comprometer o seu valor histórico.

O restauro é considerado como intervenção sobre a matéria, mas também como salvaguarda das condições ambientais que assegurem a melhor apreciação do objeto e, quando necessário, como resolução da articulação do espaço físico, no qual tanto observador quanto a obra de arte se colocam, e a espacialidade própria da obra. (Carbonara, 2006).

A partir da visita ao local, das consultas realizadas na base de dados, nas imagens retiradas do Google Maps e do acesso à maquete digital disponibilizada pela organização do concurso, observou-se que as portas existentes na fachada oeste da edificação n.º 3 seguem o mesmo padrão, sendo idênticas entre si, identificou-se que as portas 4 e 9 portas estão sem ornamentação (Figura 14). Dessa forma, a intervenção na fachada teve o enfoque na padronização dos ornamentos e na restauração do reboco e pintura.

Figura 14: a) Situação encontrada na fachada oeste edificação n.º 3. b) Proposta de restauração para a fachada oeste edificação n.º 3, no projeto da Escola de Madeira EntreNós.



Fonte: a) Google Maps, 2023²; b) Elaborado pelos autores, 2023.

Já na fachada leste da mesma edificação, observou-se o fechamento ou substituição das esquadrias originais (Figura 15 (a)) visando ativar a permeabilidade visual e dinamizar os fluxos por essas fachadas, mas sem comprometer a distinguibilidade entre as esquadrias preexistentes e as esquadrias da intervenção. Foi previsto o uso de esquadrias em aço e vidro translúcido para replicar a geometria das aberturas preexistentes (Figura 15 (b)).

Figura 15: a) Situação encontrada na fachada leste edificação n.º 3. b) Proposta de restauração para a fachada leste edificação n.º 3, no projeto da Escola de Madeira EntreNós.



Fonte: a - b) Elaborado pelos autores, 2023.

A proposta para a fachada da edificação histórica n.º 2, que se encontrava em estado de arruamento avançado (Figura 16, a), foi elaborada seguindo os princípios de crítica conservativa e criativa já citados anteriormente. Foi proposta a restauração do reboco e das esquadrias de madeira encontradas, assim como a aplicação de pintura e uso de esquadrias de vidro distinguíveis da arquitetura preexistente (Figura 16, b).

Figura 16: a) Situação encontrada na fachada oeste edificação n.º 2. b) Proposta de restauração para a fachada oeste edificação n.º 2, no projeto do Pátio EntreNós.



Fonte: a) Google Maps, 2023³; b) Elaborado pelos autores, 2023.

3 CONCLUSÃO

O concurso no modelo de ateliê online trouxe aos estudantes o desafio de pensar intervenções na preexistência no Centro Histórico de João Pessoa, alinhadas com a concepção de espaços para a economia criativa. Foi possibilitada aos discentes de graduação em Arquitetura e Urbanismo uma experiência multidisciplinar, com novas perspectivas de experimentação no processo projetual em equipe. Nesse contexto, o projeto foi desenvolvido a partir de reflexões sobre critérios relevantes para o projeto de intervenção em patrimônio histórico e sua conexão direta com a preservação do patrimônio cultural. Partindo dessa premissa, o projeto buscou soluções que, tanto da perspectiva urbana quanto da perspectiva arquitetônica, promovessem a apropriação dos espaços públicos, a conservação dos edifícios históricos e a promoção da economia criativa.

Primeiramente, o presente artigo traz uma introdução, que discorre sobre o contexto do concurso de projetos IVADS, o centro histórico de João Pessoa e o conceito de EntreNós, utilizado no projeto.

Em segundo lugar, é apresentada a metodologia utilizada para diagnóstico do entorno, baseada na análise das potencialidades e limitações desde o ponto de vista de revisão bibliográfica, análise de mapas e desenvolvimento de croquis.

Em terceiro lugar, são apresentados os resultados do desenvolvimento da concepção formal das propostas para os espaços edificado e urbano, fundamentados na valorização da riqueza em patrimônio arquitetônico e cultural da área, o que resultou na reutilização das edificações históricas e das áreas do entorno, com a intenção de promover a vitalidade urbana e a valorização do patrimônio local.

A metodologia consiste em três partes: 1. A pesquisa documental e a análise dos dados pertinentes a área, principalmente na macroescala, levando em consideração as potencialidades da área; 2. A elaboração dos programas de necessidades e do conceito, levando em consideração as características marcantes da área e a ideia de criar um pátio com coberta que conectaria todo o conjunto; 3. O projeto correlato que contribuiu para a concepção formal do Pátio EntreNós.

Foi observado que a apropriação do patrimônio pode trazer vitalidade ao Centro Histórico de João Pessoa, a partir de uma proposta de intervenção que considera a macroescala para a criação de um traçado urbano com espaços de lazer e caminhos que aproximam as edificações históricas de um público em potencial, como moradores do entorno, turistas e usuários de transporte público. Nesse sentido, essa apropriação do patrimônio é ainda mais segura quando, na microescala, são propostos usos que satisfazem as principais demandas da região: (a) a satisfação de necessidades básicas no período noturno e nos finais de semana, com o funcionamento de mercado, bar/restaurante e cafeteria; (b) escolas de ofícios relevantes em João Pessoa, como o trabalho em madeira com maquinário robusto, técnicas de marcenaria ou produção de arte em madeira.

Assim, para futuras análises, cabem reflexões a respeito do tratamento dos sítios históricos, sob a ótica de desatualização das edificações históricas em atender demandas atuais, o que pode torná-las obsoletas. Em específico, é pertinente analisar a capacidade de os órgãos de preservação como IPHAN e IPHAEP em disponibilizar investimentos destinados a projetos de intervenção, assim como a necessidade de atualização da legislação de proteção do patrimônio. Por fim, também são importantes pesquisas com metodologia de aplicação de questionários com moradores do Centro Histórico, com o intuito de levantar quais são as principais demandas e problemas enfrentados em relação ao espaço construído dessa região, e com reflexões sobre como criar conexões entre a preexistência e as intervenções, contribuindo para que seja reforçado o sentimento de pertencimento dos habitantes em relação ao patrimônio histórico construído.

4 REFERÊNCIAS

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Ateliê editorial, 2004.

GONZAGA, Armando Luiz. Madeira: Uso e Conservação [Cadernos Técnicos 6]. **Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta**, 2006.

CARBONARA, Giovanni. **Brandi e a restauração arquitetônica hoje**. *Desígnio*, 2006, n. 6, p. 35-47.

CUNHA, VIVIANE. **Madeira e sustentabilidade, como vai esta relação?** *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 129.05, Vitruvius, fev. 2011. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3750>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

"Valladolid Space Agora / Pablo Moreno Mansilla + Julián Zapata Jiménez" [Espacio Agora Valladolid / Pablo Moreno Mansilla + Julián Zapata Jiménez] 17 Abr 2021. ArchDaily. Acesso em 8 nov 2023. <<https://www.archdaily.com/959233/valladolid-space-agora-pablo-moreno-mansilla-plus-julian-zapata-jimenez>> versão impressa ISSN 0719-8884

NOTAS

¹ Disponível em <https://www.archdaily.com/959233/valladolid-space-agora-pablo-moreno-mansilla-plus-julian-zapata-jimenez>, acesso em 31 de outubro de 2023.

² Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-7.1147741,-34.8895346,3a,75y,221.26h,103.57t/data=!3m6!1e1!3m4!1s49NmzRxCElaoH9GGzipfGw!2e0!7i13312!8i6656?entry=ttu>, acesso em 31 de outubro de 2023.

³ Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-7.1146917,-34.889562,3a,75y,249.26h,97.71t/data=!3m6!1e1!3m4!1sMV5nkYnMVa-LUPwLhM7a2A!2e0!7i13312!8i6656?entry=ttu>, acesso em 31 de outubro de 2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

EQUIPE CARDUME: A EXPERIÊNCIA COM UM ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO E OS CAMINHOS PARA CHEGAR À PROPOSTA APRESENTADA

EQUIPO CARDUME: LA EXPERIENCIA CON UN TALLER VIRTUAL DE PROYECTO Y LOS CAMINOS HACIA LA PROPUESTA PRESENTADA

TEAM CARDUME: THE EXPERIENCE WITH A VIRTUAL DESIGN STUDIO AND THE PATHS TO THE PROPOSAL PRESENTED

SILVA, VICTOR GABRIEL MILITÃO DA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: victor.militao.706@ufrn.edu.br

LEITE, NÍVEA MARIA QUEIROZ

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, E-mail: nivea.leite@academico.ufpb.br

MOTA, MARCOS ANTÔNIO FURTADO

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, E-mail: marcos.furtado@academico.ufpb.br

SOUTO MAIOR, GABRIELA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, E-mail: gabrielasoutom@gmail.com

RESUMO

Esse artigo relata a participação da equipe intitulada Cardume, composta pelos autores supracitados, no Atelier Internacional Virtual de Projeto de Arquitetura 2023 (IVADS), promovido pelo grupo Projetar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em colaboração com a Universidade Federal da Paraíba. A proposta recebeu menção honrosa após dez dias de atividades, sendo nove de forma remota e uma presencial, divididos em aulas virtuais até a apresentação final. O tema abordou intervenções arquitetônicas em edificações de valor patrimonial do bairro de Varadouro, João Pessoa/Paraíba, com ênfase em "Economia Criativa". O contexto socioespacial dessa área foi analisado, destacando desafios como a falta de uso misto e interação com outras regiões do entorno. A ideia final da equipe incluiu a criação de um centro comunitário com enfoque em moda, restauração e acolhimento infantil, visando inclusão social e sustentabilidade ambiental. O processo projetual ocorreu de forma colaborativa a distância, utilizando ferramentas online como Google Meet, Miro e Figma. Por fim, o trabalho final apresentado resultou em propostas para cinco edificações existentes na Praça Napoleão Laureano, refletindo uma abordagem coletiva ao desafio proposto pelo IVADS 2023 que buscou evidenciar a adaptabilidade à dinâmica pós-pandêmica e a busca por soluções inovadoras no ensino-aprendizagem da arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: atelier virtual; intervenção patrimonial; processo projetual; abordagem colaborativa.

RESUMEN

Este artículo relata la participación del equipo Cardume, formado por los autores mencionados, en el Workshop Internacional de Diseño Virtual de Arquitectura 2023 (IVADS), organizado por el grupo Projetar de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte en colaboración con la Universidad Federal de Paraíba. La propuesta recibió una mención de honor tras diez días de actividades, nueve de ellas a distancia y una presencial, divididas en clases virtuales hasta la presentación final. El tema abordaba intervenciones arquitectónicas en edificios de valor patrimonial en el barrio de Varadouro, João Pessoa/Paraíba, con énfasis en la "Economía Creativa". Se analizó el contexto socioespacial de esta zona, destacando retos como la falta de uso mixto y de interacción con otras zonas circundantes. La idea final del equipo incluía la creación de un centro comunitario centrado en la moda, la restauración y el cuidado de niños, orientado a la inclusión social y la sostenibilidad medioambiental. El proceso de diseño se llevó a cabo en colaboración a distancia, utilizando herramientas en línea como Google Meet, Miro y Figma. Por último, el trabajo final presentado dio lugar a propuestas para cinco edificios existentes en la Praça Napoleão Laureano, reflejando un enfoque colectivo del reto propuesto por IVADS 2023 que pretendía destacar la adaptabilidad a las dinámicas post-pandémicas y la búsqueda de soluciones innovadoras en la enseñanza y el aprendizaje de la arquitectura.

PALABRAS CLAVES: estudio virtual; intervención en el patrimonio; proceso de diseño; enfoque colaborativo.

ABSTRACT



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.9, n.1, janeiro de 2024

This article reports on the participation of the team entitled Cardume, made up of the aforementioned authors, in the International Virtual Architecture Design Studio 2023 (IVADS), promoted by the Projotar group at the Federal University of Rio Grande do Norte in collaboration with the Federal University of Paraíba. The proposal received an honorable mention after ten days of activities, nine of which were remote and one in person, divided into virtual classes until the final presentation. The theme dealt with architectural interventions in buildings of heritage value in the Varadouro neighborhood, João Pessoa/Paraíba, with an emphasis on "Creative Economy". The socio-spatial context of this area was analyzed, highlighting challenges such as the lack of mixed use and interaction with other surrounding regions. The team's final idea included the creation of a community center with a focus on fashion, catering and childcare, aiming for social inclusion and environmental sustainability. The design process took place collaboratively at a distance, using online tools such as Google Meet, Miro and Figma. Finally, the final work presented resulted in proposals for five existing buildings in Praça Napoleão Laureano, reflecting a collective approach to the challenge proposed by IVADS 2023 that sought to highlight adaptability to post-pandemic dynamics and the search for innovative solutions in the teaching and learning of architecture.

KEYWORDS: virtual studio; heritage intervention; design process; collaborative approach.

Recebido em: 24/11/2023

Aceito em: 02/12/2023

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca compartilhar a experiência e o processo de criação projetual dos integrantes da equipe Cardume, que obteve menção honrosa no Atelier Internacional Virtual de Projeto de Arquitetura (IVADS). Organizado pelo Grupo Projotar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Atelier teve duração de dez dias úteis a partir de 26 de setembro, culminando no encerramento durante a 11ª edição do Seminário Internacional Projotar, no dia 09 de outubro de 2023. Para tal, ao longo dos nove primeiros dias, os encontros, gerais e das 6 equipes participantes, ocorreram de forma remota precedendo o evento, seguidos por um dia presencial que incluiu uma oficina final de desenvolvimento durante a manhã e a apresentação das propostas finais pela tarde.

A experiência abordou a temática "Intervenções na Preexistência: Concepção de Espaços para Economia Criativa" utilizando, como área de intervenção, edificações de valor patrimonial do bairro de Varadouro, localizado no centro histórico da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Além das universidades organizadoras, também houve a participação, na composição das equipes, de estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Faculdade de Arquitetura de Lisboa (FAULisboa). A equipe Cardume foi composta por discentes da graduação e pós-graduação, autores deste artigo, sob a **orientação dos professores Heitor Andrade (UFRN) e Pascal Machado (UFPE)**. Dessa maneira, para que fosse possível a comunicação à distância, foram utilizadas plataformas *on-line* que permitiram o desenvolvimento do trabalho.

O IVADS 2023 teve como objetivos a interação colaborativa entre os professores e alunos das escolas de arquitetura e urbanismo que participaram, na projeção com foco específico em "economias criativas" na área de intervenção supracitada. O tema "projetar virtualmente na preexistência" estava alicerçado nos debates propostos pelo Seminário Projotar, o qual apresentava os eixos de discussões: "Para quem, para quê e como?".

O atelier buscou experimentar novas maneiras e ferramentas de ensino-aprendizagem de projeto de arquitetura, e em sintonia com o Seminário, em cenários pós-pandemia, como o que foi vivido recentemente em decorrência do COVID-19, analisando e buscando entender suas vantagens e desafios como um complemento ao ensino tradicional ao ateliê em sala de aula. Contudo, cabe destacar que não é prudente confundir o VDS com o ensino presencial de projeto que foi forçado a ser remoto por conta da pandemia, nem tampouco com o chamado EaD (Ensino à Distância), concebido para funcionar predominantemente nesse modo, muito antes e independentemente de situações de riscos sanitários (VELOSO, 2022).

2 ETAPAS DO TRABALHO

A princípio, de forma a estimular a multiculturalidade e a criatividade das produções, foram realizadas, no início da experiência, algumas aulas/oficinas formativas, no formato virtual, para a introdução das equipes participantes ao tema e área de trabalho. Foram estas:

- **EXPLANAÇÃO:** O que é um Atelier Virtual de Projeto, tema do IVADS 2023, programação, objetivos e exibição de imagens da área de intervenção. Professora Maysa Veloso (UFRN);
- **AULA:** Economia e ambiência criativa. Professora Gleice Elali (UFRN);
- **PALESTRA:** Projotar para o patrimônio construído. Professores José Aguiar e Jorge Cruz Pinto (FAULisboa);
- **AULA:** Estratégias projetuais para intervenções no patrimônio edificado – exemplos de projetos. Professora Maysa Veloso (UFRN);
- **PALESTRA:** Abandono e subutilização em centros históricos: da leitura da cidade às intervenções em microescala. Professora Ana Clara Giannecchini (UnB);

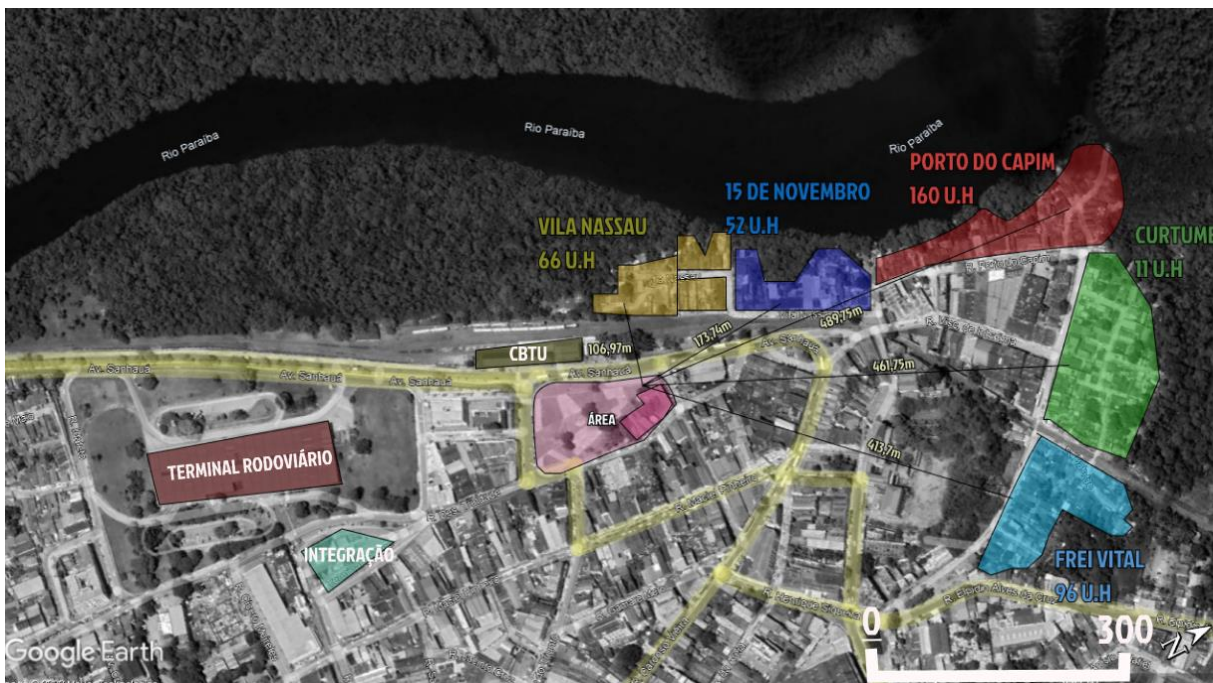
- **AULA:** O Patrimônio de João Pessoa e o centro histórico. Professor Ivan Cavalcanti (UFPB);
- **APRESENTAÇÃO:** Projeto Villa Sanhauá. Professor Pascal Machado (UFPE);

Após participar das atividades acima, a equipe embarcou no processo de desenvolvimento da proposta. Mesmo com os prévios momentos de explanação sobre o centro histórico de João Pessoa, essa etapa demandou um maior aprofundamento sobre a área de intervenção e o contexto em que está inserida. A busca de mais informações foi essencial para consolidar uma proposta alinhada com a proposta do IVADS e as demandas da área, proporcionando uma perspectiva coerente ao projeto proposto no fim.

Aproximação ao contexto socioespacial do Varadouro

A priori, é importante situar o Centro Histórico na atual conjuntura social da cidade de João Pessoa, Paraíba, sendo este marcado por sucessivas dinâmicas que contribuem para a invisibilidade da área. Situada no bairro do varadouro, zona norte de João Pessoa-PB, a área de intervenção (esquemática na Figura 01), deste projeto conta com um intenso fluxo de pessoas que permeiam o seu entorno para acessar outros espaços, a destacar o fluxo de usuários do transporte ferroviário da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos), no norte; do terminal rodoviário, a oeste; da Rua da Areia, ao sul; e as ocupações ao longo do Rio Paraíba.

Figura 01: Mapa da área de intervenção e do seu entorno com destaque para as comunidades.



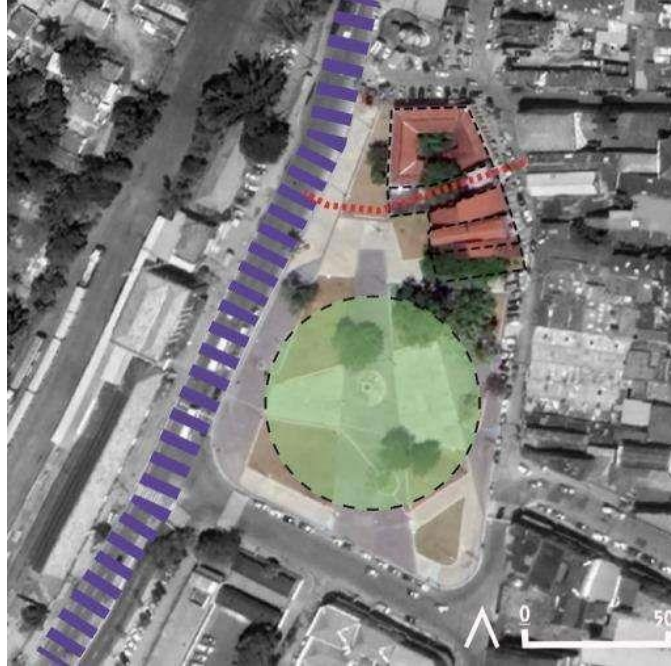
Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth, 2023.

A quadra de intervenção é composta por uma grande área livre, nomeada de Praça Napoleão Laureano (Figura 02, em verde), requalificada em 2020 pela Prefeitura Municipal e que assume uma função preponderante na estruturação da integração urbana com a proposta lançada, à partir de fatores de inclusão e integralização com o ambiente praticado, servindo para a livre prática comercial e o exercício de atividades coletivas. Ademais, destaca-se o conjunto edificado das quadras adjacentes, ocupado, em grande parte, por estabelecimentos como borracharias e oficinas mecânicas. De funcionalidade matutina e vespertina, e com a baixa ocupação habitacional atual, o padrão de ocupação da área faz coro ao questionamento de “como fica o Centro Histórico após o horário comercial?” que ressoa sobre o centro de diversas capitais, e impulsiona a busca de usos que possibilitem uma frequência contínua e diversificada do espaço.

Pontua-se que esta zona de intervenção possui um grande potencial sociocultural, incentivado por atividades culturais nas proximidades, a exemplo do Sabadinho Bom, montado na Praça Rio Branco, que fica a cerca de 1km do local de intervenção e realizado aos sábados, o que indica a adesão do público

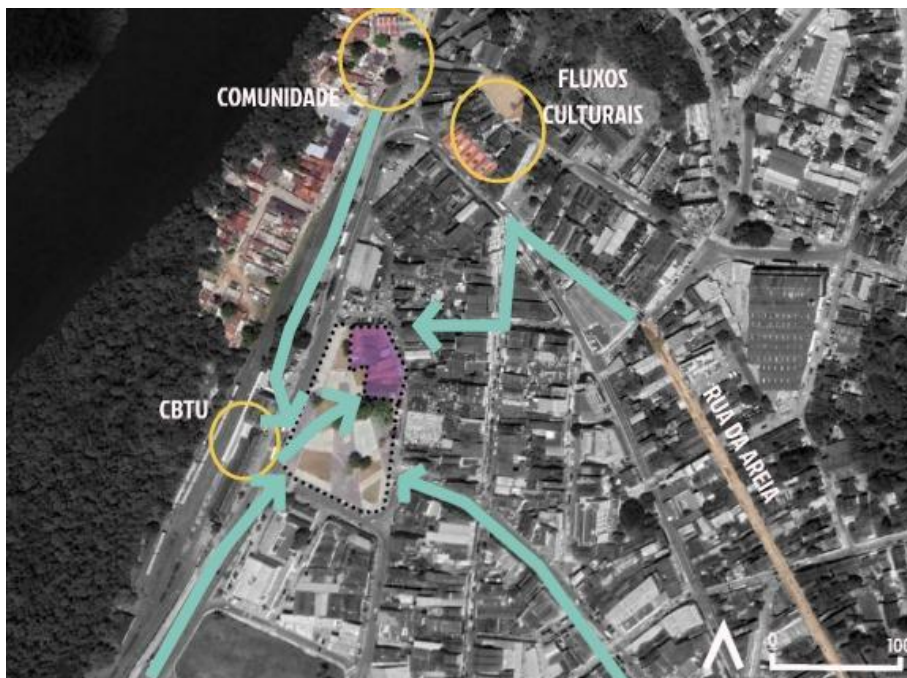
peçoense e uma confluência de outros bairros para o Centro. No entanto, este espaço de intervenção ainda é carente de medidas que o torne um anteparo inclusivo das comunidades em situação de vulnerabilidade social ali presentes, a destacar a comunidade do Porto do Capim, formada por um antigo porto nas margens do Rio Paraíba e que foi perdendo a sua funcionalidade após o seu deslocamento para o porto de Cabedelo. Além disso, os usuários do transporte ferroviário (construído em meados do século XIX) da CBTU também representam um público alvo de influência nesta região, através da sua locomoção de entrada e saída do embarque deste meio de transporte. Assim, essa confluência forma uma rede de fluxos e percursos a serem levados em conta nesta zona interventiva. (Figura 03).

Figura 02: Mapa da área de intervenção e do seu entorno.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth, 2023.

Figura 03: Mapa com destaque dos principais fluxos e percursos existentes.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth, 2023.

Intitulada de “Cardume”, a equipe optou por sintetizar a leitura da problemática do lugar da intervenção projetual, bem como orienta os princípios norteadores da proposta, considerando a proximidade com o rio e a atividade da pesca para sustento das famílias da comunidade do Porto do Capim (Figura 04). Assim, determinou-se a criação de uma dinâmica de usos integrados, favorecendo a inclusão social, a sustentabilidade ambiental e o acolhimento de práticas coletivas. É proposta a criação de um centro comunitário contemplando espaços de formação, produção e serviços para o acolhimento infantil, a moda e a gastronomia. Tudo articulado com o viés cultural.

Figura 04: Sintetização da leitura da área de intervenção.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Economia criativa e especificidades locais

Conforme proposto, o tema central de desenvolvimento do projeto pautou-se na chamada “Economia Criativa” que em contraste a economia tradicional, se alicerça no potencial coletivo e/ou individual no desenvolvimento de bens e serviços da indústria criativa, que se encontra na intersecção entre os setores artísticos, de serviços e industriais.

A definição do termo ainda gera debates, no entanto a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento estabelece que a “economia criativa” é um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico (2010), abraçando também aspectos culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo, podendo estimular a geração de renda, criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano.

Com isso em mente a equipe buscou elencar as carências e as potencialidades da região do centro histórico e das comunidades ribeirinhas que ali habitam, de forma a poder traçar objetivos que conduzissem

a intervenção. Com as pesquisas e discussões criadas, foram identificados três questões cruciais: a baixa presença do uso habitacional - a ocupação de uso majoritariamente comercial a restringir o centro a um espaço de passagem -, limitada interação com outras regiões da cidade – ausência de fator atrativo de público-, e as denúncias/reivindicações da população local quanto a necessidade de serviços básicos que atendam a comunidade, como saneamento básico, posto de saúde e uma creche (Figura 05). Também tomou-se a decisão de valer-se das matérias primas de produção local para inspirar os usos propostos no programa.

Figura 05: Algumas das reivindicações da população do Porto do Capim.



Fonte: Reprodução a partir do site do G1 / PB (domínio público)

Desenhamos então três pólos: Moda, Restauração e Acolhimento Infantil, adotando público alvo geral, que gira em torno dos eixos formação e produção, voltados às comunidades, e serviços. Em resumo:

- O polo de moda nasce com o intuito de incorporar o algodão colorido¹ – patrimônio imaterial da Paraíba - como recurso para promover a formação profissional de artesãos em cada um dos processo que levam da concepção à execução, a ideia é abranger tanto ateliês teóricos quanto de produção de peças a serem comercializadas ali mesmo.
- A restauração engloba, além de outras iniciativas, um restaurante-escola com foco na produção pesqueira da região, este além da educação profissionalizante também pretende acrescentar no uso misto daquela região ao possibilitar a permanência e a convivência de diferentes grupos em espaços e horários anteriormente inocupados.
- O acolhimento infantil por sua vez tem um objetivo principalmente social, de apoio a população ribeirinha privada de acesso a uma instituição que apoie as famílias nesse sentido. Amparando não somente crianças em idade pré-escolar, mas também promovendo atividades e aulas voltadas para artes, cultura e reforço em turmas multi etárias.

O processo projetual

Para a realização da proposta de intervenção arquitetônica, urbanística e paisagística nas cinco edificações existentes na quadra da praça Napoleão Laureano (Figuras 06 e 07), de forma coletiva e à distância, seguindo a proposta do IVADS, um dos primeiros passos feitos durante as reuniões por videoconferência, utilizando a plataforma Google Meet, foi a sugestão de ferramentas de colaboração *online* que permitissem a visualização de ideias para troca de referências, desenhos, e elaboração conjunta de sínteses gráficas. De início foram sugeridas duas plataformas: Miro e Figma. A equipe iniciou o desenvolvimento do trabalho no Miro, posteriormente migrando para o Figma para a elaboração das pranchas, e assim os integrantes tiveram oportunidade de se familiarizar com as duas plataformas, pois nem todos tinham experiência prévia com estas.

Figuras 06 e 07: Edificações da área de intervenção.



Fonte: Carolino, 2022.

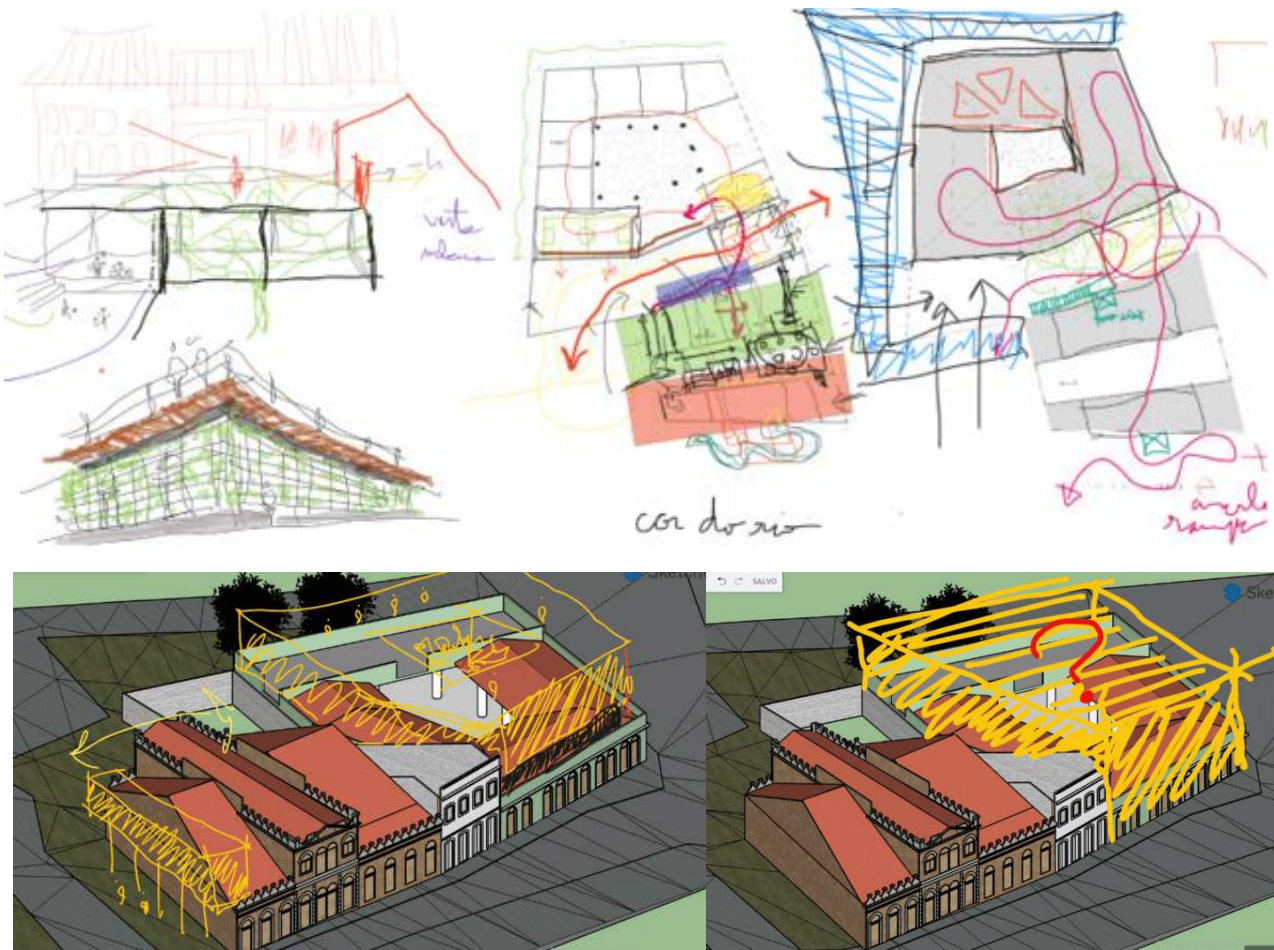
As reuniões acabavam centrando-se no “quadro” das plataformas citadas acima, com as discussões se dando com o compartilhamento da tela ou com todos utilizando simultaneamente o programa utilizado para visualizar o que estava sendo dito e apresentado, sugerido ou modificado, quase como um grupo reunido sobre uma mesa de ateliê.

O processo projetual não aconteceu inteiramente de forma linear, se dando por vezes paralelamente às pesquisas e compartilhamento de informações sobre o contexto socioespacial do local, consultas ao Google Maps para visualização do entorno, sugestões para o programa e necessidades da área e sua distribuição espacial, juntamente com discussões quanto à pertinência de usos. As reuniões eram quase diárias, marcadas principalmente por um dos professores que orientaram a equipe, mas o fato de nem todos poderem estar presente em todas também causava alguns ruídos de comunicação que precisavam ser rediscutidos posteriormente, pelo grupo no WhatsApp ou em uma próxima reunião, e assim se ia construindo mais clareza sobre o processo.

A ideia inicial para chegar ao produto era a distribuição de tarefas entre os integrantes, mas como sempre requeria-se a consulta aos outros membros para afinar a proposta, pode-se dizer que grande parte das “conclusões” foram atingidas apenas nos últimos dias. Devido ao curto período de tempo da experiência, e por ser um concurso de ideias, a equipe optou por um nível de representação não tão detalhado do produto final, e utilizou nas pranchas os croquis gerados durante as discussões, expondo assim os caminhos do processo criativo. Da mesma forma optou-se pelo croqui na representação final da proposta. Foi destacada

sua importância no momento inicial de projeção a nível de primeiras ideias (Figura 08), sendo os croquis também fundamentais para o estudo e análise de fluxos, dinâmicas e intenções.

Figura 08: Croquis desenvolvidos pela equipe durante o processo projetual.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

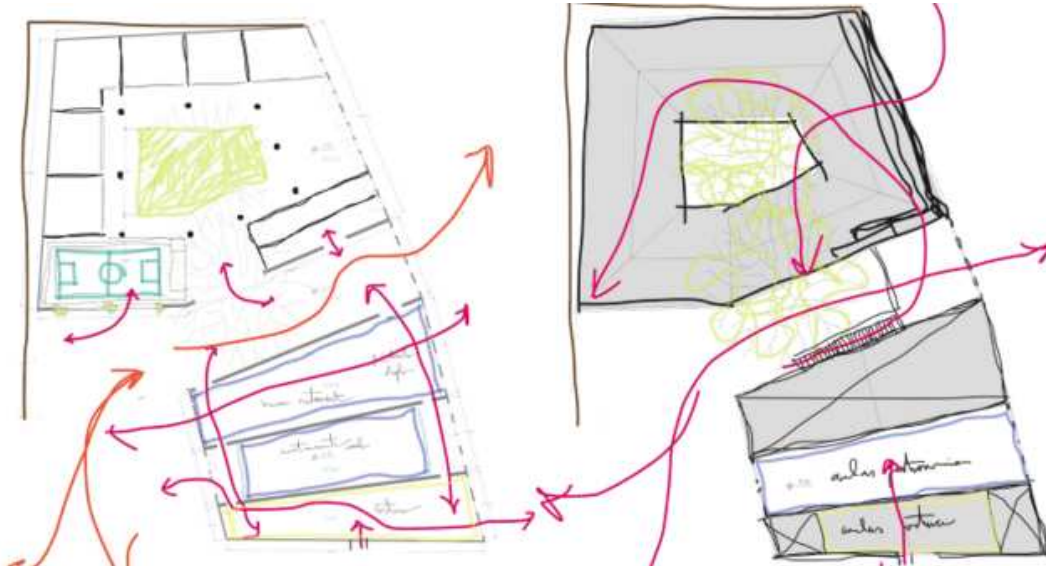
Fez parte também do processo a discussão sobre o tipo de postura a ser adotada em relação à preexistência. Dada a limitação de tempo e recursos para uma pesquisa aprofundada sobre a história das edificações, que é o procedimento adequado nesse tipo de intervenção, e considerando o nível de representação da proposta, que também não requeria tanto detalhamento, foi suficiente saber que o edifício-pátio era um falso-histórico - pelo ritmo de suas aberturas, formato de arcos e comentários do Professor Ivan Cavalcanti (UFPB) na aula sobre o patrimônio de João Pessoa e o centro histórico -, e que os casarões e a ruína tinham valor histórico, adotando-se assim a postura de preservar a espacialidade desses últimos, explorando seus pés-direitos altos para a inserção de mezaninos e aumento de área para os ateliês de costura, bem como a “reconstituição de nível” parcial da espacialidade da edificação cuja remanescência é uma fachada em ruína, com a inserção do mezanino na altura de onde seria seu piso anteriormente, mas com materiais contemporâneos, mantendo-a descoberta, ao mesmo tempo que possibilitando a ocupação e circulação nesse espaço, agora com o objetivo de apreciação de visadas possíveis através de suas janelas. O mirante sobre a cobertura do edifício pátio, integrado a esse acesso pela ruína, permitiria a contemplação do entorno do varadouro, valorizando seu aspecto construído e uma apropriação sensível da particularidade de sua ambiência.

Após essas reflexões em equipe e o estudo compartilhado da área, as estratégias projetuais voltadas para a proposta consistiram em:

- Integrar trabalhadores, passageiros, viajantes, ribeirinhos e passantes no mesmo quarteirão;

- Promover a permeabilidade do conjunto edilício, através de um percurso central pela fachada da ruína (entre o grupo de três edifícios ecléticos e o edifício-pátio), sendo esse um eixo de distribuição e área de convívio (Figura 09);
- Criar um espaço de acolhimento infantil, atendendo a uma carência de creches da área, e viabilizando a inclusão de adultos nas atividades de formação, produção e serviço do Centro;
- Adotar uma postura de intervenção que visa preservar a morfologia do conjunto (com mínimas adições) e o contraste no tratamento das superfícies do edifício-pátio, com a criação de uma pele de trama de bambu, após o reconhecimento deste como um falso-histórico;

Figura 09: Croquis de estudos de fluxos desenvolvidos pela equipe durante o processo projetual.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

As decisões de projeto buscaram manter a morfologia existente da massa construída alvo de intervenção, preservando a espacialidade e fachadas dos edifícios que guardam características históricas e arquitetônicas significativas, com inserção de um mezanino-mirante na ruína (Figura 10), e um mezanino para o ateliê de costura. Envolveu-se o edifício-pátio (reconhecido como um falso histórico), com uma linguagem contemporânea nas fachadas norte e oeste e criou-se uma área de contemplação do entorno em sua coberta (Figura 11 e 12).

Figura 10: Portão de acesso à miniquadra do centro de acolhimento infantil (à esquerda) e mezanino-mirante na ruína (à direita).



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 11: Croqui da volumetria geral com criação de novo acesso principal pela praça, guiado pela fachada-pele. Notar o mezanino-mirante e o acesso do restaurante-escola, no fundo dos sobrados.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Figura 12: Croqui de um corte do mirante que se estenderia da fachada da ruína até a cobertura do edifício-pátio.



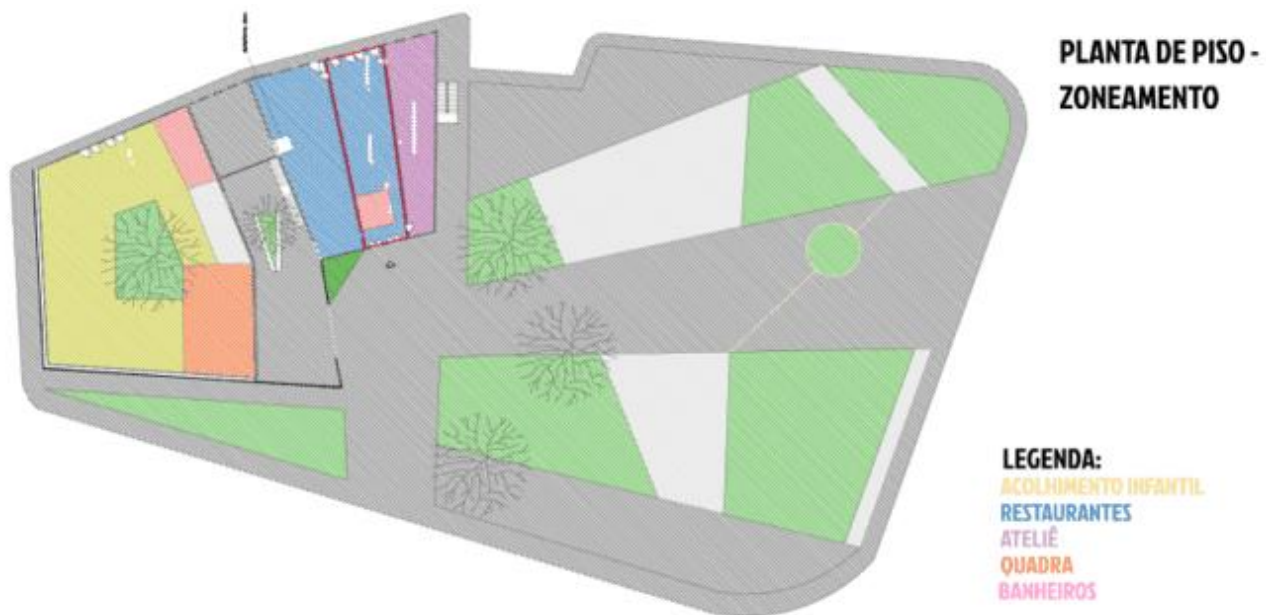
Fonte: Elaboração própria, 2023.

Em suma, a equipe Cardume decidiu utilizar uma abordagem arquitetônica e programática centrada na coletividade de usos, escolhendo a reutilização adaptativa dos edifícios para criação do Centro Comunitário. Este abrigaria serviços profissionalizantes e de atendimento ao público, além de contar com área para o acolhimento infantil, e atividades de produção têxtil e gastronômica, visando impulsionar a economia

criativa, colaboração entre artesãos/artesãs e profissionais e conectar aspectos do passado, presente e possível futuro da área.

Além disso, estudou-se a integração das edificações à praça Napoleão Laureano - aproveitando o desenho de piso atualmente existente na praça após a requalificação promovida pelo poder municipal, traçou-se continuidades desse percurso que dialogam com o acesso proposto ao complexo, criando um eixo principal e facilmente identificável para os edifícios a serem reabilitados. Dessa forma, o desenho de piso dialoga com o fluxo esperado e mantém uma relação entre espaço construído e espaço livre a ser apropriado, seja no próprio território da praça, seja no pátio descoberto que fica interno ao complexo e configura a chegada e distribuição aos espaços cobertos (Figura 13).

Figura 13: Planta de piso e zoneamento.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

3 CONCLUSÃO

A economia criativa é um movimento multidimensional com potencial de contribuir em diversas esferas ao extrapolar a econômica e participar das dinâmicas sociais e culturais em que se encontra. Em relação ao Varadouro a economia criativa se insere num contexto de revitalização, ao transformar a realidade de isolamento e invisibilidade do bairro possibilitando a inserção das comunidades locais numa dinâmica de formação e desenvolvimento sustentável, promovendo a autonomia, ao mesmo tempo em que gera novo fluxo de públicos por alterar a dinâmica de ocupação e usos daquele espaço.

Do mesmo modo, o tema da intervenção na preexistência é uma provocação interessante aos estudantes de arquitetura e urbanismo, considerando o imenso estoque construído atualmente obsoleto nas cidades brasileiras e a importância da formação de arquitetas e arquitetos aptos a intervir nessas edificações de forma crítica, respeitando suas características próprias e a responsabilidade de garantir a continuidade da transmissão da história que elas carregam, sem incorrer em perdas, e sem incorrer igualmente em imprecisões históricas e estéticas quanto ao período da intervenção e ao que existia ainda antes da intervenção.

O projeto para um Centro Comunitário foi concebido como uma ocupação desse estoque edilício que respeitasse sua estrutura e que a adaptasse para uma convivência comunitária integrada, sendo este um facilitador da interação entre diferentes grupos e entre passado e futuro. Assim, preservando a estrutura material remanescente da história do local e abrindo caminho para a diversidade de usos, profissionalização e vivência de um espaço atualmente subutilizado.

Pôde-se observar o amadurecimento gradativo da proposta e da relação do grupo, e o ganho de autonomia dos participantes para propor, questionar e redesenhar o que se apresentava. A concepção do projeto foi fundamentada nas discussões e pesquisas desenvolvidas ao longo de toda a experiência do ateliê virtual

internacional, e as trocas e conhecimento adquirido através das palestras e aulas foram extremamente enriquecedoras para nós como participantes e indispensáveis para o aperfeiçoamento de ideais como equipe ao nos educar e aproximar do contexto histórico-social da área do Varadouro de João Pessoa, de forma a gerar um olhar mais sensível sobre o processo projetual e as maneiras de pensar e intervir na arquitetura preexistente.

4 REFERÊNCIAS

Algodão colorido. Programa do Artesanato Paraibano. João Pessoa (Pb). 2020. Disponível em: <https://pap.pb.gov.br/artesaoparaibanos/algodao-colorido>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

Algodão colorido se torna patrimônio cultural imaterial da Paraíba. G1 Globo. João Pessoa (Pb). 2022.. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/06/02/algodao-colorido-se-torna-patrimonio-cultural-imaterial-da-paraiba.ghtml>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

CARNEIRO, Krystine. **Região onde João Pessoa nasceu enfrenta dificuldades após 430 anos.** G1 Globo. João Pessoa (Pb). 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/08/regiao-onde-joao-pessoa-nasceu-enfrenta-dificuldades-apos-430-anos.html>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

Carolino de Luna, João Luiz. **Ensaio projetual sobre um centro comunitário de cultura contemporânea.** 2022. 133 p. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022. Disponível em: [Repositório Institucional da UFPB: Buscando no repositório](#). Acesso em 20 de novembro de 2023.

GONÇALVES, Regina Célia. **A comunidade do Porto do Capim e a sua luta: uma história de abandono e resistência no centro da capital paraibana.** Brasil de Fato: Uma visão popular do Brasil e do mundo. João Pessoa (Pb). 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/02/a-comunidade-do-porto-do-capim-e-a-sua-luta/>. Acesso em 24 de novembro de 2023.

Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (org.). **Relatório de Economia Criativa: economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável.** Brasília. Centro de Documentação e Referência Itaú Cultural Catalogação na Publicação (Cip), 2010. 392 p. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em 24 de novembro de 2023.

VELOSO, M. **ATELIER VIRTUAL INTERNACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA – IVADS 2021.** Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 134–137, 2022. DOI: 10.21680/2448-296X.2022v7n1ID27893. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/27893>. Acesso em 21 de novembro de 2023.

5 NOTAS

¹ O algodão colorido é uma variedade cultivada no estado brasileiro da Paraíba, conhecida por suas fibras naturalmente coloridas que variam do marrom claro ao verde e ao bege. Diferentemente do algodão branco convencional, esse tipo elimina a necessidade de tingimento químico, destacando-se por sua sustentabilidade e práticas agrícolas amigáveis ao meio ambiente. Além disso, contribui para a preservação das tradições locais e impulsiona a economia da região.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

COM CERTO AR – INTERVENÇÕES NA PREEXISTÊNCIA PROJETANDO ESPAÇOS PARA ECONOMIA CRIATIVA

COM CERTO AR – INTERVENCIONES EN LA PREEXISTENCIA – DISEÑANDO ESPACIOS PARA LA ECONOMÍA CREATIVA

COM CERTO AR – INTERVENTIONS IN PREEXISTENCE – DESIGNING SPACES FOR CREATIVE ECONOMY

VILLARIM, LIZIA

Doutoranda em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, ORCID: 0000-0001-8218-4963, email: liziaagra@gmail.com

GAGO, JOÃO

Doutorando em Tecnologia e Gestão da Construção, CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Portugal, ORCID: 0000-0003-1734-948X, email: joaogagodossantos@gmail.com

GUIMARÃES, PRYSCILA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB, email: pryscila.guimaraes@academico.ufpb.br

QUEIROZ, MARIÁ DE

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB, email: maria.queiroz@academico.ufpb.br

RESUMO

O projeto "Com Certo Ar" resulta da participação no concurso de reabilitação de edificações em João Pessoa, Paraíba, Brasil, promovido pelo IVADS 2023 em colaboração com instituições como UFRN, UFPE, UFPB e Universidade de Lisboa. O desafio lançado visava reabilitar edifícios atualmente abandonados em centros de atividades relacionadas com a economia criativa. Este projeto procurou criar um ambiente estimulante, promover a rotatividade de usuários e incluir a população local, evitando, desta forma, a gentrificação. O destaque da proposta relaciona-se com a integração da praça adjacente como elemento central, indo além do que era solicitado. Estabeleceram-se conexões entre as ruas, a praça e a estação de caminhos-de-ferro, inspirados na abordagem de Álvaro Siza para o Chiado, em Lisboa. Isso não só possibilitou a criação espaços para a economia criativa, como também poderia contribuir eficazmente para a promoção da segurança urbana através da ocupação efetiva do espaço público. Ao cumprir o programa exigido, a equipe foi galardoada com uma Menção Honrosa, o que permite verificar que o projeto proposto demonstrou uma resposta informada às necessidades, destacando-se pela sua multifuncionalidade e atraindo a comunidade para o centro histórico. Essa abordagem não apenas reabilita fisicamente os espaços edificados, mas também revitaliza o tecido social e econômico da área, contribuindo para um ambiente urbano mais dinâmico e seguro.

PALAVRAS-CHAVE: reabilitação urbana; centro histórico de João Pessoa; concurso de ideias;

RESUMEN

El proyecto "Com Certo Ar" surge de la participación en el concurso de rehabilitación de edificios en João Pessoa, Paraíba, Brasil, promovido por el IVADS 2023 en colaboración con instituciones como la UFRN, UFPE, UFPB y la Universidad de Lisboa. El desafío lanzado tenía como objetivo rehabilitar edificios actualmente abandonados para convertirlos en centros de actividades relacionadas con la economía creativa. Este proyecto buscó crear un ambiente estimulante, promover la rotación de usuarios e incluir a la población local, evitando así la gentrificación. Lo más destacado de la propuesta está relacionado con la integración de la plaza adyacente como elemento central, yendo más allá de lo solicitado. Se establecieron conexiones entre las calles, la plaza y la estación de tren, inspirándose en el acercamiento de Álvaro Siza al Chiado, en Lisboa. Esto no sólo permitió la creación de espacios para la economía creativa, sino que también podría contribuir eficazmente a la promoción de la seguridad urbana mediante la ocupación efectiva del espacio público. Al completar el programa requerido, el equipo obtuvo una Mención de Honor, lo que permite comprobar que el proyecto propuesto demostró una respuesta informada a las necesidades, destacándose por su multifuncionalidad y atrayendo a la comunidad al centro histórico. Este enfoque no sólo rehabilita físicamente los espacios construidos, sino que también revitaliza el tejido social y económico de la zona, contribuyendo a un entorno urbano más dinámico y seguro.

PALABRAS CLAVES: rehabilitación urbana; centro histórico de João Pessoa; concurso de ideas;

ABSTRACT

The "Com Certo Ar" project results from participation in the building rehabilitation competition in João Pessoa, Paraíba, Brazil, promoted by IVADS 2023, in collaboration with institutions such as UFRN, UFPE, UFPB, and the Universidade de Lisboa. The challenge launched aimed to rehabilitate currently abandoned buildings into centers of activities related to creative economy. This project sought to create a stimulating environment, promote user turnover and include the local population, thus avoiding gentrification.

The highlight of the proposal is related to the integration of the adjacent square as a central element, going beyond what was requested. Connections were established between the streets, the square and the railway station, inspired by Álvaro Siza's approach to Chiado, in Lisbon. This not only made it possible to create spaces for the creative economy, but may also effectively contribute to the promotion of urban security through the effective occupation of public space. Upon completing the required program, the team was awarded an Honorable Mention, which allows us to verify that the proposed project demonstrated an informed response to needs, standing out for its multifunctionality, and attracting the community to the historic center. This approach not only physically rehabilitates built spaces, but also revitalizes the social and economic fabric of the area, contributing to a more dynamic and safe urban environment.

KEYWORDS: urban rehabilitation; historic center of João Pessoa; ideas competition;

Recebido em: 24/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

O Projeto, que se apresenta como "Com Certo Ar", surge da participação no concurso de ideias para a reabilitação de um conjunto de edificações localizadas no centro histórico da cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, Brasil. Este concurso foi promovido pelo *International Virtual Architectural Design Studio* (IVADS) 2023 organizado pelo Grupo Projetar / UFRN (Natal, Brasil) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA/ULisboa), e enquadrado pelo 11º Seminário Projetar 2023, realizado em João Pessoa.

A proposta do concurso prendia-se com a necessidade de pensar na reabilitação da edificação histórica na perspectiva de ser possível a utilização do espaço arquitetônico ligado a atividades da economia criativa. Deste modo, o setor da economia criativa permitiu lançar a hipótese de projetar ambientes e atividades com a intenção de impactar a sociedade de maneira interdisciplinar e positiva. Com efeito, definiram-se as seguintes diretrizes projetuais: proporcionar um espaço estimulante; auxiliar a rotatividade de usuários da área; incluir a população local através do fomento a pequenas empresas; aumentar a janela temporal de uso da área; transformar a área em um ponto turístico; e coibir a gentrificação.

Uma vez que se tratou de um atelier virtual com participantes dos dois países, Brasil e Portugal, foram utilizadas tecnologias que permitiram a realização de reuniões e sessões de trabalho à distância. Destacam-se a plataforma de organização de ideias e mapas mentais, Miro, e a de reunião com os participantes, Google Meets.

O trabalho, realizado em parceria com diversas instituições, contou com a participação ativa de membros da Universidade Federal de Pernambuco - Lizia Agra Villarim; da Universidade Federal da Paraíba - Mariá de Queiroz e Priscila Guimarães; da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Rebeca Gameleira e Lorenzo Medeiros; e da Universidade de Lisboa - João Gago e Diogo Ramos da Ponte. Para além disto, o projeto foi orientado pela equipe composta pelos professores doutores Verner Monteiro (UFRN) e Pedro Januário (FA/ULisboa).

2 O PROJETO COM CERTO AR

O projeto desenvolvido coletivamente buscou, através de debates e conversas, equalizar as necessidades e potencialidades da área com decisões arquitetônicas e de desenho urbano. Para tanto, foi organizado um cronograma de tarefas que incluiu levantamentos de dados, consulta normativa, busca por referências projetuais e produção gráfica e textual da proposta. Assim, para melhor descrever o projeto e o processo criativo, organizamos a redação em tópicos que esclarecem sobre as decisões, os condicionantes e a ordem de produção projetual.

O processo de trabalho virtual

A primeira etapa projetual consistiu na participação dos integrantes nas palestras/aulas organizadas pela comissão do IVADS, que possibilitou um conhecimento sobre a área de estudo - suas relações urbanas e sociais -, intervenções em áreas urbanas consolidadas e a indústria criativa. Essa etapa serviu como suporte para fundamentar a postura de atuação do projeto, que foi definida após a construção do partido arquitetônico, conforme abordaremos a seguir.

Na sequência, o grupo se reuniu para definir o uso do equipamento, que foi de *coworking* e área de expressão cultural, sendo espaços como ateliês com infraestrutura física e equipamentos que pudessem sediar atividades de pequenas empresas, empresários locais e de outras áreas da cidade, além de artistas de distintas áreas. Além dessas funções, foram pensados um bar, uma área de exposições e um espaço para realização de feiras e eventos. A opção de dotar o local com tais equipamentos teve como objetivo atender a um público em início de atuação, assim como aqueles com poucos recursos. Isto porque foi considerado o contexto sociocultural e econômico da população do entorno, assim como a adoção de medidas que pudessem coibir a gentrificação com a instalação do distrito criativo - projeto do qual emergiu a opção da oficina em trabalhar com usos associados à indústria criativa. Nesse sentido, foi intuitivo que a praça Napoleão Laureano também faria parte da proposta, recebendo modificações para que as atividades previstas pudessem se expandir ao ar livre e para aumentar o número de transeuntes da área.

Nesse momento também foi definido o nome da equipe, conforme solicitação da equipe organizadora, que foi denominada como Com Certo Ar. A interpretação do nome deriva da diversidade cultural intrínseca ao grupo: cada sotaque transmite a mesma mensagem, diferenciando-se pela entonação. Para os brasileiros, a expressão “com certo ar” pode ser confundida pelo verbo “consertar”; os portugueses, por sua vez, articulam com uma semelhança ao verbo “conceituar”. Ambos sumarizam as intenções projetuais do grupo, cujo foco é a sinergia do ambiente.

Além disso, reforçando o trabalho em grupo e de forma híbrida, todo o processo, desde os estudos à concepção das pranchas com integrantes *in loco* no dia da apresentação, foi debatido pelos participantes de forma ativa. Desse modo, se reforça a ideia expressada pelo Ateliê, que esse encontro e trocas com pessoas de locais e culturas diferentes acrescentam no processo e desenvolvimento de projetos.

Contextualização do Problema

Para as definições do projeto foram, então, considerados os aspectos socioculturais, ambientais e históricos da porção urbana onde o projeto está inserido. Assim, cabe destacar que a cidade baixa, localizada às margens do Rio Sanhauá, é o núcleo primitivo da capital paraibana, que já nasceu como cidade. Pois, para atender aos interesses econômicos e militares da Coroa Portuguesa, foi fundada a cidade de João Pessoa em ponto estratégico, também em local diferente do comum à ocupação da época, já que, mesmo tendo a costa litorânea para sua fundação, foi escolhido o rio supracitado. Em razão da topografia da cidade, foi possível espelhar a divisão socioespacial da metrópole, Lisboa, na ocupação do território. Dessa forma, na Cidade Alta, local das primeiras edificações, habitava a população abastada. Já na Cidade Baixa, foram construídas paliçadas que, posteriormente, deram origem ao conjunto edilício que deu suporte à construção e funcionamento do Porto do Capim, onde foi erguida a primeira Alfândega da cidade.

Data dessa primeira ocupação, às margens do rio, na área hoje conhecida como Porto do Capim, localizada no bairro Varadouro, a apropriação por população ribeirinha oriunda dos estratos baixos da sociedade colonial portuguesa, que trabalhava no porto, ou eram pescadores e marisqueiros. A situação dessa população, hoje representada pelas comunidades Porto do Capim e Vila Nassau, se cristaliza, especialmente com a desativação, na década de 1940, do Porto do Capim e a construção de um novo porto na cidade vizinha, Cabedelo, devido ao assoreamento do rio Sanhauá (Peres, Romão e Silveira, 2019). Além desta situação, a ausência de acompanhamento ou compensações econômicas pelo planejamento urbano, levou a população local a ocupar os imóveis portuários e as margens do Rio Sanhauá e desenvolver atividades de subsistência, mantendo uma forte relação da comunidade com o rio.

Esse cenário, contudo, está ameaçado na contemporaneidade, com a proposta de intervenção no centro histórico de João Pessoa que prevê, entre as ações, a construção de um parque na margem oriental do rio, após a realocação de parte dessa população ribeirinha. Essa intenção de retirada da população já havia sido manifestada em ações anteriores (Figuras 1 e 2), fato que contribuiu para a articulação das comunidades locais, que se fortalecem através de associações ou coletivos que buscam a sua permanência e desenvolvem diversas ações sociais de turismo e preservação ambiental. Cabe destacar, contudo, que a despeito dessas tentativas, existem, em média, 500 famílias residindo às margens do Sanhauá, divididos entre as citadas comunidades do Porto do Capim e Vila Nassau (Gonçalves, 2014).

Por essas razões, e reconhecendo essas comunidades como um dos principais atributos que definem e distinguem a porção histórica em estudo, já que mantêm práticas sociais representativas do *modus vivendi* local, o grupo decidiu adotar ações e soluções projetuais que promovessem a conexão, acolhimento e atração desses habitantes, para além de novos usuários.

Figuras 1 e 2: População das comunidades do Porto do Capim participam de protestos e apresentam cenário de demolição após primeiros despejos em 2019.



Fonte: Brasil de Fato¹, 2019; Roan Nascimento para Brasil de Fato², 2019.

Dando sequência à proposta, partiu-se para a adoção de um conceito. Ação utilizada pela equipe como forma de conectar as soluções, diretrizes e demandas projetuais (especialmente as do uso e do programa de necessidades). Assim, a criação de uma intenção poética levou ao diálogo das propostas e especificações que iriam compor o projeto apresentado e manteve a citada intenção de conexão à população local.

Conceito e Partido Arquitetônico

O **conceito** adotado foi o de **sinergia**, que se refere à cooperação, às conexões espontâneas e induzidas que conformam uma totalidade - mais complexo que a simples equação de soma de todas as partes - em constante transformação, seja pela adição, ou pela justaposição, ou pela interligação de partes, sujeitos, peças, etc. desse todo em movimento. A adoção deste conceito faz menção às conexões de práticas, materiais e imateriais, de origem socioeconômica, política, cultural e simbólica que caracterizam a cidade baixa, porção pioneira do centro histórico de João Pessoa. Como também, às conexões de temporalidades que definem a área como um palimpsesto, atestado por remanescentes históricos materiais e imateriais de dimensão social, ambiental, arquitetônica, entre outros. Por fim, a sinergia de povos, de grupos sociais, de sujeitos que, por apropriações e representações, concedem a representatividade e as especialidades dessa porção territorial.

Esse conceito emergiu de discussões do grupo quanto à definição do uso do equipamento e da indispensável conexão que deveria ter com a comunidade local. As colocações dos integrantes de equipe, através de um *brainstorm*, fizeram surgir possibilidades, usuários, intenções projetuais e diretrizes que seriam perseguidos no projeto. Essas, por sua vez, se conectavam e foram aflorando num contexto discursivo que também evoca a definição da sinergia.

Para sua expressão, o grupo considerou as escalas de conexão e interferência do equipamento a ser proposto, e foram definidas três escalas: (i) a local, que se refere às articulações holísticas do equipamento com a cidade; (ii) a da localidade, que trata do recorte espacial onde os lotes em estudo estão inseridos, sendo na cidade baixa ou porção do centro histórico de João Pessoa; e (iii) a localização, que seria especificamente o conjunto arquitetônico em intervenção, ao qual se somou a Praça Dr. Napoleão Laureano (Figura 3).

Figura 3: Localização da área de estudo com indicação de elementos significativos para a proposta.



Fonte: Google Earth, 2023, editado pela equipe.

Sendo assim, na escala local, a sinergia se manifestou através das soluções de desenho urbano que permitem uma ligação com a nostálgica linha ferroviária, que atravessa o cenário e pode possibilitar uma conexão da área com porções territoriais mais longínquas, a exemplo da cidade de Cabedelo - município conurbado à norte com João Pessoa. Já na escala da localidade, a sinergia representa as relações e a proximidade física e social que o equipamento, a partir do seu uso e das soluções de fenestrações e acessos, procura criar e manter com os usuários locais. Soluções que também podem permitir uma atração de novos sujeitos e, conseqüentemente, novas conexões e impulso à sinergia. Por fim, na escala da localização, a sinergia se manifesta pela articulação das construções centenárias com a praça que as circunda, como também com o rio que serpenteia a cidade baixa e com as práticas sociais locais, que poderão ser sediadas no espaço de eventos e interação proposto na citada praça. Nesta última, o conceito é explorado através de conexões com a ambiência, considerada como uma paisagem urbana conformada por atributos urbanos e ambientais, mas também sociais, como as impressões dos sujeitos no espaço.

Na sequência, foi construído o **partido arquitetônico** da proposta, que novamente resultou de discussões realizadas em reuniões (videoconferências através do Google Meet) e de conversas por aplicativos de mensagem. Neste caso, consideraram-se os aspectos da localidade supracitados- listados e avaliados criticamente - assim como sua importância histórica e cultural. Pois, definida como um palimpsesto, a área de intervenção possui atributos naturais e patrimoniais que podem ser um elo criativo com o passado, despertando vocações e fomentando oportunidades.

Assim, a Sinergia que intuitivamente nos lembra cooperação e combinação, foi traduzida através de múltiplas conexões, entre: (i) passado, presente e futuro - sendo representados, respectivamente: (a) pela preservação e restauração das estruturas materiais simbólicas, (b) pelo convite a participação da comunidade local (Vila Nassau e Porto do Capim), através de funções e infraestruturas que dialogam com seu *modus vivendi* e o perfil socioeconômico local, e (c) pela adoção de soluções de programa e funcionalidade, como também, inserção crítica e contextual de novas estruturas arquitetônicas e de desenho urbano; (ii) usuários e os bens, por se tratar de área patrimonial, é imprescindível promover a conexão de sujeitos e bens, pressuposto que materializamos através de ambientes que se conectam físico e visualmente com a paisagem, aproveitam as condições naturais como condicionantes de conforto ambiental e traduzem soluções conscientes e críticas de intervenção da preexistência; (iii) as escalas local (cidade), da localidade (cidade baixa) e da localização (conjunto arquitetônico em intervenção e praça) através da potencialização do turismo local e do fomento à economia por meio de equipamento estimulador que poderá atrair públicos diferentes em horários variados e soluções de desenho urbano que promovam apropriações culturais, comerciais e de lazer.

Como referência projetuais para a construção deste partido e também das diretrizes, foram analisados os projetos: Estação das Artes, que é um complexo cultural localizado em uma antiga estação ferroviária de Fortaleza, Ceará (Figura 4); Matadero de Madrid, um espaço cultural aberto localizado na Plaza de Legazpi, Madrid, Espanha (Figura 5); e o Casarão da Inovação Cassina, espaço de formação de ideias e encontro

localizado em Manaus, capital do Amazonas (Figura 6). A análise dos correlatos culminou com o destaque de pontos diferenciados em cada proposta, alimentando as soluções pensadas pelo grupo para o *coworking*. Assim, quanto ao primeiro citado, convém destacar o partido adotado na relação das preexistências, que foi tratada com um programa diversificado, composto por zonas de exposição e performance, auditórios, oficinas, espaços para residências criativas, biblioteca, mercado gastronômico, etc. Também foi relevante a relação com o entorno, pois o conjunto de edifícios se conecta com a praça, que atua como um pulmão verde, e gera um conjunto unificado. Já quanto ao projeto do Matadero, as diretrizes de inserção urbana foram extremamente relevantes, cujas soluções tomaram partido do estado de preservação do imóvel histórico, que estava em estado de ruína, para impulsionar a funcionalidade e a urbanidade nas ruas do entorno. Além disso, as intervenções propostas apresentam um equilíbrio entre os atributos pré-existentes e as inserções contemporâneas. Por fim, no projeto do Casarão da Inovação, a compatibilidade do uso do equipamento com a proposta intentada pelo grupo permitiu que o programa de necessidade adotado servisse como referência para discussão de equipamentos e dimensões a serem adotadas na proposta pretendida.

Figuras 4, 5 e 6: respectivamente Estação das Artes; Matadero de Madrid; Casarão da Inovação Cassina.



Fontes: respectivamente Archdaily³, 2023; Condé Nast Traveler⁴, 2023; Archdaily⁵, 2023.

A definição do conceito e do partido projetual, assim como a correlação crítica dessas definições com as referências projetuais, possibilitaram o estabelecimento de seis diretrizes projetuais, que foram: (i) proporcionar um espaço estimulante através da conexão de distintos usos que possam proporcionar o intercâmbio de indivíduos de áreas diferentes, impulsionando a sinergia, ainda que através da adoção de soluções espaciais e de um desenho urbano que conectem os indivíduos entre si e com o entorno, e também, concedendo equipamentos e infraestrutura para a eficiência de produções desenvolvidas no equipamento; (ii) incluir a população local através de fomento a pequenas empresas, como dito no início, esse foi o ponto de partida da proposta, sendo adotadas soluções que atendessem ao perfil do (possível) público alvo conformado pelos usuários e moradores locais; (iii) coibir a gentrificação através de soluções que se direcionam, como citado, ao perfil do público local, também projetando espaços que sediam atividades do ramo criativo que dialoguem com práticas sociais locais; (iv) auxiliar na rotatividade de usuários na área, o que pode ser possível pela adoção de usos diferenciados que atraem um público variado; (v) aumentar a janela temporal de uso da área, a variedade de usos e usuários demanda horários de funcionamento estendidos, que incluem finais de semana, feriados e períodos noturnos, sendo intervalos pouco movimentados na área, onde o comércio predomina; e (vi) transformar a área em ponto turístico, por meio da proposição de espaços diferenciados e

potenciais atratores de públicos, a exemplo do bar, da área de exposições e do espaço para eventos na praça, que podem ser apropriados não apenas pelos usuários do *coworking*.

Como postura de intervenção foi adotada a arquitetura contextual, sendo aquela que, conforme apontou Veloso (2013), sem utilizar dos recursos da imitação superficial, nem da analogia direta, estabelece uma integração com o contexto; prolongando-o ou revalorizando-o mediante um esforço de questionamento formal orientado a partir do entorno. Evitando, desse modo, o conflito entre a individualidade dos objetos e as leis estabelecidas na construção da cidade, ou, em outras palavras, seguimos as instruções de Gracia (2001) para a arquitetura contextual, buscando uma “simbiose com o contexto” através da “continuidade da imagem” e, ao mesmo tempo, concedendo às adições contemporâneas detalhes que indiquem a sua periodicidade. Nesta postura, ainda segundo este autor, a nova arquitetura se encontrará integrada ao contexto quando complementar o espaço urbano. Assim, entendemos que através da proposição de um novo uso que dialogue com as demandas e o perfil sociocultural e econômico local, além da indicação de soluções de composição formal, do volume e da plástica, que contextualizam de forma crítica com a ambiência local, podemos promover a dinâmica que significaria, para a realidade local, a integração ao contexto citada por Gracia.

A postura foi seguida através de duas práticas compositivas: a inclusão, que tratou das ações de intervenção que objetivaram conectar em termos sociais e funcionais os imóveis históricos (destacados num tom mais escuro na Figura 7) com as três escalas antes definidas; e de adição, que se refere à inserção contemporânea de um bar na área livre de um dos lotes do conjunto (indicação em vermelho na Figura 7 e em lilás na Figura 8).

Figuras 7 e 8: Esquemas gráficos da expressão do partido em termos de prática compositiva e setorização.



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

Setorização segundo o partido

A setorização da proposta espacializou as definições do partido através da expressão de soluções nas três escalas de conexão urbana antes descritas. Como também, para atender as diretrizes da postura projetual adotada, foram indicadas conexões temporais, buscando a simbiose com a ambiência. Por fim, para promover o reconhecimento do equipamento pelos usuários, especialmente os locais, outras medidas de interação foram apontadas. Sendo: i) propostas para conexão temporal, passado, presente e futuro: Na primeira edificação, temos um espaço multifuncional equipado com maquinário moderno nas oficinas, um ateliê e um mezanino que abriga funções administrativas e espaço de *coworking* (Figura 8), todos ambientes que podem promover a colaboração criativa; ii) soluções para conexões entre usuários e deles com os bens: na segunda edificação foi proposto um espaço de passeio livre com café e bar que convidam os visitantes a apreciar a paisagem, estimulando interações sociais, também procurou-se promover fluxos de ideias, pelas conexões de setores criativos diferentes, de pessoas - que se movem e interagem com a localidade e entre si -, e de capital, pois negócios podem ser gerados, movimentados e transacionados nos ambientes de conexão e produção propostos (Figura 8); iii) Por fim, conexões das três escalas trabalhadas, local, localidade e localização: na terceira edificação, onde foram projetados espaços para feira de artesanato e galeria (Figura 8), encontra-se um espaço para exposições, acompanhado por um pátio interno onde se possibilita apresentações de grupos e/ou bandas locais, e um bar. Essas edificações históricas revitalizadas podem promover a urbanidade do Varadouro, de modo a promover a sua função como ponto de encontro cultural e (com a proposta) criativo para a comunidade local e visitantes. Também para essa conexão, foi pensada uma intervenção na Praça Napoleão Laureano, equipando-a com soluções de conforto térmico - sombreamento e

espelho de água - e espaço para realização de eventos e apresentações. Tais propostas visam expandir espacialmente as possibilidades do conjunto, buscando, ainda, ampliar as possíveis funções e, conseqüentemente, usuários mais diversificados.

Propostas apresentadas para a escala arquitetônica

Conforme instruções da postura projetual, a proposta de intervenção arquitetônica indicou, primeiramente, a restauração dos edifícios, sendo através da manutenção das suas geometrias e reparos dos ornatos e revestimentos da plástica, com exceção da quinta fachada do edifício central, que, por se encontrar em estado de arruinamento, havia demolido. Internamente, também foi indicado a restauração e preservação dos remanescentes originais, sendo também proposta a marcação das inserções e modificações contemporâneas através da exposição das alvenarias - com a remoção dos revestimentos -, especialmente nos trechos onde foram propostas aberturas de vãos. A opção de expor as alvenarias também se justifica pelas observações a partir do levantamento *in loco* (Figura 9 e Figura 10), onde foi constatado que os revestimentos originais das alvenarias que, provavelmente, deveriam ser em argamassa de cal e areia - considerando a incidência destes materiais e solução no entorno do edifício -, foram substituídos por argamassa cimentícia. Assim, a remoção não se define pela supressão de atributo, mas sim a exposição do remanescente.

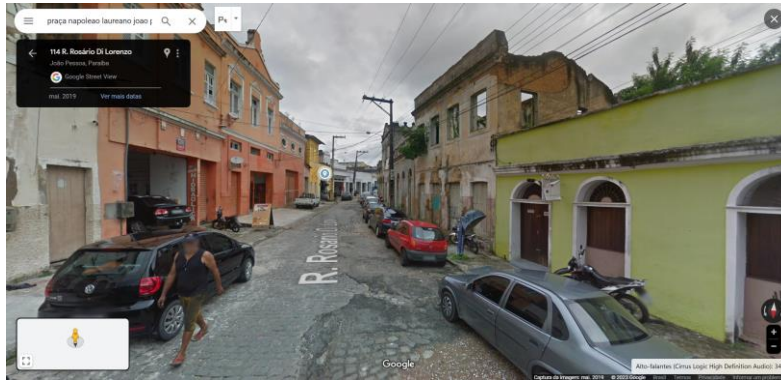
Figuras 9 e 10: Espaço arquitetônico dos casarões objeto de estudo apresentando o revestimento das alvenarias e pisos.



Fonte: Priscila Guimarães, outubro de 2023.

Quanto ao tratamento da plástica dos edifícios, após as indicações de restauro, optou-se pela utilização de cores diferentes para cada imóvel, em tons com saturação atenuada. Pois, buscamos marcar a intervenção contemporânea, haja visto que a breve perspectiva histórica das fachadas dos imóveis, possível de levantamento a partir das imagens disponíveis no Google Earth e Google Maps, apontou a utilização de cores variadas, postura também comum no entorno (Figura 11). Sendo assim, as opções podem, também, ajudar a conservação da ambiência, pois mantém a unidade da paisagem do entorno imediato e deixa marcado o parcelamento, atributos importantes da morfotopologia da área.

Figura 11: Vista da fachada principal do conjunto de edifícios em intervenção em 2019, destacando as cores que compõem a ambiência local

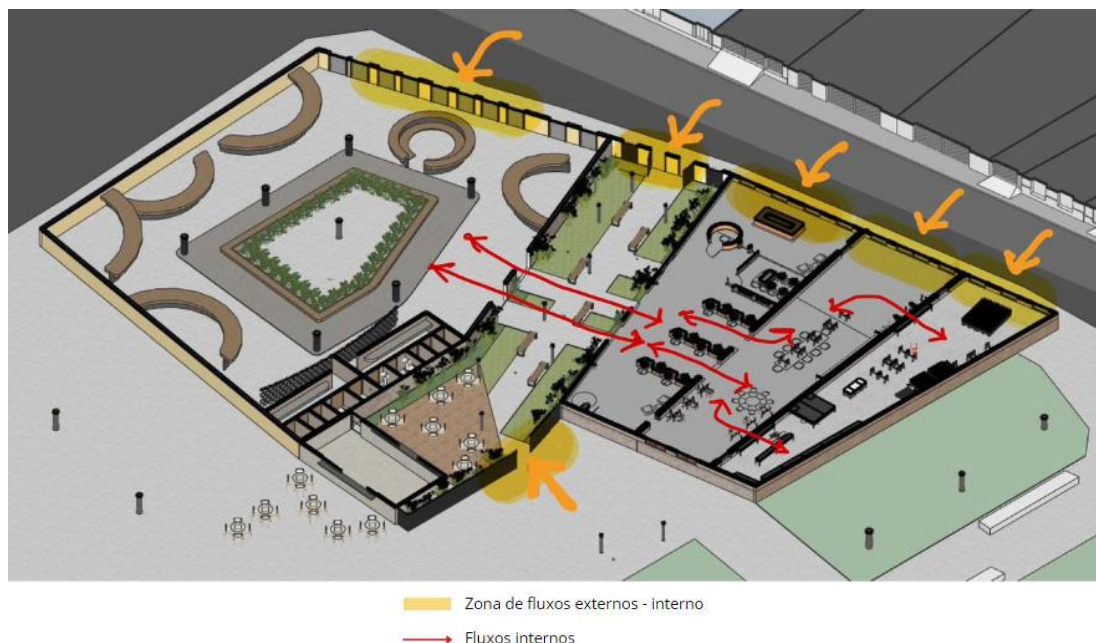


Fonte: Google Earth, 2023, com registro de 2019.

Quanto à proposição do espaço arquitetônico, foi proposta a integração das três edificações a partir de aberturas de portas no térreo, e esquadrias de janelas nos pavimentos superiores. Essa opção buscou manter a sinergia dos ambientes, além de promover mais permeabilidade e conexão entre os espaços de trabalho (conforme indicam as setas vermelhas na Figura 12). Para acesso aos edifícios, foram dispostas cinco aberturas nas fachadas frontais e uma na lateral, esta última conectando à Praça Napoleão Laureano (indicadas pelas setas amarelas na Figura 12).

Na setorização, nas edificações das extremidades, foram planejados os espaços de trabalho/coworking, com salas de produção, reunião, ateliês, áreas de exposição e divulgação de produtos e serviços; devidamente equipados com maquinários e mobiliários que pudessem atender empresas e empresários do setor criativo, de modo que novos empreendedores tivessem suporte para iniciar ou ampliar suas atividades. Uma opção que, como dito, considera o perfil socioeconômico da população local e busca atender suas necessidades e conectá-las ao equipamento. Já em relação aos espaços de apresentação, com áreas de exibição e salas com equipamentos de apresentação e exposição de produtos, julgou-se necessários tais ambientes para findar determinadas criações, ou o ciclo produtivo das empresas no local (Figura 14).

Figura 12: Volumetria do conjunto de edifícios apresentando o espaço arquitetônico e os fluxos de conexão interna e externa.



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

Ainda quanto à setorização macro do projeto, visando, como dito, promover interações, a edificação central foi planejada para ser uma praça de interação e alimentação, atendidos por bar e café. Em virtude da opção de não restaurar a cobertura deste edifício, conforme citado, e considerando as demandas de conforto ambiental, assim como as especificidades do microclima local, foram dimensionados sombreiros tendo como

conceito árvores frondosas (Figura 13). Pois, “o problema mais grave a ser resolvido nas regiões tropicais é aquele criado pela radiação solar e pelo superaquecimento” (Hertz, 1998, p.52) Assim, a opção indicada para o projeto atua no conforto térmico e luminotécnico, pois diminui a incidência da radiação direta que pode causar a elevação da temperatura e o ofuscamento. Como também pode promover a troca de ar nas outras edificações por promover a ventilação cruzada e a saída de ar quente, ambas possibilitadas pela variação de temperatura interna e externa e de pressão - considerando que a arborização proposta para a praça, juntamente com o espelho de água podem através da evaporação e convecção diminuir a temperatura. Assim como, permitem a utilização de iluminação natural em vários ambientes do edifício, além de, obviamente, iluminar a praça interna.

Uma opção semelhante também foi proposta para uma das edificações das extremidades, o que também pode atuar como mecanismo de conexão dos usuários do coworking com o local. Sendo uma medida sanitária, mas também de humanização dos espaços de trabalho.

Figura 13: Volumetria do conjunto de edifícios apresentando a geometria e plásticas, além da integração com a Praça.



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

A distribuição desses ambientes prezou pela possibilidade de conexão entre as atividades e usuários dos espaços, pois, conforme indicado no conceito, estas relações promovem a sinergia, condição benéfica para produções artísticas e, também, requeridas para viabilizar uma ambiência criativa, especificidade da indústria criativa (Figura 14). Essa possibilidade, contudo, foi contemplada de modo a não causar interferências indevidas, pois determinados produtos e serviços desta indústria requerem patentes cujo debate deve acontecer apenas com sujeitos internos à empresa/escritório, assim, há ambientes privados de trabalho e produção.

Figura 14: Vista interna com área de estudo ou produção individual e ateliê de pintura..



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

Propostas apresentadas para intervenção na escala urbana

A análise do entorno dos casarões objetos de intervenção, que incluiu a Praça Napoleão Laureano (Figura 15) , indicou aspectos problemáticos do desenho urbano local, tais como: (i) a falta de sombreamento adequado - dada a quantidade e localização das espécies vegetais - e a escassez de áreas de convívio, requisitos indispensáveis a sociabilidade e apropriação da área, considerando o clima local; (ii) a ausência de espaço que para sediar feiras, função vocacional da área, já que o primeiro porto da cidade - local tradicionalmente apropriado por funções comerciais - localiza-se no entorno; (iii) problemas de acessibilidade; e (iv) conexão urbana para pedestres e ciclistas, apontando problemas na mobilidade local.

Figura 15: Praça Napoleão Laureano



Fonte: Parlamento Paraíba⁶, 2020.

Como resposta a essas demandas, o projeto de revitalização buscou criar ambientes acolhedores, funcionais e estimulantes, tendo a Praça Dr. Napoleão Laureano como ponto focal da proposta na escala urbana (Figura 16).

Figura 16: Proposta de reabilitação da Praça Dr. Napoleão Laureano.

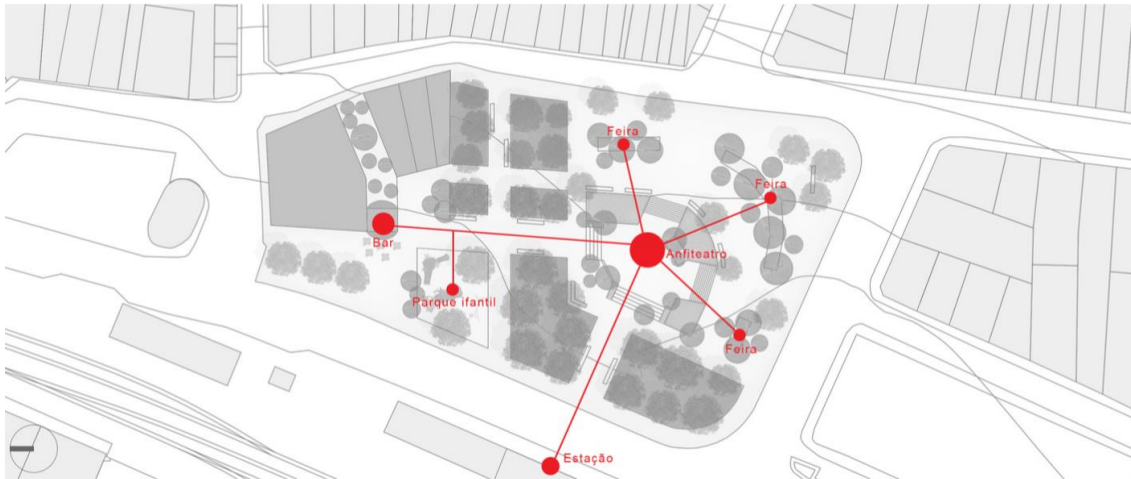


Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

Assim, foi proposto, na área central da praça, um espaço com forma de anfiteatro, ambiente que pode ser apropriado para o lazer, práticas simbólicas, eventos culturais, articulação e reunião das comunidades locais, etc. O espaço é, também, um ponto estratégico para a conexão dos edifícios reabilitados às vias circundantes e à estação de trem, e pode servir para a circulação segura de transeuntes (Figura 17). Ainda, visando promover maior conforto térmico à área, foi proposto um espelho de água contornando o anfiteatro - elementos considerados ativadores do espaço urbano, como se atesta pelos projectos de Lawrence Halprin (Carapinha e Treib, 2006). Este elemento, para além da função estética, pode promover a sensação de frescura, sobretudo em dias mais quentes, realçando uma amenidade local.

Além disso, em razão do problema de acessibilidade e conexão urbana dos usuários com o entorno, foram indicadas faixas elevadas, conforme indica a conexão com a CBTU apresentada na Figura 16, e soluções de desenho urbano acessível.

Figura 17: Planta com as ligações pretendidas pela proposta de intervenção.



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

A postura da intervenção contextual, também seguida para o caso da praça, permite a adição crítica de elementos e soluções à ambiência local, que podem sinalizar o retrofit e adicionar um atributo que traduza o novo cotidiano da localização. Nesse sentido, na proposta concebemos uma árvore artificial, entendida como elemento escultórico e contemporâneo. A ideia foi unir a funcionalidade com a estética, assim foram posicionadas em pontos estratégicos, dialogando com o paisagismo proposto. Na zona sul, por exemplo, foram utilizadas árvores artificiais (Figura 18) de forma inovadora, através de arranjos que podem gerar sombra e abrigo, criando um ambiente propício para a implantação da feira, que terá bancadas permanentes. A proposta traduz a espontaneidade e a criatividade emanadas pela sinergia, também buscando as conexões que nortearam a construção do partido.

Figura 18: Proposta de construção dos elementos para sombra “árvores artificiais”.



Fonte: Equipe Com Certo Ar, 2023.

3 CONCLUSÃO

Considerando a estrutura do evento IVADS, considerou-se que o formato adotado, em conformidade com a edição anterior, revelou-se adequado, nomeadamente numa circunstância em que as equipas são constituídas por elementos de diversas instituições de ensino e países distintos. No caso específico sob análise, a opção recaiu sobre a utilização das ferramentas digitais do Google Meets para condução de reuniões e do WhatsApp para uma comunicação ágil destinada à partilha instantânea de informações e esclarecimento de dúvidas. Adicionalmente, foram instituídas uma pasta compartilhada e alguns documentos de uso coletivo, propiciando, desta forma, a participação simultânea dos membros do grupo situados em distintas localidades geográficas.

A proposta apresentou, de forma informada, um conjunto de respostas que resultaram do desafio lançado pela organização do evento, conseguindo-se cumprir o programa exigido, e, indo além do mesmo, incorporando a praça contígua como um elemento âncora e agregador de todo o conjunto, elemento sem o qual, os objetivos internos de agregar e chamar a comunidade ao centro histórico ficariam mais longe de serem cumpridos. A decisão de abertura de conexões entre a rua Rosário di Lorenzo, a praça Dr. Napoleão Laureano e a estação de caminhos de ferro, tornaram possível (à semelhança do que Álvaro Siza propôs para o Chiado em Lisboa (Trigueiros, 1995) - embora numa escala diferente) que atividades para diferentes públicos possam ocorrer com uma ocupação mais efetiva do espaço, combatendo a gentrificação, dando espaços dedicados às atividades de economia criativa, mas também propiciando maiores condições de segurança, uma vez que se prevê que uma ocupação mais efetiva do espaço público também leva ao aumento da “vigilância informal” e consecutivamente a ambientes urbanos mais seguros.

AGRADECIMENTOS

GAGO, João

Este artigo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT) através do seu programa de Bolsas de Doutoramento através da Bolsa com a referência 2020.05283.BD.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto Estratégico com a referência UIDB/04008/2020.

Para além do apoio financeiro, o artigo faz parte de uma investigação de doutoramento que integra o grupo de investigação OBATI – Observatório Arquitetura, Tecnologias e Investigação que está integrado no CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

4 REFERÊNCIAS

CARAPINHA, A., e TREIB, M. *Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim*, 1.^a edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

GONÇALVES, H. T. *O Porto e a Casa: dinâmicas de transformação no uso dos espaços do centro histórico de João Pessoa (PB)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

GRACIA, F. de. *Construir en lo construído: La arquitectura como modificación*. 3 ed. Madrid: Nerea, 2001.

HERTZ, J.B. *Ecotécnicas em Arquitetura: Como projetar nos trópicos úmidos do Brasil*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998.

PEREZ, L. P.; ROMÃO, A. H. O.; SILVEIRA, J. A. R.. *Desterritorialização da Comunidade do Porto do Capim em João Pessoa: Revitalização do centro histórico desconsidera moradores pobres* (2019). Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/19.227/7392> , acessado em setembro de 2023.

TRIGUEIROS, L. *Álvaro Siza, 1986-1995*, 1.^a edição, Lisboa, Editorial Blau, 1995.

VELOSO, M. *Estratégias projetuais e atitudes frente ao contexto de valor patrimonial*. 2023. 23f. Notas de aula.

¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/02/a-comunidade-do-porto-do-capim-e-a-sua-luta/> , acessado em novembro/2023.

² Disponível em: <https://brasildefatorj.com.br/2019/06/05/demolicoes-e-remocoes-no-porto-do-capim-o-que-esta-em-jogo-no-parque-sanhaia> , acessado em novembro/2023.

³ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/999428/estacao-das-artes-carvalho-araujo> , acessado em novembro/2023.

⁴ Disponível em: <https://www.traveler.es/experiencias/articulos/pista-de-hielo-en-matadero-madrid-planes-con-ninos-en-navidad/16918> , acessado em novembro/ 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/958210/casarao-da-inovacao-cassina-laurent-troost-architectures/60464d73f91c8187f1000053-cassina-innovation-house-laurent-troost-architectures-photo> , acessado em novembro/2023.

⁶ Disponível em: <https://parlamentopb.com.br/prefeitura-de-joao-pessoa-vai-recorrer-contrasuspensao-da-2a-etapa-do-parque-sanhaia/> ,acessado em novembro/2023.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

REDE AMORÉ: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM CASARIO NO BAIRRO DO VARADOURO, EM JOÃO PESSOA/ PB.

REDE AMORÉ: PROPUESTA DE INTERVENCIÓN ARQUITECTÓNICA EN EDIFICIOS HISTÓRICOS DEL BARRIO VARADOURO, EN JOÃO PESSOA.

REDE AMORÉ: PROPOSAL FOR INTERVENTION IN HISTORIC BUILDINGS, IN VARADOURO, JOÃO PESSOA.

CAVALCANTE, IAN DA COSTA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, iancosta1290@gmail.com:

FERREIRA, LUCIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, luciana.beatriz@academico.ufpb.br:

SANTOS NETO, PAULO TRAJANO DOS

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, trajano.santos@ufpe.br

PELLENSE, MAGNUS CUNHA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, magnuspellense@gmail.com

SILVA, ALICIA KRISTHINE B. DE ALMEIDA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, aliciakristhine@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados alcançados pelo grupo denominado "Amoré", no Concurso de Intervenções na Preexistência - Concepção de Espaços para a Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa, parte do II Ateliê Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura. O cerne do projeto reside na promoção da continuidade histórica das edificações, combinada com usos voltados em impulsionar a economia criativa da região, ao mesmo tempo que oferece às comunidades próximas espaços de lazer e aprendizado. A equipe adotou uma abordagem de trabalho colaborativo e síncrono por meio de ferramentas virtuais, como Google Meet e Miro. O primeiro passo da equipe envolveu a identificação e a avaliação dos desafios presentes no entorno da área de intervenção e nos objetivos do projeto, cuja análise criteriosa levou à definição de usos compatíveis com o contexto da intervenção. O projeto busca criar uma rede de serviços multidisciplinares que não promovam apenas o empreendedorismo local, mas também atuem como agentes de apoio às comunidades, conectando aspectos essenciais como economia, tecnologia, patrimônio, identidade e criatividade. A oferta de espaços para educação, lazer e capacitação profissional procura estimular o desenvolvimento de ideias inovadoras e facilitar a integração da comunidade local. A intervenção proposta reflete uma postura diante do patrimônio que não se restringe a um resgate histórico passivo, mas busca reabilitar espaços históricos como centros de criatividade, aprendizado e empreendedorismo atentos às demandas socioeconômicas locais, criando oportunidades para a economia criativa florescer, e contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Centro Histórico de João Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura e urbanismo; atelier virtual de projeto; projeto arquitetônico; patrimônio cultural; João Pessoa

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados obtenidos por el grupo "Amoré", en el Concurso Intervenciones en Preexistencia - Diseño de Espacios para la Economía Creativa en el Centro Histórico de João Pessoa, parte del II Taller Internacional Virtual de Proyectos Arquitectónicos. El núcleo del proyecto radica en promover la continuidad histórica de los edificios, combinada con usos destinados a impulsar la economía creativa de la región, al tiempo que ofrece a las comunidades cercanas espacios de ocio y aprendizaje. El equipo adoptó un enfoque de trabajo colaborativo y sincrónico a través de herramientas virtuales como Google Meet y Miro. El primer paso del equipo implicó identificar y evaluar los desafíos presentes en torno al área de intervención y los objetivos del proyecto, cuyo análisis cuidadoso condujo a la definición de usos compatibles con el contexto de la intervención. El proyecto busca crear una red de servicios multidisciplinares que no sólo promuevan el emprendimiento local, sino que también actúen como agentes de apoyo a las comunidades, conectando aspectos esenciales como la economía, la tecnología, el patrimonio, la identidad y la creatividad. La provisión de espacios de educación, ocio y formación profesional busca estimular el desarrollo de ideas innovadoras y facilitar la integración de la comunidad local. La intervención propuesta refleja una actitud hacia el patrimonio que no se limita a un rescate histórico pasivo, sino que busca reabilitar espacios históricos como centros de creatividad, aprendizaje y emprendimiento atentos a las demandas socioeconómicas locales, creando oportunidades para que florezca la economía creativa y contribuyendo al desarrollo sostenible del Centro Histórico de João Pessoa.

PALABRAS CLAVES: arquitectura y urbanismo; taller virtual de proyecto; proyecto arquitectónico; patrimonio cultural; João Pessoa



ABSTRACT

This article is about the results achieved by group "Amoré" in the Interventions on Preexistente - Design of Creative Economy Spaces in the Historic Center of João Pessoa, part of the II International Virtual Design Studio. The project's core lies in the promotion of the buildings' historical continuity, combined with uses aimed at boosting the region's creative economy, while also offering nearby communities leisure and learning spaces. The team adopted a collaborative and synchronous working approach through virtual tools such as Google Meet and Miro. The team's first step involved identifying and evaluating the challenges present around the intervention area and the project objectives, whose careful analysis led to the definition of uses compatible with the context of the intervention. The project seeks to create a network of multidisciplinary services that not only promote local entrepreneurship, but also act as support agents for communities, connecting essential aspects such as economy, technology, cultural heritage, identity and creativity. The provision of spaces for education, leisure and professional training seeks to stimulate the development of innovative ideas and facilitate the integration of the local community. The proposed intervention reflects an attitude towards cultural heritage that is not restricted to a passive historical rescue, but seeks to rehabilitate historic spaces as centers of creativity, learning and entrepreneurship attentive to local socioeconomic demands, creating opportunities for the creative economy to flourish, and contributing to the sustainable development of the Historic Center of João Pessoa.

KEYWORDS: architecture and urbanism; virtual architectural design studio; architectural project; cultural heritage; João Pessoa.

Recebido em: 08/12/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

Este artigo oferece uma visão dos resultados alcançados pelo grupo denominado "Amoré", no âmbito do Concurso de Intervenções na Preexistência - Concepção de Espaços para a Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa. O concurso foi conduzido como parte do II *International Virtual Architectural Design Studio* - IVADS (Ateliê Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura) 2023. É relevante enfatizar que os edifícios a serem restaurados e reformados possuem significativo valor histórico e estão localizados no bairro do Varadouro, na capital paraibana.

As intervenções em edifícios históricos desempenham um papel estratégico nos núcleos históricos, gerando um impacto significativo na melhoria da qualidade de vida urbana de seus moradores e usuários, enquanto simultaneamente criam novas oportunidades econômicas para o desenvolvimento local. Ambos aspectos desempenham um papel vital na sustentabilidade da preservação do patrimônio cultural. Ademais, essas intervenções desempenham um papel essencial na transformação da imagem da cidade, tornando clara para a população a ligação entre as políticas de preservação e o seu dia a dia, indo além da simples restauração de edifícios históricos. Essa abordagem revela-se altamente eficaz em potencializar a conscientização cidadã sobre a importância da preservação e em criar um ambiente local propício à proteção do patrimônio (Bonduki, 2010).

Devido à importância histórica do conjunto de edifícios, é essencial ressaltar que a nossa equipe colocou em primeiro plano a preservação de sua continuidade histórica e do contexto que o cerca. Acreditamos firmemente que essa preservação oferece às pessoas a oportunidade de manter, desenvolver ou até mesmo redescobrir suas identidades (Candau, 1998). Assim, o desenvolvimento deste projeto não se limitou à análise teórica relacionada à conservação e a preservação do patrimônio cultural. Nossa abordagem também enfatizou a garantia de que o edifício fosse utilizado pela comunidade como um espaço para fomentar a economia criativa. O cerne do nosso projeto reside na promoção da continuidade histórica dos edifícios, combinada com sua utilização para impulsionar a economia criativa da região, ao mesmo tempo que oferece às comunidades próximas espaços de lazer e aprendizado.

2 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Esta equipe é composta por estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, tanto da graduação quanto da pós-graduação, da UFPB, UFPE e UFRN. Os participantes receberam orientação dos professores Juliana Demartini (UFPB) e Renato de Medeiros (UFRN), além do auxílio dos monitores Clemer Ronald (mestrando pelo PPGAU/UFPB) e Mônica Rosário (doutoranda pelo PPGAU/UFRN).

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção, a equipe adotou uma abordagem colaborativa e eficaz para facilitar a comunicação e a cooperação entre seus membros. Isso foi alcançado por meio de reuniões virtuais realizadas via *Google Meet* e através de interações síncronas e assíncronas, utilizando uma plataforma de lousa digital online chamada *Miro*.

O primeiro passo envolveu a identificação e a avaliação dos desafios presentes tanto no entorno da área de intervenção quanto nos objetivos do projeto. Essa etapa visou garantir que as soluções projetuais fossem concebidas de forma a mitigar esses desafios. Foram identificados alguns pontos fortes (forças) que influenciaram positivamente o contexto da intervenção, como a proximidade dos lotes à unidade da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) e à Estação Rodoviária - o que proporciona um fluxo significativo de transeuntes diários e facilita o acesso por meio de modais coletivos. Além disso, a presença

de muitas aberturas na edificação com um pátio interno possibilita maior interação com o exterior. Todas as vias do entorno imediato estão pavimentadas, o que contribui para facilitar o acesso ao local.

As oportunidades identificadas incluem a proximidade com o Porto do Capim, que oferece serviços de turismo comunitário e venda de produtos artesanais, bem como a presença de lotes com diferentes gabaritos e tipologias, permitindo a consideração de vários usos. Lotes voltados para uma praça pública possibilitam formas dinâmicas de apropriação do espaço público. A concentração de comércios na região indica a presença de uma massa trabalhadora que pode ser o público-alvo. Além disso, o calçamento da praça está em boas condições para atividades de lazer e o local de intervenção está relativamente próximo de outros equipamentos turísticos e culturais de João Pessoa. Por outro lado, foram identificadas fraquezas, como o paisagismo árido da praça Napoleão Laureano e a falta de fontes de sombreamento. O mobiliário urbano, em sua maioria, fica exposto ao sol, e as fachadas leste e norte do conjunto edificado possuem calçadas pequenas. A concentração de oficinas automotivas na Rua Rosário di Lorenzo resulta em uma grande quantidade de carros estacionados nas proximidades. O uso monofuncional do solo inibe a presença de pessoas em diferentes horários do dia, assim como à noite, e a falta de sinalização de trânsito adequada para pedestres no entorno foi considerada como uma questão preocupante.

Após uma análise criteriosa das informações disponíveis, a equipe chegou à conclusão de que os usos mais apropriados para a área de intervenção seriam um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), uma incubadora de negócios, um restaurante, um bar e um ateliê de artes.

A ideia, seus objetivos e a sua constituição

O conceito arquitetônico da Rede Amoré se baseia em uma estratégia fundamental que busca promover a economia criativa e apoiar as comunidades locais. Isso é alcançado através da criação de um espaço que serve como um centro multifuncional, enfatizando a capacitação profissional e a interação com o espaço público. A principal estratégia adotada é a valorização do Porto do Capim, uma comunidade ribeirinha com uma rica história e desafios socioeconômicos que se encontra nas proximidades da área de intervenção e que nos últimos anos vem sofrendo pressões para desocupar a área (Figura 1).

Figura 1: Manifestação da comunidade do Porto do Capim contra tentativas de remoção do poder público, em 2019.



Fonte: Pedro Rossi via Brasil de Fato (2019).

Logo, a ideia central foi integrar essa comunidade ao projeto, utilizando elementos de sua cultura e tradição como referência para a proposta e as funções a serem desempenhadas em seus ambientes. A inspiração para o projeto veio não apenas da ideia de conexão, mas também das práticas artesanais locais, como as rendas e as redes de pesca, bem como das redes virtuais, simbolizando as futuras oportunidades de integração à economia. O nome "Amoré" foi uma homenagem ao peixe encontrado no rio Sanhauá, que desempenha um papel vital na subsistência da comunidade e é um símbolo de resistência e resiliência (figura 2).

Figura 2: Painel conceito desenvolvido pela equipe, unindo elementos ligados ao Porto do Capim e à cultura popular.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

O projeto busca criar uma rede de serviços multidisciplinares que não apenas promovam o empreendedorismo local, mas também atuem como agentes de apoio às comunidades, conectando aspectos essenciais como economia, tecnologia, patrimônio, identidade e criatividade (Figura 3). A oferta de espaços para educação, lazer e capacitação profissional tem como objetivo estimular o desenvolvimento de ideias inovadoras e facilitar a integração da comunidade local.

Figura 3: Usos escolhidos, divididos por edificação.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Mais detalhadamente, os usos consistem em:

- Centro de Referência da Assistência Social (CRAS): Nesta área, a estratégia foi de criar espaços capazes de prestar serviços de assistência social, com espaços dedicados ao atendimento familiar e comunitário. Isso garante que a comunidade tenha acesso a recursos essenciais. Conforme as Orientações Técnicas do CRAS (2009), o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) representa uma unidade fundamental no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), sua missão primordial reside na prevenção de situações caracterizadas pela vulnerabilidade e risco social nos territórios sob sua responsabilidade, realizando isso mediante o fomento das capacidades e competências individuais e coletivas, o fortalecimento dos laços familiares e comunitários, bem como a promoção da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. Esse compromisso se reflete na

estrutura do programa, composta por uma área de recepção, uma sala de coordenação, instalações sanitárias, uma copa e uma sala multiuso versátil. Apesar de não se configurar como uma manifestação da economia criativa, é relevante destacar que o emprego dessa prática desempenha uma função significativa ao atrair a comunidade local para a Rede Amoré, permitindo que os indivíduos estabeleçam vínculos com o ambiente construído e promova um sentimento genuíno de inclusão na proposta em questão (Figura 4).

- Incubadora: A estratégia na Incubadora é fornecer um ambiente de trabalho colaborativo, incentivando a criação e o desenvolvimento de novos empreendimentos locais. A infraestrutura do espaço em questão compreende salas de reunião, uma sala de administração e uma sala de coworking que se caracterizam por sua adaptabilidade, uma vez que as divisórias dos ambientes não são fixas, proporcionando flexibilidade de configuração. Essa abordagem flexível da infraestrutura espacial se alinha de maneira relevante com os princípios da economia criativa. A ausência de divisórias fixas cria um ambiente propício para a cocriação, estimulando a sinergia entre profissionais de diferentes disciplinas. Além disso, a flexibilidade espacial pode facilitar a realização de eventos culturais, workshops e atividades de formação, fortalecendo ainda mais a conexão entre a criatividade, a inovação e a estrutura física do espaço de trabalho. Portanto, ao adotar essa concepção de espaço flexível, a infraestrutura proposta favorece uma abordagem mais dinâmica e colaborativa, estando alinhada com os princípios da economia criativa, que valoriza a criatividade, a colaboração interdisciplinar e a inovação como impulsionadores do desenvolvimento econômico e social.

Figura 4: Volumetria esquemática representando o CRAS (acima) e a Incubadora de StartUps (abaixo), unidos por um espaço de uso comum que consiste em auditório e área de convivência.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

- Restaurante Amoré e Bar: No contexto do estabelecimento em questão, as seções de Restaurante e Bar são delineadas com ênfase na provisão de ambientes destinados a encontros sociais e eventos, apresentando elementos distintivos que reforçam a coesão conceitual do espaço. O Restaurante, concebido para acomodar as necessidades culinárias dos clientes, foi dotado de uma cozinha totalmente equipada e de áreas de refeições (Figura 5).

Figura 5: Interior do restaurante.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Paralelamente, o Bar foi meticulosamente projetado para abrigar uma série de características distintas, incluindo um setor reservado para acomodação de barris de cerveja, um palco multifuncional destinado à realização de eventos e um espaçoso salão destinado ao acolhimento dos frequentadores. Destaca-se que, de maneira inovadora, a estrutura de cozinha é compartilhada entre o Restaurante e o Bar, estabelecendo assim, uma colaboração funcional que se estende para além das atividades de preparação de alimentos. Adicionalmente, a cozinha desempenha um papel importante como local de capacitação gastronômica, permitindo que se promova a disseminação do conhecimento culinário e o aprimoramento das habilidades gastronômicas, contribuindo, assim, para uma dimensão adicional de interação social e aprendizado na experiência oferecida pelo estabelecimento (Figura 6).

Figura 6: Interior do bar. Detalhe para o vão que conecta os dois ambientes.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Outra decisão importante foi a conversão da edificação em estado de ruína em uma passagem pública sob um deck utilizado como área de mesas para o restaurante. A solução do deck, junto a uma estrutura de cobogós interligados por vigas metálicas, buscam emular a volumetria original da edificação sem reconstituí-las literalmente (figura 7).

Figura 7: Vista interna do espaço de passagem e *deck* elevado do restaurante, com detalhe para a solução de elemento vazado que faz referência à cobertura original perdida.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Essa decisão, em conjunto com a implantação de uma cobertura ondulada nos fundos das edificações, buscam aumentar a integração da Rua Rosário di Lorenzo e das edificações com a praça, com a intenção de permitir mais formas de apropriação do espaço público e melhores relações entre espaço público e privado, fator importante para a urbanidade (Figura 8).

Figura 8: Visão aérea das fachadas voltadas para a praça e sua relação com o espaço público.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

- **Ateliê:** No âmbito do ateliê, a estratégia delineada visou a concepção de um espaço multifuncional com vistas a possibilitar tanto a produção quanto a comercialização de produtos intrinsecamente vinculados à economia criativa. Esse espaço foi adequadamente equipado para atender às necessidades específicas dessa empreitada, incluindo a disponibilidade de estoque, instalações sanitárias, um espaçoso salão de trabalho e uma loja destinada à exposição e venda de produtos criativos. Cabe ressaltar que a seleção dos produtos artesanais a serem produzidos e comercializados no Ateliê é criteriosamente definida com base em critérios que enfatizam a autenticidade e a singularidade das criações, reforçando, assim, a conexão direta com os princípios fundamentais da economia criativa. Dentre os produtos escolhidos, exemplificam-se a renda renascença, o artesanato elaborado a partir de redes de pesca e escamas de peixe, assim como a tecelagem, entre outros (Figura 9).

Figura 9: Interior do Ateliê.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

A escolha desses produtos artesanais se justifica pela sua capacidade inata de incorporar elementos culturais, tradicionais e inovadores, possibilitando a expressão criativa dos artesãos locais. Ademais, esses produtos frequentemente carregam consigo histórias e técnicas ancestrais, o que enriquece o seu valor cultural e artístico. Portanto, a seleção estratégica de tais artesanatos, pela sua conexão intrínseca com a economia criativa, promoverá uma sinergia harmoniosa entre a tradição local, a criatividade contemporânea e o potencial de mercado, consolidando a proposta do Ateliê como um catalisador de desenvolvimento e expressão cultural.

Essas estratégias combinadas visam integrar a preservação histórica, a capacitação e a economia criativa em um conjunto histórico-arquitetônico restaurado (Figura 10), contribuindo significativamente para o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade local.

Figura 10: Vista aérea mostrando a fachada voltada para a R. Rosário di Lorenzo. Detalhe para a preservação dos elementos históricos e o respeito às marcas de passagem do tempo.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Ambiência Criativa

A ambiência criativa, enquanto conceito crucial na contemporaneidade, engloba o estabelecimento de ambientes que fomentam a manifestação da criatividade, a interação entre pessoas e a geração de ideias inovadoras. Está intrinsecamente ligada à concepção de espaços físicos e virtuais que estimulam a criatividade e o pensamento divergente. Trata-se de um elemento fundamental no projeto Rede Amoré, pois em sua proposta busca-se criar um ambiente propício para a inovação, colaboração e expressão artística. A

inspiração para essa ambiência provém da rica cultura e tradições da comunidade do Porto do Capim, que foram incorporadas ao espaço, de forma a preservar a identidade local e estimular a criatividade.

No Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), por exemplo, a ambiência criativa se manifesta na forma de espaços acolhedores e inspiradores. A decoração e os materiais utilizados refletem as práticas artesanais locais, como as rendas e as redes de pesca, criando uma atmosfera que valoriza as habilidades e a cultura da comunidade. Isso não apenas proporciona um ambiente agradável para os usuários, mas também tem capacidade de promover um senso de pertencimento e orgulho em relação à sua herança cultural (Figuras 11 e 12).

Figura 11: Acesso à edificação, com espaço livre pensado para exposição de objetos de arte local.



Fonte: desenvolvido pelos autores

Figura 12: Área de convivência, com espaços de descanso e uso de materiais e técnicas que remetem à cultura do Porto do Capim, como deck de madeira e objetos de artesanato têxtil.



Fonte: desenvolvido pelos autores

Na Incubadora, a ambiência criativa é fomentada através da disposição do espaço. Salas de reunião colaborativas, um ambiente de coworking com computadores e áreas flexíveis para trabalho em equipe incentivam a troca de ideias e o desenvolvimento de projetos inovadores (Figuras 13 e 14). A presença de elementos visuais que celebram a cultura local, como murais de arte e exposições de artistas da comunidade, contribui para criar um ambiente inspirador que estimula a criatividade.

Figura 13: Interior das salas de trabalho da incubadora de startups, com divisórias em vidro: interação visual e flexibilidade.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Figura 14: Possibilidade de layout flexível do auditório a partir da abertura total das divisórias móveis.



Fonte: desenvolvido pelos autores.

O Ateliê é outro exemplo de como a ambiência criativa está presente no projeto. Espaços destinados à produção de produtos relacionados à economia criativa são projetados de forma a favorecer a experimentação e a criação artística. Oficinas e workshops são realizados regularmente, incentivando a comunidade a explorar sua criatividade e habilidades.

Em resumo, a ambiência criativa no projeto Rede Amoré é uma parte intrínseca da sua abordagem de revitalização. Ela não apenas honra a cultura local, mas também serve como catalisadora para o desenvolvimento de ideias inovadoras e o fortalecimento da comunidade, promovendo um ambiente onde a criatividade pode florescer e prosperar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao priorizar a preservação da continuidade histórica do conjunto de edifícios situado no Bairro do Varadouro e sua recuperação físico-funcional com espaços propícios para a economia criativa, o projeto demonstra uma compreensão da interconexão entre a preservação do patrimônio cultural e o estímulo ao desenvolvimento econômico e social local.

O enfoque na preservação não se limita apenas a uma restauração física, mas envolve a requalificação do conjunto edificado para que ele possa continuar economicamente ativo ao recorrer à economia criativa como agente de transformação da paisagem urbana, do contexto social e econômico, e da construção de uma

identidade cultural vibrante. As intervenções propostas pelo grupo 3 composto por Alícia Kristhine, Ian Costa, Luciana Beatriz, Magnus Pellense e Paulo Trajano refletem uma visão inovadora, pois não se restringem a um resgate histórico passivo, mas buscam reabilitar esses espaços como centros de criatividade, aprendizado e empreendedorismo ao valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais da área. Ao criar oportunidades para a economia criativa florescer, o projeto contribui para o desenvolvimento sustentável do Centro Histórico de João Pessoa. Além disso, ao oferecer espaços de lazer e aprendizado à comunidade local, o projeto promove a inclusão social e a requalificação da região.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cidadania. (2009). *Orientações Técnicas do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf. Acesso em: 29 de out de 2023.

BONDUKI, Nabil. *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColArq3_Intervencoes_Urbanas_na_Recuperacao_de_Centros_Historicos_m.pdf. Acesso em 31 de out de 2023.

CANDAU, Joël. *Mémoire et identité*. Paris: PUF, 1998

ICOMOS. *Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios*. 2. ed. Paris: ICOMOS, 1964.

PREFEITURA DO RECIFE. *Recife abre primeiro shopping sociocultural do Brasil*. Publicado em 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.jornalnacional.com.br/noticia/evolucao-das-energias-renovaveis>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

ROSSI, Pedro. Pare, olhe e escute. O Porto do Capim resiste! *Brasil de fato*, 31 ago. 2019. Disponível em: <https://www.brasildfatopb.com.br/2019/08/31/artigo-or-pare-olhe-e-escute-o-porto-do-capim-resiste> Acesso em: 1 de outubro de 2023.

SILVA, Clemer Ronald da. *Requalificação de patrimônio Industrial no Centro Histórico de João Pessoa: Antiga Fábrica Sanhauá 2022*. 243 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

ILUMIARAS: UMA EXPERIÊNCIA DE ATELIÊ VIRTUAL DE PROJETO EM ÁREAS DE VALOR PATRIMONIAL

ILUMIARAS: UNA EXPERIENCIA DE TALLER DE DISEÑO VIRTUAL EN ÁREAS DE VALOR PATRIMONIAL

ILUMIARAS: A VIRTUAL DESIGN WORKSHOP EXPERIENCE IN AREAS OF HERITAGE VALUE

RODRIGUES, GABRIELA VARGAS

Mestre e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Paraíba, vargasrodriguesgabriela@gmail.com

FERNANDES, RAMON BEZERRA

Mestrando de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ramon.bfbezerra@gmail.com

TEIXEIRA, JONAS RAFAEL MELO

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, jonas.rafaelmelo@ufpe.br

NOGUEIRA, ISADORA HELENA

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, ihn@academico.ufpb.br

COLQUE, ANA CAMILLE CARVALHO

Estudante de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, ana.colque@academico.ufpb.br

RESUMO

O ateliê virtual denominado "International Virtual Architectural Design Studio - IVADS", ocorrido durante o 11º Seminário Internacional Projetar 2023, teve a intenção de desenvolver um concurso de ideias com foco em intervenções em preexistências de valor patrimonial seguindo os princípios da criação de espaços para a economia criativa. Este artigo descreve o progresso de uma das equipes, a Equipe "Ilumiaras", teve como objetivo central intervir em bens edificados de valor cultural do centro histórico da cidade de João Pessoa-PB com o intuito de valorizar a comunidade local como ferramenta de desenvolvimento socioeconômico e de preservação do patrimônio do sítio. A equipe reuniu alunos de Arquitetura e Urbanismo no contexto da graduação e da pós-graduação, além de docentes provenientes das Universidades Federais da Paraíba (UFPB), de Pernambuco (UFPE), do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade de Lisboa (ULisboa). Nesse sentido, o processo projetual foi marcado pela conceituação desde a escolha do nome da equipe até o partido do projeto; discussões sobre o referencial teórico utilizado e o foco nos valores e virtudes do local que o objeto de estudo está inserido; e desenvolvimento da proposta, explicitando as limitações e competências constatadas. Esse projeto contribuiu para as discussões sobre a formulação de ideias propositivas em equipes colaborativas multi institucionais e sobre a prática projetual em áreas de valor patrimonial, além do foco em projetar para incentivar a economia criativa. A equipe Ilumiaras concluiu que o concurso propiciou uma melhor compreensão de processo de projeto para concursos, com suas limitações e desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Economia criativa; Preservação; Intervenção em preexistências; Ateliê de projeto; João Pessoa-PB.

RESUMEN

El estudio virtual denominado "Estudio Virtual Internacional de Diseño Arquitectónico - IVADS", que se llevó a cabo durante el XI Seminario Internacional Projetar 2023, tuvo como objetivo desarrollar un concurso de ideas centrado en intervenciones en preexistencias de valor patrimonial siguiendo los principios de creación de espacios para la economía creativa. Este artículo describe la marcha de uno de los equipos, el Equipo "Ilumiaras", cuyo objetivo central fue intervenir edificios de valor cultural en el centro histórico de la ciudad de João Pessoa-PB con el objetivo de valorar la comunidad local como un herramienta para el desarrollo socioeconómico y la preservación del patrimonio del sítio. El equipo reunió a estudiantes de Arquitectura y Urbanismo en el contexto de estudios de pregrado y posgrado, así como a profesores de las Universidades Federales de Paraíba (UFPB), Pernambuco (UFPE), Río Grande do Norte (UFRN) y la Universidad de Lisboa (ULisboa). En este sentido, el proceso de diseño estuvo marcado por la conceptualización, desde la elección del nombre del equipo hasta la parte del proyecto; discusiones sobre el marco teórico utilizado y el enfoque en los valores y virtudes del lugar donde se ubica el objeto de estudio; y desarrollo de la propuesta, explicando las limitaciones y competencias encontradas. Este proyecto contribuyó a los debates sobre la formulación de ideas propositivas en equipos colaborativos multiinstitucionales y sobre la práctica del diseño en áreas de valor patrimonial, además del enfoque en el diseño para fomentar la economía creativa. El equipo de Ilumiaras concluyó que el concurso proporcionó una mejor comprensión del proceso de diseño de los concursos, con sus limitaciones y desafíos.

PALABRAS CLAVES: Economía creativa; Preservación; Intervención en preexistencias; Estudio de diseño; João Pessoa-PB.

ABSTRACT

The virtual studio called "International Virtual Architectural Design Studio - IVADS", which took place during the 11th International Projectar Seminar 2023, had the intention of developing a competition of ideas focusing on interventions in pre-existences of heritage value following the principles of creating spaces for the economy creative. This article describes the progress of one of the teams, the "Ilumiaras" Team, whose central objective was to intervene in buildings of cultural value in the historic center of the city of João Pessoa-PB with the aim of valuing the local community as a tool for socioeconomic development. and preservation of the site's heritage. The team brought together students of Architecture and Urbanism in the context of undergraduate and postgraduate studies, as well as professors from the Federal Universities of Paraíba (UFPB), Pernambuco (UFPE), Rio Grande do Norte (UFRN) and the University of Lisbon (ULisboa). In this sense, the design process was marked by conceptualization, from choosing the team name to the project party; discussions about the theoretical framework used and the focus on the values and virtues of the place where the object of study is located; and development of the proposal, explaining the limitations and competencies found. This project contributed to discussions on the formulation of propositional ideas in multi-institutional collaborative teams and on design practice in areas of heritage value, in addition to the focus on designing to encourage the creative economy. The Ilumiaras team concluded that the competition provided a better understanding of the design process for competitions, with its limitations and challenges.

KEYWORDS: Creative economy; Preservation; Intervention in pre-existences; Design studio; João Pessoa-PB.

Recebido em: 24/11/2023

Aceito em: 02/12/2023

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é decorrente do processo de projeto realizado no workshop virtual *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS 2023*, integrado às atividades do 11º Seminário Internacional Projectar, e que desenvolveu um concurso de ideias com foco em intervenções em preexistências de valor patrimonial seguindo os princípios da criação de espaços para a economia criativa. Esta experiência de Ateliê de projeto teve duração de dez dias, iniciado com palestras de especialistas da área de Intervenção ao Patrimônio e incentivo a economia criativa. Concomitante às palestras, era incentivado que as equipes de projeto iniciassem o processo projetual proposto. No decorrer deste artigo será descrito o desenvolvimento da Equipe "Ilumiaras", que teve como objetivo central intervir em bens edíficos de valor cultural do centro histórico da cidade de João Pessoa-PB com o intuito de valorizar a comunidade local como ferramenta de desenvolvimento socioeconômico destacando a Economia Criativa e de preservação do patrimônio do sítio.

O desenvolvimento da proposta de intervenção se deu a partir da iniciativa conduzida por uma equipe composta por estudantes de Arquitetura e Urbanismo, tanto no nível da graduação quanto de pós-graduação, provenientes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade de Lisboa (ULisboa). Outrossim, a equipe contou com orientação dos professores Carolina Oukawa (UFPB), Clara Ovídio (UFRN) e Paulo Almeida (ULisboa), além do auxílio dos monitores e autores deste artigo, Gabriela Vargas (UFPB) e Ramon Fernandes (UFRN). O desenvolvimento deste projeto enfatizou uma abordagem colaborativa, que se revelou essencial para facilitar a comunicação e a cooperação entre os membros da equipe. Ela utilizou reuniões virtuais, realizadas via Google Meet, e interações síncronas e assíncronas, fazendo uso de uma plataforma de lousa digital online chamada "Miro".

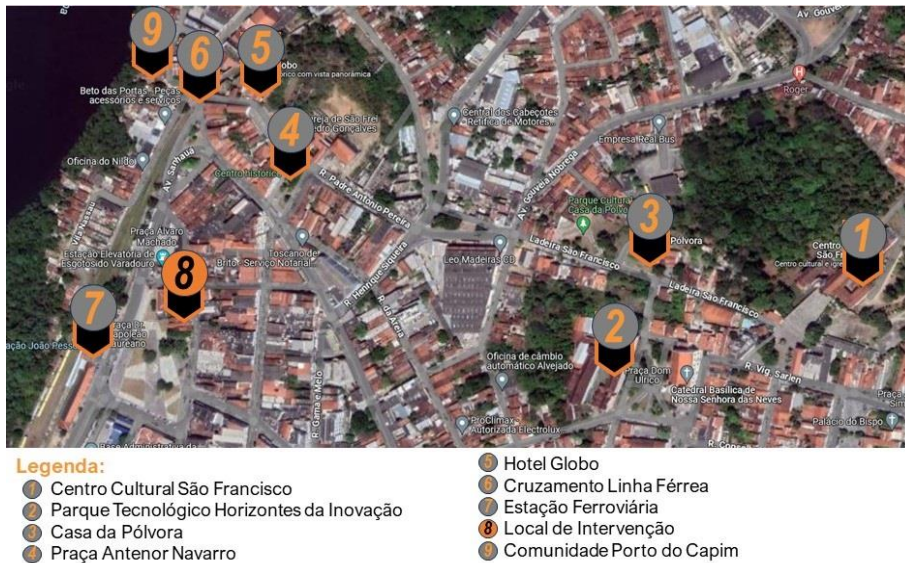
O projeto em questão, ao se deparar com a temática da intervenção em preexistências de valor patrimonial, reforça a discussão quanto às formas de intervenção e preservação de bens arquitetônicos, de modo a respeitar sua materialidade e perpetuar seu testemunho e valores patrimoniais inerentes. Sendo assim, é imprescindível que ações de salvaguarda sejam realizadas em áreas de interesse histórico, para incentivar a discussão do papel social desses bens no local que estão inseridos e sua significância cultural. Dessa forma, deve-se ter em mente que cada caso necessita ser analisado de modo particular, associado às recomendações e cartas patrimoniais. Logo, apoiada na citação de Carbonara (2011), a proposta está associada com a ideia de que a restauração é uma busca pelo equilíbrio e pela harmonia, entre o novo e o antigo. Quando salienta,

"[...] que caminho tomar na restauração? Não se trata de apreciar, por uma questão de compromisso, a verdade que "está no meio", mas de considerar que a própria história da restauração, por sua própria natureza, oscila entre os dois extremos, explicados de diversas maneiras, na reflexão teórica, como uma dialética entre as duas instâncias, a histórica e a estética, entre conservação e inovação. Mas aqui, realmente, a verdade (se podemos falar de verdade) está no meio, enquanto oscila e se aproxima, caso a caso, ora de um ponto ora a outro (devido ao contexto, à extensão e ao tipo de dano, intencionalidade com base na qual a ação foi tomada etc.). **A restauração é uma questão de equilíbrio e medida: é mais escuta do que fala ou proposição.**" (Carbonara, 2011, p.100, tradução e grifo nosso).¹

Inicialmente, a equipe realizou uma visita ao entorno com o intuito de compreender e conhecer melhor o espaço de intervenção. O roteiro da visita pode ser visto na Figura 1. Onde iniciou-se no Centro Cultural São Francisco, seguido pelo Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, a Casa da Pólvora, a Praça Antenor Navarro, o Hotel Globo, o Cruzamento da Linha Férrea, a Estação Ferroviária, chegando no local onde foi feita a intervenção. Para a compreensão também de quem seria o principal público-alvo da área do projeto,

foi adentrada a comunidade do Porto do Capim, onde surgiram muitas inspirações e aspirações para o projeto de intervenção.

Figura 1: Entorno imediato e área de intervenção do projeto.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Reforçando o objetivo do projeto, como o do artigo de Vilas Boas, sendo desenvolver “uma reflexão sobre a relação entre as pessoas e a cidade, através da perspectiva da manutenção das manifestações e dos lugares evocativos da cultura e da identidade de um grupo” (VILAS BOAS, 2012, p. 02). Através do incentivo e promoção de lugares que reforçassem a importância da relação da comunidade com a cidade e vice-versa transcendendo o simples aspecto físico e arquitetônico. É proposto um local onde a escuta atenta das necessidades da comunidade e a compreensão das nuances do centro histórico de João Pessoa sejam priorizadas. A intenção é não apenas preservar o patrimônio histórico, mas também revitalizá-lo de forma a atrair a população local (especialmente a comunidade do Porto do Capim), promover a economia criativa e, assim, alcançar resultados significativos que beneficiem tanto a herança cultural da cidade quanto o bem-estar da comunidade, restaurando não apenas edifícios, mas também a conexão das pessoas com sua história e criatividade.

Para tal, é importante salientar o intuito de manter clara a distinção do velho com o novo, fazendo uma alusão entre o histórico e o atual, uma homenagem e um tributo ao passado, mesmo enquanto projeta-se o futuro. Isso ilustra que a arquitetura deve transcender as eras, ao contrário de nós, que eventualmente partiremos, enquanto aquilo que erguemos permanece como um legado duradouro para as gerações que nos sucederão. Dessa forma, o objetivo do artigo é apresentar o processo de projeto e a proposta final da Equipe Ilumiaras para o IVADS 2023, identificando as metodologias escolhidas; a conceituação desde a escolha do nome da equipe até o partido do projeto; as discussões sobre o referencial teórico utilizado e o foco nos valores e virtudes do local que o objeto de estudo está inserido; e o desenvolvimento da proposta, explicitando as limitações e competências constatadas. Esse projeto, assim como a proposta do evento, pretende contribuir para as discussões sobre a formulação de ideias propositivas em equipes colaborativas multi institucionais, mas também sobre a prática projetual em áreas de valor patrimonial. A partir disso, no próximo capítulo a discussão parte com a formulação do nome da equipe, sendo a premissa e motivação inicial da equipe.

2 NOME DA EQUIPE

Para início da experiência de Ateliê virtual de projeto, foi incentivado que as equipes elegessem um nome de identificação, que trouxesse uma alusão às intenções de projeto. A escolha do termo "Ilumiaras" para nomear foi justificada pelo seu significado intrínseco e sua conexão com a rica herança cultural de Ariano Suassuna e do Movimento Armorial. Ao adotar esse termo, buscamos capturar a essência de locais que emanam uma energia criadora e promovem a celebração da cultura e a construção intelectual conjunta. Além disso, ao mencionar a diversidade de origens e habilidades artísticas dos membros da equipe, ressaltamos a natureza inclusiva e colaborativa do grupo, alinhando-se com o conceito original de "Ilumiaras" de Suassuna. Dessa

forma, o nome da equipe não apenas presta homenagem à tradição cultural, mas também reflete seus valores fundamentais de criatividade e colaboração.

O surgimento da palavra “Ilumiaras” vem do conceito das itaquatiaras que são monumentos ancestrais em pedra esculpidas ou pintadas e normalmente feitos perto de córregos de água. O escritor Ariano Suassuna começou usando esse termo para designar os anfiteatros ancestrais que enxergava nos conjuntos de lajedos brasileiros em cujo centro há uma “itaquatiara”. Suassuna identificava neles a potência de lugares que unem espiritualidade e arte. Uma descrição dessa primeira maneira de uso da palavra “ilumiara” está no seguinte trecho, de um artigo originalmente publicado na década de 1970:

Ilumiaras são anfiteatros ou conjuntos - de - lajedos, esculpidos ou pintados há milhares de anos pelos antepassados dos índios Carirys no sertão do Nordeste brasileiro, e que, como “A Pedra do Ingá”, na Paraíba, foram lugares de cultos. Por isso, normalmente têm como núcleo uma Itaquatiara, isto é, um Monólito - central, lavrado por baixos-relevos ou decorados por pinturas rupestres (Suassuna, 2008, p.253).

Para o desenvolvimento da experiência de projeto, além da apropriação do nome “Ilumiaras” foi elaborado uma identidade visual que simboliza o nome da equipe e traz elementos do movimento e da cultura local, conforme a Figura a seguir:

Figura 2: Elaboração do logotipo da equipe.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O conceito e o partido do projeto tiveram como premissa o incentivo às preexistências, tanto arquitetônicas quanto culturais locais. Utilizou-se de um projeto de intervenção a uma edificação pertencente ao patrimônio histórico da cidade de João Pessoa - PB, através de uma arquitetura que pudesse materializar e promover a economia criativa local feita por moradores da comunidade do Porto do Capim. Este ponto será mais aprofundado no capítulo seguinte.

3 CONCEITO E PARTIDO

O processo de desenvolvimento do projeto de revitalização do espaço teve seu início com uma análise criteriosa do contexto envolvente. A equipe realizou uma avaliação minuciosa das características do entorno, destacando pontos de referência como o Porto do Capim, o Hotel Globo, o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) e outros edifícios históricos da localidade. Essa atividade de análise constou em uma visita no espaço demonstrada na Figura 1 e levantamento fotográfico local, apresentado na Figura 3. Adiante, foi criada uma nuvem de palavras (Figura 4) que remetesse a região para que fossem criados os primeiros esboços mentais das possíveis intervenções, na qual se destacou a importância de enaltecer e preservar a cultura local.

Figura 3: Conjunto do levantamento fotográfico realizado pela equipe.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Figura 4: Nuvem de palavras sobre o entorno e a intervenção.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A principal missão do projeto foi direcionada à identificação das necessidades da comunidade e à exploração das oportunidades de revitalização que poderiam atrair e conectar ativamente a população. O objetivo primordial era conceber um espaço multifuncional que não somente preservasse o rico patrimônio histórico, mas também estimulasse a economia criativa, gerando renda, movimentação e proporcionando opções de lazer. Para alcançar tal propósito, a equipe conduziu um processo de questionamento fundamental, respondendo às perguntas: O que exatamente atrai as pessoas a um espaço? Quais são suas principais demandas e desejos? As respostas serviram como alicerce para a definição de uma lista de usos diversificada e abrangente.

A equipe determinou, a partir das respostas a essas perguntas, que o projeto deveria ser concebido de forma a acomodar uma ampla gama de espaços e usos. Para isso, analisou-se a necessidade de criação de ambientes de permanência para a comunidade do Porto do Capim. Assim sendo, o projeto incorporaria um

restaurante que não apenas serviria refeições, mas também se destacaria como um local de experimentação culinária e venda de alimentos de produtores locais, já que a comunidade é caracterizada por pescadores e catadores de caranguejo. Adicionalmente, foram planejados espaços destinados a artesãos, que poderiam exibir e comercializar suas criações, além de áreas destinadas a apresentações culturais. O projeto também abraçou a educação e o entretenimento, reservando áreas para aulas de música, dança, idiomas e culinária, além de um espaço multimídia versátil, compreendendo auditórios, áreas de exposições e oficinas educacionais.

A intervenção arquitetônica da equipe Ilumiaras tem como principal objetivo fortalecer a permanência e a importância da comunidade do Porto do Capim, uma comunidade popular que luta para preservar sua história e riqueza cultural como parte vital da cidade de João Pessoa. A proposta vai além da revitalização de uma edificação de valor patrimonial próxima; ela busca transformá-la em um epicentro multifuncional que desempenha um papel fundamental na geração de renda para a comunidade e na promoção de sua valorização.

O projeto foi concebido para promover um crescimento sustentável, destacando e valorizando as habilidades e talentos da comunidade. Sendo a região nordeste reconhecida nacionalmente como celeiro da criatividade brasileira, seu potencial turístico, seu empreendedorismo tecnológico, riqueza e diversidade de seu patrimônio material e imaterial exemplificam a criatividade, mas, ironicamente, os governos não transformam essa criatividade em ativos estratégicos para suas economias e continuando então a ser reconhecida pelos seus baixos índices de desenvolvimento humano (Leitão, *et al.*, 2011, p. 07). Dessa maneira, pretende-se estabelecer um ciclo virtuoso de trabalho e renda que consolide a presença e vitalidade da comunidade do Porto do Capim.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2023) a comunidade ocupa o local onde, em 1585, nasceu a cidade de João Pessoa, à margem direita do Rio Sanhauá. Já foi um cenário de fartura da cidade em razão da atividade pesqueira e agricultura. Entretanto, com a mudança do porto para o município de Cabedelo, devido ao assoreamento do Rio Paraíba, iniciou-se a decadência econômica da área. É caracterizada, atualmente, por ser um espaço segregado, na qual carecem creches, políticas de assistência à saúde, moradia digna, entre outros. Nesse sentido, desde meados dos anos 80 a região tem sido foco para projetos de exploração turística, que foi fortalecido, principalmente, após o tombamento do centro histórico de João Pessoa pelo IPHAN. Desde então, a coletividade tem vivido sob risco de remoção pela prefeitura, que acusa os moradores pela degradação ambiental da área. Esse argumento não se sustenta porque a vida cotidiana da população e suas relações com o rio/manguezais resultaram na preservação dos mesmos. Apesar dos descasos, a comunidade do Capim, resiste através de uma vida comunitária rica, que pulsa através da arte, da cultura e do peso da história local (Iphan, 2023).

Figura 5: Protesto realizado contra a ordem de despejo da comunidade do Porto do Capim, 2019.



Fonte: Brasil de fato, 2019.

A partir disso, o conceito arquitetônico escolhido para o projeto é o de "conexão", pensando no sentido micro para o macro: da edificação com o entorno, do espaço com as pessoas, das pessoas com a cultura, enfatizando, assim, a importância de preservar tradições e história, ao mesmo tempo em que fomenta a expressão artística e a economia criativa da comunidade.

A economia criativa por sua vez significa para o autor Howkins (2013):

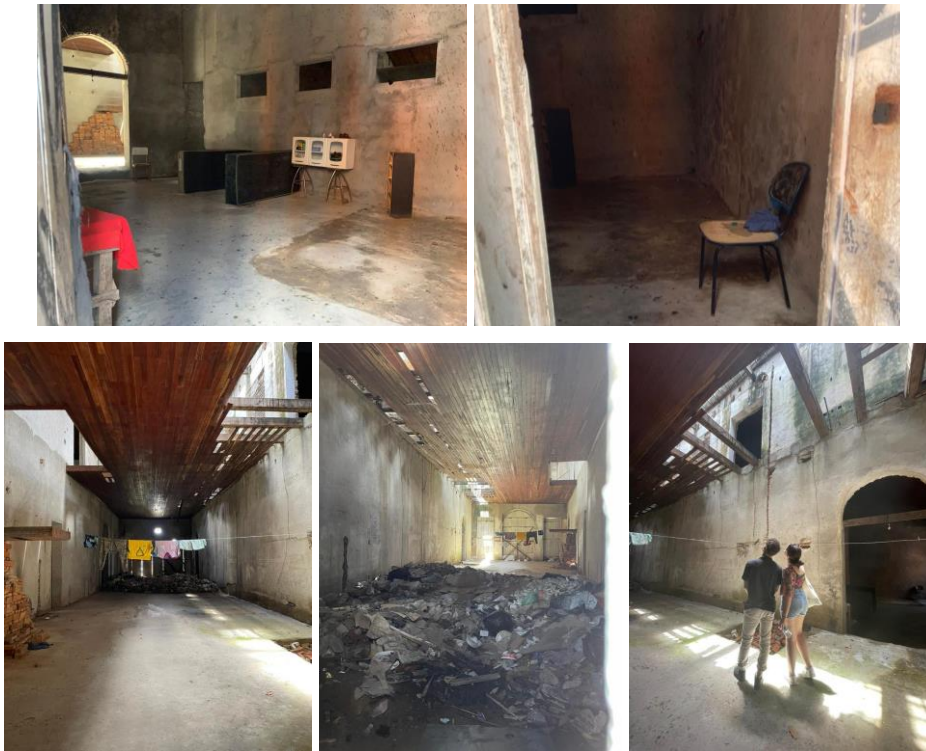
produção por parte de uma ou mais pessoas, de ideias e invenções que são pessoais, originais e significativas. Ela é um talento, uma aptidão. Ela ocorrerá toda vez que uma pessoa disser, realizar ou fizer algo novo, seja no sentido “algo a partir do nada” ou no sentido de dar um novo caráter a algo já existente. A criatividade ocorre independentemente de esse processo levar ou não a algum lugar; ela está presente tanto no pensamento quanto na ação (Howkins, 2013, p. 13).

Com essas informações conceituais foi possível esboçar ideias da proposta de projeto, apresentado no próximo capítulo deste artigo.

4 ESTUDO PRELIMINAR

A visita exploratória realizada no centro histórico e apresentada nas Figuras anteriores neste artigo finalizou com uma visita exploratória também na edificação onde a intervenção foi proposta. Na Figura 6 serão apresentadas algumas imagens do estado de conservação interna da edificação. No dia da visita conversamos com moradores da redondeza e descobrimos que havia uma família utilizando-se do espaço edificado como residência (isso fica evidente nas imagens), mas que não estavam mais sendo vistos pois haviam tido problemas com a justiça.

Figura 6: Imagens internas da do espaço de intervenção.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

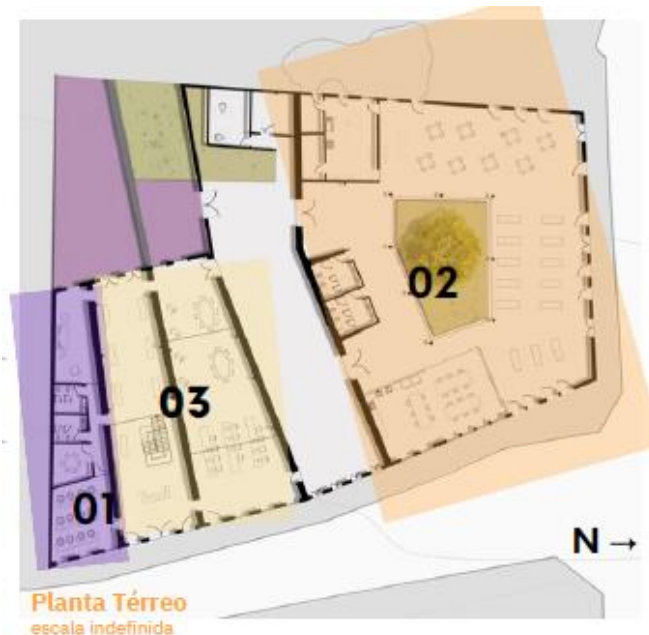
Essa vivência possibilitou o melhor entendimento do espaço e foi iniciado o processo de materialização projetual para assegurar a eficiência e a funcionalidade do espaço, o projeto foi minuciosamente setorizado, com áreas especificamente designadas para atender às diversas necessidades e atividades. A setorização contemplou espaços para gastronomia, exposições, ensino, áreas flexíveis e espaços permanentes.

5 PROGRAMAÇÃO ARQUITETÔNICA

Sustentando o partido arquitetônico adotado para o projeto, que baseia-se no conceito de "conectar por meio dos sentidos", traduzido como arquitetura multissensorial. A proposta visa criar espaços que estimulem e envolvam todos os sentidos, proporcionando uma experiência multissensorial única, dado que, “A boa arquitetura oferece formas e superfícies moldadas para o toque prazeroso dos olhos” (Pallasmaa, 2009, p. 42). A ideia é que as pessoas que frequentam os espaços possam sentir, ouvir, ver, cheirar e até mesmo provar diferentes elementos do ambiente de forma integrada. Para alcançar esse objetivo, o projeto se

concentra na criação de espaços flexíveis que permitem a experimentação conjunta dos sentidos. Os ambientes são setorizados de acordo com os sentidos envolvidos nas atividades neles realizadas. O objetivo é não apenas criar espaços funcionais, mas também proporcionar uma experiência sensorial enriquecedora que estimule a criatividade e a interação social.

Figura 7: Setorização de projeto.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Para atingir essas metas, o projeto foi dividido em três eixos principais: o 01 Eixo Audiovisual, o 02 Eixo Gastronômico e o 03 Eixo Artesanato. Os eixos foram escolhidos a partir de um diagnóstico da área, detectando os usos que já existiam no local, pretendendo assim potencializá-los. Por se tratar de uma área já consolidada, mas que carece de atenção e de uso. Promovendo um maior envolvimento da comunidade com a proposta, dada a diversidade de sensações e experiências que os visitantes e membros da comunidade podem vivenciar no espaço. O requisito do valor de uso desses bens é de suma importância, dado o fortalecimento do papel social desses bens e da identidade do local pela própria comunidade. Como reforça Campanelli (2005, p.22, tradução nossa)², “o que salvará aquele local do abandono ou do vandalismo será apenas o potencial de atração que exercerá sobre a comunidade que o guarda que, se sentir seu encanto, poderá preservar não apenas suas estruturas, mas também sua memória”³. Logo, a partir dos eixos, o programa da intervenção se deu na promoção de espaços que facilitassem o desenvolvimento das atividades sem deixar de lado os princípios metodológicos de intervenções em preexistência, devendo o programa se adequar ao espaço disponível. A seguir há a explicação mais detalhada do que se refere cada eixo, enfatizando que todos tem como premissa o incentivo à economia criativa local. Para a proposta de intervenção foi buscado o aproveitamento do pé-direito das edificações, que possui cerca de 9,50m do piso à cumeeira, para a alocação dos usos.

Desse modo, o térreo apresenta um pé-direito de 4,60m e evidencia a nova estrutura, que foi adossada nas paredes existentes a fim de permitir a independência entre os dois sistemas estruturais e priorizou-se a utilização de estruturas metálicas, visto que elas garantem agilidade na execução e facilitam a reversibilidade da intervenção, “já que a intervenção feita hoje, pode não ser a melhor solução ou compreensão no futuro” (CARMO, et. al, 2016):

Eixo Audiovisual

Centrado no conceito de Conexão do projeto, a proposta permite que o espaço seja flexível para atividades diversas. Ele foi disposto com ambientes que incentivam a educação tecnológica para a comunidade, sendo um espaço de produção e fomento ao conhecimento. Apresenta salas de informática e lugares para oficinas. Além disso, o espaço externo foi previsto para acontecer exposições, que podem ser projetadas na fachada cega da edificação, visando a conexão entre a comunidade. Justificado pela necessidade de valorização da cultural local.

Figura 8: Perspectiva da projeção em parede cega.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Eixo Gastronômico

Entende-se que o perfil da comunidade local é formado por pescadores e catadores de caranguejo. Por isso, esse eixo visa dar destaque às atividades da comunidade, criando oportunidades de conhecimento sobre a região e as riquezas ali produzidas. Conta com uma área de mercado, salas de oficina e produção alimentar e cozinha.

Eixo Artesanato

Justificado pela necessidade de espaços de exposição e celebração da cultura local. Busca não apenas valorizar, mas também, criar espaços de memória e identidade para a população residente e para quem a visita. Nesse sentido, intenciona-se estimular ambientes que favoreçam a permanência da comunidade, sendo um importante recurso gerador de renda. Tem destaque para um grande espaço de exposição, que serão ofertados objetos feitos em cerâmica, renda renascença, algodão colorido, entre outros. Entende-se que esses espaços além de fomentar a comercialização, são propícios para a troca de conhecimentos, onde quem visita o local - ao observar as exposições - pode se aproximar de quem produz - ao conhecer os produtores nas oficinas propostas.

Figura 9: Colagem esquemática das intenções projetuais do grupo.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Para questão da experiência de Ateliê de projeto as equipes foram incentivadas a entregarem 04 pranchas A3 com os resultados da proposta. Estas pranchas foram analisadas por professores especialistas que avaliaram a importância do processo projetual e a pertinência dos resultados com a proposta do Ateliê, que era de desenvolver uma intervenção ao patrimônio da cidade fortalecendo a Economia Criativa da região. Os projetos foram premiados em primeiro, segundo e terceiro lugar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

Como experiência o workshop virtual *International Virtual Architectural Design Studio - IVADS 2023*, integrado às atividades do 11º Seminário Internacional Projetar, fomentou encontros com diversos alunos de contextos, experiências e linguagens diferenciadas promovendo uma compreensão maior do processo de projeto. Promoveram também entendimento das potencialidades e desafios de um Ateliê Virtual de Projeto, em um tempo curto, experienciando como funciona um concurso de projeto.

Foram encontrados desafios no decorrer desses dez dias síncrono e assíncrono de projeto que foram desde a não experiência dos estudantes com os softwares de uso na arquitetura, o anseio de não estar cumprindo às expectativas, a dificuldade de entrosamento com os outros não conhecidos da equipe, o anseio de pedir auxílio aos pares, monitores e professores, a rapidez do processo de projeto a procrastinação intencional ou não de entregas acadêmicas.

Acredita-se que a troca de experiências em diferentes contextos possibilitou que a proposta pudesse abranger as subjetividades dos participantes em diferentes esferas. A apresentação dos projetos fez com que a ideia de pluralidade de soluções para um mesmo contexto fosse alcançada de maneira satisfatória. A maior dificuldade encontrada foi no entendimento da proposição e na seleção do que iria compor as ambiências criativas da equipe. Nessa perspectiva, as trocas foram claras e harmoniosas entre a equipe.

7 REFERÊNCIAS

- Brasil de fato. *A comunidade do Porto do Capim e a sua luta*. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/02/a-comunidade-do-porto-do-capim-e-a-sua-luta/>>. Acesso em 20 nov. 2023.
- CAMPANELLI, Adele. Sito archeologico o "luogo della storia"? Alcuni esperimenti di musealizzazione in corso in Abruzzo. In VARAGNOLI, Claudio. *Conservare il passato. Metodi ed esperienze di protezione e restauronei siti archeologici, cura degli atti del convegno*. (Chieti-Pescara, 25-26 settembre 2003), Roma: Gangemi Editore, 2005, p.19-52. .88-492-0836-7.
- CARBONARA, Giovanni. *Architettura d'oggi e restauro: un confronto antico-nuovo*. Torino: UTET Scienze Tecniche, 2011. 181 p. .978-88-598-0629-5.
- CARMO, Fernanda Heloísa do et al. Cesare Brandi: uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia. *Arquitextos*, v. 16, 2016.
- HOWKINS, J. *Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). *Patrimônio Material - PB*. Disponível em: <Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional>. Acesso em 20 nov. 2023.
- LEITÃO, Cláudia Sousa et al. Indústrias criativas: alternativa de desenvolvimento regional| Creative industries: regional development alternatives. *Liinc em Revista*, v. 7, n. 2, 2011.
- PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Artmed Editora, 2009.
- SUASSUNA, Yaari – diálogo sobre a Ilumiara Brennand. In: _____. *Almanaque Armorial*. Recife: Editora José Olympio, 2008. p. 249-264.
- VARAGNOLI, Claudio (org.). *Conservare il passato: Metodi ed esperienze di protezione e restauro nei siti archeologici*. Pescara: Gandemi editore, 2003. 333 p. ISBN 88-492-0836-7.
- VILAS BOAS, V. P. As memórias e suas permanências na cidade: a Lapa como estudo de caso. *Seminário Internacional Urbicentros*, v. 3, 2012.

NOTAS

¹ No original: [...]*quale strada intraprendere nel restauro? Non si tratta di apprezzare, per amor di compromesso, la verità che "sta nel mezzo" ma di considerare che proprio la vicenda stessa del restauro, per sua natura, oscilla fra i due estremi, variamente esplicitati, nella riflessione teorica, come dialettica fra le due stanze, la storica e l'estetica, fra conservazione e innovazione. Ma qui, davvero, la verità (se di verità può parlare) sta nel mezzo, pur oscillando e avvicinandosi, caso per caso, ora ad un punto ora all'altro (in ragione del contesto,*

dell' estensione e del tipo di danno, dell'intenzionalità sulla base della quale s'interveniva ecc.). Il restauro è questione di equilibrio e di misura: è più ascolto che discorso o proposizione.

² Cf: CAMPANELLI, Adele. Sito archeologico o "luogo della storia"? Alcuni esperimenti di musealizzazione in corso in Abruzzo. In VARAGNOLI, Claudio. Conservare il passato. Metodi ed esperienze di protezione e restaurazione di siti archeologici, cura degli atti del convegno. (Chieti-Pescara, 25-26 settembre 2003), Roma: Gangemi Editore, 2005, p.19-52. .88-492-0836-7.

³ No original: *Ciò che salverà, dall'abbandono o dal vandalismo, quel sito sarà, solo il potenziale di attrazione che esso eserciterà sulla comunità che lo custodisce che, se ne sentirà il fascino, sarà in grado di conservarne non solo le strutture ma anche la memoria.*

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

VIVA VARADOURO: EXPLORANDO RAÍZES POR UMA CULTURA PARTICIPATIVA E PROTAGONISTA

VIVA VARADOURO: EXPLORANDO RAÍZES PARA UNA CULTURA PARTICIPATIVA Y PROTAGONISTA

VIVA VARADOURO: EXPLORING ROOTS FOR A PARTICIPATORY AND PROTAGONIST CULTURE

AGUIAR, CAIO HENRIQUE GOMES DE

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), E-mail: caioaguiar060288@gmail.com

DIAS, ISLENA MELO DE CARVALHO

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: islena.dias@ufpe.br

ALEXANDRE NETO, ANTONIO

Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), E-mail: neto.alexandre.antonio@gmail.com

RESUMO

O presente artigo discorre sobre a produção de uma proposta de intervenção no Centro Histórico de João Pessoa (PB) como resposta ao concurso de ideias desenvolvido no Ateliê Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS de 2023. O projeto foi desenvolvido por uma equipe de alunos de graduação, monitores de pós-graduação e docentes orientadores, pertencentes a quatro instituições de ensino: UFRN, UFPB, UFPE e ULisboa. O trabalho está estruturado em três partes, contemplando uma breve contextualização do local intervisto, as ideias iniciais e o processo projetual e, por fim, o produto final apresentado. As decisões projetuais tomadas pela equipe se basearam em estudo bibliográfico acerca da temática de proposições de intervenção na preexistência, elencando aspectos fundamentais para a proposição projetual em respeito ao edificado patrimonial, bem como para a concepção de ambientes criativos. Os resultados apontam estratégias de projeto que aproximam a vivência do centro histórico com a economia criativa, por meio de soluções aplicadas em todo o conjunto edificado, assim como na praça localizada no entorno imediato. Ademais, o produto final reforça a importância da comunicação e da interligação entre os fluxos de pedestres e as diversas possibilidades de uso que podem ocorrer no local de intervenção, como pontos norteadores de uma proposição adequada à realidade local.

PALAVRAS-CHAVE: intervenção na preexistência; ateliê virtual; centro cultural; centro histórico; varadouro.

RESUMEN

Este texto analiza la producción de una propuesta de intervención en el Centro Histórico de João Pessoa (PB) como respuesta al concurso de ideas desarrollado en el Ateliê Internacional Virtual de Proyecto de Arquitectura – IVADS 2023. El proyecto fue desarrollado por un equipo de estudiantes de pregrado, estudiantes, monitores de posgrado y asesores docentes, pertenecientes a cuatro instituciones educativas: UFRN, UFPB, UFPE y ULisboa. El trabajo se estructura en tres partes, abarcando una breve contextualización del lugar entrevistado, las ideas iniciales y el proceso de diseño y, finalmente, el producto final presentado. Las decisiones de diseño tomadas por el equipo se basaron en un estudio bibliográfico sobre el tema de las propuestas de intervención en la preexistencia, enumerando aspectos fundamentales para la propuesta de diseño con respecto a edificios patrimoniales, así como para el diseño de ambientes creativos. Los resultados apuntan a diseñar estrategias que acerquen la experiencia del centro histórico a la economía creativa, a través de soluciones aplicadas en todo el conjunto edilicio, así como en la plaza ubicada en el entorno inmediato. Además, el producto final refuerza la importancia de la comunicación e interconexión entre los flujos peatonales y las diferentes posibilidades de uso que pueden darse en el lugar de la intervención, como puntos orientadores de una propuesta adecuada a la realidad local.

PALABRAS CLAVES: intervención en la preexistencia; estudio virtual; centro cultural; centro histórico; varadouro.

ABSTRACT

This paper discusses the production of an intervention proposal in the Historic Center of João Pessoa (PB) as a response to the ideas competition developed at the International Virtual Ateliê de Projeto de Arquitetura – IVADS 2023. The project was developed by a team of students undergraduate students, postgraduate monitors and faculty advisors, belonging to four educational institutions: UFRN, UFPB, UFPE and ULisboa. The work is structured in three parts, covering a brief contextualization of the location interviewed, the initial ideas and the design process and, finally, the final product presented. The design decisions taken by the team were based on a bibliographical study on the theme of intervention proposals in the pre-existence, listing fundamental aspects for the design proposition with respect to heritage buildings, as well as for the design of creative environments. The results point to design strategies that bring the experience of the historic center closer to the creative economy, through solutions applied throughout the building complex, as well as in the square located in the immediate surroundings. Furthermore, the final product reinforces the importance of communication and interconnection between pedestrian flows and the different possibilities of use that may occur at the intervention site, as guiding points for a proposition suited to the local reality.

KEYWORDS: intervention in pre-existence; virtual studio; cultural center; historic center; varadouro.

Recebido em: 25/11/2023

Aceito em: 11/01/2024

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o desenvolvimento de um projeto de intervenção em área patrimonial com enfoque na economia criativa, como participação no Ateliê Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura – IVADS (*International Virtual Architectural Design Studio*). Em concordância com a realização do 11º Seminário Projetar, em João Pessoa (PB), o IVADS foi organizado pelo Grupo Projetar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade de Lisboa (ULisboa), e contou com o envolvimento de alunos de graduação, de pós-graduação (mestrandos e doutorandos), sob orientação de docentes dos cursos de arquitetura e urbanismo das referidas instituições de ensino. O concurso de ideias, decorrente do exercício proposto no ateliê, teve como tema “**Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa**” e foi situado em edificações de valor histórico no bairro do Varadouro.

Diante disso, a proposta a ser apresentada buscou, em primeiro momento, compreender de que modo as edificações de valor patrimonial estão contextualizadas, considerando os aspectos históricos e as vivências atuais existentes no local, bem como as mudanças ocorridas na cidade ao longo dos anos. Em seguida, utilizou-se do diagnóstico e das observações acerca da área para a definição de princípios condutores para o projeto, valendo-se de uma perspectiva de intervenção capaz de interligar os possíveis usos propostos à realidade do lugar. Neste contexto, a concepção projetual teve como objetivo a criação de espaços multiusos, restaurantes, espaços para oficinas e capacitações e ambientes de exposição e atividades culturais, visando o diálogo com a preexistência, a valorização da história e a vivência da memória afetiva do Varadouro.

Por ser um ateliê virtual, envolvendo participantes de diferentes localidades, todas as discussões, reflexões e todo o processo projetual ocorreu de maneira remota, por meio de tecnologias diversas como *Gmeet*, *Miro* (lousa digital), que permitiram uma comunicação eficiente quanto às tomadas de decisões e à realização de encontros de trabalho. Além disso, no que diz respeito às ferramentas de desenvolvimento e representação projetual, softwares de desenho, programas de modelagem 3D como *AutoCAD*, *Sketchup* e *Enscape*, atuaram como suportes para as atividades desempenhadas.

O desenvolvimento do projeto contou com a atuação e colaboração dos seguintes participantes: os alunos de graduação Lucas Barros e Nathália Moana, da UFRN; Maria Eduarda Pereira e Taiza Rodrigues, da UFPB; Maria Cecília Rodrigues, da UFPE; e Luis Miguel Batalha, da ULisboa. Como monitores de pós-graduação, em nível de mestrado, Caio Henrique Gomes (UFPB), Islena Dias (UFPE) e Antonio Alexandre (Aluno Especial, UFRN). Por fim, como docentes orientadores, a Professora Luciana de Medeiros, da UFRN, e o Professor Antonio Leite, da ULisboa.

2 O VARADOURO

Compreendendo que o local de intervenção da proposta carrega, para além dos aspectos históricos, um papel fundamental para o desenvolvimento da cidade de João Pessoa e para o entendimento do valor afetivo à memória local, se faz necessária uma contextualização prévia à concepção projetual. Citar Varadouro é dirigir-se a um território rico de histórias e tradições, que leva junto ao seu nome o início da construção da capital paraibana, e mais precisamente, da Cidade Baixa, o 3º centro histórico mais antigo do país, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) (Iphan, 2012).

O bairro Varadouro está situado às margens do Rio Sanhauá, na planície localizada entre o rio e o tabuleiro, onde foi construído o Porto e a Casa de Alfândega. Nesse espaço situa-se também o Porto do Capim, comunidade tradicional e ribeirinha, considerada o berço de João Pessoa. O porto é o foco da comunidade ribeirinha, e a ela se refere como “coração” da comunidade (Iphan, 2012). Importa, então, destacar que, ao longo dos anos, ocorreram diversas intervenções neste território. Em uma região em que havia residências e comércios atuantes, atualmente se encontra uma área vazia, principalmente no turno noturno. No entanto, esse esvaziamento é atenuado apenas nos finais de semana, nos quais os movimentos culturais da cidade tomam o espaço e atraem a população ao seu entorno, como o Centro Cultural Espaço Mundo, o Hotel Globo e a Praça Antenor Navarro.

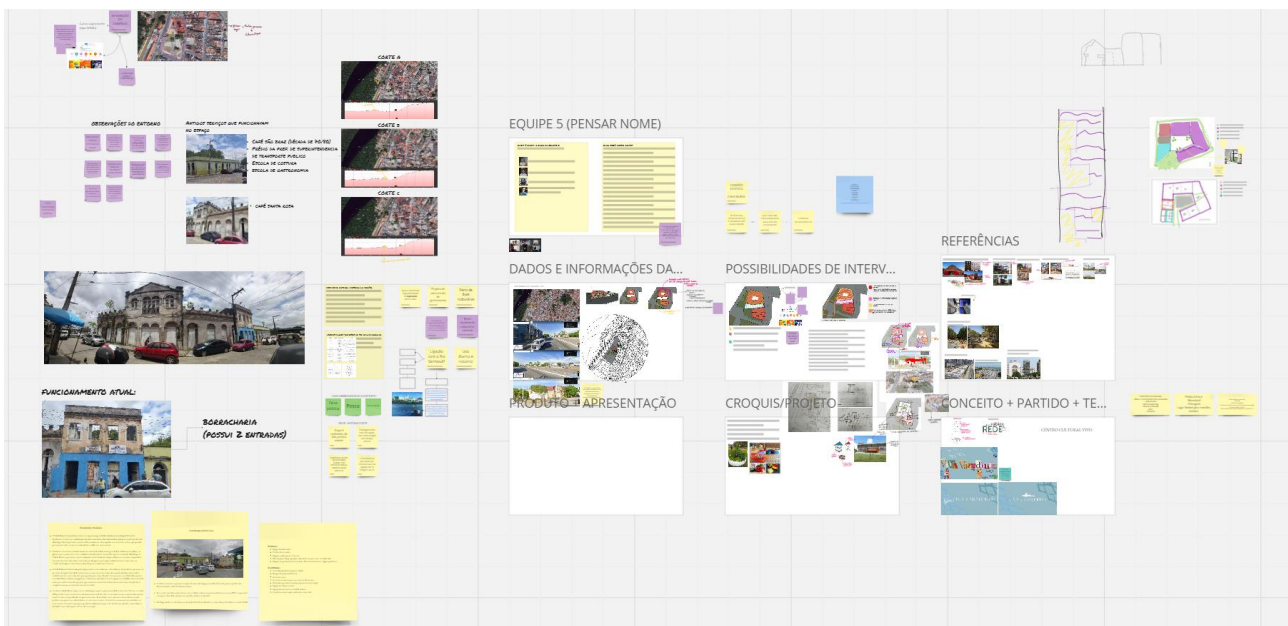
Durante muitos anos, o Varadouro, mais especificamente o local da intervenção, foi ponto de encontros de caminhoneiros – que ocorre até os dias atuais –, no qual acontecia uma feira de troca onde hoje existe uma praça, a Praça Napoleão Laureano. Seu entorno é tomado por comércio (grande maioria na área mecânica, borracharia e de construção civil) e, conseqüentemente, os fluxos de pessoas são voltados para o trabalho, serviço comercial e local de passagem – nesse último ponto, destaca-se a presença da Rodoviária e da Estação Ferroviária de João Pessoa (CBTU) como eixos de deslocamento e transporte da população.

Refletir sobre esse território é explorar suas raízes, estabelecer diretrizes para sua funcionalidade, e manter vivo um bairro que deu origem a cidade. Por isso, pensar Varadouro é pensar em cultura, comércio local e identidade. Nesse sentido, manter viva a memória desse lugar que carrega a história de uma cidade é o que inspirou o nome da proposta, assim como as soluções projetuais aplicadas no projeto: Viva Varadouro.

3 PROCESSO PROJETUAL

Diante do exposto e após a leitura da área a ser intervista, o desenvolvimento projetual tomou como caminho metodológico os aspectos de processo apresentados por Lawson (2011), no que diz respeito às etapas de análise – realizada nos primeiros encontros do grupo –, de síntese e de avaliação – sendo esta última desempenhada ao longo de cada tomada de decisão. A etapa de síntese consistiu no pensamento e na criação de ambientes a partir da conjuntura observada no conjunto de edifícios e na Praça Napoleão Laureano. Por meio das ferramentas virtuais disponíveis, em específico o Miro, a sequência projetual podia ser entendida e aprimorada por toda a equipe diante de uma lousa digital, na qual quadros foram organizados e informações, croquis e textos foram adicionados (Figura 1).

Figura 1: Visão Geral da Lousa Digital (Miro).



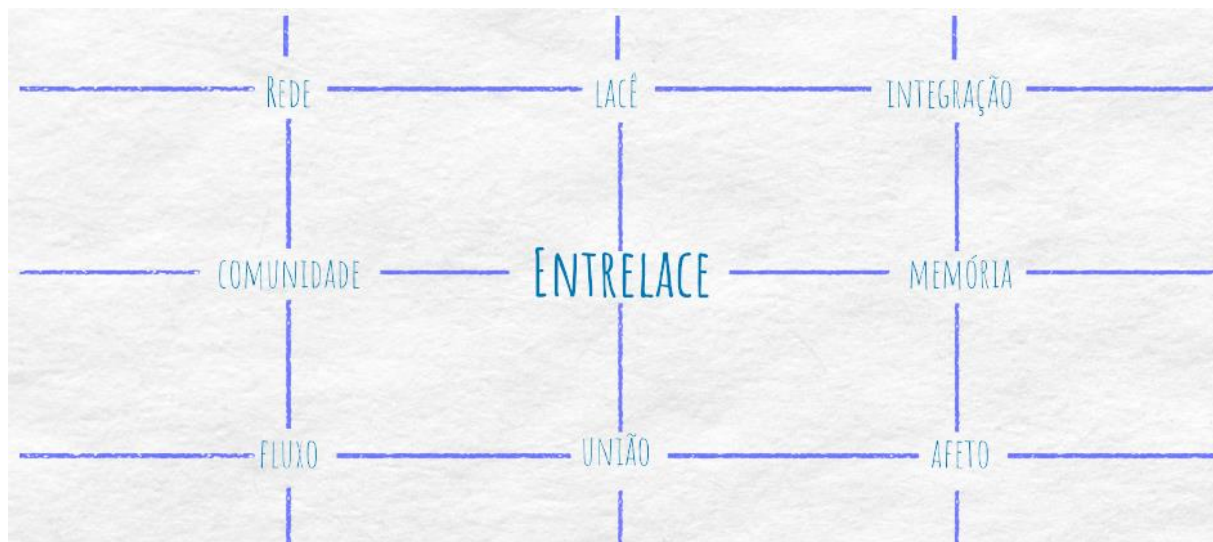
Fonte: Os autores.

Além do diagnóstico acerca da área a ser intervista, a temática da economia criativa precisou ser melhor compreendida. Nesse sentido, o grupo procurou soluções capazes de movimentar o local não apenas no sentido comercial, mas principalmente no que tange à valorização dos grupos existentes no entorno e em demais áreas da cidade, buscando potencializar as atividades culturais já existentes. Nesse sentido, desejou-se já de imediato a geração de espaços capazes de abarcar o tema da cultura como forma de responder às demandas sociais. Segundo Milanesi (1997), os espaços culturais devem contemplar ações que promovam a discussão, a reflexão e a propagação da produção cultural, com caráter informativo e estimulante.

Conceito e Partido de Projeto

Diante do debatido acerca da intervenção na preexistência, foram evidenciadas as possibilidades em construir uma **rede cultural de economia criativa**. A partir de discussões, palavras relativas à memória local (Figura 2), à prática pesqueira do porto e da comunidade ribeirinha, aos fluxos visualizados no entorno, e aos objetivos defendidos pelo grupo de criar espaços de interação e de afetividade histórica, o termo **ENTRELACE** surgiu como uma forma de entrelaçar conceitos essenciais para fortalecer aquele espaço. Entrelace vem com a compreensão de **juntar, ligar, cruzar, relacionar** diversos conceitos em um único objetivo: criar essa rede de economia criativa no Varadouro com uma **cultura participativa**.

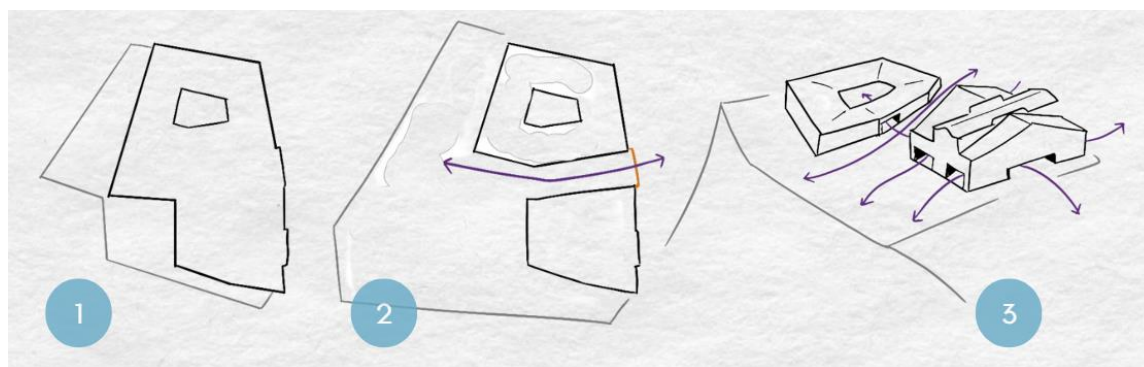
Figura 2: Definição do Conceito de Projeto.



Fonte: Os autores.

Tendo como base os arquivos disponibilizados pela Comissão Organizadora do IVADS e de imagens obtidas pelo *Google Maps* e *Google Earth*, croquis e esquemas visuais foram desenvolvidos, objetivando expressar formalmente as intenções do grupo, principalmente no que se referia ao modo em que o conjunto edificado seria interligado. Nessa busca pela **integração entre as edificações**, as possíveis atividades e os fluxos desejados, a forma do conjunto do casario (1) se abriu à praça por meio da edificação central (2). Em seguida, novas aberturas foram sendo criadas na volumetria (3), permitindo a geração de rupturas, tornando o espaço dinâmico e diverso (Figura 3). Nesse sentido, o processo projetual teve como partido os **FLUXOS**, sendo fundamento principal para a configuração tanto da forma, quanto do desenho da praça.

Figura 3: Evolução do Partido Arquitetônico.



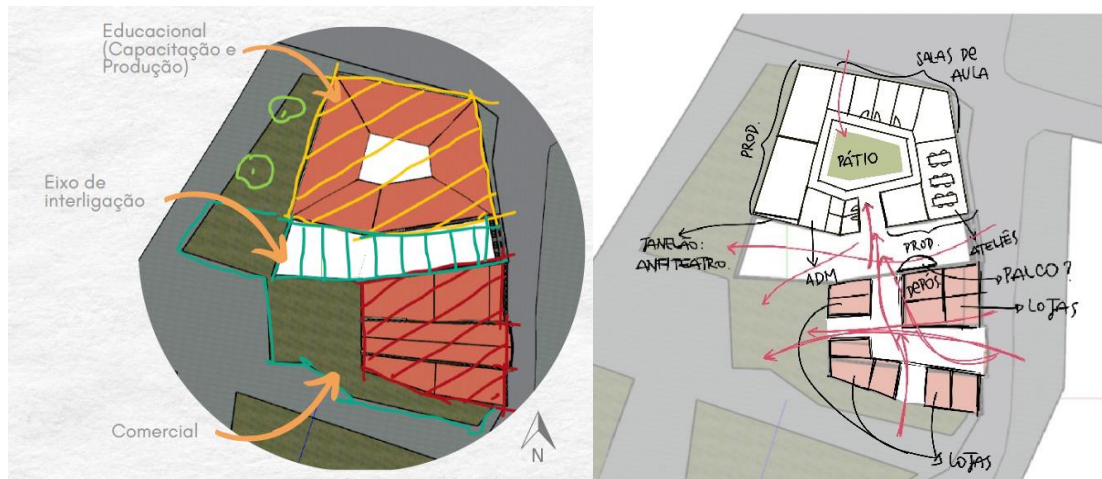
Fonte: Os autores.

Primeiras Ideias e Concepção

Após a compreensão da área e de discussões acerca das possibilidades de intervenção, desenvolveu-se uma **setorização** de acordo com usos que pudessem estimular a **ambiência e economia criativa**, bem como potencializar a integração entre as edificações.

De acordo com a preexistência do casario, buscando manter as características originais e identificar os elementos que poderiam ser modificados, a edificação central se tornou o ponto de entrelace do conjunto. Sendo assim, serviu como eixo que relaciona a Rua Rosário Di Lorenzo e a Praça Napoleão Laureano, bem como as edificações que abrangem os usos comerciais e educacionais. Considerando que as edificações possuem seu interior vazio, os ambientes internos foram pensados de maneira a englobar os usos programados pelo grupo.

Figura 4: Diagramas de usos em decorrência do Partido Arquitetônico.



Fonte: Os autores.

Para a edificação de uso Educacional, salas de aula, ateliês para produção, administração, depósito e banheiros foram propostas em torno de um pátio central preexistente. Já a edificação de Interligação, pensou-se na criação de um local de exposição, de acesso e de implantação do mirante, aproveitando o pé-direito duplo. Para o casario que englobaria o Comercial, as lojas objetivaram a exposição e venda dos produtos desenvolvidos nas salas de ateliê. Junto a isso, um restaurante e café foram dispostos por meio de corredores e aberturas voltadas para a praça.

O diálogo com a preexistência, a valorização da história e da memória afetiva do local levaram o grupo a incorporar a **Praça Napoleão Laureano** à proposta de intervenção Viva Varadouro. Nesse sentido, estratégias de sombreamento para a geração de espaços de permanência e de usos diversos (exposições, eventos, apresentações culturais e esportivas etc.) visaram potencializar a apropriação da praça pela população da cidade (Figura 5).

Figura 5: Croqui da intervenção na Praça Napoleão Laureano.



Fonte: Os autores.

Princípios condutores do projeto

Tendo uma programação prévia e compreendendo que a proposta do ateliê de projeto abrangeu a realização de intervenção do novo numa preexistência de valor cultural para a cidade, faz-se necessário refletir sobre a postura de intervenção a ser adotada. Por meio de uma breve, mas importante, pesquisa bibliográfica acerca da área de projeto, e de visitas empíricas - quando foi possível ainda conversar com usuários locais -, o grupo pôde identificar valores históricos, formais e afetivos quanto ao conjunto edificado objeto de intervenção.

A partir da identificação de tais valores e considerando os princípios teórico-metodológicos que fundamentam o campo da preservação (distinguidade, retrabalhabilidade, mínima intervenção e

compatibilidade de técnicas e materiais), o grupo decidiu adotar a postura da continuidade textual (Tiesdell, Oc e Heath, 1996). Tal postura, que apresenta paralelos com o que Carbonara (1997) chamou de restauro crítico-conservativo (Vieira-de-Araújo, 2023), vem validar, de forma mais equilibrada, as formulações do restauro crítico brandiano, reforçados na Carta de Veneza (1964) - documento-base do ICOMOS/Unesco, do qual o Brasil é signatário.

Entende-se, ainda, que as áreas urbanas, inclusive os conjuntos históricos, estão sujeitas a mudanças no decorrer do tempo. Dentre elas, estão as alterações no seu ambiente construído. Assim, os Princípios de La Valleta (ICOMOS, 2011) encorajam a introdução de elementos modernos em harmonia ao conjunto, que visem o seu enriquecimento. No entanto, alerta-se que tal introdução deve respeitar os valores locais, seus padrões e estratos históricos.

Assim, por meio da escolha de intervir sob a postura de continuidade textual e levando em conta dos Princípios de La Valleta, as decisões projetuais do grupo visaram o respeito à preexistência de valor patrimonial, a simbiose com o entorno e o uso de recursos criativos quanto às inserções e retiradas necessárias para o projeto proposto.

A partir da definição da postura de intervenção adotada, a equipe propôs ações de consolidação, limpeza e conservação das fachadas originais dos edifícios. No entanto, tais ações manteriam a pátina do tempo adquirida com os anos de permanência do mesmo no bairro. Quanto ao espaço interno, entendeu-se que as edificações não mais conservavam sua divisão original. Assim, foi definido que haveria um remodelamento das divisões internas com ênfase na criação de espaços abertos e flexíveis, de forma que fossem capazes de abrigar a variedade de usos buscada como finalidade de um centro cultural. Para tais ações, foram utilizados os princípios de mínima intervenção, distinguibilidade e compatibilidade de técnicas e materiais.

Já quanto à inserção do novo, como a indicação de um mirante na edificação que apresentava-se com ausência de cobertura, pretendeu-se respeitar a escala do conjunto e a utilização do princípio da retrabalhabilidade, distinguibilidade e compatibilidade na escolha dos materiais e técnicas a serem utilizadas, com o objetivo de valorizar a preexistência e dar-lhe um uso contemporâneo e novos significados.

4 A PROPOSTA

A partir das decisões projetuais tomadas durante o processo de concepção, a proposta de intervenção aconteceu tanto no conjunto edificado, quanto na extensão de toda a praça. Diante disso, o grupo optou por realizar essas interligações entre as edificações, nomeando-as de “Ilhas”, de acordo com as atividades a serem abarcadas em cada uma delas. Os nomes dados fizeram menção às ilhas existentes no Rio Sanhauá – Ilha da Restinga, Ilha do Eixo e Ilha Tiriri. Ademais, um mirante foi pensado como elemento novo a ser inserido, conectando todo o complexo cultural. Aliado a isso, um redesenho foi proposto para a pavimentação do piso da praça, relembrando os diferentes cursos de rio, assim como um novo mobiliário urbano foi sugerido (Figura 6).

Figura 6: Implantação da Proposta.



Fonte: Os autores.

Com relação à edificação Educacional – Ilha da Restinga, a disposição dos ambientes de recepção, salas de aula e capacitação, ateliês de produção, salas de apoio, banheiros, administração e demais ambientes foram dispostos ao redor de um pátio central, já existente, no intuito de atrair as práticas criativas à natureza, bem como resolver questões de ventilação e iluminação natural de maneira simples e adaptada. Além disso, de maneira projetual, a manutenção dos arcos nas fachadas do edifício permitiu a criação de um ritmo visual que, em conjunto com as cores, murais e pinturas, exprimiam criatividade e inventividade (Figura 7).

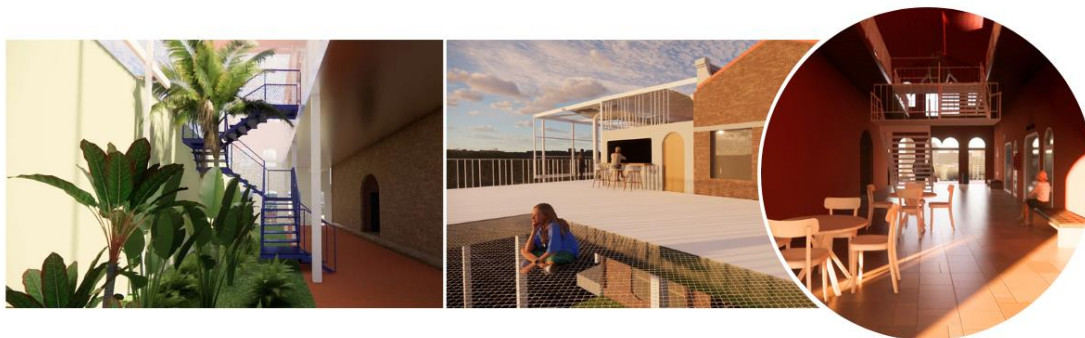
Figura 7: Edifício Educacional – Ilha da Restinga.



Fonte: Os autores.

Nas edificações de Interligação – Ilha do Eixo – Comercial – Ilha Tiriri –, a natureza foi integrada ao conjunto edificado por meio de jardim interno e das visuais criadas a partir do mirante, voltado para as margens do Rio Sanhauá. Nesse sentido, por motivo da topografia local, a vista para o rio não é tão privilegiada como na chamada Cidade Alta. Por tal motivo, a equipe objetivou democratizar a paisagem para toda a população, por meio de um mirante em estrutura metálica, acessado tanto por escada quanto por plataforma elevatória. Haja vista a necessidade de gerar espaços multiusos – para exposições, feiras, apresentações artísticas, entre outros – optou-se por incluir nesse núcleo as lojas, o restaurante e o café como suportes para os usuários do centro e como locais de comercialização dos produtos criados nos ateliês (Figura 8).

Figura 8: Interligação e Edifício Comercial.



Fonte: Os autores.

No que se refere à Praça Napoleão Laureano, o espaço foi intervisto com a indicação de novos mobiliários, mais convidativos e flexíveis aos diversos usos. Os quiosques propostos, em estrutura metálica, têm o intuito de possibilitar sombreamento e espaço adequado para as feiras que já ocorrem no local e para as possíveis expressões artísticas e culturais que são estimuladas a partir dessa nova conformação do casario (Figura 9). Desse modo, entende-se que a comunicação entre os espaços construídos – intervistos e novos – e o espaço urbano de entorno imediato possuem relevância no que diz respeito à vivência e experiência da cidade de João Pessoa.

Figura 9: Novo mobiliário e Quiosques dispostos ao longo da Praça.



Fonte: Os autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve a finalidade de apresentar o processo projetual e o produto final de uma das equipes participantes do Ateliê Virtual Internacional de Projeto de Arquitetura (IVADS, 2023), diante do tema de Intervenções na Preexistência – Concepção de Espaços para Economia Criativa no Centro Histórico de João Pessoa. As atividades próprias do concurso serviram de base para a criação de um pensamento crítico acerca de proposições arquitetônicas e urbanísticas em um contexto real e físico, aproximando a teoria do projeto à prática social.

Baseando-se no tempo disponibilizado para a atividade, acredita-se que, pela complexidade dos temas trabalhados como intervenções em centros históricos e economia e ambiência criativa, o grupo tenha alcançado resultados de grande relevância, principalmente no âmbito das soluções projetuais e das reflexões rebatidas na proposta final. No entanto, destaca-se a dificuldade – de certo modo pequena, mas pertinente – no que se refere à distância geográfica entre os participantes (Natal, João Pessoa e Pernambuco – Portugal), o que tornou em alguns momentos a comunicação e as sessões de trabalho inviáveis por conta do fuso-horário.

Ainda assim, compreende-se que todo o processo de reflexão sobre o modo que as intervenções em espaços históricos podem acontecer, tornou-se meio de ampliação da concepção projetual, aproximou os aspectos acadêmicos à realidade e impulsionou a busca por soluções realmente eficientes para as demandas observadas no espaço estudado e para a população local. Dá-se, portanto, o devido reconhecimento ao projeto Viva Varadouro, o qual respondeu aos objetivos indicados pelo IVADS e colaborou para o pensamento integrador e democrático, tão necessário à produção de cidades e espaços mais justos e vivos para a sociedade.

6 REFERÊNCIAS

- CARBONARA, Giovanni. *Avvicinamento al restauro: Teoria, storia, monumenti*. Napoli: Liguori, 1997.
- CARTA DE VENEZA. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>>. Acesso em: 8 nov. 2023.
- ICOMOS. Disponível em: <https://www.icomos.org.br/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê - Proposta de Requalificação das Áreas Urbanas do Porto do Capim e da Vila Nassau*. IPHAN, João Pessoa/PB. 2012.

MILANESI, Luis. *A casa da invenção*. Ateliê Editorial. São Caetano do Sul, 1997.

LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MOURA Filha, Maria Berthilde. *De Filipéia à Paraíba: uma cidade na estratégia de colonização do Brasil: séculos XVI-XVIII*. IPHAN: João Pessoa/PB, 2010.

TIESEDELL, Steven; OC, Taner; HEATH, Tim. *Revitalizing Historic Urban Quarters*. Oxford: Architectural Press, 1996. 234p.

VIEIRA-DE-ARAÚJO, Natália. *Materialidade e imaterialidade no patrimônio construído: Brasil e Itália em diálogo*. Recife: Editora UFPE, 2022.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.

Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente

Site

<http://periodicos.ufrn.br/revprojetar>

Contato

revistaprojetar.ufrn@gmail.com

ISSN: 2448-296X

Periodicidade: Quadrimestral

Idioma: Português

Projeto gráfico e capa: Luan Matheus Costa de Macêdo, a partir de imagens do projeto Entrenós, vencedor do IVADS 2023

